BOLETIM

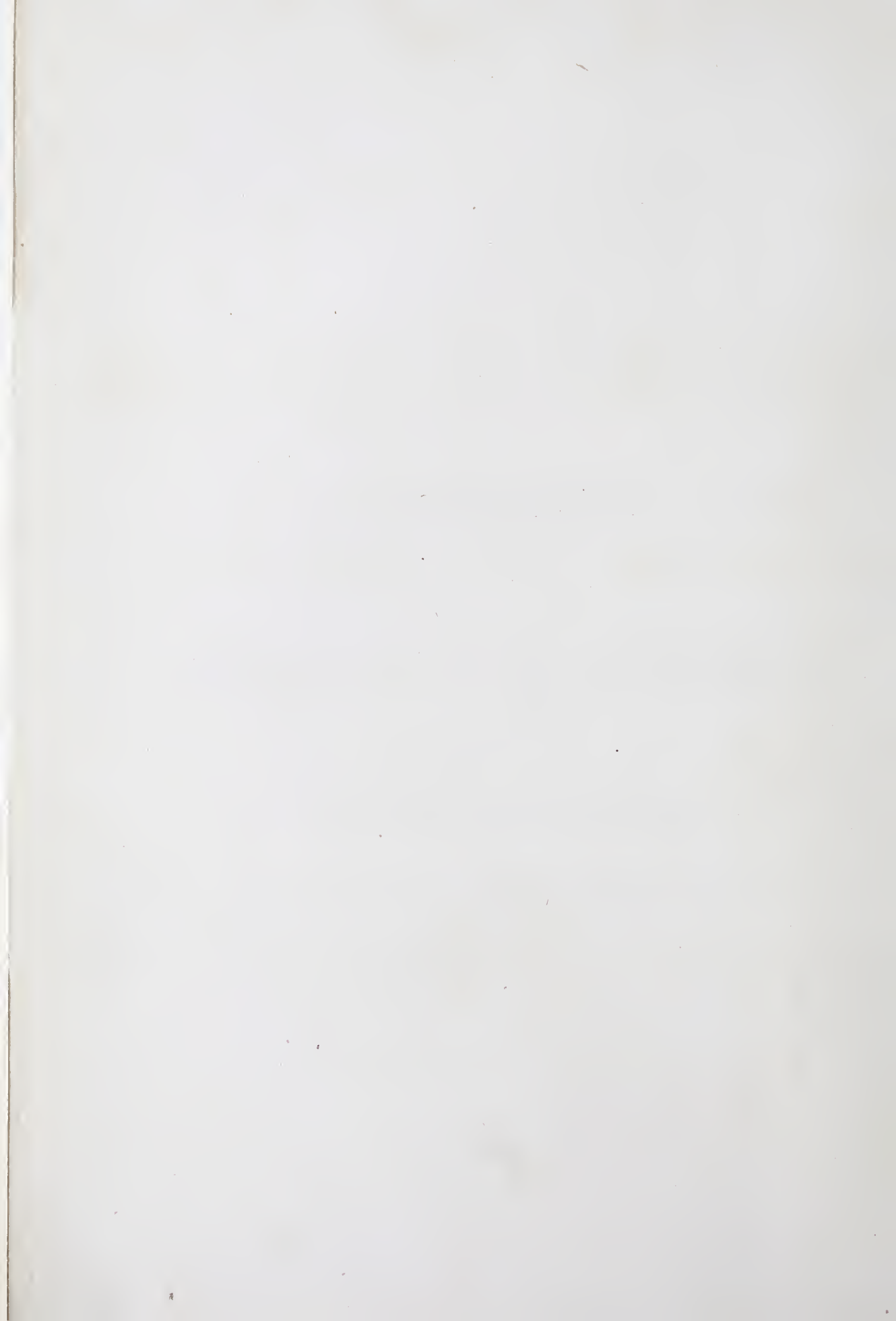
DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

PUBLICADO EM PORTUGAL

TOMO 3.º 2.ª SERIE

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

FUNDADA EM LISBOA EM 1864

LISBOA

MDCCCLXXXII

SERIE 3.ª ANNO DE 1880 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

LISBOA 15 DE MARÇO DE 1880

Ao começar um novo anno o *Boletim*, experimentamos a gostosa necessidade de dizer duas palavras, a respeito da Associação que o publica, e a respeito d'elle proprio.

Nos fins do anno de 1865 dizia o *Times:* «Cada anno que vae correndo prova manifestamente que os Estados são prosperos e respeitaveis, não em proporção de sua extensão ou população, mas sim em proporção do desenvolvimento que attingiram nas communicações externas e internas, nos meios de associação entre os cidadãos, na solidez da sua situação financeira, na presteza com que accumulam as suas riquezas.»

Convencidos d'esta verdade, formamos sempre votos para que o nosso paiz, a despeito de suas limitadas proporções, se esforce pelo conseguimento da prosperidade, e pelo grande *desideratum* de merecer o respeito das outras nações.

O trabalho, nos variados ramos da actividade humana, é o natural meio de se chegar áquelle invejavel resultado. Mas é necessario que esse trabalho seja persistente e não tenha a interrupção da indolencia ou do desanimo. Ainda mais, é necessario que marchem parallelamente todos os elementos do engrandecimento dos povos; pois que da concorrencia simultanea de todos os lidadores, e só d'ella, poderá provir a resolução do difficil problema.

Quando fallamos do trabalho, não nos referimos unicamente ao individual, senão tambem, e principalmente, ao que provém dos esforços reunidos de numerosos cooperadores. As associações logram concentrar forças, são o mais poderoso instrumento de acção, e o mais effectivo gerador de força e de energia, o mais adequado meio de realisação de projectos uteis.

Ainda ha pouco foi recordada a engenhosa parabola de Lamennais. A um viandante succedeu o ver tolhida a passagem, porque um enorme penedo obstruia o caminho. Fez diligencias para arredar o obstaculo, mas reconhecendo a impossibilidade, sentou-se desanimado. Sobreveiu segundo viandante, depois terceiro, e outros mais, e o esforço individual continuava a ser baldado. Disse por fim um d'elles: «Irmãos! o que nenhum de nós póde conseguir, quem sabe se o não poderemos todos jun-

tos?...» E todos se levantaram, e juntos metteram hombros ao penedo, e o penedo cedeu, e elles proseguiram sua jornada.

Se, pois, as diversas associações, formadas para promover e bem dirigir o trabalho (cada uma na sua esphera de acção, e na especialidade que tomou á sua conta), diligenciarem a realisação de seus intentos, — apparecerá depois um complexo de bons serviços — conspirando todos para o bem geral da communidade.

A Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que se propoz a crear e diffundir o gosto pelos estudos artisticos e pelos conhecimentos archeologicos do nosso paiz e dos estranhos, começou timida e acanhada. Mas, porque teve perseverança nos seus esforços, vê hoje reconhecida a utilidade de suas lidas, e firmada a esperança geral do seu prospero desenvolvimento.

O Museu da Associação, successivamente augmentado, graças á incansavel actividade do sr. Possidonio da Silva, contém já hoje collecções importantes, que de dia em dia vão attraindo a visita, o exame e o estudo de consideravel numero de pessoas. Os visitantes estrangeiros, e alguns dos nacionaes, hão visto lá fóra muito mais ricos museus; mas nem por isso olham com desdem para o nosso, e maiormente ao considerarem que é elle de creação recente, filho da iniciativa e diligencias particulares, desajudado da poderosa protecção dos poderes publicos, que em diversas nações consagram quantiosas sommas ao empenho de enriquecer e aperfeiçoar estabelecimentos de tal natureza. A esses visitantes, que sabem dar o devido desconto ás cousas, e présam as artes, ou a archeologia, ha já que agradecer algumas offertas de preciosos objectos, e outras se esperam.

No anno que vae correndo foi instituido um gabinete de leitura no proprio edificio do Museu, para ser aproveitado nas noutes das quintas feiras de cada semana, pelas pessoas — nacionaes e estrangeiras — que desejam compulsar as mais notaveis obras de bellas artes e archeologia, e as collecções de jornaes de diversos paizes sobre os mesmos assumptos. Com grande satisfação se tem visto que esses serões de instructiva leitura são muito frequentados, e satisfazem a uma necessidade indeclinavel.

De maior espaço se carece para collocar convenientemente as collecções existentes, e as que se forem obtendo. De uma ordenada, elegante e bem disposta collocação dos objectos, resultará a grande vantagem de offerecer á vista dos curiosos, ao exame dos entendidos, cada cousa no logar competente, com a separação indispensavel, e em termos de facil e cabal apreciação.

Felizmente, lida-se agora no proposito de cobrir uma parte do monumental edificio onde a Associação tem a sua séde. D'este modo, e conseguido — á custa de sacrificios — este melhoramento, alargar-se-ha a area aproveitavel para melhor acommodação das collecções, e dar-se-ha ao Museu o realce e o fulgor que mui bem lhe quadram.

Não devemos deixar em silencio o lisongeiro acolhimento que á Associação tem sido liberalisado nas *Exposições*, tanto de Portugal como dos paizes estrangeiros; cabendo-lhe a honra de ser contemplada com as recompensas que se concedem aos expositores distinctos.

Não devemos tambem abster-nos de expressar a esperança que nutrimos de que, mais cedo ou mais tarde, se deliberem os poderes publicos a favorecer com algum subsidio esta Associação, para que possa dar mais largo desenvolvimento á missão de que se encarregou, no interesse das conveniencias artisticas e archeologicas. Ha de por certo reconhecer-se o subido preço das collecções já reunidas, e não menos se attenderá a que muito interessa ao bom nome de Portugal, que a Associação mais e mais se torne merecedora da consideração dos estrangeiros.

Duas palavras a respeito do *Boletim*.

Tem mais de dez annos de existencia, contando desde a publicação da 1.ª série com o titulo de «Revista de Architectura». Da 2.ª série é este o 3.º anno de publicação.

O *Boletim* é bem acceito nos estabelecimentos de instrucção publica de Portugal, e nas corporações scientificas, litterarias e artisticas, da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Italia, da Hespanha, e dos Estados Unidos da America.

Ninguem ignora as difficuldades com que luta quem apresenta ao publico um periodico d'esta natureza. Demanda elle, afóra a nitidez da impressão do texto, a maior perfeição artistica no tocante a estampas; de sorte que não desagrade aos apreciadores competentes, e concorra para o credito da Associação que o publica.

Tudo póde vencer-se, todos os estorvos se removem, quando abundam recursos que permittem custear á larga dispendiosos trabalhos, e dar solução ás apertadas exigencias das emprezas difficeis.

Faltam á Associação esses recursos, nas proporções em que ella os precisa. Mas assim mesmo, cremos que não ha temeridade em pensar que o *Boletim* ha revelado bons desejos — da parte da Associação —, apresentando noticias, doutrina e documentos uteis.

No mesmo caminho proseguirá este periodico, e muito mais crescerá em importancia, se os sabedores, a quem agora supplicamos coadjuvação, se dignarem enriquecêl-o com os seus escriptos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Em desempenho do que no precedente numero haviamos promettido, damos logar, em seguida, ao excellente artigo que o nosso benemerito consocio o sr. Joaquim de Vasconcellos escreveu na *Actualidade* de 5 de dezembro do anno findo. Resta-nos o pezar de não podermos ter satisfeito com mais promptidão a justa curiosidade dos nossos leitores.

Eis o artigo:

O estado das construcções publicas e o ensino profissional

A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes dirigiu ha pouco ao governo de sua magestade fidelissima uma representação ácerca do estado actual das construcções publicas e dos abusos que diariamente se praticam na arte de edificar, com gravissimo prejuizo de vidas, de fazendas e da reputação de todo o paiz, á qual não podemos deixar de prestar a mais séria attenção.

Os abusos que a benemerita associação denuncia com tanta energia, sciencia e patriotismo escapam, por sua natureza, ao exame do publico em geral, inhabilitado para dar sobre isso uma sentença. São elles de duas cathegorias; uns procedem da má fé dos mestres de obras, do dolo ou do engano armado á bolsa do proprietario, e n'esse caso constituem um crime duplo; outros procedem da ignorancia dos individuos chamados a dirigir as construcções, dos chamados *mestres d'obras*.

Não ha ahi pedreiro ignorante que, ao cabo de dois ou tres annos (se tanto!) não se attribua esse nome pomposo, e se julgue, por esse facto, arbitro do destino, da vida dos operarios e dos inquilinos.

Já vimos e continuamos a ver até carpinteiros transformados em *mestres d'obras*; ámanhã veremos os ferreiros e picheleiros atraz dos carpinteiros, e assim por diante, cada um a construir castellos de cartas, a seu bel-prazer. Ha mais de dois annos que temos clamado n'este mesmo logar contra o abandono e desorganisação do ensino na officina, como elle existia no tempo dos *mestéres*, que datam entre nós do principio do seculo XV; elles, os *mestéres*, continuaram as tradições do ensino especial e profissional que se dera até então nas officinas dos conventos, primeira escola dos architectos entre nós (e em toda a parte), porque com as ordens religiosas vieram os nossos primeiros constructores.

Os *mestéres* herdaram as tradições do ensino dos conventos, e continuaram a cultivar esse ensino. Nós recebemos a herança dos *mestéres*, e bem mal a administramos; a *liberdade* n'este caso, a liberdade de industria, que aboliu os *mestéres*, soube destruir o ensino tradicional, mas não soube construir o systema do novo. A sciencia ficou n'esses 40 volumes de *Estatutos e compromissos* dos officios que se guardam em manuscripto na bibliotheca d'esta cidade (Porto). E note-se que essa collecção só se refere ás provincias do norte. Os nossos ministros, deputados e jornalistas, etc., fariam algum serviço a si e ao paiz, estudando essa preciosa collecção de que já fallámos em outro logar, e onde ha muito que aprender, porque está ahi accumulada a experiencia de mais de quatro seculos.

A sciencia ficou n'esses 40 volumes, e nós contentamo-nos com declarações palavrosas.

Como prova bastará citar o que se fez com os *Conservatorios de artes e officios*, creados em Lisboa e Porto pela vigorosa iniciativa de Passos Manuel em 1836 e logo inutilisados em poucos mezes, por abandono.

O decreto de 30 de dezembro de 1852, que creou os *Institutos industriaes* de Lisboa e Porto, falla com soberano desdem nos taes *Conservatorios* que, seja dito de passagem, prestaram e prestarão ainda os maiores serviços á França, de onde os fomos buscar. Os regulamentos dos *Institutos industriaes*, annexos a esse decreto de 30 de dezembro foram, por sua vez, tão bem cumpridos como os regulamentos dos *Conservatorios*, e um decreto que agora viesse, por acaso, substituir os *Institutos*, poderia applicar a estes a mesma desdenhosa linguagem com que elles mimosearam os antecessores. E não lhes faltaria razão; a crise industrial chegou ao estado agudo; não é a crise da miseria, é a crise da ignorancia, da *ignorancia* sobretudo, como o prova, n'uma das multiplas faces da questão, o documento da illustre associação que hoje reproduzimos.[1] Ha quasi um anno diziamos nós n'este mesmo jornal: «Se a primeira causa da miseria é a a falta de trabalho, a primeira causa d'esta falta é a *má organisação* do trabalho mesmo; e a organisação do *trabalho industrial* entre nós é pessima. Espantamo-nos todos os dias de ver a indifferença completa ou antes a ignorancia inaudita em que vivemos no meio de um movimento de organisação que occupa a Inglaterra, França e Allemanha ha perto de 15 annos e que ainda não nasceu entre nós.

Lembramos só uma das questões debatidas: a da *aprendizagem* nas officinas, que é a mais importante.

Que é feito d'esse ensino, desde que a antiga organisação dos *mestéres* acabou, deixando o aprendiz orphão? O que fizemos nós d'esse orphão, conquistada a liberdade da industria? Como está cumprida a lei, o estatuto dos *institutos industriaes*, especialmente a clausula que manda completar o ensino theorico do instituto no *atelier*, na officina, na fabrica?

Não serviu a liberdade ainda n'este caso senão para encobrir, involuntariamente, a liberdade da mais completa ignorancia, da mais completa desorganisação industrial em todos os officios, de que temos dado um espelho fiel — demasiado fiel! nas exposições internacionaes!

A raiz da industria portugueza está ahi, n'essa questão do aprendiz, não na pauta da alfandega.

Por Deus! Quando acordaremos?» (*Actualidade* de 12 de fevereiro).

Ainda bem que parece que abrimos os olhos. Louvores á benemerita *Associação* que, apezar de tratada, officialmente, com pouca ou nenhuma attenção pelos poderes publicos, forte apenas pela justiça com que é universalmente considerada fóra do paiz e pela nobre protecção dos nossos principes, vela, incessantemente, não só pelos interesses e idéas da arte e da

[1] O alludido documento é a representação publicada no *Boletim* n.º 12, tom. II da 2.ª série, pag. 187–189.

sciencia, mas ainda pela vida do cidadão, e pela fama do paiz, compromettida por um desastre, como o de Belem, que deu brado na Europa. A *Associação* logo acudiu, e, graças ás suas relações com as primeiras sociedades da Europa, Asia e America, conseguiu que os primeiros jornaes especiaes de architectura e archeologia expozessem as verdadeiras causas do enorme desastre:

1.ª Falta de direcção technica, entregue a um scenographo e a um mestre de obras;

2.ª Falta de fiscalisação official entregue ao cuidado de um particular sem capacidade critica, mero administrador de uma instituição de caridade, ligada ao edificio.

Voltando ainda ao nosso documento, que é dirigido a todo o paiz, lembraremos especialmente certos paragraphos como o 22.º que entendem sobretudo com a cidade do Porto.

Segundo o que vae exposto nos enunciados n.os 1 e 2, a camara do Porto tem deveres mui serios a cumprir no que diz respeito á construcção de edificios publicos e particulares, que se estão fazendo em grande escala no Porto. A cidade augmenta de dia em dia; o seu crescimento é extraordinario com o impulso que lhe dão as novas communicações com as provincias do Norte, que são a riqueza e o futuro do paiz pela força da sua expansão individual. Mas esse crescimento, apezar de extraordinario, é apenas o principio.

Previna a camara a tempo, para não termos mais desgraças a lamentar, porque se está construindo de uma maneira louca, absurda. Pessoa competente, que tem observado, com attenção, as construcções dos ultimos 4 a 5 annos, assegura-nos que, se a incuria geral continua a facilitar as fraudes dos empreiteiros e mestres de obras, a acceitar leis da ignorancia, teremos em breve mais desgraças e mais ruinas. O documento que publicamos é uma confirmação do que fica dito.

A camara que tem uma nobre missão a cumprir, dará de certo providencias para não faltar ao seu dever mais sagrado: velar pela existencia dos seus concidadãos.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS
Socio effectivo.

MEMORIA

RELATIVA AO NOVO PROJECTO DE UM ESTABELECIMENTO THERMAL PARA AS CALDAS DE VIZELLA

(Conclusão)

Paredes

As cantarias extrahidas das melhores pedreiras das proximidades das Caldas, estão sendo escodadas e assentes em argamassa.

Empregar-se-hão em toda a construcção tres qualidades de perpeanho, em fiadas uniformes de 0m,50 de altura; a primeira de 0m,22 de espessura, empregou-se já na construcção dos edificios de 4.ª e 5.ª classe, e terá de o ser ainda em algumas paredes divisorias do grande estabelecimento e do edificio principal; a segunda, de 0m,33 de espessura, será applicada nas paredes exteriores, e na parte dos corredores que excederem os telhados de manta dos pavimentos terreos; e a terceira de 0m,44, em todas as paredes mestras que tiverem de supportar outras de 0m,33 de espessura. As divisões das salas de banhos de immersão, e as de outras applicações, hão de ser de tijolo.

Guarnecimento de paredes

Todas as paredes, quer exterior quer interiormente, hão de ser rebocadas, gradadas e alisadas com argamassa bem preparada e caiadas: dispensar-se-ha esta ultima operação ás que tiverem de ser guarnecidas de papel, escaioladas ou revestidas de azulejo.

Serão guarnecidas de papel as salas de espera e o consultorio, e escaioladas as salas de inhalação, pulverisação, escriptorio do bilheteiro, estação telegraphica, deposito de aguas mineraes e os gabinetes de banhos de primeira classe. Alguns compartimentos, ou parte d'elles, hão de ser forrados de azulejo para evitar que os salpicos da agua arruinem o rebôco; n'este caso estão as paredes das salas de duches, dos banhos de chuva circular, e Bourbonne, e as piscinas de familia.

Tectos

Á excepção dos que abaixo vão mencionados, serão fasquiados e estucados os tectos das salas e gabinetes de todo o edificio.

Para favorecer a ventilação e a evaporação, hão de ficar com a armação á vista: todos os corredores longitudinaes, a grande piscina de natação, o *tepidarium*, as piscinas de 4.ª e 5.ª classe e as respectivas salas de duches, e os depositos d'esta ultima classe.

Será abobadado de tijolo, o arco pleno que cobre o local dos depositos, e serve de pavimento ás salas de humação e inhalação. A estufa, ou *vaporarium* será toda de cantaria escodada.

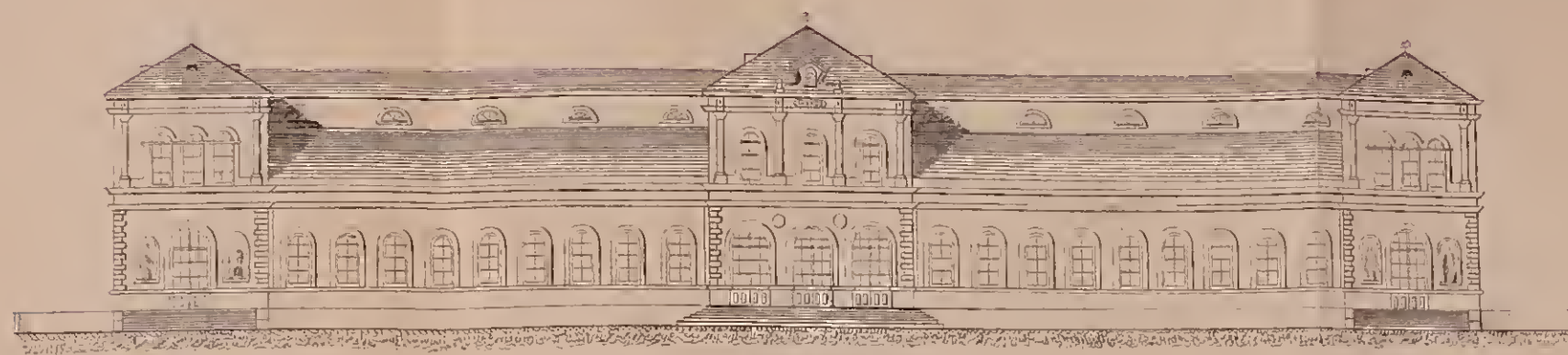
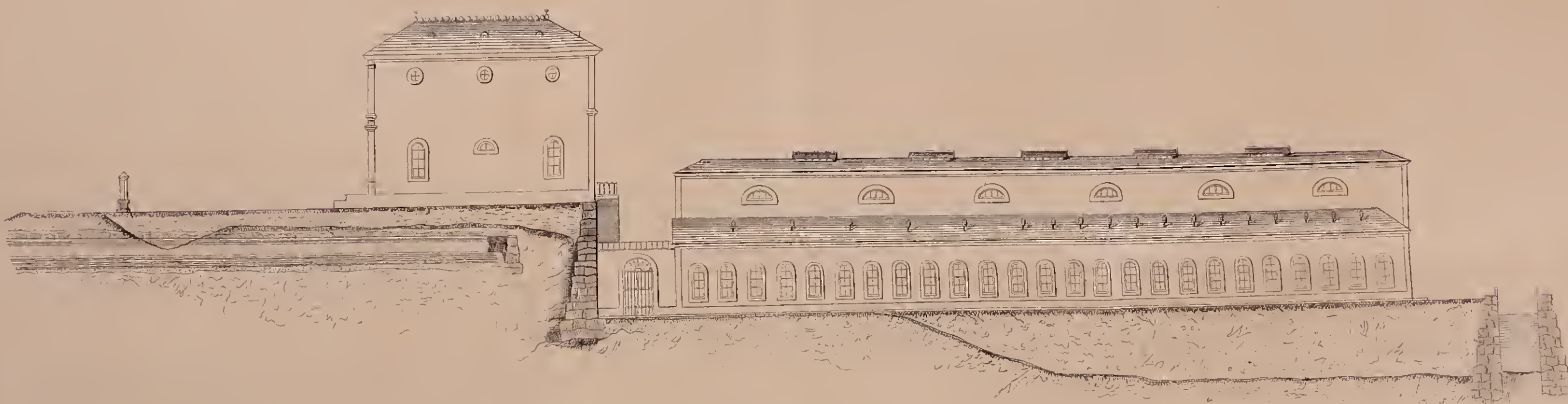
Travejamentos e armações

As armações de todos os edificios, e os travejamentos dos andares superiores, hão de ser de madeira de Flandres, e igualmente os traviteis e encaibramento, tudo apparelhado á esquadria e pintado na parte apparente e nos encaixes. Na grande piscina de natação e no *tepidarium* as armações serão de ferro.

Coberturas

O genero de cobertura para o edificio de banhos, a que damos a preferencia, é a louza de Angers,

BOLETIM
DA
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

PROJECTO PARA O ESTABELECIMENTO THERMAL DAS CALDAS DE VIZELLA

Alçado principal

Alçado lateral

Cesario Augusto Pinto inv.

Braulio Lauro Pereira da Silva Caldas reduziu

Estampa 33
1880

ou de Vallongo. O edificio de 4.ª classe, por causa da sua configuração, não pode ser coberto senão com telha de Prado de 1.ª qualidade, e o edificio de 5.ª classe cobrir-se-ha com telha da fabrica das Devezas, imitação da telha de Marselha.

Parte da cobertura do *tepidarium* será de vidro em forma de telhado de estufa.

Pintura

Para evitar que a pintura a oleo possa ser alterada pelas emanações sulfureas, empregar-se-hão unicamente as tintas e o verniz da *Silicate Paint Company* de Liverpool: d'este verniz serão revestidos todos os tectos de quartos de banhos.

Aqueductos

Cinco canos de escôo ladrilhados e construidos de cantaria, serão distribuidos ao longo dos quatro corpos do edificio de banhos, com escôo para o ribeiro, e n'elle irão despejar as aguas de todos os gabinetes, de modo que não poderão tornar a ser aproveitadas depois de terem servido a qualquer mister. O ensoleiramento das bôccas de despejo ficará a 0,m10 acima da linha das cheias extraordinarias do rio Vizella, á excepção do aqueducto central, que tendo de passar por baixo da piscina de natação, para lhe dar escôo, ha de ficar a 1,30 inferior aos outros, mas ainda assim fora do alcance das cheias ordinarias.

Obra branca

As portadas e os caixilhos de todo o estabelecimento, serão de madeira de castanho para todas as aberturas que ficarem expostas ao tempo, e as do interior, de pinho de Flandres oleado e envernizado, assim como todas as divisões dos vestiarios das piscinas de familia, de natação, *tepidarium*, sala de banhos de braços e pés, e banhos de 4.ª e 5.ª classe, e as divisões das latrinas no edificio principal.

ACCESSORIOS

Tinas

Haverá no grande estabelecimento tres qualidades de tinas proprias para os fins a que são destinadas. As dos banhos de 1.ª e 2.ª classe serão construidas conforme o uso allemão, a 0m,60 abaixo do pavimento dos gabinetes, descendo-se para ellas por tres degraos de 0m,20 de pé, e 0m,25 de passo, de granito amphibolico, escolhido expressamente para favorecer o attrito, e evitar que o banhista escorregue na *barègina* formada pelo contacto do ar. Serão estas tinas formadas de tijolo assente em argamassa de cimento de Portland, ou de Vassy, da fabrica de Millot, e forradas interiormente de azulejos brancos de grande formato, da fabrica de Soupireau de Grenoble. As tinas de 3.ª classe construidas como as primeiras, differem apenas na qualidade do azulejo, que será das fabricas nacionaes.

Para os banhos electricos empregar-se hão tinas de ferro fundido esmaltado. Os banhos medicinaes não podem ser dados em estabelecimentos publicos, senão em tinas de madeira, por se deteriorarem pela acção das substancias, muitas vezes corrosivas, empregadas juntamente com a agua, e por que só n'ellas muitas d'essas substancias podem ser empregadas sem se alterarem.

As tinas para as molestias de aspecto asqueroso, no edificio de 5.ª classe, serão de ferro fundido revestidas de esmalte azul.

Piscinas

As piscinas de natação e de familia, serão formadas de alvenaria argamassada, e os fundos compostos de formigão hydraulico: o seu revestimento interno será igual ao das tinas de 1.ª classe.

Nos estabelecimentos de 4.ª e 5.ª classe, as piscinas hão de ser de cantaria perfeitamente escodada, e assente em argamassa de cimento.

Apparelhos

Todos os apparelhos de que se fizer uso no estabelecimento, e que se empregam com bom exito na hydrotherapia, como são: as duches verticaes, de lança, assendentes e locaes, as sudações por meio de estufas, para o corpo todo ou para braços ou pernas, os banhos de chuva circular, semicupios, de braços, pernas, e pés, as aspirações e pulverisações, as duches pharyngiennas e nasaes, e finalmente toda a torneiraria, bocaes, valvulas de despejo *trop-pleins* articulados, e apparelhos para fumigações, serão escolhidos nos mais modernos das officinas dos acreditados fabricantes Georges Charles, e de Piet Bellan e C.ª de Paris, adoptando-se qualquer novo invento que de futuro possa apparecer, ou exigir se.

Captagem e canalisação das aguas

As aguas que hão de alimentar o estabelecimento da Companhia, hão de ser aquellas que estão em uso e que a medicina mais aconselha, e não todas quantas o distincto professor Agostinho Vicente Lourenço analysou por expressa recommendação da Companhia dos banhos de Vizella.

Algumas das aguas analysadas não estão no uso publico, e outras que seria necessario adquirir por expropriação, estão situadas de tal modo, que a sua conducção para o estabelecimento seria tão dispendiosa, que se julgou preferivel abandonal-as. As que estão mais nas circumstancias de serem aproveitadas, são as que passamos a mencionar: Banho *Quatro Cabeças* dito *Contra forte*, dito *Romano*, dito *Grande*, dito *Humanidade*, *Tanque das pipas*,

Nascente Caldas, Bomba forte, Bica da Lameira, Porta Nova, Medico e *Fragatas.*

Além d'estas aguas existe uma forte nascente que não pôde ser analysada, e que reputamos egual á da *Fonte das Pipas*, é a que emerge no leito do rio Vizella n'uma fenda da rocha que o atravessa no sentido proximamente norte sul. Esta agua, cuja graduação não é inferior a 60 graos, é a que tencionamos empregar no estabelecimento de 4.ª classe, depois de analysada.

Tambem nos pareceu acertado aproveitar duas pequenas nascentes, que existem n'um sitio muito apropriado, no terreno destinado para o parque, empregando-as n'uma *buvette* para os gargarejos e uso interno.

É sempre de grande conveniencia para quem faz uso das aguas, poder passeal-as logo em seguida, mas além d'essa circumstancia, temos por acertado separar do estabelecimento de banhos, os gargarejos, cuja operação é bastante desagradavel para as pessoas que, não estando submettidas a esse tratamento, se vêem obrigadas a presenceal-a.

Afeito de ha muito a partilhar os receios das pessoas que entre nós tanto se sobresaltam com a idéa da difficil e melindrosa captagem das aguas sulfureas, e da sua conducção para sitios distantes d'aquelles em que sempre as viram brotar, o nosso maior cuidado, logo que chegámos aos primeiros estabelecimentos dos Pyreneos, foi examinar o systema empregado na canalisação e na captagem das aguas, mas bem depressa ficamos desenganados da illusão em que estavamos, e bem maior teria sido a nossa surpresa, se tivessemos começado a visita pelos estabelecimentos da Allemanha, onde os reservatorios se conservam constantemente descobertos e expostos ao tempo, e onde em alguns estabelecimentos se enchem as tinas á noute para os banhistas acharem de manhã a agua em temperatura conveniente.

Convencidos ao cabo de algum tempo da pouca importancia que se deve ligar ao que na realidade o não tem, por não podermos acreditar que homens eminentes na especialidade a que se dedicaram, como Mr. Jules François, Jutier, e outros não menos illustres por trabalhos que dirigiram nas pesquizas, captagem e canalisação das aguas para estabelecimentos d'esta ordem, ligassem tão pouca importancia a esse ramo, se effectivamente d'ahi podesse provir algum prejuizo ou descredito para as aguas. O que geralmente se pode observar é que se liga muito mais apreço á quantidade, do que á qualidade.

É facto averiguado que as aguas sulfureas postas em contacto com o ferro se alteram, e que expostas ao ar, o sulphureto alcalino decompondo-se rapidamente produz grande quantidade de gaz sulphydrico; mas quem poderá gabar-se de ter bebido agua, ou de ter tomado um banho n'ella, antes da sua transformação?

Como é que até hoje se tem feito uso das aguas em Vizella, não tem sido em piscinas de diversas dimensões, onde a agua está de dia e de noute em contacto com o ar, despejando-se apenas de seis em seis horas? Ninguem ignora que os banhistas que preferem tomar um banho com aceio, costumam tomal-o em tinas de folha de Flandres, ás vezes ferrugentas, que enchem de agua transportada a descoberto, e a grande distancia, em cantaros de folha oxydados, que servem no S. Miguel a medir o vinho. Que duvida haverá em que a sulphydração possa ser um poderoso agente therapeuthico?

Soceguem, porém, os timoratos: não pretendemos imitar o desprezo com que vimos tratar as aguas, lá onde julgavamos ir buscar proveitosos exemplos; o nosso fim é melhorar, porque os melhoramentos que introduzirmos, devem contribuir muito para o bom credito e prosperidade da Companhia.

Tinhamos por indispensaveis estas considerações, por isso nos espraiámos mais do que talvez parecesse necessario.

Trataremos agora de descrever o modo como tencionamos captar as aguas, e canalisal-as desde as nascentes até aos diversos compartimentos, onde hão de ser empregadas.

Procurar-se-hão as aguas até á sua origem apparente — *griffon* — que, como é sabido, nas d'esta natureza se apresenta sempre em rocha. Esta operação tornou-se facilima, desde que o fallecido engenheiro Déjante, em 1866, fez as excavações precisas para poder medir as aguas de todas as nascentes.

A captagem de cada nascente será feita em um deposito de cantaria argamassada de $0^m,40$ em quadro, e de $0^m,60$ de profundidade, ficando a nascente $0^m,10$ inferior ao sobreleito da cantaria, e $0^m,50$ acima do fundo do deposito, que ficará servindo para reter as arêas, que as aguas de vez em quando acarretam, na sua corrente, e que facilmente poderão ser extrahidas. Exactamente no nivel da nascente, e embutido na cantaria, será collocado um tubo de grés, com o diametro interno proporcional á quantidade de agua que houver de conter, perfeitamente adaptado e cimentado, no qual virão encaixar-se os tubos que formarem ramal. A parte superior d'este pequeno deposito será guarnecida de tiras de gutta-percha encebadas, sobre as quaes assentará uma tampa de ferro galvanisado, que comprimirá o empacamento por meio de oito parafusos chumbados na cantaria. Por este systema simplissimo julgamos ter conseguido a captagem das aguas, conservando lhes a sua pureza e todos os gazes que ellas contiverem.

Tendo o illustre professor e especialista a quem foi confiada a analyse d'estas aguas, declarado que todas ellas são da mesma natureza, o que para o auctor do projecto primitivo era ponto de fé, por ter visto quando procedeu á medição das nascentes, sumiram-se umas quando se esgotavam as outras, o que o levou a acreditar que a propria differença que se nota na temperatura será devida á mistura d'agua commum, mui abundante na Lameira, por alli passarem dois ribeiros de pequena profundidade, e conformando-nos em tudo com essas idéas, não tivemos duvida em as dividir em tres classes, sendo a primeira a que comprehende as de temperatura inferior a 32 graus, a segunda as de graduação não inferior a 50 graus, e a terceira as que tiverem de 61 a 64 graus.

Esta divisão já foi approvada pela Junta Consultiva de Saude, ouvidos os facultativos da localidade, e outros de fóra d'ella, que ha muitos annos costumam frequental-a durante a estação thermal.

Depois de captada pelo systema já indicado, a agua de cada nascente será conduzida a um outro deposito onde se reunirão as de egual graduação, e d'alli seguirão em tubos de grés de maior diametro, até ao sitio em que hão de dar entrada nos depositos do estabelecimento por meio de uma torneira de parafuso, que permitte graduar-lhe a vasão e supprimil-a quando fôr preciso fazer correr d'aquella agua em maior quantidade para qualquer outro deposito. A agua não cahe immediatamente da torneira para o deposito, passa por outro tubo de grês que desce até ao fundo do compartimento superior, e remata em curva, para que os gazes a vão atravessando e cobrindo de uma camada protectora.

Os recipientes onde se hão de reunir as aguas de egual graduação, serão tapados hermeticamente, e cada ordem de tubos terá de 30 em 30 metros uma bôcca de limpeza, com uma torneira de prova na tampa.

As aguas que andarem extraviadas pelo terreno da Lameira, e que apparecerem durante a construcção do cano geral, serão recolhidas nas valletas e conduzidas ás latrinas do corpo principal, para as conservar limpas e desembaraçadas.

Depositos

A primeira idéa que occorre, quando se trata da distribuição dos depositos, ou reservatorios, é de estabelecer tantos, quantas fôrem as qualidades das aguas; mas a largura do edificio, e a divisão dos dois sexos, que julgamos dever adoptar por assim o vermos praticar nos estabelecimentos de primeira ordem, obrigou-nos a construir tantas vezes tres depositos quantos são os corpos do edificio. A rasão que a isso nos levou é facil de entender, se nos lembrarmos que cada um d'aquelles corpos tem de ser abastecido de tres qualidades de agua repartidas por seis tubos — tres para os depositos inferiores, e tres para os superiores —, e que a complicação seria grande, se tivessemos de fazer cruzar uns pelos outros, 24 tubos de 3 a 10 centimetros de diametro, que difficilmente se prestam a descrever curvas de pequeno raio, e que, quando isso se podesse conseguir, seria com sensivel diminuição da area da sua secção.

Os depositos serão formados de um primeiro ladrilho de cantaria assente a 0,m50 acima do ensoleiramento geral, e sobre elle assentam quatro paredes de perpeanho de 0m,33 de espessura, gateadas nos cantos; o vão formado por quatro paredes será dividido a meio por tres tentos supportando uma fiada de perpeanho de 0m,22 de espessura, sobre a qual se ha de apoiar um segundo ladrilho em que assenta um segundo andar de perpeanho, egualmente dividido por tentos que receberão o capeado. As aguas depois de encherem o deposito superior, passam por um *trop-plein*, e caem no deposito inferior, que estando cheio as lança por outro orificio nos tubos que conduzem as aguas ás piscinas de natação, e de familia.

O deposito inferior, que é destinado para banhos de tina, e mais applicações que não carecem de fortes pressões, tem em um dos lados um *trou d'home*, pelo qual pode entrar um rapaz para fazer a limpeza, e o deposito superior, destinado para duches e estufas de vapôr, tem no capeado uma tampa de pedra, que depois de deslocada dá passagem a um operario.

Cada deposito tem um nivel de vidro para indicar a altura em que se acha a agua, e duas torneiras de grande calibre, nas quaes se adaptam os tubos distribuidores de 2.ª e 3.ª ordem.

É sobre estes depositos que hão de estar collocadas as bombas de compressão destinadas a fazer funccionar todos os apparelhos de inhalação e pulverisação, dispostos nas salas do edificio principal, que, como já dissemos, ficam por cima dos reservatorios.

Tubagem

Os tubos que conduzem as aguas para os quatro corpos do grande estabelecimento, terão dous diametros differentes; os que pertencem aos depositos inferiores hão de ser de chumbo com o diametro interno de 0,m10, e n'elles estarão ligados por meio de peças de metal solidamente soldadas nos mesmos tubos, outros de menor diametro, que distribuem a agua pelos gabinetes.

As aguas dos depositos superiores serão conduzidas em tubos de chumbo de 0,m05 de diametro, de fabricação nacional, e a distribuição far-se ha egualmente em tubos de 0,m02 a 0,m03 de diametro.

As canalisações para os estabelecimentos de 4.ª e 5.ª classe serão em tudo identicas ás do grande estabelecimento.

Conclusão

Não nos permitte uma tão rapida analyse, entrar na descripção detalhada do plano geral das obras, que a Companhia tenciona executar, se, como é de esperar, o favor do publico a coadjuvar, e que devem contribuir para que as Caldas de Vizella, já tão conhecidas pela excellencia das suas aguas, cheguem brevemente a rivalisar com as povoações analogas dos Pyreneos.

Indicaremos porém algumas d'essas obras, que devem ficar formando, como em França e na Allemanha, parte integrante do estabelecimento thermal.

Os terrenos que a Companhia possue, e mais alguns que tenciona adquirir, permittem-lhe desde já traçar um bonito jardim, e um bello parque, que com quanto de pequena área, ficará collocado em sitio pittoresco. Dentro d'esse terreno haverá, além de um pequeno edificio para as pessoas que quizerem tomar banhos de rio, outro para banhos quentes de agua dôce, um caffé campestre, sala de gymnastica, estufa para plantas, abarracamento para os quinquilheiros que todos os annos se estabelecem em Vizella, barcos para passeios no rio, terreiro para jogos infantis, tivoli, kiosques para musica e outros divertimentos.

N'outro local haverá uma vaccaria organisada pelo systema suisso, onde se prepararão os soros de leite, e onde os doentes que não poderem fazer uso interno das aguas taes quaes sahirem das nascentes, encontrarão sempre leite puro para lhes misturar.

Deve completar os melhoramentos projectados, um bello edificio para *Casino*, contendo um salão para baile e concertos, que facilmente se transforme n'um pequeno theatro, salas para caffé e restaurante, bilhares, salão de leitura, e gabinetes para jogos de vasa, xadrez e damas.

Para maior commodidade dos banhistas impossibilitados de andar, organisar-se ha um serviço regular de cadeirinhas e cadeiras de rodas a preços reduzidos.

Por esta forma tenciona a Companhia dos Banhos de Vizella realisar um melhoramento ha muito reclamado por todos os enfermos que alli costumam ir buscar allivio para seus padecimentos, e não só concorrerá poderosamente para o engrandecimento e prosperidade da povoação, como tambem para poupar ao paiz a vergonha por que tem passado, de conservar tão preciosas nascentes n'um estado tal de desmazelo, que á maioria dos banhistas repugna entrar nas piscinas da Camara, e prefere tomar os banhos em casa.

Vizella, 29 de Outubro de 1879.

CESARIO AUGUSTO PINTO.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

CONGRÈS INTERNATIONAL

D'ANTHROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUES

NEUVIÈME SESSION A LISBONNE EN 1880

Ouverture le 20 septembre — Clôture le 29 septembre

PROGRAMME

La neuvième session du Congrès international d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques s'ouvrira à Lisbonne, le lundi 20 septembre, et sera close le 29 septembre.

Toute personne, s'intéressant au progrès de ces sciences, peut prendre part aux séances du Congrès

en acquittant la cotisation qui est fixée, pour cette année, à neuf couronnes — douze francs — dix shillings — dix reichsmark — cinq florins.

Le reçu du trésorier donne droit à la carte de membre, aux comptes-rendus des séances et à toutes les publications du Congrès.

Conformément à l'article VII du règlement général, le comité d'organisation propose les questions suivantes pour être spécialement discutées pendant le Congrès:

I. Y a-t-il des preuves de l'existence de l'homme en Portugal pendant l'époque tertiaire?
II. Comment se caractérise l'âge paléolithique en Portugal pendant l'époque quaternaire?
III. Comment se caractérise l'âge néolithique en Portugal?
1° Dans les Kjœkkenmœddings de la vallée du Tage;
2° Dans les cavernes, soit naturelles, soit artificielles, contenant des restes humains et des produits de l'art;
3° Dans les monuments mégalithiques et dans d'autres stations.

IV. Quelles sont les notions acquises sur les caractères anatomiques des habitants du Portugal dans les temps préhistoriques?

V. D'après quels faits peut-on reconnaître la transition de l'âge de la pierre polie à celui du cuivre ou des métaux en Portugal?

VI. Quels sont les faits constatés sur la civilisation des peuples qui habitèrent le Portugal antérieurement à la domination romaine?

Le Congrès visitera des grottes, des camps et des stations de différentes localités aux environs de la capitale ainsi que les couches tertiaires entre Alemquer, Otta et Azambuja.

Après la clôture du Congrès on visitera les stations préhistoriques des deux Citania de Briteiros et de Sabroso dans la province du Minho.

Les adhérents sont priés de faire parvenir sans retard, en indiquant avec soin leurs Noms, *et* Prénoms, Qualité *et* Résidence, *le montant de leur cotisation au Secrétaire du Congrès qui leur enverra le reçu du Trésorier, M. A. C. Teixeira de Aragão, professeur d'hygiène militaire.*

Pour l'Allemagne, l'Autriche-Hongrie, la Belgique, le Danemark, la France, l'Italie, la Norwège, les Pays-Bas, la Romanie, la Suède, la Suisse, et l'Egypte il suffit d'envoyer un bon postal.

Pour les autres pays on est prié d'envoyer le montant de la cotisation en un mandat sur une maison de banque.

PROTECTOR DO CONGRESSO

SUA MAGESTADE EL-REI DE PORTUGAL

PRESIDENTE HONORARIO

SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. FERNANDO II

COMMISSÃO DE ORGANISAÇÃO

Presidente

O Ex.mo Sr. J. de Andrade Corvo, Conselheiro d'Estado, socio da Academia Real das Sciencias, e professor de botanica da Escola Polytechnica de Lisboa.

Thesoureiro

O Ex.mo Sr. A. C. Teixeira de Aragão, socio da Academia Real das Sciencias, socio effectivo e laureado da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e professor de hygiene militar.

Secretario geral

O Ex.mo Sr. Carlos Ribeiro, socio da Academia Real das Sciencias, socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e chefe da secção dos trabalhos geologicos.

Vogaes da Commissão

Os Ex.mos Srs.:

Antonio A. de Aguiar, socio da Academia Real das Sciencias, e professor de chimica da Escola Polytechnica de Lisboa.

A. Maria Barbosa, Conselheiro Honorario, socio da Academia Real das Sciencias, e professor de anatomia pathologica da Escola de Medicina de Lisboa.

A. Filippe Simões, correspondente da Academia Real das Sciencias e da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, laureado pela mesma Real Associação e professor da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra.

Conde de Ficalho, socio da Academia Real das Sciencias, e professor aggregado de botanica na Escola Polytechnica de Lisboa.

E. A. Allen, correspondente da Academia Real das Sciencias, director do Museu Municipal do Porto.

F. A. Pereira da Costa, socio laureado da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, professor de geologia e de mineralogia na Escola Polytechnica de Lisboa.

F. M. Pereira da Silva, Conselheiro Honorario, Contra-Almirante.

F. Martins Sarmento, correspondente da Academia Real das Sciencias, socio effectivo e laureado da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Frederico A. de Vasconcellos, engenheiro adjunto da secção dos trabalhos geologicos.

I. de Vilhena Barbosa, socio da Academia Real das Sciencias e socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

J. F. Nery Delgado, correspondente da Academia Real das Sciencias, engenheiro adjunto da secção dos trabalhos geologicos.

J. M. Latino Coelho, Ministro e Conselheiro Honorario, secretario geral da Academia Real das Sciencias, e professor aggregado de geologia e de mineralogia na Es ola Polytechnica de Lisboa.

J. M. da Silva Leal, correspondente da Academia Real das Sciencias.

J. da Silva Mendes Leal, Ministro e Conselheiro Honorario, socio da Academia [Real das Sciencias.

J. Silvestre Ribeiro, Conselheiro d'Estado, Ministro Honorario, socio effectivo da Academia Real das Sciencias e da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

J. V. Barbosa du Bocage, socio da Academia Real das Sciencias, professor de zoologia na Escola Polytechnica de Lisboa.

M. M. da Costa Leite, Conselheiro Honorario, director da Academia de Medicina no Porto.

Thomaz de Carvalho, socio da Academia Real das Sciencias, professor de anatomia e director da Escola de Medicina de Lisboa.

J. Possidonio N. da Silva, architecto da Casa Real, socio correspondente do Instituto de França, fundador e presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

BIBLIOGRAPHIA

EPIGRAPHIA ARABICA

Grandemente cultivada foi em Portugal, em diversas épochas, a lingua arabica. Muitos portuguezes poderam servir de interpretes para com os povos da Africa e da Asia, nas relações que tivemos necessidade de estabelecer ou manter com elles. Tambem o captiveiro que muitos compatriotas nossos padeceram, em terras onde se fallava o arabe, foi parte para que muitos captivos tivessem a curiosidade ou a precisão de aprender aquelle idioma. De algumas ordens religiosas saiam individuos para as missões, e de crêr é que se preparassem para se entenderem com os arabes, a fim de colherem maior fructo de suas missões. Já no principio do seculo XVII Paulo V, e no principio do seculo XVIII Clemente XI, reconheceram a indispensabilidade do ensino da lingua arabica nos collegios dos regulares de S. Francisco, a fim de que os religiosos podessem desempenhar o seu ministerio nas suas missões ao oriente.

Mas o estudo e ensino regulares das linguas orientaes, e especialmente do arabe, datam entre nós do anno de 1750, representando n'esse empenho um brilhante papel o grande e incomparavel Cenaculo, e ao lado d'elle os religiosos da Congregação da

Terceira Ordem da Penitencia. Graças a *Juano Damasquino,* depois Fr. João de Sousa, que por aquelle tempo arribou ao porto de Lisboa, vindo de Damasco (sua patria), foi possivel estabelecer-se o ensino do arabe: o que mais tarde se realisou no convento dos referidos religiosos.

Tres bons discipulos teve Fr. João de Sousa, quaes foram Fr. José de Santo Antonio Moura, Fr. Manuel Rebello da Silva e Fr. Antonio de Castro.

Fr. Manuel Rebello da Silva adquiriu a reputação de ser o maior arabista europeu do seu tempo, e occasião houve, no seu magisterio, em que frequentaram a sua aula um francez, um belga, um escocez e tres inglezes. Dos discipulos portuguezes que teve Fr. Manuel Rebello da Silva, foi Antonio Caetano Pereira, (não ha muitos annos fallecido) qualificado d'este modo: *muita aptidão e estudo: unico reservado para o magisterio do arabe; completou o seu estudo em nove annos e sete mezes.* [1]

Decaíu, porém, tal estudo em Portugal, e não podemos apontar um só arabista portuguez, na actualidade, que seja notavelmente distincto n'esta disciplina.

Não succede, porém, assim na Hespanha. Alli tem-se perpetuado a cultura da lingua arabica; e agora nos cabe a satisfação de mencionar o nome illustre de D. Rodrigo Amador de los Rios, filho do preclaro D. José Amador de los Rios.

O sr. D. Rodrigo publicou em 1875 um livro intitulado — *Inscripciones Arabes de Sevilla,* — e outro, mais volumoso, em 1876 com o titulo de — *Inscripciones Arabes de Cordoba precedidas de un estudio historico-critico de la Mezquita-Aljama.*

Á frente do livro das inscripções arabes de Sevilha vem uma carta, em fórma de prologo, na qual o douto pae do auctor, depois de muito eruditas ponderações, incita seu filho a dar publicidade áquelle trabalho de grande utilidade para os estudos historicos da Hespanha.

«A epigraphia arabe tem dado entre nós (dizia por fim) mui curtos passos, e é já um verdadeiro triumpho o facto de haver quem se consagre á sua cultura, tão difficil quanto pouco estimada.»

Com razão se enthusiasma o sr. D. Rodrigo pela cidade de Sevilha, tão generosamente favorecida pela natureza, e aformoseada, no volver dos annos, pela civilisação romana, arabe, hispano-visigoda, e hespanhola, com edificios sumptuosos e monumentos admiraveis.

No que toca á civilisação arabe, manifestada pelas creações artisticas, é ponto incontroverso que resplandecia Sevilha em todo o genero de edificações religiosas, civis, militares, quando em 1248 abria suas portas aos esforços dos castelhanos.

Nos fins do seculo XVI tinham já desapparecido essas grandiosas obras; mas conservava-se ainda viva a lembrança d'ellas. Succedia, porém, que a imaginação dos escriptores, desajudada da critica, exaggerava ou inventava noticias phantasticas ou mal seguras.

A archeologia não era ainda, como hoje, uma sciencia, allumiada pelo clarão de apurados principios; e principalmente não se conhecia a existencia do peregrino estilo architectonico «resultante da fusão da arte do oriente e do occidente, a qual, inspirando-se no sentimento puramente christão, lhe subordinou todas as suas concepções, e recebeu a denominação de *mudejar.*» D'aqui resultava que eram classificados como arabicos, indistinctamente, os edificios magnificos, que aliás remontavam na sua origem e antiguidade (como succedia com o *Alcazar* de el-rei D. Pedro) aos primeiros tempos da dominação musulmana.

Das construcções arabicas, que em Sevilha chegaram até aos nossos dias, afóra a *Giralda* e um dos angulos do *Patio de los Naranjos,* resto da *Mezquita-Aljama*, reedificada por Yusuf-ben-Yacob, só subsistem a *Torre del Oro*, o chamado *Arquillo de la Plata;* alguns torreões do *Alcaçar* de el-rei D. Pedro; e alguma parte do *Mosteiro de S. Clemente*, que fôra estabelecido nos magnificos *Palacios de Rib-ar-Ragel.*

Nada existe das fabricas sumptuosas, com que aformosearam Sevilha os successores de *Mohámmad-ben-Ismail-ben-Abbad;* nada das poucas construcções que os Almoravides concluiram.

Mas certos escriptores sevilhanos julgaram que a cada passo encontravam obras da civilisação arabe, as quaes, tendo sido respeitadas pela edade media, eram implacavelmente apagadas pelos tempos modernos por effeito da intolerancia artistica dos seculos XVI e XVII; de sorte que aquelles escriptores, guiados unicamente pelo seu louvavel desejo, phantasiaram fabricas sumptuosas, fructo de civilisações distinctas, classificando-as sem exame como producto das artes musulmanas.

A empreza do sr. D. Rodrigo demandava um profundo conhecimento do arabe; o difficilimo trabalho de decifrar inscripções, por vezes meio apagadas, ou encobertas por espessas camadas de cal, e a ardua tarefa de distinguir as inscripções do periodo musulmano — das dos edificios *mudejares.*

Se accrescentarmos a isto a aridez do trabalho, em si mesmo, e a circumstancia de só excitar o interesse de mui poucos eruditos: poderemos dar o verdadeiro valor a um livro que reproduz, em

[1] V. o n.º 7 das Actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do anno de 1849.

Para mais amplo conhecimento da cultura do arabe, e em geral das linguas orientaes, em Portugal, veja os tomos I, II, V e VII da nossa *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos.*

caracteres arabicos, um grande numero de inscripções do tempo da dominação musulmana, e dos edificios *mudejares*: todas acompanhadas da traducção e explicações em castelhano.

Porque já vae longo este artigo, reservamos para outro alguns esclarecimentos mais, e a noticia do volume que trata das Inscripções Arabicas de Cordova.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UM MERECIDO TRIBUTO DE LOUVOR

Um socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Augusto Mendes Simões de Castro, tomou sobre si, e com perseverança vae continuando, a muito proficua tarefa de publicar mensalmente um jornal litterario com o titulo sympathico de *Portugal Pittoresco*.

Cada numero d'esta interessante publicação vem acompanhado de uma estampa, representando um monumento, ou um edificio notavel, uma paisagem pittoresca, uma curiosidade natural ou artistica.

O texto contém excellentes artigos sobre variados assumptos de honesto recreio, de amena leitura e de solida doutrina.

Quizera poder apresentar uma resenha das estampas e artigos dos numeros já publicados; mas, em razão da estreiteza do espaço de que posso agora dispôr no *Boletim*, é força limitar-me ao numero que ultimamente saíu á luz.

A estampa que adorna o n.º 10, que tenho diante de mim, representa a *Nova ponte de ferro sobre o Mondego em frente de Coimbra* com uma noticia historica e artistica, escripta pelo dr. Augusto Filippe Simões.

É muito curiosa a ponderação que o illustrado lente da Universidade faz, depois de referir o que *se dizia* da ultima ponte de pedra que a de ferro substitue hoje, isto é, que fôra ella construida sobre outras duas pontes, soterradas já pela progressiva elevação do alveo do rio.

«Passados alguns annos, quem se não lembrar que a nova ponte foi construida no logar da anterior, e não sobre ella, e se ativer sem critica ás asserções dos escriptores, poderá imaginar que sobre o Mondego, em frente de Coimbra, estão quatro pontes a cavallo umas nas outras. E d'esta sorte que o rio correria em tamanha profundidade, que não *desceria*, mas *subiria* para o mar.»

Vem depois um artigo do dr. J. A. Simões de Carvalho ácerca *dos meios de tornar menos desastrosas as inundações*. Este só titulo torna evidente a utilidade de um tal estudo, independentemente da proficiencia do escriptor, e do modo como é tratado o assumpto. Em presença do que temos lido, afigura-se-nos que é grandemente judiciosa a conclusão a que chega o dr. Simões de Carvalho.

«Vale mais combater o flagello das inundações, destruindo as causas que as tornam mais perigosas, do que consumir despezas enormes com obras inuteis, obras que importam comsigo a ruina da fertilidade do solo pela suppressão dos nateiros fertilisadores, a elevação constante do alveo dos rios, a infiltração das aguas e a formação de pantanos, a difficuldade de enxugo e a obstrucção dos portos do mar. Parece-nos, pois, que na solução d'este grande problema a agricultura presta mais uteis avisos do que a engenheria hydraulica.»

Interessam muito á agricultura e á industria os *Estudos sobre o districto de Coimbra* do sr. Adolpho Loureiro, que se seguem ao artigo do sr. Simões de Carvalho, e consistem em extractos do relatorio que acompanhou os productos industriaes e agricolas d'aquelle districto, enviados á ultima exposição universal de Paris.

Como para alegrar o espirito, depois dos graves assumptos que deixamos indicados, vem sob a designação de *Apontamentos historicos de Coimbra* um divertido e erudito artigo ácerca do *Imperador de Eiras*, pelo sr. J. C. Ayres de Campos.

O sr. Augusto Mendes Simões de Castro já anteriormente era benemerito das letras patrias pela publicação periodica do *Panorama Photographico de Portugal*, e não menos por outros escriptos de reconhecido merecimento, taes como o *Guia do viajante em Coimbra e arredores, Guia Historico do Bussaco*, etc. etc.

É grato commemorar serviços prestantes de um consocio, que se honra a si pelo trabalho, e dá lustre á associação a que pertence.

28 de fevereiro de 1880.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I offereceu para estar exposta no museu do Carmo a copia de um dos craneos provenientes das Novas Hébrides, apresentados pelo dr. Krause no congresso dos anthropologos allemães em Strasburgo.

El-Rei o Senhor D. Fernando tambem permittiu que no mencionado local esteja patente uma esculptura antiga que fôra descoberta pelo sr. Possidonio

da Silva, e por este archeologo offerecida a sua magestade.

Registamos com o mais vivo agradecimento as generosas concessões de tão augustas personagens. Bom é que o exemplo venha de alto.

Do nosso illustradissimo vice-presidente da assembléa geral, o sr. visconde de S. Januario, recebemos uma preciosa collecção de antiguidades do Mexico e do Perú.

Brevemente serão expostas ao publico.

Reiterando aqui os nossos protestos de gratidão ao distincto diplomata, felicitamos os amadores de curiosidades, porque vão ter occasião de admirar objectos, a maior parte dos quaes são inteiramente novos para Portugal.

Em 8 de janeiro ultimo começou a haver no edificio da nossa associação serões de leitura artistica, a inauguração dos quaes se deve á iniciativa do sr. Possidonio da Silva.

Tem sido de quarenta a cincoenta o numero dos leitores. Entre elles contam-se duas damas inglezas.

É já muito importante a collecção de obras que possuimos, em diversos idiomas, ácerca de architectura e archeologia. Muitas conteem estampas, que representam os mais notaveis edificios antigos e modernos, objectos prehistoricos descobertos em differentes regiões, etc.

Os serões continuam ás quintas-feiras.

O nosso illustre consocio, o sr. commendador Gonçalves Roque, residente no Rio de Janeiro, enviou para o museu da nossa associação uma importante collecção de medalhas, que muito e muito agradecemos. E' a segunda offerta, n'este genero, com que somos obsequiados por aquelle cavalheiro.

Parece-nos conveniente especificar o conteúdo do brinde agora recebido. Quanto ao antecedente, já está mencionado no respectivo catalogo.

Vieram, pois, reunir-se á collecção que possuimos 12 medalhas romanas.—1 da Republica, 1 de Constantino Magno, 1 de Constantino e 9 de diversos imperadores.

8 ditas estrangeiras. — De Luiz XV, Napoleão I, Rainha Victoria, batalha naval do cabo de S. Vicente, batalha de Wellington, D. Isabel, Jorge III, da união contra a França e entrada em Paris.

6 ditas portuguezas. — D. Maria I e II, Marquez de Pombal, estatua equestre de D. José I, Coração de Jesus e convento da Estrella.

66 Moedas antigas e modernas, da Europa, Asia e America.

67 ditas. — Diversos reinados, desde D. Affonso V até D. João VI; merecem especial menção: primeiro, o real de D. Affonso V; segundo, os reaes e meio de D. João IV, e D. Pedro II e D. João V; terceiro, os tres reaes de D. João V e D. José I e do principe regente D. João; quarto, outras moedas de 5, 10 e 20 réis, antigas como 100, 200, 300 e mais annos de existentes; quinto, uma moeda de 80 réis, cunhada em 1825, em a qual ainda então usava D. João VI do titulo de rei de Portugal, Brazil e Algarves; sexto, o ceitil de D. Sebastião.

1 Medalha de prata, de D. Fernando VII de Hespanha e de Isabel sua mulher.

1 dita de bronze, relativa á entrada dos jesuitas no Brazil.

1 dita de cobre, de José Bonifacio de Andrade e Silva; (Independencia do Brazil — 1822.)

13 Moedas de prata estrangeiras. Estados-Unidos, Hespanha, Filippe V, Carlos III, Pontificio, Suissa, reino de Italia, França, Luiz XVI, Luiz XVIII, Luiz Filippe, Inglaterra.

31 ditas, de prata portuguezas de diversos valores, datas antigas — D. Affonso I, D. João I, D. Manoel, D. João III, D. Sebastião, D. Filippe, D. João IV.

D. Affonso VI, D. João V, Macutos d'Africa, 40 réis de D. Pedro II, 80 réis de D. José I, D. Maria I e D. João VI, 160 réis de D. Pedro II.

2 ditas de ouro — 800 réis de D. João V, (1733) e outra de maior valor de D. José I (1763).

19 Medalhas. — 3 de cobre indianas, 16 de prata de diversas nacionalidades.

Os corpos gerentes da nossa associação, que devem funccionar no corrente anno, estão assim constituidos:

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente. — Joaquim Possidonio Narciso da Silva.
Vice-presidente (architecto). — Conselheiro João Maria Feijó.
Vice-presidente (archeologo). — Visconde de S. Januario.
Secretario (architecto). — Valentim José Correia.
Supplente. — Emiliano Augusto de Bettencourt.
Secretario (archeologo). — Visconde de Alemquer.
Supplente. — D. José de Saldanha Oliveira e Sousa.
Thesoureiro. — Carlos Munró.
Bibliothecario.—Conselheiro José Silvestre Ribeiro.
Conservadores. — Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, general Antonio Pedro de Azevedo.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Presidente. — Conselheiro João Maria Feijó.
Secretario. — Pedro Augusto Serrano.
Delegado. — José Tedeschi.
Supplente. — José Maria Caggiani.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Presidente. — Ignacio de Vilhena Barbosa.
Secretario. — Luciano Cordeiro.
Delegado. — Ernesto da Silva.
Supplente. — Eduardo Dias.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

Presidente. — General Antonio Pedro de Azevedo.
Secretario. — Frederico Ressano Garcia.
Delegado. — Francisco José de Almeida.
Supplente. — Alfredo Keil.

NOTICIARIO

Quando toda a imprensa periodica do paiz tem acolhido com demonstrações de verdadeira sympathia a noticia de se haver inaugurado na villa da Praia da Victoria um monumento ao sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, seria imperdoavel falta da nossa parte se não consignassemos de algum modo n'este *Boletim* o sentimento de jubilo que experi-

mentamos por ver coroados de justos louvores os prestantes actos d'aquelle nosso distinctissimo consocio, durante a sua providente administração no districto de Angra.

Falle por nós o *Conimbricense* de 20 de janeiro ultimo, visto que nos achamos a tal respeito plenamente de accordo com o seu activo e illustrado redactor:

«A ilha Terceira acaba de pagar uma divida de gratidão ao sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

No dia 15 de Junho de 1841 foi assolada a villa da Praia da Victoria por um terrivel terremoto, assim como as freguezias circumvisinhas.

Era então administrador geral do districto o sr. José Silvestre Ribeiro, o que foi uma felicidade para as victimas do grande desastre, pois que lhes prestou serviços relevantissimos, por si e solicitados do governo e de todo o paiz.

Os actos em extremo louvaveis praticados então pelo sr. José Silvestre Ribeiro não se poderiam descrever em um artigo de jornal; pediriam um livro volumoso.

A camara municipal da villa da Praia da Victoria, querendo ser grata a tão benemerito cidadão, promoveu a elevação de uma estatua representativa do sr. José Silvestre Ribeiro, no que foi coadjuvada pela camara municipal de Angra e grande numero de outros cidadãos.

Concluido o monumento deliberou-se ser a inauguração no dia 31 de Dezembro, por ser o anniversario do illustre cidadão a quem se tributava tão subida honra.

Assistiram á inauguração o prelado da diocese, governador civil, commandante da divisão, membros do conselho de districto, da junta geral e commissão executiva, auctoridades do concelho da villa da Praia da Victoria, clero e professorado, administrador do concelho de Angra do Heroismo, e grande numero de pessoas de todas as classes.

Descobriu a estatua o prelado da diocese, subindo ao mesmo tempo ao ar muitos foguetes, e tocando a philarmonica *Recreio dos Artistas* o hymno do sr. José Silvestre Ribeiro.

O prelado da diocese recitou por essa occasião um interessante discurso, que aqui temos presente, com o titulo de — *Discurso que na inauguração da estatua do illm.º e exm.º sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro na villa da Praia da Victoria recitou o bispo da diocese D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel no dia* 31 *de Dezembro de* 1879.

O sr. commendador José Ignacio de Almeida Monjardino congratulou-se com a camara municipal da villa da Praia da Victoria por ter pago esta grande divida de gratidão.

E por fim o reitor do lyceu de Angra, o sr. bacharel Antonio Moniz Barreto Corte Real, recitou um conceituoso discurso, que tambem aqui temos, com o titulo de — *Falla do reitor do Lyceu Nacional de Angra do Heroismo na inauguração da estatua do conselheiro José Silvestre Ribeiro na villa da Praia da Victoria em* 31 *de Dezembro de* 1879.

N'esta festa não foram esquecidos os pobres, sendo-lhes distribuidas avultadas esmolas de pão e carne.

Segundo a descripção que vemos d'este monumento, está elle erigido em uma grande praça cercada pelo lado da rua de Jesus d'um gradeamento de ferro, com uma elegante entrada fechada por um portão tambem de ferro, construida expressamente para este fim e a que se deu a denominação de — *Praça do conselheiro José Silvestre Ribeiro.*

Assenta sobre um prisma, d'onde sae uma elevada columna, em cuja base pousam tres açores ligados por festões de flores, e é rematada pela estatua do distincto magistrado, vestindo a farda de administrador geral.

Os baixos relevos estão primorosamente trabalhados no marmore. N'um dos lados — a figura da ilha Terceira inscrevendo na historia o nome do reedificador da villa da Praia da Victoria; e no outro — a figura da Fama, que *solemnisa*, e a do Tempo que *eternisa.*

Damos os mais sinceros parabens ao sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro por esta grande honra, justamente merecida, e a todos os cidadãos que para ella concorreram.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.»

Só accrescentaremos: A descripção do monumento deixa perceber que elle constitue uma bella producção artistica de que em harmonia com o objecto d'este *Boletim* cumpria fallar.

E. A. R. D.

Na quinta regional de Cintra acaba de fazer-se uma descoberta archeologica importante. Quando se procedia a umas escavações no sitio da Barroca, encontraram-se algumas campas com bastantes ossos, accusando grande antiguidade. Em uma das campas achou-se tambem uma faca de silex. Progredindo, porém, os trabalhos de plantação n'este terreno, deu-se com mais vasto jazigo e a escavação operou-se com bom exito. Encontrou-se primeiro uma pequena pyramide de grés trabalhada, com ornatos riscados e uma meia lua tambem gravada; depois um cylindro de grés, similhando um pilar; em seguida uma lança de silex, de dois decimetros de comprimento; mais adiante outra lança de silex, muito vermelha, e por ultimo um enorme craneo, um comprido fémur, uma raspadeira de silex, quatro pequenos vasos de barro e um cylindo grande de calcareo sacchoroyde.

Em Vich (Hespanha) foi descoberto um sepulchro romano junto do caminho de Seva, com moedas do imperador Claudio e fragmentos de ceramica.

O quinto congresso archeologico ha de effectuar-se em Tiflis, em 1881.

Segundo a *Gazeta de S. Petersburgo*, resolveu-se abrir o congresso a 20 de agosto, durando só tres semanas.

Será dividido em oito secções, que deverão tratar das seguintes questões:

1.º Monumentos primitivos;
2.º Monumentos pagãos e classicos;
3.º Monumentos christãos;
4.º Monumentos musulmanos;
5.º Monumentos das bellas artes;
6.º Monumentos litterarios;
7.º Linguistica;
8.º Geographia historica e ethnographia.

Paris possue 64 egrejas, 10 templos e 2 synagogas, 7 presbyterios, 3 casas consistoriaes, e muitas

outras dependencias, cursos, jardins, etc. O seu valor eleva-se, para o culto catholico a cerca de duzentos milhões, para o culto protestante a perto de dez milhões e para o culto israelita a perto de quatro milhões e quinhentos mil francos. O que dá em total uma somma de 213.033:984 francos. E' preciso contar tambem, além d'isso, as acquisições de objectos d'arte, de quadros, de esculpturas, vidraças, etc., para as egrejas. O total de todas estas acquisições eleva-se á conta redonda de seis milhões, pelo menos.

A sociedade central de agricultura e insectologia prosegue as suas exhibições de insectos uteis e insectos prejudiciaes, que inaugurou no palacio da industria de Paris, no anno de 1866.

Esta sociedade abrirá, do 1.º de setembro ao 1.º de outubro do corrente 1880, uma exposição contendo:

1.º Insectos uteis;

2.º Seus productos brutos e primeiras transformações;

3.º Apparelhos e instrumentos empregados na preparação d'estes productos;

4.º Insectos prejudiciaes: processos de destruição;

5.º Quanto se refere á insectologia.

A exposição será internacional, e os objectos deverão ser enviados antes de 20 de agosto.

Estará dividida em cinco classes:

1.ª Insectos productores de cera e mel;

2.ª Insectos prejudiciaes;

3.ª Auxiliares, collecções, animaes vivos, e instrumentos;

4.ª Moluscos prejudiciaes á agricultura, etc.

5.ª Insectologia applicada ás artes e industria. — Direcção, rue Mouje, 67, Paris.

A sociedade propõe-se, com estas exposições, dois louvaveis fins: recommendar os melhores methodos para a preparação dos insectos uteis, preserval-os das enfermidades epidemicas e tirar o maior proveito dos seus productos; estudar os insectos destruidores das nossas culturas, dos nossos jardins e dos nossos bosques, e diligenciar por todos os meios de que a sciencia e a observação dispõem, para attenuar os seus estragos e até fazer desapparecer os auctores.

Um jornal inglez descreve pela fórma seguinte uma nova especie de barometro muito facil de estabelecer.

Poder-se-ha dar a esses instrumentos o nome de *barometros economicos;* porque ninguem ha que os não possa executar pela fórma seguinte:

Tomam-se 50 centigrammas de camphora, e egual porção de sal de nitro e de sal ammoniaco. Faz-se derreter separadamente cada uma d'estas tres substancias em aguardente pura, collocando o frasco de camphora dentro de agua quente, afim de que aquella se dissolva rapidamente. Estas tres soluções são depois misturadas em um frasco comprido e estreito, como os frascos de agua de Colonia. Arrolha-se e lacra-se, e depois pendura-se em sitio completamente orientado ao norte. Se o liquido se conserva claro e limpido, é signal de bom tempo. Se se turva, temos chuva. Se se formam nuvens tenues suspensas no liquido, deve-se contar com tempestade. Se as ditas nuvens se tornam mais espessas e reunidas, deve-se contar com chuva ou neve. Se, em vez de flocos mais ou menos numerosos e volumosos, se apresentam filamentos na parte superior do frasco, annuncia vento. As simples nebulosidades accusam tempo humido e variavel. Quando estas nebulosidades tendem a elevar-se, isso indica que o vento sopra nas altas regiões da atmosphera. Estes signaes são infalliveis.

O museu de arte ornamental da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa vae ser provavelmente enriquecido com os seguintes objectos, que o sr. vice-inspector d'aquelle estabelecimento requisitou ao ministerio da fazenda:

Uma custodia de prata dourada com pedras preciosas, tendo tres figuras no pé, que representam a Fé, Esperança e Caridade, tres baixos relevos de assumptos sacros, e outros adornos emblematicos. — Duas pyxides de prata rebatida e dourada, ambas do estylo do seculo XVIII. — Uma custodia de prata rebatida e dourada, tambem do seculo passado. — Uma salva de prata dourada, batida e cinzellada, da arte allemã, do seculo XVII. — Uma tigella de prata batida com duas azas cinzelladas; estylo do seculo passado. — Uma armação de prata para ampulheta, estylo manuelino, tendo as armas portuguezas cinzelladas n'uma das tampas e a esphera armillar na outra. — Uma corôa de prata cinzellada, do seculo XVII. — Um prato da arte gothica, de prata, com baixos relevos, representando grupos emblematicos das sciencias e artes. — Um prato do seculo XVII, de prata rebatida. — Uma salva de prata rebatida, com pé, estylo do seculo XVIII. — Uma guarnição de prata rebatida e cinzellada, pertencente, segundo todas as probabilidades, a uma peanha, estylo do seculo XVIII. — Treze espadas e uma faca de matto, do seculo passado. — Uma espada do principio d'este seculo e um bastão do seculo passado.

NECROLOGIA

L'ABBÉ LE PETIT

L'Association Royale des Architectes portugais vient de perdre l'un de ses doyens, mr. l'abbé Le Petit, curé de Tilly-sur-Seulles, près de Caen, secretaire général honoraire de la société française d'Archéologie.

Né à Caen, en 1794, l'abbé Le Petit avait compris, dès le début, l'importance du but poursuivi par Arcisse de Caumont dans la fondation de la société française d'archéologie, aussi avait-il cherché à concourir de toutes les forces, au progrès de cette association, qui a eu une si grande influence sur le déve-

loppement de l'archéologie et la conservation des monuments historiques en France. En 1840, la nomination de l'abbé Paysant à l'évêché d'Angers laissant libre la place de secretaire général de la société, l'abbé Le Petit fut désigné pour lui succéder et, pendant près de quarante ans, il a conservé ce titre. Dès ce moment, on le voit non seulement prendre part, à côté d'Arcisse de Caumont, à toutes les sessions tenues en France par la société, mais encore assister aux Congrès scientifiques de France et aux réunions, qui, à l'étranger, avaient un but analogue.

Travailleur aussi modeste qu'érudit, l'abbé Le Petit n'a pas laissé de grands ouvrages, mais son nom se retrouve presque à chaque page du Bulletin monumental, de l'Annuaire normand et des Comptes-rendus des Congrès. Partout où il y avait une œuvre utile, on était sûr d'y voir son nom associé à celui de mr. de Caumont.

Dans ces dernières années seulement, vaincu par l'âge et les infirmités, ayant survécu à celui dont il avait été si longtemps l'ami et le compagnon, l'abbé Le Petit avait du renoncer aux études qui lui étaient si chères et avait abandonné les fonctions délicates de secretaire général de la société à mr. Jules de Laurière qui y était depuis longtemps préparé par sa parfaite connaissance des anciens monuments de la France et de l'étranger. Investi de dignités écclésiastiques importantes, l'abbè Le Petit avait reçu aussi plusieurs autres distinctions en tête desquelles nous devons rappeler la croix de l'ordre du Christ. Depuis 1876, il comptait parmi les membres correspondants de l'Association Royale des Architectes Portugais.

Compiègne 28 janvier 1880.

COMTE DE MARSY

Inspecteur général de la Société française d'archèologie
membre honoraire de l'Association Royale
des Architectes Portugais

PAULO JOSÉ FERREIRA DA COSTA

Deixou de existir mais um artista portuguez!... O architecto o sr. Paulo José Ferreira da Costa, socio fundador e secretario da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, falleceu no dia 20 de janeiro do presente anno! Não foi sómente um collega que nós perdemos, tambem o nosso paiz conta de menos um architecto distincto, que, pelos seus trabalhos artisticos, pela sua aptidão, tinha adquirido jus á consideração de seus pares, e obtido recompensas merecidas pela sua probidade, nobreza de sentimentos e exemplar comportamento no desempenho de seus deveres, tanto como militar servindo nas fileiras constitucionaes em pró da liberdade, mas egualmente como empregado de confiança do Governo no exercicio do cargo de chefe de uma repartição do Ministerio das Obras Publicas, tendo sido promovido, pela sua antiguidade, á elevada graduação de architecto de primeira classe.

Na fundação da nossa Associação desempenhou as funcções de segundo secretario com exemplar zelo, tomando sempre parte nas discussões as mais importantes, das quaes resultassem progresso da nossa arte e engrandecimento do nosso Instituto.

De dia para dia diminue o numero dos architectos que foram fundadores da nossa Associação; mais doloroso é pois o sentimento ao lamentar a perda d'esses que pela sua dedicação á nossa nobre profissão, perseverança em pugnarem pelas regalias da classe a que pertenceram, bem como advogarem constantemente a conservação dos monumentos nacionaes, grangearam, como grangeou o sr. Paulo José Ferreira da Costa, a estima de seus collegas, os louvores dos seus chefes e tambem das pessoas que sabem dar o devido apreço á arte monumental, e que condemnam o vandalismo de que, infelizmente, ainda hoje apparecem exemplos que offendem a nossa civilisação e desacreditam as auctoridades, que toleram que elles se pratiquem!

Em breve será inaugurado na galeria da nossa Associação o retrato d'este chorado confrade, e então o seu elogio historico fará realçar o seu merecimento artistico e as qualidades que ornavam o seu respeitavel caracter. O mencionarmos os factos biographicos acima referidos, foi não só um tributo de veneração á sua memoria, como tambem o testemunho publico da estima fraternal que consagravam os socios d'esta Real Associação ao collega, cujo passamento deploramos com sentida magoa, pois era um cidadão prestante e um distincto architecto, que serviu a patria e a arte com amor e intelligencia.

O architecto

J. POSSIDONIO N. DA SILVA.

1880, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

O TRICENTENARIO DE CAMÕES

A cidade de Lisboa presenciou no dia 10 do corrente mez de junho uma das festas mais pomposas que Portugal tem visto desde o principio da monarchia até hoje.

Não nos occuparemos com a descripção da magestosa solemnidade. Já a imprensa da capital desempenhou magistralmente essa tarefa, levando a todos os pontos do globo a noticia do que um povo é capaz de fazer, quando o arrebata o enthusiasmo do amor da patria, despertado pela recordação da gloria de um conterraneo illustre.

Tambem a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes esteve representada n'esse prestito luzido e soberbo, que foi depôr corôas de honra no monumento de Luiz de Camões.

Tambem ella foi render homenagem ao nobre embaixador que a Europa (como disse Chauteaubriand) encarregou de ir saudar, cantar e pintar o Oriente, depois que a patria do Sol foi patenteada por Vasco da Gama, no cabo de uma navegação de immortal renome.

Tambem ella foi fazer preito ao *auctor do poema heroico mais nacional dos tempos antigos e dos modernos*, — ao poeta que, *nenhum como elle, desde Homero, foi tão querido da sua patria*, como atiladamente observou um afamado critico allemão.

Quem podesse agora fazer sentir as bellezas que nos *Lusiadas* deliciam os homens de fino gosto, — apreciar os encantados episodios que todos admiram, — ponderar a vasta erudição do snblime cantor, — exaltar a gloria de haver communicado á lingua portugueza a graça, a energia, a perfeição dos idiomas sabios, — encarecer o seu profundo conhecimento do coração humano, a larga experiencia do mundo, a nobre independencia do seu caracter, a austeridade das suas sentenças moraes e politicas, — consideral-o como admiravel pintor da natureza e maiormente das scenas e phenomenos do mar!...

Mas... agora reparo que tudo seria superfluo. Basta proferir o nome glorioso e immortal de Camões.

Na apotheose de Luiz de Camões deu o povo portuguez, unisono, e erguendo-se como um só homems o mais esperançoso signal de vida. Renasceu em nossos corações o amor da patria, inspirador de formosos feitos. Não deixemos apagar esse fogo sagrado! Diligenciemos antes imitar o cantor das nossas gloria, antigas, o qual, como já se disse, se foi um grande escriptor, foi ainda melhor cidadão. *Quod utinam iterum utinam!*

José Silvestre Ribeiro.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 11, pag. 171)

Posto que o templo de Edfou e o seu mammisi sejam monumentos que se acham hoje quasi soterrados debaixo dos entulhos, ou escondidos pelas choupanas das *fellahs*, os actuaes lavradores egypcios; posto que estejam destruidos e mutilados; ainda que os ornatos, na sua profusão inhabil, denotem uma visivel decadencia da nobre e magestosa gravidade da arte monumental da sua bella época, todavia o templo de Edfou, tal qual está hoje em dia conservado, póde dar ainda uma perfeita idéa da magnificencia e do grandioso da architectura do *terceiro periodo da arte monumental no Egypto*. O observador que visitar este monumento notará ter elle a maior simplicidade nos massiços, um aspecto de gravidade, e severidade em todas as suas fórmas, que são ellas o verdadeiro cunho d'esse sentimento de duração eterna, que os egypcios se esforçaram sempre de dar aos seus monumentos; além de ficar o espectador extasiado da maneira extraordinaria como se procedeu á sua construcção, composta de enormes pedras tão bem faceadas e assentes com tanto esmero que mal se divisam as suas juntas. Na disposição da planta, que é egualmente admiravel e simples de composição, elle reconhecerá a maneira bem combinada e a judiciosa distribuição d'este monumento, pois só pelo grande pateo se podia entrar no primeiro recinto do templo, e unicamente passando-se pelas salas, cada vez ficando mais aproximados do sanctuario, se conseguia penetrar nas outras salas e recintos os mais occultos do templo; finalmente estas salas e recintos indo sempre diminuindo successivamente de grandeza, indicam que mui poucos sacerdotes estavam iniciados em todos os mysterios e podiam chegar ao throno da divindade. É sem fundada razão que se tem acreditado, que as ceremonias religiosas d'este povo, eram baseadas sobre a superstição, porque se elles offertavam aos deuses as melhores producções da terra, tanto dos animaes como dos vegetaes, se as solemnidades religiosas se praticavam com tão grande pompa, era de proposito essa magestosa representação para dar maior veneração ao *Deus Creador de todas as cousas*. Na maneira de ornarem os monumentos, o observador reconhecerá que todos os vegetaes e animaes eram os symbolos consagrados do Egypto; por que o uso de escrever d'este povo sendo figurativo, fazia que se exprimisse egualmente pelo modo emblematico; eis-aqui a razão por que escreviam com allegorias, sendo as fabulas e os discursos enigmaticos os mais antigos com que se transmittia a historia dos povos do mundo: portanto n'este conjuncto de preceitos, de regras e de estabilidade de formas e ornamentação se avaliará que a architectura egypcia não é uma arte sem principios definidos, mas sim o resultado da constituição do seu solo, clima e producções. Esta architectura, que revela a verdadeira expressão das necessidades religiosas e politicas d'aquella epoca, e que, pela sua magestosa apparencia e magnificencia, nos dá uma elevada idéa da pompa da sua religião, collocou a civilisação d'este povo no maior auge entre todos os povos. Merecem os egypcios a nossa profunda admiração, pois se foram grandes nas sciencias, não foram menos protectores esclarecidos das bellas-artes, sem as quaes teriam ficado para nós ignorados os maiores e mais importantes factos historicos d'essa nação tão respeitavel pela sua sabedoria, leis e costumes. Se não fôra a sua arte monumental, como poderiamos avaliar, no fim de quarenta e um seculos, qual era o seu estado politico, religioso e social?

Explicação dos geroglíphicos

Sem duvida se terá reparado que os monumentos do Egypto apparecem todos elles cobertos não só de esculpturas, mas tambem de alto a baixo cheios de jeroglíphicos, por estarem estampados sobre os monumentos que representam differentes objectos de fórmas conhecidas; porém o véo mysterioso da sua significação só se rasgou no fim de 2:000 annos; sabemos, pois, que elles representavam uma linguagem emblematica. Não ha duvida que a civilisação do Egypto disputava em antiguidade ás mais remotas civilisações da India, egualmente não se ignorava que o Egypto tinha sido tambem a patria das artes, da philosophia e das sciencias; a Grecia havia n'ella colhido os preceitos da sua sabedoria, vindo a iniciar-se nas leis e costumes d'esse povo tão respeitado da antiguidade: todavia conheciam-se apenas alguns detalhes veridicos no seculo passado a respeito das suas artes e da sua religião: exceptuando as informações que nos deixaram os escriptores antigos, não tinhamos mais do que os seus monumentos para nos esclarecer com dados positivos a este respeito. Por quanto, os monumentos que cobrem o solo da Africa oriental, além de serem curiosos como gigantescas producções da arte monumental, são tambem as suas pinturas e esculpturas que os

ornam, paginas immensas onde lêmos todo o passado d'esta grande nação.

Parecia que os sabios ficariam condemnados a não se afastarem do campo das hypotheses, fazendo meras conjecturas a respeito da significação d'esta lingua figurada: felizmente o acaso veiu explicar o sentido d'esta escripta por tantos seculos ignorada. A expedição de Napoleão I ao Egypto, em 1799, deu logar a que os operarios francezes achassem nos caboucos da fortaleza de S. Julião á Rosetta, cidade situada a 9 kilometros de Alexandria, uma pedra que tinha gravadas em concavo tres inscripções, em tres caracteres differentes; uma d'estas inscripções era em grego, e declarava que sobre esta mesma pedra estava gravado um decreto em jerogliphicos em caracteres populares, e outro egualmente em grego: com estes elementos se poude formar um abecedario, e por meio dos trabalhos feitos pelo Dr. Th. Young, Champollion conseguiu immortalisar-se, compondo a grammatica Egypcia; na qual se explica o systema de escripta d'estes povos, que se compõem, em resumo, da maneira seguinte:

A escripta dos jeroglиphicos representa directamente os objectos, ou as idéas metaphoricas d'esses mesmos objectos; outra é a escripta hieratica, que parece ser uma abreviação, ou simplificação d'esses signaes Jeroglиphicos; e ha finalmente a escripta domestica, ou vulgar, que se assemelha á hieratica; porém é muito mais simples e mais alfabetica.

Por esta fórma os annaes da civilisação d'esta nação foram arrancados das trevas e do esquecimento em que ha tantos seculos jaziam mysteriosos á penetração das gerações modernas; e graças ao talento e ás investigações dos sabios e dos estudiosos, a intelligencia humana alcançou levantar mais um padrão de gloria ao progresso intellectual da presente civilisação.

Devo concluir fallando da arte monumental do Egypto, dando noticia da obra a mais colossal em esculptura que possuimos da antiguidade; e se ella mesma não se recommendasse como obra monumental, haveria ainda, para motivar a nossa admiração, um singular phenomeno: a estatua designada com o nome de Memnon (posto que não seja o verdadeiro que se lhe deva dar), aquella que está representada do lado do norte, da vista *N*, e a outra que occupa o lado direito do quadro, obrigou durante dois seculos centenares de pessoas a irem observar o *som produzido* por esta *celebre estatua*, que causou tanto assombro aos grandes da terra, e terror á ignorancia supersticiosa do maior numero de homens, pertencentes a diversas nações antigas. Será ainda á sciencia moderna, que deveremos egualmente a explicação d'este phenomeno que parecia sobrenatural, e havia ficado occulto para tantas gerações extinctas.

Ha na extremidade oriental das ruinas do mais grandioso monumento de Thebas, o palacio edificado pelo pae de Sesostris, da era de 1661 antes de Jesus Christo. Vê-se só hoje dominada apenas a planicie d'esta Cidade Santa, como antigamente a denominavam, por dois famosos colossos que teem de altura 20 metros, dos quaes, aquelle do lado do norte, como já referi, é conhecido com o nome de colosso de Memnon. Cada um d'elles é formado de uma unica pedra inteiriça, de granito *breche*, transportados das pedreiras da Thebaide superior, e estando collocados sobre enormes bases. Estas duas estatuas representam sentadas duas personagens reaes, na attitude do mais perfeito descanço, conforme o invariavel caracter dado ás estatuas pela esculptura egypcia. Estes dois colossos ornavam a fachada exterior do principal pylono de um soberbo palacio em ruinas, que pela sua excessiva extensão e preciosos fragmentos mostra qual era a grandeza e magnificencia que os soberanos do Egypto empregavam nas edificações de suas reaes residencias.

Posto se lhe dê um nome errado, hoje sabe-se positivamente que um d'estes collossos representa a mãe de Aménophos III, que foi o pae do grande Sesostris: o outro é o da mulher do rei, chamada Paia, e pertence á era de 1680, antes de Jesus Christo. A parte inferior do throno de cada um dos colossos está ornada com figuras de mulheres em pé, tendo de altura $4^{m},95$, esculpidas sobre a propria pedra do monolitho; estas duas estatuas ornavam a fachada exterior do principal pylono, e ligavam-se ao palacio edificado por Aménophos III. As descripções que nos deixaram os historiadores da antiguidade e as numerosas inscripções gregas e latinas gravadas sobre este mesmo monumento, certificam que do colosso mutilado *saiam sons harmoniosos*, desde o momento que era ferido pelos raios do sol ao amanhecer! O colosso que produzia estes sons estava quebrado pelo meio, em consequencia de um terremoto acontecido no anno 27 da nossa era. Ora, o fragmento da estatua mutilada, que ficou ligado á base, era aquelle que produzia esses sons extraordinarios.

Das setenta e duas inscripções gravadas sobre as pernas e as costas do colosso, pelas pessoas que dão fé d'este phenomeno, a mais notavel é da poetisa Julia Balbilla, que, tendo acompanhado o imperador Adriano para observar esta singularidade, gravou em versos latinos a declaração do que tinha presenciado, conforme a seguinte traducção:

«Eu tinha sabido que o egypcio Memnon, aque-
«cido pelos raios do sol, fazia ouvir uma voz saída
«da pedra arrancada da pedreira Thibana. Tendo
«avistado Adriano, o rei do mundo, antes do nas-
«cer do sol, elle o saudou conforme o seu costume.

«Porém quando o Titão, atravessando os ares sobre «os alvos corseis, occupa a segunda parte das ho-«ras marcadas sobre o quadrante, Memnon dava «novamente um som agudo, como se fosse ferido «por um instrumento de bronze; e, cheio de jubilo «pela presença do imperador, elle vibrava pela ter-«ceira vez. Adrianno, o imperador saudou Memnon «egual numero de vezes, e Balbilla escreveu estes «versos compostos por ella mesmo, que narra tudo «aquillo que ella distinctamente viu e ouviu. Fi-«cando evidente para todos, que os deuses amam o «imperador».

Por este testemunho, se prova a verdade do phenomeno, bem como faz ver, que em todos os tempos ha poetas que sabem ser aduladores dos reis. Mas desde o momento em que se restaurou esta estatua com outras cinco pedras, obra mandada fazer pelo imperador Septimo Severo, o colosso maravilhoso ficou mudo! e desde então até ao presente, não se ouviram mais os sons que tinham causado a sua celebridade, não obstante o sol não ter mudado o seu curso diurno, nem os seus raios terem diminuido o grau de sua temperatura. A boa vontade do imperador romano foi inefficaz, querendo conservar o encanto á estatua de Memnon, veiu a sua restauração contribuir para aniquilar a sua celebridade; não basta só haver uma vontade poderosa, para se obter um feliz exito, pois nem sem pre ella póde vencer os obstaculos, quando isso depender do estudo da sciencia e da superior intelligencia, para se conseguir penetrar os segredos maravilhosos da natureza.

Não ha duvida que do colosso de Memnon, ao nascer do sol, saíam sons, effeito este de facil explicação hoje. Como em todos os paizes abrazadores, n'aquelle apparecia durante a noite uma abundante humidade produzida pela cacimba, a qual humedecia toda a superficie da estatua, mas tão depressa os raios do sol, logo ao amanhecer caiam e penetravam no lado quebrado, faziam seccar repentinamente essa humidade, dando em resultado que os póros de que é formada a qualidade do granito breche, posto que de pedra rigida, porém um pouco elastica, produziam uma contracção motivada pela evaporação, fazendo estremecer as suas moleculas, e n'esse mesmo momento ouvia-se uma vibração rapida de um som particular; todavia desde a época em que o imperador Septimo Severo fez restaurar esta estatua, esse phenomeno cessou para sempre: porque sendo de uma outra qualidade a pedra empregada n'esse concerto, e ficando a superficie liza e continua, annullou a transmissão do som. O imperador romano Adriano e sua mulher Sabina foram de proposito ouvir o som d'esta estatua vocal no anno 130, como ficou gravado na base d'este monumento, para commemorar esta memoravel viagem, como já haviamos dito.

Todos os monumentos egypcios comprovam, que a architectura e esculptura tinham alcançado o mais notavel desenvolvimento, na época da dynastia dos Pharaós que mandaram fazer aquellas estatuas, assim como a composição dos pylonos confirma a idéa dominante como representavam os egypcios a sua arte monumental, cogitando sobretudo em surprehender a imaginação por combinações de grandes fórmas em todas as suas obras d'arte, como mais de uma vez temos demonstrado. Entre o numero dos templos é curioso aquelle de Denderah [1], cidade do alto Egypto, composto no interior por duas ordens de columnas; assim como pela fórma elegante dos capiteis d'essas columnas que são ornadas com as cabeças da deusa Isis tendo orelhas de vacca; destruiram estes risonhos rostos, martellando-os, os primitivos christãos: lastimavel esse vandalismo, por ser tambem obra mandada fazer por uma princeza, que pela sua rara belleza, espirito elevado e crimes inauditos, foi celebre na historia antiga; era a filha do ultimo Ptolomeo, descendente do fundador da dynastia grega, que reinou no Egypto 293 annos; a formosa Cleopatra [2], rainha do Egypto, a qual tinha fundado este esbelto templo em honra de *Hathor*, a Venus Egypcia, na era de 45 antes de Jesus Christo. A sua architectura é grandiosa, e posto que n'esta época já a esculptura estivesse em decadencia, ainda que seja a architectura a arte menos sujeita a variar, continuava ainda a florescer, e era digna dos deuses do Egypto e da admiração de todos os seculos. N'este templo foi encontrado um zodiaco do tempo dos Ptolomeos, o qual levaram para França em 1821.

Fomos um pouco extensos em descrever a arte monumental dos egypcios, por ser a unica architectura, que na historia universal tenha durado uma serie de annos tão consideravel. Notamos egualmente que esta arte monumental principiou pelos templos das Pyramides, que foram construidas quatro mil annos antes da era vulgar, e sendo estas mesmas construcções continuadas por espaço de dois seculos e meio; e quando se executaram estes grandiosos monumentos, já os egypcios deviam ter tido uma prolongada existencia social, para que estivessem habilitados para construir similhantes edificios; vindo estas considerações confirmar o que haviamos apontado ácerca da origem da sua arte monumental, bem como haverem os egypcios exercido uma influencia, e uma acção mais ou menos directa sobre a civilisação geral dos povos da raça Thibana. Fi-

[1] Os modelos d'estas esculpturas estão actualmente expostos no museu do Carmo.

[2] O seu retrato em esculptura tirado do original está exposto no museu do Carmo.

zemos vêr tambem que esta influencia e esta acção dimanava da auctoridade religiosa, a qual exercia o seu poder absoluto sobre as bellas-artes, e mui principalmente na architectura, fazendo-a immudavel, como são as estatuas que ornam os seus grandiosos monumentos; esta constante preseverança nos convencerá não só da sua tão remota antiguidade, como da rigorosa persistencia em conservar á sua arte monumental sempre o mesmo caracter invariavel de fórmas colossaes.

Tendo-se feito recentemente no Egypto, umas importantissimas descobertas devemos fazel-as conhecidas; e tanto mais ellas serão apreciadas, não só pelo seu numero extraordinario de 31:000 objectos, como principalmente por pertencer á mais remota antiguidade no mundo. Tendo sido os Templos descobertos, o famoso *Serapeum dos Egypcios e dos Gregos,* assim como da estupenda estatua que tem de antiguidade 6:000 annos; portanto merece occupar-nos em seguida d'estas interessantes raridades archeologicas, para concluirmos o estudo da architectura do Egypto.

(Continúa)

O architecto

J. P. N. da Silva.

A BASILICA DE MAFRA

...The extent of Mafra is prodigious: it contains a palace, a convent, and *must superb church.*

Byron.

Rico e magestoso na fórma, arrojado na execução, magnificente e bello nos primores de arte que ostenta, o templo é a peça mais recommendavel do monumento de Mafra. Ao transpôr os umbraes do famoso sanctuario, esse complexo de bellezas, onde o genio do homem elevado ao mais alto grau resplandece e scintilla de todas as partes, formando nas suas manifestações multiplices como que a visão de um mundo superior, não póde o observador esquivar-se a uma impressão de respeito e alegria, e fica subjugado por sentimentos tão suaves como profundos. Por toda a parte, desde o solo até ás abobadas, brilham os mais bellos marmores, os mais graciosos mosaicos animados pelo cinzel de habeis artistas.

A grande nave central ornada de pilastras compositas e canneladas, as duas naves lateraes cujas capellas se communicam pelos seus altivos porticos de marmore preto preciosamente polido, o cruzeiro, cujos arcos soberbos guarnecidos de lindos florões sustentam a cimalha onde se apoia o zimborio, os seis orgãos collossaes com seus formosos ornatos de metal, os cancellos e os candelabros do melhor gosto artistico, os magnificos retabulos de fino calcareo, as estatuas de marmore de Carrara... tudo isto é coroado pela magestosa cupula do zimborio, peça que por si só constitue um monumento admiravel. O espirito mais indifferente, menos esclarecido, solta insensivelmente uma exclamação de surpresa e de admiração, ao presenciar tantas maravilhas; mas depois que o assombro desapparece, que o cerebro e a alma estão — por assim dizer — desanuviados das primeiras e fortes impressões, é então que se aprecia o espectaculo sublime e o contorno d'essas producções famosas, que só o genio arrebatado póde produzir. Por toda a parte e em tudo nota-se a fecundidade de imaginação, a delicadeza das molduras e dos ornatos, a belleza das folhagens, das flores, das rendas, dos metaes, e a prodigalidade da esculptura nos altos relevos, cujos detalhes são expressos com a maior felicidade e precisão, e onde as figuras parecem respirar — tal é a fidelidade com que traduzem os sentimentos que lhes quizeram fazer exprimir.

Não deporia muito a nosso favor se, para avaliar o grandioso templo, nos fosse necessaria a opinião dos estrangeiros; todavia bom é cital-os, porque o seu juizo é insuspeito — «Nunca vi, disse Beckford, um conjuncto de formosos marmores como o que resplandece por cima, por baixo e ao redor de nós: o pavimento, a abobada, a cupula, e até o lanternim são forrados dos mesmos preciosos materiaes: rosas, grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas, enriquecem todas as partes do edificio: nunca vi capiteis corinthios melhor modelados e esculpidos.» Raczynski disse: «A egreja toda fórma um conjuncto harmonioso de proporções e de côres: é um modelo de architectura.» Não ha muito disse-me um viajante inglez, depois de ter examinado a egreja com a maior attenção: Quem tem Mafra não precisa viajar para ver monumentos e obras de arte.» E este homem contou-me que tinha percorrido a Europa.

Descrevamos:

A egreja tem a fórma de uma cruz latina, A nave principal, de 33,^{m}5 de comprimento por 12^{m} de largura, constitue o pé da cruz; o cruzeiro, cuja projecção horisontal é de 46,^{m}3, fórma os braços; e a capella mór, de 16,3, servindo de prolongamento, é o remate da cruz; e finalmente toda a linha de projecção horisontal, contada da porta da entrada ao fundo da capella mór, tem 63^{m}; e a linha vertical tirada do eixo da abobada tem 21,^{m}5.

No centro do cruzeiro eleva-se o zimborio.

A luz judiciosa e abundante, mas não superflua, derramada pelas janellas da nave do cruzeiro e do zimborio banham suavemente o espaço; e quando os raios do sol se introduzem estendendo-se parallelamente á grande nave central e finalisando no

cruzeiro, reforçam a elevação cruciforme; e pelo prolongamento além do cruzeiro, formam aos lados da capella mór as duas capellas do transepto.

Cada nave lateral tem tres capellas separadas, que se communicam entre si pelos soberbos porticos de marmore preto, polido, com ornatos de diversas côres — os porticos, além de mui ricos festões apresentam no sobre-arco e em cada uma de suas faces, um semi-circulo com um baixo relevo de marmore, allusivo a certas passagens da Escriptura. Estes baixos relevos são obra de Braz Toscano de Mello.

Todo o trabalho de esculptura é posterior á edificação geral: os quadros que ornavam os altares eram de pintura; mais tarde Alexandre Justi, ou Giusti, nascido em Roma em 1715, e que viera a Portugal em 1747 acompanhar as peças da capella de S. João Baptista, foi encarregado por D. José I de crear a escola de esculptura em Mafra, o que teve logar em 1753, vencendo elle 60$000 réis mensaes, além de uma gratificação por cada trabalho executado. Esta eschola, a primeira, mais numerosa e importante de Portugal, foi depois dirigida por Laborão, por Machado de Castro, e ultimamente por Braz Toscano de Mello, discipulo de Justi, e fallecido em Mafra em 1823. A eschola fechou em 1820. Ainda existe um discipulo d'essa eschola, o sr. Estevão Antonio Jorge, actualmente administrador da real tapada.

Desde a creação da eschola sempre n'ella trabaharam artista sportuguezes; e diz Cyrillo que Giusti aggregara a si dois desbastadores: Antonio Luquez e Francisco Alves Canada, e com elles fizera o retabulo dos Santos Bispos, que collocou em 1755, antes do terremoto; e que de dois em dois annos concluia mais um, e se foram seguindo: o Santo Christo, Nossa Senhora do Rosario, as Virgens, os Martyres, os Confessores, a Sacra Familia, e a Coroação de Nossa Senhora. Antes de acabar este ultimo retabulo, o grande esculptor perdeu a vista; parece que pelo excesso de trabalho de noite. Conta o sr. Estevão A. Jorge, pelo ter ouvido a Braz Toscano, que Justi modelava de noite, á luz escassa de duas vélas de cebo; e era tão perito que, mesmo cégo, examinava os trabalhos, apalpando os, e fazia as observações ácerca da execução da obra. Justo falleceu em 1799.

Trataremos das capellas e dos retabulos pela ordem da sua collocação.

Cada capella tem um altar com seu retabulo, e quatro estatuas de marmore de Carrara, mettidas em nichos abertos nos respectivos angulos. Estas estatuas, de grandeza maior que o natural, e assignadas por artistas italianos, representam os doutores, os apostolos, os evangelistas, etc. Cada uma das capellas mede 8^{m},8 por 6^{m},8; e os quadros de calcareo branco finissimo, entre duas columnas de marmore côr de rosa, teem 3^{m},5 por 22^{m}. O retabulo da primeira capella denominada das *Virgens*, na nave lateral direita, entrando no templo, apresenta em meio e alto relevo um grupo de figuras, entre as quaes sobresaem, com admiravel expressão, Santa Isabel rainha de Portugal, com o caracteristico de rosas no regaço do manto, Santa Isabel de Hungria, e Santa Clara. Na parte superior do quadro apparece a Virgem que com o manto cobre o grupo: dois anjos coroam a Virgem, em tanto que outros se projectam entre nuvens. O rosto da Mãe de Deus é de uma suavidade arrebatadora. Tem o cunho da perfeição moral que não póde deixar de se attribuir á Virgem divina.

A segunda capella, denominada dos Confessores, apresenta no seu bello quadro de S. Luiz, rei, Santo Ivo, S. Bernardino, e outros; a cabeça d'este ultimo é de uma execução maravilhosa — nada ha mais bello nem mais expressivo — é um prodigio de perfeição; e além d'isso, ha ainda a notar a abundancia de desenho, de bordados e de ornatos tão graciosos, que prendem a attenção do observador. Na parte superior do quadro está a Virgem com o menino nos braços, rodeada de anjos, um dos quaes lhe offerece um açafate de flores.

A terceira capella é denominada dos *Martyres*. — Um grupo d'esses heroes do Christianismo constitue o quadro do altar. Os rostos de todos os personagens são suaves, mas exprimem angustia com tanta verdade, tanta correcção que provocam interesse e respeito. O grupo tem quatro figuras de perfil, em alto relevo; e no fundo do quadro apparece uma em baixo relevo, que contrasta com muita sciencia. Na parte superior vê-se a Virgem com o Menino Jesus, cercada de anjos que seguram açafates de flores, corôas e palmas.

A primeira capella da nave lateral esquerda, entrando, é a do *Santo Christo*. O retabulo representa a scena da tremenda tragedia do Calvario, mas com uma poesia admiravel que transparece nas feições dos personagens que formam o respeitavel grupo. A figura do Christo crucificado é a um tempo severa e doce, divina e humana. S. João e as filhas de Jerusalem, chorando junto da Mãe de Deus, produzem um effeito tão pathetico que não póde deixar de sentir-se; e a Magdalena abraçada aos pés da cruz esparge, roçando a terra, a longa trança de seus cabellos. Maria, a suave Madona, inspiradora e casta, olha para o Filho com uma ternura e resignação que se não descrevem. Uma das mulheres exprime tão vehemente dôr que a natureza não a póde exceder: falta-lhe apenas a voz, e deseja-se o ver correr-lhe as lagrimas. É um prodigio de estatuaria. Diz-se que Gentil, para executar o seu famoso Christo para a egreja de S. Martinho, em Langres, crucificára um

homem em vida, para com mais verdade representar o assumpto; mas Justi não precisou torturar ninguem, para estudar e produzir tão admiraveis figuras. Este quadro é um verdadeiro poema escripto em pedra, que só uma inspiração e muito saber podiam realisar.

A segunda capella é a denominada dos *Bispos*. O respectivo quadro é composto de um grupo de figuras distinctas d'esses homens que occuparam os altos cargos da egreja; a roupagem é excellente, e são muito mimosas e delicadas as rendas dos bordados e dos arminhos. Está na parte superior do quadro a Virgem com o Menino, e aos lados muitos anjos sustentando as insignias episcopaes.

A terceira capella é a do *Rosario*. Na parte superior do retabulo vê-se a Virgem dando o rosario a S. Domingos, que o recebe em posição nobre e respeitosa, em quanto que S. Francisco se acha ao lado, em postura devota e humilde. O resto do quadro compõe-se de anjos, um dos quaes offerece á Senhora um açafate com flores.

(Continúa)

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

POLICIA DOS ANDAIMES E BAILÉOS

Em virtude dos repetidos acontecimentos funestos, causados pela negligencia, facilidade, e talvez mesmo ignorancia das pessoas e artistas incumbidos de construir e preparar tanto os andaimes fixos, como os moveis denominados bailêos, o prefeito da policia, em França, nomeou uma commissão para estudar os meios que seria util e necessario ordenar aos empreiteiros de trabalhos publicos, mestres, operarios e mesmo quaesquer outros individuos encarregados de taes trabalhos, a fim de evitar os accidentes desastrosos, resultantes do emprego de andaimes fixos ou volantes de pouca solidez.

A commissão, acabando o trabalho que lhe fôra commettido, submetteu á approvação do prefeito da policia um projecto de regulamento ácerca do assumpto.

Em consequencia pois d'aquella proposta, foi ordenado se publique uma determinação regulamentar concernente á construcção, segurança e emprego dos andaimes nas ruas publicas.

São tão justas e acertadas as determinações ordenadas por aquella zelosa auctoridade policial que nos despertou a idéa de aqui as publicar, desejando que as auctoridades e pessoas que tem a superintender no nosso paiz em tal objecto, se compenetrem da urgencia que ha de que taes indicações de humanidade, segurança e commodo sejam adoptadas em Portugal, onde é tão descurada, tanto pelas auctoridades, como pelos artistas e trabalhadores, a segurança dos andaimes, e attenção pela commodidade do publico.

É infelizmente assaz sabido que se não passa um anno, um mez, e talvez mesmo uma semana em que não haja a lastimar algum acontecimento desastroso, causado pela imprevidencia ou sordida mesquinhez na preparação dos andaimes.

Falta de estabilidade, madeiras ou metaes sem a resistencia e solidez conveniente;

Cordas e correntes fracas, usadas, convalidas e mal gornidas;

Má construcção e segurança do plano, bem como dos resguardos, quando mesmo os ha;

Falta de travação, exiguidade nos agulheiros, diminuta extensão nos supportes n'elles contidos:

São defeitos que ordinariamente se vêem nos andaimes e bailêos que se empregam nas diversas obras e que dão causa a tanta desgraça que ha a lamentar.

Alem das desgraças que julgamos as auctoridades devem fazer o possivel para evitar, ha ainda uma outra circumstancia que, comquanto não seja funesta, não deixa comtudo de occasionar muitas vezes graves inconvenientes e transtornos, em relação á falta de attenção para com o commodo do publico.

Publicando pois o edital da auctoridade policial de França, estimaremos que a auctoridade competente em Portugal a imite.

Andaimes fixos apoiados ou não nas faces das paredes e frontarias

Artigo 1.º Todo o andaime fixo apoiado ou não nas paredes, terá o seu plano (tablado) guarnecido pelos tres lados de guarda corpo.

Art. 2.º As pranchas dispostas atravez dos agulheiros horisontalmente para formar o plano (estrado) devem ser dispostas bem juntas e que tenham o sufficiente comprimento para alcançar pelo menos tres agulheiros.

Art. 3.º Os guarda-corpos (resguardos) terão pelo menos 90 centimetros de altura; os quaes serão inteiriços ou compostos por uma travessa solidamente apoiada.

Quando não forem inteiriços devem ter um plin-

tho ou rodapé, que tenha pelo menos 25 centimetros de altura.

Art. 4.° Todo o andaime que exceder 6 metros de altura será munido de um plano de segurança, construido nas condições indicadas nos artigos antecedentes e fixo a 4 metros pouco mais ou menos acima do solo da rua.

Art. 5.° O local onde trabalharem os operarios será guarnecido de pannos para evitar a queda de poeira, e evitar que possam cair na via publica fragmentos de pedras, ou porções de aviamento.

Andaimes fixos em «bascule»

Art. 6.° As peças dispostas em *bascule* para sustentar o andaime devem ser resistentes e em perfeita esquadria, sendo em madeira, e sendo em ferro, com grossura conveniente.

As disposições dos artigos 1.°, 2.°, 3.° e 5.° são em tudo applicaveis aos andaimes em *bascule*.

Andaimes suspensos moveis

Art. 7.° Todo o andaime movel terá o seu plano guarnecido por guarda-corpos nas suas quatro faces, e será suspenso pelo menos por tres cordas.

Art. 8.° O plano quer seja de metal ou de madeira, será composto por peças resistentes, e solidamente ajustadas e seguras.

Art. 9.° Os guarda-corpos serão compostos de prumos e travessa tendo 0m,90 de altura nos tres lados em frente da parede, e de 0m,70 no lado que lhe fica em face. Os prumos devem ter de espaço de uns aos outros 1m,50 e ser solidamente fixos no plano, e terão em roda de todo o andaime um plintho de 0m,25 de altura pelo menos.

O conjunto de plano, guarda corpos e plintho é o que forma *la cage*, bailéo, o qual deve ser bem ajustado e seguro em todas as suas partes, e bem seguro nos pontos da suspensão.

Art. 10.° As cordas de suspensão devem ser adaptadas a estribos de ferro que atraquem o plano e vão atracar tambem pelo lado externo os corrimões dos guardas-corpos, e acabando por um gancho em espiral.

Devem manobrar por meio de cadernaes apoiados nos logares mais firmes e resistentes da construcção, não podendo portanto servir para isso o madeiramento, os peitoris, grades de janellas e outras construcções fracas do edificio.

Disposições geraes

Art. 11.° As precedentes disposições não modificam em nada as determinações policiaes prescriptas no titulo 2.° da determinação de 25 de julho de 1862 relativas aos trabalhos executados nas propriedades ao longo das ruas publicas.

Esta determinação será impressa, publicada e affixada nos logares publicos.

O chefe da policia municipal, os commissarios de policia e seus immediatos, bem como os architectos das obras publicas, são encarregados de vigiar no que lhes competir a execução d'esta ordem.

A simples leitura d'este documento mostra claramente o acerto e a prudencia que o dictou. Muito folgariamos, se vissemos adoptadas no nosso paiz, tão prudentes como humanitarias disposições em beneficio dos operarios e commodidade do publico.

F. J. de Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

TEMPLO DO ESPIRITO SANTO DE PORTALEGRE

UMA ANTIGUALHA

É um dos mais antigos templos da cidade, onde se venera a imagem do Espirito Santo, e a da Senhora da Alegria, que primeiramente se chamou do Castello.

Segundo um documento de 29 de abril de 1696, que é a leitura nova dos antigos estatutos da Confraria do Espirito Santo, de data desconhecida, mas que estavam em vigor no tempo d'el-rei D. Sebastião, foi instituida esta confraria no reinado de D. Affonso III, que reedificou Portalegre, ampliando-a depois el-rei D. Diniz.

Sem tratarmos agora das vicissitudes, por que tem passado esta confraria, que foi opulenta, e manteve uma albergaria e um hospital, antes que a rainha D. Leonor fundasse as casas de misericordia, diremos sómente, que no templo do Espirito Santo muitos annos se conservou um cippo romano, de grande importancia, que se achou ao abrir seus alicerces.

Era um marmore quasi quadrado, e que parecia haver sido pedestal ou peanha de alguma estatua, em suas molduras e cornijas.

Quando o bispo D. Fr. Amador Arraiz gover-

BOLETIM
Da Real Associação dos Architectos
e Archeologos Portuguezes

LISBOA
Sala principal do Museu Archeologico do Carmo
1880

nava a diocese de Portalegre, servia este marmore de cepo, onde se lançavam esmolas.

Foi transferido no seculo passado este monumento para os Paços do Concelho, onde se conserva encravado na parede da sala de entrada. Tem a seguinte inscripção:

IMP. CAES. L. AURELIO
VERO AUG. DIVI ANTO-
NINI F. PONT. MAX.
TRIB. PO. CON. II. P. P.
MUNICIP. AMMAI.

Cuja significação em nossa lingua vulgar é esta: *O Municipio Ammai dedicou esta estatua ao Imperador Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, filho de Divo Antonino Pontifice Maximo, Tribuno do Povo, Consul duas vezes, Pai da Patria.*

Dissemos que era de grande importancia este cippo romano, porque na sua inscripção se fundam os auctores, que a Portalegre attribuem o nome latino Ammaia. E, na verdade, este nome se acha no mappa, que sob a epigraphe *Lusitania Vetus* se acha incorporado na importante obra do Dr. Levy Maria Jordão, intitulada *Portugaliae Inscriptiones Romanas*, etc.

R. DE G.
Socio correspondente

MUSEU DO CARMO EM LISBOA

A photographia que sae com este numero do boletim representa a principal sala da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes durante a exposição das collecções que o sr. visconde de S. Januario trouxe da America do Sul, constando de antiguidades, aves, mineraes, cartas geographicas, etc., para serem offerecidas aos diversos estabelecimentos scientificos nacionaes; representa juntamente as outras antiguidades que já existiam no museu, objectos dignos de serem descriptos, pelo seu merecimento artistico e archeologico. É muito conveniente o divulgar-se as collecções alli reunidas por vistas photographicas a fim de apresentarem no seu conjunto a sua curiosa perspectiva. A que publicamos abrange a maior parte d'aquelle recinto e os seus numerosos e diversos objectos modernos e antigos, que, prendendo a attenção dos viajantes instruidos, servem de attractivo aos cultores da sciencia archeologica, tanto nacionaes como estrangeiros.

Avulta no extremo da sala, no ponto mais elevado, o retrato de sua magestade a rainha a sr.ª D. Maria Pia, com o qual sua magestade se dignou presentear e honrar a real associação logo em seguida á visita que fez a este museu acompanhada pelos seus augustos filhos, e em memoria de ter examinado aquellas collecções archeologicas: ficando o retrato da soberana por cima do logar occupado pela mesa da presidencia. Ao lado direito d'esta, está o busto de sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, o protector e presidente perpetuo da referida associação; busto que foi offerecido por sua magestade, e que ornava a sua galeria do palacio das Necessidades, distincção que egualmente testemunha quanto presa sua magestade a conservação das antiguidades nacionaes, e em quanto avalia o zelo e a perseverança dos esforços d'esta real associação, em dotar o paiz com um museu tão util, não sómente para os estudos anthropologicos como egualmente por patentear o culto que em Portugal se consagra ás antiguidades prehistoricas pertencentes ao nosso paiz e ás outras regiões do globo a fim de se conhecer qual tem sido o desenvolvimento progressivo da civilisação da humanidade.

Vê-se pois sobre as paredes d'este vetusto e venerando monumento do Carmo os retratos a oleo de antigos architectos portuguezes que abrilhantaram a sua nobre profissão e o seu paiz com edificações importantes; sobresaindo entre elles os dois affamados architectos Affonso Domingues, que construiu o soberbo convento da Batalha, e Botaca que delineou a admiravel construcção da egreja dos Jeronymos em Belem; estando os seus bustos em caixilhos circulares. Entre esses retratos apparecem outros em photographia pertencentes aos mais insignes architectos estrangeiros das nações mais cultas, os quaes são socios honorarios da nossa associação.

Por baixo do retrato dos architectos estão suspensos mappas geographicos pertencentes á preciosa collecção scientifica que o nosso digno socio o sr. visconde de S. Januario colligiu com grande zelo scientifico durante a sua missão diplomatica nos paizes da America do sul, e com a qual veiu enriquecer os estabelecimentos scientificos do nosso paiz. Sobre as banquetas que guarnecem os dois lados d'esta sala estão expostas as obras litterarias, artisticas e scientificas que fazem parte da citada collecção e foram publicadas na referida America. Nota-se no topo da banqueta do lado esquerdo, estando encostado ao pedestal do busto d'el-rei o senhor D. Fernando, o diploma de honra, que foi conferido ao nosso illustre diplomatico pela sociedade de 1.º de dezembro da capital do Perú em consideração á sua reconhecida illustração. Na parte inferior da banqueta estão quadros com modelos em gesso representando as reproducções dos elegantes arabescos de Alhambra e de Granada.

Ao fundo, entre os dois candelabros antigos de metal e sobre a mesa que está encostada na pa-

rede que fórma a extremidade da sala vê-se pousada em poleiros, que occupam toda a largura da dita mesa, e sobre cavallete apropriado, uma variada collecção ornithologica mexicana. São mais de 100 exemplares de aves formosissimas; estando o poleiro superior guarnecido com as aves de maior vulto. Entre estes poleiros distingue-se uma superficie branca de um quadro que encerra o diploma conferido á nossa associação, na exposição universal dos Estados Unidos, da medalha que lhe foi votada em 1878. Entre os outros poleiros da parte de baixo vêem-se photographias das differentes cidades da America do Sul. Distinguem-se do lado direito entre a mesa e o candelabro, um modelo de esculptura de um calque tirado do templo egypcio de Denderah, assim como um outro que está collocado do mesmo lado direito da vista geral da sala no seu primeiro plano junto á margem da estampa. Separa o mesmo candelabro da esculptura egypcia um quadro que lhe fica á direita, o qual contém mais de 200 cartas de visita de estrangeiros que de passagem por Lisboa teem ido vêr este museu.

Uma grandiosa mesa de mais de quatro metros de comprimento com columnas de pés torneados, que está collocada no meio da sala na direcção longitudinal, vê-se guarnecida de numerosos e diversos objectos: outros estão em cima de duas *étagères* duplas separadas por um grande vaso de louça da antiga fabrica do Rato, sobre o qual em uma elevada hastea dividida por poleiros alternados estão pousados lindos passaros com brilhantes e diversas côres, provenientes do mesmo paiz; sobresaindo duas aves com reflexos metallicos e grandissima cauda de uma belleza encantadora.

No primeiro plano, que forma o topo da citada mesa, é occupado o primeiro renque por duas estatuas de barro vermelho, sentadas sobre os calcanhares, representando um rei e uma rainha do antigo Mexico, com os respectivos emblemas de realeza, adornos proprios do seu paiz e epoca; notando-se que o rei (figura do lado direito) mostra a ponta da lingua fóra dos labios, em quanto a rainha (do lado esquerdo), perdida de riso, parece motejar pela representação que faz o semblante do esposo.

Entre estas duas figuras ha outra de côr preta, tambem de um soberano, com a lingua egualmente entre os labios e com a cabeça coberta com uma especie de mitra alada e braços pendentes junto ao corpo parecendo estar em repouso; os seus brincos de forma differente d'aquelles da outra estatua do rei, são de extraordinario tamanho; posto que os da rainha, de feitio de roda, pendem-lhe das orelhas quasi a descançar sobre os hombros! Sobre o peito do monarcha de côr preta está posto um idolo de bronze tendo por emblema a figura do sol, que aquelles povos adoravam; e por baixo da estatua vê-se dependurado na borda da mesa um colar formado de pequenos seixos rolados de diversos tamanhos e côres, que eram as primitivas joias dos tempos prehistoricos, que ao bello sexo d'essas remotas eras serviam já de adorno invejavel!

Ao correr da mesma mesa sobre a borda de ambos os lados estão expostos mais de 400 exemplares das mais raras especies de mineraes do Perú e Mexico; assim como do lado direito sobre a bancada, estão outros pertencentes ás minas do Chili.

Sobre a primeira prateleira da *étagère* mais proxima do espectador, vê-se ao centro um rico album com escudo e feixos de metal dourado, tendo as iniciaes do nome do sr. visconde de S. Januario gravadas, e contém esse album os discursos e fac-similes de um grande numero de assignaturas de cavalheiros os mais distinctos do Mexico, que festejavam em um banquete o distincto portuguez, offerecendo-lhe essa dadiva como sendo de agradavel recordação de se terem conhecido e tambem mostrarem o seu subido respeito e affecto para com o sr. visconde.

Apoiado á encadernação de chagrin d'este album ha outros idolos em bronze do Perú que estão bem apparentes e outros de barro postos sobre os angulos da referida *étagère* pertencentes ao Mexico. Uma especie de cornucopia que apparece ao lado do album, é uma cauda com escamas osseas de um animal chamado *Tatu*, que os naturaes d'aquelle paiz utilizaram para lhes servir de buzina. Do lado opposto está uma figura em pé representando um *inca* coberto com o traje de sua elevada cathegoria, tendo na cabeça uma touca com plumas e enfeites de ouro; além do sceptro, tem as armas e escudo circular de que usavam nos combates. Esta estatua é obra moderna, está bem modelada e a sua execução é esmerada e representa fielmente um soberano do antigo Perú.

Na segunda prateleira da mesma *étagère*, e logo por cima do album está uma figura deitada de costas com os joelhos erguidos, a qual representa um soberano de côr preta, similhante ao outro já descripto, tendo a cabeça tambem coberta pelo mesmo modo da outra figura que está sentada. Por detraz d'elle vê-se um grande globo de barro preto todo coberto de esculpturas de idolos em relevo, e discos com hierogolyphicos que por em quanto não foram decifrados. Este objecto antiquissimo é uma urna para as ceremonias do culto, pertence a época anterior ao dominio dos astecas, cujas tribus se não ignora que habitavam o Mexico quando os hespanhoes chegaram a esse paiz, no reinado de Montezuma I; isto é no seculo XV; então o seu reino se estendia até o golpho do Mexico; mas no tempo de Montezuma II, na época da conquista eu-

ropea, possuia o territorio até á costa do Atlantico, e sob o dominio de Ahuitzoll, se estendia até ás extremidades de Nicaragua e do Guatemala. A sua civilisação estava bastante adiantada; elles conheciam a architectura e deixaram vestigios de grande interesse artistico; não ignoravam a pintura e a astronomia, e possuiam uma escripta hierographica que tem sido decifrada ultimamente pelo insigne professor orientalista Mr. Léon de Rosny.

Na segunda *étagère* na prateleira superior sobresae uma mascara de barro escuro de um indio, esculptura tosca, mas bastante antiga porém caracteristica da raça a que pertence.

Os moringues de diversos feitios de barro preto tendo azas circulares no meio das quaes sae um gargalo para vasar a agua, tendo ornatos no bojo d'estas vazilhas; bem como outros com a configuração de animaes e passaros; guarnecem estes objectos todo o espaço d'esta prateleira; bem como a banqueta do lado esquerdo da sala, pertencendo estas antiguidades ao Perú.

Na mesma *étagère*, a prateleira inferior está servindo de estante para livros encadernados de obras de merecimento em diversos assumptos; e entre os livros estão patentes outros idolos de barro achados nas antigas sepulturas.

Por baixo da mesa e no primeiro plano, está um animal de pello ruiva em attitude de arremesso; assim como se vê outro sobre a mesa por baixo da segunda *étagère*, tendo a cauda felpuda e levantada: são ambos do Mexico.

O chão está coberto em toda a largura da sala por um rico e vistoso panno de raz com vivas côres e perfeição no tecido, o qual limita a vista d'esta bella photographia devida ao esmerado trabalho do acreditado photographo o sr. Henrique Nunes, nosso socio honorario.

Foram offerecidos todos os objectos de archeologia ao fundador e presidente da associação pelo seu amigo o sr. visconde de S. Januario que teve a amavel lembrança de lh'os trazer para augmentar as collecções já existentes no museu do Carmo. Receba pois S. Ex.ª os nossos agradecimentos mais cordiaes pela singular fineza com que nos distinguiu. Será sempre lembrada com o maior reconhecimento esta preciosa dadiva de tão respeitavel cavalheiro.

J. da Silva.

BIBLIOGRAPHIA

É hoje muito abundante a colheita que encontrámos nos campos confiados á nossa inspecção... e oxalá que podessemos dizer — ao nosso trabalho.

Sollicitos e intelligentes agricultores lavraram, semearam, ceifaram; e a nós só cabe apregoar o que elles fizeram, e louvar o que é exclusivamente o fructo do seu lavor, de suas affanosas lides.

Embora, porém, seja modestissima e ingloria a nossa tarefa, nem por isso é menos grata; pois que nos procurou o suave contentamento de percorrer instructivos escriptos, e o honroso encargo de os inculcar aos estudiosos.

Já démos uma rapida noticia do livro — *Inscripciones Arabes de Sevilla* do sr. Don Rodrigo Amador de los Rios, filho de Don José Amador de los Rios.

Mencionaremos agora a obra do mesmo auctor, intitulada: *Inscripciones Arabes de Cordoba, precedida de un estudio historico-critico de la Mezquita — Aljama*. Madrid, 1879.

No muito erudito prologo observa o sr. Don Rodrigo, que em nenhuma cidade, como na insigne Medina-Andaluz, se mostrára mais prodiga e fecunda a arte mussulmana, nem realisára maior numero de prodigios e maravilhas. É, porém, certo que a cidade de Cordova, no silencio de suas estreitas e tortuosas ruas, conserva apenas a recordação da grandeza de outro tempo. A mão dos seculos, e a dos homens, ainda mais destruidora, parece que á porfia disputaram o triste privilegio de reduzir a destroços os esplendidos monumentos, que ennobreceram o murado recinto da antiga *Colonia Patricia*, sem ficar d'elles rasto algum.

É obvia a difficuldade que o auctor encontraria em descobrir e decifrar epigraphes, em presença de um tal estado de cousas. Mas, á força de boa vontade e de zelosas diligencias, póde conseguir alguns bons resultados, e assim contribuir para o progresso do estudo epigraphico, tão util para o aperfeiçoamento da historia da sua patria.

Basta a enumeração dos elementos que a obra contém, para se conhecer o relevante serviço prestado pelo sr. Don Rodrigo Antes de apresentar as epigraphes que ainda se conservam na Mezquita-Aljama, procedeu a um estudo historico-critico d'aquelle edificio, comprehendendo as noticias ministradas pelos escriptores mahometanos, e as das vicissitudes por que passou a Mezquita até chegar aos tempos modernos.

Entrando no assumpto principal do seu trabalho, consagra a 1.ª parte ás *Inscripções arabicas da Mezquita-Aljama e ás Mudejares da Cathedral;*

a 2.ª *ás Lapides commemorativas, e ás sepulchraes;* a 3.ª aos *Membros Architectonicos, e objectos varios de marmore com inscripções;* a 4.ª ás *Inscripções arabicas de edificios e objectos mudejares.*

Os *appendices* são de grande interesse. O 1.º intitula se — *Monedas de los Califas de Cordoba*, e contém, como complemento do quadro epigraphico do periodo a que principalmente se referem as Inscripções Arabes de Cordova, a noticia das legendas das moedas arabico-hespanholas, a contar dos dias de Abd-er-Rahman (el celebrado y magnifico). O 2.º *appendice* contém a *Chronologia de los Califas Omeyas en Al-Andalus.*

Obras d'esta natureza têem summo valor no mundo scientifico, e são apreciadas no mais subido grau pelos especialistas.

É admiravel o movimento scientifico, litterario e artistico que ha em França, particularmente desde que lamentaveis desastres fizeram acordar aquella grande nação do letargo em que jazia. Em todos os dominios da intelligencia se observam alli prodigios de actividade; em todos os ramos do saber humano se consagra estudo, indagações e diligencias effectivas e perseverantes no desenvolvimento da civilisação.

Tenho n'este momento diante de mim uma Circular interessantissima, que tem por fim prover á conservação dos monumentos das primeiras epocas da historia de França. O Ministro da Instrucção Publica e das Bellas Artes, reconhecendo a necessidade de obstar á destruição dos restos da primitiva civilisação do Occidente, e de prevenir assim uma perda irreparavel para a sciencia e para a historia, instituiu, junto da commissão dos monumentos historicos, uma sub-commissão, especialmente encarregada de preservar os monumentos primitivos.

A sub-commissão, para se desempenhar do seu encargo, formulou uma serie de quesitos, exigindo resposta a elles da parte de todas as pessoas que estão no caso — em todos os pontos da Republica e de Argel — de ministrar seguros esclarecimentos, e bem assim planos, desenhos, photographias, gravuras, documentos, etc.

O questionario tem por objecto os monumentos megalithicos; e taes são os seguintes:

Dolmen, ainda existente, ou que foi destruido. (Pedras largas e de grande tamanho, sustentadas em escoras ou espeques).

Menhir. (Pedra cravada na terra em fórma de obelisco).

Alignement. (Menhirs ou simples pedras, formando uma ou muitas linhas).

Cromlech. (Recinto ou circuito de menhirs ou de pedras assentes).

Polissoir. (Grande rocha onde foram polidos os instrumentos de pedra).

Pierre à bassins. (Rocha com concavidades naturaes ou artificiaes).

Pierre branlante. (Pedra collocada sobre outra em equilibrio tal, mais ou menos facil de a fazer oscillar).

Pierre posée. (Pedra, separada, solitaria, na superficie do solo).

Os quesitos, muito numerosos, são expostos com a maior clareza e precisão. Por falta de espaço deixo de os reproduzir aqui.

De passagem disse que a sub-commissão é presidida pelo sr. Henri Martin, senador, e tem como vogaes os srs. G. de Mortillet, Emilio Cartailhac, e outros varões notaveis.

O sr. Conde de Marsy, de quem temos já fallado com louvor e agradecimento, mimoseou-nos com algumas brochuras de util curiosidade, taes como as seguintes:

Documents relatifs à des œuvres d'art conservées à Compiègne en 1792, et à des monuments et emblêmes détruits à cette époque. Publiés par le Comte de Marsy, correspondant du Ministère de l'Instruction Publique, etc. etc. Paris. 1878.

Inspira-me grande interesse este escripto, que revela no seu auctor uma decidida paixão pelos objectos d'arte, pertencentes a tempos mais ou menos antigos, e que religiosamente deviam ter sido conservados.

Afigura se-me perceber que o sr. Conde de Marsy tenciona traçar a descripção da cidade de Compiègne na vespera da revolução, para o que reune os elementos de informação e estudo necessarios. Entendeu, porém, que d'esse quadro podia destacar o episodio (digamol-o assim) que ora nos apresenta; e, a meu juizo, fez muito bem, por quanto são grandemente curiosos os documentos relativos á especialidade de que trata.

Não custa a acreditar, antes é muito natural que a cidade de Compiègne, em razão de suas condições excepcionaes, possuisse — á hora em que teve principio a indicada Revolução — um consideravel numero de objectos de arte e singulares monumentos. Por espaço de muitos seculos se foram accumulando preciosidades de diversa natureza; e não é fóra de conta que se consultem os documentos que dão noticia do que existiu, do que se perdeu, do que sobreviveu, e em que estado.

O sr. conde de Marsy obteve um documento muito util para as suas investigações; um documento de todo o ponto apropriado para certificar o que em 1792 existia de objectos de arte no palacio Real, e que ainda hoje ha, ou falta. N'aquelle anno foram

dois artistas, membros da commissão dos monumentos, encarregados pelo ministro do reino de passar a Compiègne, e proceder a rigorosa busca dos objectos de arte e de sciencia que existissem no Palacio Real, bem como nas propriedades nacionaes e nas casas dos emigrados. Os dois artistas, procedendo com todas as seguranças á investigação que lhes fôra ordenado, fizeram um circumstanciado relatorio de tudo quanto encontraram, que estava no caso de dar lustre ao Museu Nacional. Tal é o documento que o illustre archeologo teve presente, e que habilmente aproveitou para o seu trabalho.

L'Archéologie religieuse au Congrès de Vienne (Isére). Une excursion á Saint-Antoine de Viennois, par le Comte de Marsy, Inspecteur général de la Société Française d'Archéologie. Paris, 1879.

*Comte de Marsy. — Le centenaire de la Société d'émulation de Liége. — La Tour Bleue d'Anvers. — (*Extrait du *Bulletin Monumental* n.° 4, 1879.*)*

São muito curiosas as noticias relativas á *Torre Azul* de Anvers, interessante vestigio das antigas fortificações d'aquella cidade. Das trinta torres que reforçavam o recinto de Anvers, é só esta a que ainda subsiste. Deriva o seu nome de ter o telhado de ardosia; e suppõe-se datar dos primeiros annos do seculo XIV; e bem assim ter dado a Alberto Dürer a idéa do systema que desenvolveu no seu *Tratado de Fortificação*, publicado em 1525, e que poz em pratica em Nuremberg.

O sr. Emilio Trelát publicou já no corrente anno um escripto com o titulo — *L'architecture contemporaine.*

Não podendo acompanhar o seu trabalho nos desenvolvimentos em que entra, limitar-nos-hemos a expôr a conclusão a que chega, tanto quanto podemos penetrar o seu pensamento.

Considera os ultimos cincoenta annos, no tocante á architectura em França, como abundantes em estudos, em talentos, em ousadas e perseverantes tentativas, em experiencia de todo o genero. Tudo isso constitue um campo de observação segura, e requer uma conclusão.

Qualquer obra de architectura deve possuir tres propriedades, que o *artista* colloca na seguinte ordem:

Ser bem construida.
Ser bem distribuida.
Ser bem *formada.*

O *observador*, porém, colloca as tres propriedades na seguinte ordem:

A *fórma* attrahe em primeiro logar a sua attenção.

O destino, o serviço, a *distribuição*, apresentam-se depois, em concorrencia já com o espectaculo da fórma.

Modestamente apparece, a final, a *construcção*, com o cortejo dos necessarios predicados.

Mas, para que surja uma obra verdadeiramente artistica, é indispensavel que os tres factores se reunam e sujeitem a uma direcção geral.

Tratando-se de um assumpto difficil e melindroso, em que só os competentes podem discursar, remettemos os leitores para o texto da Memoria, e nos restringimos a esta rapida noticia.

O sr. Gabriel Pereira, incansavel lidador nos dominios da archeologia, brindou a Real Associação dos Archit. e Arch. Port. com as seguintes copias, primorosamente executadas:

A. Inscripção de Mertola. — Papeis de Fr. João de Sousa. Manuscriptos da Bibliotheca Publica de Evora. Codice $\frac{\text{CXXVIII.}}{\text{1-4}}$

B. Idem. Codice $\frac{\text{CXXVIII.}}{\text{1-4}}$

Est. *AA.* Inscripção arabe da Casa da Camara na praça de Giraldo de Evora. Desenho feito em vista de calcos, de grandeza natural.

Traducção das inscripções arabes pôr Fr. João de Sousa:

A. — Esta lapide foi achada no campo junto de Mertola.

Traducção das primeiras duas regras, e das duas dos dois lados da lapide:

«Não ha senão um Deus unico, e subsistente; o qual não dormita nem dorme. D'elle é o que está no ceu e na terra. O ambito do seu throno comprehende o ceu e a terra; e elle é o Excelso, o Magnifico.»

Traducção do centro da lapide.

«Oh! vós homens (crentes) temei o vosso Deus, e receae o dia no qual o pae não paga pelo filho, nem o filho paga pelo pae; por certo pois, a promessa de Deus é verdadeira. Portanto não vos engane a vida mundana, nem vos entregueis aos enganos do tentador, (que pretende apartar-vos da Lei de Deus). Só Deus é que conhece a hora (no dia do juizo). Elle é o que faz cair a chuva, e sabe o mais occulto das entranhas. O homem não sabe o que poderá adquirir no dia de ámanhã, nem em que terra será a sua sepultura; pois Deus é sabio e noticioso.» — *(Fr. João de Sousa).*

B. — Papeis de fr. João de Sousa. Collecção de manuscriptos da Bibl. Publica d'Evora.

Cod. $\frac{\text{CXXVIII}}{1\text{-}4}$

Copia de duas inscripções arabicas que se acham na praça da cidade de Evora.

Traducção da primeira lapide:

«Confessae e crede que não ha Deus, senão Deus, e que Mahomed é seu legado. Possuimos a terra com o soccorro de Deus, e nos senhoreámos d'ella. Vencidos foram os rumes (christãos) nas terras remotas: e tornaram a vencer depois de terem sido vencidos passados alguns annos; porque a disposição do passado e do futuro só a Deus pertence. De Ben Axafá Mahomed Haranaqui.»

Traducção da segunda lapide:

«Prometteu Deus aos crentes, e aos que fazem boas obras a victoria contra os infieis, a possessão da terra, e a continua successão, assim como elles succederam aos seus antepassados, confirmar-lhes-ha cada vez mais a sua lei, e lhes trocará o medo por uma firme segurança.»

O mesmo sr. Gabriel Pereira publicou no anno de 1879 novos *Fragmentos relativos á historia e geographia da Peninsula Iberica;* comprehende os cap. I, II e III do livro III e cap. XX, XXI e XXII do livro IV da *Historia Natural* de Caio Plinio Secundo (Plinio o velho, ou o Naturalista), e os cap. VI do livro II, e I do livro III, de Pomponius Mela *De situ Orbis* — Hispania.

No *Prefacio* dá algumas noticias da vida e escriptos dos dois escriptores: Plinio e Mela; e observa que a traducção portugueza é o mais litteral possivel.

Na cidade de Nice tem a sua séde uma associação de architectos com a denominação de *Société des Architectes des Alpes Maritimes*, fundada no anno de 1875.

Tem esta sociedade por fim:

1.º Concentrar os esforços dos architectos do paiz no empenho de investigar e realisar tudo o que pode contribuir para honrar e fazer respeitar a sua profissão;

2.º Manter entre os seus membros os sentimentos dignos da arte que exercem;

3.º Estudar as questões que houverem de ser-lhes propostas sobre a arte, pratica, jurisprudencia e administração, em materia de architectura;

4.º Servir de medianeiro officioso para aplanar difficuldades que acaso se levantem entre os socios e os seus clientes, excluindo, porém, qualquer ingerencia entre os emprezarios e os proprietarios;

5.º Apoiar, se necessario fôr, as reclamações, requerimentos, ou propostas collectivas ou individuaes dos seus membros, perante as diversas administrações publicas.

Tenho diante de mim o *Bulletin n.º 3*, do anno de 1878, d'esta sociedade, e vejo que ella tem procurado ser prestavel á cidade de Nice, cuidando do aformoseamento e salubridade de tão afamada povoação.

Ainda que o *Bulletin* não contivesse, como de facto contém, alguns artigos interessantes, daria eu por bem empregado o tempo da leitura d'elle, ao encontrar este avisado e util asserto:

«E' attribuição, não só da municipalidade, senão tambem dos architectos e dos medicos, assegurar a salubridade necessaria a uma povoação, e maiormente a Nice, que tem o raro privilegio de offerecer hospitalidade a uma colonia, que vem buscar aqui allivio de padecimentos, ou uma temperatura suave.»

Anales del Tajo. — Lisboa, 1875.

Ao lermos este sympathico titulo, firmado pelo sonoro nome de — *Carolina Coronado* — nome de uma socia da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, sentimos satisfação em mencionar o escripto com que a mesma Associação foi brindada.

Bem desejaramos que esse escripto se não circumscrevesse em tão estreitos limites; pois que é engenhoso o pensamento de inquirir do Tejo os successos de que tem sido testemunha, atravez dos seculos, *este rio do Universo inveja.*

Citemos umas breves linhas, e bastarão ellas para dar conhecimento da *maneira* da scismadora que as traçou:

«Tu, crónica latente de los siglos, archivo sin carcoma, que encierras todos los hechos que el escritor divide confusamente entre la fábula y la historia, déjame leer en tus anales de agua viva lo que mis ojos no quieren mirar en las oscuras paginas de libros seculares.

. . . .

«Yo abro el libro de tus espejos, penetro con luz electrica por las sombras de lo pasado y veo alzarse la imagen de tu Lisboa, mudable apparicion fotografiada con tan distintas fases en tan distantes siglos.

O final revela o sentido com que se empunhou a pena:

«. . . auxilia al espiritu cristiano que vaga hoy sobre tus ondas, etc.»

Vou agora mencionar, com verdadeiro interesse, um livro, do qual dedicou um exemplar especial ao Museu Archeologico de Lisboa o sr. Don Juan Martorell y Peña, intitulado:

Apuntes arqueologicos de Don Francisco Martorell y Peña, ordenados por Salvador Sanpere y Miquel, publicados por Don Juan Martorell y Peña.— Barcelona, 1879.

O sr. Don Juan Martorell y Peña reuniu os apontamentos archeologicos de seu fallecido irmão Don Francisco Martorell y Peña, e os publicou pela imprensa em Barcelona, no anno proximo passado.

Aqui reproduzirei, na propria lingua castelhana a bellissima dedicatoria, que muito agradavelmente me impressionou:

«*A mi querido hermano Francisco.*— Al publicar los manuscritos que tu modestia te impidió dar á luz en vida, no me propongo recommendarte al aplauso de tus conciudadanos; estos ya han hecho justicia a tu patriotismo.— Sea este libro tan solo un testimonio del fraternal cariño que en vida nos unió, y del culto con que guarda tu querida memoria tu hermano Juan.»

Se o illustre finado não tivesse praticado outros actos recommendaveis, bastaria para o tornar conspicuo o seu ultimo rasgo de generosidade, que passamos a assignalar.

Por seu testamento legou a Barcelona as suas collecções de conchyliologia, prehistoricas e numismaticas, e uma escolhida livraria de obras relativas a estes ramos dos conhecimentos humanos. Ainda mais; fundou um premio de quatro mil duros, que de cinco em cinco annos deve ser adjudicado ao auctor do melhor trabalho sobre archeologia hespanhola que se apresentar a concurso; devendo esse premio ser conferido no dia de S. Jorge, padroeiro da Catalunha.

A Camara de Barcelona deliberou estabelecer um museu, com a denominação de — *Museu Martorell* — «Este monumento, disse o sr. Don Ramon Coll y Pujol, dirá eloquentemente: — Barcelonezes! este edificio, com os inestimaveis objectos que encerra, provém de um illustre patricio nosso; de um homem, que, para deixar tão precioso legado, sacrificou toda uma vida de improbos trabalhos, de um concidadão pela maior parte ignorado, e a quem foi necessario que a morte arrebatasse, para que sem vontade sua, embargada pela modestia, se patenteiem suas obras benemeritas, e seja o seu nome d'ora avante conhecido, e pelas gerações futuras venerado.

Merece ser lida a *Biographia de D. Francisco Martorell y Peña*, escripta pelo sr. Don Salvador Sanpere y Miquel.

Os apontamentos de D. Francisco Martorell y Peña versam sobre considerações geraes relativas aos monumentos megalithicos, e noticias especiaes relativas a acropolis e recintos fortificados, sepulturas olerdulanas, theatro de Alcudia, Nuraghes da ilha de Sardenha, e Talayots das ilhas Baleares. (Ha aqui duas palavras, que devem ser explicadas aos leitores menos versados nos estudos prehistoricos. *Nuraghes* são as casas muito antigas, ou habitações dos primitivos habitantes da ilha de Sardenha.— *Talayots* tambem são as casas que os primeiros Balearicos levantaram para sua morada; se bem que alguns archeologos as considerem como sepulturas, e outros como atalaias, torres para defeza e guarda das ilhas).

O livro de que damos noticia é recommendavel sob o ponto de vista prehistorico, e não menos pela primorosa execução typographica e artistica.

Poremos remate á noticia bibliographica que hoje damos, mencionando uma obra de summo valor; e vem a ser:

Manuel des lois du bâtiment, (2.ª edição revista e augmentada. — Paris, 1880. — 4 grossos volumes).

É devida esta obra á *Sociedade central dos Architectos*, fundada em 1840, auctorisada em 1843, e declarada de utilidade publica por decreto de 4 de agosto de 1865.

O primeiro volume divide-se em duas partes; a 1.ª contém um ensaio historico sobre a legislação relativa á arte e profissão de edificar; a 2.ª contém a jurisprudencia do Supremo Tribunal de Justiça, e do Conselho d'Estado. A 2.ª parte da obra contém: 1.° a exposição dos usos antigos, regulamentos administrativos e leis complementares.— Jurisprudencia especial; 2.° costumes locaes, formulas, ajustes, pedidos, relatorios, escripturas.

Este rapido enunciado é bastante para fazer sentir a importancia d'uma obra, que pode considerar-se como repositorio das mais uteis e seguras noticias, em tudo quanto diz respeito á arte e á profissão de edificar. Com toda a razão se diz no *Prefacio dos editores da Sociedade Central dos Architectos:*

«Esta obra, embora volumosa da sua forma, é um *vade mecum* indispensavel a todos: aos architectos, aos engenheiros civis, aos emprezarios, e até aos proprietarios. Os advogados e os procuradores encontrarão tambem aqui muito prestantes esclarecimentos. Finalmente, esperamos que a magistratura dê bom acolhimento a este Manual, pois que, como diz o sr. Ach. Lucas, no fim do *Ensaio sobre a legislação das edificações*, recordando muito a proposito um dito de Montaigne: *É este um livro de boa fé*.

Uma circumstancia devo notar, e vem a ser, que

esta obra tem uma incontestavel authenticidade. Foi objecto de discussão, em repetidas sessões no Conselho da Sociedade Central, o trabalho de uma commissão que por muito tempo estudou o assumpto, e ainda por fim uma sub-commissão, competentemente organisada, foi incumbida de coodernar tudo, e de severamente fixar os textos ás disposições juridicas, os commentarios, etc.

José Silvestre Ribeiro.

UMA EDIÇÃO MAGNIFICA DOS LUSIADAS

A benemerita Associação do *Gabinete Portuguez de leitura no Rio de Janeiro,* que tamanha honra faz a Portugal, glorificou a memoria do immortal Camões, de um modo verdadeiramente grandioso.

Entre as manifestações enthusiasticas da sua homenagem ao poeta nacional, avulta o notavel facto de haver mandado fazer em Lisboa uma edição magnifica dos *Lusiadas*, consagrada a commemorar o terceiro centenario do sublime poeta.

A primorosa edição distingue se pela nitidez da impressão, e confirma brilhantemente os creditos da officina typographica de Castro Irmão.

Mas o que ainda maior realce dá ao preciosissimo livro, é a circumstancia de ser enriquecido com os seguintes e muito instructivos trabalhos litterarios:

Revisão do texto do poema e observações philologicas, pelo sr. Adolpho Coelho.

Prefacio Critico, pelo sr. Ramalho Ortigão.

Noticia historica do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, pelo sr. Reinaldo Carlos Montoro.

Honra e gloria á Associação que na capital do Imperio do Brazil ennobrece a nossa patria!

Honra e gloria á Directoria, ao Conselho deliberativo e demais socios da preclarissima Associação que tão vivamente fizeram reluzir o alto prestigio que já tinha o *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*!

No proximo numero d'este Boletim teremos a satisfação de entrar em amplos desenvolvimentos, que a estreiteza de tempo não permitte agora.

José Silvestre Ribeiro.

NOTICIARIO

Um italiano, o sr. Gagliardi, professor do instituto polytechnico de Tokio, foi ultimamente encarregado pelo governo japonez de explorar a cadeia das montanhas de Ibaraki; descobriu alli muitos jazigos de marmores de differentes côres. Uma das montanhas, a Suvoyama, pareceu-lhe formar uma massa de marmore branco para estatuas.

Declara tambem o mesmo professor que encontrou marmores pretos, em nada inferiores aos mais bellos da Europa. Em summa, acha que, emprehendendo-se a exploração das pedreiras do Japão, e abrindo-se meios de facil transporte, tornar-se-ha aquelle paiz o maior mercado de marmores do mundo.

Ha seculos que os japonezes conhecem o marmore; não lhe dão, porém grande apreço, porque o consideram muito difficil de polir.

Este anno celebrar-se-ha em Caen uma exposição typographica, organisada pelos antiquarios de Normandia, em consequencia do quarto centenario da introducção da imprensa na Normandia.

— Fez-se ultimamente uma descoberta importante para o estudo da lingua vasco-navarrense. Consiste em um manuscripto contendo um diccionario d'aquella lingua, achado em S. Thiago de Compostella (Galliza). A lingua vasca, fallada pelas antigas populações da Iberia, remonta á mais alta antiguidade; mas até hoje ainda se não tinham encontrado documentos relativos a ella e que contassem mais de dois seculos.

Pode considerar-se levantada, com a maxima exactidão, a carta hydrographica do Mediterraneo, entre as costas hespanhola e africana, estando assim ligadas geodesicamente a Europa e a Africa. Estas operações foram difficilimas, pois foi necessario subir ás serras andaluzas, quasi inaccessiveis, para d'alli se alcançar a costa opposta, e assim se poderem utilisar os instrumentos apropriados. Tiveram além d'isso de ser feitas de noite a fim de se descortinarem os pharoes que serviam de mira ás lunetas dos mesmos instrumentos. Alguns consideram este facto como o trabalho mais grandioso que registra a historia das sciencias applicadas á geographia mathematica.

Tratam algumas artistas francezas de fundar um *Orphelinat des Arts*, para educar as filhas das suas collegas pobres, para as instruir, para lhes dar uma posição apropriada ás suas disposições especiaes, para fazer emfim d'ellas mulheres honestas habilitadas a sustentarem-se por si proprias e evitarem os perigos da mocidade desventurada. Foi já alugada uma grande casa com jardim, gabinete, etc. dentro de Paris, na estrada de Vanves, a fim de recolher as filhinhas orphãs de litteratos, de pintores, de musicos, de esculptores e de artistas dramaticos. As damas que patrocinam esta obra eminentemente util, alcançaram autorisação de esmolar á porta do palacio da Industria.

1880, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 3.ª ANNO DE 1880 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 2 do 3.º Tomo, pag. 18)

O Serapeum

Quasi sempre os importantes descobrimentos, em todos os generos, são devidos ao acaso; porém é preciso tambem que a pessoa que tiver a fortuna de os fazer, possua bastante intelligencia para saber descortinar o seu alcance a fim de dotar as sciencias ou as artes com o superior resultado da sua perspicacia e desvellada dedicação nos progressos dos conhecimentos humanos.

Mais um facto vem demonstrar-nos a verdade d'esta asserção, e todas as pessoas dedicadas ás investigações archeologicas experimentaram o maior assombro e extraordinaria admiração pela noticia do imprevisto descobrimento historico obtido por Mr. Mariette no Egypto, constando de dois famosos templos e de uma estatua, sendo estes os mais raros objectos entre os 7:000 que foram achados em Memphis: haviam ficado soterrados debaixo de um oceano arenoso e na profundidade de 36 metros e 18 centimetros, ha mais de 40 seculos, e estão presentemente visiveis pelos constantes esforços do distincto archeologo francez. A esculptura da estatua é, na opinião dos antiquarios, *a obra mais antiga conhecida no mundo!* [1]

É assaz curioso relatar como fôra *adivinhado* estarem occultas essas preciosidades archeologicas, e quanto se deve á sciencia d'esse homem de rara intelligencia e de aturada perseverança, o qual veiu enriquecer os museus da Europa e da Africa com obras dos antigos egypcios e dar maior luz á historia d'esse celebre povo, contribuindo por este resultado a augmentar ainda mais a nossa admiração pelos trabalhos scientificos por elle emprehendidos.

[1] Esta estatua é obra superior pelo seu estylo, pela simplicidade da fórma e notavel pela sua posição. A cabeça é de uma grande expressão; a attitude é d'um natural superiormente indicado, e de uma animação pouco vulgar. No seu estado primitivo era de madeira, mas está revestida de uma certa qualidade de estuque, colorido avermelhado, e foi feito com o intuito de lhe esconder os veios e as fibras da madeira, sendo pela sua execução uma obra prima, da qual o seu estudo não deve ser despresado pela esculptura moderna.

Havia o ministro de Instrucção publica de França encarregado Mr. Auguste Mariette d'uma missão no Egypto, por proposta do Instituto de Inscripções e Bellas Lettras, para que no valle do Nilo se fizessem investigações conforme as indicações dos manuscriptos *(os papyros)* que elle podesse achar.

Era este joven sabio enthusiasmado pelas leituras de Diodoro e de Plutarco, exercitava o seu espirito em decifrar os hieroglificos, porém pouco se occupou do que estava encarregado. Um acaso dos mais felizes fez com que elle prestasse grande attenção ás esphinges calcareas que ornavam um jardim em Alexandria; assim como outras semelhantes que viu em varias casas no Cairo. Tendo-as examinado cuidadosamente notou que em algumas havia caracteres gravados com a ponta de uma navalha, tendo os nomes de *Apis* (o boi sagrado), e *Serapis*, o Deus mais venerado pelos egypcios, o qual depois tambem fôra adorado pelos Gregos e Romanos. Informou-se onde tinham sido achadas e trazidas para ali, e soube que um judeu as extrahira das immediações de *Sakkarah*, que fica situado no extremo da necrópolis de Memphis, no confim do deserto. Sem detença partiu para o logar indicado com a intenção de se demorar ali alguns dias, afim de examinar aquelle sitio; mas tal fôra a revelação que no seu espirito produziu um insignificante vestigio, que tropeçando cazualmente n'um fragmento, isto foi sufficiente para o obrigar a permanecer *quatro annos successivos* no deserto, vivendo debaixo do abrigo de uma simples barraca! Quanto póde o amor da sciencia no homem estudioso e perseverante, que sómente cogitava em descortinar o segredo da existencia de uma nação, fazendo-lhe esquecer não sómente a patria, mas egualmente a mulher e filhos! Tal era a fé e a convicção de obter um feliz exito de suas infatigaveis e arriscadissimas investigações, as quaes lhe alcançariam gloria para a sua nação, fama e nome para si, que não hesitou em se arriscar em tão grande empenho!

A necrópolis de Memphis tem 60 kilometros de extensão do Norte ao Sul, avistando-se unicamente diversos grupos de pyramides, nas bases das quaes o Nilo e o valle que elle fertiliza; em roda apparece unicamente o deserto na sua silenciosa solidão, e o ceu por cupula d'esse grandioso sepulchro!

Cogitou este sabio archeologo em primeiro logar traçar um plano chronologico dos differentes cemiterios da necrópolis que cobriam aquellas areias, e n'este dedalo arenôso, indicar-lhe as sepulturas egypcias estando agrupadas por epocas dynasticas. Já havia levantado o plano geral, tirado do cume da pyramide de Sakkarah, e distinguido as funereas regiões d'este campo silencioso da morte, quando nas areias proximas da dita pyramide, tropeçou em uma pedra em que estavam gravados os nomes de *Apis* e de *Osiris* entrelaçados! Olha em roda para examinar e vê no solo uma cabeça alvacenta que saía da areia, vindo a ser uma outra esphinge semelhante ás que elle já tinha visto em Alexandria e no Cairo. Um raio de luz penetrou a intelligencia do archeologo, reflectindo ter achado n'aquelle logar o monumento que a inscripção gravada na pedra lhe tinha indicado antes; assim como uma passagem de Estrabão, em que dizia, *haver no deserto uma comprida avenida de esphinges, que conduzia ao Serapeum de Memphis, e que este templo magnifico começava já no seu tempo a desapparecer debaixo das areias.* Todavia não bastava sómente saber-se isto; era indispensavel primeiro calcular o que resultaria para o dogma religioso e historia sagrada do Egypto, obtendo-se este descobrimento. Era verdade ter S. Clemente declarado que a palavra *Serapis* se compunha de *Apis* e *Osiris*. Champollion tinha dito tambem que significava ao mesmo tempo Apis e Osiris. Logo o Serapeum de Memphis era o tumulo do boi Apis: e estando pois Apis morto, era portanto a encarnação de Osiris, o *Sol*, o deus por excellencia. Levado por este raciocinio, a convicção penetrou o archeologo, e em seu animo adquiriu toda a certesa de ter encontrado ali o que procurava descobrir!

No dia seguinte, acompanhado por 20 trabalhadores, começaram as escavações ao nascer da aurora, e durante o trabalho appareceu uma esphinge de um sepulchro e que mostrava sobre os lombos os nomes de *Apis* e *Serapis* gravados pelos peregrinos gregos: e nos dias e semanas seguintes continuaram successivamente a descobrir-se outras até chegar ao numero de 21, deixando interrompidas as escavações e inutil o trabalho, porque uma inclinação, que tinha a avenida na sua direcção, havia feito perder o vestigio da verdadeira situação do templo; porém conseguiu-se descobrir depois a 22.ª esphinge e as outras que se seguiam, por se ter conhecido ser a distancia entre uma e outra sempre a mesma; bastava então sondar o terreno para as encontrar. Ao cabo de dois mezes se haviam encontrado 134 esphinges, sendo esta a ultima encontrada, porque, procurando-se por todos os lados, não se descobria mais nenhum vestigio. Por ventura o Serapeum teria sido destruido, ou este caminho não conduzia a nenhum monumento?! Ha todavia uma qualidade particular nos archeologos que os faz distinguir dos outros investigadores em vêrem sempre o que devem vêr, e jámais se desanimam nos trabalhos que emprehendem. Removeu-se a areia em um raio de 20^{m} em roda da ultima esphinge, e saiu por fim do solo a 135.ª, tendo a sua posição disposta pela frente da esphinge pela nova direcção a seguir, pois a avenida das esphinges formava um grande angulo para o lado sul.

Alguns dias depois de apparecer a esphinge n.° 141, descobre-se um hemiciclo decorado de estatuas gregas. Vê-se ali Licurgo, Platão, Sofocles, Pindaro, etc. Á esquerda ha uma capella com a dedicatoria a Amyrteo (rei da dynastia 28.ª depois de Cambises) e de Nectanebo 2.° (rei da 30.ª), Não obstante estarem acompanhadas da imagem de Apis e do disco lunar, que se desenvolve entre as armas do animal, este simulacro veiu augmentar a esperança do arrojado investigador. Pesquisa nas immediações, procurando por todas as partes uma saída secreta n'este recinto, pois não ignorava quanto se occultava aos profanos qual seria a entrada dos sepulchros mais venerandos. A magnificencia das esculpturas egypcias distinguia-as das outras, por serem consagradas exclusivamente ao defuncto idolo.

Cousa nenhuma faziam os egypcios por ostentação pelos vivos, tudo era consagrado á morte, muito embora se enterrassem nas areias os esplendores que se lhes consagravam, e esses jazigos fossem ornados com grande numero de pinturas executadas mesmo com grande dispendio; tudo ficava murado e occulto para a eternidade, desde o dia em que *Anubis* levava os seus despojos para o aposento preparado para esse fim, e ficava velando á porta.

Para se fazer a investigação de um sepulchro egypcio necessita-se da maior penetração e sagacidade para se encontrar qual será a sua entrada, sendo essa difficuldade proveniente da subtileza d'esses piedosos adoradores da morte, para occultarem o seu sanctuario. Quanto maior cuidado não teriam tido os sacerdotes para desviarem as investigações dos espoliadores futuros do sepulchro destinado a um deus?! Não importa haver esse grande obstaculo; é preciso continuarem as pesquizas com os 135 trabalhadores que executam as ordens do archeologo. Finalmente no termo de dois mezes o apontador dos fellahs vem a encontrar a entrada para o *Serapeaum*, e podia-se julgar ter Mr. Mariette conseguido o seu tão desejado empenho; todavia novos embaraços deviam tolher ainda os seus constantes esforços!

Os homens indifferentes ao progresso dos conhecimentos scientificos ou artisticos, quando alguem emprehende um trabalho difficil, acredita em fazer uma importante descoberta, ou propõe uma idéa nova e grandiosa, a qual os espiritos acanhados e sem energia não concebem como seja possivel realisar, pois que lhes falta a convicção e intelligencia para taes commettimentos, costumam, com o intuito de occultarem a sua insufficiencia e inacção, lançar o ridiculo sobre aquelles que se propõem a pôr em pratica esse ousado intento taxando o de chimerico; mas quando vêem realisar-se com exito o que julgavam impossivel e suppunham imaginario, procuram pôr-lhe logo outros estorvos, e contrariar esses esforços por todos os meios, procurando unicamente tirar o merecimento ao triumphador da idéa, e provar aos incredulos zangãos que a sua opinião não era errada e haver-se julgado uma utopia o intento do emprehendedor! Foi o que succedeu a Mr. Mariette, soffrendo contrariedades, offensas e desgostos em recompensa de seus extraordinarios serviços, saber e sacrificios!

A auctoridade turca movida por rivalidades, prohibiu ao som de trombetas aos trabalhadores fazerem mais alguma escavação, pretextando que o *homem da montanha* (como designavam o archeologo) não tinha auctorisação para fazer aquellas investigações; e além d'isso não lhe vendessem cousa alguma para comer, nem mesmo agua, para beber, que era preciso transportal-a de 5 kilometros de distancia, e por cumulo de todos os contratempos, foi atacado o heroico descobridor por uma ophtalmia tão terrivel e commum como acontece no valle do Nilo. Todos os seus trabalhos ficaram pois suspensos, e parecia mesmo assim estariam interrompidos por muito tempo.

Não obstante essa prohibição, Mr. Mariette, depois de restabelecido, voltou para o *Serapeum* acompanhado por outros trabalhadores recompensados generosamente; quando em um dia o seu domicilio do deserto foi violado por 4 esbirros, que, apoderando-se da sua barraca, serviram-se dos seus refrescos e fumaram os seus charutos. Voltando elle dos seus trabalhos, ficou surprehendido por aquella audacia, e posto que estivessem armadas as taes sentinellas turcas, elle as poz fóra aos empurrões; do que resultou queixarem-se os guardas e ser maior a perseguição contra o sabio investigador, com o intuito de vêrem se elle abandonaria a sua importante descoberta para depois os zangãos colherem os beneficios.

Para evitar tantas affrontas, foi preciso Mr. Mariette ir em pessoa tomar satisfação ao governador, principiando por intimidal-o tratando o asperamente e fazendo ir pelos ares a chavena do seu café, que o governador estava n'aquelle momento a saborear e como os turcos são pusilanimes, esta energica attitude fez mudar o proceder do chefe obtendo-se a auctorisação para se continuarem as escavações. Portanto não bastava possuir muita sciencia, penetração e vontade, era tambem indispensavel ter valor e resolução para ser attendido e respeitado o homem e o sabio.

Aproveitou logo a primavera, estando acampado ao pé das pyramides de Giseh, e mandou tirar os entulhos, que escondiam a grande esphinge, com os meios que o amador de antiguidades, o duque de Lugnes, lhe proporcionou generosamente para este importante serviço; descobrindo-se por esta occasião um magnifico templo de granito rosa, pertencente

á 4.ª dynastia, unico exemplar de construcção religiosa d'aquella era, sendo este o edificio mais antigo do mundo descoberto até agora.

Vêmos pois como o distincto archeologo Mr. Mariette, dedicado e mui intelligente investigador dos monumentos antigos do Egypto, inspirado pela leitura da celebre passagem de *Strabão,* em que descreveu os dois templos do Serapeum descobriu debaixo das areias de Sakkarah, no baixo Egypto, o famoso Serapeum, que havia servido ao culto dos Egypcios como tambem dos Gregos: pois que o deserto arenoso que circumda as 11 pyramides, uma das quaes tem 7000 annos e a afamada esphinge que representa a cabeça do rei *Thoutmosis* XVIII, está proximo da antiga Memphis; podendo-se reputar ser esta descoberta em archeologia, a mais importante d'este seculo, estando a par da grandiosa bibliotheca achada soterrada, em que os livros são representados por tijollos cobertos de hyeroglificos.

Em abono da verdade, devemos referir, que Mr. Mariette não teria realisado este grande serviço prestado á archeologia, senão fosse a valiosa protecção que encontrou no illustre diplomatico inglez, Mr. Charles Murray, pois, havendo sido primeiramente negada pelo Vice-Rei do Egypto ao ministro francez a permissão para se fazerem aquellas escavações, valeu-se o distincto archeologo da influencia de Mr. Murray para ter a precisa licença de fazer estas investigações. tendo sido obtida pelo nobre e erudito diplomata inglez; — o qual nos deu todas estas interessantes informações.

Entre os dous templos, o de oeste consagrado ao *Sérapis Egypcio* na epocha da XVIII dynastia e o de leste erigido pelos Gregos ao Sérapis de Alexandria, em consequencia das modificações introduzidas no culto d'este deus nacional durante o principio de dominio dos *Lagides*, havia a avenida da esphinge a qual fôra visitada e descripta por *Strabão.* A reunião d'estes dois *Serapeum* encerra uma extensão de mais de dous kilometros, e em certas partes, a espessura da camada de areia para ser extrahida não era inferior a 90 pés, tendo sido precisos quatro annos successivos para se conseguir descobrir-se esses dois templos assim como a extensa avenida das esphinges, que ligava esses edificios.

Para se effectuarem estas escavações foi preciso empregar muito trabalho e tempo, porque em razão da dureza excessiva da areia amontoada durante tantos seculos sómente se lhe podia abrir córtes quasi verticaes. De tal modo era difficil o trabalho, que em cada semana se aprofundava só um metro!

Quando se contempla o Serapeum, é na extremidade oriental que se acha o hemicyclo sobre o qual estavam collocadas as estatuas de 11 poetas e philosophos gregos que já citámos. Nota-se, além d'isso, que um templo de Sérapis podia sómente apresentar uma capella no estylo puro grego, estoando tambem uma outra ao lado no estylo puro egypcio. O touro que parece estarem a tirar para fóra do *naos*, é a famosa estatua de *Apis.* Na frente das duas capellas, vê-se a perfeição como era lageado esse espaço. —Tendo-se levantado uma d'estas lages descobriu-se na areia, sobre a qual estava assente, estar o solo cheio de pequenas estatuas de bronze representando todas ellas as divindades do pantheão egypcio. Em um dia se apanharam 534.

O mesmo facto foi observado nas outras partes do templo. Conforme as idéas dos egypcios, a areia era reputada materia impura, e para a purificar misturavam n'ella as imagens dos seus deuses. Nas construcções da Assyria e dos hebreus, no tempo de Salomão, se praticava egual uso. Na edade media, quando se reedificavam as egrejas, mettia-se tambem dentro das novas paredes imagens dos santos para as purificar.

O tumulo do boi *Apis,* fôra aberto todo inteiriço na rocha viva, estando formado por muitas galerias que se encruzam. No seu maior numero apresentam, á direita e á esquerda, camaras nas quaes se depositavam as mumias divinas. O tumulo d'*Apis* é formado por um extraordinario edificio subterraneo, que causa grande impressão quando ali se penetra pela primeira vez. Felizmente um acaso extraordinario fez apparecer em uma d'estas camaras ainda intactas um tumulo de Apis, o qual tinha sido murado no anno 30 de Ramsés II, havendo escapado aos espoliadores dos monumentos antigos, pois que todas as outras camaras tinham os seus tumulos arrombados. Portanto appareceu no seu estado primitivo a mumia, tendo decorrido já 3:700 annos! No cimento appareciam ainda assignaladas as dedadas dos operarios egypcios, quando tinham collocado a ultima pedra da parede que fechava a camara. Tambem se notavam as pegadas, dos pés descalços, que tinham igualmente ficado visiveis sobre a camada de areia deitada a um canto d'esta camara mortuaria. Nada faltava pois n'este ultimo asylo da morte onde estava depositado um boi embalsamado desde 40 seculos! Refere Diodoro que se despendia com os funeraes de um Apis a quantia de 100 contos de réis!

Encontrou-se um epitaphio pertencente á mumia d'*Apis*, a qual foi gravada no anno 12 de Onaphrés e em que se declara que a existencia feliz d'esse deus fôra de 17 annos, 6 mezes e 5 dias.

A admiravel estatua foi encontrada no proprio Serapeum e representa um escrivão; descobriu-se em um dos antigos tumulos entre a fila da avenida das esphinges, a qual tinha sido construida durante a XXVI dynastia. Estava collocada no meio da camara de Ikhem-ka, pertencente á 5.ª ou 6.ª dynastia. Esta

figura parece estar viva: o seu olhar fixo que causa tanta admiração foi obtido por uma combinação mui habil. Com um bocado de quartz branco, opaco, incrustaram n'ella uma pupilla de crystal de rocha muito transparente, no centro da qual está fixado um pequeno botão metallico. O globo do olho é inteiro e está todo engastado em uma folha de bronze que finge as palpebras e as pestanas, [1] As areias poderam felizmente ter conservado a côr de todas as figuras d'este tumulo. A posição dos joelhos e o modelado dos rins são sobretudo notaveis pela prefeição das fórmas, e todas as feições estão indicadas com verdadeira individualidade.

As outras estatuas encontradas no mesmo tumulo, sem pertencerem a uma arte tão perfeita, teem todavia algum merito, que raras vezes os egypcios poderam mostrar nas suas obras. Conforme um calculo feito pelo Mr. Lenormant, a 5.ª dynastia principiou a reinar em 4073 antes da V. J. C.; de maneira que a gravura representada n'esta copia póde ter perto de 6:000 annos de antiguidade. Será pois um dos mais antigos monumentos executados pelos homens, além de ser um dos mais perfeitos de todos aquelles que a arte egypcia tenha produzido.

O Serapeum resolvia as difficuldades historicas das ultimas dynastias. Quantos réis vieram a conhecer-se e a classificar-se pela sua ordem chronologica! Quantos mysterios se explicaram do symbolismo religioso do antigo Egypto! Descobriu Mr. Mariette o verdadeiro caracter da religião monotheista do Egypto, além de têr conquistado mil monumentos ao esquecimento os quaes eternamente farão lembrar o seu nome, o seu saber profundo, penetração maravilhosa, e tambem a coragem, que fará recordar á posteridade essa existencia tantas vezes exposta, quaes foram os seus soffrimentos e haver perdido a sua saude sacrificando-a nas aras da sciencia, e no progresso dos conhecimentos do presente seculo!

Entre esses achados de grandissima importancia para a archeologia, basta citarmos os nomes de *Panis*, d'onde se reconheceu a famosa *Adarés* e os inapreciaveis testemunhos historicos da dominação dos reis pastores, descobrimentos illustrados por interessantes considerações.

Para finalisar esta enumeração de tantas descobertas, e avaliar a sua importancia, é sufficiente subir o valle do Nilo, onde se admiram essas preciosidades archeologicas. O nome de Mariette está vinculado de uma maneira perduravel a todas essas ruinas pharaonicas.

É Mr. Mariette auctor de um livro que contém para mais de 24:000 antiguidades descobertas por elle só, classificadas com inscripções e catalogos. Tem enriquecido a historia com grande numero de textos preciosos; tem reconstruido por si só a serie das ultimas dynastias, explicado as obscuridades do symbolismo egypcio, feito a conquista do Serapeum e de Avis, a capital dos reis pastores: portanto o nome do sabio Mariette não perecerá, mas sim ficara vinculado pela posteridade ao immortal nome de Champollion.

(Continúa)

J. P. N. da Silva.

[1] Serapis era deus egypcío, e foi o mais conhecido e venerado na Grecia e Roma: se identificava a Plutão, a Esculapio e a Jupiter; tinha sacerdotes, templos, sacrificios e auruspices. O seu culto passou em Roma no 1.º seculo antes de J. C. era Osiris debaixo da fórma d'Apis. Quasi todas as suas estatuas pertencem á arte grega; representando-o envolvido em compridos tecidos, rodeado de serpentes com o *modius*, o alqueire sobre a cabeça, ar grave nobre e meditativo. Os seus adoradores o reputavam ser o Deus supremo, aquelle que resuscita e dá vida e saude.

A BASILICA DE MAFRA [2]

> ...The extent of Mafra is prodigious: it contains a palace, a convent, and *must superb church*.
>
> Byron.

Rico e magestoso na fórma, arrojado na execução, magnificente e bello nos primores de arte que ostenta, o templo é a peça mais recommendavel do monumento de Mafra. Ao transpôr os umbraes do famoso sanctuario, esse complexo de bellezas, onde o genio do homem elevado ao mais alto grau resplandece e scintilla de todas as partes, formando nas suas manifestações multiplices como que a visão de um mundo superior, não póde o observador esquivar-se a uma impressão de respeito e alegria, e fica subjugado por sentimentos tão suaves como profundos. Por toda a parte, desde o solo até ás abobadas, brilham os mais bellos marmores, os mais graciosos mosaicos animados pelo cinzel de habeis artistas.

A grande nave central ornada de pilastras compositas e canneladas, as duas naves lateraes cujas capellas se communicam pelos seus altivos porticos de marmore preto preciosamente polido, o cruzeiro, cujos arcos soberbos guarnecidos de lindos florões sustentam a cimalha onde se apoia o zimborio, os seis orgãos collossaes com seus formosos ornatos de metal, os cancellos e os candelabros do melhor gosto artistico, os magnificos retabulos de fino calcareó, as estatuas de marmore de Carrara... tudo isto é coroado pela magestosa cupula do zimborio, peça que por si só constitue um monumento admiravel.

[1] Existem actualmente no museu do Carmo os modelos d'este sumptuoso e remoto templo.

[2] Novamente se publica a primeira parte d'este artigo, por ter sido impressa com uma inexactidão no antecedente numero do *Boletim*.

O espirito mais indifferente, menos esclarecido, solta insensivelmente uma exclamação de surpresa e de admiração, ao presenciar tantas maravilhas; mas depois que o assombro desapparece, que o cerebro e a alma estão — por assim dizer — desanuviados das primeiras e fortes impressões, é então que se aprecia o espectaculo sublime e o contorno d'essas producções famosas, que só o genio arrebatado pode produzir. Por toda a parte e em tudo nota-se a fecundidade de imaginação, a delicadeza das molduras e dos ornatos, a belleza das folhagens, das flores, das rendas, dos metaes, e a prodigalidade da esculptura nos altos relevos, cujos detalhes são expressos com a maior felicidade e precisão, e onde as figuras parecem respirar — tal é a fidelidade com que traduzem os sentimentos que lhes quizeram fazer exprimir.

Não deporia muito a nosso favor se, para avaliar o grandioso templo, nos fosse necessaria a opinião dos estrangeiros; todavia bom é cital-os, porque o seu juizo é insuspeito — «Nunca vi, disse Beckford, um conjuncto de formosos marmores como o que resplandece por cima, por baixo e ao redor de nós: o pavimento, a abobada, a cupula, e até o lanternim são forrados dos mesmos preciosos materiaes: rosas, grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas, enriquecem todas as partes do edificio: nunca vi capiteis corinthios melhor modelados e esculpidos.» Raczynski disse: «A egreja toda fórma um conjuncto harmonioso de proporções e de côres: é um modelo de architectura.» Não ha muito disse-me um viajante inglez, depois de ter examinado a egreja com a maior attenção: «Quem tem Mafra não precisa viajar para ver monumentos e obras de arte.» E este homem contou-me que tinha percorrido a Europa.

Descrevamos:

A egreja tem a fórma de uma cruz latina, A nave principal, de 33,^{m}5 de comprimento por 12^{m} de largura, constitue o pé da cruz; o cruzeiro, cuja projecção horisontal é de 46,^{m}3, fórma os braços; e a capella mór, de 16,3, servindo de prolongamento, é o remate da cruz; e finalmente toda a linha de projecção horisontal, contada da porta da entrada ao fundo da capella mór, tem 63^{m}; e a linha vertical tirada do eixo da abobada tem 21,^{m}5.

No centro do cruzeiro eleva-se o zimborio.

A luz judiciosa e abundante, mas não superflua, derramada pelas janellas da nave do cruzeiro e do zimborio banha suavemente o espaço; e quando os raios do sol se introduzem entre os pilares, as volutas e os acanthos dos capiteis, o templo resplandece agradavelmente. Duas naves lateraes, estendendo-se parallelamente á grande nave central e finalisando no cruzeiro, reforçam a elevação cruciforme; e pelo prolongamento além do cruzeiro, formam aos lados da capella mór as duas capellas do transepto.

Cada nave lateral tem tres capellas separadas, que se communicam entre si pelos soberbos porticos de marmore preto, polido, com ornatos de diversas côres — os porticos, além de mui ricos festões, apresentam no sobre-arco e em cada uma de suas faces, um semi-circulo com um baixo relevo de marmore, allusivo a certas passagens da Escriptura. Estes baixos relevos são obra de Braz Toscano de Mello.

Todo o trabalho de esculptura é posterior á edificação geral: os quadros que ornavam os altares eram de pintura; mais tarde Alexandre Justi, ou Giusti, nascido em Roma em 1715, e que viera a Portugal em 1747 acompanhar as peças da capella de S. João Baptista, foi encarregado por D. José I de crear a escola de esculptura em Mafra, o que teve logar em 1753, vencendo elle 60$000 réis mensaes, além de uma gratificação por cada trabalho executado. Esta escola, a primeira, mais numerosa e importante de Portugal, foi depois dirigida por Laborão, por Machado de Castro, e ultimamente por Braz Toscano de Mello, discipulo de Justi, e fallecido em Mafra em 1823. A escola fechou em 1820. Ainda existe um discipulo d'essa escola, o sr. Estevão Antonio Jorge, actualmente administrador da real tapada.

Desde a creação da escola sempre n'ella trabalharam artistas portuguezes; e diz Cyrillo que Giusti aggregara a si dois desbastadores: Antonio Luquez e Francisco Alves Canada, e com elles fizera o retabulo dos Santos Bispos, que collocou em 1755, antes do terremoto; e que de dois em dois annos concluia mais um, e se foram seguindo: o Santo Christo, Nossa Senhora do Rosario, as Virgens, os Martyres, os Confessores, a Sacra Familia, e a Coroação de Nossa Senhora. Antes de acabar este ultimo retabulo, o grande esculptor perdeu a vista; parece que pelo excesso de trabalho de noite. Conta o sr. Estevão A. Jorge, pelo ter ouvido a Braz Toscano, que Justi modelava de noite, á luz escassa de duas vélas de cebo; e era tão perito que, mesmo cégo, examinava os trabalhos, apalpando os, e fazia as observações ácerca da execução da obra. Justi falleceu em 1799.

Trataremos das capellas e dos retabulos pela ordem da sua collocação.

Cada capella tem um altar com seu retabulo, e quatro estatuas de marmore de Carrara, mettidas em nichos abertos nos respectivos angulos. Estas estatuas, de grandeza maior que o natural, e assignadas por artistas italianos, representam os doutores, os apostolos, os evangelistas, etc. Cada uma das capellas mede 8^{m},8 por 6^{m},8; e os quadros de calcareo branco finissimo, entre duas columnas de mar-

more côr de rosa, teem 3^{m},5 por 22^{m}. O retabulo da primeira capella denominada das *Virgens*, na nave lateral direita, entrando no templo, apresenta em meio e alto relevo um grupo de figuras, entre as quaes sobresaem, com admiravel expressão, Santa Isabel rainha de Portugal, com o caracteristico de rosas no regaço do manto, Santa Isabel de Hungria, e Santa Clara. Na parte superior do quadro apparece a Virgem que com o manto cobre o grupo: dois anjos coroam a Virgem, em tanto que outros se projectam entre nuvens. O rosto da Mãe de Deus é de uma suavidade arrebatadora. Tem o cunho da perfeição moral que não póde deixar de se attribuir á Virgem divina.

A segunda capella, denominada dos Confessores, apresenta no seu bello quadro S. Luiz, rei, Santo Ivo, S. Bernardino, e outros; a cabeça d'este ultimo é de uma execução maravilhosa — nada ha mais bello nem mais expressivo — é um prodigio de perfeição; e além d'isso, ha ainda a notar a abundancia de desenho, de bordados e de ornatos tão graciosos, que prendem a attenção do observador. Na parte superior do quadro está a Virgem com o menino nos braços, rodeada de anjos, um dos quaes lhe offerece um açafate de flores.

A terceira capella é denominada dos *Martyres*. — Um grupo d'esses heroes do Christianismo constitue o quadro do altar. Os rostos de todos os personagens são suaves, mas exprimem angustia com tanta verdade, tanta correcção que provocam interesse e respeito. O grupo tem quatro figuras de perfil, em alto relevo; e no fundo do quadro apparece uma em baixo relevo, que contrasta com muita sciencia. Na parte superior vê-se a Virgem com o Menino Jesus, cercada de anjos que seguram açafates de flores, corôas e palmas.

A primeira capella da nave lateral esquerda, entrando, é a do *Santo Christo*. O retabulo representa a scena da tremenda tragedia do Calvario, mas com uma poesia admiravel que transparece nas feições dos personagens que formam o respeitavel grupo. A figura do Christo crucificado é a um tempo severa e doce, divina e humana. S. João e as filhas de Jerusalem, chorando junto da Mãe de Deus, produzem um effeito tão pathetico que não póde deixar de sentir-se; e a Magdalena abraçada aos pés da cruz esparge, roçando a terra, a longa trança de seus cabellos. Maria, a suave Madona, inspiradora e casta, olha para o Filho com uma ternura e resignação que se não descrevem. Uma das mulheres exprime tão vehemente dôr que a natureza não a póde exceder: falta-lhe apenas a voz, e deseja-se o ver correr-lhe as lagrimas. É um prodigio de estatuaria. Diz-se que Gentil, para executar o seu famoso Christo para a egreja de S. Martinho, em Langres, crucificára um homem em vida, para com mais verdade representar o assumpto; mas Justi não precisou torturar ninguem, para estudar e produzir tão admiraveis figuras. Este quadro é um verdadeiro poema escripto em pedra, que só uma inspiração e muito saber podiam realisar.

A segunda capella é a denominada dos *Bispos*. O respectivo quadro é composto de um grupo de figuras distinctas d'esses homens que occuparam os altos cargos da egreja; a roupagem é excellente, e são muito mimosas e delicadas as rendas dos bordados e dos arminhos. Está na parte superior do quadro a Virgem com o Menino, e aos lados muitos anjos sustentando as insignias episcopaes.

A terceira capella é a do *Rosario*. Na parte superior do retabulo vê-se a Virgem dando o rosario a S. Domingos, que o recebe em posição nobre e respeitosa, em quanto que S. Francisco se acha ao lado, em postura devota e humilde. O resto do quadro compõe-se de anjos, um dos quaes offerece á Senhora um açafate com flores.

A outra capella co-lateral denomina-se da — *Conceição* — O retabulo, em meio relevo, representa a Virgem com o Filho nos braços; sob os pés da Virgem está uma serpente, na bocca da qual entra a extremidade de uma cruz, que o Menino tem na mão — muitos anjos preenchem o restante do quadro. Ao lado ha um primoroso baixo relevo — a *Annunciação* — É singelo; tem sómente as duas personagens: Maria, e o anjo; e na parte superior a pomba, figura symbolica do Espirito Santo. A posição da Virgem é humilde, porém nobre, e a belleza physica, symbolo da perfeição moral, brilha no seu rosto, e exprime o verdadeiro sentimento da honestidade; o anjo está curvado ante a Senhora, mas o contorno é tão perfeito, e tão elegante que não denota o mais leve signal de servilismo. Adornam a capella quatro estatuas de marmore de Carrara, de grandeza maior que o natural; a saber: Santa Anna, S. Joaquim, S. José, e S. João Baptista, assignadas por *Joannes Baratta, 1732*. Esta capella foi outr'ora a de S. Pedro de Alcantara; porém, quando os conegos regrantes de Santo Agostinho aqui estiveram no reinado de D. José I, como por ali é a passagem para a sachristia, parece que não se compraziam em vêr o habito humilde de S. Francisco; trocaram então os quadros, e portanto as capellas trocaram os nomes. — O outro transepto não é tão visto.

Façamos algumas considerações ácerca de varios objectos, e dos artistas que trabalharam no templo, e obrigaram o marmore a representar com tanta verdade as qualidades divinas, as virtudes e os sentimentos celestes.

Nota-se que em todos os retabulos a Virgem tem os pés descobertos; esta maneira é caracteristica em differentes escolas e artistas. Justi adoptou-a em todos os seus trabalhos.

Não ha pulpito fixo; este objecto que foi de alta importancia nas cathedraes gothicas, por muito tempo collocados no côro, mais tarde nas naves, de madeira ou de marmore, é considerado como movel independente da construcção; o do nosso templo é de madeira e portatil.

Passemos ao cruzeiro. Os dois lados do espaço cruciforme conteem duas capellas: a do lado direito denomina-se da — *Coroação da Virgem* — é este o assumpto do quadro de marmore, que tem 5,^{m}5 por 2,^{m}7, entre duas columnas compositas de grés mosqueado, monolithas de 9,^{m}5 de altura, encaixilhado em marmore preto. A meio do quadro está a Virgem na occasião de ser coroada pela primeira e segunda pessoas da SS.^{ma} Trindade: na parte superior vê-se a pomba figura symbolica do Espirito Santo; aos lados e na parte inferior veem-se muitos anjos tocando diversos instrumentos. Este grupo é assaz notavel pela alegria que brilha nos rostos de todas as figuras, animadas de singelo encanto, de graça pudica, e da mais doce serenidade. Um frontão, cujo tympano é preenchido por duas cabeças de anjo, cobre o retabulo; na parte inferior, entre as duas peças, ha um formoso arabesco. Tem a capella um candelabro de sete lampadas, e é fechada por uma formosa grade de ferro, ornamentada de metal, e de agradavel effeito.

O outro braço da cruz tem a capella da *Sacra Familia*. O retabulo, cujas dimensões e disposição são eguaes e similhantes ás da capella fronteira, compõe-se de um grupo de figuras, em meio e alto relevo, tendo na parte superior a primeira e terceira pessoas da SS. Trindade entre nuvens, que os anjos pretendem affastar. Em baixo está a Virgem segurando o Filho, e S. José, S. Joaquim, e Santa Anna que apresenta S. João a Jesus. Na parte inferior está o cordeiro. São muito notaveis as attitudes dos diversos personagens, cujas physionomonias, exprimindo tão precisamente as respectivas idades, formam um contraste de muito primor. A capella é fechada por uma balaustrada de marmore de côr apoiada em base de calcareo branco; a cimalha é de spatho azulado.

A capella-mór, collocada no remate da cruz, mede 16,^{m}3 por 12^{m} — era fechada por uma grade, cuja materia e bellezas artisticas são em tudo eguaes ás da capella da *Coroação*. Esta peça que foi deslocada em 1868, existe hoje no museu da real associação dos architectos e archeologos portuguezes. O altar é ornado por um famoso quadro da escola romana, obra do pincel de Trevisani que floresceu no primeiro quartel do seculo passado. Na parte superior do quadro está a Virgem entregando o Menino Jesus a Santo Antonio, o qual, ajoelhado na parte inferior, o recebe em seus braços. O quadro é original, tem finos toques, e muito vigor de claro escuro. Sobre o frontão que cobre o quadro ergue-se um crucifixo de marmore de 4,^{m}2 de altura; aos lados da cruz veem-se dois anjos em adoração — são tres peças de grande merito. Christo tem a physionomia grave e doce, a barba curta, os cabellos separados ao meio da testa em duas tranças que caem sobre os hombros; e a despeito do uso geral tem a perna esquerda sobre a direita — de certo não foi erro do artista. Diz Cyrillo que os modelos foram feitos por José de Almeida. O do Christo, em madeira, existe em arrecadação, assim como existem, em gesso, os modelos de todos os retabulos e das estatuas. A capella tem um candelabro como o da capella da coroação, e é hoje fechada por uma balaustrada similhante á da capella da *Sacra Familia*, — obra que se fez por occasião de se tirar o cancêllo, e custou 400$000 réis.

No cruzeiro estão collocados seis orgãos, sendo dois em cada braço da cruz, e dois na capella-mor. Não são estes os primitivos. No fim do seculo passado, e principio do actual procedeu-se á substituição d'elles, sob a direcção de Fontana, e de Machado; custou o trabalho de reconstrucção 30:000$000 réis. Já démos a descripção d'elles nos Boletins de 1876.

Aos lados da capella-mór, e formando o transepto, ha duas capellas de 14^{m} por 7^{m}; a do lado direito é denominada de *S. Pedro de Alcantara*, em rasão do quadro de pintura que decóra o altar. As paredes da capella são decoradas por almofadas de marmore preto bem polido, e por pilastras jonicas. Ha ali tambem quatro estatuas primorosas dos anjos S. Miguel, S. Raphael, S. Gabriel, e o Custodio do reino — são as melhores de toda a egreja. O S. Miguel é magnifico: a sua figura é de um joven heroe, os contornos são de uma maneira assaz nobre, e a musculatura é tão perfeita que bem exprime a belleza da fórma corporal; ainda que na acção de arrojar o golpe, apresenta perfeita tranquilidade, o que contrasta judiciosamente com a figura grosseira do demonio, de contornos incertos, de musculos inchados e informes, similhante á figura de um repugnante Fauno, e que o anjo tem debaixo dos pés — Está assignado por *G. B. Maini, 1750* — O quadro do altar, bem como outro, a Cêa — tambem de pintura, que fica ao lado são mediocres, e estão arruinados . Houve intenção de os substituir; não só porque existem os modelos, em gesso, como por que do painel da Cêa conhecemos duas peças bastante adiantadas — a uma d'ellas salvou o zelo do sr. Estevão A. Jorge, cujo nome temos citado, e a quem doeu vêr destruir uma obra, cujo valor elle conhecia, e aonde o seu cinzel trabalhára. De longa data esta capella é infeliz.

Nota-se que a capella-mór não tenha retabulo de

marmore. Creio que nunca se pensou em deslocar a téla de Trevisani; porque, a ser assim, quando a escola começou, parece que o primeiro quadro de pintura a substituir deveria ser o da capella principal; e ainda mais: existindo os modelos de todos os retabulos, mesmo o da Cêa, que se não concluiu, por fechar a escola, não existe modelo para o da capella-mór. Pelo mesmo motivo não se fizeram algumas lunetas que coroam os porticos das capellas lateraes.

Citaremos os nomes dos artistas que trabalharam sob a direcção de Justi, ou foram seus discipulos.

Quando Justi veiu para Mafra — segundo diz Cyrillo — trouxe comsigo Antonio Luquez e Francisco Alves Canada, e teve por discipulos: Antonio Pecoraro, seu cunhado — Roberto Luiz da Silva, de Lisboa — João José Elveni — Francisco Leal Garcia — Joaquim Antonio Macedo — Braz Toscano de Mello de Alvito — Silverio Martins, de Linda a Pastora — Joaquim Machado de Castro, que veiu para modelar, e Alexandre Gomes, da Picanceira — Salvador Franco — Lourenço Lopes — José Joaquim Leitão — João da Silva Pevides e José Patricio, estes todos de Mafra. Este ultimo mui particularmente respeitavel para mim, era filho de Pedro Luquez; e tendo professado no mosteiro de S. Vicente de Fóra, voltou a Mafra em 1835, quando os conegos foram d'ali transferidos — fui então seu discipulo. Aqui falleceu em 1840, e jaz no cemiterio d'esta villa.

É pena que não existam documentos que esclareçam, como era para desejar, o movimento da escola de esculptura em Mafra, determinando as phases por que passou. No archivo do palacio ha apenas algumas folhas dos annos de 1799 a 1800, e n'ellas só figuram os nomes de Roberto Luiz da Silva, com 1$000 réis de vencimento diario, Braz Toscano de Mello, com 900 réis, e Isidoro Joaquim, então aprendiz, com 300 réis. Estes dois, que sobreviveram a Roberto, modelaram em gêsso para um jardim que ainda existe no cerco, mas já transformado, muitas figuras mythologicas ou allegoricas, de grandeza natural, e que foram muito gabadas. O vandalismo destruiu tudo, porque — diziam — cheirava a frades. Restam ainda guardados alguns fragmentos.

Notando differença no modo de escrever o nome de Giusti, devemos dizer que as assignaturas de seu punho existentes no livro das actas da ordem 3.ª de S. Francisco, onde elle serviu muitos annos com Machado de Castro, Vieira Lusitano, Baptista Garvo e Vasco José Leitão, são por esta fórma: Alexandre Justi.

E justo que dêmos tambem os nomes dos artistas estrangeiros que assignaram as 42 estatuas de marmore de Carrara que adornam as capellas; e são: — Gir.º Ticiatti — Antonius Montanti, arch. flor. — Vin.ºs Faggini, flor. — Jacob Baratta, Carrariae — Victorius Barbierus — Comes Joannes Baratta — Joseph Brocetti, flor. — B. Pincellotti, rom. — Carlo Monaldi, rom. — Simão Martinez, Messanen. — Joannes Philippus Tanzi, Carrariae — Giuseppe Piamontini, flor. — Joachim Fortini, flor. — J.º Baptista Vacca, Carrariae — e Joannes B. Maini. E todas as estatuas — com excepção de tres, que teem data de 1730 — são datadas de 1732. Prova se por tanto, qne todas aquellas peças, pela materia — *o jaspe* — pelas assignaturas e pelas datas, foram feitas na Italia, e já depois da sagração do templo.

Registrando os nomes dos artistas célebres, nacionaes e estrangeiros que fizeram subir a arte ao mais alto grau, praticamos um acto de justiça; e as gerações futuras hão de lêr com respeito os nomes d'esses homens que se elevaram por tal fórma e realisaram em todos os generos prodigios taes de perfeição, que as suas obras hão de excitar sempre a consideração que merecem, como producções de inspiração christã. Em vão buscaremos comparações entre Apelles e Zeuxis, Guido e Rubens; enre o juizo final de Miguel Angelo e o julgamento de Minos, entre o sacrificio de Ephygenia e odescendimento da Cruz. A renascença foi na verdade um phenomeno extraordinario, d'onde brotou um pensamento incompativel com o que gerou a esthetica antiga.

Fallaremos, finalmente do zimborio, corôa preciosa do templo.

O zimborio póde dividir-se em quatro corpos distinctos: o primeiro é a base; o segundo é o corpo principal; o terceiro a cupula; o quarto o lanternim apoiado sobre o annel da cupula.

A base é formada pelos socos de feldspatho quartzoso onde se apoiam as columnas que guarnecem o corpo do zimborio. Dezesseis columnas corinthias, de calcareo branco, divididas em oito grupos, adornam magestosamente este corpo octogonal, que contém um numero de janellas egual ao numero de seus lados. Cada janella tem 4,m4 de altura por 2,m2 de largura — uma cabeça de anjo, circumdada de arabescos, forma a chave do arco das janellas; na parte inferior de cada uma d'estas ha lindas cornucopias do mesmo calcareo. As columnas são caneladas, bem como o são oito pilastras distribuidas nos intervallos de cada grupo de duas columnas, tendo cada uma 5,m8 de altura; sustentam ellas o entablamento onde se apoia a magestosa cupula. São magnificos os capiteis d'estas columnas e pilastras; não só são os melhores de todo o templo, mas o melhor que se poderia cinzelar. — O lindo cabaz de acantho nunca foi mais bem interpretado e esculpido.

A cupula é ornada de oito grandes festões que,

partindo da cimalha, vão terminar no annel que sustenta o lanternim: são elles formados de linda folhagem de marmore, entre a qual apparecem bagas pretas graciosamente distribuidas; uma facha de marmore amarello vae ligar a folhagem; e toda esta variedade e judiciosa combinação das côres produzem maravilhoso effeito, Nos intervallos dos festões ha riquissimos florões de marmore branco, sobre um fundo de côr vermelha, e de fórmas muito variadas. O excellente mosaico de que se compõe esta cupula torna-a um objecto singular.

O lanternim, finalmente, é guarnecido interior e exteriormente por columnas jonicas, e tem oito janellas adaptadas á sua figura polygonal. Na cupula do lanternim vê se em alto relevo a pomba, figura symbolica do Espirito Santo, medindo de uma a outra extremidade das azas 1,^{m}5.

A respeito do zimborio não ha descripção possivel. A nobreza da fórma, as riquezas artisticas, o arrojo e a firmesa das suas abobadas formadas por grandes aduelas de marmore, tudo isto colloca esta peça em condições de ser considerada, só de per si, um precioso monumento.

—

Traçar um estudo perfeito da basilica de Mafra é cousa difficil, nem tivemos a intenção nem temos força para tal empresa. Mas, quando os annaes de uma nação muitas vezes não referem senão a historia das suas guerras, dos seus triumphos ou revezes que só contam as acções de um principe ou d'um general, que só fazem conhecer o nome de alguns homens mais ou menos distinctos, a religião, a arte a vida intima de um povo, e os objectos que lhe respeitam são esquecidos.

Muito bem se tem hoje comprehendido a importancia e o interesse devidos a nossos monumentos christãos, porção gloriosa das nossas antiguidades: homens serios e emprehendedores se teem preoccupado d'esse estudo = *a archeologia* = que faz a honra da arte; seu zelo e seus trabalhos teem produzido fructo. Pela nossa parte, fallando de Mafra, desejando fazer bem conhecida a grande obra, ficariamos bem recompensados se podessemos reanimar em todos os espiritos o respeito e a consideração que ella merece; e o seu estudo, ainda mesmo o dos mais pequenos detalhes, não seria ocioso ou esteril.

Áparte as considerações politicas e economicas, devemos confessar que o edificio de Mafra, sendo uma obra grandiosa, tem no templo uma joia magnifica que foi e é uma grande escola de architectura e esculptura, que nos arrebata pelo espectaculo de suas obras primas.

Ludovice immortalisou seu nome na construcção geral, e mais tarde vem Justi enriquecer e embellezar a melhor peça; e ambos, como dois astros brilhantes, em seu rapido vôo deixaram-n'os maravilhas que alguma cousa tem de divino. Cada pedra é um pedestal a estes heroes na arte, que os nossos acompanharam, e que a final não só foram seus perfeitos imitadores, mas até mesmo seus rivaes.

Prestar-lhes homenagem é uma acção nobre e justa.

Mafra, fevereiro de 1880.

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

Socio da real associação dos architectos e archeologos portuguezes.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES

ÁCERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 9 pagina 133)

X

Adegas ou subterraneos. — Em Portugal e especialmente em Lisboa, não nos consta que se tenham edificado casas, attendendo ao compartimento *adega*, a que poderiamos chamar *dispensa dos vinhos;* julgamos mesmo que nunca houve encarregado de obras, que se preoccupasse com essa exigencia nas casas que tivesse de edificar, apezar de se affirmar que o paiz é *vinhateiro*; talvez mesmo seja essa a causa: como todos sabem que por toda a parte encontram vinho, julgam que não é necessario fazer d'elle reserva.

Em França, Italia, Inglaterra e Allemanha a *cave* (adega) faz parte indispensavel da construcção de uma casa decente, por modesta que seja.

Trataremos portanto da *cave* em Portugal, para que não falte essa circumstancia a este nosso trabalho; sem esperança, porém, que n'ella se pense.

Uma das condições essenciaes de uma boa adega (cave) é a de ser bem ventilada; para isto se conseguir, é necessario construir-lhe grandes respiradores, quando o local e a construcção da casa o permittam, por isso que, sendo as adegas sempre

collocadas nos subterraneos, é muitas vezes difficil estabelecer meio de obter correntes de ar, como, por exemplo, nas casas encostadas, e encravadas. É preciso então nas paredes meias reservar tubagens ou chaminés de ventilação que desçam até 0,m50 distantes do chão.

Nos casos em que essas tubolações se possam estabelecer em communicação com as chaminés das cosinhas ou dos fogões, essa disposição será sempre conveniente, porque o calor obrigará a estabelecer a corrente de ar.

Póde se tambem, e o que é ainda melhor, prolongar as chaminés das cosinhas até ás adegas, o que as conservará em boas condições, que se podem regular por meio de um registro applicado na parte inferior.

É tambem circumstancia util á boa conservação dos vinhos, e mais bebidas espirituosas, a ausencia de luz, bem como uma temperatura fresca sem humidade.

Os subterraneos que se encontram em algumas casas são em geral provenientes da disposição do terreno em que tem de edificar-se a casa e nunca como fazendo parte necessaria dos commodos da casa: aproveitar portanto os taes subterraneos para adegas, quando para isso lhes faltam as circumstancias necessarias, terá o inconveniente de compromettar a boa conservação dos vinhos e licores.

Taes logares, como de ordinario se constroem, são de pouca utilidade, porque nem servem para habitação nem para armazem.

Ladrilhos. — Em Lisboa actualmente não está em uso ladrilhar casas, e com toda a rasão; porque os ladrilhos tornam as casas frias. Nas provincias, é, porém, esse uso muito commum.

Parece-nos que só a economia poderá aconselhar tal uso, ou a necessidade admittil-o

Deve-se porém ter em vista que essas casas não são proprias para dormir, sem estrado, ou, pelo menos, esteiras.

Taes casas são incapazes para habitação de creanças, sem que sejam assobradadas.

Tectos. — Os tectos devem ser sempre de estuque, como tambem as paredes, de modo a poderem ser caiados ou forrados de papel; em relação ás casas mais pequenas e de tectos de *esteira* que devem ser sempre lisos.

Nas grandes casas, do mesmo modo devem os tectos ser de estuque; como, porém, n'essas podem elles ser ornamentados, e camboteados não podem então ser caiados; comtudo devem de tempos a tempos ser corridos com uma aguada de gêsso quando não sejam pintados, aliás serão lavados com agua esabão.

Entre os tectos e os sobrados dos pavimentos superiores devem-se estabelecer ventiladores com respiração para o exterior das paredes.

Sotãos. — Devem ser munidos de trapeiras que possam abrir-se á vontade, afim de conservar o madeiramento em bom estado e de poder ventilar os forros durante os grandes calores.

Portas e janellas. — As portas devem ser bem assentes e justas, bem sambradas e bem aplainadas para bem se pintar; — devem ser ornamentadas e moldadas a linhas francas e largas para evitar a accumulação da poeira.

A porta da entrada (porta da rua) deve, sempre que possa ser, abrir para um vestibulo proprio para isso: quando porém abra para casas interiores, será conveniente que o ar seja resguardado por um guarda-vento.

Nas casas proprias aos operarios e mesmo á classe media, é conveniente, e mesmo muito mais economico, que sejam de uma só peça e não duas meias portas; porque, sendo uma, poupa-se ferragem, madeira e mão de obra.

Portas, devem ser só as necessarias para o serviço e independencia dos quartos e abrir em sentido inverso para evitar as correntes de ar tão nocivas á saude.

As muitas portas tornam as casas pequenas, diminuindo as paredes e difficultando a arrumação dos moveis, além de tornarem os quartos pouco confortaveis e frios.

As janellas devem sempre ser collocadas de maneira a dar boa luz e ar para os quartos, como já dissemos; devem-se abrir a 0,m60, ou 0,m80 acima do chão, por isso que abertas muito alto não facilitam a circulação do ar na parte inferior.

Nas casas onde é de esperar que os habitantes ponham cortinas, (bambinellas) é indispensavel que as portas interiores das janellas sejam articuladas, e embebidas na grossura das paredes, para que não difficultem pela saliencia a collocação dos cortinados e decorações.

Como aquella disposição de portas demanda mais ferragem e mão de obra, tornam-se mais dispendiosas, e é por isso que se prescinde d'essa circumstancia nas casas pequenas e de construcção economica; comtudo essa falta deprecia o valor da caza.

O sr. *Muller* recommenda todo o cuidado em fazer os encaixes e batentes de modo a evitar a introducção do ar e da agua da chuva, devendo por isso fechar as meias portas de *macho* e *femea* e na parte inferior tanto dos peitoris como do chão fechar sobre rebordo fixe no aro e ter calhas e escoante para a agua que se possa introduzir.

As janellas denominadas *de peitos* devem se abrir e fechar pelo systema de compensação, ter caixilhos de pinasios largos e fechos de prisão.

Chaminés de cosinha e de fogão de aquecimento. —Cada paiz tem o seu regulamento em relação a chaminés. O regulamento de Paris é, em nosso entender, o melhor.

O systema usado em Lisboa na construcção das chaminés de cosinha pode-se quasi dizer que é o mesmo que se tem seguido desde que se fazem casas; e em geral não se attende a uma boa tiragem e a economia de combustivel. Diremos por tanto alguma cousa a tal respeito.

Uma conducta para cada fogo (andar) é sempre o melhor methodo a seguir nas chaminés de cosinha e mesmo dos fogões de aquecimento.

As conductas devem ser reguladas conforme o fogo provavel: porque, sendo grande de mais, prejudica a economia de combustivel; e, sendo pequena, faz má tiragem e recua o fumo.

Devem ser sempre conicas quanto possivel e não empregar na sua construcção senão tijolo.

Conviria que se usassem na boca das chaminés corrediças de ferro que se podessem fechar á vontade; seria isso util á economia e mesmo uma prevenção contra os incendios.

Escadas. — Devem ser claras e espaçosas (o contrario tem grandes inconvenientes e deprecia a casa); o menos ingremes possivel e degraos de passo largo e descançado, balaustre de ferro e corrimão de madeira parafusado.

Ventilação. — O modo de ventilar deve ser independente do modo de aquecimento. Uma chaminé de conducta de ar é o bastante para a sua renovação.

É evidente que, quanto mais espaçosa fôr a casa, melhores se tornam as suas condições hygienicas. Deve por isso attender-se á necessidade que ha de pôr em pratica os meios aconselhados para melhorar essas condições nas casas pequenas. No verão essa necessidade é menor, por isso que, conservando-se as janellas e portas abertas, renova-se o ar facilmente, não havendo então precauções a tomar.

No inverno em que ao contrario tudo se fecha, e se passam as noites em uma casa que se diz agasalhada, e por vezes cheia de mobilia e de gente, alteram-se por isso facilmente as condições de uma habitação saudavel, a respiração das pessoas e as luzes viciam o ar, e taes casas, sem serem previamente ventiladas, são improprias para n'ellas se dormir.

No inverno sendo a temperatura dos quartos mais elevada que a do ar exterior, o ar d'essas casas tende a evadir-se pelos orificios superiores.

No verão e primavera passam-se as cousas de differente modo; a temperatura de dia é mais elevada nas casas, do que de noite em relação aos corpos; em relação, porém, á atmosphera, essa temperatura é de dia menos elevada nos quartos do que a do ar exterior, e por isso introduz-se elle pelos pontos mais altos, e foge pelos mais baixos, isto é pelas fendas das portas e janellas, acontecendo o contrario durante a noite.

Nas casas que forem aquecidas por fogão deve-se ter em vista o ar necessario á combustão. Isto é, uma combustão de 2 kilos de madeira pouco mais ou menos por hora exige 10 a 20 vezes o volume de ar necessario a essa combustão.

A introducção do ar pode fazer se por meio de uma conducta dupla que cerque a chaminé do fogão, conseguindo-se assim tambem economia de combustivel, por isso que esse ar só chegará ao fogo na temperatura de 15 a 20°, comtanto que lhe chegue pela parte inferior.

Os meios pelos quaes aquelles resultados se obtem são sabidos de todos e por isso seria ocioso repetil-os. Em Inglaterra adoptam-se os ventiladores por meio de chapas perfuradas, na rasão de 2:000 buracos por decimetro quadrado, que se adapta ao vão de um dos vidros superiores das janellas mais afastadas do fogão. O tamanho das chapas varía de 20 a 35 centimetros quadrados conforme o tamanho da casa.

Os ventiladores de rotação estão de todo banidos não só pela bulha que fazem, mas tambem por que introduzem o ar com grande rapidez e intermittencias.

Latrinas. — As latrinas no interior das casas só se podem admittir quando construidas com todas as precauções de aceio e ventilação como já dissemos: seria talvez de grande utilidade se se ensaiasse o systema de quarto separado ao fundo de algum corredor, ou outro logar similhante.

O sr. *Muller* reprova as latrinas communs, e adopta-as por andares. Será por isso util, quando se tratar de tal objecto, compulsar os escriptos d'aquelle auctor.

Quanto ao esgoto das aguas de lavagem, já fallámos em outro logar.

A canalisação de agua é uma necessidade sobre a qual não ha questão tanto em relação ao aceio, como ao commodo e economia; o caso está em que os contadores sejam fieis.

Quanto a gaz, não julgamos a sua canalisação uma necessidade, em poucos ou nenhuns logares a sua luz será economica; e quanto a hygienica, de certo o não é: soffre o mesmo risco de contadores infieis, e tem, alem de tudo, o perigo das explosões e do incendio.

Finalisamos aqui os apontamentos ácerca da technologia da edificação urbana nas cidades, e continuaremos tratando do mesmo assumpto em relação ás edificações ruraes.

O socio

F. J. DE ALMEIDA.

MACHADOS DE BRONZE DESCOBERTOS EM PORTUGAL

E. Casanova, desenho.

Lith.ª de Castro & C.ª

LISBOA.

MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO CARMO.

1880.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MACHADOS DE BRONZE

Descobertos em Portugal

(Estampa n.º 36) 3 J

A estampa do presente numero representa machados de bronze d'um typo especial descobertos em Portugal nas provincias da Extremadura, Minho e Beira Alta [1], distinguindo-se dos instrumentos de bronze prehistoricos achados n'outros paizes, não só por serem de maior grandeza, mas mui especialmente por terem duas azas e a extremidade chata: emquanto que os machados de bronze descobertos n'outros paizes teem uma unica azelha e precisam de um cabo para o seu uso.

Pelo exame da estampa e simples compaiação se conhecerá a differença notavel que ha entre esses instrumentos de metal, pertencentes a diversas localidades da Europa, como se observa nos specimens da Irlanda, Allemanha, Suecia, Dinamarca e da Suissa representados no desenho; notando-se a dfferença não só no feitio, como no tamanho e em terem uma unica azelha.

Posto que se veja egualmente na estampa um pequeno machado descoberto na Russia, o qual apresenta tambem duas azas, todavia ellas são tão pequeninas que não se podem comparar pelo seu feitio aos machados descobertos em Portugal. Poderá suppor-se que a população prehistorica do nosso solo não tivesse tido a epoca de transição entre a idade neolithica e a de ferro, e mesmo a duração da edade de bronze fosse muito limitada, e proxima do seu final; porque nas outras povoações d'esta epoca, tanto no centro como no norte da Europa, a edade de bronze principiou por empregar este metal como adorno, por causa da sua raridade o tornar um enfeite *precioso;* pois que na Peninsula Iberica não se tem encontrado até ao presente nenhum adorno para esse fim. Comtudo deve-se suppôr com algum fundamento que os fundidores nomadas teriam introduzido essa industria na Peninsula, a qual foi modificada, dando-se aos machados de bronze a configuração especial e bem caracteristica de uma industria indigena. Se o feitio d'esses machados tivesse sido introduzido pelos industriaes nomadas, qual a razão de não se terem encontrado nas outras nações prehistoricas da Europa instrumentos similhantes, quando esses fundidores viajantes teriam sem duvida visitado as outras regiões? Portanto é de acreditar que essa industria foi creada no nosso solo possuindo um caracter novo e especial, que não se confunde com o dos instrumentos da edade de bronze, descobertos até hoje nos outros paizes.

J. da Silva.

[1] Os exemplares estão expostos no museu de archeologia, do Carmo.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

No domingo 26 de setembro visitaram o museu do Carmo os distinctos membros do congresso de anthropologia, que eram ali esperados por um grande numero dos nossos consocios.

Ao infatigavel presidente d'esta associação, o sr. Possidonio da Silva, se deve o ter promovido, em nome dos archeologos portuguezes, esta e outras manifestações de sympathia e consideração pelos sabios visitantes que examinaram com interesse os objectos expostos e pareceram apreciar em subida conta muitos d'elles.

A este respeito escreve o *Diario de Noticias:*

«Muitos dos congressistas foram visitar o museu archeologico do Carmo, e entre elles os srs. Quatrefages, Hildebrand, Casalis, Cartaillac, Virchow, Villanova, Capellini, Schauffausen, Henri Martin, Pigorini, barão e baroneza de Baye, etc. Estavam presentes o zeloso presidente da associação e muitos membros d'ella, que fizeram a mais sympathica recepção aos illustres congressistas. Tambem estavam ali o sr. general commandante da guarda municipal e alguns officiaes. A banda d'esse corpo tocava á entrada. Os visitantes estrangeiros viram todo o museu e examinaram os objectos expostos, explicando-lhes a procedencia de cada um o digno presidente sr. Possidonio da Silva. Por fim, tendo a visita durado mais de duas horas, o sr. conselheiro Silvestre Ribeiro agradeceu em um breve e elegante discurso, a honra da presença dos illustres estrangeiros, saudando-os mais uma vez pela sua vinda a Lisboa; accrescentando que a associação devia muitos serviços ao seu benemerito fundador e presidente.»

No proximo numero do *Boletim* publicaremos um artigo commemorando a celebração do congresso e dando noticia mais desenvolvida ácerca da visita com que honraram o museu da nossa associação os illustres estrangeiros.

O sr. barão de Baye enviou ao digno presidente da associação dos architectos e archeologos, o sr. Pos-

sidonio da Silva, uma apreciavel collecção de objectos prehistoricos da idade neolithica, descobertos nas cavernas artificiaes do departamento de Champagne pelo proprio offerente. São numerosos os exemplares d'esta collecção, alguns raros n'aquella localidade, e pertencem á idade da pedra polida. Este brinde junto aos objectos que o sr. Possidonio recebera do seu amigo o sr. conde Carlos Lair, tanto d'aquella idade como da de pedra lascada, encontrados na Dinamarca, Suecia e França, veiu enriquecer o museu archeologico do Carmo, onde já existem muitos especimens notaveis, e entre elles 22 machados de pedra descobertos em differentes partes de Portugal.

O sr. J. Possidonio N. da Silva offereceu ao governo do Brazil 100 exemplares das *Noções d'archeologia*, importante obra de que é auctor.

Egual numero de exemplares offereceu ao governo de Hespanha, que, segundo nos consta, agradeceu já ao offerente, dirigindo-lhe expressões muito lisongeiras.

Tambem o governo do nosso paiz recebeu d'aquelle cavalheiro muitos volumes da sua obra, para serem distribuidos pelos alumnos mais adiantados d'alguns estabelecimentos d'ensino publico. O mesmo destino vão ter os que foram enviados para os paizes acima referidos.

Um jornal estrangeiro, nada menos do que *L'Echo du Parlement de Bruxelles*, mencionando esta generosa idéa do sr. Possidonio da Silva, expressa-se em termos tão lisongeiros para o nosso compatriota, que não queremos deixar de reproduzil-os. Eis o artigo:

«L'importance de l'archéologie est maintenant universellement admise. Par les différentes branches que cette science renferme, elle constitue tout à la fois le plus puissant auxiliaire de l'histoire et l'une des sources les plus précieuses de l'art. L'histoire des temps les plus reculés de l'humanité ne peut même se découvrir qu'à l'aide des études archéologiques.

Aussi le principal but de ces études est de rechercher, de reconstituer les monuments que nous ont légués les sociétés disparues et de faire parler ces témoins trop longtemps muets du passé. Tout étrange que cela paraisse, il a fallu aux premiers pionniers de cette science nouvelle, outre de rares talents, une persévérance exceptionelle dans leur but contre mille obstacles pour surmonter des difficultés scientifiques, considérées au début comme insolubles et pour triompher de l'ignorance ou de l'incrédulité des uns, de l'indifference ou du mauvais vouloir des autres.

La plupart des grands archéologues dont le nom est attaché aux étonnants travaux exécutés depuis un demi-siècle, paraissent aujourd'hui dominés par le regret de voir que leurs contemporains mettent une véritable insouciance à les suivre dans la voie qu'ils ont si péniblement ouverte. Pour ce motif, certains des plus illustres parmi ces savants se sont appliqués, dans ces dernières années, à la vulgarisation de la science archéologique. L'un d'entre eux, M. le chevalier I. da Silva, président de l'Association royale des Archéologues portugais, membre de l'Institut de France, vient de donner sous ce rapport un excellent exemple. Ce célèbre archéologue s'est livré à la composition d'un ouvrage élémentaire, accompagné de 324 gravures, qui excite vivement l'attention des spécialistes. Le manuel de M. da Silva est particulièrement consacré aux pays de race latine, oú l'on parle les langues portugaise et espagnole. L'auteur en a fait remettre un grand nombre d'exemplaires aux gouvernements du Portugal, d'Espagne et du Brésil, pour qu'ils soient distribués aux établissements supérieurs d'instruction publique et aux bibliothèques. Parcil acte d'intelligente générosité se passe d'éloges.

C'est sous l'impulsion de tels hommes que le Portugal s'est constamment maintenu au premier rang dans tous les progrès scientifiques. L'archéologie n'y a pas été négligée. La 9e session du congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques se réunira à Lisbonne du 20 au 29 septembre courant, et le comité d'organisation espère que les récentes explorations faites dans les couches tertiaires lacustres du Tage, par des savants portugais, permettront de résoudre définitivement l'important problème étudié depuis tant d'années et jusqu'ici si ardemment controversé: l'existence de l'homme tertiaire.»

O nosso illustre presidente, o sr. Possidonio da Silva, foi reeleito membro do conselho do congresso anthropologico.

O *comité* da nossa associação, que foi aos hoteis comprimentar os archeologos estrangeiros por occasião da sua chegada a Lisboa, era composto do seguinte modo:

Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Secretarios, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, Carlos Alexandre Munró.

Vogaes, Visconde Sanches de Baena, General Antonio Pedro de Azevedo, Joaquim de Vasconcellos, Dr. Manuel Arriaga Nunes, Francisco José de Almeida, Francisco da Silva Vidal Junior.

NOTICIARIO

Transcrevemos do *Diario de Lisboa*:

Tem sido valiosissimos os trabalhos executados no archivo da Universidade de Coimbra pelo infatigavel e intelligentissimo investigador, o nosso amigo o sr. Gabriel Pereira, que actualmente se acha em Evora, mas que voltará para ali a continuar as suas explorações historicas.

Brevemente se publicará o catalogo dos pergaminhos com o respectivo relatorio.

O secretario da Universidade deseja tambem fazer imprimir o relatorio geral, que é bastante extenso e curioso. Seria uma publicação utilissima, porque em Coimbra as riquezas do archivo universitario chegam a ser desconhecidas até para muitos professores da casa.

Entre outros trabalhos, deixou completo o sr. Gabriel Pereira um catalogo das provisões, alvarás, etc., até á reforma de Pombal, em 1772. São 1267 documentos formando 5 volumes, sendo a provisão mais antiga de 1456. O catalogo forma 7 massos methodicamente classificados. Entre estes documentos ha alguns muito importantes, outros meramente curiosos.

A copia d'esta provisão de 1456 termina um volume chamado *Livro Verde*, que é uma certidão tirada em 1471 de muitos documentos desde a instituição da Universidade, cujo indice em summario tambem foi feito.

O trabalho, porém, que talvez se possa considerar mais importante é o que contem os extractos e summarios de livros do conselho da Universidade. Estão completos os de 1506 (os mais remotos) a 1537 (Universidade de Lisboa) e os de 1545, os mais remotos da Universidade de Coimbra, até 1558, enchendo o intervallo de 1537 a 1547 com algumas noticias dos livros de actos e graus d'esta epoca.

Ficou tambem completo o catalogo do cartorio, que comprehende uns mil volumes, tombos e livros diversos dos mosteiros, livros de notas, escripturas, etc.

Terminaremos esta noticia com o indicador methodico do catalogo das provisões, alvarás e cartas regias anteriores á reforma de 1772:

	N.º das provisões
1 Provisões do seculo 15	13
2 Familia real, nascimentos, casamentos, etc.	21
3 Reitores, reformadores, visitadores.	71
4 Estatutos	12
5 Estudos. Cadeiras	208
5 A. Lentes, conductores, etc.	94
5 B. Tempo, informações, dispensas	69
6 Estudos. Variedades	18
a. Universidade e Collegio das Artes	27
b. Collegio de S. Paulo e outros	21
c. Livros (subsidios)	8
d. Theatro (comedias)	4
e. Cadeira de musica	2
f. Universidade e Santa Cruz	6
7 Arca dos medicos	33
8 Estudantes e policia academica	56
9 Jubilações	21
10 Tenças a familias de lentes	13
11 Conezias	54
12 Administração e justiça	166
a. Vereador da Universidade	11
b. Compra e distribuição de pão	9
c. Feira franca	3
13 Contribuições e levas de gente para a guerra, armamentos, ordens de marcha, agradecimentos, etc., (na grande maioria referem-se ao papel importante que a Universidade desempenhou na restauração de 1640)	96
14 Obras	30
a. Obras de Santa Clara	6
b. Obras do Mondego	4
c. Fontes de Coimbra	6
15 Varias	154
a. Sobre os freiraticos (estudantes que frequentavam os conventos, travando-se por vezes grandes motins)	6
b. Propinas de dôces e aromas para S. Magestade. (Dom. hespanhola.) A Universidade dava dôces; mas de Coimbra a Madrid estragavam-se; deu aromas: e por fim dava 500 cruzados para os perfumes de S. Magestade, annualmente	6
c. Estrangeiros	6
d. Dogma e juramento da Conçeição	7
e. Capitães-móres	7

Está quasi perfurado o importante tunnel de Talconera, para o caminho de ferro de Valls a Barcelona, devendo estar concluido em maio proximo. Os quinze tunneis já abertos nas costas de Garraf medem cerca de 4 kilometros.

Dizem alguns jornaes americanos que foi descoberto na cordilheira dos Andes um caminho subterraneo que a 80 metros da entrada se divide em 11 galerias, sem que até hoje se tenha podido chegar ao termo de tão intrincado labyrintho.

Uma associação de geologos americanos trata de fazer uma excursão ás paragens alludidas, pois, segundo os fosseis que appareceram, ha grandes probabilidades de colher importantissimos resultados para a sciencia.

Inventou-se ultimamente em Inglaterra um instrumento chamado *topophone*, para se conhecer a direcção d'onde provém o som. Este instrumento, se as experiencias demonstrarem a sua efficacia, ha de ser de grandissima utilidade para a marinha.

A Academia das Bellas Artes recebeu ultimamente na alfandega, uns oito volumes recem-chegados de VillaReal de Santo Antonio, valiosos objectos de archeologia que a respectiva guia do administrador do concelho menciona pela seguinte forma:

«Um terço de estatua colossal varonil, de marmore branco, e os dois pés e uma perna da dita, achados em escavação, em Alamo; 345 tijolos extraidos do pavimento d'uma casa romana, descoberta no mesmo sitio; um padrão epigraphico portuguez do castello de Alcoutim, que esteve sobre as portas denominadas *Tavira e Mertola*, e um fragmento de um monumento epigraphico romano, encontrado no local das Laranjeiras.

Segundo as informações officiaes, relativas aos mezes comprehendidos entre março e junho, os progressos realisados nos trabalhos do grande tunnel de S. Gothard podem resumir-se do modo seguinte:

Em 29 de fevereiro: — Alargamento lateral, 13:305 metros; galeria de investigação, 10:867; investigação, 9:930; tunnel acabado, 7:772.

Em 30 de junho: — Alargamento lateral, 14:498; galeria de investigação, 10:474; tunnel acabado, 8:964.

Os tunneis de menos dimensão, pertencentes á linha que atravessa os Alpes, estão quasi todos perfurados. Na parte do grande tunnel que estava sujeita á acção de uma pressão excepcional, os trabalhos de consolidação avançam de um modo regular e sem perturbação alguma.

Os jornaes francezes annunciam a morte de um homem que consagrou a vida á sciencia e cujas aptidões e conhecimentos lhe haviam grangeado uma reputação immensa.

O doutor Paulo Broca, cirurgião dos hospitaes de Pariz, senador inamovivel, pertencente ao grupo da

União republicana, morreu repentinamente, em consequencia da ruptura de um aneurisma.

Broca nascêra em Saint-Foy-la-Grande (Gironda) no anno de 1824, e tinha sido successivamente professor de pathologia cirurgica na faculdade de medicina de Pariz, cirurgião dos hospitaes da Piedade e Santo Antonio, e professor do laboratorio de anthropologia dos estudos superiores.

Desde a fundação da Sociedade de Anthropologia, que este anno celebrou o congresso em Lisboa, o doutor Broca foi um dos primeiros campeões da nova sciencia. Escreveu numerosas obras, de subido merecimento.

A morte do doutor Broca foi uma perda irreparavel para a sciencia e para a republica.

Escrevem de Athenas, com data de 28 de agosto, que se acaba de fazer uma descoberta archeologica surprehendente e do maior interesse.

Consta de reliquias humanas encontradas no proprio terreno onde se deu, no dia 3 de agosto de 338 antes da era de Christo, a batalha de Chéronéa, tão fatal á independencia da Grecia.

As seguintes informações foram fornecidas pelo sabio director das pesquizas, M. Stamatakis.

Sabe-se que Pausanias e Plutarcho relataram essa jornada memoravel em que, na planicie que se estende por baixo do Parnaso, 30:000 macedonios, sob as ordens de Filippe e do seu filho Alexandre, de dezoito annos de idade, aniquilaram as ultimas forças alliadas dos athenienses e thebanos. Filippe atacou os athenienses, Alexandre os thebanos, e o choque foi tão terrivel, a lucta tão encarniçada, que o rio que atravessa a planicie, e cujo leito está hoje secco, recebeu o nome de rio de sangue *aimon*. O «batalhão sagrado» dos thebanos, composto de 300 heroicos moços, foi o ultimo que se apresentou no combate, sendo completamente aniquilado. São estes 300 gloriosos vencidos que resuscitam, apoz vinte e um seculos de trevas, taes quaes foram piedosamente lançados por terra no dia seguinte á batalha.

A cinco minutos da aldeia de Chéronéa, hoje chamada *Capraina*, estavam espalhados os membros de um leão gigante que a ignorante cubiça havia destruido, esperando encontrar um thesouro escondido no pedestal.

Minou-se e fez-se ir pelos ares o colosso de marmore, contemporaneo e symbolo dos actos de heroicidade praticados pelos gregos n'aquelle mesmo sitio. Fizeram-se ali pesquizas ha alguns mezes, e encontrou-se primeiro um muro de 25 metros de comprimento sobre 15 metros de largo, da altura de mais de 2 metros e descançando sobre bases de metro e meio. Foi n'este parallelogrammo, formado pela muralha, que o terreno pesquizado a 4 metros de profundidade deixou ver os restos de 185 thebanos descançando ao lado uns dos outros na argila, por correntezas parallelas de 40 corpos e na mesma attitude que tinham quando exhalaram o derradeiro suspiro.

Até agora descobriram-se sete fileiras d'estes gloriosos combatentes; estão collocados de tal modo, que a cabeça dos da segunda fileira descança aos pés dos da primeira. Todos teem o signal das graves feridas que lhes causaram a morte. Um d'elles tem as duas côxas atravessadas por um pedaço de lança; um outro tem a maxilla esmigalhada e desconjuntada; um terceiro tem o craneo horrorosamente aberto; um quarto, com a cabeça admiravelmente conservada, tem a bocca entre-aberta e parece respirar; será transportado para o museu das antiguidades de Athenas. Mas o que ha de particularmente significativo é que esta sublime mocidade possue todos os seus dentes.

Não se encontraram armas, pois que eram tiradas aos vencidos; mas descobriu-se uma certa quantidade de botões de osso, furados no meio, uma especie de alguidares de barro com duas azas. As pesquizas proseguem para se encontrar os 100 outros companheiros que formaram o batalhão thebano.

Procura-se tambem duas lapides funerarias encarregadas de transmittir á posteridade os nomes d'estes 300 mancebos, e que se erguiam á direita e á esquerda do leão de Chéronéa.

M. Stamatakis prepara um relatorio circumstanciado d'este descobrimento historico tão interessante, e mandou reproduzir em desenhos a posição de cada um dos combatentes. Seis d'entre elles serão conservados no museu de Athenas; os outros continuarão a descançar no mesmo sitio.

As camaras dos Estados Unidos votaram uma lei para o estabelecimento de uma colonia permanente de exploração no circulo polar arctico, auctorisando a expedição para que se lhe aggreguem 50 homens do exercito e da marinha.

O vapor *Pulnare*, designado para o serviço de signaes, foi concertado e modificado conforme a natureza do seu novo destino, sob a direcção do capitão Chester, que fez parte da expedição do *Phalaris*.

Quando o *Pulnare* tiver recebido os seus viveres e munições em Washington, encarregar-se-ha sob o commando do capitão Hougate, chefe da empreza, de ir estabelecer uma estação ao norte de lady Franklin, pelos 71° de latitude norte, estreito onde existe, segundo se julga, um deposito de carvão. Este navio levará as differentes peças de um edificio de madeira construido expressamente para uma colonia arctica.

Depois de ter descarregado, voltará a uma latitude temperada, para tomar a bordo novos colonos e mais provisões.

Os exploradores deverão construir acampamentos e approximar-se progressivamente do Polo-Norte, sendo substituidos por outros os que estiverem fatigados.

A travessia do *Vega* dará egualmente importantes resultados sob o ponto de vista da meteorologia.

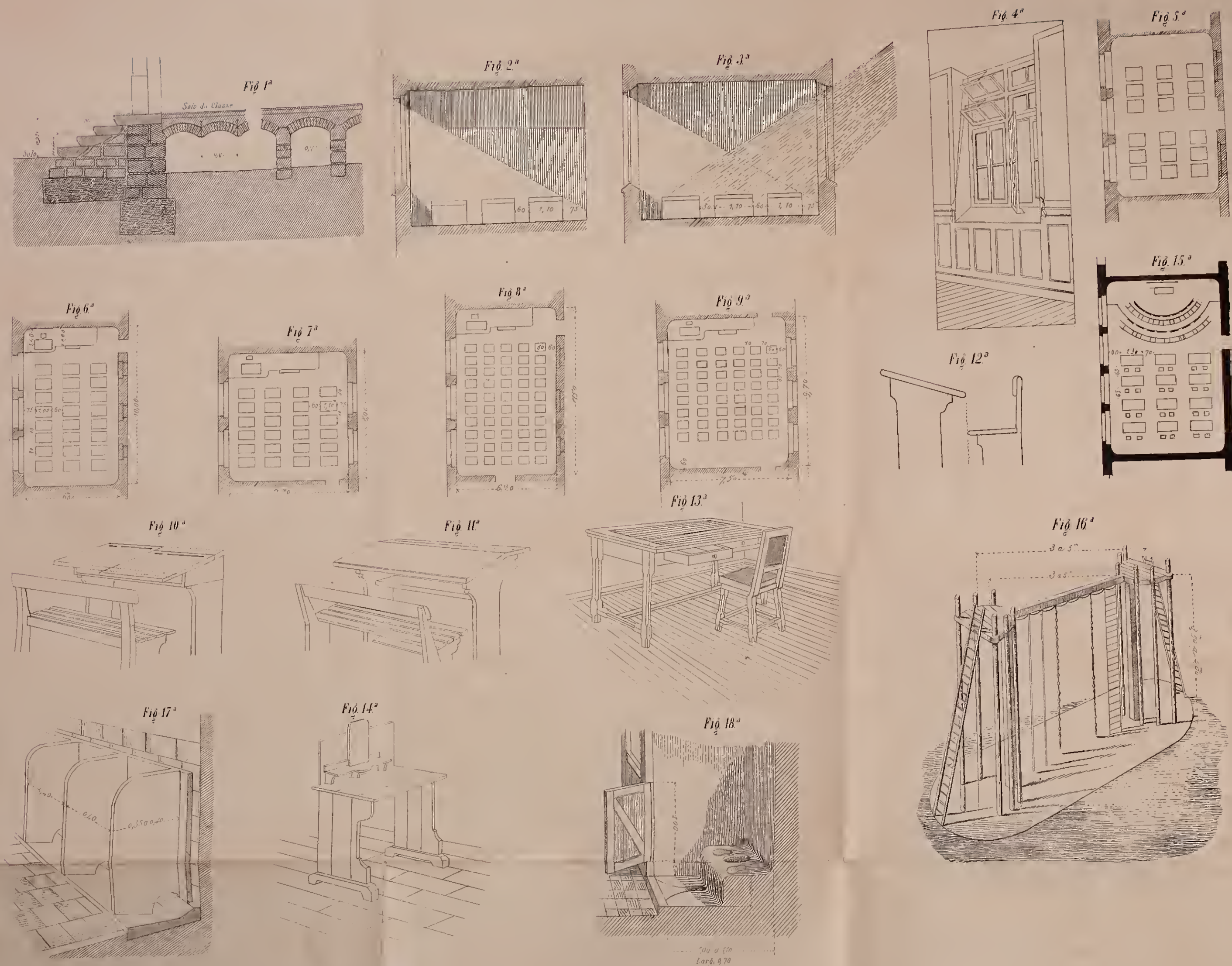
É sabido que os meteorologistas dizem possuir uma serie de observações relativas a certos pontos principaes á roda do mar polar.

Quer-se estabelecer estações nas costas norte do Spitzberg, da Nova Zemble, nos arredores do cabo Norte, na embocadura do rio Lena, na Nova Siberia, na ponta Barrow, ao norte do estreito de Behring e nas costas oeste e este de Groeenland, pelo 75° de latitude norte.

Está egualmente admittido pelos meteorologistas que, se o projecto se realisasse, far-se-hiam rapidamente grandes progressos na exactidão dos prognosticos do tempo, e que provavelmente estes prognosticos poderiam estender-se a um periodo muito mais longo de antecipação.

1880, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

2ª Serie

BOLETIM
DA
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Estampa 36

MODELOS OS MAIS MODERNOS PARA AS CONSTRUCÇÕES E MOBILIA
DAS
CASAS PARA AS ESCOLAS

LISBOA
1881

SERIE 3.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

REGULAMENTO

ULTIMAMENTE APPROVADO PARA A

CONSTRUCÇÃO E MOBILIAÇÃO DAS CASAS DE ESCOLAS

PUBLICADO EM FRANÇA

Achamos tão util e tão acertado o mencionado regulamento, que nos apressamos a publicar a sua traducção no nosso Boletim, não só pela importancia do objecto, mas tambem porque o conhecimento de taes e tão judiciosas determinações põe em relevo o olvido e incuria, que tem havido no nosso paiz, ácerca de um assumpto que temos sempre julgado da maior magnitude e imperiosa necessidade, tanto hygienica e humanitaria, como util para as creanças.

Nas indicadas disposições encontram-se circumstancias de pouca ou nenhuma applicação em relação aos usos e clima do nosso paiz; por isso julgamos acertado omittil-as.

Regulamento para a construcção e mobiliação das escolas

ARTIGO I

Condições geraes

Collocação

O terreno destinado ao estabelecimento de uma escola, deve ser central, bem arejado, de facil accesso, e especialmente afastado de qualquer estabelecimento incommodo, ruidoso, insalubre, ou perigoso e a 100 metros de distancia, pelo menos, dos cemiterios.

Quando o terreno não for isento de humidade, deve-se, para conseguir essa isenção, operar o systema de *drainage*.

O espaço superficial do terreno será avaliado na rasão de 10 metros, pelo menos, por cada educando, e em qualquer caso nunca menos de 500.m

A orientação da escola será determinada, segundo o clima de região, tendo sempre em vista as condições hygienicas do local.

Na posição relativa aos diversos locaes escolares dever-se-ha ter sempre em attenção a orientação, a configuração e as dimensões da edificação, o seu isolamento a céo aberto, e a distancia rasoavel das construcções proximas.

Tanto a escola como a habitação do respectivo professor serão sempre collocadas em locaes distinctos, ou pelo menos independentes uma da outra.

As classes e o pateo coberto devem estar em communicação immediata, desafrontados, porém, pelo menos, pelos dois lados oppostos, de modo que recebam a maior quantidade de ar e de luz.

Tal disposição, sendo favoravel á salubridade,

tem, alem d'isso, a vantagem de facilitar a vigilancia e proporcionar um abrigo preservado para se passar da aula para o local de recreio, ou ir aos ourinoes e latrinas, etc.

Construcção

A espessura das paredes principaes em qualquer caso nunca será inferior a $0^{m}40$, sendo de alvenaria, e $0,^{m}35$, se forem de tijollo.

Os materiaes permeaveis, taes como o grés poroso, pedra mollar, tijolo mal cozido, etc. serão sempre excluidos de taes construcções.

A telha será sempre o objecto que se deve empregar nas coberturas em preferencia á ardosia e sobretudo ao metal.

O solho do rez do chão será sempre elevado em relação ao terreno da edificação $0,^{m}60$ a $0,^{m}70$ acima do nivel.

Os declives de terreno que por acaso estejam em redor do edificio, serão affeiçoados de modo que se destruam as aguas que d'elles possam provir, afastando-se a sua corrente.

Se o sobrado do rez do chão não poder ser edificado sobre subterraneos, será então isolado por um espaço vasio. [1] (fig 1.)

ARTIGO II

Classe

Disposições communs a todas as salas de classe

O numero maximo dos logares por classe será de 50 nas aulas de uma classe e de 40 nas aulas de mais classes.

A superficie da sala de classe será calculada de modo a consignar $1,^{m}25$ a $1,^{m}50$ o minimo por cada discipulo.

A capacidade da sala de classe será calculada de modo a assegurar a cada discipulo um minimo de 5 metros cubicos. [2]

A classe será de fórma rectangular.

A luz deve ser unilateral (fig. 2) a qual será adoptada todas as vezes que as seguintes condições se possam obter:

1.ª Possibilidade de se dispor de uma luz sufficiente;

2.ª Proporção conveniente entre a altura das janellas e a largura da classe (art. 24);

3.ª Collocação de oculos (*baies*) abertos na face opposta ao lado da claridade ($1,^{m}2$) com destino a servirem de meio de ventilação, e introducção do sol durante a ausencia dos estudantes. [1] (fig. 3)

Quando a claridade for unilateral, a luz projectar-se-ha necessariamente do lado esquerdo dos estudantes.

No caso de não se realisarem as condições precedentes, não haverá remedio senão recorrer á luz bilateral, attendendo então a que a luz da esquerda seja mais intensa do que a da direita.

Nunca se abrirão oculos (*baies*) em frente da mesa do professor e ainda por maior razão em frente dos estudantes.

E' prohibida a claridade introduzida por tecto de vidro. [2]

As janellas serão rectangulares.

No caso de luz unilateral as vergas das janellas serão collocadas pelo menos a uma altura que corresponda a $^{2}/_{3}$ da largura da classe.

Em todo o caso a altura das vergas das janellas deverá seguir o nivel do tecto.

O peitoril das janellas será construido em declive nas duas faces e collocado na altura de $1,^{m}20$ acima do chão.

Que a luz entre na aula por um ou mais lados, por uma abertura unica ou por muitas janellas, as dimensões d'essas aberturas devem sempre ser calculadas de modo que a luz illumine todas as mesas.

No caso da luz ser bilateral, as frestas (*baies*) abertas á esquerda serão pelo menos em largura iguaes ao espaço occupado pelas mesas.

A largura dos membros que separem as janellas, será a menor possivel.

As janellas serão divididas em duas partes, inferior e superior.

A parte inferior, a sua altura será igual a $^{3}/_{5}$ da altura total, e as portas abrirão em batente para fóra. [3]

A parte superior será construida em caixilhos moveis, e de girar para dentro (fig. 4).

A altura da casa será pelo menos de 4^{m}.

Se a luz for unilateral, aquella altura será pelo menos igual a $^{2}/_{3}$ da largura da aula, contada a grossura das paredes em que as janellas forem abertas. [4] (fig. 5)

Os tectos serão sempre rectos e bem lisos, cobertos por solidos estuques.

No tecto traçar-se-ha uma linha indicando a direcção norte-sul.

Os tectos não serão camboteados, nem haverá a minima cornija, nem colarete em roda das paredes:

[1] Nos artigos que publiquei n'este Boletim sob o titulo de «Technologia da edificação», quando tratei do artigo «Escolas», já me referi a algumas d'estas indicações: entre ellas fallei d'estes *espaços* e do modo d'elles se ventilarem como é necessario e essencial, afim de evitar a podridão da madeira e os miasmas que da podridão podem resultar.

[2] Além dos espaços necessarios para o professor, mesa, estante, etc.

[1] Durante as horas de recreio.

[2] Tal genero de luz só pode ser admittido em aulas de pintura.

[3] As portas das janellas abrindo para fóra devem ter suportes que as contenham firmes.

[4] Os eixos de movimento devem ser na parte inferior, afim de que o ar entre em direcção elevada.

mas os angulos formados pelo encontro das paredes lateraes com os tectos, tabiques e divisorias serão substituidos por superficies curvilineas concavas de um raio de $0^m,10$.

Os revestimentos das paredes da aula serão feitos de estuque, ou pintura a oleo; a tinta e côr mais favoravel é a côr cinzenta a oleo.

Na altura de $1^m,20$, o revestimento será feito de sesão lenta.

O chão da aula deve ser de *parquet* de madeira rija, assente sobre betume, quando isso seja possivel.

As portas da aula serão de preferencia de um só corpo, que deverá ter $0^m,90$ de largura, segundo a disposição local, e as quaes serão almofadadas ou de vidros, [1] tendo em vista a vigilancia.

As portas de communicação podem ser abertas nas divisorias ou tabiques, quando sejam duas aulas ou classes contiguas.

Uma distancia pelo menos de 2 metros deixar-se-ha livre em frente da classe, para a mesa do professor, que será situada entre a parede que fica em frente dos discipulos e a primeira linha das mesas.

As mesas e assentos dos estudantes devem ficar distantes das paredes lateraes pelo menos $0^m,60$,

Os intervallos entre cada fileira de mesas longitudinalmente não serão nunca menores de $0^m,50$.

A distancia entre o espaldar dos bancos e a mesa que lhes fica atraz será de $0^m,10$.

As disposições que se têem a cumprir em relação ao estabelecimento de uma aula ou classe de 48 a 50 educandos, podem variar de typo conforme estas determinações mediante quatro hypotheses. (fig. 5, 6, 7, 8).

FIGURA 8

Classe de 48 educandos

ASSENTOS DE DOIS LOGARES

Luz unilateral

Largura

Passagem ao longo das paredes 2 a $0^m,75$.	$1^m,50$
Passagem longitudinal 2 a $0^m,60$........	$1^m,20$
3 assentos e mesasa $1^m,10$............	$3^m,30$
	$6^m,00$

Comprimento

Logar para o professor..............	$2^m,00$
Passagem ao fundo..................	$0^m,90$
Assentos e mezas a $0^m,80$............	$6^m,40$
Intervallos transversaes a $0^m,10$........	$0^m,70$
	$10^m,00$

[1] Julgo que será util evitar os vidros tanto quanto possam dispensar-se, e, quando indispensaveis, então bem altos.

Superficie total....................	$60^m,60$
Superficie por alumno..............	$1^m,25$
Altura da aula	$4^m,10$
Cubo por alumno....................	$5^m,125$

FIGURA 9

Classe de 48 estudantes

ASSENTOS E MESAS DE DOIS LOGARES

Luz bilateral

Largura

Passagem ao longo das paredes 2 a $0^m,75$.	$1^m,50$
Passagem longitudinal, 3 a $0^m,60$.......	$1^m,80$
4 assentos e mesas a $1^m,10$...........	$4^m,40$
	$7,^m70$

Comprimento

Logar para o professor..............	$2^m,00$
Passagem ao fundo..................	$0^m,70$
6 assentos e mesas a $0^m,82$...........	$4^m,80$
5 intervallos transversaes a $0^m,10$.......	$0^m,50$
	$8^m,00$

Superficie total....................	$61^{mq},60$
Superficie por alumno..............	$1^{mq},28$
Altura da aula.....................	$.4^m$
Cubo por alumno....................	$5^{mc},112$

FIGURA 10

Classe de 50 alumnos

ASSENTOS E MESAS DE 1 ESTUDANTE

Luz unilateral

Largnra

Passagem ao longo das paredes 2 a $0^m,60$.	$1^m,20$
Passagens longitudinaes 4 a $0^m,50$......	$2^m,00$
5 assentos e mesas a $0^m,60$...........	$3^m,00$
	$6^m,20$

Comprimento

Logar para o professor..............	$2^m,00$
Passagem ao fundo..................	$0^m,60$
10 assentos e mesas a 0,80...........	$8^m,00$
9 intervallos transversaes a $0^m,10$,......	$0^m,90$
	$11^m,50$

Superficie total....................	$65^{mq},910$
Superficie por alumno..............	$1^m,30$
Altura da aula....	$4^m,14$
Cubo por alumno....................	$5^{mc},382$

FIGURA 11

Classe de 50 alumnos

ASSENTOS E MESAS PARA 1 ESTUDANTE

Luz bilateral

Largura

Passagem ao longo das paredes 2 a $0^m,60$.	$1^m,20$
Passagem longitudinal 5 a $0^m,50$	$2^m,50$
6 assentos e mesas a $0^m,60$...........	$3^m,60$
	$7^m,30$

Comprimento

Logar para o professor	$2^m,00$
Passagem ao fundo..................	$0^m,60$
8 assentos e mesas a $0^m,80$...........	$6^m,40$
7 intervallos a $0^m,10$...............	$0^m,70$
	$9^m,70$

Superficie total....................	$70^{mq},81$
Superficie por alumno	$1^{mq},40$
Altura da classe...................	$4^m,00$
Cubo por alumno..................	$5^{mc},880$

Passagem coberta

A superficie da passagem deve ser calculada na rasão de 5^m pelo menos por cada alumno ; em todo caso nunca terá menos de 200^m.

O chão será areiado, e nunca assoalhado nem betuminoso. O betume e o solho não devem ser senão nas passagens ou passeios (*trotoirs*), os quaes nunca formarão sacada.

Os declives do terreno serão affeiçoados de modo a dar prompta corrente ás aguas.

As aguas de limpeza e serviço nunca atravessarão a passagem coberta.

No caso do terreno ser em declive, a inclinação nunca excederá $0^m,02$ por metro.

O prado ou jardim descoberto não poderá conter arvores senão a 6^m pelo menos de distancia da casa da aula, e na disposição d'ellas ter-se-ha sempre em conta o espaço necessario aos exercicios e recreio dos alumnos.

Estabelecer-se-hão bancos fixos no recinto do jardim ; a altura d'esses bancos será de $0^m,30$ a $0^m,35$, e a largura de $0^m,22$, os quaes serão construidos de madeira rija. Os pontos de apoio serão dispostos de modo que não impeçam a varredura do local ; a sua situação deve ser sempre ao ar livre.

A agua será fornecida aos alumnos por uma fonte de uma ou mais torneiras, tendo todo o cuidado de que a agua seja potavel.

Haverá os lavabos necessarios em cada escola.

As mesas para refeições para os discipulos serão moveis.

N'esse caso haverá uma cosinha para aquecer ou fazer a comida.

Gymnasio

Em todas as escolas se estabelecerão gymnasios, por isso que esse ensino é determinado.

Quando não possa haver uma sala especial para aquelle ensino, haverá pelo menos um logar abrigado para a installação dos apparelhos elementares (fig. 16).

Nos estabelecimentos onde possa haver um gymnasio propriamente dito, será estabelecido um portico que contenha os apparelhos e utensilios necessarios.

Nas escolas mixtas os rapazes e meninas poderão proceder aos exercicios gymnasticos na mesma sala com tanto que seja em horas diversas.

Latrinas

Todas as escolas possuirão um numero conveniente de latrinas, segundo as seguintes proporções: quatro para a 1.ª centena de alumnos e duas por cada centena a seguir. As latrinas serão estabelecidas no quintal ao ar livre e dispostas de modo que o professor possa exercer a sua vigilancia.

Devem ser preservadas da acção directa do sol, e dispostas de maneira que os ventos communs não conduzam os gazes em direcção ao edificio (fig. 17).

Os repartimentos terão $0^m,70$ de largura e 1^m10 de comprimento. As paredes serão azuleijadas, ou em ardosia, ou pelo menos de um inducto de cimento.

Os orificios das cadeiras serão quanto possivel vedados hermeticamente. Quando o orificio não for vedado, então empregar-se-hão apparelhos proprios a constituirem uma aspiração conveniente que force o ar a entrar pelo orificio.

A cadeira (assento) que será de pedra ou revestida de cimento terá uma saliencia (resalto) de $0^m,20$ acima do pavimento, e o assento formará um plano inclinado em direcção ao orificio e os angulos arredondados.

O chão será construido de materiaes impermeaveis e ligeiramente inclinado para o lado da cadeira (assento).

As aberturas praticadas no assento devem estar collocadas acima da valvula do apparelho. As portas serão constituidas $0^m,20$ a $0^m,25$ acima do solo e terão para mais de um metro de altura.

Os ourinoes serão em numero pelo menos igual ás latrinas. As casas de ourinoes serão construidas de placas de ardosia, ou outras materias impermeaveis e terão $0^m,40$ de largura, e $0^m,35$ a $0^m,40$ de comprimento, e $1^m,30$ pelo menos de altura (fig. 18).

Nas escolas mixtas haverá latrinas separadas para os dois sexos. Haverá um serviço de agua estabelecido nas latrinas e ourinoes, tanto quanto seja possivel.

As fossas moveis serão preferidas ás fossas fixas, e estas serão sempre de pequenas dimensões.

O pessoal de professores e empregados terá latrinas separadas d'aquellas que servirem aos alumnos.

Alojamento do pessoal

Toda a escola que contiver quatro ou mais classes, deverá ter:

Um gabinete para o director;

Uma sala para visitas, proporcionada á importancia da escola;

Um gabinete que servirá de refeitorio e vestuaria para os professores.

O professor director deve ser o unico funccionario graduado que tenha habitação na escola.

O seu alojamento constará de uma casa de jantar e tres quartos—dos quaes dois com luz—uma cosinha, latrina, e dispensa. A superficie total d'esse alojamento será de 100 a 120 metros.

No rez-do-chão poderá habitar o porteiro, para o qual a habitação constará de uma cosinha, dois quartos—um com luz e uma latrina; a superficie de tal habitação será 40 a 60 metros. O ajudante do professor, se por acaso fôr necessaria a sua residencia temporaria na escola, terá pelo menos um gabinete e um quarto com luz.

Nenhuma communicação directa poderá haver entre as aulas e a habitação do professor.

Local

A escola e casas annexas serão resguardadas da estrada publica por uma grade ou muro.

Jardim

Um jardim resguardado, e de uma extensão de 300^{m} pelo menos, fará parte integrante da escola.

ARTIGO III

SERVIÇOS ANNEXOS

Disposições especiaes ás escolas que contenham 4 classes ou mais

Salas de desenho

Para o ensino de desenho haverá uma sala especial.

A superficie d'essa sala será calculada na rasão de 2,^{m}50 por alumno, dado o caso de que o numero dos logares não exceda a 50.

Haverá uma casa destinada para deposito dos modelos.

Officina de trabalhos manuaes

Cada escola de rapazes conterá uma officina fornecida dos objectos necessarios aos trabalhos manuaes mais elementares.

Nas escolas de meninas haverá uma sala destinada aos trabalhos de costura.

Nas escolas de uma só classe, a officina poder-se-ha estabelecer na passagem coberta.

Guarda fato (vestuaria)

Cada classe terá uma casa destinada a guardar em arrumação o fato e os chapeos dos alumnos que a frequentam. Quando duas classes fôrem contiguas poderá uma casa servir para as duas.

As dimensões d'aquella casa serão calculadas de modo que cada alumno disponha de 0,^{m}25 de parede para collocar os seus objectos em cabides. Os cabides bem seguros ás paredes servirão a pendurar os objectos de vestuario, chapeos e bonets.

Os cestos de merenda ou *lunch* serão collocados em prateleiras ao ar livre. Nas escolas ruraes o vestibulo poderá conter os cabides e servir de vestuaria.

Coxias ou passagens

As classes serão independentes umas das outras.

A entrada dos alumnos será feita por corredores, ou galerias de 2.^{m} de largura, e que tenham ar e luz. O revestimento das paredes d'essas passagens será feito de modo que alli se possam pendurar os desenhos e collecções necessarias ao ensino das materias que fazem parte do estudo.

Escadas

As classes que não forem collocadas em rez-do-chão, farão a sua serventia por meio de escadas, as quaes serão sempre direitas e sem partes circulares.

Os lanços serão de 13 a 15 degraus o maximo, separados por patins de descanso que devem ter a largura do entalho dos degraus, que será de 1^{m},50. O passo dos degraus será de 0,^{m}28 a 0,^{m}30 de passo, e o maximo 0,^{m}16 de altura.

O gradamento simples terá 0,^{m}13 de espaço de eixo a eixo, e o corrimão será fixo por botões de metal na distancia de metro a metro.

Pelo lado da parede haverá tambem corrimão solidamente seguro.

Toda a escola que receba mais de 200 alumnos deve ter uma escada em cada extremidade do edificio.

Mobilia das classes

As mesas-bancos devem ser de um ou dois logares, tendo sempre preferencia as de um só logar.

São quatro os typos adoptados para as escolas de classe unica, que não accumulam casas de asylo.

Typo 1.º — aula para alumnos, cuja estatura é de 1^{m} a 1,^{m}18.

Typo 2.º — para os de 1,^{m}11 a 1,^{m}20.

Typo 3.º — para os de 1,^{m}21 a 1,^{m}35.

Typo 4.º — para os de 1,^{m}36 a 1,^{m}50.

Tres typos unicamente, o 2.º, 3.º e 4.º, serão adoptados nas escolas que receberem alumnos de seis annos em diante, isto é, *ao sahir dos asylos* (escolas de mais de uma classe.)

Um 5.º typo poderá ser adoptado para os alumnos cuja estatura exceda a 1,^{m}50.

Em cada mesa-banco será inscripto o numero do typo a que pertence e a quota de estatura respectiva, por exemplo: 3.º, 1,^{m}21 a 1,^{m}35.

Os professores devem medir os alumnos uma vez por anno, na epocha do começo das classes.

A mesa de escripta terá acima do sobrado as seguintes dimensões, tomada a medida desde a aresta da mesa:

	Typos				
	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª
Altura acima do chão...	0,^{m}44	0,^{m}49	0,^{m}55	0,^{m}62	0,^{m}70
Largura do fundo á frente	0,^{m}35	0,^{m}37	0,^{m}39	0,^{m}42	0,^{m}45
Largura para um só logar	0,^{m}55	0,^{m}55	0,^{m}60	0,^{m}60	0,^{m}60
Dita para dois logares..	1,^{m}00	1,^{m}00	1,^{m}10	1,^{m}10	1,^{m}10

A inclinação variará de 15 a 18^{c}, não sendo nunca inferior a 15.

O banco será fixo e ligeiramente inclinado para traz e terá as seguintes dimensões:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Altura acima do solo, tomada ao centro do banco,...........	0,^{m}27	0,^{m}30	0,^{m}34	0,^{m}39	0,^{m}45
Largura adiante e atraz.	0,^{m}21	0,^{m}23	0,^{m}25	0,^{m}27	0,^{m}30
Comprimento para um logar...........	0,^{m}50	0,^{m}50	0,^{m}55	0,^{m}55	0,^{m}55
Dito para dois logares..	0,^{m}45	0,^{m}45	0,^{m}50	0,^{m}50	0,^{m}50
Sendo banco duplo....	0,^{m}90	0,^{m}90	1,^{m}00	1,^{m}00	1,^{m}00

O encosto, seja para banco de um ou de dois logares, consistirá em uma travessa de 0,^{m}10 de largura posta a direito, arestas boleadas, e terá as dimensões seguintes:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Altura do assento até a aresta superior....	0,^{m}19	0,^{m}21	0,^{m}24	0,^{m}26	0,^{m}28
Largura egual ao banco de mesa — banco de 1 logar..........	0,^{m}50	0,^{m}50	0,^{m}55	0,^{m}55	0,^{m}55
Sendo para dois logares..	0,^{m}90	0,^{m}90	1,^{m}00	1,^{m}00	1,^{m}00

O banco e as costas serão pegados e todas as arestas arredondadas (fig. 10 e 11.)

O escripturario poderá ser fixo ou movel; em todo o caso, de um modo ou outro, as regras abaixo mencionadas serão sempre cumpridas.

Mesa-banco de escripturario movel

1.ª situação; em que o escripturario é proximo do alumno:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
A vertical perpendicular que desce da aresta do escripturario, deve encontrar a aresta do banco pelo ladô da frente a distancia de.............	0,^{m}30	0,^{m}05	0,^{m}06	0,^{m}05	0,^{m}04
O intervallo entre a aresta de escripturario e o encosto deve ser de..........	0,^{m}18	0,^{m}18	0.^{m}19	0,^{m}22	0,^{m}26

2.ª situação; quando o escripturario for afastado do alumno:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Entre a vertical acima dita e a aresta do respectivo banco o intervallo será de..	0,^{m}09	0,^{m}10	0,^{m}11	0,^{m}12	0.^{m}18

O escripturario denominado *à bascule*, formado de duas partes assentando uma sobre a outra, por meio de *machas-femeas*, é completamente prohibido.

Mesa-banco de escripturario fixo

A distancia entre o banco e o escripturario não existirá, isto é, a vertical, que parte da aresta da mesa tocará na aresta interior do banco (fig. 12).

Sobre a mesa haverá um armario ou estante para guardar os livros.

Um tinteiro movel de vidro ou porcelana de orificio pequeno posto á direita de cada alumno será adaptado ao logar.

As travessas ou barras de travamento em que os pés se possam apoiar são prohibidas.

Uma mesa com gavetas, situada em estrado de dois degráus perfazendo a altura de 0^{m},30 a 0^{m},82 é a que será destinada ao uso do professor (fig 13).

Classe de desenho

As mesas serão simples e dispostas em linha, de modo que recebam luz da esquerda para a direita.

Serão de dois logares e terão 1^{m},30 de compri-

mento, $0^m,65$ de largura, e $0^m,85$ de altura (ou sómente pela parte inferior $0^m,75$.)

Serão horisontaes, afim de poderem servir ao desenho geometrico; devem ter na aresta ou lado opposto ao alumno um painel horisontal fixo e continuo de largura de $0^m,12$, pouco mais ou menos, e de uma elevação de $0^m,7$ acima da mesa (fig. 14).

Aquelle *quadro-estante* servirá para depositar o material de trabalho, e para o alumno collocar os modelos, a seu commodo.

Ao centro do *quadro* ou *painel*, na aresta interior, haverá uma prancha vertical de $0^m,30$ de largura, e $0^m,48$, tendo em frente uma saliencia circular de $0^m,05$ de raio. Aquella prancha servirá de supporte ao modêlo graphico no desenho geometrico, ou aos modêlos em gêsso no desenho d'arte.

A prancha será sustida na parte superior por um supporte de ferro, fixo nas extremidades da mesa.

Nos desenhos a *main levée*, o alumno sentado em tamborete situará o cartão sobre os joelhos em parte, e a outra parte sobre o rebordo da mesa; por esse modo, por essa posição ficará a uma distancia conveniente do objecto a reproduzir, distancia que póde ser avaliada aproximadamente no dobro das maiores dimensões do modêlo.

As mesas serão fixas ao sobrado. Os mochos (tamboretes) ao contrario serão moveis e de tres alturas diversas: $0^m,35$, $0^m,45$ para desenho d'arte e $0^m,70$ para o desenho geometrico.

A extremidade da sala terá um hemicyclo, para estabelecer alli os relevos e baixos relevos em semicirculo. Será constituido em duas ou tres carreiras de grades em semicirculos concentricos com barras de apoio de ferro, especialmente.

Um quadro, destinado ás explicações e lições oraes, será collocado no centro do hemyciclo (fig. 15)

Nenhuma derogação ou alteração poderá ser feita ás presentes prescripções d'este regulamento, sem que preceda auctorisação de consulta feita pela commissão de exame dos projectos de construcções escolares, instituida no ministerio de instrucção publica.—Paris 17 de junho de 1880.

Depois de termos dado conhecimento do acertado e bem pensado regulamento que em França o governo mandou louvavelmente cumprir em relação ás escolas em geral, julgo nos será licito perguntar vagamente e sem offensa ou critica para ninguem: Tem-se pensado no nosso paiz, desde Lisboa até á ultima villa ou aldeia onde haja escola, em similhante objecto? Julgo que não. Será tal falta originada pela ignorancia das pessoas a quem cumpre occupar-se da hygiene e bem estar das pobres crianças? Decerto, não: porque entre essas pessoas ha e tem havido homens competentes e assás illustrados, que conhecem e têem mesmo tratado proficientemente do ensino e seus accessorios.

Será talvez por ninguem ter escripto ácerca da construcção, disposição, e necessaria mobilia para as escolas? Tambem não; porque muito temos visto escripto a tal respeito, tanto em estrangeiro, como em portuguez. E nós mesmo na nossa humilde posição, e no apoucado dos nossos conhecimentos, alguma coisa temos feito, e temos escripto ácerca do assumpto.

N'estes mesmos *boletins* já alguma cousa escrevemos, [1] que, posto esteja longe do sabio e salutar regulamento que agora publicamos, está comtudo conforme o que dissemos então com as disposições officiaes do notavel regulamento francez, e muito em harmonia com as prescripções das sciencias respectivas.

Quando em certa occasião tivemos o encargo de dirigir o trabalho de organisação para o estabelecimento de uma escola publica, já o fizemos, seguindo os principios que com prazer vemos agora sanccionados e decretados em um paiz competentissimo para tratar assumpto de tanta ponderação.

O que então fizemos (não sem attritos, e difficuldades) foi pouco, foi pouquissimo; e ainda assim quando esse estabelecimento foi depois visitado por pessoas, aliás competentes, confessaram que podia elle servir de modelo!! Modelo! Estava tão longe d'isso, como a terra dista do sol, não obstante merecesse tambem elogio official. Havia sómente n'aquelle estabelecimento algumas das disposições que são determinadas no regulamento francez, que agora publicamos.

Porque será então que em Portugal nem uma só escola (e mesmo collegios particulares) se encontra nas circumstancias stricta e rigorosamente exigidas pela hygiene, pelo commodo, pela educação, e pelo ensino dos alumnos? A razão é facil de se explicar; é porque em Portugal tem-se *fallado muito*, mas nada se tem feito a tal respeito, pelo menos methodica e systematicamente; mesmo porque quem o quizesse fazer teria de encontrar muitos attritos e muitos preconceitos, sendo preciso arcar com a ignorancia, com leviandades fofas, e presumpções atrevidas, e por fim, ser impedido pela falta de meios, havendo chegado pois a incuria e desleixo a tal ponto, que até mesmo, dispondo-se de recursos, se não tem operado com bom acerto e sciencia os melhoramentos necessarios. *Haja vista as escolas denominadas do Conde Ferreira.*

Este cavalheiro, possuidor de uma avultada for-

[1] Vid. artigo *Technologia da edificação*.

tuna, legou generosamente por sua morte, uma verba para a fundação de 200 escolas; melhor fôra, quanto a nós, que as tivesse construido em sua vida. Era-lhe mais honroso o facto, mais efficaz a intenção, maior gloria para o beneficio e julgamos mesmo mais satisfactorio para a consciencia do testador ver em vida o fructo da sua illustrada generosidade.

Em virtude do legado, fizeram-se os *projectos*. O director da Instrucção Publica, que era então o ex.^mo^ sr. conselheiro Adriano Machado, mandou publicar as disposições necessarias á sua execução. Tendo porém apparecido o risco sem a distribuição exigida nas instrucções officiaes, s.ª ex.ª mandou, muito louvavel e acertadamente, ouvir pessoa competente. Deu o incumbido o seu parecer, emendando os primitivos planos, gravaram-se por conta do governo novos planos com as necessarias distribuições e melhoramentos indicados pela experiencia e pelas exigencias proprias do ensino e da hygiene.

De nada d'isso se fez caso! E as escolas construiram-se todas com os defeitos condemnados pela auctoridade!

O resultado d'essa incuria e desconsideração foi construirem-se essas casas escolares em pessimas condições, tanto hygienicas, como de commodidade e solidez!

Chovia-lhe dentro como em qualquer pateo! as paredes *aluiram* e *abriram!* a casa do professor não tinha luz, nem os commodos necessarios; etc., como tudo exuberantemente se prova pela escola que se edificou em Cintra, na villa Estephania, como exemplo mais proximo da capital.

Foi acaso por ignorancia ter isso acontecido? Decerto, não; porque, além da determinação da auctoridade competente, appareceram no *Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, do anno de 1866, n.º 6 estampa 11ª, os planos emendados, indicando-se o modo sensato de se evitarem os defeitos que depois appareceram nos edificios que se construiram no paiz!

É pois tempo que acabe tal desleixo, inacção e incuria, que já toca as raias de crime de lesa humanidade, n'este seculo de illustração.

É necessario que o governo determine a tal respeito, que mande mesmo *edificar uma escola modelo conforme as modernas condições*, tanto de edificação, e logradoiros, como em relação a mobilia indispensavel, e além d'isso nas condições hygienicas que a sciencia indica.

É necessario que o governo reprima a ignorancia e presumpção balofa de quem quer que esteja na possibilidade de commetter faltas graves em relação ao bem estar dos alumnos, e prejudiciaes ao ensino.

É urgente igualmente que as auctoridades competentes mandem proceder a uma rigorosa vistoria e syndicancia a todas as escolas publicas e tambem ás particulares, para saber se póde conceder que ellas continuem a funccionar, sem que haja a temer perigosos resultados.

Deve-se saber se aquellas casas estão nas circumstancias e regras estabelecidas para poderem funccionar, muito especialmente as escolas de caridade, mesmo para que não falseiem o seu titulo e o seu util fim.

Deve-se impôr aos professores, sob sua responsabilidade, uma informação minuciosa e verdadeira dos defeitos ou faltas que na pratica tenham encontrado e avisar as auctoridades, para que ellas possam remediar e dar as providencias necessarias. Se o governo tal fizer, bom serviço prestará á humanidade, á illustração e ao paiz; merecerá por elle, no futuro, as bençãos da nova geração, como merecerá egualmente o apoio de todos os homens illustrados.

Cremos piamente que, se tal se fizer, hão de se encontrar muitos obstaculos, como estamos certos que se podem evitar muitos defeitos que é urgente destruir; como por exemplo, uma casa sem area correspondente ao numero dos alumnos, sem ter a mobilia adequada, sem systema apropriado de ventilação e expulsão de ar confinado. Decerto se hão de encontrar casas improprias e sem que na sua construcção se tenha attendido aos preceitos exigidos em taes construcções; que as escadas e serventias sejam defeituosas, prejudiciaes e mesmo caricatas; que as côres das paredes produzam nos alumnos padecimentos oculares; casas sem o *necessario logradoiro*, casas com serviço das latrinas e ourinoes no interior d'ellas e, além d'isso sem as precauções que em taes casas se exigem; canos de despejo, atravessando o solo da casa, tendo pouca corrente e construidos de alvenaria, que, sendo por conseguinte um conductor de infiltrações miasmaticas, tem de mais a mais o defeito de serem esburacados pelos ratos.

Quando, por consequencia, o governo tiver conhecimento cabal do que indicamos e informação exacta de todas as escolas do paiz, reforme-as então, seguindo os bons principios que em França a sciencia e a experiencia fez adoptar e decrete essas reformas com o desassombro, que é mister, para debellar os males que o desleixo tem occasionado, tanto em relação ao ensino, como á hygiene dos alumnos no nosso paiz.

O socio

F. J. de Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ENTERRAMIENTOS PREHISTORICOS

Durante el mes de Enero de 1864, con ocasion de estarse construyendo el ferro carril de Almansa á Tarragona y en el trozo ó seccion de Torreblanca á Alcalá de Chivert, cerca del mar y en término ya de esta postrera poblacion, al abrir un desmonte sobre el cerro ó montículo, dicho *de S. Benet*, muy cerca de la hermita dedicada á este santo, hallaron los trabajadores varios enterramientos que sin duda revelan antiguidad remota.

Por desgracia los mas habian ya perecido, á impulsos de la curiosidad ignara y la codicia de los trabajadores mismos, cuando lo supo el ingeniero que dirigía aquellos trabajos. El cual supo al llegar, que los enterramientos de esta manera hallados subian a 19, que estaban todos ellos á unos 2 palmos (45 centimetros) de profundidad. Juzgando acaso de precioso metal las bavatijas ó pequeños objetos que cada vaso ó urna de los ya rotos contenia, los autores de aquel, inesperado hallazgo debieron indudablemente guardarlos para si,no siendo poca suerte que aun se le dieran integros dos de los tales vasos, que regaló en seguida, sin abrirlos, al entendido coleccionista de Valencia D. José de Llano.

Este señor, á quien yo debo la anterior noticia, examinó su contenido: el cual no era otra cosa que los restos sin duda incinerados de humanos cadáveres; pues, mezclados con ceniza y tierra, salieron de los dos tal cual pedazo de calcinado hueso, caracolillos y conchas agujereadas, una ó dos cuentas de vídrio, y una sola de negruzca y durísima piedra con rustico labor, no pocos aros ó brazaletes, fibulas ó hebillas, pedazos de cadenilla y otras piezas pequeñas, todo ello de bronce ó cobre, ya oxidado y quebradízo ó fragil por lo mismo.

La figura de estos vasos ó urnas cinerarias, de rojizo y bien cocido barro y con su tapadera, cuyo ajuste es mui sencillo, puede verse en la figura adjunta num.° 1: y segun el deseño del citado ingeniero, la seccion y planta de cada sepulcro dan idea las figuras n.os 2 y 3.

Los brazaletes ó aros suso dichos son por demas sencillos y consisten en metálica cinta que se arrollaba al brazo en forma de espiral con mas ó menos vueltas: uno de ellos, que tenia seis ó ocho, aun aprisionaba entre ceniza y tierras bastante endurecidas uno ó varios pedazos de hueso calcinado en parte: y tanto ellos como los demas objetos que alli habia tienen marcada semejanza con los que reproduce Mr. Figuier (V. su obra *L'homme primitif*), dicendo que proceden de análogos enterramientos hallados en Saboya y Austria.

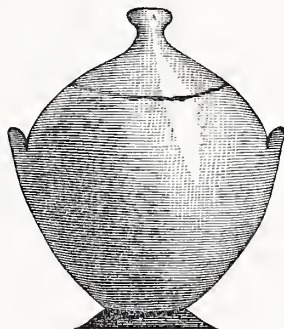



Fig. 1

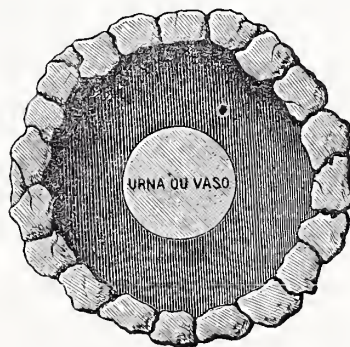



Fig. 2.

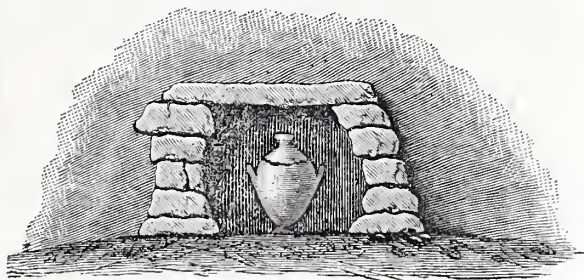



Fig. 3.

— En el año siguiente, no ya en el propio cerro ó loma de San Benet, sino en la proxima llauneca de *Alcocebre*, á la bajada misma de aquel cerro ó montículo, el arado hubo de descubrir otros enterramientos análogos á estos; mas la forma del vaso era ya algo distinta, careciendo del tapadera que en aquellos se advierte. Llenos estaban asi mismo de cenizas, tierra y calcinados huesos y tambien habia' entre esto brazaletes (los mas de ellos adoptando esta fórma Ͻ) y pequeños objetos cuyo uso no es facil de fijar. Alguno de estos aros ó brazaletes es ya, empero, de hierro, como lo son

tambien los restos ó fragmentos de varias armas ofensivas, siendo inutil decir que, ya oxidado el hierro, excrecencias e incrustaciones desfiguran no poco su contorno.

Estos enterramientos parecen pues corresponder á época ante-histórica y deben, á my juicio, attribuirse al periodo de transicion del bronce al hierro. Pero debe llamar nuestra atencion la semejanza ó analogia que presentan (asi el enterramiento en si, como las piezas ó utensilios metálicos en ellos encontrados) con los de Belleville en Saboya y los de Hallstad en Austria que nos dió á conocer mr. Figuier. Será bastante esto para conjeturar que en usos e costumbres, que en el arte ó manera de hacer y hasta quiza en orígen fueran acaso hermanas las gentes que moraban á la sazon en las regiones esas hacia el centro de Europa, de estas que vivian en nuestra Hergavonia y Idenia? Á la ciencia arqueológica le toca averiguarlo y dar contestacion, al par que explicaciones á la anterior pergunta.

Por mi parte he creido cumplir con un deber haciendo público este descubrimiento.

Valencia, 23 de Julio de 1880.

M. Velasco y Santos.

Socio correspondente.

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA *

Os progressos recentes obtidos na sciencia da archeologia pelos homens competentes de todas as nações as mais illustradas, têem sido de tal importancia, que se adquiriu o maior numero de dados para estabelecer, de uma maneira positiva, a historia do homem sobre a terra. As investigações feitas nas cavernas e em differentes regiões e localidades, deram logar a colherem-se provas que justificam a supposição que d'antes havia, de ser o homem contemporaneo do urso das cavernas; sendo, pois, esta descoberta da archeologia, uma das maiores que se tenham alcançado n'este seculo.

Cremos que talvez mereça agora a curiosidade dos estudiosos conhecerem os fundamentos que se deram para um tão valioso resultado, o qual a sciencia deve aos constantes esforços dos distinctos sabios da Suissa, Dinamarca, Allemanha, França, Grã-Bretanha, Belgica e Italia: para esse fim emprehendemos relatar quaes foram as investigações feitas n'este intuito; é todavia necessario apresentar antes, não sómente o resultado d'ellas, mas egualmente enunciar no que se distinguem as épocas antehistoricas e prehistoricas, pois é do encadeamento d'esses tempos, que unicamente se poderá obter serem muito mais proficuas as exposições que fizermos, e muito mais convincente o testemunho da existencia do homem na epoca quaternaria.

Os trabalhos scientificos que tiveram logar no congresso de archeologia em Bolonha no anno de 1871, e nos congressos que se lhes seguiram, foram de tal ordem para esclarecer esses estudos, que nos incitaram a dar conhecimento d'elles; e mesmo para constar em Portugal a que ponto chega a desvelada perseverança dos afamados professores d'esta sciencia, investigando constantemente qual teria sido a existencia do homem nos tempos mais remotos do mundo, para se conseguir o perfeito conhecimento da sua historia e do seu progressivo desenvolvimento. Não desconhecemos a difficuldade do nosso proposito, porque nos faltam os recursos necessarios para desenvolver proficuamente materia tão espinhosa; mas convencidos da utilidade de derramar estes conhecimentos no nosso paiz, posto que incompletos em assumpto de tanta ponderação, nos será, não obstante, relevada a nossa temeridade, considerando-se que o encetar um estudo d'esta natureza despertará talvez a vontade de pessoa muito mais competente, mas não mais dedicada em votar-se a concorrer como lhe fôr possivel afim de prestar esse relevante serviço ao seu paiz: ás pessoas que condescenderem em ler o resultado obtido pelos nossos estudos, investigações e viagens, seremos profundamente gratos. Todos os factos que apresentaremos serão deduzidos não sómente pela opinião dos sabios os mais distinctos da sciencia, como pelos varios objectos encontrados em differentes cavernas e em outras escavações, alguns dos quaes estão expostos no Museu do Carmo para se poder comparar com os que tivermos explicado. Por uma feliz opportunidade podémos alcançar esses specimens das epochas prehistoricas de diversos paizes, os quaes serviram de grande vantagem para estes estudos.

Não poderemos inculcar melhor o gosto pelos estudos das antiguidades, como informando qual é o apreço que sabem dar as nações cultas a essas descobertas remotas, as quaes servem tanto para nos instruir sobre o progresso successivo da sociedade. Apresentamos primeiro uma resumida descripção como na Dinamarca se conservam com tanta veneração, e se estuda com extraordinario interesse por parte de todas as classes da nação, as antiguidades pertencentes ás epochas da pedra lascada, da pedra polida, do bronze e do ferro. Se o desvelado empenho que esse povo do norte consagra a esses uteis estudos, comparado com o indesculpavel indifferentismo d'aquelles, a quem mais competia proteger essas investigações no nosso paiz e curar das suas

* Prelecções que nós démos na Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes no Museu do Carmo em 1872.

antiguidades, nos pode maguar, todavia, o exemplo dado pela illustrada nação dinamarqueza, nos convencerá do apreço que merecem esses vestigios da infancia dos primitivos habitantes do mundo, passando a relatar a perseverança e esmero que ella emprega no descobrimento d'esses objectos, e da importancia em que os considera, velando com tanto cuidado pela conservação dos exemplares d'essas epochas, em que a industria humana appareceu no mundo. Possa o echo da nossa debil voz não se perder de todo, appellando para o esclarecido patriotismo, e illustração da mocidade portugueza que lhe dará a devida importancia, e estudar-se a archeologia em Portugal, pois então as nossas antiguidades e monumentos serão respeitados e se porá termo ao vandalismo que já tem destruido ou falseado o caracter dos edificios nacionaes, com grave descredito da nossa civilisação, e perda irreparavel para a historia da arte, e utilidade das investigações archeologicas do nosso paiz.

A sciencia considerada debaixo de todas as suas formas, é de grande vantagem para a apreciação do desenvolvimento que teve a humanidade, e muito maior interesse terá, quando applicada ao estudo da existencia especial de uma nação; o que tem merecido das pessoas que se dedicam a essas investigações muito trabalho e apreço. Na Dinamarca esses estudos são tambem reputados de grande alcance, merecendo mesmo de todas as classes da sociedade toda a sua solicitude; contribuindo egualmente o seu governo com a sua esclarecida protecção, afim de animar as pessoas que se applicam a obter esses conhecimentos; e todos estes esforços reunidos têem causado a justa admiração das outras nações, pela elevada illustração que possue este povo. Posto que seja uma pequena nação, pouco importante pelo numero dos seus habitantes, é todavia superior pela sua instrucção e patriotismo; e ainda que haja sido atormentada por lutas deseguaes, tem saido sempre d'ellas gloriosa, pela sua intelligente actividade, e pela sua constante perseverança. Muito embora habite uma região menos favorecida pela natureza, havendo outras em melhores condições que lhe poderiam ser superiores, tem comtudo a firme convicção de alcançar um brilhante futuro, motivado pelo progressivo desenvolvimento moral e intellectual de todo este povo scandinavo, animado de um inalteravel e acrisolado patriotismo; sentimentos estes que contribuem com a maxima efficacia para augmentar o credito e a prosperidade de uma nação empenhada, como está esta, no caminhar da sua illustração: portanto não será para estranhar a veneração e a estíma que tem sabido grangear a nação dinamarqueza, que tanto se distingue pelas suas nobres virtudes, saber, e elevadas aspirações.

Não é desconhecida a fama do subido saber que possuem os eruditos do Norte. As descobertas scientificas devidas ás suas sagazes e constantes investigações teem alargado um campo vasto aos estudos archeologicos, os quaes lhes facilitaram o descortinar as origens remotas da civilisação, em todos os pontos da terra habitada pelo homem. As classificações e o admiravel methodo creado por Thomsen, [1] foram sanccionados e desenvolvidos na Dinamarca pelos seus distinctos professores; sendo consideradas as suas opiniões da maior auctoridade na sciencia, em todos os paizes cultos.

A ordem consecutiva indicada nas tres idades, a da pedra, a do bronze e a do ferro, tem sido confirmada pelos achados feitos em grande numero de regiões, os quaes compõem em cada paiz o periodo prehistorico, podendo-se estudar com vantagem presentemente esses tempos anteriores aos mais remotos cantos nacionaes; e seja qual fôr a sua data inicial, ou a existencia relativa de suas subdivisões, conhéce-se agora a maneira de verificar quaes foram os primeiros vestigios da civilisação, proveniente da applicação de methodos logicos e de theorias positivas, devidas á erudição dos homens mais illustrados da Scandinavia.

O que geralmente menos se conhece ainda vem a ser—o caracter variavel e relativo do periodo prehistorico nas differentes regiões; porque os limites mudando, a data inicial differe mui consideravelmente; e assim o encadeamento das tres idades corresponde a epochas diversas, quando se passa de um paiz a outro: pois sendo o ponto inicial o apparecimento dos primeiros habitantes, o final será a primeira data inscripta sobre os seus fastos nacionaes.

As idades prehistoricas não teem nada de absoluto (como se tem escripto algumas vezes); ellas são relativas á historia do paiz onde os achados permittiram de os reconhecer e de os estudar. Ainda que se note em toda a parte a ordem constante do seu apparecimento, isso daria logar a um grandissimo erro, se se deduzisse por ellas a contemporaneidade das tres idades nas diversas regiões. O periodo prehistorico póde por ventura preexistir em um paiz, em quanto que n'outro terá entrado já ha muito na era historica. Seria falsear pois as theorias doutas e judiciosas dos archeologos do Norte, quando se pretendesse estabelecer os synchronismos fundados unicamente sobre a similitude dos monumentos encontrados nas regiões mui distantes umas das outras. O erro seria tambem radical, quando se suppozesse, que um silex lascado, que não tem data relativamente de observação nenhuma especial, só porque pertenceria ao periodo prehistorico de um paiz, seria por isso

[1] Fundador do museu archeologico em Dinamarca.

mesmo mais antigo que a historia de outra qualquer região.

Os monumentos prehistoricos comprehendem: *todos os objectos dos quaes não se póde attribuir a sua execução á primeira epocha, determinada pela historia nacional do paiz onde foram descobertos*. As classificações indicadas pelo sabio Thomsen tiveram absolutamente por fim deixar os synchronismos da historia geral da civilisação separados do estudo dos monumentos prehistoricos. Sem conjecturar cousa alguma, sem idéa determinada de antemão, do methodo comparativo adoptado em Dinamarca para separar esses objectos por cathegorias, resultou formular-se os caracteres distinctos de sua antiguidade relativa. Será depois da conclusão definitiva d'esse trabalho constante, que se poderá então tentar qual será a relação immediata para se attribuir ás tres idades o logar que deverão occupar na historia da civilisação européa: devendo-se reservar para depois, quando em todas as partes se obtiverem identicas descobertas scientificas, indicar positivamente o desenvolvimento geral do progresso operado pela humanidade.

Quem estiver ao facto dos esforços extraordinarios, que a erudição dos sabios do Norte tem empregado n'estes estudos, — nos quaes os dinamarquezes foram os iniciadores, havendo conseguido adquirir importantissimos resultados; — saberá avaliar o grande serviço prestado á sciencia da archeologia. Já não está longe de se conhecer os synchronismos que ligam as antiguidades prehistoricas da Scandinavia ás epochas historicas das antigas narrações conservadas pelos outros povos.

O periodo prehistorico da Dinamarca é o mais recente de todos aquelles que se tem estudado até ao presente. Os seus ultimos tempos vão até ao XI seculo da era christã, e as sciencias naturaes caminham d'accordo com as descobertas dos archeologos; não fazendo subir os achados os mais antigos além dos tempos posteriores áquelles, e onde o Egypto nos apresenta já a continuação dos seus annaes.

O que causa sobretudo uma extraordinaria admiração, e é bastante honroso para a nação dinamarqueza, vem a ser o interesse patriotico que ella consagra a todas as recordações dos seus antepassados; todos os monumentos e os objectos archeologicos, rememorando o passado da nação dinamarqueza, são conservados com a maior veneração, merecendo uma solicitude extrema, todos arrecadados, sem mesmo omittir o mais insignificante fragmento, nem desprezando tão pouco a mais incompleta informação: foi tudo classificado com um perfeito methodo, devido ao estudo empregado, e emprehendido com uma admiravel sagacidade e uma paciencia tenaz e consciencíosa.

As sensatas providencias tomadas pelo governo illustrado da Dinamarca tranquillizam os archeologos sobre a conservação d'esses importantes achados. Os objectos descobertos, mesmo os de menor grandeza, não são rejeitados, sendo todos entregues nos museus. A nação que pelo derramamento da instrucção é iniciada nas descobertas alcançadas pelos seus sabios, que preza tudo aquillo que desperta o seu patriotismo, estando a lembrar-lhes constantemente os esforços laboriosos d'aquelles, cujo trabalho e intelligencia preparam para os seus descendentes uma existencia menos penosa e mais illustrada; acceitando esses achados archeologicos com grande interesse e veneração, concorre poderosamente para augmentar o amor pelo estudo d'essas antiguidades: pois que a sciencia em se generalisando por esta forma, protege egualmente essas preciosidades, e proporciona tambem enriquecer-se cada vez mais os elementos para formar a historia da humanidade.

A organisação d'esses museus scientificos na Dinamarca foi um trabalho de cuidados os mais intelligentes; podendo ser indicados para servirem de modelos aos outros existentes, mesmo áquelles dos paizes que se julgam estar mais adiantados n'esta sciencia. As collecções são de uma riqueza incrivel; todas as pessoas, desde o soberano, (tão instruido e dedicado a estas investigações), até ao mais humilde subdito, se esmeram em contribuir para augmentar a serie das collecções d'esses objectos, que retratam e se referem á existencia primitiva do seu paiz, desde os tempos os mais remotos findando na epocha contemporanea. Os museus dinamarquezes formam uma serie continuada d'essa existencia social, tendo sido inspirada a sua fundação pelo mais nobre sentimento patriotico que seja possivel possuir. Pela graduação tão logicamente disposta, facilitam a todos o saber, mesmo *aos meninos* que frequentam as escolas, os quaes são ali conduzidos pelos seus mestres em dias determinados, e lhes explicam na presença d'aquellas reliquias da sua nacionalidade, qual fôra o caminhar progressivo adquirido pelos seus antepassados.

O magnifico museu de antiguidades nacionaes — *Palacio de Principe* — está sabiamente classificado, occupando um grande numero de salas e apresentando da maneira a mais evidente a historia da successiva civilisação do povo dinamarquez. O periodo prehistorico comprehende todas as antiguidades do tempo do paganismo. As classificações estabelecidas regulam com atilado escrupulo o logar destinado aos respectivos objectos, sem que uma mal entendida distribuição venha falsear as idéas, fazendo alterar a sua ordem scientifica; porque não preferem dispol-os de uma maneira mais ou menos pittoresca os specimens pertencentes a epochas differentes.

Em uma primeira sala está exposto um grande fragmento que foi cortado d'esses montões de conchas, bem conhecido actualmente dos archeologos pelo nome dado pelos antiquarios dinamarquezes de *Kikkenmoedding*. Vê-se, entre as valvulas abertas, ostras, ameijoas e outros mariscos, tendo furos feitos com o emprego de ossos, para se enfiarem bocados de louça de barro, e juntamente apparece o lar da chaminé, ainda coberto de carvões que arderam, assim como tambem martellos feitos com as armas dos veados e sobre tudo um grande numero de machados, facas e serras em silex lascado, ou desbastado pelo choque de um seixo. Entre estes interessantes specimens de uma civilisação tão pouco adiantada, similhante áquella das tribus existentes na Oceania, ás quaes nós qualificamos de selvagens, apparece a industria d'essa epocha, indicada mui timidamente por uma grosseira ornamentação apenas deixada na louça de barro, pelos operarios, assignalando apenas a configuração que tem a unha do dedo minimo repetidas vezes como lavor; todavia já se deixa ver uma tal ou qual tendencia para ornar as obras que executavam.

Em outra sala que se segue, estão expostos os objectos colhidos da epocha da pedra polida. A industria d'esse tempo mostra ser já mais habil, e ter-se desenvolvido com melhor gosto. Então iam as barcas dinamarquezas buscar o ambar ás margens do Baltico, afim de o cortar e furar para servir de colheres. A architectura construe sepulturas grandiosas com pedras toscas de extraordinarias dimensões, sendo o Dolmin o logar reservado para servir de tumulo; o qual ficava rodeado ou precedido de monolithos como um accessorio proprio d'essas construcções, e muitas vezes ficavam escondidos debaixo de um monticulo de terra facticio.

Contem tambem collecções variadas e abundantes, comprehendendo admiraveis obras artisticas, mas pertencentes á idade de bronze. Os objectos correspondentes á primeira epocha d'esta idade, constam de magnificas armas, cuja elegancia faustosa e habil execução fazem conhecer ter existido um outro povo, que habitára o solo dinamarquez n'essa epocha. O ouro foi importado com a introducção da nova industria, sabendo combinar a liga de cobre ou estanho. Esta collecção possue egualmente magnificos machados com imbutidos preciosos; assim como espadas e facas de matto de diversas variedades. Ha tambem trombas collossaes de um curioso desenho, posto que affectado na sua ornamentação; baixellas e outras obras de ourivesaria, onde o ouro está realçado pela elegancia das formas, seus delicados detalhes e aprimorado acabamento, tendo sido executados em objectos de differentes generos. Nas *vitrinas* ou armarios envidraçados d'estas salas encerram-se outras preciosidades excepcionaes; fazendo ver como era sumptuosa a industria em geral; o luxo mesmo empregado nos funeraes, fazendo recordar nas diversas formas usadas e pelo seu caracter, ser d'uma origem oriental, uma imitação das ceremonias usadas nas grandes monarchias da Asia.

Uma segunda epocha da idade de bronze appareceu depois de ter decorrido bastante tempo, da qual o trabalho é menos perfeito; porém as descobertas de officinas em grande numero d'esta industria mostram que a manipulação dos metaes sempre fôra praticada no solo dinamarqnez, e exercida pelos seus antigos habitantes.

A idade de ferro na sua primeira epocha mostra qual tinha sido a influencia romana na applicação d'este metal. A prata e o vidro vieram dar ainda novos materiaes para executar trabalhos mais apurados, pois já sabiam forjar bellissimas folhas de espadas adamascadas.

Na segunda epocha, foi Byzancio com os seus faustosos costumes e gosto esmerado que dominou; admirando-se os curiosos specimens de ourivesaria e de joalheria, que fazem recordar aquella afamada magnificencia; principalmente quando se examinam curiosas medalhas feitas de folhas de ouro (conhecidas pelo nome de Bractéatas), as quaes circumdavam as filigranas em pingentes: essas moedas de ouro cunhadas sobre as margens do Bosphoro, foram imitadas com rara perfeição no solo dinamarquez.

Na terceira epocha d'esta industria, o trabalho é positivamente devido aos habitantes da Scandinavia. As antigas *runas*, essas lettras stenographicas dos primitivos povos do Norte, conforme ás legendas romanas executadas sobre os objectos dos primeiros tempos da idade de ferro, vem a ser substituidas pela escripta scandinava, que as fez modificar. A arte então se applica a entrelaçar dragões phantasticos dos mythos poeticos do Norte, tendo uma expressão assaz rustica. Essas originaes phantasias invadiram a ornamentação, fazendo mudar o feitio dos entrelaços da epocha precedente: continuando todavia com as suas composições decorativas, das quaes a origem, posto que fosse nacional, pertencia comtudo a epochas mais antigas.

Pelo estudo constante d'estas collecções archeologicas dinamarquezas se poderam determinar as idades de uma maneira geral, ainda que approximativamente, pertencentes á primeira epocha; sendo para as ultimas epochas as divisões archeologicas muito mais exactas. A idade de pedra principia, pois, nos tempos que se não póde designar; porém que entram n'aquelles dos periodos recentes reconhecidos pela geologia e paleontologia: não precisamos mencionar os periodos relativos d'essas sciencias naturaes, porque não estamos habilitados, nem preci-

samos de nos occupar d'elles, para o fim do nosso estudo.

Quanto á idade de bronze assentaram que não podia exceder a mais de 2:000 annos antes da era vulgar; a qual cessou logo depois de ter apparecido o christianismo no mundo antigo.

Os tres periodos da idade do ferro foram fixados com mais exactidão: o primeiro desde o 3.º ao 5.º seculo; o segundo desde o 5.º seculo até ao 8.º; e finalmente a ultima epocha, do estylo artistico especial aos Scandinavos, corresponde ao tempo das conquistas aventureiras dos Normandos, sendo desde o 8.º seculo a 1030, data na qual Canuto o Grande conquistou a Inglaterra e a Noruega, e fez adoptar o christianismo nos seus Estados.

Os restos humanos encontrados nas sepulturas e nas terras turfesas estão representados por uma serie de craneos d'homens de diversas epochas das idades prehistoricas; e pelo estudo d'essa preciosa collecção, se póde conhecer que não era fundado attribuir-se a uma raça de pequena estatura a industria do trabalho do silex lascado, e da construcção das Antas Dolmins, pelo menos em relação ao paiz da Scandinavia. Ha egualmente n'esse museu fac-similes mui perfeitos dos exemplares prehistoricos de outras regiões.

Por esta succinta noticia, será facil de se avaliar as collecções que possue esta illustrada nação; e qual é o interessante auxilio que ellas prestam para se estudarem os objectos d'essas diversas epochas; além de facilitar a todas as classes instruirem-se n'esses conhecimentos.

Quanto não é para sentir que, havendo já na nossa terra bastantes vestigios da existencia e da industria dos habitantes da epocha prehistorica, não se tenha obtido a necessaria protecção, para se dar maior desenvolvimento a essas investigações e vulgarisar mais no publico o gosto por este estudo tão curioso e util, do qual resultaria conhecermos o progresso da industria humana.

J. P. N. da Silva.

(Continua).

ANTHROPOLOGIA[1]

Nas montanhas elevadas das regiões tropicaes, em cuja base o sol ardente exerce poderosa acção pelo intenso calor e pela vivissima luz que irradia, e cujos pincaros a neve perpetuamente cinge com uma corôa alva e brilhante, a vegetação, em zonas successivas, mostra os typos principaes que a caracterisam nas diversas regiões do globo. Vê-se ali, na raiz das montanhas, a vida vegetal tomar as fórmas grandiosas, esbeltas, graciosas, variadissimas que a caracterisam na região tropical. Mais acima, onde a temperatura baixa com a elevação, apparece aquella organisação, menos complexa, menos robusta em geral, mas ainda muito variada na constituição, ornada de flores formosissimas, exhalando perfumes suaves e penetrantes, que fórma a transição entre os explendores dos tropicos, e a modestia singela das regiões temperadas. Mais alto, n'aquellas montanhas, observam-se esses typos vegetaes robustos, severos muitas vezes, outras graciosos, em que a vida se mostra energica sem parecer exuberante, forte sem pujança; typos que dominam nas regiões temperadas. Acima simplificam-se as organisações, as proporções diminuem, as côres empallidecem, toma tudo, emfim, o aspecto triste, pobre, melancholico que dá physionomia á vegetação das regiões frias, das zonas polares.

Nos diversos estados de civilisação, nos graus de desinvolvimento physico e moral, de aptidão industrial e força intellectual dos povos actualmente existentes se póde, por assim dizer, observar ao vivo o que nos tempos passados foi a humanidade. Assim como nas montanhas que occupam as regiões tropicaes podemos vêr, em resumido quadro, a vegetação do globo, não confundida senão disposta em regulares e bem distinctas zonas; assim tambem nos povos da terra podemos observar todos os distinctos graus em que se constituem as associações humanas, desde as hordas selvagens que só conhecem por guia a necessidade physica, por lei a força, por fim a guerra, a lucta, a destruição, por industria a caça ou a pesca, até ás nações que um largo desinvolvimento intellectual tornou como senhoras do mundo physico, e que, guiadas pelas elevadas revelações da sciencia, pelos grandes principios da moral, pelos sublimes preceitos da religião, teem feito da humanidade a mais esplendida manifestação do poder creador de Deus.

A opinião, muito generalisada, mas nem por isso menos inexacta, de que os selvagens não são mais do que o resto miseravel de nações outr'ora civilisadas, é a nosso vêr contraria ás leis que presidem ao desinvolvimento dos seres organicos sobre a terra, e ainda mais a idéa que todos devemos ter da bondade divina. As fórmas organicas vão-se, em geral, aperfeiçoando successivamente; typos ha que se tem extinguido, mas outros mais perfeitos, mais adaptados ás condições physicas do globo, os tem vindo substituir; a marcha progressiva de organisação viva é evidente.

No homem essa tendencia, tão geral quanto sublime, para um successivo e manifesto aperfeiçoamento, não podia deixar de manifestar-se. Emquanto porém nos seres vivos inferiores — sob o ponto de vista moral — o aperfeiçoamento só podia realisar-se na harmonia dos orgãos, no equilibrio das forças que contribuem para a conservação do individuo e ainda mais da especie; no homem devia o aperfeiçoamento restricto em relação ás condições physicas, influir sobretudo nos caracteres intellectuaes, nos sentimentos moraes, na expansão da intelligencia, na elevação do espirito. — As amplas noticias ministradas pelos viajantes ácerca dos selvagens existentes nas diversas regiões do globo, confirmam inteiramente este modo de vêr. Por toda a parte a observação dos factos tem provado que os povos incultos e selvagens, com raras excepções, não são a degenerescencia de outros mais elevados em civilisação, de outros intellectual, moral e industrialmente mais desinvolvidos; antes parece que n'esses povos desgraçados ha tal ou

(1) *Correspondencia de Portugal*, n.º 468.

qual tendencia a progredir: sendo certo, porém, que em alguns ha inaptidão evidente para a civilisação, mesmo nas suas mais singelas e rudimentaes condições, e por conseguinte existe incompatibilidade entre a sua existencia e a inevitavel expansibilidade das raças humanas perfectiveis. O homem civilisado substitue-se, em toda a parte onde as condições physicas o permittem, ao homem selvagem, quando este se não póde deixar conquistar pela civilisação.

Nas edades primitivas o estado do homem não podia ser senão similhante áquelle em que hoje o observamos ainda nos povos selvagens. Então era o homem quasi como as feras com que luctava, dominado pelas forças naturaes da natureza; faltava-lhe o poder que mais tarde lhe deu o desenvolvimento da razão; a robustez physica era o seu unico meio de resistir ás coisas que tendiam a destruil-o; os seus meios de alimentação obtinha-os pela caça ou pela pesca; eram as suas armas os troncos das arvores e a pedra, mais ou menos ageitada pelo trabalho, aos fins para que se destinava; abrigo achava-o só nas cavernas naturaes.

(Continua). João de Andrade Corvo.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O ex.^mo^ sr. ministro das obras publicas officiou á nossa associação, pedindo-lhe quizesse designar quaes os monumentos que devem ser considerados nacionaes.

Quatro dias depois, isto é, em 31 de outubro proximo findo, reuniu-se a assembléa geral para tratar d'este assumpto e resolveu incumbil-o a uma commissão, que foi eleita e se compõe do seguinte modo:

Presidente — conselheiro *José Silvestre Ribeiro* — Secretario — general *Antonio Pedro de Azevedo* — Relator — *Ignacio de Vilhena Barbosa* — Vogaes — *Valentim José Correia, A. Rambois, Carlos Augusto Teixeira de Aragão, Joaquim Possidonio Narciso da Silva.*

O relatorio d'esta commissão sairá n'um dos proximos dias como appenso ao presente numero do *Boletim.*

A folha official publicava no dia 14 de dezembro a seguinte portaria:

«Representando a real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, sobre a necessidade de obter das camaras municipaes dos differentes districtos administrativos alguns esclarecimentos indispensaveis para se desempenhar convenientemente da commissão de que foi superiormente encarregada, de indicar os edificios publicos do paiz que devam ser considerados monumentos nacionaes: determina sua magestade el-rei, que os governadores civis de todos os districtos expeçam as necessarias instrucções ás camaras municipaes dos concelhos dos seus respectivos districtos, para que satisfaçam com urgencia ás necessarias requisições que lhes forem feitas pela referida associação, e lhe transmittam os esclarecimentos pedidos nos quesitos que para aquelle fim lhes forem apresentados, na certeza de que é do maior interesse publico o bom desempenho da referida commissão.

Paço, em 10 de dezembro de 1880. — *José Luciano de Castro.*»

Na ultima reunião da assembléa geral da nossa associação procedeu-se á eleição dos corpos gerentes que hão de funccionar no corrente anno.

Ficaram reeleitos, presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva; vice-presidentes, os srs. conselheiro João Maria Feijó e visconde de S. Januario; secretarios, os srs. Valentim José Correia e visconde de Alemquer; vice-secretarios, os srs. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa e Ernesto A. da Silva; thesoureiro, o sr. Francisco da Silva Vidal; bibliothecario, o sr. conselheiro Silvestre Ribeiro; conservadores do museu, os srs. conselheiro Figanière e general Antonio Pedro de Azevedo.

Sairam tambem eleitos: para a secção de architectura, presidente, o sr. J. Possidonio da Silva; secretario, o sr. Pedro Serrano; delegado, o sr. José Maria Caggiani; supplente, o sr. Theodoro da Motta.

Para a secção de archeologia, presidente, o sr. Vilhena Barbosa; secretario o sr. Luciano Cordeiro; delegado, o sr. Carlos Munró; supplente, o sr. Francisco Simões Margiochi.

Para a secção de construcções, presidente, o sr. general Antonio Pedro de Azevedo; secretario, o sr. Francisco José de Almeida; supplente, o sr. José Tedeschi.

Falleceu o sabio italiano e commendador J. Baptista de Rossi, membro correspondente do instituto de França e socio honorario da nossa real associação.

As importantes descobertas e publicações d'este insigne archeologo tornaram celebre o seu nome e por todos os paizes cultos será sentida a sua perda.

A França teve tambem o grande desgosto de perder um dos seus mais illustres architectos, mr. Lefrel, membro do instituto e commendador da legião de honra.

Pelos trabalhos que fez e mui principalmente por ter completado a praça do Carrousel em Paris conquistou os elogios dos seus mais distinctos confrades.

Mr. Lefrel era nosso consocio honorario. Opportunamente publicaremos um artigo a respeito de tão considerado architecto civil.

NOTICIARIO

Acaba de fazer-se em Napoles uma descoberta archeologica do maior interesse. O professor Novi, descobriu ao lado de Herculanum os restos de um edificio de banhos grandioso, em que se vêem já granito, marmores, ornamentos de vidro, mosaicos, datando da mais bella época da arte romana.

A torre de Londres é um dos monumentos mais curiosos d'esta capital. Acha-se situada no extremo oriental da cidade antiga, centro hoje dos negocios,

a meia milha, aproximadamente, da Ponte de Londres, e em uma collina que domina o Tamisa.

A tradição diz que Julio Cesar edificou uma fortaleza no logar que a torre occupa; porém, o que se sabe é que tudo quanto resta do edificio pertence á epocha normanda.

Quando se contemplam as negras paredes de tão historico monumento, sente-se uma emoção profunda e surgem á mente os dramas e os acontecimentos de que aquelle recinto foi theatro. N'elle estiveram presos os principaes personagens que figuram na historia da Inglaterra. Lord Mortimer, David Bruce, rei da Escossia, o rei João de França, o poeta Chancer, Ricardo II e o duque de Orléans soffreram dentro d'elle a triste sorte do prisioneiro.

Henrique IV foi arrancado dos seus muros por Warwick, o chamado «fabricante de reis», para obter um ephemero triumpho, que apenas serviu para lhe precipitar a quéda.

Os filhos de Eduardo VI, creanças ainda de tenra idade, foram assassinadas na torre por Tyrrel, á ordem do seu tio Ricardo III.

A historia da Inglaterra revive nos muros da Torre de Londres, e póde dizer-se que não ha uma só pedra que não esteja salpicada com o sangue de um ser humano. Ao contemplar-se o conjuncto do monumento, composto de vetustas paredes, de muralhas e torreões dominados pela torre principal, o pensamento transporta-se aos tempos que já passaram e sente-se perplexo ao contemplar o poderoso contraste entre o seu aspecto e a vida moderna que na *city* se desenvolve.

A torre compunha-se e ainda se compõe de duas partes principaes, de dous corpos do edificio differentes: a parte interior e a exterior.

A primeira comprehende a Torre Branca, as galerias e aposentos dos reis, o guarda-roupa, o jardim da rainha, a egreja de S. Pedro, a Torre do Condestavel, a Torre de Drique e o grande salão de recepções.

A parte exteriorcomprehende as avenidas e ruas que conduzem a todas as obras de defeza e aos baluartes.

De todas as entradas da Torre, a mais notavel é a porta do rio, construida por Henrique III, pela qual entravam sempre os condemnados á morte.

Hoje a antiga fortaleza de Londres não é mais que um museu e um arsenal militar, onde estão depositadas mais de 300:000 espingardas modernas, além da numerosissima collecção de armas antigas e armaduras de todos os tempos, que ha na Europa.

Como depositos dos archivos nacionaes de Inglaterra, encerra tambem um grande interesse aquelle monumento; e não é menos extraordinario e notavel o deposito de joias da corôa.

Para se conseguir examinal-as, necessita-se o intermedio de grandes influentes, principalmente depois das tentativas de roubo descobertas pela policia.

Vencidas as difficuldades que para as vêr se encontram, dão-se por bem empregados os trabalhos que custa alcançar a licença, porque não podem ser mais magnificas nem estarem mais artisticamente dispostas.

Para guarda das joias ha seis *vitrines* e uma multidão de accessorios.

O Museu de Historia Natural de Paris recebeu ha pouco uma rocha em que estão encravados os restos de um reptil quadrupede fossil; aquelle animal é o ser mais aperfeiçoado que se tem descoberto nos terrenos primarios da França. Foi encontrado por M. Roche, director das minas de Izornay, nos schistes bituminosos de que se tira o petroleo. Alberto Gandry, professor no Museu, descreve-o sob o nome «Stercho-rachis dominans», que indica a superioridade d'elle sobre os contemporaneos, e mostra ao mesmo tempo que a columna vertebral, bem ossificada, contrasta com a dos outros reptis do mesmo jazigo.

Mr. Cowell Bronn, inglez, inventou um preparado que manda applicar ao forro do collete e casaco de qualquer pessoa que não deseje afogar-se. Segundo o referido inventor, no momento em que o individuo, assim preparado, cae ao mar, o fato intumece-se e a submersão torna-se impossivel.

Em Amsterdam estabeleceram-se jardins, onde aos filhos dos operarios se deparam, durante as horas livres, grande numero de entretenimentos, que desenvolvem o corpo e a intelligencia.

O capital para a abertura do canal atravez do isthmo de Panamá é avaliado em 90:000 contos. Mr. de Lesseps já organisou um syndicato de banqueiros para a realisação da empresa.

Mr. Anatole Bamps, commissario geral do congresso dos Americanistas de Bruxellas, vae, com auctorisação do sr. Possidonio da Silva, traduzir para francez o compendio *Noções elementares d'archeologia*, de que este cavalheiro é auctor. O motivo por que mr. Anatole emprehende tão util publicação, é não haver ainda na Belgica um compendio d'aquella sciencia.

A Sociedade Academica Indo-Chineza, fundada em Paris no anno de 1877, para o estudo da India Transgangetica, procedeu, em sessão de assembléa geral de 28 de outubro ultimo, á eleição dos membros da mesa e do conselho. Ficaram eleitos: presidente, o ex.mo sr. marquez de Croizier; vice-presidentes, os srs. Ed. Dulavrier, membro do Instituto, professor da Escola das linguas orientaes, e Favre, professor da mesma escola; secretario geral, o professor Arist; secretario adjunto, o sr. Eug. Gibert; archivista bibliothecario, o sr. dr. Legrand; thesoureiro, o sr. Guenearr.

Na mesma sessão foram nomeados socios correspondentes os srs. dr. Bastian, o celebre viajante allemão; o barão de Hellrald, director da revista *Das Ausland*; o dr. Luiz Ewald de Damstadt; e os sr. James Fergusson, Roberto Needlam Cust, os celebres indianistas inglezes.

O professor allemão, sr. Stier, descobriu em Zerbst, no ducado de Anhalt, um manuscripto contendo a relação, em hollandez, da segunda viagem de Vasco da Gama ás Indias (1502-1503). D'este trabalho, que foi executado por um dos companheiros do illustre navegador nosso compatriota, tenciona o sr. Stier publicar uma traducção em lingua allemã.

Falleceu no Cairo o celebre egyptologo Mariette Bey, fundador do museu de Bulaq, e membro da academia das inscripções e bellas letras, onde fôra admittido em 1878 para preencher a vaga deixada por mr. de la Saussaye.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 5

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

SANEAMENTO DOS ESGOTOS OU ESCOAMENTO DAS IMMUNDICIES DAS GRANDES CIDADES

É esta uma questão palpitante e de momento, que tem preoccupado a attenção dos governos de todos os paizes; e tal é a importancia scientifica e humanitaria do objecto, que d'elle se tem occupado todos os homens competentes.

Não obstante taes attenções e taes estudos, é força reconhecer, *que não está ainda dita a ultima palavra a esse respeito, nem definitivamente assente qual o melhor systema a adoptar.*

Em cada paiz, ou talvez mesmo em cada cidade têem apparecido diversas opiniões, e adoptado differentes systemas e meios de se conseguir os fins em que todos estão concordes, isto é, *evitar os males, geral e inquestionavelmente reconhecidos, que de similhantes escoamentos resultam em prejuizo da saude publica.* As aguas e fezes, que circulam nos canos esgotantes de uma cidade, são forçosamente impregnadas de todas as immundicies e detrictos que é essencialmente necessario serem expellidos do interior das habitações, e da superficie das ruas, não só em beneficio da hygiene, mas tambem em beneficio do aceio e da decencia.

A accumulação d'essas materias diversas e por vezes bem heterogoneas, produz decomposições, que se transformam em gazes e miasmas, repellentes ao olfacto e nocivos á saude das pessoas.

Para evitar estes damnos é necessario que o escoamento seja rapido e regular, que a sahida seja prompta e afastada do povoado, e que essa sahida se opere de modo que as materias não fiquem expostas e retidas.

Para se conseguirem, portanto, aquelles fins, é forçoso que os canos parciaes e contribuintes dos canos geraes estejam nas circumstancias necessarias para não impedir a circulação das materias, e que o auxilio de grande abundancia de agua promova essa circulação e lave o esgoto conductor.

Depois d'isso, que é o principal, o que resta a fazer? Arejar a rede tubular dos esgotos, e espalhar na atmosphera, o mais alto possivel, os gazes que ainda assim se possam desinvolver.

Ali incumbe-se o oxygenio de os transformar em acido carboneo que por seu turno se torna util, especialmente em relação ao desenvolvimento dos corpos vegetaes.

Seria longo, fastidioso, e até mesmo ocioso, se intentassemos compendiar e dar noticia de tudo que se tem escripto, e continuamente se publica ácerca do assumpto, ainda mesmo que fosse rapida

e muito resumida tal noticia. Alem d'isso, as pessoas entendidas e competentes conhecem perfeitamente todos esses escriptos, e aquellas que não estão n'esse caso, ou não entendem do assumpto, ou não dão apreço a estas circumstancias e até mesmo muitos as consideram de pouca monta.

Limitar-nos-hemos a indicar rapidamente o que em alguns dos principaes paizes existe a este respeito para que se possa formar ideia do que se tem feito, em relação ao assumpto, na cidade de Lisboa, considerada antigamente como uma das mais saudaveis da Europa.

São muitos os systemas e varias as invenções, que se teem levado a effeito, tanto em relação ás grandes vias ou galerias de esgoto, como de *sargentas* ou canos subsidiarios que lhe são inherentes e indispensaveis: n'aquelles, attingindo-se ao fim, que a circulação seja rapida, e se evite a precipitação e deposito das materias; n'estas, que os gazes se não exalem, e que sirvam a contribuir para o saneamento, introduzindo nas galerias as aguas pluviaes.

Um jornal francez muito competente, *La Semaine des constructeurs*, tem publicado uma serie de artigos ácerca d'estas construcções, em que dá minuciosa noticia d'estas obras. Não nos consta, nem mesmo estamos persuadidos que haja paiz ou mesmo cidade, que tenha um systema unico e uniforme de canos de esgoto; ao contrario, essas construcções em toda a parte se ressentem de trabalhos parciaes e das epochas em que foram levadas a effeito; como não pode deixar de ser, por isso que, obedecendo aquelles trabalhos ao desinvolvimento e progresso dos conhecimentos scientificos, forçosamente em cada epocha devem ter um typo especial em harmonia com as prescripções da chimica, da physica, da medicina, e da hygiene: e além d'isso, a arte de construir tambem tem caminhado obedecendo aos mesmos principios, e não podem por tanto ser identicos os trabalhos operados em um ou outro seculo.

Na rede dos esgotos de Paris e Lyão, o principio a que se obedeceu n'aquellas construcções foi, *que se podesse percorrer em toda a extensão dos canos de esgoto para os examinar e sanear como fosse necessario.*

As galerias devem por isso ter as dimensões e capacidade necessaria para esse fim. Aquellas de que fazemos menção, teem a capacidade minima de 1,^{m}50 de alto, por 1.^{m} de largo, e são construidas em *alvenaria* de 25 centimetros de espessura.

O perfil é ovoide. Acima d'esse typo, encontram-se ali seis typos de *collectores*, dos quaes as dimensões variam entre 2,^{m}75 por 2^{m} até 3,^{m}70 por 2,70.

Em relação á *rede de esgotos* da cidade de *Londres*, considera-se ella notavel por varias circumstancias; n'aquelle paiz, porém, não se admitte senão que sejam accessiveis aos trabalhadores as galerias principaes, tendo em vista economia de construcção; renunciando-se portanto áquella condição nos canos secundarios.

Em Londres um terço dos esgotos é construido em alvenaria, e os outros dois terços são de *loiça* (manilhas). Os canos da 1.^{a} secção teem a forma ovoide, cujas dimensões variam entre 15 e 45 centimetros, havendo todo o cuidado em os vedar hermeticamente.

Os canos parciaes relativos ás habitações conduzem as aguas das chuvas, as aguas de lavagem e as materias fecaes provenientes das latrinas; esses canos são ventilados e teem sobre o solo uma inclinação de 1 a $^{1}/_{2}$ p. c., desaguando no tubo que dá vasão ao grupo de habitações na altura de 30 a 40 centimetros.

Os canos parciaes da rede circulante conduzem as materias aos canos collectores que por seu turno as transportam ao *Tamisa* em logar afastado.

Antes porém que as materias entrem no rio, são retidas temporariamente em um reservatorio do qual se opera a vasão na occasião das marés de vasante, operação que leva a concluir duas horas pouco mais ou menos.

Em relação ao modo por que em *Bruxelles* se fazem os esgotos pouco ha a indicar, por isso que n'aquella cidade não ha systema especial, e pode-se dizer, que a rede dos canos de esgoto d'aquelle paiz é um mixto do que existe em *Londres* e *Pariz*, menos que possam os trabalhadores entrar nos canos, porque em geral nenhum d'elles tem capacidade para isso.

Os canos conductores parciaes são ordinariamente em alvenaria; alguns ha, porém, construidos de manilhas; a construcção d'aquelles e a qualidade d'estas são cuidadosamente vigiadas para que tudo se opere em boas condições.

O desapparecimento das materias esgotadas é operado de modo, que não produz incommodo nem perigo para a população.

As formas e methodos adoptados para os syphões e sargentas, em França especialmente, são muito variados, subordinando-se, (como é acertado e rasoavel) a sua construcção, ás circumstancias especiaes e peculiares do paiz e clima em que têem de funccionar.

Em relação ao methodo seguido em Lisboa, é considerado muito rasoavel, e mesmo preferivel em paizes onde não haja gelos.

Permitta-se-nos que digamos que tambem assim o julgamos, mesmo para nos afastarmos do costume quasi geral de achar máu tudo que ha lá fóra, costume que por vezes nos leva a ser injustos, e muitas a denunciar que não entendemos do objecto, e

que fallamos sem o conhecimento e juizo necessario. Do que temos dito concluimos duas convicções:

1.ª Que nos parece desnecessario mandar estudar lá fóra *systemas de esgotos pura e methodicamente seguidos, e funccionando em qualquer paiz*; por isso que não ha nenhum em taes circumstancias.

Methodos adoptados, e construcções feitas, isso ha; porém, estão miudamente descriptas e explicadas tanto pelos seus auctores, como pelos criticos competentes e viajantes illustrados; julgamos, portanto, mais economico tomar conhecimento do objecto pelo estudo d'esses livros e d'essas noticias.

A 2.ª convicção, que adquirimos, é que o nosso systema de esgotos não é mau, mesmo pela simples rasão de que — *não é nenhum* — e chegamos mesmo a julgar que é muito aproveitavel o que temos, comparando-o com o que ha lá fóra, isto é, note-se bem, nas formas; mas não quanto a construcção, á inacção, á policia e ao desleixo.

Os canos de esgoto em Portugal pode-se dizer que datam de 1755, e isso mesmo na cidade baixa: antes d'isso, o repositorio de todas as immundicies, como continuou a ser na cidade alta, eram as ruas, para as quaes eram vasadas depois das 10 horas da noite todas as immundicies, annunciado o diluvio de materias mais ou menos solidas pelos determinados tres pregões, «*agua vae*» «*agua vae,*» «*ella ahi vae,*» — annuncio que nem sempre era verdadeiro, por isso que com a agua vinham outras cousas que entulhavam as ruas, tornando-as um perfeito monturo.

Para que as materias se não accumulassem, havia a providencia de as mandar varrer e juntar, e depois tirar e conduzir em carroças para o *caes* chamado *da lama*; que era uma ponte de madeira ahi para o lado do arsenal do exercito.

Aquelle *systema* bastante incommodo, e altamente repugnante, tinha comtudo algumas vantagens.

1.º Não dava tempo a que as materias fermentassem e se decompozessem, e por consequencia que se não produzissem gazes nocivos á economia animal. Soffria, é verdade, muitas vezes o olfacto, mas não era prejudicada a respiração.

2.º Os poucos gazes que ainda assim se podiam desinvolver, como era ao ar livre, espalhavam-se na atmosphera, e lá estava o oxigeneo para exercer a sua missão vivificante.

3.º No *caes da lama*, vendia-se o conteudo, que lá ia beneficiar a agricultura.

4.º Não havendo *pias* no interior das habitações nem canos de despejos, eram as casas saudaveis e poupava-se aos pobres habitantes a crueldade de os fazer aspirar, especialmente de noite, os gazes mephiticos que de taes canos se exalam.

Se não precisassemos de resumir este artigo, podiamos desinvolver a theoria — que prova não se effectuar decomposição.

Na formação da cidade baixa aos architectos e engenheiros incumbidos da sua edificação, que eram homens illustrados e diremos mesmo sabios, em relação á epocha em que viveram, não escaparam aquellas circumstancias, e construiram canos de esgoto com dimensões e prescripções muito similhantes aos que hoje possuem e então não possuiam as grandes cidades; e, o que é mais notavel, adoptando preceitos scientificos que só mais tarde foram conhecidos.

Construiram canos largos e espaçosos, pelos quaes se podia transitar, pozeram-lhes em cima de espaço em espaço *rálos* ou *resfolgadores*, para estabelecer corrente de ar, espalhar os gazes, e introduzir as aguas da chuva, as quaes serviam a satisfazer a reconhecida necessidade de agua tanto para a dissolução das materias como para a limpeza.

E note-se que já então se construiram as casas estabelecendo as pias e os canos na parte exterior d'ellas.

Sejamos justos, admiremos e louvemos aquelles trabalhos feitos em taes épochas. E demais, que culpa teem aquelles artistas de que os seus vindouros, não soubessem aproveitar os seus trabalhos, e amplial-os em harmonia com os conhecimentos que já agora deviam possuir, e dos meios de que hoje podem dispôr, taes como: abundancia de agua, cimentos, caes hydraulicas, cantarias, grés, esmaltes, etc.? Que culpa teem os canos que os não lavem? Que lhes tirassem o *ralos* e os tornassem em pantanos sem circulação nem respiração? Que responsabilidade teem as construcções de serem feitas sem attenção ás exigencias necessarias e prescriptas?

Devemos, portanto, convir que não só se não tem aproveitado e ampliado o que tinhamos de bom, mas ao contrario o temos destruido e prejudicado.

Depois de 1834 determinou a ex.ma camara que se tirassem os *rálos*, e com essa ordem aformoseiou a cidade e desattendeu a sciencia e o bom senso. Determinou-se que se não deitasse nada para as ruas, que todas as casas tivessem pias e canos *fosse onde fosse*, nas cozinhas, nas casas de jantar, nas casas interiores, nas janellas, nas escadas, etc.

Em resultado de tão impensada e precipitada ordem, ganhou o aceio exterior da cidade, e perdeu a saude dos habitantes, especialmente das senhoras, e atrozmente, das creanças. Hajam vista as estatisticas dos cemiterios, enumerando as causas de morte, escrofulas, anemia, tisica, tuberculos, etc.

Depois construiram mais esgotos, mais ou menos em harmonia com as prescripções que a sciencia tem indicado; como, porém, essas construcções destoavam de outras de que foram fazer parte, torna-

ram-se enxertos que partilham dos vicios dos seus antecessores.

Cuidou-se com esmero que esses trabalhos se fizessem nas condições necessarias? Vigiou-se com consciencia, que os particulares operassem as respectivas obras como deviam ser? Obrigou-se com justiça e sem excepções que os proprietarios empregassem n'essas obras, materiaes e objectos nas circumstancias, qualidade e forma que a lei e o dever exigem? Duvidamos.

Temos dito o que ha lá fóra, e em Lisboa, bem como o que se tem feito. Agora diremos o que se faz cá no paiz, e depois o que nos parece, com o devido respeito, se pode fazer, para aproveitar o que temos, e não projectar despezas que não podemos fazer.

Diz-se mal do que ha e continua-se a praticar o mesmo.

Quando se falla em epidemias ou ha algum terror panico, alvoroça-se tudo, tocam em som lugubre, compungente, as charamellas da publicidade, mais ou menos desinteressadamente.

Falla-se e projectam-se obras; ordenam-se estudos; encarregam-se pessoas e commissionados d'esses estudos; e com tudo isso se fazem grandes despezas, e gastos, que, se fossem empregados em melhoramentos, já muitos se teriam conseguido, e evitavam-se assim muitas intrigas, muitos suppostos obstaculos, muitos reclames, e muitas ambições, a que incita o desejo de compartilhar taes esbanjamentos, e a que ainda não vimos resultado pratico e util.

A ex.ma camara em taes casos cumpre briosamente o seu inquestionavel dever: toca a postos e cada um se prepara não com o estudo do objecto, mas sim com a ideia fixa de conseguir *algum bom resultado*, e que se consiga a approvação de objectos, de meios, e propostas que no seu entender julga mais util em proveito do publico, e do seu, por isso que tambem faz parte d'esse publico.

Emfim trabalham todos á porfia para que se augmentem e melhorem as circumstancias e os esgotos.

Nomeiam-se commissões, como é justo e necessario, no paiz classico das commissões, e onde abundam tantos commissionados, *necessitados* de trabalhar e tirar partido das suas *aptidões*.

Se a commissão é remunerada, dura muito, faz extenso relatorio, e mais nada! .. e quanto ao extenso e illustrado relatorio, *não publicado nem mesmo lido*, mas depois cuidadosamente guardado, para entulhar os archivos.

Se a commissão não é retribuida, não se reune, não trabalha e dissolve-se, sem que ao menos essa dissolução sirva para activar a corrente nos canos e sanear os esgotos!!

Depois de todo esse afanoso trabalho em favor dos *esgotos*, e do *bem publico!* abrem-se concursos para as obras! e para materiaes, isto é, cal, areia, pedra etc.: as obras não se fazem por justos motivos, a cal reserva-se para desinfectante, e a areia guarda-se para decorar as ruas nas solemnidades publicas.

Tableau.. Abrem-se *buracos* nas ruas, armam-se cabreas para suspender as immundicies e expol-as á vista dos transeuntes!

A cal, que o fornecedor pouco lhe importa qual o fim que leva, mas que já previu na qualidade do genero, utiliza-se então para purificar e augmentar o conteudo no cano, e os viandantes, avistando de longe os *elevadores*, mudam de rumo resmungando, o velho, poetico, e tradicional rifão — *Tudo como d'antes. Quartel general em Abrantes.*

Findo esse ascoroso, repugnante e inutil trabalho, *tapam-se* os buracos e ha perfeito silencio e reprehensivel inacção até nova *balela* ou alarme.

Agora fallaremos serio, (como julgamos o assumpto merece,) ácerca do que respeitosamente entendemos se deve fazer.

Destruir completamente o que ha, não suppomos necessario, nem economico.

Imaginar delicias e quasi impossiveis, attentas as circumstancias e os *entraves*, parece-nos um *bello ideal*, sem nome, e sem effeito. Não fazer nada, pensamos que é barbaro, reprehensivel, e estupido. Que fazer então? Cumprir conscienciosamente e obrigar a cada um a cumprir a lei e o seu dever, sem excepção nem patronato.

Considerar a questão dos esgotos como *caso de força maior e saude publica*; fazer lei, se a não ha, para se obterem os melhoramentos indispensaveis, e que se não podem descurar nem adiar indefinidamente, sem grande responsabilidade, e ainda maior perigo: chega mesmo a ser um crime de leza humanidade a inacção.

Agua, agua! — sirva para alguma cousa n'esse sentido o Alviella, lavem-se os canos, e augmente-se a sahida até a distancia possivel e conveniente; evitam-se assim os miasmas malfazejos, que se espalham na cidade, com especialidade de noite.

Ponham-se os canos principaes em communicação com as chaminés das fabricas, o que não é difficil, nem muito dispendioso; opere-se a communicação dos canos parciaes com as chaminés dos predios, todas as vezes que seja possivel e, em todo o caso, ponham-se aquelles canos em communicação com a atmosphera.

Construa-se tudo em boas condições, e dê-se espaço e *inclinação necessaria aos canos dos predios.*

Obriguem-se (até de violencia) os proprietarios a que ponham os seus predios em condições hygienicas, e habitaveis.

Expropriem-se os predios em que se não possam obter essas condições e em que seus donos as não possam conseguir, e vendam-se para se edificarem de novo como deve ser: quem não pode ou não quer ser bom proprietario, não pode sel-o em damno dos habitantes.

Multe-se quem edificar mal, ou conservar os seus predios, por ambição ou desleixo, em mau estado; castigue-se quem for incumbido d'essa fiscalisação e não cumprir o seu dever.

Estude-se se seria mais util o systema de um, dois, ou mais reservatorios (como em Inglaterra) comparado com um grande collector.

Podendo-se fazer tudo isso, como creio, parece-me que os esgotos em Lisboa, apezar de não poderem ser considerados como obedecendo a um systema uniforme e aperfeiçoado, seriam muito aceitaveis, e pelo menos, muito no caso de não serem perigosos.

Não finalisaremos, porém, este artigo sem rogarmos desculpa de termos entrado em terreno alheio, e pedirmos a quem competir que se cure do objecto e se faça alguma cousa.

O Socio

F. J. de Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

(Continuado do numero antecedente)

As noções as mais vulgarmente diffundidas no publico a respeito dos vestigios dos tempos prehistoricos, são em geral tão vagas, tão confusas, tão erroneas, e mui principalmente pela falta de se divulgarem esses estudos em Portugal [1], que julgámos seria de algum interesse para o seu conhecimento apresentarmos algumas considerações sobre essa remota epoca, conforme a opinião dos homens mais versados n'essas investigações; ou pelo menos que este estudo despertasse a curiosidade das pessoas pouco familiares na sciencia de archeologia, tendo todavia desejos de adquirirem idéas geraes sobre materia tão importante, sem comtudo cançarem a sua applicação no estudo profundo d'ellas: foi este intuito que nos levou a encetar estas publicações sobre este interessante objecto. Temos a convicção de contribuir tambem por este modo a chamar a attenção de quem compete velar pela conservação d'esses antigos monumentos que existem no nosso paiz, a fim de se evitar a sua total ruina; devido á ignorancia ou indifferença do publico pelo que valem essas recordações de outras eras, as quaes, estando expostas ao vandalismo, desappareceerão de todo das respectivas localidades, senão houver o cuidado de obstar á sua destruição.

N'outro tempo os monumentos chamados Celticos eram geralmente considerados pelos habitantes do campo e pelas pessoas pouco instruidas, como sendo obras executadas pelas *fadas* ou por *gigantes*, como ainda hoje em varios sitios se acredita; tanto assim, que a maior parte d'elles são designados pelos nomes, que provam a superstição de quem os considerava obras phantasticas.

Os antigos historiadores os haviam attribuido aos Gaulezes; porém, depois de aturadas investigações archeologicas, e de factos averiguados, convenceram-se serem esses monumentos muito anteriores á existencia d'esses povos, os quaes já os tinham considerado pertencerem a uma mais remota antiguidade; ignorando-se todavia a epoca de sua construcção. Os differentes objectos descobertos nas escavações feitas debaixo d'esses monumentos, são agora attribuidos ás primeiras emigrações pre-historicas, das quaes a epoca e duração nos é desconhecida; mas convencionou-se designal-a *a edade de pedra*, porque as armas e os instrumentos d'essa epoca são quasi todos feitos de *silex*, pedreneira.

É, porém, proprio da natureza humana, mui principalmente dos antiquarios, serem insaciaveis nas suas investigações; por essa razão, não é já nas sepulturas seculares dos *dolmens*, nem nos tumulos que se fazem as escavações para se descobrirem os indicios das primitivas raças do mundo.

Não é já ahi que se espera encontral-os; foi preciso ainda transpor outros seculos, periodos de tempo incalculaveis, indo procural-os, desenterrando o sedimento diluviano das cavernas, para se acharem as provas authenticas da existencia das gerações desconhecidas de homens e de animaes; colhendo-se d'esses diversos destroços o conhecimento de um mundo em que a existencia dos seus habitantes era inteiramente differente da nossa. Não sómente a superficie dos actuaes continentes não apresentava a mesma configuração que tinham tido nas primeiras edades da formação da terra, mas tambem o clima, a vegetação, os habitantes, tudo mudou, tudo desappareceu, e unicamente Deus tem

[1] Estas prelecções foram dadas no anno de 1871, no Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos civis e archeologos portuguezes.

conservado a lembrança das suas primitivas obras! As cordilheiras surgiram das entranhas da terra; valles profundos foram cavados; os lagos seccaram-se; os volcões apagaram-se; os mares repetidas vezes agitados por essas perturbações do globo, sendo impellidos em torrentes caudalosas sobre a superficie do nosso planeta, até ao momento de adquirirem o seu preciso equilibrio, formaram então os mares que actualmente cercam o mundo. Porém toda esta grande transformação deu logar a horrorosos desastres, e a terem-se aniquilado quasi todos os seres que povoavam o solo primitivo da terra!

Não obstante este extraordinario cataclysmo, as tribus que sobreviveram a esta destruição, nos deixaram monumentos de estructura tão estranha, que nos patenteam qual fôra a sua primitiva industria, e nos dão a conhecer os trabalhos por elles executados n'essa remotissima epoca. O poder-se conseguir penetrar esse mysterio, essa gloria estava reservada á nova sciencia da archeologia, pois antes se suppunha impossivel ao nosso entendimento destruir as espessas trevas que o envolviam!

Por mais rusticos que nos pareçam esses monumentos dos primitivos habitantes da terra, essas obras toscas de edades desconhecidas serão todavia preciosos dados para nós, pois nos indicam existir n'esses trabalhos os primeiros passos d'uma nascente civilisação, sendo essas as primeiras aspirações artisticas de um povo ainda na sua rude infancia e natural ingenuidade. Exprime-se um distincto archeologo moderno por este modo: «Se os «Celtas não foram architectos elegantes, pelo menos «sabiam levantar obras para o futuro. Quando to«dos os monumentos pertencentes actualmente á «arte e á civilisação tiverem sido destruidos, aquelles «executados pela barbaria estarão ainda erguidos; «e esses dolmens que dominam com tanto assom«bro nos campos e nas montanhas, quando já de «nenhuma cidade apparecerem os seus vestigios, «elles serão ainda visiveis em toda a sua grandiosa «magestade nos seculos futuros!»

Existem em muitos paizes monumentos celticos mui notaveis por sua extrema simplicidade, grandioso aspecto e forma singular tanto em França, na Grã-Bretanha, Dinamarca, Allemanha, como em Hespanha, Portugal, Sardenha, Corsega, e em muitos paizes da Asia Menor. Tendo sido considerados como a representação d'uma civilisação na sua infancia, e a execução d'uma arte inteiramente primitiva, são todos formados de enormes pedras, quasi sempre toscas, e de fragmentos de rochedos. Não obstante a sua extraordinaria antiguidade, um grande numero d'estes monumentos ainda existem para nos indicar quaes foram as obras das gerações as mais remotas do mundo.

Succintamente explicaremos os diversos monumentos d'este genero. Os *Peulvans* ou *Menhirs* são os monumentos os mais simples da arte celtica. Esta palavra derivada de duas do celtico, significa *Pilar de pedra;* assim como a segunda designação significa *Pedra comprida.*

Compõem-se de uma pedra de forma esguia posta verticalmente em cima do solo. Quando estas pedras se acham em certo numero e dispostas sem ordem apparente, são designadas pelo nome de *calçada de gigantes.* Tinham estas pedras um caracter ao mesmo tempo religioso, civil e militar. Algumas vezes têem figuras toscamente esboçadas, outras mostram na extremidade d'essas pedras uma cabeça apenas desbastada.

Os *Lichavens*, palavra celtica que significa *Logar de Pedra*, representam pela sua disposição especies de portaes. Compõem-se estes monumentos de 3 pedras, duas verticaes afastadas em certa distancia para sustentar uma terceira pedra posta horisontalmente: são reputados altares de oblação [1].

Os recintos celticos chamados — *Cromlechs* — que significa — *Curva pedra* — e tambem exprime — *O Deus Supremo*, são monumentos formados de *peulvans* e de *lichavens*, collocados a uma certa distancia uns dos outros sobre um plano circular ou elliptico.

O numero de pedras de que se compõem é um numero sagrado; nunca ha menos de 12; havendo de 19, 30, e 60. Ao centro ha muitas vezes um *Hyrmensul* — pedra do sol: ou uma *feyra* — esphera druidica, que representa a Divindade Suprema. Suppõem-se que serviam ao mesmo tempo de Templos e Tribunal de Justiça. O mais notavel é o que existe na Inglaterra, em Avebury, a 6 milhas de Salisbury. O grande circulo que forma o exterior do recinto tem 1:300 pés de diametro, encerrando dois circulos mais pequenos postos a par; no centro de um d'elles ergue-se um *menhir*, e no outro vê-se um *dolmen*. O renque externo é formado por 30 *lichavens*; o segundo circulo conta 29 pedras; o terceiro tem o numero egual ao primeiro; e o quarto é composto de 20 *peulvans*. Presume-se ser logar para assembléas publicas.

Nos *alinhamentos*, a unica differença, que existe entre estes monumentos e os precedentes, vem a ser, que as pedras, em logar de estarem dispostas em circulo, foram postas sobre uma unica linha, ou em muitas linhas parallelas. O mais curioso e extraordinario é o de *Carnac* [2], do qual ainda restam 4:000 pedras todas toscas e isoladas, n'uma extensa planicie, sem haver uma unica arvore, nem um só

[1] Veja-se a sua representação no Museu Archeologico do Carmo; tambem a nossa publicação *Noções Elementares de Archeologia*, obra illustrada com 324 estampas. Lisboa 1879.

[2] Na Bretanha, França.

fragmento de pedra ou seixo! Todas estão postas em pé, sem estarem cravadas no chão! Formam 11 linhas parallelas na extensão de algumas leguas. Existe um *cromlech* em uma das extremidades; ignora-se qual seria a sua destinação.

Nos *Dolmens* (cuja etymologia é *dol* — mesa, e — *min* — pedra) o seu proprio nome indica a maneira como estão dispostas as pedras: as quaes costumam ser 3 pelo menos, sendo 15 o seu maior numero: em geral têem a forma de um quadrilongo. Fica a entrada quasi sempre voltada para o occidente. Os dolmens apparecem ás vezes isolados; outras vezes estão uns poucos juntos em um ponto, ou são acompanhados por *peulvans*. Os ossos humanos descobertos n'estes monumentos fazem acreditar que eram logares reservados para se enterrarem os sacerdotes, reputando-se serem recintos sagrados. Em Portugal são conhecidos os *dolmens* pelo nome de *antas*, julgando-se que seja esta palavra derivada da latina — *antrum* — cova.

Os *passadiços cobertos* podem ser comparados, como formados por uma serie de dolmens, postos sobre uma mesma linha, uns atraz dos outros, ficando a abertura dirigida sobre o mesmo eixo: são tambem compostos de pedras toscas verticaes, sustentando outras pedras horisontaes que formam o tecto: a sua orientação é quasi sempre do occidente para o oriente. A destinação parece ter sido a mesma dos *dolmens*. Alguns têem 56 pés de comprimento por 16 de largo com 42 pedras; outros têem 60 pés de comprido por 9 de alto.

Durante muito tempo nenhuma sciencia foi tão hypothetica como aquella de se estudarem estes monumentos. Só depois de uma prolongada experiencia, de se ter estudado e comparado um grande numero d'estes monumentos é que se pôde obter alguns dados positivos a respeito da sua origem e destinação.

Dir-se-hia que os Celtas se propozeram a dar provas de um poder tanto mais sobrenatural, quanto os volumes dos rochedos dos quaes elles se serviam eram sempre mais collossaes e arrancados das pedreiras que ficam mais distantes do logar onde se erguiam estes monumentos. Algumas d'estas toscas construcções são tão desconformes pela sua grandeza, que o povo, na sua credulidade, tem acreditado serem obras de bruxas ou de gigantes. Em muitas partes ainda estas pedras são objecto de uma especie de culto; e por isso antigamente em varios concilios, se prohibiu essa veneração; todavia para pôr termo a essa idolatria, determinou-se collocarem cruzes sobre taes monumentos.

Um dos mais bellos monumentos conhecido dos Celtas é o *Grande Dolmen de Bagneux* [1]. Representae na vossa imaginação quatro enormes pedras achatadas, medindo termo medio $6^m,50$ de comprido por 5^m de largura com um metro de grossura, pezando por conseguinte cada uma 60 a 70 mil kilogrammas, estando firmada sobre as outras para formar um tecto de $2^m,40$ acima do solo, tendo 8 pedras postas sobre a terra (e não enterradas) dispostas de maneira para formar um corredor em galeria, apparecendo o fundo d'esta assombrosa construcção tapado por uma outra pedra de egual grandeza!

[1] Veja-se a sua representação no Museu Archeologico do Carmo.

Visto de longe, o seu aspecto não se faz notavel pelo vulto, porém, sendo examinado de perto, e quando nos approximamos d'esta obra titanesca e de estractura humana, reflectindo que fora unicamente com os dedos e as mãos que se operou a deslocação d'estas enormes pedras para o sitio aonde existem; quando se pensa n'esses assombrosos trabalhos, e em muitos outros analogos, tudo sendo erguido muito antes que os metaes fossem conhecidos por essas tribus primitivas, e por conseguinte executado tudo sem os auxilios mechanicos, a nossa rasão não pode comprehender como fosse possivel realisar-se tão collossal construcção!

Todavia está averiguado não ter sido uma raça de gigantes que tivessem removido esses pedregulhos; porque as ossadas encontradas nas sepulturas d'essa epoca, assim como diversos instrumentos pertencentes a esses tempos remotos, não nos offerecem differença sensivel da estatura media das raças que presentemente povoam a terra; nem os seus utensilios são de maior grandeza.

Quasi sempre em alguma distancia das galerias cobertas, se encontram os *dolmens*.

D'aquelle que existe a 1 e meio kilometro da cidade de S. Nazaire [1], as dimensões são menores que as do antecedente que descrevemos; comtudo as pedras com as quaes está formado não deixam de ser de grande volume. Compõe-se d'uma bella mesa de granito de $3^m,50$ de comprimento por $1^m,90$ de largura, estando sustentada sobre duas largas pedras verticaes. Outras grandes pedras dispersas proximo d'este monumento, fazem suppor ter pertencido a uma galeria coberta; ou talvez fossem deixados esses grandiosos fragmentos pelos constructores, afim de servir de provas de qual seria a força e a industria empregada por essas gerações.

Para explicar com maior clareza a descripção dos *dolmens* no seu estado completo, diremos que são elles formados geralmente por um recinto composto de grandes pedras toscas, tanto verticaes como horisontaes; tendo um pouco mais de altura na parte mais interna; havendo uma galeria comprida, e que conduz a esse recinto, a qual é formada egualmente por pedras verticaes, estando coberta por outras

[1] Veja-se a sua representação colorida no Museu Archeologico do Carmo.

pedras. Esta galeria é mais ou menos comprida, mais ou menos larga, porém encontra-se quasi sempre ou completa ou destruida em parte, ou só vestigios apparentes. Emquanto á destinação do recinto, os archeologos estão d'accordo a consideral-o como sendo uma camara sepulchral. Geralmente encontra-se formado por uma só; todavia algumas vezes apparece algumas com duas ou quatro divisões.

Acha-se o maior numero dos *dolmens* collocado sobre uma eminencia natural, ou facticia: algumas vezes apresentam no centro tumulos muito altos formados de terra, assim como collocados sobre o solo natural, porém presume-se que lhes tiraram as terras que os cobriam. A galeria faz crer quefora executada com o destino de indicar o caminho para sair do tumulo depois de tapado ou coberto com a terra, o que muito naturalmente se comprehende.

O mais notavel dos *dolmens* que possue a Bretanha, conhecido pelo nome de *mesa de azar*, não se sabendo o motivo d'esta designação, é o que existe em Locmariaker; o qual apresenta uma particularidade mui singular, pois se nota sobre a pedra, que fecha o fundo da camara d'este dolmen, uma especie de ornato composto por linhas quebradas, esculpidas e gravadas no granito!

A camara d'um outro *dolmen*, na mesma localidade, é bastante interessante pela sua boa conservação. Está coberto o solo por uma grande pedra sobre a qual ha esculpturas em relevo, representando duas figuras um pouco informes, porém com a apparencia de cunhas encravadas no rochedo. Este dolmen foi firmado sobre um grande tumulo oblongo, occupando uma das suas extremidades; é conhecido no paiz pelo nome *Mand-Lud* (montanha-cinza). Dá-se uma coincidencia bastante curiosa, de haver na Criméa proximo de Kertach, um tumulo com o nome de *Ravul-oba*, que exprime egualmente a mesma significação!

Um singular *dolmen* é aquelle de *Gavr'innis*, no Morbiban, por causa das extravagantes esculpturas com as quaes uma parte dos pedregulhos estão cobertos; posto que sejam desenhos caprichosos, fantasticos, têem uma visivel analogia com o saracotear do corpo, que se nota no andar das nações selvagens; não se assemelhando a cousa alguma conhecida, só se exceptuarmos a ondulação de serpentes, configuração de machados, tendo-se supposto ser, á primeira vista, inscripções cuneiformes: todavia, pelo exame a que se procedeu, não continham nenhuma combinação possivel.

Uma parte d'estas esculpturas são em relevo, particularidade que as distingue das esculpturas egypcias, que são executadas em concavo, porém as outras assemelham-se de uma maneira surprehendente ás esculpturas mexicanas, que tambem foram executadas em relevo, e não são menos fantasticas, do que as descobertas sobre as pedras d'este *dolmen*. Nos comoros tumulares do Mexico, se encontram egualmente galerias cobertas, como descrevemos ao tratar das construcções na Europa, executadas pelos celtas.

Ainda ha mais uma cousa de extraordinario a notar no *dolmen* de *Gravr'innis*, é haver na grossura de uma das pedras lateraes da camara, e na altura do encosto, tres buracos postos em linha horisontal, communicando entre si pelos lados, de maneira a deixar nos seus intervallos duas especies de azas muito solidas para poder passar por entre ellas mui facilmente o braço: por baixo d'estes buracos existe uma especie de pia. Todo este trabalho foi executado com grande difficuldade em granito muito rijo, e tendo sido preciso fazel-o transportar de muito longe, pois não ha no paiz d'aquella qualidade. Até ao presente não se póde achar nenhuma explicação plausivel a esta singular disposição.

Conjectura-se que essas azas ou argolas fossem destinadas para amarrar n'ellas as victimas humanas condemnadas a morrer de fome, tendo patente um cadaver de um druida!

No interior da floresta de *Carrelle* ha um bello *dolmen*, o qual encerra uma famosa caverna quasi completa, assemelhando-se muito com aquella que já descrevemos de *Mand-Lud;* estando esta soterrada á flor da terra, e encoberta por enormes punhados de grès.

Chamam-lhe no paiz a *pedra torqueza;* porque o povo suppõe ser a construcção feita pelos sarracenos! conforme reza a tradição: sendo esta uma nova prova do pouco conceito que devemos dar a essas designações vulgares.

A pedra *torqueza*, conhecida por este nome pouco scientifico, não era considerada pertencente aos monumentos celticos: porém as investigações recentes dos archeologos descobriram a sua origem, vindo augmentar o numero d'estas antiguidades.

É preciso chegar quasi ao pé para se avistar esta construcção, por estar pouco apparente fóra da terra e encoberta por um pequeno outeiro formado por grandes pedras, postas n'aquelle logar pelas mãos do homem! Do lado do oeste apparece o terreno cavado deixando ver na entrada natural d'esta gruta, um buraco quadrangular de $10^{m},16$ por cada lado; porém não é por alli que se penetra; porque havendo sido quebrada uma das pedras verticaes, dá mais facil passagem para o interior, e ao mesmo tempo recebe bastante claridade por esta brecha para se ver melhor a sua configuração. A vista que está no museu dá uma idéa mais completa, do que não se faria com uma descripção mais minuciosa.

Devemos advertir que a gruta propriamente designada, estava antigamente tapada; apenas tinha a estreita passagem com $0^m,76$; assim como existia antes um corredor, o qual presentemente está em ruinas, mas ainda ha tres pedras, em parte encobertas por uma outra, que se conserva no seu logar.

Mais ignorado era o *dolmen* de *Remont* situado nas proximidades de Malesherbes no centro de uma extensa campina, ao qual os pastores dão o nome de *Pedra do Olival*, talvez por ter havido antigamente na sua visinhança alguma plantação de oliveiras, e serve para os pastores se resguardarem da chuva, quando atravessam a planicie no inverno. É um bello *dolmen*, como se pode ajuizar pelas suas dimensões, pois tem $4^m,80$, no seu maior comprimento, por $3^m,50$ de largura.

Apparece fóra da terra uma parte da camara sepulchral; e em roda d'esta construcção, mostra o chão ainda alguns indicios do tumulo que provavelmente esta camara devia occultar primitivamente. Fizeram-se escavações no mesmo *dolmen* até chegar ao solo natural, achando-se apenas um pequeno fragmento de louça de barro muito grosseiramente fabricado, como aconteceu encontrar-se n'estes antigos sepulchros; e tambem alguns ossos muito quebrados.

Perto de Gisors ha um *dolmen* celebre, pela particularidade rara que apresenta, de ter um *buraco circular* [1] de $0^m,40$ em uma das suas pedras verticaes. Este monumento fica situado no meio de uma floresta de 4 kilometros, sendo conhecido pelos habitantes d'aquella localidade pelo nome das *Tres Pedras*; posto que o numero d'ellas sejam quatro, sem contar com algumas outras que estão dispersas na sua proximidade.

Do lado do sul se descobre perfeitamente ainda o corredor primitivo, de maneira que a pedra que está furada occupa o logar da entrada da gruta. Serviria talvez este buraco para o mesmo fim que tinha a entrada quadrada da *pedra torqueza* que já explicámos.

De que maneira executaram o trabalho esses primitivos habitantes da terra, esses barbaros dos quaes nós descendemos, para dispôr esses extraordinarios pedregulhos que nos legaram n'esses monumentos megalithicos, patenteando-nos qual era a sua força e destreza? Qual seria o efficaz vinculo que reunisse todas as vontades, tão necessarias para a execução de trabalhos tão collossaes? Seria sómente pelo poder absoluto de um chefe soberano, ou pela força de convicção de um sentimento religioso? Permitta-se-nos fazer algumas considerações a este respeito.

[1] Descobriu-se em 1879, na serra d'Ossa, um dolmen tambem furado na pedra do fundo da camara; sendo o primeiro que ha em Portugal com esta particularidade.

As tribus *celticas*, vindas da Asia, deviam possuir o boi e a vacca já domesticados, pois havia o homem domado esses animaes desde tempos immemoraveis; além d'isso um dos instrumentos encontrados no *hypogeu de Crécy* pertencia sem nenhuma duvida á idade de pedra, o qual consistia em uma lamina de silex encravada em uma costella de boi. Deviam pois essas tribus já saber jungir. As facas de pedreneira lhes serviam para separar as correias da pelle dos animaes depois de abatidas as rezes; tambem podiam saber entrançar essas mesmas correias: alcançando por esta forma um duplo elemento de uma força consideravel, e muito mais superior sendo junta á força humana e dirigida pela sua intelligencia, ainda que estivesse pouco desenvolvida.

As arvores derribadas pelos furacões e preparados os troncos toscamente, servindo-se para esse fim do lume, lhes dariam rolos para lhes facilitar o remover os grandes fragmentos dos penedos; e servindo-se do plano inclinado preparado com a terra calcada, todos estes meios reunidos seriam sufficientes para emprehender as collossaes construcções dos *dolmens*: foram necessarios unicamente para a execução d'esses trabalhos gigantescos, muita paciencia, perseverança e tempo.

O costume de erguer grandes pedras, nos tempos primitivos, durou na Europa para mais de dois mil annos; concebe-se que bastaria no principio d'este periodo a reunião da força obtida de um certo numero de braços; o esforço de bois jungidos, os troncos inferiores das arvores para servirem de pontos de apoio, foram sómente empregados n'estes trabalhos, em que domina a grandeza, o volume e fortaleza.

Em todas as partes do mundo existem obras d'este genero, o que prova a immigração d'essas tribus em differentes regiões. A cinco milhas de *Kandy*, na ilha de Ceylan, o viajante vê com assombro ruinas celticas; porém poucas pessoas sabem que a Asia é tambem abundante n'esse genero de monumentos como ha na Europa, assim como na Africa.

Um circulo completo de pedras *druidicas* existe egualmente em *Darab* na Persia. As ruinas celticas de Kandy são semelhantes em todas as partes áquellas de *Anglesy* na Bretanha. Uma sepultura que ha em *Kennonda*, provincia de Oran em Alger, apresenta todos os caracteres de um *dolmen*.

Em Mycènas, as ruinas conhecidas tradicionalmente pelos nomes de sepulchro de Clytemnestra, e o tumulo de Egysthe, assemelham-se muito aos *dolmens*, e todos estes exemplos nos fazem acreditar serem todos estes monumentos obras executadas pelas gerações de um povo d'uma origem commum e de um mesmo culto.

Uma outra fórma de monumento, mui diverso

d'aquelles de que nos temos occupado, posto que seja de execução tambem bastante surprehendente, além do seu singular feitio e trabalho grosseiro, e talvez de origem da mesma raça que executava os *dolmens*, é aquelle de que vamos fazer a descripção.

Tendo sido explorada pelos archeologos inglezes ha pouco tempo a *ilha da Paschoa* no oceano Pacifico, a qual está isolada no meio do oceano a quarenta graus distante da costa do Perú, tendo apenas de circuito 35 kilometros, posto que já tivesse sido descoberta em 1774 pelo celebre navegador o infeliz Cook: chamou muito a attenção dos homens de sciencia por causa dos idolos, ou estatuas toscas das quaes saem as cabeças do solo em excessiva altura, occupando o seu grande numero bastante terreno d'aquella pequena ilha.

N'esse rochedo esteril, muito accidentado no seu aspecto, estando sómente coberta a sua superficie por uma mesquinha relva sem ter nenhuma arvore de sombra nem de fructo; sem possuir este sitio a mais insignificante montanha, nem tão pouco agua potavel; apparecendo alli os unicos animaes existentes, um extraordinario numero de ratazanas: todavia é bastante notavel esta ilha pelas esculpturas espetadas no solo, fazendo conjecturar esta singular obra d'arte ter sido de differentes origens.

Os pobres seivagens *komackas*, habitantes miseraveis d'esta infecunda ilha, vivem unicamente da pesca, andam quasi nus, e ficam separados sómente da America por 2:500 milhas; tendo ficado esta população autochtona sem relação com as outras nações, pois ella desconhece a sciencia da navegação, o que de sobejo justifica o seu atrazo nas artes e industrias.

Affirmam os seus habitantes terem sempre visto aquelles idolos no logar que occupam, ignorando absolutamente quem os esculpiu e quaes fossem os predecessores da posse da sua ilha.

Os archeologos inglezes trouxeram algumas d'estas singulares figuras para o museu de Londres, que despertou muito a attenção dos anthropologistas e dos geographos: pois era sobremaneira bastante curioso este specimen de uma arte e de um povo desconhecido, dando isso motivo para debates scientificos sobre sua mysteriosa procedencia.

Ainda que estas figuras estejam já gastas pelo rigor do tempo, todavia indicam que houvera n'aquelle logar uma povoação antiga, dotada de um vislumbre de sentimento artistico, a qual fôra o auctor d'esta exquisita obra.

N'estas figuras regula o tamanho, umas pelas outras, entre 6 a 9 metros de altura; ainda que haja algumas que chegam a ter 15 metros! Estão muitas d'ellas collocadas sobre uma base da construcção cyclopea; outras saem directamente fóra do solo. Em algumas se nota terem a cabeça coberta com um pedaço de lava vermelha cheia de veios, cujo feitio se assemelha ao de um chapeu. O maior numero apresenta uma posição vertical, porém apparecem outras deitadas sobre o solo. Não obstante estarem espalhadas sobre as differentes vertentes da ilha, comtudo acham-se reunidas muitas em dois sitios principaes ao norte e ao sul; calculando-se ser o seu numero para mais de 300!

Estas figuras [1] apresentam uma particularidade assaz singular, de terem todas ellas as costas voltadas para o alto mar. O seu aspecto está mui longe de ser agradavel como mostra o seu desenho; estando os olhos dispostos irregularmente, e em algumas os esculptores esqueceram fazer-lhes a testa, [2] e diminuiram excessivamente a altura do pescoço, em quanto as orelhas são, pelo contrario, demasiadamente grandes: além do feitio dos hombros apparecer mal indicado.

Teem sido comparados estes trabalhos, com algum fundamento aos *dolmens* existentes nas Hebrides, ilhas situadas sobre a costa occidental da Escossia.

A qualidade da pedra que serviu para se fazerem estas esculpturas, parece ser identica ás lavas dos vulcões extinctos n'aquella ilha, as quaes constituem o seu principal relevo.

Os archeologos inglezes encontraram na cratera do vulcão de *O teriti*, situado na mesma ilha, outras estatuas ainda por concluir, estando juntas ao pedaço da cantaria na pedreira, da qual esses esculptores desconhecidos haviam escolhido a materia para a execução da sua obra. A pedra é de qualidade muito rija, de côr cinzenta; e sem duvida teria sido preciso servirem-se de ferramentas de grandes proporções e boa tempera para poder fabricar estas figuras, as quaes foram esculpidas com bastante franqueza de trabalho.

A necessidade de ferramentas para a execução d'essas esculpturas nos certifica que este trabalho foi emprehendido quando já se conhecia o uso dos metaes, e portanto pertence á idade de bronze, segunda epocha dos habitantes do mundo.

(Continúa).

J. P. N. da Silva.

1 Veja-se a representação colorida da nossa collecção no Museu do Carmo.

2 Os habitantes da Polynesia têem o costume de amolgarem o craneo das creanças para lhes fazer *desapparecer o feitio da testa.* Porventura serão elles descendentes da raça que habitou a ilha da Paschoa e foram os esculptores d'estes idolos ?!

2.ª SERIE

BOLETIM

N.º V - TOMO 3.º

Da Real Associação dos Architectos
Civis e Archeologos Portuguezes

PHOTOGRAPHIA - H NUNES

9, R DAS CHAGAS

ESTAMPA 37

Esculptura do XIV seculo

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA PHOTOGRAPHICA QUE ACOMPANHA O PRESENTE BOLETIM

Entre o numero dos objectos de esculptura da edade media que possue o Museu d'Archeologia da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, é sem duvida um dos mais interessantes, debaixo do ponto de vista de merecimento artistico da epocha a que pertence, a representação em alabastro (alto relevo) de um dos passos da Paixão de Jesus Christo, que mostra a photographia do presente numero.

Até ao V seculo tinham sido unicamente representados em esculptura os supplicios dos christãos; raras vezes alguns factos de martyrio de Jesus Christo haviam sido esculpidos: sendo sómente no VII e VIII seculos que as scenas da Paixão se multiplicaram nas suas differentes representações.

A obra de destruição dos iconoclastas, que durou 120 annos, durante o curso do VIII seculo até ao principio do IX, contribuiu para serem mui raras as obras de esculptura que existem pertencentes a esse longo periodo. Mas depois de ter passado nos animos o terror de se acabar o mundo no anno mil da era christã, começou-se no seculo XI (ainda que timidamente) a esboçar alguns assumptos do antigo e novo Testamentos. A arte estatuaria que havia degenerado, parecia reanimar-se, porém mostrando na execução de suas obras a infancia em que ainda estava.

Durante o XII seculo a esculptura principiou a ser menos rude nas suas manifestações; e posto que deixasse muito a desejar no desenho de suas obras, notavam-se, sobretudo nas figuras, contornos ossudos; os bustos alongados; os olhos grandes de mais e salientes; a palpebra superior não era sufficientemente accusada; as volutas do nariz estavam imperfeitas; em quanto á bocca, eram os labios bem contornados, com expressão: não obstante, os artistas recorriam á pintura polychromo para cobrir as esculpturas afim de dissimularem os seus defeitos; como se conhece pelos vestigios de cores e dourados no modelo d'este quadro que existe no Museu do Carmo. Sómente no seculo XIII é que as obras dos esculptores mostram já a mão mais firme na execução de seus trabalhos; nota-se-lhes egualmente mais franqueza em indicar as formas do corpo humano, sendo as attitudes mais naturaes, e mesmo com certa graça de expressão.

Os esculptores, desde o ultimo quartel do XIV seculo, já se afastam dos typos tradicionaes da sua arte: os artistas emprehendem dar impulso aos caprichos de sua fantasiosa imaginação, sendo então que se multiplicam essas estranhas figuras, caricatas, de difficil razão de ser, com que cobriram as fachadas dos templos religiosos d'essa epocha!

Posto que no original da photographia se indica ainda a falta de pratica na verdadeira maneira de modelar as formas do corpo humano, como já referimos ser esse o caracter artistico da sua respectiva epocha, todavia observa-se nas figuras d'este alto relevo certo movimento, parecendo circular a vida na attitude d'ellas, e na acção em que os pharisieus estão representados. A posição como está collocada a imagem de Christo ligada á columna, é bem natural e bem disposta; assim como o parecer de seu rosto faz vêr a serenidade do seu espirito e a resignação de soffrer os martyrios para remir os peccados da humanidade.

Se nós precisassemos de outro testemunho para ratificar a epocha d'este trabalho esculptural, teriamos a prova na configuração do resplandor circular que orna a cabeça da imagem do Christo. Nos quatro primeiros seculos da Egreja, este emblema da Divindade não era usado, para não recordar o costume que tinham os romanos de ter adoptado esse distinctivo para solemnisar os seus feitos: sómente no XI seculo e durante todo o periodo ogival é que foi obrigatorio este attributo de Deus. No seculo XII o resplandor mostrava ser diaphano, não apresentava saliencia sobre a cabeça; mas no seculo XIII e XIV apparece este adorno opaco e saliente, como está representado na nossa photographia: portanto foi esta esculptura executada n'essa epocha, dando pois bastante valia a este antigo retabulo. Mereceram grande apreço na Allemanha as obras d'este genero. O nosso Museu possue quatro altos relevos de differentes factos da Paixão, executados todos em alabastro branco, os quaes estiveram expostos na exposição universal de Paris de 1867, onde foram muito gabados pela representação artistica da esculptura do typo e do seculo da sua execução, como sendo um dos mais perfeitos specimens d'este ramo de Bellas Artes.

J. da Silva.

ANTHROPOLOGIA

(Continuação)

Pouco a pouco a necessidade devia levar os homens a reunirem-se em associação; a melhorarem suas armas, dando ás pedras formas mais perfeitas em relação aos usos a que as applicavam, e escolhendo as qualidades mais proprias para receberem a acção do trabalho e para serem empregadas com utilidade; a resguardar-se das influencias nocivas da atmosphera, construindo abrigos, ou mesmo buscando involver-se em pelles de animaes, ou em grosseiros tecidos; a assegurar a sua alimentação, já estabelecendo-se junto do mar ou dos lagos onde eram abundantes os peixes e os mariscos, já buscando a vizinhança das mattas povoadas de caça, já mesmo

fazendo imperfeitos mas não inefficazes trabalhos de cultura; a tornar, emfim, menos contingente a sua existencia, buscando meios de defeza contra os inimigos, na escolha dos logares onde se estabeleciam, ou na construcção de muralhas mais ou menos grosseiras.

De progresso em progresso, chegou emfim o homem a descobrir o uso dos metaes; este porém precedeu de certo o descobrimento da palavra escripta. Por isso a historia não vae além da que os archeologos denominam edade do bronze. A tradição, ainda dos factos mais extraordinarios, mais proprios para impressionar muito profundamente o espirito das populações selvagens, é de curta duração. Dominados pelas durissimas necessidades physicas, privados de noções moraes e, muitas vezes, quasi da palavra, a não ser para designar os objectos mais vulgares e para exprimir as idéas mais singelas, os povos rudes, barbaros, não podem guardar a memoria dos factos de geração em geração. Só depois que a razão se aperfeiçoa, e que o espirito se eleva acima do grosseiro materialismo, só quando nasce e se desenvolve na alma do homem o desejo de se perpetuar na memoria das gerações futuras e de se ligar ao passado pelo culto dos mortos e pelo respeito das tradições, é que apparece e se conserva a memoria dos factos. Então se levantam grosseiros padrões para commemorar os mortos, ou para significar a adoração ao poder superior, a que o homem vota um culto mais ou menos inspirado pelo terror, pela superstição, ou pelo amor: então apparecem os primeiros ensaios da escripta, a principio unida aos monumentos, e mais tarde constituindo, ella por si, o mais duradoiro, o mais nobre dos monumentos.

Á *edade do bronze*, aos tempos remotos a que chega a historia, a que attinge a tradição, antecedeu um longo, indefinido periodo, cujas remotissimas origens se escondem na vaga successão das epocas geologicas, cujos limites modernos fluctuam nas intensas sombras que involvem em seus principios a historia e as tradições. Esse periodo immenso constitue o que a sciencia moderna chama *a edade da pedra*.

As armas de pedra e de ossos; os grosseiros utensilios: os *tumulos* onde, sob algumas pedras toscas e terra, se encontram os esqueletos ou as cinzas dos mortos, acompanhadas de objectos de uso commum no tempo em que se levantaram esses singelissimos monumentos; as *Antas*; os restos de habitações construidas nos lagos; os depositos de materias terrosas, onde se acham ossos de animaes e restos de industria humana accumulados nas cavernas; tudo nos demonstra a existencia da edade da pedra, cuja duração se prolongou por uma serie indefinida de seculos. Não ha para esses tempos prehistoricos, como para os phenomenos geologicos, chronologia; aqui os processos de estudo são os mesmos para o archeologo e para o geologo. Pela posição umas vezes, outras pelas indicações que ministram os restos de animaes a que se acham reunidos, outras pela sua maior ou menor perfeição, nos dão os objectos de industria humana mais ou menos claros indicios da sua edade relativa, e ainda mais da immensa antiguidade do homem sobre a terra.

(Continua). João de Andrade Corvo.

NECROLOGIA

Mais um outro architecto illustre pelo seu superior talento se finou no dia 31 de Dezembro ultimo!... Foi o nosso mui digno consocio Monsieur Victor Martin Lefuel, membro do Instituto de França e commendador da Legião de Honra!... Tinha sido o habil artista que realisou a tão difficil obra de se ligar o palacio do Louvre ao das Tulherias, que succumbiu a uma grave molestia na idade de 72 annos. Muito pezarosos, lamentamos a perda d'este insigne architecto, pois vem privar a nossa nobre profissão de um dos seus mais afamados cultores, um dos architectos mais distinctos que a França se ufanava de contar entre os seus artistas de maior nomeada! Foi sim uma grande perda para as Bellas-Artes, a qual será sentida por todos os seus confrades, e mais principalmente por mim que tive a ventura de ter sido seu condiscipulo no *atelier* do celebre architecto Monsieur Huyot, em Paris, assim como na Academia das Bellas-Artes d'aquella capital até 1830: pude, portanto, conhecer as qualidades e o merecimento d'este artista, presenciando os seus brilhantes estudos; admirando o talento superior de que era dotado; applaudindo os triumphos que alcançára na sua distincta carreira; além de haver merecido ser um dos seus amigos, com quem conservei relações as mais cordiaes e de quem recebi distinctissimos e honrosos testemunhos publicos, dos quaes conservo as mais gratas recordações.

Ainda mesmo que não tivesse existido entre ambos esse presado conhecimento, que nunca se olvida quando elle é nascido pela reciproca sympathia e adquirido nos estudos feitos em commum na nossa juventude; seria mais que sufficiente ter apreciado o seu elevado merecimento artistico, e lembrar-me da distinctissima recepção que este chorado collega me dispensou, quando era presidente do Instituto de França em 1867, tendo-me sido concedida a honra de fazer uma communicação sobre architectura civil de Portugal em uma sessão d'esta illustre assembléa no mez de junho d'aquelle anno, para que nunca se apagasse de minha memoria o meu reconhecimento e duradoura gratidão.

Este architecto aos 29 annos fôra laureado com o *grande premio* da Academia para ir aperfeiçoar se nos estudos da sua arte em Italia como pensionista da nação, onde pelos seus superiores trabalhos nas restaurações dos Templos antigos da Piedade, da Esperança e de Junon Matuta, augmentou os merecidos creditos do seu distincto talento.

Nenhum confrade lhe era superior no desenhar a architectura civil, nem podia competir na perfeição de indicar as sombras aguareladas, dando todo o relevo aos ornamentos, fazendo sobresair a graduação dos diversos planos em que elles estavam dispostos, e conservando-lhe a transparencia que, como o reflexo da luz do astro do dia, os inunda com tanta suavidade e encanto.

Regressando depois a Paris, foi nomeado architecto do palacio imperial de *Meudon*, e depois do de *Fontainebleau*, onde dirigiu as suas restaurações com muita pericia e intelligencia, obtendo merecidos louvores dos seus superiores e émulos.

Havendo fallecido, tempo depois, o insigne architecto Visconti, o qual deixou por concluir os projectos relativos ao difficil modo de ligar os dois edificios de epochas differentes e estylo que separavam a Praça do Carrosel em Pariz, foi então encarregado Monsieur Lefuel d'essa grandiosa e ousada obra, tendo a sensatez de não alterar o plano geral do seu antecessor, com innovações suas; procedimento louvavel, mas mui raro entre os architectos que se substituem nas construcções dos edificios publicos, porque a vaidade de cada um, e a falta de criterio, assim como a inferioridade artistica de alguns, fazem com que julguem possuir maior talento e apurado gosto afim de modificarem e mesmo disfigurarem o caracter dos edificios destruindo-lhes a harmonia esthetica que se deve sempre respeitar nas construcções de qualquer ordem, e nunca sacrificar ao frivolo capricho, ou transfigurar o estylo do edificio delineado por outro artista mais habil e de maiores conhecimentos architectonicos: portanto, posto que Monsieur Lefuel completasse os planos e concluisse os desenhos da decoração com grande esmero conforme o seu escrupuloso costume, no que se houve com assignalada mestria, todavia respeitou a traça principal indicada pelo seu fallecido collega; não obstante ter sufficiente intelligencia e talento para o egualar, e mesmo lhe ser superior em certas e determinadas competencias: o resultado foi, que o nome do architecto Lefuel é hoje citado como o auctor que dirigiu as obras construidas n'esses grandiosos e esbeltos edificios do Louvre e das Tulherias que ornam a Praça do Carrosel de Paris.

Conservou este habil architecto até o seu obito o logar de Director do palacio das Tulherias, e havia preparado os planos para a restauração d'este edificio depois de ter sido incendiado pela communa. Foi tambem quem delineou o palacio para a exposição industrial em 1855: exercia egualmente o logar de Inspector geral das Obras Publicas.

Tinha sido o fundador da Associação Central dos Architectos de Paris, e por varias vezes occupou o logar de presidente; era socio honorario do Instituto Real dos Architectos Britannicos, e de outras sociedades artisticas nacionaes e estrangeiras; assim como d'esta Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, socio honorario.

Ao seu funeral assistiu grande numero dos seus confrades e collegas do Instituto de França, da Academia das Bellas-Artes, e do Conselho Geral das Obras Publicas, tributando-lhe á beira da sepultura os seus dolorosos sentimentos pela perda de tão insigne collega, assim como narrando, em phrases sinceras, os relevantes serviços e a justa admiração pelo seu talento e intelligencia. Nos paizes em que as Bellas-Artes têem culto, nunca se esquece memorar o merecimento dos artistas distinctos, até mesmo no ultimo momento em que a terra occultará para sempre um confrade estimado e insigne.

Partilhando a sentida magoa dos artistas francezes, cumpro tambem um dever de fraternidade, e pago um tributo sincero de saudade ao amigo, ao collega e ao artista cujo passamento deploramos; porém, como no mundo os homens notaveis não se olvidam, o seu nome será citado com veneração pelos seus admiradores, e as suas obras representarão um monumento glorioso para a sua memoria.

Lisboa, fevereiro, 1881.

O architecto,

J. Possidonio Narciso da Silva.

Membro correspondente do Instituto de França.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

El-rei D. Fernando, em companhia de seu augusto irmão o principe Rodolpho, dignou-se visitar o museu do Carmo. Os illustres personagens mostraram interessar-se muito pelas curiosidades que ali se encontram.

Foram recebidos e acompanhados durante a visita pelo nosso digno presidente, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Foram admittidos socios effectivos os ex.^mos srs. visconde Ria de Vez, Senador, e conde de Alzejur: socios correspondentes os archeologos mrs. Henri Martin, membro do instituto; D. João Vilanova, de Madrid; o conde Romer, da Hungria; dr. S. Bormany, da Belgica; dr. Schaaffhausen, de Bonn, Allemanha; o conde Przedzreck, de Varsovia; B. Beedhan, de Londres; J. de Laurière, de França.

Temos a registar as seguintes offertas que muito agradecemos:

Do gabinete litterario do Rio de Janeiro uma medalha commemorativa do tricentenario de Camões;

Do ex.mo director dos trabalhos geodesicos a ultima carta publicada pela respectiva direcção;

E de M. Bockmann, de Berlim, algumas publicações com referencia a trabalhos executados por aquelle distincto architecto.

A sociedade academica hispano-portugueza, de que é protector honorario sua magestade o sr. D. Luiz I, agraciou com o diploma de honra o nosso presidente, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. Tambem este cavalheiro foi convidado pela associação franceza que se occupa dos progressos das sciencias, para assistir ao congresso que se deve realisar este anno em Alger. Nas memorias do ultimo congresso, celebrado em Montpellier, vem publicada uma communicação feita pelo sr. Silva ácerca dos *monumentos megalithicos em Portugal.*

Para todos os congressos promovidos por aquella notavel associação tem sido enviado convite ao nosso bemquisto presidente; o que registamos com verdadeira satisfação.

O Instituto dos architectos americanos de New-York inseriu em uma das actas da sua assembléa geral um voto de louvor motivado pelo Conselho, e approvado unanimemente, dirigido ao nosso digno presidente o sr. Possidonio da Silva, membro honorario d'este Instituto desde o anno de 1868; no qual entre outras phrases se encontram estas:

«Teve muita satisfação de saber que as publicações «do seu consocio honorario e estimado collega tinham «obtido merecidas distincções desejando-lhe exprimir as suas felicitações as mais sinceras pelos seus es-«forços pelos progressos da architectura e archeologia, «e principalmente pela sua obra as *Noções elementa-«res d'archeologia*, e pelas suas generosas offertas aos «governos de Hespanha e do Brasil; egualmente «soube com prazer que o governo Francez demons-«trou a sua apreciação pelos trabalhos tão uteis que «o cavalheiro J. da Silva tem publicado. *A. F.*»

É bastante lisongeira para o architecto portuguez esta honrosa manifestação, emanada de uma nação tão illustrada e muito reservada em tecer elogios, mesmo aos artistas nacionaes, e muito mais aos outros estrangeiros: a nossa Associação tambem partilha d'esta consideração feita a um dos seus membros.

O governo portuguez agraciou os Archeologos estrangeiros que vieram ao congresso de Lisboa d'Anthropologia e Archeologia prehistoricas no mez de setembro proximo passado, contemplando n'esse numero os nossos dignos socios honorarios e correspondentes com o grau de commendador da Ordem scientifica de S. Thiago, os ex.mos srs. E. de Quatrefages, Membro do Instituto, Gabriel de Mortillet, D. João Villa Nova, Henri Martin, G. Capellini e o conde Zawisza. Com o grau de official da mesma Ordem scientifica, os ex.mos srs. Hans Hildebrand, L. Pigorini, Cazallis de Fondouce, E. Cartailhac, Abbade Romer, o professor Schaffausen, Barão de Baye e Ernesto Chantre.

Publicamos a carta que Mr. D. Quatrefages, dirigiu ao nosso presidente em resposta á participação que lhe fizera de haver sido este distinctissimo archeologo agraciado por Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz com a commenda da Ordem scientifica de S. Thiago; afim de dar conhecimento aos nossos consocios da maneira como aquelle sabio se confessa reconhecido para com o nosso paiz.

A carta é do teor seguinte:

Paris, 12 Mars 1881.

Monsieur et bien honoré collègue.

Je viens de recevoir votre lettre dont le contenu m'a pénétré de reconnaissance pour votre Souverain, qui m'a accordé une faveur si grande et si inattendue; pour vous aussi qui m'avez fait l'honneur insigne de graver mon nom sur le marbre.

Je suis d'autant plus touché de ces témoignages de sympathique estime que, venu à Lisbonne en qualité de simples membre du congrès, je ne devais m'attendre à aucune de ces distinctions habituellement reservées à ceux que le suffrage de leurs collègues appelle au bureau de l'Association.

Veuillez donc agréer, en ce qui vous concerne, mes remerciments les mieux sentis, pour ce que vous avez bien voulu faire à mon intention, pour le cordial empressement que vous avez mis à m'apprendre les honneurs dont j'ai été comblé. Soyez aussi, je vous prie, mon interpréte auprès de ceux de mes collègues qui se sont associés de près ou de loin à ces manifestations plus que bienveillantes à mon égard.

Veuillez agréer, Monsieur et bien honoré collègue, avec l'expression de ces sentiments celle de ma haute estime et de mon dévouement.

Monsieur le Chevalier J. da Silva, membre correspondant de l'Institut de France, Président de la Société Royale d'Archéologie à Lisbonne.

De Quatrefages.

Obteve-se do Governo, para o museu de archeologia do Carmo, um antigo altar de marmores com embutidos de côres, pertencente ao extincto convento dos Loyos, de Lisboa, cuja egreja se está a demolir, para accommodação de um quartel.

O ex.mo sr. Read da Costa Cabral offereceu um azulejo com lavor em relevo de côr verde, que foi encontrado dentro do grosso de uma parede no antigo edificio de Thomar, em occasião de se abrir o vão para uma janella. É de dimensões fóra do usual, e está bem conservado; é um dos mais curiosos que possuimos.

O sr. barão de Baye offereceu-nos o seu relatorio do Congresso Internacional d'Anthropologia e de Archeologia prehistoricas de Lisboa, ao qual s. ex.a veiu como Delegado para representar a Sociedade Franceza d'archeologia; relatorio apresentado com toda a lucidez e superior intelligencia, dando uma circumstanciada narração de todos os trabalhos e apreciação das materias que foram discutidas durante as sessões d'este congresso.

O nosso digno socio correspondente, o sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa, compoz um drama historico em 5 actos com o titulo *Mestre Affonso Domingues*, commemorativo da independencia de Portugal, no qual faz tambem sobresair o mere-

cimento architectonico d'este artista portuguez — particularisando a celebre construcção da abobada da casa do capitulo do convento da Batalha. O sr. Cavalleiro e Sousa dedica esta sua producção dramatica á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes. É sem duvida uma delicada homenagem, tanto mais interessante para nós pelo assumpto, e que, além do seu merecimento artistico, dá motivo aos nossos cordeaes agradecimentos.

O habil architecto de Berlim, Mr. Bockmann, socio correspondente da nossa Associação, offereceu-lhe duas estampas de grande formato, primorosamente gravadas, em que se admiram os projectos de dois edificios por elle delineados e construidos, um na capital da Allemanha e outro em Hamburgo. Sobretudo, o palacio da camara municipal é de um grandioso aspecto, foi muito bem estudado quanto ás suas divisões, e tem uma escada de execução difficil.

Obras como estas dão merecida fama.

Foram admittidos novos socios effectivos os ex.^{mos} srs. Conde de Aljezur, Visconde de Rio Vez, e o senador Candido Mendes d'Almeida.

O sr. J. R. da Silva offereceu para a collecção do Museu de Archeologia do Carmo um fragmento de mozaico com duas côres, achado nas ruinas de Troia, em Setubal.

O nosso digno socio correspondente, o sr. Paz Furtado, apresentou a copia de duas inscripções romanas muito interessantes, que foram descobertas em Elvas: em breve publicaremos esse monumento epigraphico.

Foi votada unanimemente pela Assembléa Geral *uma medalha de prata* ao nosso distinctissimo consocio o ex.^{mo} sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, como uma merecida distincção pela sua subida illustração, importantes publicações litterarias e archeologicas, assim como pelos prestantes e valiosos serviços, com que desde a fundação da nossa sociedade tem concorrido para o seu esplendor e reputação.

A proposta, apresentada pelo nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, foi assignada por todos os socios presentes á sessão d'esta assembléa, que solicitaram terem tambem essa honra.

NOTICIARIO

O engenheiro americano, Mr. Vadank, percorreu em todo o seu comprimento a celebre muralha da China, a qual tem a extensão de 2:400 kilometros; a sua altura é de 9 metros e 18 centimetros, e a largura é de 6 metros e 12 centimetros. Sobre ella ha torres distantes umas das outras de 154 metros, tendo de altura 15 metros com o diametro de 16 metros. Foi construida duzentos annos antes da era de Christo, e tão bem que, se por ventura pelas juntas das pedras se podesse metter uma agulha, os operarios teriam sido condemnados á pena de morte!

No mez de Abril proximo haverá em Madrid uma exposição de bellas Artes. Foram convidadas todas as nações a tomarem parte n'este certame.

Mr. Price fez no Instituto dos Architectos Britannicos a leitura de uma memoria bastante circumstanciada das excavações executadas na *Villa romana na ilha de Wight*, tendo-se descoberto 19 casas com mosaicos muito curiosos e grande numero de objectos antigos.

O governo francez acaba de estabelecer no Cairo uma escola d'archeologia oriental, analoga ás outras que já existem em Roma e em Athenas: sendo o nosso digno socio correspondente Mr. Maspero, professor de Egyptologia no collegio de França, encarregado de organisar este novo instituto scientifico. Quando haverá em Portugal um curso de archeologia? Talvez no anno 2:000!

O grande theatro da opera de Vienna d'Austria é aquelle cuja ventilação está mais bem disposta e regularisada, posto seja este edificio um dos maiores da Europa. A sala tem de largura perto de 24 metros; além das frizas, tem tres ordens de camarotes com dois metros de altura. A altura da sala é pouco mais de 16 metros. A sua fórma é de ferradura, póde ser occupada por 2:700 pessoas, e comprehende 92 camarotes, um camarote real em frente da scena e mais dois camarotes para a côrte, collocados um de cada lado. A platéa recebe pessoas para ficarem de pé, além dos logares das cadeiras.

O lustre central tem 96 bicos com uma coroa luminosa a qual é terminada por 16 reflectores, cada um composto de um grupo de 25 lumes.

O ar puro é extrahido dos jardins que ficam annexos ao theatro. O ar passa por um subterraneo tendo 7 metros e 50 centimetros de altura; na sua passagem é elle refrescado por uma chuva mui tenue que o purifica. O ventilador pode fornecer até 100:000 metros cubicos de ar em cada hora na estação calmosa; mas ordinariamente elle dá 80:000 metros cubicos, o que corresponde a perto de 30 metros para cada espectador, quando todos os logares estão tomados.

A corrente do ar divide-se em zonas concentricas; uma central, para a orchestra e platéa; a outra em roda dos camarotes, e a mais exterior está collocada debaixo dos corredores.

No dia 27 de fevereiro houve em Paris uma grande manifestação a Victor Hugo por ter entrado nos 80 annos. N'esse dia dirigiram-se a casa do grande poeta o presidente do conselho de ministros de França, ministro da instrucção publica, acompanhado pelos srs. Rambaud, chefe do gabinete; Roujou, secretario particular; Ollendorf e Alberto Dumen, director do ensino superior.

Levavam-lhe, em nome do governo, por occasião do anniversario do seu nascimento, um magnifico vaso de Sèvres. Ao offerecer-lh'o, o presidente pronunciou as seguintes palavras:

«Querido mestre:

O governo da republica quiz ser o primeiro a festejar o vosso glorioso anniversario.

Peço-vos a permissão de vos offerecer o que achá-

mos de mais bello nas nossas manufacturas nacionaes.

Sinto-me feliz por ser quem deve render-vos, em nome do governo da republica, este testemunho de alta sympathia.

As manufacturas nacionaes foram instituidas na sua origem, para offerecer presentes aos soberanos. E' a um soberano do espirito que a republica offerece este vaso de Sévres.

E accrescento agora, querido mestre : como ministro d'instrucção publica, procurei fazer o que podia ser-vos agradavel. Tendes sido, toda a vossa vida, o apostolo da clemencia ; eu quiz ser clemente em vosso nome. Fiz já levantar todos os castigos nos lyceus, collegios e escolas de França e da Algeria.»

Victor Hugo agradeceu com effusão.

O vaso é uma amphora de grosso azul de Sévres, montada em bronze doirado, e com magnificos relevos e ornatos. Fragonard pintou-lhe varias scenas do *Joueur* de Regnard. Em baixo lê-se a seguinte inscripção, gravada em letras de oiro :

O GOVERNO DA REPUBLICA
A VICTOR HUGO
27, fevereiro, 1881

Vão ser illuminadas por 42 pharoes de luz electrica as costas da França. A despeza para esta substituição será de tres milhões.

Na cidade de S. Francisco (California) formou-se um instituto de architectos civis americanos. Tambem em New-York muitos noveis architectos formaram uma sociedade de architectos; em cada sessão serão propostos concursos. Uma collecção de modelos de photographias e de livros está sendo adquirida para este artistico estabelecimento.

Em Philadelphia o instituto é bastante activo e muito influente entre os seus architectos ; possue amplas salas confortavelmente mobiladas que servem de logar de reunião para os membros do Instituto, o que indica a prosperidade real sob o ponto de vista do progresso professional n'aquelle paiz.

Seria para desejar que este louvavel exemplo podesse despertar a nossa indolencia e indifferença artistica com grave prejuizo para o desenvolvimento da profissão e não menos para os interesses pessoaes.

Na Arabia, em Mahred, descobriu-se, entre outras antiguidades raras, moedas de prata do tempo do rei Salomão : representam figuras de homens, de passaros e de animaes.

Em Pompeia appareceu uma pintura representando o monte do Vezuvio como elle era antes da celebre erupção do anno 72, sendo visto da parte oriental. E' bastante curioso comparal-a com o aspecto que presentemente offerece este vulcão.

O afamado archeologo, Mr. Gabriel de Mortillet emprehendeu agora a publicação de uma interessante obra — Museu Prehistorico — com photogravuras dos specimens das differentes idades da pedra, do bronze e do ferro, que existem no riquissimo Museu de S. Germano em Laye, obra de grande proveito para o estudo da sciencia de archeologia e que vem auxiliar muito o estudo comparativo dos instrumentos das diversas regiões.

É seguro que teremos o Atlantico ligado com o Pacifico. Realisou-se a subscripção para a companhia que emprehende esta grande obra. O capital é de 300 milhões de francos ou 54 mil contos. As acções são de 90$000 réis cada uma. A utilidade do canal de Panamá é de facil demonstração. Basta lançar os olhos para uma carta geographica para reconhecer as immensas vantagens que resultam da abertura do isthmo. Limitar-nos-hemos pois a lembrar, que a communicação que por este modo se estabelece entre os dois oceanos, evitando aos navios dobrarem o cabo de Veru, encurta em 3:300 leguas o trajecto entre o Havre e S. Francisco da California, em 1:400 leguas o de Bordeos a Valparaiso, e a distancia actual, sendo de 4:300 leguas entre Nova-York e Valparaiso, fica reduzida a 1:600 leguas ; e sendo de 4:500 do mesmo porto de Nova-York a Calau, fica reduzida a 1:200 leguas.

Em media, o caminho de diversos navios que se dirigem de qualquer porto d'um a outro oceano, ficará reduzido a 3:000 leguas.

Realisou-se em Besançon no dia 27 de dezembro a inauguração da lapide commemorativa na casa em que nasceu Victor Hugo. Immensa multidão se apinhava no largo em que está situada esta casa ; todas as corporações da cidade acompanhavam o cortejo official, o qual se dirigiu depois ao theatro. O chefe do gabinete do ministro da instrucção publica analysou resumidamente as obras de Victor Hugo, a revolução litteraria que provocaram, a originalidade do theatro do poeta, e o seu genio lyrico.

O concerto compunha-se de peças de musica adaptadas a algumas das suas poesias.

Foi lida em seguida uma carta de agradecimento de Victor Hugo, e collocada uma corôa de oiro no busto do poeta.

A ceremonia terminou pelo canto nacional a *Marselheza,* que foi executada por 150 musicos, e que o auditorio escutou de pé.

Foi apresentado em Paris, á academia das Inscripções, o primeiro volume dos manuscriptos de Leonardo de Vinci. A escripta, além de muito desegual, está por tal modo enfeitada com traços e voltas, que a leitura se torna singularmente difficultosa. Intercalados encontram-se muitos e excellentes desenhos do celebre pintor.

Leonardo de Vinci foi dos mais eruditos e dos mais letrados entre os artistas do seu tempo.

Diz o correspondente do *Commercio do Porto :*

«Na exposição archeologica effectuada em Turim o anno passado, figurou uma caixa de marfim para hostias, marcada com as armas de D. Catharina de Eça, abbadessa que foi do mosteiro de Lorvão, ao qual doou varios objectos de valor artistico, tendo quasi todos as armas de sua casa, como se vê dos que ainda lá existem. A caixa a que me refiro é sem duvida alguma, segundo me participam, trabalho portuguez do seculo XVI, muito curioso e apreciavel. Pertence á famosa collecção de objectos de marfim de Possenti Fabriano, e está classificado como trabalho *ispano com armas de Aragão.* Vejam aonde foi parar um dos muitos artefactos pertencentes áquelle riquissimo convento em que existem ainda algumas obras de subido valor artistico e archeologico, resto das muitas que levaram descaminho e que, provavelmente, nem ao menos ficaram no paiz.»

1881, Lallemant frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

UM VIAJANTE FRANCEZ DO SECULO XVII

Tenho diante de mim um escripto, de muito util curiosidade, devido ao talento e laboriosidade do sr. conde de Marsy, intitulado — *Balthasar de Monconys. — Analyse de ses voyages au point de vue artistique*, par le Comte de Marsy. Caen. 1880.

Vou dar uma breve noticia d'esse muito erudito escripto.

O sr. conde de Marsy analysa as viagens de Monconys, unicamente sob o aspecto artistico, deixando de parte o ponto de vista scientifico, em que tambem podiam ser encaradas as viagens, pois que Monconys se occupou com a cultura das sciencias.

¿Quem era o viajante?

Balthasar de Monconys nasceu na cidade de Lyon, no anno de 1611; descendia de uma familia da magistratura, oriunda da Borgonha; foi membro do conselho privado de el-rei, e logar-tenente criminal na séde presidial de Lyon.

Com justo fundamento é considerado, pelo auctor, como sendo um dos typos mais interessantes para as pessoas a quem inspira curiosidade o seculo XVII.

Sem embargo das altas funcções officiaes que exerceu, ás quaes não podia deixar de consagrar uma boa parte do tempo, deu as mais decididas mostras de gosto pelas sciencias, e de verdadeira paixão pelas viagens.

Nas sciencias, particularmente se dedicou ao estudo theorico e pratico da physica e da chimica. Ao passo que brilhava na Academia de Montmort, tornava-se conhecido de Gassendi, de Pascal, de Roberval e de Auzout, e se correspondia com o cavalheiro Digby, com o Eleitor da Baviera, com Vossius, com o P. Kircher, Hobbes, Sluz, Fabo, del Pozzo, etc. Não lhe consentiu a sua curiosidade recusar o tributo á epoca em que vivia, occupando-se com a pedra philosophal, e trabalhando com Van-Helmont.

Nas viagens que fez não se descuidou jámais das sciencias, nem tão pouco de se relacionar com os sabios que ia encontrando.

A primeira viagem de Monconys foi a de França a Salamanca, em cuja Universidade, então afamada, queria o pae que elle completasse os estudos. Por espaço de um anno percorreu a Hespanha, e chegou a Lisboa, no intuito de passar á India; mas o fallecimento do irmão mais velho foi parte para que o pae o fizesse regressar a França, onde o aguardava o exercicio dos empregos supra-mencionados.

Quasi vinte annos decorreram, sem que podesse satisfazer a sua paixão de viajante. Mas por fim, no anno de 1645, partiu para a Hespanha, propondo-se de novo a passar á India! Varios incidentes

occorreram, que fôra longo especificar, até que depois pela Italia se poz a caminho para ir vêr o Egypto e a Syria.

Visitára elle todo o Portugal e as provincias meridionaes da Hespanha; mas relativamente a essas duas viagens não menciona collecção alguma artistica, e apenas aponta algumas egrejas e relicarios; parecendo presumivel ao sr. de Marsy, que sómente se apaixonasse Monconys pelas bellas-artes, depois de ter vivido em Lyon com seu irmão, do nome de M. de Liergues, que então teve a reputação de ser o francez mais entendido em materia de medalhas, moedas, inscripções, etc.

Nos annos de 1663 e 1664, depois de ter estado na Inglaterra, percorre Monconys os Paizes Baixos, a Allemanha, a Hungria e a Italia. São interessantes os esclarecimentos que elle ministra, na historia d'estas viagens, na parte em que dão conhecimento dos artistas, e dos quadros que viu nos *ateliers* diversos, bem como a respeito dos preços dos mesmos quadros.

Avisadamente pondera o sr. de Marsy, que seria um muito util trabalho, verificar a identidade dos quadros que o viajante cita, e indicar o que foi feito d'elles. Mas esse commettimento, sobre maneira arduo, é mais proprio das pessoas que lidam n'esses estudos especiaes

O sr. conde de Marsy alegrou o discurso, observando que o nosso viajante, ao percorrer as officinas dos artistas, deu por vezes mais attenção ás filhas e criadas bonitas d'estes, do que aos objectos das bellas-artes. Haja vista aos seguintes extractos das *Viagens:*

«Fui procurar o pintor Goedart. Não estava em casa; mas veiu fallar-me a filha, uma das mais bellas mulheres, e da mais insinuante physionomia, que em toda a minha vida tenho visto.»

«Em Leyde fomos a casa do mestre Beyau para ver os seus quadros. O homem não estava em casa; mas appareceu-nos uma linda creada, que bem confirmava o que disse Guicciardini da belleza das mulheres de Leyden, que aliás não egualam as que vi na Zelandia.»

Não creio que por isto queiram os leitores mal ao nosso viajante...

Em Londres mais se entreteve Monconys com os assumptos scientificos e com as sessões academicas, do que se dedicou a visitar galerias e *ateliers*. No entanto, foi conduzido pelo cavalheiro Morey a ver o «Gabinete do Rei», no qual encontrou muito bellas miniaturas, figuras de marfim, e *antigos* de bronze. Quando estava examinando estas interessantes curiosidades, entrou no gabinete Carlos II, o qual disse ao viajante, com a maior affabilidade: «Muito me comprazo em que viesseis visitar o meu museu, que aliás é a metade do que o defunto rei tinha reunido.»

A proposito do tecto de uma salla de White-Hall, pintado pelo immortal Rubens, recorda-se o sr. de Marsy da celebração do tricentenario do nascimento do sublime pintor; esplendida e solemnissima festa, á qual fôra convidado a assistir, havia uns tres annos. Lastimo que a necessidade de ser breve me impeça de reproduzir as particularidades que em uma erudita nota são apontadas.

Monconys foi com o duque de Chevreuse visitar, em White-Hall, a rainha D. Catharina (de Portugal), mulher de Carlos II. Sinto sobremaneira não encontrar no extracto senão este apontamento: A cousa que mais lhe chamou a attenção na sala da recepção, não foi a tapeçaria, que lhe pareceu medianamente bella (*passablement belle*), mas sim os cavalletes de chaminé, muito feios, de ruim ferro, com rodélas de cobre mal polido; a ponto de julgar conveniente reproduzir a competente gravura em uma das estampas do seu *Jornal de viagens.*

Em St. James, onde habitavam o duque e a duqueza de York, tudo lhe pareceu melhor do que no palacio do rei; e menciona alguns objectos notaveis.

Darei por fim noticia de um extracto, que se refere á galeria de um portuguez em Antuerpia (Anvers).

«Dom Gil de Olivarés, cavalleiro de S. Thiago, levou-me a casa de um portuguez, chamado Douart (*Duarte*), que tinha um formoso jardim e larangeiras de singular perfeição. Vi n'essa casa uma grande quantidade de bellos quadros. Entre outros, um nascimento da Virgem, de *Albert; dois Breugles* admiraveis; infinitos bellos *Vandics;* um *Quintim;* um retrato de *Maubeuge; Ticianos; Tintoretos; André del Sarto*; e uma Divindade sobre os quatro Evangelistas, que eu julgaria ser a verdadeira de Raphael, se não tivesse já visto muitas semelhantes.» *NB.* A esta especialidade voltaremos opportunamente. Mas desde já temos o desprazer de annunciar que esta riquissima collecção de um portuguez foi vendida em Amsterdão no fim do seculo XVII... Fatal incuria nossa!

Se fossemos atraz do nosso gosto, acompanhariamos o sr. conde de Marsy em todos os extractos que elle apresenta, e nas eruditas notas com que os esclarece. Mas chamam-nos imperiosamente outros trabalhos, a que não podemos faltar; e força é que nos contentemos com despertar a curiosidade de ler na integra a interessante analyse.

José Silvestre Ribeiro.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes, apresentados ao governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em conformidade da portaria do ministerio das obras publicas de 24 de outubro de 1880.

ASSEMBLÉA GERAL

(Extracto da sessão de 30 de dezembro de 1880)

«O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, presidente da commissão eleita em 30 de outubro, para se occupar da classificação dos edificios monumentaes do reino, apresentou o resultado dos trabalhos da mesma commissão, que foi lido pelo seu relator o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.»

O relatorio é do teor seguinte:

Senhores:

O encargo que esta Real Associação commetteu á Commissão nomeada para indicar os edificios do nosso paiz, que devem ser considerados como monumentos nacionaes, não era de facil e prompto desempenho.

É mui pequena, certamente, a área de Portugal Todavia serviu de passagem e deu abrigo a muitos povos, oriundos de differentes regiões, na lenta mas continua evolução dos progressos da humanidade. Representa, portanto, um vasto theatro de acontecimentos memoraveis em todas as edades dos povos, que o têem habitado desde os mais remotos tempos historicos até aos nossos dias.

Não podem, por conseguinte, deixar de ser considerados monumentos nacionaes todos os padrões, que attestam simplesmente a passagem ou a existencia d'esses povos em o nosso paiz, e os que commemoram os grandes successos da sua vida. Todos estes padrões são apreciaveis tambem sob outro ponto de vista, pois que nos fornecem importantes elementos para a historia das artes em Portugal; importantes, por mais tosca e grosseira que seja a sua construcção. A historia artistica de um paiz não será completa, se não começar na primeira infancia da arte.

As invasões, e guerras estrangeiras, que tantas vezes, no correr dos seculos, têem assolado esta nossa região; as commoções do solo, que lhe são peculiares, e que por muitas vezes têem alastrado a terra de ruinas e de cadaveres; o embate corrosivo do tempo; e, ainda peior do que este embate, e do que os proprios cataclysmos da natureza, o alvião destruidor nas mãos barbaras dos demolidores ignorantes; e emfim, a trolha dirigida nas reedificações por artifices egualmente inscientes, tem derrocado e feito desapparecer, ou desfigurado a maior parte d'aquellas estimaveis memorias de tantas gerações, sumidas na voragem dos seculos.

N'estas circumstancias é muito ardua tarefa a designação dos monumentos nacionaes. Não basta que a tradição popular, ou quaesquer memorias escriptas, ou documentos irrecusaveis digam, que tal edificio data de muita antiguidade, ou commemora um facto historico notavel. É mister averiguar se esse edificio ainda mostra a fabrica da fundação; ou se, pelo menos, os reedificadores lhe deixaram a descoberto alguma das suas feições primitivas, que auctorise a tradição ou a memoria escripta, ou que esteja de accordo com o documento da sua origem, ou dos successos, que symbolisa.

A este estudo previo deveria seguir-se outro trabalho egualmente importante e essencial não só para complemento d'aquella indicação, mas tambem para que esta facilite a acção do governo na conservação dos monumentos nacionaes.

Esse trabalho é a classificação dos edificios, que devem ser considerados como monumentos e padrões historicos e artisticos.

Um trabalho d'esta ordem exigiria, além de muita competencia das pessoas a quem fosse commettido, um longo espaço de tempo para se levar a cabo.

Reconheceu a vossa commissão que lhe era impossivel abalançar-se a essa ardua empreza, e sobretudo dentro de um periodo, que forçosamente tem de ser curto. Entretanto entendeu que não podia eximir-se a tentar fazer uma tal ou qual classificação dos edificios e construcções diversas, que devem ser consideradas padrões da historia e da arte. Não podia, pelas razões expendidas, fazer a sua classificação scientifica, qual seria para desejar. Limitou-se, portanto, a uma classificação mui simples, que lhe facilitasse a distribuição por cathegorias ou classes d'aquelles edificios e construcções diversas.

Levada d'este intuito, pareceu-lhe conveniente crear seis classes. Collocou na primeira os que reunem em si, em maior grau, as memorias historicas e os primores artisticos; e tambem os que sómente se recommendam pela grandeza da sua construcção ou pela sua magnificencia, ou pelas excellencias d'arte que encerram.

Estes devem ser conservados, e restaurados os que demandarem restauração.

E pode o governo fazel-o sem novo encargo para o thesouro. Do mesmo modo por que tem sido res-

taurado o primoroso monumento da victoria de Aljubarrota, podem ser restaurados, a seu turno, os outros monumentos d'esta classe, que necessitem de restauração em alguma das suas partes artisticas. Para este encargo existe já no orçamento do estado uma verba, que será sufficiente se fôr applicada com discrição, zelo e economia.

Põe na segunda classe os edificios, que, além de qualquer significação historica, são tambem importantes para o estudo da historia das artes em Portugal, quer seja pela sua architectura, ou estructura, em geral, quer seja por feições caracteristicas de alguma das suas partes.

Para estes edificios requer-se apenas desvelada conservação, sem onus, ou quasi sem onus, para o thesouro publico, porque têem pela maior parte quem por obrigação e interesse particular ou de corporação, vele pela sua conservação.

Não será bastante, porém, este cuidado.

É necessario que, a pretexto de reparação ou de reconstrucção, não seja destruida ou desfigurada parte alguma do edificio, com que se altere o seu estylo architectonico, ou a sua ornamentação primitiva.

Cumpre ao governo obstar a que se commettam estes desacatos de lesa arte.

Conseguirá facilmente evital-os recommendando ás auctoridades locaes assidua vigilancia sobre os edificios incluidos n'esta segunda classe. Se, em vez de reparação, se pretende proceder a reconstrucção ou restauração, deve o governo exercer superintendencia nas obras por meio de individuos perfeitamente habilitados.

Ainda que se ache n'estas circumstancias algum edificio particular, indicado n'esta classe, a conveniencia publica auctorisa sem duvida a intervenção governativa em prol da conservação do monumento, pela maneira que se julgar compativel com os direitos de propriedade. N'esta segunda classe vão indicados alguns edificios particulares, que têem valia historica e valor artistico.

A terceira classe compõe-se dos castellos e torres, monumentos da arte militar antiga, mais ou menos ricos de tradições historicas. Alguns ainda estão de pé, parecendo desafiar a furia das tormentas. Outros apenas mostram as reliquias da sua grandeza d'outr'ora. Mas todos esses gigantes de remotas eras, testemunhas de innumeraveis acções d'heroismo dos nossos antepassados, devem ser conservados com acatamento, quer campeiem ufanos como nas quadras da sua gloria, quer se vejam em grande parte prostrados e confundidos no pó das ruinas.

Um, o de Guimarães, d'entre todos o mais apreciavel, certamente, pela sua antiguidade, anterior á monarchia; por ter servido de berço e de côrte ao nosso primeiro rei, mostrando os restos dos seus paços, de modo a poder-se conhecer a divisão interior d'elles; pelo seu excellente estado de conservação, não obstante pesarem sobre as suas muralhas torreadas mais de oito seculos, merece tão especial attenção e cuidado, não só para que seja protegido contra a barbaridade dos homens, mas tambem para que o ajudem a resistir á acção assoladora do tempo, quando esta o ameaçar de ruina, que pareceu á commissão, dever assignalar-lhe logar na primeira classe.

O cuidado da conservação d'este monumeuto, e das outras construcções do mesmo genero, deverá pertencer ás camaras municipaes dos respectivos concelhos, aos quaes servem de brazões honorificos.

Cabe, porém, á auctoridade administrativa da localidade velar pelo fiel cumprimento d'este dever.

Comprehendem-se na quarta classe os monumentos erigidos pela gratidão nacional em honra de homens, que bem mereceram da patria. A conservação d'estes monumentos deverá estar a cargo das municipalidades, exceptuando os que foram erigidos á custa do thesouro publico.

A quinta classe abrange muita diversidade de padrões importantes para a historia e para as artes, taes como cippos, columnas miliarias, e outras memorias epigraphicas; certos pelourinhos e cruzeiros, notaveis pelo seu estylo architectonico, e pela sua ornamentação; alguns mansoleus que não se abrigam sob as abobodas dos templos, que vão incluidos em alguma das outras classes; differentes casas que serviram de habitação a grandes vultos historicos ou litterarios: e outros padrões commemorativos de proezas militares, ou patrioticas, de descobrimentos, etc.

Reclamam todos estes padrões desvelados cuidados de conservação, que naturalmente se repartem pelas municipalidades, jnntas de parochia, governadores de districtos ou de provincia, segundo a indole e situação dos padrões.

A sexta e ultima classe, finalmente, diz respeito aos monumentos prehistoricos.

Estes monumentos, hoje de tanto apreço para o estudo da anthropologia, merecem que o governo recommende aos seus delegados nas localidades respectivas, que não permittam que elles sejam destruidos, como outros foram em tempos antigos.

São titulos de nobreza tanto para as familias, como para os povos, a antiguidade da sua origem, e os feitos gloriosos dos seus antepassados. Por esta razão as nações que se prezam do honroso epitheto de cultas, estimam e respeitam os monumentos da sua historia, velando cuidadosamente pela conservação d'elles, ainda que não se recommendem por merecimento artistico. Este constitue, quer reunido, quer separado, outro titulo nobiliario não menos valioso; pois que os progressos de um povo

na carreira das artes, dão, só de per si, a justa medida dos seus passos no caminho da civilisação. Além d'isto, é nos monumentos, mais ou menos artisticos, que se estuda a historia das artes de um paiz; estudo indispensavel para as nações civilisadas. Se abstrahirmos de todas as razões de importancia moral, e considerarmos os monumentos como questão puramente economica, o governo que saiba zelar e promover os interesses publicos, tem rigorosa obrigação de olhar attentamente pela sua conservação e reparação. Cumpre-lhe cuidar em conserval-os em bom estado, não só para evitar que se destrua e perca o capital, que elles representam; mas tambem para que se convertam em capital productivo para o paiz em geral, e em um verdadeiro e activo elemento de prosperidade para as terras, que os possuem, pois que em toda a parte são um poderoso estimulo á curiosidade dos viajantes. Poderia citar-se o exemplo, fóra de Portugal, de numerosas terras sertanejas, que não ha ainda muitos annos eram aldeias pequenas e pobres, e que hoje, graças a algum monumento ou curiosidade natural, que encerram dentro ou nas visinhanças de seus muros, vêem-se transformadas em povoações grandes, alindadas e prosperas.

Foram as communicações faceis e baratas, e as commodidades da hospedagem, que concorreram para se operar aquella metamorphose.

Entre nós ainda escaceia este conjuncto de condições favoraveis ao desenvolvimento das terras. Mas é patente, que melhora este serviço de anno para anno, e que se vae estendendo a todo o reino. E não é menos certo, que cresce annualmente o numero de viajantes para as terras, que já se acham dotadas com aquellas condições de progresso.

Por vezes o governo portuguez providenciou sobre a conservação dos monumentos. Foi D. Affonso IV, ao que parece, o primeiro dos nossos soberanos, que se lembrou de attender a essa necessidade, embora com intuitos restrictos.

Verdade é que em outros reinados, principalmente no de el-rei D. João III, se exerceu, com permissão do governo, a mais barbara devastação, destruindo-se os mais notaveis monumentos da arte romana, que então existiam em o nosso paiz; desfigurando-se tambem outro monumento coevo com a fundação da monarchia (Santa Maria do Olival, proximo da cidade de Thomar), com profanação e destruição de tumulos de personagens historicos.

Tivemos, porém, no seculo passado quem, para honra do paiz, prestasse attenção intelligente e patriotica a este importante assumpto da governação publica.

Instituida por decreto d'el-rei D. João V, de 8 de dezembro de 1720, a Academia Real de Historia Portugueza, celebrou n'esse mesmo dia a sua sessão inaugural em uma sala dos paços da Ribeira, na presença da familia real. Por diligencia da referida Academia foi publicado, d'ahi a poucos mezes, o decreto de 14 de agosto de 1721 sobre a conservação dos monumentos.

Prohibia-se n'este documento a todas as pessoas, fosse qual fosse a sua posição social, destruir, sob qualquer pretexto, ainda que estivesse em ruinas, monumento algum dos tempos em que dominaram em o nosso paiz os *phenicios*, *gregos*, *carthaginezes*, *romanos, godos*, *e arabes*, e egualmente *estatuas*, *marmores*, *cippos*, *laminas*, *chapas*, *medalhas*, *moedas* e outros artefactos já *descobertos* ou que viessem a descobrir-se. Comminava penas aos que contraviessem estas regias determinações; e não só aos que destruissem os referidos edificios antigos, embora arruinados, e fundissem as ditas moedas, chapas, laminas, etc. de qualquer metal; mas tambem aos que occultassem esses objectos. Encarregava as camaras das cidades e villas do reino da guarda e conservação dos mencionados monumentos, e ordenava-lhes que comprassem pelo seu justo valor todas as moedas e mais objectos de metal, dos tempos antigos até ao reinado de D. Sebastião, e que se descobrissem de futuro nos limites do seu districto, e que logo as remettessem á Academia Real de Historia Portugueza, a qual promptamente mandaria satisfazer o seu custo da consignação, que recebia do real thesouro para as suas despezas. Cumpria á mesma Academia tomar conhecimento de todos os monumentos da antiguidade, para providenciar, do modo que julgasse mais acertado, sobre a melhor conservação d'aquelles, que merecessem mais particular cuidado.

Em resultado d'aquelle decreto recebeu a academia, nos 29 annos restantes do reinado de D. João V, grande numero de objectos archeologicos em marmore e em differentes metaes, descobertos em escavações casuaes em diversas parte do reino, mas principalmente no Alemtejo.

Com esses objectos formou a Academia um curioso museu archeologico nas salas do palacio dos duques de Bragança, na rua hoje chamada do *Thesouro Velho*, onde se achava estabelecida. Infelizmente sobrevieram o terremoto do 1.º de novembro de 1755, e o incendio que logo se lhe seguiu, e quasi todo o palacio foi derrocado e reduzido a cinzas, sendo consumido pelo fogo o museu d'envolta com muitas outras preciosidades, que alli se guardavam, pertencentes á casa real.

Pois se ha seculo e meio se deu entre nós um tão honroso exemplo de apreço e de protecção aos padrões da antiguidade, não póde, não deve o governo, n'esta epoca de maior illustração, abandonar á acção devastadora do tempo, ou á sanha brutal dos demolidores, ou á ignorancia dos reedificadores os

monumentos, que commemoram os feitos gloriosos dos nossos antepassados, ora pelejando e vencendo nos campos de batalha pela liberdade da patria, ou pelo lustre e grandeza do seu nome; ora devassando mares ignotos, e descobrindo terras desconhecidas, para levar ás mais longinquas regiões com o estandarte das quinas a luz civilisadora do Evangelho.

Diligenciou a vossa commissão, para auxiliar os bons desejos do illustrado ministro das obras publicas, fazer, até onde lhe fosse possivel, um como ensaio de um tombo geral, não só dos principaes monumentos nacionaes, mas tambem de todas as construcções, que possuimos de importancia artistica e historica.

Porém, era impossivel, como já aqui se disse e agora se repete, que este trabalho saisse da commissão completo. Não podiam esperar os seus membros, que a memoria lhes forneceria todos os elementos de que careciam em um assumpto de tão grande vastidão. Para se soccorrerem ao estudo, ás investigações, e ás informações faltava-lhes o tempo, não obstante sobrar-lhes a boa vontade.

Mas remediar-se ha este defeito, se o governo se resolver a crear uma commissão inspectora dos monumentos nacionaes, junto dos ministerios do reino e das obras publicas, com attribuições consultivas, ou encarregada de vigiar pela conservação d'elles, pelo modo e sob as condições, que o governo julgar mais acertado.

Na legislação moderna das nações mais cultas, e nomeadamente nas ordenações francezas de 19 de fevereiro de 1839, e de 19 de fevereiro de 1841, que são trabalhos muito completos sobre o assumpto, encontrará o governo excellente guia para se dirigir na organisação de regulamentos para a conservação dos monumentos nacionaes.

É aquella, pois, uma instituição, que se afigura á vossa commissão como providencia preliminar, que deverá produzir proficuos resultados.

Então essa commissão inspectora poderá completar em devido tempo aquelle tombo, que é, certamente, a base indispensavel para um plano de conservação dos monumentos nacionaes, que possa dar resultados verdadeiramente uteis e realisaveis.

Feito d'est'arte esse catalogo geral dos monumentos portuguezes, é então chegada a occasião opportuna para se proceder á sua classificação scientifica, trabalho que o governo commetterá á mesma commissão, ou ás pessoas que julgar mais habilitadas para o bom desempenho d'essa tarefa, difficilima em o nosso paiz pelas rasões já apontadas. Para se conseguir um tombo geral dos edificios, que são propriamente monumentos nacionaes, e de todas as mais construcções, que se devem considerar padrões historicos e commemorativos de varões illustres, ou elementos apreciaveis ppra o estudo da historia das artes em Portugal, não bastará recorrer ás camaras municipaes, aproveitando a auctorisação concedida pelo ministerio do reino, afim de solicitar esclarecimentos da sua illustração e patriotismo. Será indispensavel, sem duvida, proceder-se a serios estudos sobre todos ou, pelo menos, sobre a maior parte dos esclarecimentos, que se obtiverem; estudo que só poderá ser commettido á commissão inspectora aconselhada ao governo. Todavia, emquanto o ministro não tomar resolução sobre este ponto, a vossa commissão irá solicitando e archivando os esclarecimentos enviados pelas camaras.

Porém, não podendo deixar de ser morosa esta diligencia de obter informações, e sendo urgente que esta Real Associação responda desde já ao sr. ministro das obras publicas, não deverá haver duvida em enviar-lhe este relatorio e o catalogo, que o acompanha.

Não sirva de objecção o estado incompleto d'este catalogo, attentas duas rasões. A primeira consiste em o ministro achar n'elle indicados os edificios, que são monumentos nacionaes no sentido mais restricto d'estes vocabulos, o que constitue, sem duvida, a parte mais urgente da resposta á pergunta do mesmo sr. ministro, pois que a conservação d'estes edificios está exclusivamente a cargo do governo, figurando para esse fim uma verba especial no orçamento geral do estado. E n'este ponto cumpre á commissão declarar, que julgou sufficiente a verba annual, votada para a conservação dos monumentos nacionaes, sendo exclusivamente applicada para este fim, não porque entenda que ainda assim se possa com ella satisfazer todas as necessidades d'este importante ramo de administração publica; mas sim para não aggravar, nas actuaes circumstancias, os tão pezados encargos do thesouro; e tambem, por conseguinte, para não levantar difficuldades, que façam esmorecer o animo do governo no seu louvavel e patriotico empenho.

A segunda rasão é a conveniencia de dar conhecimento ao governo, por meio d'esse ensaio de um tombo geral, do plano de trabalhos, que a commissão concebeu, e que se lhe antolha como base essencial para a boa organisação d'este importante ramo da administração publica.

Lisboa, Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

José Silvestre Ribeiro, presidente — *Antonio Pedro de Azevedo*, secretario — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, *Augusto Carlos Teixeira de Aragão*, *Valentim José Correia*, vogaes. — *Ignacio de Vilhena Barbosa*, relator.

Approvado em Assembléa geral de 30 de dezem-

3.ª serie

N.º VI

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

M. D. Santos

Phototypia

Estampa 38

PLANTAS DAS PRINCIPAES EGREJAS DE PORTUGAL

bro de 1880. — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, presidente da mesa. — *Valentim José Correia*, secretario.

(*Continúa*).

ARCHITECTURA RELIGIOSA EM PORTUGAL

(Estampa n.º 42)

De todos os edificios publicos de Portugal os mais importantes, não sómente pelo grandioso do seu aspecto, como pelo merecimento de sua architectura são, sem duvida, as cathedraes e as egrejas dos antigos conventos do reino.

Desde o principio da monarchia cem templos foram mandados construir pelo rei D. Affonso Henriques, a fim de testemunhar o seu reconhecimento á Providencia Divina por lhe ter feito alcançar assignaladas victorias sobre os mouros, assim como para consolidar o verdadeiro culto da religião, e satisfazer a sua fervorosa devoção.

Os seus successores na governação do paiz seguiram esse devoto e politico exemplo em todas as épochas, para patentearem o triumpho da fé sobre o islamismo e o engrandecimento dos seus estados. Portanto, os soberanos portuguezes tiveram sempre o maior zelo em mandar construir esses edificios religiosos, ornamentados com superior magnificencia e grandiosa representação. Além d'isso a egreja é de todos os edificios publicos aquelle que causa o interesse mais vivo no publico, porque todas as classes da sociedade se reunem n'elle, fazendo-lhes não só recordar os feitos historicos da nação, como egualmente avivando-lhes no pensamento os seus mais secretos affectos; sobre tudo vão buscar n'esses recintos sagrados o conforto espiritual para obterem a força necessaria para vencerem os obstaculos que as cercam na existencia, ou concorrem alli para renderem graças ao Ente Supremo pelas felicidades que alcançaram e disfructam no mundo.

Todos os povos da terra recorreram á architectura civil para erguerem templos á Divindade, porque sómente esta arte possue os elementos necessarios para produzir na alma o culto devido á magestade suprema do Universo, ficando bem patenteado nas suas grandiosas fabricas e no symbolismo esculpido n'essas construcções.

Não é, pois, para estranhar, que em Portugal sejam esses edificios onde a architectura ostente a sua mais elevada significação, assignalando-a n'essas obras primorosas de sua arte, pois é n'esses trabalhos onde deveria brilhar com mais subida manifestação e esmerado merecimento.

*
* *

As cinco plantas representadas na photographia n.º 42 d'este *Boletim* fazem parte de uma obra inedita que nós esperamos publicar, tendo por titulo: *Parallelo dos principaes edificios religiosos de Portugal.* O original d'estas cinco plantas (desenhadas em maior escala) figurava na exposição universal de Vienna de Austria em 1873, trabalho que mereceu um diploma de merito.

Sendo a egreja do extincto convento de Alcobaça a maior que se construiu no paiz, é a sua planta a primeira descripta, e mesmo para servir de comparação com as plantas das outras egrejas, a fim de se avaliar a relação que ha entre lelas, havendo sido todas desenhadas na mesma escala: pelo exame, pois, d'esta planta se conhece qual é a sua extraordinaria grandeza, em comparação com os outros edificios religiosos do reino, publicados n'esta estampa. Mas para facilitar essa apreciação, damos as dimensões das maiores e principaes egrejas de Portugal, a saber:

A egreja de Mafra tem de comprimento	63m,00
A egreja da Sé do Porto, idem......	64m,70
A Sé de Lisboa, idem.............	65m,48
A Sé de Braga, idem	68m,00
A egreja do convento do Carmo em Lisboa	72m,5
A egreja de S. Vicente de Fóra......	74m,00
A egreja de Santa Maria de Belem....	77m,00
A egreja da Batalha	79m,29

Emquanto á de Alcobaça, tem 106,m38. Contam-se no corpo d'esta egreja duzentas columnas; além de cinco vastos claustros e a sua grandiosa sachristia que é por metade da egreja de Mafra. Este extraordinario templo levou setenta e quatro annos para se construir, e em 1223 foi habitado pelos monges da ordem de S. Bernardo, á qual se refere a estampa 29 do *Boletim*.

*
* *

A planta da egreja da Batalha tendo pouco menos de um terço da planta da egreja de Alcobaça, é pois a segunda que pela sua grandeza lhe deve ser comparada, posto que a sua architectura seja do mais apurado estylo gothico, e de execução muito esmerada; sendo este edificio religioso o mais perfeito d'este typo que possue Portugal, assim como não é inferior aos melhores construidos nos outros paizes, d'esta architectura.

O exame da sua planta mostra acertada disposição das naves estando bem calculada a largura d'ellas com a principal; não apparece aqui o desaccordo que se nota nas naves da egreja de Alcobaça, e que pela estreiteza das naves lateraes, em relação á nave principal, parecem ser dois corredores. O comprimento da capella-mór não é egual aos braços do cruzeiro, como se dispoz em Alcobaça, para não tirar a fórma da cruz represen-

tada na planta, conservando a sua verdadeira imitação: bem como as duas capellas lateraes estão dispostas em boas proporções para não destruir a importancia á capella-mór, concorrendo pois tudo para harmonisar na traça geral o effeito architectonico delineado pelo insigne architecto d'este magnifico edificio.

*
* *

Ainda que se julgue ser a construcção da sé de Braga a mais remota de Portugal, todavia a planta que existe é da era de 1112, tendo sido restaurada por el-rei D. Affonso Henriques em 1138; isto é, dez annos antes de se concluir a edificação do mosteiro de Alcobaça.

O comprimento d'esta cathedral é de 68 metros, sendo ella menor do que a egreja da Batalha $11^{m},29$ e $38^{m},38$ menos comprida do que a egreja de Alcobaça.

Compõe-se de tres naves, com cinco capellas, todas no extremo do templo, como se vê em todas as egrejas antigas; não só para o sacerdote, quando officia, estar com o rosto para o Oriente, como tambem os fieis ouvirem a missa todos voltados para o mesmo ponto; sendo bastante inconveniente haver altares no corpo da egreja, não só porque não conservam a origem mystica do culto, como porque é grave inconveniente, na occasião de se dizer mais de uma missa ao mesmo tempo, ficarem as pessoas com as costas voltadas para os altares onde se officia!

Tem um portico que dá ingresso á egreja, na qual ha uma só porta principal, ainda como tradição de haver uma unica entrada nas antigas basilicas.

Doze pilares com quarenta e oito columnas envolvidas n'elles sustentam as abobadas, as quaes foram as primeiras construidas no paiz pelo seu systema.

A capella-mór soffreu notavel alteração em 1505. As torres, postoque reedificadas no seculo VI, todavia foram concluidas no anno de 1724.

Pela sua remota antiguidade pois foi alli que o apostolo S. Thiago prégou o Evangelho, disputa á cidade de Toledo a primazia da séde archiepiscopal das Hespanhas.

*
* *

A fundação da Sé do Porto é de grande antiguidade, visto ter sido a séde episcopal d'esta cidade no seculo V, mas foi totalmente destruida esta cathedral no tempo dos mouros; sendo depois reconstruida pela mão do primeiro rei de Portugal: porêm tem tido em diversas epochas consideraveis alterações, conservando da sua mais remota edificação sómente as suas duas torres.

Em 1602 construiram toda de novo a capella-mór, afim de lhe dar as dimensões necessarias para as solemnes ceremonias religiosas; ficando concluida sómente em 1717.

A grandeza d'esta egreja é pouco mais da metade da de Alcobaça; tem tres naves, sendo a do centro bem espaçosa e dez pilares com quarenta columnas sustentam as abobadas. O claustro no estylo gothico é da era de 1358 e 340 columnatas sustentam as arcarias. A fórma da cruz está bem indicada n'esta planta.

Não devo omittir de haver no palacio episcopal, que fica annexo á sé, a sua escada principal de grandioso aspecto e bem delineada, não havendo outra no nosso paiz que lhe possa ser comparada pela sua magestosa construcção.

*
* *

A sé de Lisboa é da fundação da monarchia, porque nas cantarias da sua edificação lá se vêem os signaes gravados nas pedras, como apparecem em todas as outras construcções mandadas fazer pelo rei D. Affonso Henriques. Era este templo, na sua primitiva, de magestosa apparencia, pois tinha cinco naves, sendo o unico em Portugal com essa disposição; além d'isso era ornado por uma cupula que o terremoto de 1755 destruiu.

O comprimento da egreja até ao fundo da capella mór é da mesma grandeza do que a planta da sé de Braga com insignificante augmento; é tambem egual ao comprimento do cruzeiro de Alcobaça.

Doze pilares com cento e setenta e quatro columnas enfeixadas sustentam as abobadas.

Tendo sido destruida a capella-mór pelo terremoto de 1344, foi depois reconstruida, assim como a charola e as capellas que a circumdam.

Deram á capella-mór a grandeza necessaria para o cabido poder funccionar nos dias mais festivos da religião.

A fórma dada ao extremo da charola, era como se fosse o resplandor que corôa a cruz representada na planta, e as capellas figuram os raios d'elle. Tambem servia para se fazer dentro do templo as procissões, passando primeiro pelas naves lateraes, dando voltapor detraz da capella-mór, finalisando este acto religioso por percorrerem a nave do centro até ao arco triumphal que dá entrada para a capella-mór; o que está ainda em pratica fazer-se dentro das egrejas de Roma; pois rarissimas vezes saem á rua.

Duas pesadissimas torres flanqueam a entrada da fachada principal, havendo uma varanda com um vulgar engradamento com duas janellas de sacada (obra moderna) de forma muito pouca adequada para um monumento edificado ha sete seculos! A respeito d'esta ridicula varanda, devo referir um protesto publico que um archeologo inglez fez em frente do edificio da sé. Sendo alli conduzido pelo marquez

de Rezende, camarista da viuva do duque de Bragança, para que visse aquella antiga egreja; assim que chegaram em frente, e que o archeologo deu com os olhos na varanda e nas janellinhas, não quiz vêr o templo por modo algum, por mais que insistisse o marquez; pois foi tal o nôjo que lhe causou aquelle estupido enxerto, que o homem da sciencia se desesperou de haverem desfigurado aquelle venerando monumento, renunciando a examinal-o no interior. O que elle pensaria do ensino archeologico do nosso paiz!

*
* *

Pode-se pois julgar, pelas plantas da presente estampa, qual o superior talento com que os nossos antigos confrades delinearam essas magnificas egrejas do nosso paiz; não sómente para ellas servirem com realce ao culto, como representar egualmente a architectura no seu mais subido grau os precêitos estheticos, dando-lhe o caracter do typo religioso do culto christão, afim de infundir na alma a veneração que esses recintos devem causar, e que é dado unicamente á architectura civil produzir, admirando-se-lhe as suas sublimes obras.

J. P. N. da Silva.

HISTORIA DA ARCHITECTURA

Desejando dar mais conhecimento do drama historico que foi offerecido pelo nosso digno consocio o sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa, a esta Real Associação; no qual figura em primeira plana o habil architecto portuguez Affonso Domingues, que construiu a celebre aboboda da casa do Capitulo do convento da Batalha; publicamos agora algumas scenas d'esta composição dramatica, que descreve com bastante energia o caracter do artista ferido no seu melindre architectonico, fazendo egualmente realçar o seu acrisolado patriotismo e a generosidade de sua alma.

J. da Silva.

ACTO IV

QUADRA ESPAÇOSA NOS APOSENTOS REAES DA BATALHA. UMA JANELLA RASGADA DEIXA VER PARTE DA CRASTA. É DE MANHÃ.

SCENA II

Dois cavalleiros, D. João I, D. Nuno Alvares Pereira, João das Regras, Fr. Lourenço, Alvaro, e Pagens

D. João (Entrando, para Fr. Lourenço que o segue). — Impossivel me parece isso que acabaes de dizer; porque natural desejo é de todos alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para m.^e Affonso se doer da mercê que lhe fiz.

Fr. Lourenço. — Pois a conversação, que vos relatei, tive-a eu com elle antes de vossa mercê chegar.

D. João. — E como vae David Ouguet? (Senta-se.)

Fr. Lourenço. — Com grande melhoria. Dormiu um grande pedaço e acordou depois em seu perfeito juizo: contou-me, que entrando na casa do Capitulo, e affirmando a vista na aboboda, conheceu que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração; e que, com a sua afflicção, correra pela Crasta fóra como doido; que por deante dos olhos lhe começaram a passar relampagos vermelhos; mas que depois perdera o tino. E de nada mais se lembra.

João das Regras (Malicioso). — Nem dos exorcismos?

Fr. Lourenço (Picado). — A vossa jogralidade não vem a proposito. Se affirmei que estava possesso, tinha para isso boas rasões. (Disfarça, e vae observar os desenhos que estão sobre a meza.)

SCENA III

Os mesmos, e Fr. Joanne

D. João (Para Fr. Joanne, que entra com gesto amavel, como querendo dirigir-se a el-rei). — A proposito vindes; ia mandar-vos chamar.

Fr. Joanne (A'parte). — Ha de ser para me fallar no Auto... (Alto). Magnanimo principe a quem a patria...

D. João (Interrompendo-o.) — Estivestes hontem com m.^e Affonso, como vos pedi?

Fr. Joanne (A'parte, despeitado.) — Ora esta!... (Alto). Real senhor, estive. Se vos não dei logo a resposta foi porque só vos tenho visto entretido a olhar para as ruinas... (A'parte.) Toma!

D. João. — E que disse? (Observa os desenhos.)

Fr. Joanne. — Que viria receber as vossas reaes determinações.

D. João. — Muito tarda! (Para Alvaro.) Alvaro Vaz d'Almada, ide á morada de m.^e Affonso, e dizei-lhe que o aguardo. Conduzi-o até aqui; fazei isso com tento, lembrando-vos que é um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae. (Alvaro sae com vénia.)

SCENA IV

Fr. Lourenço. — Estou em que não terá vindo por lhe parecer cedo...

D. João (Continuando a examinar os desenhos.) — É, na verdade, sensivel a alteração. Vêde, chanceller.

João das Regras. — Vossa mercê me perdoe; mas d'isso nada entendo.

D. João. — Ah! sim... Esquecia-me de que só entendeis do Codigo Justinianno e seus commenta-

dores Bartholo e Acurcio. (Indicando.) Mas está mui claro isto.

Ha pouco me dissestes, que talvez m.^e^ Affonso se enganasse em suppor que era possivel fazer uma aboboda tão pouco erguida, como a que elle traçou para o Capitulo?

João das Regras. — Assim foi, senhor...

D. João. — Não creio eu que tão entendido mestre se enganasse, mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo procedesse de grave falta commettida por m.^e^ David Ouguet n'esta edificação; e foi a de não seguir de todo o ponto o desenho de m.^e^ Affonso.

João das Regras. — E se a execução de sua traça fosse impossivel?

D. João. — Impossivel! E não contava elle leval-a a effeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?

Fr. Lourenço. — É d'isso que mais se doe m.^e^ Affonso. A sua grande canceira é que ninguem saberá continuar a edificação do mosteiro; porque ninguem é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepção d'elle.

D. João. — E rasão lhe acho n'isso que diz. Convem ouvil-o sobre o caso. Que me dizeis, condestavel?

D. Nuno. — Eu, senhor, n'estas cousas, julgo-me tão ignorante como o illustre doutor; entendo mais de assaltos, e de guerras, e de investiduras; mas direi, que se o meu velho companheiro d'armas afiança que com seu desenho se construia segura e firme a aboboda do Capitulo, é porque assim succederia. Conheço-o, e respondo por elle como por mim proprio!

D. João. — É essa a minha opinião tambem, condestavel; e folgo de vos ouvir fallar com essa franqueza, que sempre vos distinguiu.

É o chanceller mais politico; mas ambos sois o esteio do throno que me deu o bom povo portuguez. (Os dois comprimentam-no.)

Ouviremos m.^e^ Affonso quando chegar.

SCENA V

Os mesmos, m.^e^ Affonso, e Alvaro

Alvaro (Entrando, para D. João referindo-se a m.^e^ Affonso.) — Preste a vir o encontrei já, real senhor.

M.^e^ Affonso (Para Alvaro, a quem dá o braço.) — D. donzel, onde é que está el-rei? (Commovido.)

D. João (Indo-lhe ao encontro.) — Agora nenhum rei está aqui, e sim o mestre de Aviz, vosso antigo camarada e amigo.

M.^e^ Affonso. — Beijo-vos a mão, senhor rei, por vos lembrardes de um velho homem d'armas, que para nada presta hoje. Vêde o que de mim mandaes, porque de vossa ordem é que aqui vim.

D. João. — Queria ver-vos e fallar-vos, que do coração vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Santa Maria.

M.^e^ Affonso (Magoado.) — Architecto do mosteiro de Santa Maria já o não sou; vossa mercê me tirou esse cargo: sabedor nunca o fui; pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me dáes, só me cabe hoje o de honrado; que esse, na mercê de Deus, é meu, (Vehemente) e fôra infamia roubal-o a quem já não póde pegar em um montante para defendel-o!

D. João. — Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui turvado comigo por dar a outrem vosso cargo; n'isso cria eu fazer-vos mercê. Mas venhamos ao ponto: sabeis que a aboboda do Capitulo desabou?

M.^e^ Affonso. — Sabia-o, senhor, antes do caso succeder.

D. João. — Como é isso possivel?

M.^e^ Affonso. — Todos os dias perguntava a alguns d'esses portuguezes, que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular: por elles soube que a traça primitiva fôra alterada; prophetisei-lhes então o que havia de acontecer. (Sorrindo com amargura.) E muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate, que não desabasse antes de vinte e quatro horas.

D. João (Vivamente) — E tinheis vós por certo que, se a vossa traça se houvesse seguido, essa desmesurada abóboda não viria a terra?

M.^e^ Affonso. — Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de parte como coisa inutil, a pedra do fecho d'essa aboboda não teria de vir esmigalhar-se no pavimento, antes de sobre ella passarem muitos séculos!

D. João. — Pois se ousaes levar a cabo vosso desenho, e eu ordeno que o façaes, desde já vos nomeio novamente mestre das obras do mosteiro.

M.^e^ Affonso (Com firmeza e dignidade.) — Senhor rei! Vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bésteiros, tendes ouro e poder; Portugal é vosso e tudo quanto elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos; n'esta nada mandaes. Não! vos digo eu, não serei quem torne a erguer essa derrocada aboboda! Os vossos conselheiros julgaram me incapaz d'isso; agora elles que a levantem.

D. João (Despeitado.) — Lembrae-vos, cavalleiro, que fallaes com D. João I.

M.^e^ Affonso. — Cuja corôa lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia; e D. João I é assaz nobre e generoso para não se esquecer de que n'essas lanças estava escripto: «Os vassallos portuguezes são livres.» (Pausa.)

D. João (Com magnanimidade.) — Vamos, bom cavalleiro, não haja entre nós doestos. O architecto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador. Eu tornei celebre o meu nome — a consciencia m'o

diz, — entre os principes do mundo; ella vos dirá tambem que a vossa fama será perpetua. Rei dos cavalleiros, dos cavalleiros portuguezes; fostes um d'elles.

M.e AFFONSO. — Servi como pude a patria, senhor, e d'isso me ufano.

D. JOÃO. — E negar-vos-heis então a proseguir a edificação d'esta memoria, que ha de recordar aos vindouros a historia dos nossos feitos? Escutae as cinzas de tantos valentes, que vos accusam de traidor á boa e antiga amisade. Vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido d'esse queixume; porque, nas luctas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue, e foram semeados cadaveres.

M.e AFFONSO. — Mas...

D. JOÃO. — Eia pois. Se não perdoaes a D. João I uma supposta affronta, perdoae ao mestre d'Aviz, que, em nome da gente portugueza, vos cita para o tribunal da posteridade, se recusaes consagrar outra vez á patria vosso maravilhoso engenho, e vos abraça como antigo irmão por fraternidade de combates. (Abraça-o.)

M.e AFFONSO (Que tem dado visiveis signaes de commoção, depois de curta hesitação). — Vencestes, senhor rei, vencestes! A aboboda da casa capitular não ficará por terra!

Oh! meu mosteiro da Batalha, sonho de quinze annos de vida; a mais formosa das tuas imagens será realisada!

(Para D. João). Senhor! as nossas almas se entendem. Que me restituam meus officiaes e obreiros portuguezes, que portuguez sou, e portugueza a minha obra. De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, e, ou eu morrerei, ou a aboboda do Capitulo estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria! (Beija-lhe a mão.)

D. JOÃO (A fr. Lourenço). — Reverendo prior, entendei que, d'ora ávante, Affonso Domingues torna a ser mestre das obras do mosteiro. Vou ordenar que seus antigos officiaes regressem. (Para m.e Affonso.) Um já vós cá tendes.

A proposito: contaram-me de certos amores d'elle com?... (Como interrogando fr. Lourenço.)

FR. LOURENÇO. — Anna Margarida, senhor; a filha da tua Brites d'Almeida, e Vasques, amam-se.

D. JOÃO (Surprezo). — Pois essa donzella... (Risonho para m.e Affonso.) M.e Affonso Domingues, nomeio-vos meu embaixador para alcançardes licença para ser eu o padrinho do casamento.

M.e AFFONSO (Reconhecido). — Pois quereis?...

D. JOÃO. — Quero que a filha da heroica padeira d'Aljubarrota e do architecto da Batalha seja afilhada do rei de Portugal.

M.e AFFONSO. — Como os pobres moços ficarão contentes!

D. JOÃO. — Dizia meu pae, o sr. D. Pedro I de gloriosa memoria, que um rei que passava um dia sem fazer algum bem, era indigno de reinar. Eu, hoje julgo-me verdadeiramente digno do titulo de rei. Ide repousar, m.e Affonso, que bem o haveis mister. (Para Alvaro.) Vós, acompanhae este digno ancião á sua pousada.

D. NUNO. — E se vossa mercê e elle m'o permittem, acompanhal-o-hei tambem.

M.e AFFONSO (Affirmando-se.) Esta falla...

D. NUNO (Apertando-lhe a mão.) É d'um vosso antigo camarada e amigo: Nun'Alvares Pereira.

M.e AFFONSO (Risonho.) — Vós?! Ha que tempo não vos... via, ia para dizer... Vinde, que n'isso me daes gosto (Para D. João), Adeus, senhor! vós me restituis uma vida cheia de felicidade; a satisfação foi além da injuria. (Sae com D. Nuno e Alvaro.)

SCENA VI

Os mesmos, menos M.e Affonso, D. Nuno e Alvaro

D. JOÃO. — Tenho quatro mezes... Volto ámanhã para Santarem, e d'ali irei assentar arraial em Tancos, d'ali ao Crato a esperar as forças do condestavel, para juntos darmos sobre Alcantara. Que vos parece, chanceller?

JOÃO DAS REGRAS (Critico.) — Se é plano assentado do condestavel, desde já vos agouro bom resultado.

D. JOÃO (Grave.) — Com que tom me dizeis isso! Ora vamos; deixae lá o condestavel; não perdeis occasião de lhe pordes pecha. Pois bem tenho querido fazer-vos amigos! Esta nobreza feudal, de quem D. Nuno é o mais auctorisado chefe, mata-vos.

JOÃO DAS REGRAS. — Mata, e á nação.

D. JOÃO. — Paciencia; mais tarde lhe cercearemos as garras. Por agora lembrae-vos, a proposito do texto ácerca da vontade dos principes, que tanta vez invocaes, vós, defensor da suprema auctoridade, que o Digesto tambem vale para os que o estudam. Sabeis de direitos e de tudo quanto respeita á paz e socego do reino; agora de cousas que respeitam á guerra, d'isso entende elle mais a dormir que vós acordado. Deixae pois o condestavel; é meu amigo, e uma boa espada, e a espada sustenta a lei.

Voltaes para Lisboa?

JOÃO DAS REGRAS. — Se vossa mercê m'o permitte...

D. JOÃO. — A vossa missão era nas Côrtes de Guimarães, onde ha pouco estivemos, e não em Santarem... Ide pois ver vossa joven esposa, e levareis cartas minhas á rainha. (Sae seguido pelos pagens, por fr. Lourenço e fr. Joanno, ficando estes á porta; afinal sae fr. Joanne tambem, e os cavalleiros, para os quaes olha com má vontade.)

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

O livro do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva — Noções elementares de Archeologia — avaliado lá fóra.

No Boletim da «Société Académique Hispano — Portugaise de Toulouse» foi inserta uma noticia, dada pelo sr. Emilio Travers, summamente lisongeira para o illustre auctor das «Noções elementares de archeologia.»

O sr. Travers começa por observar que ninguem estava tão habilitado como o sr. Possidonio, eminente amigo do sr. de Caumont, para compor o excellente Manual, attenta a longa série de escriptos que tem publicado, e o grande serviço que prestou á architectura e á archeologia, fundando e dirigindo o importante Museu do Carmo, e creando a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Occupa-se o sr. Travers primeiramente com a *Introducção*, que vem á frente das *Noções*, primorosamente escripta pelo sr. Vilhena Barbosa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. O erudito Academico apresenta um resumo interessante da historia das investigações archeologicas e do seu desenvolvimento na Europa.

O notavel trabalho do sr. Vilhena Barbosa é acompanhado, passo e passo, pelo sr. Travers; affirmando por fim ter a Introducção um estylo rapido e elegante, abundar em factos judiciosamente escolhidos, e apresentar uma boa preparação para o estudo das *Noções Elementares*.

Entrando no exame do bello livro do sr. Possidonio, observa o sr. Travers, que esse escripto é uma traducção e resumo do *Abecedario* ou *Rudimentos de Archeologia* do sr. de Caumont; mas acrescenta logo, — resumo feito com o maior apuro, não se omittindo cousa alguma de verdadeiro interesse, dando-se clareza e precisão ás definições, e empregando-se todo o escrupulo na escolha dos exemplos.

O sr. Travers dá a palavra ao sr. Possidonio, para explicar o pensamento que o guiou na composição das suas *Noções*, e expor o ordenado plano que traçou.

Offerece depois uma enumeração dos monumentos e antiguidades de Portugal, que o sr. Possidonio especifica na sua obra. N'este particular, não necessitamos de transcrever as noticias que o sr. Travers nos dá, visto não serem mais do que um substancial resumo do texto do auctor.

O juizo que o sr. Travers fórma da importancia da obra, no tocante aos esclarecimentos que apresenta, vem a ser:

«São bastantes estes extractos para mostrar o alto valor d'esses esclarecimentos, especialmente relativos a Portugal. Habilitados ficam os archeologos nacionaes para comparar, proveitosamente, os monumentos que teem á vista, — e por outro lado, os sabios da Europa encontram n'este Livro preciosas noções da archeologia Lusitana.»

Sómente está o sr. Travers em discordancia com o sr. Possidonio, na parte em que este, seguindo a opinião do sr. de Caumont, e de outros archeologos de merecimento, emprega a expressão — *ogival* — para designar a architectura que se seguiu á architectura romana. Descendo, a este respeito, a considerações philologicas e outras muito desenvolvidas e eruditas, sobre a significação que diversamente se tem dado á palavra — *ogiva*, — o sr. Travers opina que a expressão — *architectura ogival* — é defeituosa, applicada aos differentes estylos da architectura da edade media, e que parece preferivel a expressão — *architectura gothica*, — a despeito das serias criticas de que póde ser objecto.

O sr. Travers, rematando a sua *Noticia*, qualifica o livro do sr. Possidonio de um modo muito lisongeiro, considerando-o como um dos mais bem feitos e uteis. Pretendeu o auctor das *Noções* formar archeologos, e prover á conservação dos monumentos que foram testemunhas do glorioso passado do seu paiz. Á similhança do que succedeu ao sr. de Caumont, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva *ha de vêr coroada com um brilhante resultado a sua perseverante iniciativa:* assim conclue o sr. Travers.

J. Silvestre Ribeiro.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

A Irmandade da egreja de S. Pedro de Guimarães enviou á nossa associação o projecto de reedificação d'aquelle edificio religioso, afim de ouvir a nossa opinião ácerca do merito artistico do mesmo projecto aproveitando-se parte da primitiva construcção. O respectivo parecer da secção de architectura, redigido pelo nosso respeitavel e illustrado consocio o sr conselheiro João Maria Feijó, foi já presente á assembléa geral.

M. R. H. Soden Smith, membro da sociedade dos Antiquarios de Londres e professor do Instituto Real da archeologia, visitou o nosso Museu no mez de

maio, examinando tudo, e indagando do nosso presidente a procedencia dos objectos expostos nas collecções do Museu: porém o que mais chamou a sua attenção foi a vitrine em que se acham os machados de bronze descobertos no nosso paiz, causando-lhe admiração não só pelas suas grandes dimensões como por terem *duas azas*, a ponto de pedir licença para tirar copia d'elles, mas o sr. Possidonio da Silva evitou-lhe esse incommodo, offerecendo-lhe uma estampa onde estão desenhados na sua propria grandeza, assim como outros descobertos em differentes paizes, para se poder comparar e avaliar-se a industria peninsular d'estes instrumentos prehistoricos achados em Portugal. O distincto archeologo inglez ficou muito penhorado e agradeceu a estampa que recebeu como um especimen notavel do nosso Museu.

A sociedade central dos architectos de Paris offereceu á nossa Associação as memorias do congresso internacional dos architectos reunidos em Paris no palacio do Trocadero em 1878. No numero das communicações que foram apresentadas, está tambem uma do nosso confrade e collega o sr. J. P. N. da Silva, sobre a architectura em Portugal.

O nosso digno socio correspondente da Belgica M. S. Bormans, socio do instituto archeologico de Liège e auctor do relatorio das excavações executadas em Juslenville, e que representou aquelle instituto no congresso d'anthropologia e archeologia prehistoricas em Lisboa no anno findo, foi tambem agraciado com a commenda da ordem de Christo; mercê bem cabida pelo seu distincto saber e trabalhos archeologicos.

Foi offerecido ao nosso presidente um objecto prehistorico de muito valor scientifico: um machado da epocha neolithica encontrado na America do Sul na região que foi habitada pelos Indios Mennanos; o qual pelas suas extraordinarias dimensões e feitio é de muito interesse para o estudo archeologico alem de ser o unico que ha no nosso paiz d'aquella região e forma. E' mais um precioso objecto que veiu enriquecer as nossas collecções prehistoricas.

O nosso dedicado socio honorario, o sr. conde de Marsy, acaba de nos enviar desenhos de cabeças antigas de bronze descobertas ultimamente em Croix-St.-Ouen (Oise) que fazem parte do Museu da sociedade historica de Compiègne, sendo uma das cabeças de tamanho natural, e as outras de menores dimensões. Foi descoberta importante; e estamos bastante gratos pela offerta d'este nosso illustre consocio.

NOTICIARIO

Lê-se no *Commercio do Porto* de 22 de maio:

«Vae proximamente abrir-se em Londres, no South Kensington, uma exposição de arte retrospectiva hespanhola e portugueza para que o governo do nosso paiz foi convidado e a que não podia deixar de concorrer, sendo tão opulentos e tão primorosos os productos de concepção artistica que nos restam de diversas epochas da nossa vida social.

Pessoas illustradas foram encarregadas da colleccionação dos objectos artisticos que são dignos de ser apresentados aos olhos dos povos cultos, acostumados sobejamente a contemplar verdadeiras maravilhas da concepção e execução artistica. No Porto, Braga e Guimarães foi o nosso estimado e erudito collaborador o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, quem tomou a seu cargo a investigação dos objectos de arte antiga portugueza que mais nos possam illustrar em Londres, e que no paiz são menos conhecidos e menos devidamente apreciados, visto permanecerem ou nos thesouros de corporações religiosas ou nos dominios de particulares.

A tarefa era sobremaneira laboriosa, porque, á escolha escrupulosa e investigadora, se juntava a natural repugnancia de levar ao alcance de um publico extranho objectos que avultam pelo seu valor intrinseco e artistico; essas difficuldades foram, porém, briosamente vencidas pelo sr. Vilhena Barbosa, que, como se verá pelas informações que abaixo publicamos, colheu um avultado numero de objectos ricos e distinctos pelo seu preço artistico.

Essa collecção representativa de periodos diversos da nossa cultura artistica, encerra objectos verdadeiramente surprehendentes pela sua riqueza, e pela execução e engenho dos seus aprimorados lavores; é verdadeiramente digna de ser apresentada em uma nação onde a civilisação tem attingido um desenvolvimento grandioso.

Esses productos artisticos, reunidos ás preciosas collecções de que é possuidora a região do sul do paiz, e especialmente Lisboa, far-nos-hão tomar uma attitude verdadeiramente lisongeira e digna ao lado de Hespanha, no proveitoso certamen londrino, que veio arrancar á obscuridade muitas das nossas nobresas no campo artistico.

Para se fazer a apreciação dos serviços desenvolvidos pelo sr. Vilhena Barbosa e para se poder avaliar qual o valor dos multiplices thesouros que encerra o norte do paiz, passamos a indicar os diversos objectos que d'aqui foram expedidos para Lisboa, e bem assim os nomes dos seus respectivos possuidores.

Estamos certos que, se o sr. Vilhena Barbosa dispensasse de mais tempo para a investigação de outros productos da arte antiga portugueza, teria occasião de proporcionar ao exame dos estrangeiros productos valiosissimos; o tempo, porém, já não sobeja, e o que foi colleccionado é testemunho sufficiente da nossa grandeza artistica.

Eis a lista dos objectos que de Guimarães, Braga e Porto são enviados a Londres:

Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães

1—Um calix de prata dourada, com os quatro evangelistas em pequenas medalhas esmaltadas; no pé, que é de grande ambito, o esmalte está muito imperfeito. E' attribuido a S. Torquato, que foi martyrisado no anno de 714 pelos arabes na sua invasão na Lusitania.

2—Calix de prata dourada, no estylo gothico do principio do seculo XVI, feito em Guimarães.

3—Grande cruz processional, de prata branca, no estylo gothico, tendo na base varios quadros de

baixo relevo representando os principaes Passos da vida de Christo. Terá de altura, cruz e base, metro e meio. E' feita em Guimarães por 1531 ou 1532.

4—Custodia de prata dourada, no estylo gothico, da mesma epocha, ornada com cinco campainhas, faltando-lhe uma para as seis que devia ter. Tem a data de 1534; foi cinzelada em Guimarães.

5—Cofre grande de madeira, forrado exteriormente de folha de prata dourada com obra de folhagens e fructos, destinado para encerramento do Santissimo em quinta-feira de Endoenças.

Sr. João de Castro Sampaio, director do Banco de Guimarães

6—Uma salva grande de prata branca, tendo no centro um quadro representando a fugida de Nossa Senhora para o Egypto, em meio relevo; em torno ha ornamentação de folhagens, flores e arabescos, tomando todo o resto da salva.

Sé de Braga

7—Calix muito pequeno, de prata branca, com lavores de silvados levemente esculpidos. Pertenceu a S. Geraldo, arcebispo de Braga, que baptisou D. Affonso Henriques, nosso primeiro rei.

8—Calix grande de prata dourada, no estylo gothico, ornado com seis campainhas. Tem a data de 1509. Foi mandado fazer e doado á Sé Bracarense pelo arcebispo D. Diogo de Souza.

9—Uma casula de um paramento de pontifical bordado a ouro, de mui alto relevo. As flores tinham no centro pedras preciosas e grandes contas de coral; das primeiras restam os engastes, as segundas existem pela maior parte. Este paramento dizem que fôra doado á Sé por el-rei D. Manoel; e não se póde duvidar da sua muita antiguidade.

10—O frontal, com sua sanefa, pertencente ao mesmo paramento e bordado e guarnecido no mesmo theor.

11—Uma casula de lhama de prata, bordada a ouro no seculo passado pelas orphãs do recolhimento de S Caetano em Braga, vulgarmente denominado da Tamanca. Faz parte de um paramento de pontifical.

Paço archiepiscopal

12—Um quadro em marfim, feito da metade inferior de um grande dente de elephante. Terá uns 40 centimetros de altura por 25 de largura. Representa em alto relevo os principaes Passos da Paixão de Christo. Foi esculpido em Pangim, parece que na ultima metade do seculo passado.

Sr.ª condessa de Bretiandos

13—Um centro de mesa, de prata branca, com um grupo composto de Hercules decepando as cabeças da hydra da Lerna. Tem de altura uns 80 centimetros.

14—Um perfumador de prata branca, representando um grypho, cabeça meia de gallo, meia de dragão, cauda de dragão e o resto do corpo de ave, com azas moveis. Sobre o dorso uma grande abertura, com tampa lavrada e arrendada, e sobre esta uma grande argola com varios lavores. Tem o tamanho de um grande perú.

15—Um perfumador pequeno, em fórma de coração, com a tampa de flores e folhagens, com as aberturas necessarias para sahir o fumo e um cabo de madeira torneada. E' de prata branca.

16—Uma salva de prata branca, de mediana grandeza, tendo no centro um quadro em meio relevo representando o mar com um galeão á véla do principio do seculo XVII, e em volta ornamentação variada. Esta bandeja pertence á snr.ª D. Thereza de Bretiandos.

17—Outra salva, de igual tamanho, e do mesmo metal, com lavores de fructos e folhagens e no centro um quadro representando um coração com azas e por cima uma corôa real.

18—Uma bandeja pequena, de prata branca, oblonga e de quatro cantos, toda lavrada com folhagens e flores.

19—Uma grande bacia de barba, de uns 60 centimetros de comprimento, borda mui larga e n'ella uma cercadura de parras, uvas e outros fructos, em relevo um pouco alto, tambem de prata branca.

20—Um jarro pequeno de prata branca, com diversidades de lavores.

21—Outro jarro pequeno de prata branca, com lavores de prata dourada.

Sé do Porto

22—Uma custodia de prata dourada, no estylo gothico; tem na base o brasão de armas do bispo do Porto D. Diogo de Souza, que foi transferido para a Sé primacial de Braga, cuja capella mór reconstruiu nos principios do seculo XVI. Esta custodia seria feita por 1490 e tantos.

23—Um relicario de prata dourada, pequeno, no estylo gothico, com uma reliquia do Santo Lenho. Pertenceu ao extincto convento das religiosas de Monchique.

24—Porta de um sacrario, de madeira, revestida de um e outro lado de uma grossa chapa de prata lavrada; na frente tem um quadro com uma figura grande do Bom Pastor, de uns 22 centimetros em relevo alto; em torno do quadro ornamentação de differentes lavores. Na parte posterior a ornamentação é de folhagens e fructos em meio relevo. Esta porta e as paredes que compoem o sacrario pertenceram ao mesmo extincto convento, e pertencem agora ao thesouro da sé portuense.

25—Um calix de prata branca, guarnecido de esculpturas de prata dourada.

26—Um cofre grande de prata branca, todo guarnecido de lavores em relevo e bem cinzelados, obra do meiado do seculo passado, destinado ao encerramento do Santissimo na quinta-feira Maior.

27—Um missal com encadernação de prata branca, tendo nos angulos e no centro das capas diversos lavores, com a imagem de Nossz Senhora.

28—A estante do mesmo missal, de madeira, forrada de velludo carmezim e este todo coberto de folha de prata grossa lavrada de flores e arrendada. Este missal e estante pertenceram do extincto mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

29—Uma casula, pertencente a um paramento de pontificial, de *tissu* bordado a ouro, obra do seculo XVII.

30—Uma capa de arperges de gorgorão carmezim bordado a ouro e que faz parte de um paramento de pontifical, que costuma servir na festa de S. Pedro, e pertencente ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O bordado é rico, primoroso e originalissimo. Diz uma tradição que fôra bordado por um conego regrante do mesmo mosteiro. Parece obra dos fins do seculo XVII ou principios do XVIII. Acha-se no melhor estado de conservação.

Paço Episcopal do Porto

31—Custodia grande de prata dourada, adornada

com grande quantidade de esmeraldas, rubis, jacinthos, amethistas, e muita copia de pedras, que parecem ser pingos de agua. Tambem a ornamentam quatro columnas de crystal, guarnecidas de uma como rêde, tendo, nos remates de duas das columnas, rubis, e nos das outras duas esmeraldas. Na base tem quatro quadros de baixo e quatro estatuas de vulto inteiro nos angulos. O quadro da frente é uma pequena copia da ceia, de Leonardo de Vinci, e as estatuas dos lados dous anjos com thuribulos, na acção de incensar. O quadro do lado opposto representa o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes; as estatuas que avultam nos dous angulos symbolisam a Esperança e a Caridade. Por baixo da pyxide estão cinzelados em prata dourada, sobre fundo de agatha, o cordeiro, a arca santa e outros symbolos sagrados. Em outro lugar mais inferior a este estão symbolisados os quatro evangelistas: S. João pela aguia, S. Marcos pelo leão, S. Matheus pelo menino, S. Lucas pelo boi, todos esculpidos em prata. Coroa a custodia uma cruz formada por grandes amethistas e servem-lhe de base nos angulos quatro leões. Esta custodia é denominada «do Seminario»; foi feita no Porto em 1780 e tantos por um ourives, irmão de outro chamado João Francos, ambos ha muito fallecidos. Pertence á mitra.

32 – Uma casula, estola, manipulo, véu de calix e bolsa dos corporaes, de *tissu* de ouro, bordado a ouro, seda frouxa e contas de coral; sendo de ouro os troncos, de seda frouxa as folhas, e de coral as grandes flores. Este bordado é unico em Portugal E' um paramento dos bispos do Porto para missa resada na sua capella particular. Guarda-se no Paço, na sacristia da mesma capella.

Santa Casa da Misericordia

33—Um calix grande, de prata dourada, no estylo gothico, do começo do seculo XVI, todo coberto de ornamentação opulentissima, tendo na base imagens dos apostolos em meio relevo, alternadas com florões de prata branca. O restante do calix é ornamentado com muita diversidade de lavores de imagens, em meio relevo, e de outras de vulto inteiro, em nichos coroados de baldaquinos arrendados. Este calix tem duas patenas: uma, maior, com um pequeno quadro esmaltado no centro e em volta inscripções gravadas em latim, uma das quaes diz «Dona Melicia de Mello, abadessa eleita, mandou fazer este calix, em louvor de Deus.» A outra patena, que apenas toma a bocca do calix, é toda occupada com um quadro, de meio relevo, representando uma scena da idade média, em que figuram um soberano, com uma dama ao lado, sentados á meza e debaixo de docel: a meza coberta de pratos, de iguarias e calices: a um dos lados da meza uma figura de homem em pé; do outro lado um pagem, com um objecto de serviço na mão; adiante da meza, em pé, e em acção de se retirar, uma dama nobre, bem trajada; no pavimento dous cães; a meia altura de uma das paredes lateraes, uma tribuna e n'ella, uns quatro musicos tangendo trombetas.

34—Um calix, de prata dourada, mais pequeno do que o antecedente, no mesmo estylo gothico, que parece ser algum tanto anterior e menos ornamentado. A patena é muito parecida com a maior do primeiro calix.

Museu municipal

35 — Quadro de Vieira Portuense, representando Christo crucificado.

36 — Quadro grande de paisagem com arvoredo, do mesmo auctor; vêem-se no centro do plano varias figuras representando a fugida da rainha Margarida, mulher de Henrique VI, scena da guerra civil entre as duas casas de York e de Lencastre, denominada a guerra das duas Rosas por terem as ditas casas por divisa, uma a rosa branca e outra a rosa encarnada Este quadro foi feito para um concurso em Londres, onde obteve o premio.

37 — Quadro pequeno do mesmo auctor, que representa S. João Baptista mostrando o Messias.

Bibliotheca municipal

38 — Chronica por Duarte Galvão, manuscripta, em pergaminho, com illuminuras. E' em quarto grande, encadernada em couro com lavores relevados; tendo nos quatro angulos ornamentação caprichosa e arrendada, em metal amarello. Nos centros dos mesmos angulos, duas espheras armillares e duas cruzes da Ordem de Christo, emblemas de el-rei D. Manoel; e no centro as armas reaes do mesmo soberano.

Academia Portuense de Bellas Artes

39 — Um quadro pequeno, pintado a oleo em cobre, por Josepha de Ayalla, mais conhecida pelo nome de Josepha de Obidos, sua patria; representando o casamento mystico de Santa Catharina.

Sr.ª condessa de Rezende

40 — Uma salva grande, tendo no centro um quadro, em relevo alto, representando o rapto de Europa, em prata branca, e em volta toda a mais ornamentação composta de fructos, folhagens, flôres e aves, no mesmo relevo e em prata dourada.

41 — Outra salva, em tudo igual á anterior, menos no quadro do centro, que representa uma caçada de abestruzes, tambem em prata branca.

42 —Uma grande colcha da India, do seculo XVII, bordada a seda frouxa e a ouro, com retratos em uns grandes medalhões, tudo bordado em uma fazenda de acolchoadinho, sendo este feito a agulha.

Sr. Augusto Pinto Moreira da Costa

43 — Uma custodia de prata dourada, bem cinzelada, feita no Porto, na primeira metade do seculo XVIII.

44 — Um cofre de prata branca, todo lavrado e com alguns seraphins, feito igualmente no Porto e pelo mesmo tempo.

Sr. Martinho Pinto de Miranda Montenegro

45 —Uma salva de prata dourada; na borda relevos de mui phantasiosa invenção; o centro erguendo-se a bastante altura, lavrado com muita diversidade de lavores, para servir de assento a um jarro. N'essa parte mais elevada tem gravado o brazão de armas da familia do proprietario. Parece ser obra dos fins do seculo XV.

46 — Um jarro, de feitio elegante, todo lavrado em lavores subtis e levemente cavados, com duas lindas carrancas na origem da aza e na parte correspondente da frente.

47 — Uma colcha bordada a matiz, com folhagens, flores, aves e figuras de sêda frouxa sobre tecido de ouro.

Sr. Adriano de Moraes Pinto de Almeida

48 — Uma colcha, muito antiga, bordada a matiz, representando flôres, folhagens, aves, quadrupedes differentes e figuras humanas, sobre fundo de seda ferrete azul.—»

AGRADECIMENTO AO SR. CLÉMENT SIPIÈRE

O sr. Clément Sipière, presidente da Sociedade Academica Hispano-Portugueza de Toulouse, foi por esta encarregado de a representar nos Congressos-Prehistorico, e Litterario, celebrados em Lisboa no anno passado.

Na conta que dá, aos seus consocios, do desempenho da sua missão, elogia os srs. Andrade Corvo, e Carlos Ribeiro, presidente e secretario geral do conselho director do Congresso internacional de authropologia e de archeologia prehistoricas, pelo modo por que foi traçado e pontualmente executado o competente programma.

Rende homenagem a el-rei D. Luiz e a el-rei D. Fernando por terem presidido á abertura solemne dos Congressos, e animado os respectivos trabalhos; e encarece a illustração d'estas augustas personagens.

Recorda os banquetes a que foram convidados os membros dos Congressos por SS. MM., pela Camara Municipal, e pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, sendo sempre acolhidos e tratados com a maior cordialidade.

No tocante ás excursões scientificas a differentes localidades do paiz, dá testemunho da alegria e demonstrações de festa do povo, e da previdencia com que em toda a parte estava tudo preparado para obsequiar os sabios estrangeiros.

Por tudo exprime o sr. Sipière delicadamente o seu reconhecimento e viva sympathia.

Recorda e transcreve a excellente e muito festejada poesia em francez, do sr. Mendes Leal, intitulada:

La Bienvenue
Aux membres des deux congrès réunis à Lisbonne
Le 20 septembre 1880

Referindo-se ao Congresso Litterario, de que particularmente trata no primeiro relatorio, noticía que tal reunião tivera por objecto a propriedade litteraria, e a proposito d'esta o estudo da legislação internacional e das convenções diplomaticas respectivas.

Presidira o sr. Louis Ulbach, distincto homem de lettras, e foi secretario geral o sr. Lermina, fecundo romancista.

Reproduz o programma do Congresso, aponta as memorias e relatorios apresentados, e regista as conclusões a que se chegou, depois dos trabalhos que duraram desde 20 a 29 de setembro.

Apresenta o sr. Sipière uma resumida noticia de Portugal, sob o ponto de vista agricola, mineralogico, industrial, commercial, militar, e naval.

Louva os progressos que a imprensa tem feito entre nós; avalia em cem o numero dos respectivos estabelecimentos privados. Tece elogios á Imprensa Nacional de Lisboa, á da Academia Real das Sciencias, e á da Universidade de Coimbra. Faz especial menção do estabelecimento do sr. Lallemant.

Exhibe uma resenha dos nossos principaes estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos; sempre de um modo lisongeiro.

Enumera alguns dos portuguezes illustres nas sciencias, nas lettras e nas artes, que deixaram bom nome nas paginas da historia.

Encarece a nossa organisação de beneficencia, affirmando que temos um consideravel numero de estabelecimentos de caridade, e de associações de previdencia.

Não lhe esquece apontar o mui tocante titulo de — *Anjo da Caridade* — que o povo deu á excelsa rainha, a senhora D. Maria Pia.

O sr. Sipière descreve, a largos traços, mas com enthusiasmo, as *bellezas pittorescas, e as curiosidades archeologicas*, que elle diz se encontram a cada passo em Portugal.

Menciona a Torre de Belem, a egreja dos Jeronymos, da qual apresenta notaveis gravuras.

Exalta o *panorama* admiravel de Lisboa, edificada em amphitheatro sobre diversas collinas que dominam as margens do Tejo.

Chamam a sua attenção o Palacio da Ajuda; outros edificios e egrejas; as collecções diversas do Palacio das Necessidades, do Museu do Carmo e do Visconde Daupias.

Cintra, Mafra, Coimbra, Porto, Braga, Evora, Santarem: são prazenteiramente commemoradas pelo sr. Sipière.

Obrigado a correr ainda mais veloz do que o proprio sr. Sipière, dou-me pressa em assignalar os termos em que o estimavel estrangeiro põe o remate á sua *noticia*:

«Terminarei, senhores, este relatorio com o elogio do paiz que pretendi descrever-vos. A antiga Lusitania conserva ainda a sua originalidade peculiar, as suas feições pittorescas. Os habitantes são affaveis, graciosos para com os estrangeiros, e por toda a parte os acolhem bem. A belleza dos panoramas, o valor dos monumentos antigos e modernos que se encontram, um clima dos mais felizes: tudo, emfim convida o viajante a visitar Portugal.»

Pareceu-me que não devia ficar sem agradecimento a benevolencia de um estrangeiro, que nem uma só palavra menos agradavel profere contra nós; antes, generoso e delicado, deixa no escuro as imperfeições que acaso teve occasião de notar.

José Silvestre Ribeiro.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O MONUMENTO DE MAFRA

About ten miles to the right of Cintra is the palace of Mafra, the boast of Portugal, as at might be of any country in point of magnificence without elegance.

BYRON.

FACHADA

Eis o ponto vulneravel do monumento, e o alvo de todas as invectivas:— bem conhecido pelas photographias e pelas gravuras, é geralmente accusado de feio, pesado e severo em todas as suas fórmas. — Não sabemos que se lhe tenham notado outros defeitos; e algumas licenças que ali se encontram passaram despercebidas.

É certo que o observador sente uma impressão desagradavel quando se acha em frente da grande massa, cujo aspecto é frio e desconsolador. Murphy, Byron, Raczynsky, e tambem homens nacionaes muito respeitaveis, o censuram acremente — até mesmo madame Rattazzi o não poupou — e sobre o pobre abandonado teem chovido anathemas de que elle difficilmente poderá livrar-se.

Temos fallado do edificio e descripto algumas partes essenciaes d'elle, e essas são admiradas por todos os visitantes, porém a fachada... oh! a essa não se perdoa; mas ninguem nota que o observador não tem nm ponto conveniente onde collocar-se para dominar o collosso, e d'ali poder com o raio visual abranger o grande todo. Nos desenhos não parece elle tão feio nem tão severo.

O viajante que tem admirado, saboreado, por assim dizer, as bellezas das cathedraes gothicas, os que teem apreciado a nossa Batalha, não podem conformar-se com a austeridade das linhas rectas do edificio de Mafra. E por que se não ha de attender ás épocas da feitura d'esses monumentos, ao estylo caracteristico e predominante de então, e assim dar a cada um o que lhe pertence?

E' bem sabido que, pela catastrophe de Alcacerquibir, a arte caira no definhamento em Portugal: a decadencia da monarchia, a sujeição a Castella e a guerra de tantos annos, lançaram no paiz a perda do bom gosto e o retrocesso da architectura: foi a ostentação de D. João V, animada pelo ouro das minas do Brazil, que, produzindo o acto arrojado da fundação de Mafra, abriu a porta a uma nova época de florescencia para as artes, que são sempre o reflexo do estado de um povo.

O architecto, João Frederico Ludovice, seguiu o gosto do seculo — não se duvida — mas, além d'isso, parece-nos tambem ser elle dominado por um temperamento melancolico. Nas artes, como nas

letras, o genio do homem revela-se. Estudando bons modelos e aproveitando muito de outros edificios, Ludovice traçou a fachada da egreja pela de santa Ignez, da praça Navona, em Roma; mas em Mafra modificou a a seu gosto, elevou o frontão e, tornando-a assim mais elegante, o perystilo ficou mais desaffrontado e livre, e as torres sobresaem mais donairosas — na verdade são duas pyramides muito esveltas. Os corpos, porém, que se projectam aos lados e terminam nos torreões, são de tal uniformidade que, comparados com a fachada da egreja, tornam-se monotonos. Os torreões, nos extremos da grande linha, são grandiosos, mas, como as pyramides nas solidões do Egypto, causam sensação desagradavel — chega-se a ter medo de estar junto d'elles; observados, porém, de longe, o effeito é diverso, e as cupulas estabelecem judicioso contraste com as torres e a formosa cupula do zimborio. Ora, aquelles dois corpos são creação especial de Ludovice: é, pois, por elles que nos podemos convencer da existencia do seu temperamento grave e sombrio. O homem poderia ter creado cousa mais leve e engraçada: o seu genio não lh'o consentiu; mas que elle era mestre, isso não se contesta, não obstante a desabrida opinião de Murphy. O espirito da época — como dissemos — tambem o pedia, e os homens a quem se apresentaram diversos projectos da edificação, feitos por Juvara e Canevari, não obstante, diz-se, serem taes projectos mais engraçados, optaram pelo plano de Ludovice; — se elles revelavam mais sciencia, não sabemos.

O nosso pequeno estudo servirá de explicar as gravuras e os desenhos que são bem conhecidos, e descrever o melhor que podermos essa parte do edificio que primeiro se apresenta, e que tão desfavoravelmente tem sido avaliada; não iremos de encontro á opinião geral, mas pedimos mais circumspecção no modo de ver e apreciar, e talvez a opinião geral se modifique. Se ha juizos severos como os de Murphy, Byron e outros, como os ha de alguns dos nossos patricios, a quem respeitamos, tambem ha a favor o de Wolkmar Machado, que, como mestre, o soube apreciar d'esta forma:

«As ordens de architectura são regulares, nobres, elegantes e pouco alteradas. Na jonica moderna da fachada seguiu o auctor a modinatura de Vignola, á excepção das bases e da faxa dos denticulos em que imitou a de Collossio, e accrescentou alguns ornatos ao capitel de Scamozzi: deu ao entablamento a quinta parte de toda a columna, segundo o systema de Palladio. Na ordem superior, que é a composita, seguiu tambem o Vignola, trocando sómente os logares do oviculo e gola reversa. Esta ordem decora tambem as torres e todo o circuito da egreja; mas quando chega ao frontão faz uma discreta mudança em toda aquella magestosa peça apresentando, em vez dos dentellos, lisos modilhões, os quaes não saem á frente da corôa, mas occupam sómente a metade do seu soffito: cousa de que ha um exemplo no frontespicio de Nero, imitado em parte por Palladio e Scamozzi. Seria superfluo e enfadonho fazer uma analyse de todas as ordens; bastará dizer que a dorica dos atrios poderia sustentar-se ao pé das boas cousas antigas. Ella imita em todas as molduras e nas geraes porporções o que Vignola extrahiu do theatro de Marcello. È muito para notar a excessiva e escrupulosa attenção que os homens grandes teem dado a todas estas cousas, e o pouco caso que fazem d'ellas aquelles que nem são grandes nem pequenos.»

Eis o juizo de Wolkmar Machado.

A linha da frente do edificio, cuja projecção horisontal mede 220 metros, é composta da fachada do templo, ladeada pelas duas torres, e do palacio que, prolongando-se aos lados das torres, é ornado pelos torreões que ficam nos pontos extremos da linha. A fachada do templo, centro da grande massa, e toda de calcareo branco, está assente em um plano 3^m,7 acima do solo, e alli convergem tres escadarias lançadas da frente e dos dois lados: tem a fachada um soberbo perystilo formado por seis columnas jonicas de 8^m,8 de altura, que descançam em soccos proporcionaes á sua grandeza, dividindo os tres arcos magestosos que constituem o portico do vestibulo do templo: por traz das columnas ha pilastras collocadas nas devidas distancias. Nos intercolumnios estão duas pequenas portas, e são todas fechadas por grades de ferro de bom trabalho: sobre as columnas do arco do centro, assente em airosa misula, descança a varanda da casa denominada de *benedictione*, cujo taboleiro mede 8^m de comprimento por 4^m de largo e 0^m,68 de espessura; 22^{m3} proximamente, tres janellas de 5^m,3 de altura, coroadas por seus respectivos frontões, decoram este corpo, e são divididas por columnas compositas de 6^m,4 de altura; entre os capiteis veem-se anjos e flores de muito bom trabalho. Aos lados da janella do centro ha duas estatuas de marmore de Carrara que representam S. Domingos e S. Francisco. Sobre o entablamento, coroando toda a fachada do templo, ergue-se o grande frontão, de figura triangular, cuja base mede 20^m,8, rematado por uma cruz de ferro assente em pedestal de marmore. É uma peça respeitavel o frontão — todo guarnecido de modilhões, tem o fundo occupado por lindos festões e grinaldas circumdando o tympano, famosa lamina de jaspe de figura elliptica, cujo eixo maior mede 3^m,3, e apresenta em meio relevo a Virgem, o Menino Jesus, e Santo Antonio. O modelo do tympano, em gesso, existe em arrecadação e merece ser estudado, porque em verdade é um bello tra-

balho esculptural. Aos lados da cruz erguem-se sobre acrotéreos duas pyramides rematadas por fogareos.

As torres, finalmente, são o famoso ornamento da fachada do templo: mede cada uma d'estas duas formosas pyramides 68 metros de altura, tomada desde o solo; embora se confundam com o corpo do edificio até ao terraço, devem-se-lhe até ahi contar tres corpos distinctos. Na base tem um portico que dá passagem para os lados externos da egreja: o segundo corpo, que se confunde com o atrio, tem um arco egual aos do vestibulo, com balaustrada de marmore, e é guarnecido de pilastras jonicas de 4^{m},3 de altura — aos lados dos dois arcos apparecem em nichos duas estatuas de marmore de Carrara, uma das quaes é Santa Clara, e a outra Santa Isabel de Hungria — os nichos são coroados por frontões triangulares em cujo tympano ha uma cabeça de anjo. No plano do palacio está o terceiro corpo: tem uma formosa janella com sacada entre duas columnas e pilastras de ordem composita de 6^{m},4. Sobre o entablamento d'esta ordem assenta o primeiro corpo acima do terraço. É d'aqui que as duas pyramides se tornam notaveis pela graça e proporcional elevação.

N'este corpo, quadrado de 11^{m},4, pertencente á ordem attica, e onde se encerram os machinismos dos relogios e carrilhões, apparece o respectivo mostrador em um circulo de 4^{m},3 de diametro, guarnecido de festões e coroado por um frontão triangular. Em qualquer dos mostradores o ponteiro mede 2^{m},2, e cada uma das letras 0^{m},65.

O segundo pavimento acima do terraço, quadrado de 9,^{m}3, é guarnecido de columnas de ordem corinthia de 6 metros de altura — estão ahi alojados os sinos que formam o carrilhão. No entablamento d'este corpo assenta o terceiro de ordem composita quadrado de 7,^{m}2 por lado, e cujos arcos são divididos por columnas de 5,^{m}3 de altura — estão ahi os sinos para o serviço da egreja. Sobre a cimalha d'este corpo levanta-se a cupula que apresenta em cada uma das suas quatro faces uma abertura elliptica cujo eixo maior mede 2,^{m}6. Dos quatro angulos da cimalha eleva-se egual numero de pyramides rematadas em fogaréo, que dão muita graça a esta peça assaz elegante, coroada por uma esphera de 1,^{m}3 de diametro; no interior de cada uma das cupulas das duas torres estão os dois ultimos e maiores sinos.

Aos lados das torres prolongam-se dois corpos de alvenaria de 25,^{m}3, ornados de pilastras, com um pavimento terreo e dois pavimentos nobres encimados pelos mezzaninos, sobre que assenta o terraço guarnecido de uma balaustrada de marmore. N'estes dois corpos contam-se 112 portas e janellas. No centro do pavimento terreo vêem-se as duas entradas principaes do palacio, adornadas de columnas doricas, as quaes guarnecem as tres portas que dão ingresso para o vestibulo — duas pilastras aos lados erguem-se em toda a altura do corpo 27^{m}; — e fazem subir o terraço mais 1,^{m}8, tendo a elevação nos pontos extremos dois vasos de marmore de bonita fórma. O segundo pavimento comprehende casas de serviço da egreja ou do palacio; e o terceiro pavimento é o do palacio propriamente dito. Os mezzaninos. finalmente, dão certa nobreza á elevação total.

Os torreões collocados nos extremos da grande linha são dois soberbos collossos de marmore, de figura quadrangular, tendo cada um dos lados 26 metros na base, e terminam no terraço por uma varanda de balaustres: sobre a varanda eleva-se a cupula em fórma de corôa, na qual abrem janellas de figura elliptica, ornadas de frontões circulares. Em saguões, 3,^{m}8 abaixo do solo, assentam as bases dos torreões em talude, de ordem toscana. O pavimento que coincide com o plano terreo é ainda da mesma ordem; o segundo pavimento é dorico; e o terceiro de ordem composita é no plano do palacio, e contém os aposentos e camaras reaes. No entablamento d'esta ordem descança a cimalha guarnecida de denticulos, na qual se apoiam as varandas d'onde as cupulas se levantam como verdadeiras corôas. As janellas d'este ultimo pavimento são nobres e ornadas de frontões triangulares.

Na verdade são pesados os dois pavilhões, mas são imponentes. O observador, ao contemplar as duas massas gigantescas, duvida se se acha em frente de uma habitação real — considera-os um castello formidavel. Devemos, todavia, notar que, se as corôas não sobresaem de perto, é por que o não permitte o esvelto das torres e a graciosidade da cupula do zimborio que se descobre de lado: a belleza da curvatura d'esta tão interessante peça, encimada pelo lanternim, destroe o effeito de tudo quanto se acha junto d'ella.

Deve-se confessar, porém, que o edificio de Mafra é um edificio grandioso e tem elementos de proveitoso estudo. Desde o córte da pedra feito com todo o esmero, e em que se observam as melhores regras da arte, até aos rendilhados dos capiteis, dos arabescos e ornamentações, ha sciencia e valor artistico. O córte da pedra, que em tempos só era privilegio de um pequeno numero de constructores, devia ter sido para Ludovice um dos seus maiores cuidados.—As boas regras de De Lorme, ou de Mathurin servir-lhe-iam, talvez, e o tratado de Frezier não diz mais do que o que se acha na execução dos trabalhos nas torres, torreões ou zimborio; ainda assim Frezier é posterior á edificação de Mafra.

Se Ludovice não estabeleceu o bom gosto, introduziu no paiz regras solidas de architectura classi-

ca: tendo visitado os monumentos da Italia e estudado os bons mestres, escolheu de todos o que lhe convinha, soube modificar-lhes as liberdades sem offender as regras principaes, e do estylo modificado saíu Mafra. Se a fachada é severa e fria de expressão, devemos considerar que o architecto quiz alliar a realesa com a vida monastica; mas na sua obra apresenta uma base determinada de architectura, que consiste nas boas proporções e perfeita harmonia que constituem o grande todo. Se o seu projecto não prima em belleza, se não é tão festival como o de Juvara, é porque Ludovice, além do seu genio naturalmente triste, sujeitando-se ao pensamento dominante da epocha, teve de se amoldar aos habitos do povo, e d'esta fórma creou um typo de architectura nacional.

Diremos mais: Ludovice nem poderia em graciosidade competir com os seus contendores — o temperamento do homem do norte é bem diverso do temperamento d'aquelle que nasceu no Meio-dia: o artista de Ratisbona não podia ter o calor do artista italiano. Todavia o talento não se exerce somente nos paizes meridionaes; se Holbein e Durer, a exemplo de Rafael e Ticiano, tivessem estudado o antigo, seriam talvez maiores do que estes genios admiraveis; mas se o clima é uma das causas principaes da arte entre as nações, é tambem certo que, assim como os povos, as epochas do mesmo modo teem seu cunho e feição especial.

Tempos houve em que o gothico com todas as suas bellezas, leviandades e galanterias campeava; e não são das menos ricas e valiosas as construcções que o nosso paiz possue n'esse genero. Ali o architecto historiava e poetisava a seu modo. Porém o estylo que chegára ao mais alto grau de perfeição fôra pelo genio inquieto do homem levado a tal excesso que, perdendo a sua gravidade, as seitas desenvolveram-se, e a arte degradava-se dia a dia.

A architectura, que fôra um symbolo da theocracia, não poude mais subsistir em face da reacção moral inspirada por um sentimento de veneração pelas obras dos gregos e dos romanos. Os artistas, estudando os derrocados monumentos da velha Roma, crearam o estylo da renascença e lembraram as antigas regras fundamentaes da architectura dos dois povos. Será monótono esse estylo, mas não está sujeito aos caprichos do artista que muitas vezes excedia o seu melhor competidor, só pela novidade e phantasias de execução.

O socio

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

MONUMENTOS NACIONAES

E

Padrões Historicos e Commemorativos de Varões Illustres

E

QUE SÃO ELEMENTOS APRECIAVEIS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DAS ARTES EM PORTUGAL

(Continuado do numero antecedente pag. 87)

PRIMEIRA CLASSE

Monumentos historicos e artisticos, e tambem os edificios que sómente se recommendam pela grandeza da sua construcção, ou pela sua magnificencia, ou por encerrarem primores d'arte.

ALCOBAÇA	Mosteiro de Santa Maria........	Historico e artistico.
BATALHA	Convento de Santa Maria da Victoria..	» »
BELEM	Mosteiro de N. Sr.ª de Belem.......	» »
	Torre de S. Vicente de Belem......	» »
	Egreja de N. Senhora do Livramento e S. José — vulgarmente da Memoria	» »

[1] Vão designados pela ordem alphabetica das suas localidades,

COIMBRA	Mosteiro de Santa Cruz...........	Historico e artistico.
	Sé Velha......................	» »
	Paços da Universidade..........	» »
EVORA	— Templo denominado de Diana.....	Vae n'este logar por ser o mais notavel padrão da dominação romana.
GUIMARÃES	— Castello....................	
LISBOA	Aqueducto das Aguas Livres, na ribeira de Carenque..............	Um dos mais notaveis monumentos d'arte em Portugal.
	Egreja arruinada de N. Senhora do Vencimento do Monte do Carmo..	Fundação de D. Nuno Alvares Pereira, em cumprimento de voto pela victoria de Aljubarrota.
	Basilica do SS. Coração de Jesus....	Monumento d'arte de muita sumptuosidade.
	Egreja de S Vicente de Fóra........	Fund. de D. Affonso Henriques. Começado a reedificar por Filippe II de Castella e acabado por D. João IV.
	Egreja de S. Roque — capella de S. João Baptista	Esta egreja encerra bellos mosaicos, e nos seus paineis (egreja e sachristia) modelos dos trajos de todas as classes sociaes no seculo XVI.
MAFRA	Real basilica e convento de N. Senhora e Santo Antonio	Monumento grandioso e a sua egreja de verdadeira magnificencia artistica.
THOMAR	Convento da Ordem de Christo....	Um dos monumentos mais ricos de memorias historicas e de todos o mais rico de elementos para o estudo da historia das artes.
	Egreja de Santa Maria do Olival, matriz da Ordem de Christo.....	Fundação dos templarios anterior a 1162. Fabrica primitiva importantissima para aquelle estudo.

As cathedraes são todas, mais ou menos, monumentos historicos e artisticos. Para a sua conservação e reparação ha verbas especiaes dos seus rendimentos proprios, ou da consignação do thesouro.

Tambem se devem considerar monumentos nacionaes os palacios reaes. O de Cintra é rico d'arte e de memorias historicas. e assim os palacios de Queluz, das Necessidades, onde viveu e falleceu a primeira rainha constitucional dos portuguezes, além de outras memorias historicas; o palacio d'Ajuda, embora incompleto; e o de Villa Viçosa, construcção grandiosa e historica.

SEGUNDA CLASSE

Edificios importantes para o estudo da historia das artes em Portugal, ou sómente historicos, mas não grandiosos, ou simplesmente recommendaveis por qualquer excellencia d'arte.

AGUAS SANTAS *(Concelho da Maia)*	Egreja de N. Sr.ª da Espectação	E' de fundação anterior á monarchia. Pertenceu aos templarios.
ALJUBARROTA	— Ermida de S. Jorge	Fundada por D. Nuno Alvares Pereira em commemoração da victoria e do seu voto antes da batalha.
ALVITO	Castello ou palacio acastellado do sr. marquez d'Alvito.....	Este palacio, verdadeira fortaleza, foi começado em 1454 por Diogo Lopes Lobo, com permissão d'el-rei D. Affonso V. E' a unica residencia da nobreza que ha no reino, construida segundo o estylo e fórma dos castellos feudaes da edade media. Acha-se em excellente estado de conservação,
AVIZ	Egreja do extincto convento, cabeça da ordem militar de S. Bento d'Aviz...	E' historica, e apezar das reconstrucções conserva algumas partes apreciaveis.
AZURARA	— Egreja matriz................	Fundação dos principios do seculo XVI, obra d'el-rei D. Manuel.
BEJA	Egreja do convento de religiosas de N. Senhora da Conceição.............	Fundada em 1467 pelos infantes D. Fernando e D. Beatriz, que n'ella jazem, paes d'el-rei D. Manuel.
	Ermida de Santo André..	
BRAGA (*)	Capella de N. Senhora da Conceição na rua de S. João do Souto.....	Construcção do começo do seculo XVI, elegante, muito ornamentada e unica no paiz pela sua estructura.
BRAGANÇA	(Nas suas visinhanças) Ruinas do mosteiro de Castro d'Avelans...	Antiquissimo mosteiro benedictino, abandonado e começado a arruinar no reinado de D. João III.
BUSSACO	O Deserto da Ordem Carmelitana descalça em Portugal.............	O convento com as capellas na mata constituem um monumento historico apreciavel, porque a lucta de gigantes, entre a inquisição e o marquez de Pombal, teve ali o seu derradeiro acto com a prisão, durante 18 annos, do inquisidor geral, D. José de Bragança, e seu irmão D. Antonio, filhos legitimados d'el-rei D. João V.

(*) Os seus monumentos epigraphicos pertencem a outra classe, e os que são simplesmente religiosos não teem logar n'este catalogo,

Localidade	Monumento	Observações
CAMINHA	Egreja matriz — Nossa Senhora da Assumpção	Começada em 1488, e concluida nos principios do seculo seguinte. E' um dos mais formosos templos gothicos que ha no paiz.
CASTELLO DE VIDE	Porta de Aramenha	Curiosa porta da cerca de muros.
CASTRO VERDE	Egrejas de N. Senhora dos Remedios e Chagas de S. Salvador	Construcções commemorativas da batalha de Ourique em 1139.
CINTRA	O mosteiro, hoje paço de Nossa Senhora da Pena	Fundado por el rei D. Manuel em 1503.
	Ermida de N. Senhora da Peninha	Edificada no seculo XVII sobre um pincaro da serra de Cintra, junto ao Cabo da Roca. No exterior, de construcção humilde, é rica no interior, pois que as suas paredes são de mosaico, em marmores de variadas côres.
COIMBRA	Egreja do Salvador	Fundação do seculo XII por vezes reconstruida parcialmente.
	Arco de Almedina	Era uma das portas da cerca da cidade. Por esta e outras razões é monumento historico.
	Egreja velha de S.ta Clara em ruinas	Fundação da rainha Santa Izabel.
	Egreja e côro do convento de Santa Clara	Fundada no seculo XVII. No côro das freiras está o rico mausoleu que foi da rainha Santa Izabel.
	Egreja de Santa Justa	Apezar das reconstrucções, conserva feições da fundação primitiva, do seculo XII, e como a do Salvador, não é falta de memorias historicas.
	Egreja de S. Thiago	
EVORA	Restos dos paços reaes	Historico.
	Egreja de S. Francisco	Como obra notavel de architectura.
	Ermida de S. Braz, proximo da porta do Rocio	Pela sua estructura, flanqueada de bastiões e coroada de ameias.
	Antigo Collegio dos Jesuitas (edificio do governo civil, etc.)	Um dos mais vastos edificios do reino: foi assento da Universidade de Evora, e como tal padrão da grande lucta da Universidade de Coimbra com os jesuitas. As columnas que sustentam os 40 arcos do claustro, foram tiradas do templo romano do deus Endovelico, em Terena; e as 4 da porta do refeitorio eram do arco triumphal romano da praça de Evora.
	Egreja—Scala Cœli, da extincta ordem de S. Bruno	Construcção sumptuosa de D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora, no seculo XVI.
GOLLEGÃ	Egreja matriz	Edificada no principio do seculo XVI.
GUIMARÃES	Egreja de N. Senhora da Oliveira	Conserva no exterior algumas partes importantes da reedificação d'el-rei D. João I. No interior acha-se a pia em que foi baptisado D. Affonso Henriques. O claustro é muito anterior ao seculo XIV. A torre dos sinos, com a sua capella no pavimento baixo, é muito curiosa.
	Egreja de S. Miguel do Castello	Pequeno templo, onde foi baptisado D. Affonso Henriques no anno de 1109, por S. Giraldo, arcebispo de Braga.
	Padrão em frente da Egreja	E' fundação de el-rei D. Affonso IV.
	Restos dos paços dos duques de Bragança	Começados no seculo XIV por D. Affonso, conde de Ourem, depois 1.° duque de Bragança. E' um vastissimo edificio muito interessante para o estudo da construcção das habitações dos grandes senhores e dos costumes n'aquella época.
ILHAVO	Ermida da Fabrica de Porcelanas da Vista Alegre	Esta ermida é magnifica e encerra um sumptuoso mausoleu do seu fundador, o bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, fallecido no fim do seculo XVII.
LEÇA DO BALIO	Egreja de Santa Maria de Leça	Muito notavel specimen de construcção religiosa e militar. Reedificação do seculo XV.
LISBOA	Egreja da Conceição Velha	O portal e janellas eram da sumptuosa egreja da Misericordia, fundada por el-rei D. Manuel e destruida pelo terremoto de 1755.
	Egreja de Santa Engracia, por acabar	Este templo, exteriormente de uma architectura pesada, é no interior formoso, elegante e riquissimo. O seu destino actual é uma vergonha para o paiz.
	Egreja de S. Pedro de Alcantara. Capella no adro, dos Santos Verissimo, Maxima e Julia	O templo foi construido pelo marquez de Marialva, o heroe das linhas d'Elvas e de Montes Claros. A capella é apreciavel obra de arte, com excellentes mosaicos. Fundou-a no começo do seculo XVIII D. Verissimo de Lencastre, inquisidor geral, cardeal, etc.

LORVÃO — Egreja do mosteiro	Não obstante achar-se desfigurada da sua fabrica primitiva pelas differentes reedificações que tem tido, deverá conservar-se pelas muitas memorias historicas que lhe dizem respeito.
MONTALEGRE — Egreja de S. Vicente da Chã.	Fundação do seculo XI. O frontispicio é da fabrica primitiva. O resto é reedificação moderna.

(Continúa)

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

AS CAVERNAS

Quasi todos os antiquarios que tinham procurado esclarecer a mysteriosa questão, — *qual teria sido a primitiva habitação do homem ?* — não haviam tentado fazer explorações para assentarem com fundamento a sua opinião, contentando-se apenas de terem visto superficialmente poucas *cavernas*, que haviam sido remotamente habitadas, ou meramente se referiam a algumas descripções incompletas, ou contentaram-se de examinar alguns fragmentos de objectos n'ellas encontrados, muitas vezes ficando duvidosa a sua procedencia; portanto as suas conjecturas não eram sufficientemente scientificas para nos instruirem. Será pois este nosso estudo baseado sobre investigações feitas por archeologos em grande numero de grutas e em diversas localidades, sendo o resultado obtido proveniente de factos bem positivos, colligidos por descobertas recentes nas quaes se encontraram vestigios evidentes da primitiva industria humana, deixados n'essas cavernas.

As principaes cavernas estão quasi sempre situadas sobre os flancos das montanhas, alguns metros acima do nivel dos rios. A abertura ou entrada fica quasi sempre voltada para o sul.

Para gente que trazia o corpo pouco coberto era forçoso escolher uma favoravel exposição para achar calor, ter habitação secca para a salubridade, e egualmente ter proximo agua para as necessidades usuaes da vida.

As grandes cavernas teem quasi todas abobodas bem altas e mais de uma saida, além da entrada principal; mas no caso de defeza contra as féras, podiam as outras ser tapadas com os pedregulhos, que se encontravam com facilidade na base das collinas; o que faz suppôr fossem removidos pela mão do homem, postoque pareçam estar ahi accidentalmente.

Costumam ter ás vezes uma abertura circular na aboboda que corresponde á parte opposta da entrada da caverna, a qual teria servido, em caso de alerta ou de guerra, para poderem entrar n'ella occultamente; ou para sairem, afim de procurarem abastecimentos, ou para fazerem reconhecimentos. Posto que se não note haverem vestigios de trabalho de homem n'essas aberturas, talvez aproveitassem qualquer fenda que tivesse a rocha para lhe facilitar o trabalho para o fim indicado.

A impressão que se experimenta entrando n'essas grutas naturaes ou artificiaes, produz tal sensação, que surprehende e aterra. Tem o grandioso de um verdadeiro palacio de aspecto imponente, composto e ornado unicamente pela natureza. Quando alli se praticam escavações, depois de se tirarem algumas pás de terra, apparecem abundantes vestigios deixados pelos seus primitivos moradores, e fazem despertar as recordações de um passado tão remoto; sente-se uma pessoa opprimida por um sentimento de profunda veneração, pensando que essas antigas abobodas haviam dado abrigo a muitas gerações extinctas; tendo resistido contra os elementos, contra os ferozes animaes que as cercavam de todos os lados; e até mesmo, contra os seus proprios similhantes, — pois infelizmente os homens em todos os tempos se guerrearam, tanto no seu estado de rudez, como depois de civilisados; parecendo ser mais uma fatal sina o destruirem-se reciprocamente, do que o resultado da sua ambição e da sua antipathia.

O solo superficial das cavernas é quasi sempre composto de uma terra solta, que se similha muito á cinza; pelo motivo de ter o chão sido muito calcado, e refeito por todas as gerações que se substituiram; não se encontrando nenhuma outra terra de egual qualidade, nem por cima, nem por baixo de outra qualquer camada dentro das cavernas; facto que se tem verificado repetidas vezes. Encontram-se já n'essa primeira camada de terra alguns silex lascados em forma de ponta de lança e de frechas; quasi sempre apparecem quebradas e confundidas com diversos fragmentos.

É n'esta camada e na parte superior que se encontram os machados de pedra polida, que são attribuidos geralmente aos celtas, povo muito posterior áquelle de que tratamos n'este logar: pois os celtas julga-se terem habitado a Europa treze mil annos antes da nossa era; não sendo agora do nosso proposito occuparmo-nos de similhante questão.

As diversas partes do terreno de que é composto o solo das cavernas não apresentam sempre camadas similhantes; se ha algumas que são inteiramente *diluvianas*, ha' tambem outras que apresentam menos esse caracter; postoque se encontrem n'esses mesmos sitios, sem haver todavia signal algum de se ter remechido os terrenos, objectos eguaes aos existentes nas camadas do sedimento *vermelho*.

Em uma d'essas cavernas exploradas, na parte situada por baixo da abertura circular, que teria servido de respiradouro e para a entrada occulta, encontrou-se primeiramente uma camada de terra solta, que se assimilhava á cinza, conhecendo-se com evidencia ter sido já remechido esse terreno, causado unicamente pelo pizar dos habitantes que successivamente viveram dentro da caverna. Debaixo d'esta camada acham-se ás vezes, até chegar ao rochedo em que ella assenta, areias encarnadas argilosas, de mistura com *silex rodados*, que caracterisam o *diluvio superior* nas nossas regiões. Quando se diz *diluvio superior*, significa que esta camada está sempre de tal maneira sobreposta ás areias diluvianas envolvidas com *pedaços erraticos* que é impossivel dar-lhe uma formação synchronica; sendo essa argila que veda as mais das vezes as fendas do calcareo jurassico das nossas regiões. Ainda que ficasse cheia em uma epocha de inundação, não continha comtudo as differentes materias que se havia julgado (sem maior attenção) pertencerem ao mesmo cataclysmo; conforme se verificou depois pela reunião de factos, e pelo estudo das substancias mineraes e de outras que se encontraram nas diversas camadas do *diluvio*. É pois impossivel deixar de admittir ter havido varias repetições de um phenomeno, que apresenta resultados tão oppostos. Se fosse a mesma causa que tivesse entulhado as cavernas, porque não se encontram algumas cheias com essas areias rigidas, aridas, e silex tão fortemente gastos e roçados, contendo egualmente pedaços erraticos? Unicamente por este modo se constituem os terrenos diluvianos, positivamente assim chamados; os quaes existem em tantas regiões differentes: faremos mais algumas considerações a este respeito, quando tratarmos dos objectos da industria humana achados n'esses depositos *avermelhados*.

N'essa camada bem caracterisada que acabamos de mencionar, se encontra um silex lascado, e alguns fragmentos de queixadas, dentes, e outros ossos de especies que se julgou serem de veado ou de cavallo; bem como armas de veado encravadas em silex; porém na referida camada não appareceu nenhum osso preparado pela mão do homem. Por baixo d'este primeiro leito, appareceu uma galeria de alguns metros, cheia até á abobada de pedras soltas, talvez sendo isso proveniente das pedras da mesma caverna, ou tiradas dos arredores, e deitadas alli umas por cima das outras n'uma epocha, relativamente menos antiga.

Appareceu tambem uma porção de estalagmites da grossura de 15 a 20 centimetros, os quaes continham no interior grande quantidade de bellas frechas de silex lascados, faxas, raspadeiras, estando tudo misturado com quartzos e muitos ossos de animaes. A camada que estava por baixo, era composta de um sedimento *amarellado*, differente do primeiro encontrado; apparecendo n'elle grande quantidade de fragmentos da propria rocha, com as arestas angulares, mas nenhuma *rodada;* essas arestas tão vivas, como se as pedras tivessem sido quebradas dias antes e fossem enterradas poucos dias depois: além d'isto, appareceram outros objectos eguaes áquelles encontrados dentro das stalagmites. Finalmente, tendo-se profundado até á rocha, encontrou-se ainda um outro sedimento *avermelhado*, contendo alguns silex e poucos ossos. Foi á entrada d'um corredor estreito, situado na parte interna da grande caverna, onde se achou essa porção de ossos apresentando um trabalho tão curioso pelo seu feitio, como se vê nos *desenhos expostos no museu* que os representam.

O logar em que se descobriram estes ossos parece ter sido escolhido de proposito; fazendo suppôr que os homens que alli os deixaram, deviam tel-os ahi posto de preferencia, quando habitaram a referida caverna; pois d'aquelle logar podiam ver o sol durante o dia para se occuparem d'esse trabalho; em quanto que, se tivessem escolhido o lado opposto, pouca claridade teriam. Comprehende esse espaço uma superficie de 1 metro de largo por 10 metros de extensão, e fica em frente das duas aberturas, ou pequenas cavernas lateraes.

Além das grandes pedras cahidas da rocha, vê-se cinzas com alguns ossos e silex; ha muitos outros fragmentos da rocha sem estarem envolvidos nem *rodados;* e ás vezes estando sómente separados por algumas infiltrações de terra solta. Na segunda camada é aonde se encontra o *silex* e alguns ossos principiados a preparar. A camada que lhe fica superior passa insensivelmente para esta, onde os fragmentos da rocha estão envolvidos no sedimento *amarellento manganesifero*. Foi ahi que se acharam quasi todos os ossos *com desenhos*, assim como dois fragmentos de uma *mandibula humana* tendo cinco dentes; foi no sedimento *avermelhado*, no qual appareceu não só o *silex rodado*, como o *lascado*, e alguns ossos.

Como se poderiam ter enchido estas cavernas e em que epocha? conforme indicam os quatro perio-

[1] As vistas d'estas cavernas estão expostas no Museu do Carmo.

dos bem distinctos, depois da perfuração da mesma caverna?

A camada mais profunda do sedimento *encarnado* estando misturada com *silex rodados*, corresponde ás outras camadas que se teem encontrado em diversas partes; ficando immediatamente por cima das areias *diluvianas*, caracterisadas pelos ossos de elephantes, etc.

O sedimento *amarello* era aquelle que tinha a camada com maior grossura; sendo de presumir, que a raça a mais industriosa dos differentes habitantes das cavernas, seria aquella que *precedeu* a formação d'esses depositos.

Quanto tempo decorreu depois, entre este periodo e a conglomeração das stalactites? Ninguem o poderá saber; porém o exame d'esses calcareos faz suppôr, que desde o principio da sua formação fôra proveniente de extraordinarias causas. Porque á superficie do sedimento *amarello* encontraram-se muito grandes fragmentos de estalactites quebradas; egualmente acharam se ainda outras pegadas á rocha, as quaes eram todas formadas de um calcareo *espathico com grandes facetas*. Ora para que isso se produzisse, seria preciso tempo, e uma atmosphera *bem saturada de acido carbonico*, afim de poder o *calcareo crystallisar-se*, e adquirir *grandes massas transparentes*. As estalactites e as estalagmites que se formam actualmente, não nos apresentam senão zonas concentricas, pouco ou nada cristallisadas, e formadas evidentemente em outras condições do que foram aquellas que descrevemos. Pode-se acreditar, que em seguida a esses depositos do sedimento *amarellado*, sendo bastante favoravel para a vegetação, houvesse então extensos bosques, que tivessem pouco tempo depois coberto o solo, e ahi causariam os effeitos proprios, isto é, uma excessiva humidade e *chuvas diluvianas*.

As aguas d'essas chuvas sem duvida se infiltraram lentamente, mas sem interrupção entre as rochas, e produziram essas estalactites, da mesma maneira como se formam ainda hoje; porém em menor escala. Como tambem ha a notar que em contacto com a rocha e do sedimento *avermelhado*, não se encontraram nenhuns outros vestigios, é de presumir que n'esta epocha as chuvas foram posteriores ás outras, e que por muito tempo continuaram.

A Europa devia estar então coberta de florestas e aguas estagnadas, que fariam o seu clima frio e humido; pois foi sómente no seculo IV que se emprehendeu fazer as arroteaduras em grandes extensões, afim de conseguir seccar a terra sufficientemente para n'ella se plantar a vinha.

Os ossos com que se fizeram os instrumentos de diversos feitios, que se acharam mettidos nas estalagmites podiam ter sido deixados á superficie do sedimento *amarello*, e por essa razão terem ficado agglomerados.

Mas por que motivo se encontram dentro das cavernas tantos ossos de raças extinctas, mostrando-se n'elles *obras de mão de homem*, patenteando-se por esta maneira a prova da sua industria?

Explicam os archeologos este caso por differentes conjecturas; uns suppõem terem as aguas dos diluvios arrastado os sedimentos para dentro d'essas cavernas trazendo pela mesma occasião os ossos! Outros julgam que foram animaes carnivoros, que dentro d'ellas haviam devorado as prezas que apanhavam! Finalmente para conciliar as diversas opiniões, attribue-se aos homens que vieram posteriormente ao soterramento dos ossos, se tivessem servido d'elles para fazerem as armas de defesa!

A primeira hypothese é assaz singular! Como seria possivel fazer-se essa selecção para ajuntar tão grande numero de cadaveres sendo arrastados pelas correntes caudalosas, (não havendo signal algum de que ellas invadissem os terrenos, innundando-os em vagas encapelladas), e poderem soterrar todos elles assim misturados?! Reflectindo que a agua tinha n'aquella occasião bastante força para reduzir grandissimos pedregulhos de calcareo a rijos seixos, gastos pela violenta fricção de sua veloz corrente, teria porventura poupado esses frageis ossos e podel-os-hia *depositar intactos* sobre uma camada de sedimento! Esta these é absurda.

Quanto aos que consideram ser isso o resultado de terem as feras accumulado alli durante tantos seculos os ossos das presas que tivessem devorado, e que depois serviria de arsenal ás tribus que vieram mais tarde occupar essas mesmas cavernas; talvez se poderia admittir essa ideia fazendo-lhe todavia algumas restricções, se por ventura não houvesse uma prova evidente, que todos esses ossos, sem nenhuma excepção, (pois isso foi verificado no maior numero das grutas), apresentavam signaes bem patentes de haverem passado pela mão de homem; e serem todos ossos compridos e nenhum pertencente aos ossos chatos; além de estarem quebrados no seu comprimento, talvez para lhe tirarem o *tutano*, como se suppõe ter sido aproveitado para alimento: mas sobre tudo, por mostrarem haverem sido escolhidos para com elles se fazerem instrumentos e armas, visto que quasi todos estavam rachados em forma triangular, similhante ao feitio das frechas de silex, que se encontraram juntamente com os mesmos. Observando-se o seu feitio, tão apurado e tão caracteristico na sua fórma, acredita-se que fo am com premeditada intenção quebrados por aquelle modo; tanto mais isso parece ter fundamento, que, depois do mais escrupuloso exame, se descobriu serem todos esses ossos de fórma aguda, mar-

cados com uma especie de gravura de pontinhos em uma das suas extremidades. Muitos mostram ainda assignalados os signaes dos instrumentos cortantes de que se serviram para os dividir.

Para provar que tambem não era um deposito d'ossos anteriores á epocha em que os habitantes podessem trazel-os para alli, pela sua fractura que foi examinada com toda a attenção, conheceu-se que fora praticada sobre *ossos mais recentes;* porque a fractura n'este caso mostra as arestas muito mais vivas; o granito proprio da textura ossea apparece puro e distincto, como é natural da tenacidade de um osso fresco, pois contém ainda toda a sua gelatina, e por isso conserva melhor as linhas, os pontos, os desenhos que se lhe gravarem; e apresentará essa nitidez de contorno, como appareceu sobre os objectos descobertos, o que nunca se poderia ter obtido sobre qualquer osso estando privado da sua materia animal. Quando agora se quebra algum d'esses ossos, a fractura é baça e se desbagua; se se lhe traça sobre elle qualquer linha com um ponteiro agudo *esquilla-se* immediatamente estalando lateralmente, e fica o desenho cheio de rebarbas, com a apparencia embaciada; sendo pois por todos esses indicios mui facil de distinguir o trabalho que foi executado sobre um osso recentemente tirado do animal.

Mas de que modo se poderá comprehender o ter-se achado a extraordinaria quantidade de instrumentos de todos os feitios, empregando-se para este trabalho os paus dos veados ou dos rangiferos?! Os ponteiros encontrados têem de comprimento 15 a 20 centimetros, e são por tal fórma agudos, que se não poderia ter conseguido, (com toda a certeza,) se fossem preparados de ossos antigos, afim de lhes dar a solidez precisa para os usos a que deveriam servir.

Alguns auctores de grande nome, tendo analysado os craneos pertencentes á raça que teria habitado as cavernas n'aquella epocha, concordam que seria de mais limitada intelligencia. Esta opinião é baseada sobre o estudo craneologico, e sobre o exame que se fez das armas de pedra, unicos objectos que poderam chegar até aos nossos dias, depois de terem estado expostos ás terriveis catastrophes que os occultaram debaixo do solo. Ora, quando se compara o silex do *diluviano inferior* (chilivium cinzento), com aquelle das cavernas, reconhece-se que são absolutamente da mesma qualidade, salvo os caracteres especiaes que lhe terá imprimido a violencia do phenomeno que os depositou n'essas camadas arenosas. Partindo d'esta observação, é muito natural de inferir, que sendo similhantes aos instrumentos de pedra, elles fizessem como haviam praticado os habitantes posteriores das cavernas, fabricando egualmente com os ossos as suas armas, porque teriam sido destruidos os outros pelo movimento rapido das correntes. Em se examinando com todo o cuidado o que nos deixaram n'esses museus subterraneos os seus ultimos habitantes, vemos que sem ter feito grandes progressos, pelas comparações recentemente feitas com os depositos menos remotos, elles tinham já, não obstante o seu inferior desenvolvimento, mais algumas idéas artisticas, tendo-as manifestado com mais ou menos habilidade: portanto examinando-se os silex os mais perfeitos, conhecer-se-ha, que foram escolhidos mui judiciosamente, preferindo sempre o silex de qualidade mais rija, e que fosse perfeitamente homogeneo. Em seguida, conforme um uso tradicional, o qual variava em cada região, elles os dividiam por uma serie de fracturas habilmente combinadas, de maneira a lhes dar a conformação exigida; fazendo-se isto unicamente com o auxilio de outros silex difficeis de manejar; já se vê, não se podendo obter um resultado bem satisfactorio n'este trabalho, como teria acontecido empregando-se as ferramentas de metal. Fez-se uma vez uma curiosa experiencia a este respeito; no logar em que havia uma grande industria para se preparar as pedreneiras para as antigas espingardas, incumbiram a varios operarios os mais habeis para imitarem os antigos instrumentos feitos com o silex; não obstante serem as suas ferramentas mais apropriadas, *não lhes foi possivel a nenhum d'elles conseguir fazel-o, não obstante trabalharem todo um dia;* e o pouco que executaram não se podia *comparar á perfeição dos objectos encontrados nas cavernas!*

Causa admiração que essas tribus ficassem por tanto tempo sem obterem nenhum outro progresso na sua industria; porém convém notar as immensas difficuldades que as cercavam de todos os lados; causadas pelos movimentos do globo, os diluvios, inundações, que deveriam ser tão frequentes n'essa epocha; como se reconheceu a prova dentro dos terrenos quaternarios, apparecendo os vestigios de tres ou quatro revoluções successivas, as quaes deviam ter transtornado tudo.

Os animaes tambem lhes faziam a guerra em toda a parte. É pois facil comprehender que, expostas em taes condições, pouco socego e tempo teriam para pensar em outra cousa, que não fosse nas necessidades mais attendiveis, e na sua propria segurança: portanto não são tanto para desdenhar esses ensaios da industria primitiva, e calculando se o tempo que nos foi necessario para conseguir o auge a que chegámos da nossa civilisação; posto que auxiliados com todos os conhecimentos que nos legaram os nossos antepassados, e assim como pelo longo periodo do repouso geologico que temos gosado ha tantos seculos, não é para estranhar o haver ficado estacionario o seu desenvolvimento industrial.

São de diversas qualidades os silex que se encontram nas cavernas desde o *silex pyromaco* (pedreneira para as espingardas) o mais transparente até ao seixo mais grosseiro. Alguns parecem mesmo verdadeiras agathas ; havendo-os de todas as côres ; branco, cinzento, amarello, encarnado, pardo e preto. Para os celtas poderem reunir tantas variedades, seriam obrigados a ir procural-as a grandes distancias, visto que nas cercanias d'esses refugios não se acham silex de todas essas differentes qualidades.

Encontrou-se tambem muitos pedaços de *micaschistas*, não rodados, mas em pequenas laminas ; indicando estarem ha immenso tempo debaixo do solo : appareceram n'aquelle logar já em decomposição, desfazendo-se em pó apenas se lhe tocava. Como eram todos *quartzosos*, deviam ter servido a polir e a desbastar os instrumentos de ossos ; tanto assim é, que muitos d'elles apresentam os regos produzidos pela fricção d'esses objectos.

Uma cousa excessivamente curiosa foi o ter apparecido um fragmento de um dos páus de um gamo pequeno, estando ainda pegado ao craneo a que pertencia ! Estava furado e cheio de um *pó de côr encarnada muito viva*, que pela analyse se conheceu ser *oxydo de ferro muito puro e muito dividido*. A cavidade não tinha mais de um centimetro de diametro, e o pó pesava quasi duas grammas. Suppõe-se que fosse para pintar o corpo : mas porque acaso possuiam um mineral que não se havia ainda descoberto n'aquella localidade? Admira e surprehende !

Os ossos tirados das diversas camadas e em differentes sitios das cavernas, variavam extraordinariamente uns dos outros pela sua composição. Em alguns apparecia a materia organica quasi toda em estado de gelatina ; em outros pelo contrario, apenas alguns vestigios. Os primeiros tinham a apparencia d'ossos estando enterrados ha muitos seculos ; em quanto os outros eram tão friaveis, como são os ossos calcinados, sendo impossivel de os confundir tanto por causa da sua côr, como pela sua conservação.

Será facil de comprehender esta circumstancia, attendendo qual era o logar em que estes ossos se achavam desde tanto tempo soterrados, e que deveria influir consideravelmente sobre a sua composição : havendo-se notado uma particularidade, que as camadas argilosas que formavam a base dos sedimentos, isto é, os mais antigos, foram aquellas em que se conservam melhor esses ossos !

Outro objecto excessivamente curioso era um bocado de marfim tendo sido serrado sobre tres faces e já mostrando o começo de o prepararem para servir de ponteiro chato, havendo conservado ainda as arestas bastante vivas ; o que prova terem-no *serrado logo depois de ter sido arrancado* : portanto os animaes que davam este producto existiam ao mesmo tempo no paiz, do mesmo modo os operarios que deram principio a fazer o trabalho para que estava destinado.

Um instrumento bastante exquisito, o qual era provavel ter servido muitas vezes, ao qual se dá o nome de *raspadeira*. Muitas foram achadas *encavadas nos paus de veados*, e da maneira como estavam postas, era evidente servirem só para raspar.

Os objectos de silex que se designam pelo nome de faca, teem geralmente de comprido 10 a 15 centimetros, estando muito afiados os seus gumes : mas raras vezes apresentam a ponta aguda, porém são terminadas em fórma curva ou recta. A applicação que se suppõe a essas folhas cortantes, é confirmada pelo facto, que o menor numero são encontradas em roda do recinto que havia servido para algum festim : espaço circular cercado de pedras toscas, apparecendo dentro d'elle cinzas, carvão, ossos e grande quantidade d'essas facas.

Quando alguns d'estes instrumentos estavam já com a aresta imperfeita, e mesmo sem estarem fóra de uso, formavam com elles *serras*, fazendo lhe com muita delicadeza os *dentes*, com os quaes serravam os paus dos veados.

Passando a examinar os seus utensilios feitos d'ossos ou com os paus do ar ; conhece-se que a maior parte foram cortados de armas dos veados, ou gran-besta. Tomavam um bocado qualquer, o qual era primeiramente serrado longitudinalmente até á parte medullar interna, de maneira a formar cinco ou seis pedaços sobre o comprido, sendo depois divididos conforme o uso para que era destinado, tomando se a precaução de o preparar de modo, que a parte superficial formasse sempre a ponta, deixando a parte esponjosa para o lado opposto, com o fim, sem duvida, de evitar que esses instrumentos escorregassem menos das mãos, quando trabalhassem com elles.

Estes furadores conforme a sua fórma, não se lhes pode suppôr outro uso senão o de fazerem os buracos nas pelles que serviam para cobrir as pessoas : assim como as agulhas feitas com este producto, acham-se em bastante quantidade e quasi todas perfeitas ; eram fabricadas com bocados compridos dos paus de veados, tendo 5 a 25 centimetros e muito agudas, e apresentam um rego em todo o seu comprimento, para n'elle ficar mettida a grossura da tira de couro com que se coziam as pelles e poder passar ao mesmo tempo com a agulha no buraco que esta fizesse. Na extremidade opposta a ponta das agulhas é achatada e retalhada com muitas linhas em sentido transversal, com o fim de as poder segurar melhor nas mãos.

Em quanto ás armas servindo de punhaes, esco-

hiam para ellas os ossos dos cavallos por serem mais sólidos; a ponta era extremamente aguda.

Os desenhos com que foram ornados differentes objectos, são todos indicados por uma maneira indecisa nas suas formas; devendo se considerar que esses trabalhos provém apenas do capricho individual de um selvagem ocioso querendo ornamentar os seus utensilios ao seu modo, ora fazendo-os em zig-zags, ora em triangulos. Em alguns indicam ovaes apparecendo assim a origem primitiva d'esses ornamentos de architectura, conforme lhe permittia a sua habilidade n'essa execução do mesmo desenho que apparece representado na louça de barro; assim como diversas figuras, taes como a configuração da lua, o *principal feitiço* dos adoradores d'esse planeta: egualmente o sol, tão venerado no reino de Oude, reputando-se os habitantes serem seus filhos! A simultaneidade d'estas duas imagens, que são positivamente obra contemporanea, faria acreditar que os dois cultos tiveram os seus adeptos no mesmo paiz; e pela occasião da emigração ou da separação em diversos ramos d'esta mesma raça, fôra conservada em differentes partes a sua adoração. Ha com egual fundamento a supposição a respeito da representação de *serpentes com aureolas*, fazendo lembrar o culto dos *nagas*, como os indios ainda o adoram debaixo d'essa forma.

Todas estas figuras, assim como muitas outras, não são mais do que a representação dos objectos, os quaes elles tinham sempre presentes á sua vista. Os desenhos parecendo querer representar a figura humana são parecidos com os mônos que as creanças costumam riscar nas paredes, apresentando dois olhos sobre uma face de profil, com os dedos da mão espetados e o cabello parecendo espinhos sobre a cabeça.

Sobre outro osso appareceu representado um cavallo, ainda que mui grosseiramente indicado; assim como um passaro de fórma pouco distincta com as azas fechadas. Porém o mais original é um quadrupede com o feitio d'um saco tendo o fundo redondo, mostrando o focinho parecido com o do tapir. Pode-se suppôr com mais razão que esses desenhos imitam os animaes que lhe serviram para o seu sustento, do que julgar serem obras de fantasia, pois mostraria assim a pobreza da imaginação dos seus auctores.

J. P. N. da Silva.

AGRICULTURA PREHISTORICA

Tive a honra de receber do meu distincto e illustrado amigo D. Juan Vilanova y Pera, Catedratico da Universidad Central, um folheto com o titulo— Agricultura Prehistorica, Conferencias por D. Juan Vilanova y Pera. — No verso da primeira folha lê-se o seguinte, escripto pelo proprio punho do meu sympathico e respeitavel amigo: — A D. Francisco José de Almeida—*recuerdo* de J. Vilanova.—Considerei o presente valioso e de interesse, e a lembrança amavel e obrigante. Agradeço, portanto, como devo, ao meu erudito amigo, tão elevados favores, dizendo-lhe agora com todo o respeito e amizade *Beso á Usted las manos.*

As conferencias de que consta o folheto, achei-as tão interessantes para a historia da Agricultura, e tão adequadas á sciencia archeologica, que pensei fazer um extracto da sua publicação em portuguez seria util a uma e outra cousa, e a sua leitura agradavel ás pessoas curiosas e entendidas na materia. — Roguei por isso ao meu amigo licença para traduzir e publicar as suas interessantes conferencias. A resposta não se fez esperar e a concessão foi feita com a mais elevada e delicada galanteria.

O encargo que o meu enthusiasmo me fez emprehender, era decerto superior ás minhas forças, para bem poder desempenhal-o. Confiei convicto no aforismo — querer é poder — e sem attender á escassez dos recursos, só vi a abundancia dos meus bons desejos, que me animaram a pôr mãos á obra, contando tanto com a indulgencia do sr. Vilanova, como dos meus illustrados consocios e patricios.

Lisboa, 2 de julho de 1881.

F. J. de Almeida.

PRIMEIRA CONFERENCIA

«Senhores — Um dever de cortesía, mas nem por isso menos imperioso, me obriga a dirigir algumas phrazes a este respeitavel auditorio antes de principiar a conferencia que me proponho a apresentar-vos hoje; phrazes que no meu entender estão intimamente ligadas com o futuro da nossa agricultura, ácerca da qual todos somos interessados: attendendo á importancia do assumpto, abrigo a convicção de que tereis a amabilidade de ouvir-me por alguns minutos, que a elle consagrarei, limitando-me quanto possivel para não abusar da vossa benevolencia.»

«Contribuamos todos, cada qual na esphera de seus desejo e aptidões, a fim de realizar tão elevados propositos, certos que por este caminho ha vemos de conseguir o exito dos nossos trabalhos e desejos que não são outros senão ver a patria prospera e feliz.

Cumprindo este sagrado dever de cortezia, darei principio á conferencia a que me proponho, destinada a profundar os obscuros começos da Agri-

ultura, cujo brilhante futuro já se antevê entre nós, craças ao solemne acontecimento que deu motivo a stas desalinhadas, porém sinceras, palavras de inroducção.»

«Obrigam-me a proceder assim as minhas nauraes affeições, de inquirir o estado primitivo e ncipiente do globo, tanto em relação ao seu estado organico, como ao mineral, encarregado como estou, ainda que sem merecel-o, do ensino da historia terrestre vae para mais de 30 annos; não é isto dizer que me tenha conduzido por um espirito mesquinho até ao ponto de applicar este criterio ao movmiento intellectual e a cantar glorias e render tributo ao passado, em detrimento do presente, pois que isso seria insensato em quem o intentava, e com certeza não é de crer se procurasse fazer-me digno de tão dura qualificação. Ao contrario, estou convencido, senhores, que o verdadeiro modo de tornar intelligivel um assumpto em toda a sua amplitude, é applicar ao seu estudo o methodo comparativo ou historico, a que todas as sciencias naturaes e suas applicações tambem devem os verdadeiros adiantamentos até hoje conseguidos, em virtude do que não deve admirar que, convencido de taes principios, me esforce ou pretenda n'estas conferencias conduzir-vos por caminhos pouco trilhados, até chegar á origem da Agricultura, para que por tal modo, enlaçando o antigo com o moderno, resulte um quadro do seu desenvolvimento, o mais exacto e completo possivel.

Por outro lado deve tambem ter-se em vista que a historia de qualquer ramo de saber, até certo ponto, se assemelha a um rio, que só remontando até a sua origem ou nascimento, se consegue formar d'elle conceito.

Estudando tão sómente o presente, construe-se um edificio sem os verdadeiros e solidos cimentos, circumstancia menos a proposito por certo para tranquilisar-nos em excesso, pelo que respeita á sua solidez e duração.

Representa com effeito a sciencia o mesmo que a arte, seja pela applicação d'aquella ou de qualquer outra das actividades humanas, uma serie de verdades e deducções, constituida por uma multiplicidade de fins que obedecem a um systema determinado que se chama rasão da serie. Pois bem, principiando o desinvolvimento d'esta por qualquer dos pontos que não seja o inicial ou interrompendo-a por deficiencia de conhecimentos, acontecerá que não encontreis a unidade que serve de medida aos *terminos seriaes*, impossibilitando-vos de toda a explicação racional, pelo motivo de se ignorarem os antecedentes, em virtude do procedimento não só dos consequentes, senão tambem do conjuncto harmonico que a sciencia offerece á contemplação e estudo do homem.

Aqui está, senhores, como insensivelmente, e pela força do raciocinio mais legitimo, chegamos ao ponto em que desejo e rogo, se fixe muito especialmente a vossa attenção não tanto pelo que modestamente vos posso dizer de novo e interessante ácerca dos tempos pre ou antehistoricos como pela transcendencia e alcance a que nos levam notaveis estudos, com relação aos primeiros passos do homem na superficie do planeta que a vossa preclara intelligencia comprehende, supprindo-se assim a escassez dos meus conhecimentos.

Tinha-se erigido um sumptuoso edificio destinado a conservar cuidadosamente, e com universal respeito todos os acontecimentos conhecidos que synthetisam o que se chamava e continua a chamar, historia humana. Obreiros infatigaveis haviam accumulado as mais apreciaveis materias, habeis architectos apresentaram os seus planos e projectaram o edificio, e a humanidade estava satisfeita pela sua obra, pois até a via completada pela mãe de todas as sciencias, a sublime philosophia, com quanto alguns se atrevam a fazer d'ella um mau uso, professando a doutrina *post hoc, ergo propter hoc*.

Luminosas intelligencias intervieram na obra: não obstante porém a idéa que da historia se tinha formado, isto é, que esta devia abranger a vida toda da humanidade, desde que o homem appareceu no mundo até aos nossos dias, nem colleccionadores de materiaes, nem os que souberam ordenal-os, para formar um todo uniforme e magestoso, nem mesmo os proprios philosophos que descobriram as leis que presidiram antes e governam hoje as actividades proprias da nossa especie, comprehenderam a serie, na sua totalidade, pois, se exceptuarmos a narração moisaica exclusivamente limitada á historia do povo hebreu, ainda que se tomem as cousas desde a sua origem, vê-se que todos deram começo ao edificio para assim dizer desde o primeiro pavimento principal, ou talvez mesmo desde o segundo, deixando um vacuo tão enorme, que não é arriscado assegurar que o desconhecido da nossa historia somma, sobretudo na questão de tempo, infinitamente mais do que o registado e perfeitamente adquirido.»

«Serviam-se antes de incertos e ambiguos cimentos da historia, manifestações tão vagas como as da fabula da mythologia e da tradicção: d'ahi resultou, como não podia deixar de succeder, a mais espantosa confusão de ideias e ignorancia a mais absoluta no tocante ás origens e aos primeiros passos do homem sobre a terra.»

«Foi necessario que outra historia porventura mais positiva, a da terra, ainda assim recentemente conhecida pela insufficiencia dos estudos, viesse desvanecer todas aquellas descabelladas invenções, substituindo

os nebulosos cimentos da historia taes quaes deviam antes ser considerados, por outros que, sendo fundados em factos positivos e perfeitamente averiguados, offerecem uma tal solidez que bem pode affirmar-se, sem temor de ser desmentido, que de hoje avante os materiaes depurados de toda a ficção que servirão a completar o edificio, offerecerão todas as condições de solidez, duração e estabilidade que podem desejar-se.

Da introducção da geologia na historia humana, surgiu um ramo de saber, a que se entendeu ser conveniente dar o nome de *pre* ou *antehistorico*, palavras que no seu sentido genuino poderão ser consideradas como improprias. por quanto não se trata, na sciencia a que as applicam, de nada que seja anterior á existencia do homem; não deixam ellas comtudo de involver uma significação transcendente, sendo a sua missão inquirir as origens da nossa especie e de todas as actividades, cujo ulterior desenvolvimento constitue o verdadeiro progresso.

Deve attribuir-se mais propriamente, a incompatibilidade, se a ha, no sentido d'essas expressões, ao conceito incompleto, que até ao presente se havia formado do que se chama historia ; pois se esta se houvera considerado sempre na sua totalidade, attendendo ao desenvolvimento do homem desde o seu principio, teria vindo em seu auxilio a sciencia geologica a demonstrar que,onde finda a historia terrestre,principia a historia humana, sem necessidade de inventar nomes que, se alguns se julgam pouco exactos e inadequados á ideia que pretendem exprimir, de tal maneira estão hoje universalmente admittidos pelos homens de sciencia com applicação á linguagem scientifica, a livros, a folhetos, memorias, museus e assembléas scientificas, que não é humanamente possivel substituil-os por outros mais proprios e significativos.

¿A que se propõe, pois, a nova sciencia? Indagar as origens do homem, a sua remota antiguidade, e os primitivos desenvolvimentos da civilisação, registando para isso não os archivos dos carcomidos e empoeirados pergaminhos, mas sim as ultimas camadas terrestres, onde se conservam com a mais escrupulosa fidelidade os venerandos restos dos nossos antepassados, e os inequivocos testemunhos da sua primitiva industria.

Têem demonstrado esses recentissimos estudos, pois que apenas datam do diminuto espaço de tempo de quatro lustros, que o homem é muito mais antigo do que vulgarmente se julgava, e que, nos seus primeiros passos pela terra, a sua vida foi tão pobre e miseravel, como aquella que actualmente arrastam as tribus errantes, que, por uma especie de anachronismo inconcebivel, permanecem todavia em estado selvagem.

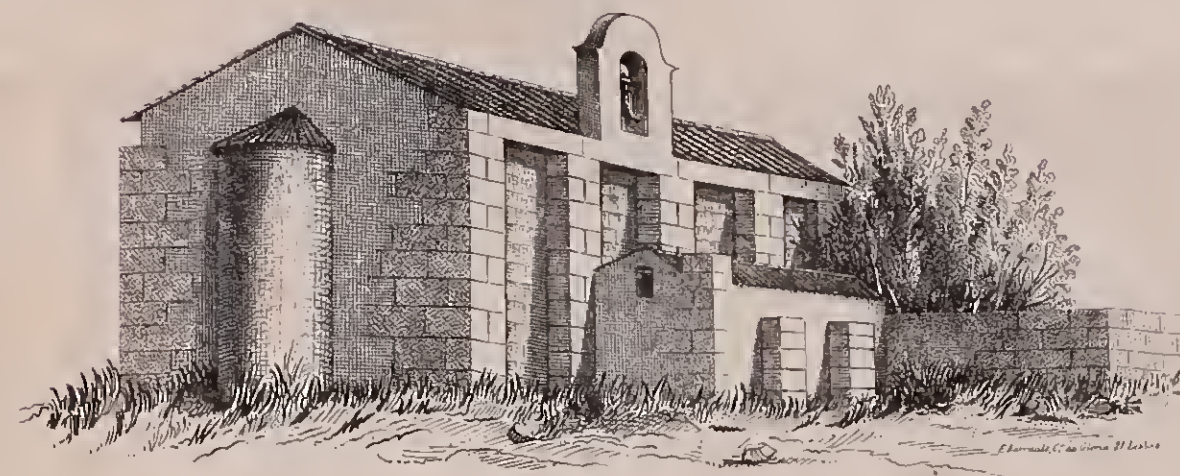
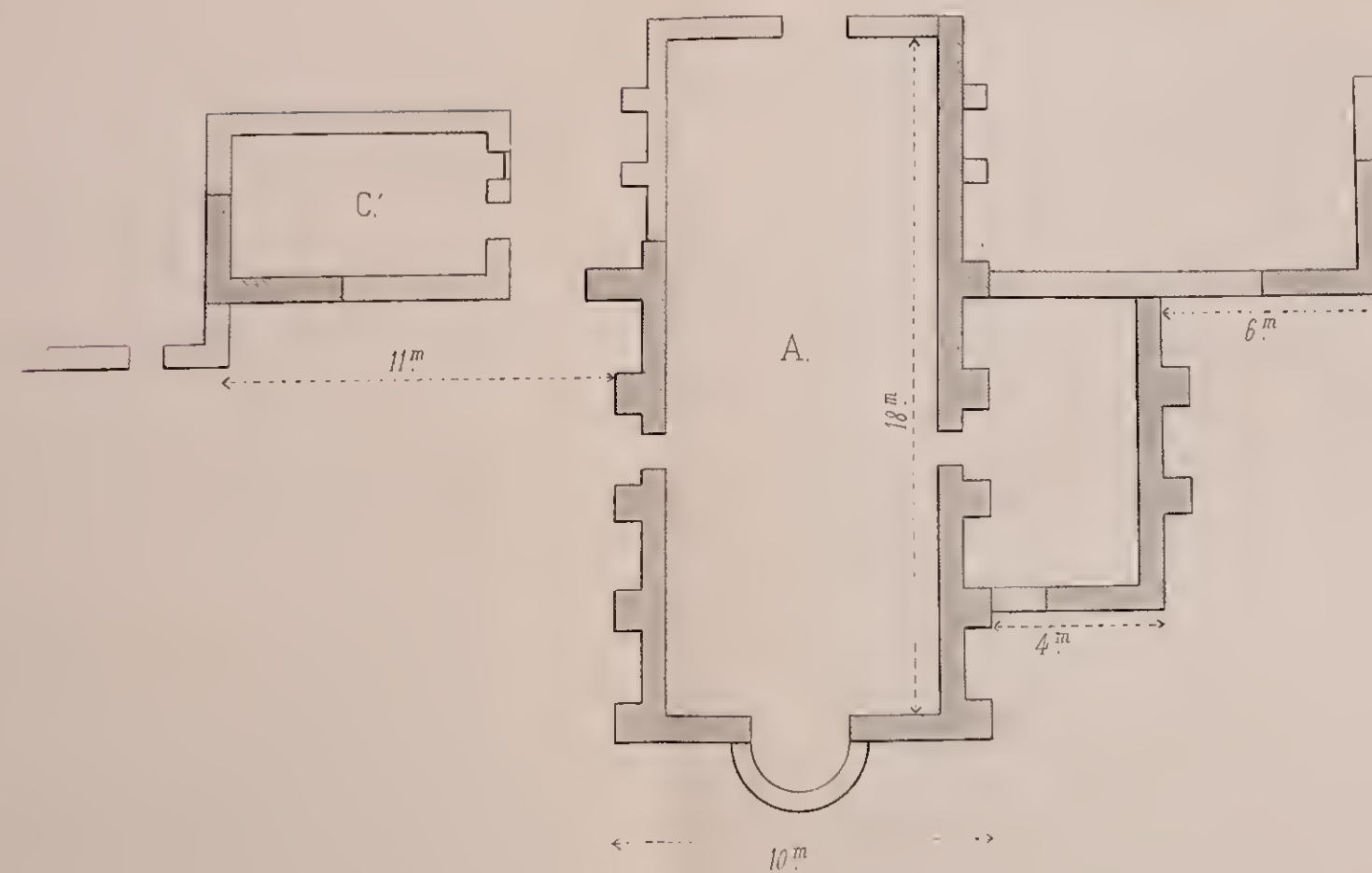
Attestam estes dois factos capitaes dois conhecimentos da maior importancia, pois que se os restos humanos perfeitamente fosseis e sua associação com os animaes extinctos respondem sem genero algum de duvida pela sua notoria antiguidade, por outro lado, os instrumentos toscos, primeiro de pedra, depois de osso, e por ultimo de metal, justificam da maneira mais evidente o segundo extremo, isto é, o estado physico, e o grau de intelligencia que caracterisa os aborigenes de todos os povos.»

«A agricultura, senhores, disse uma auctoridade por todos os titulos respeitavel, [1] é a mãe de todas as civilisações, principiando por firmar d'uma maneira permanente o elemento fundamental de todas ellas, a saber, a familia, pois que, com quanto não seja desconhecida a sua existencia em povos que não são muito agricultores, segundo se observa ainda hoje nas tribus errantes, e hordas guerreiras, a verdade é que da familia, em taes circumstancias organisada, pouco, para não dizer nada, tem que esperar a verdadeira civilisação. A familia nasceu, se assim é permittido dizer-se, no dia em que o homem imitando certos phenomenos naturaes, depois de pacientes e infructuosos ensaios, conseguiu produzir o fogo e conserval-o, constituindo o lar que serviu em rigor como o verdadeiro nucleo ou centro de attracção, em roda do qual se agrupam os individuos que a compõem segundo a ordem gerarchica que lhes corresponde.

Mas este elemento de vida e de progresso, possue-o tambem o selvagem errante e embrutecido, do qual nenhuns progressos tem recebido a humanidade; era pois necessario outro factor para que a familia adquirisse a sua verdadeira importancia, contribuindo assim os adiantamentos que a especie humana estava encarregada de realisar. Pois bem, esse poderosissimo agente foi a agricultura, visto que o homem, desde que começa a cultivar o solo se identifica com elle, que lhe proporciona alimento para si e para seus filhos, e participando das propriedades do terreno que beneficia, se torna tenaz, paciente e pacifico, detestando a guerra que destroe tudo quanto elle com nobre afan e previsão tem sabido juntar.

De paes a filhos, de seculos a seculos, o agricultor oppõe á violencia e á devastação uma resistencia passiva que acaba por cançar e sujeitar as mais firmes vontades, e até por vencer os mais orgulhosos e soberbos conquistadores.

Elles luctam até com os proprios elementos destruidores impondo-se as mais terriveis privações para reconstruir a casa que o fogo destruiu, ou para refazer o campo cuja terra foi arrastada aos leitos da terrivel estrada ; qualidades inestimaveis e todas

[1] *Elisée Reclus* — La terre. T. II, pag. 643.

Planta e o prospecto da Egreja Sta Anna-do-Campo em Evora.

Estampa 39.

ellas necessarias, para realisar a base da formação dos povos, senão da verdadeira civilisação.

A agricultura deve pois considerar-se como a base mais segura, e a mãe de todas as civilisações.»

«Sendo assim, e quando impulsados pela nova sciencia se buscam com tão nobre afan as origens de todos os povos, como começo da sua historia, e o ponto de partida de todos os ramos que constituem o actual surprehendente estado de civilisação, ha de parecer porventura estranho, que indaguemos qual foi a origem e os primitivos desenvolvimentos d'aquella que por sua propria indole é a mãe de todos os progressos? Por modo algum, antes ao contrario opino que é um assumpto da maior importancia, que todos estamos obrigados a exaltar e a ennobrecer, mesmo porque é a verdadeira mãe de todos.»

«Esta revista retrospectiva, ao mesmo tempo que nos colloca em condições de apreciar em toda a sua atitude a serie de progressos com os quaes a agricultura tem chegado ao florescente estado em que hoje a vemos, ha de contribuir tambem a desvanecer erros, ou pelo menos a illustrar certos pontos de geographia, botanica e zoologia, com referencia a certas plantas cultivadas, e algumas especies animaes, as quaes, encontrando-se na Europa desde tempos muito anteriores ao estabelecimento de relações commerciaes com a Asia — é claro que se não pode attribuir a sua origem ao extremo oriente.

Como prova palpavel do que acabo de dizer-vos, vou citar-vos tão sómente um exemplo, o dos animaes bem conhecidos como efficazes auxiliadores do homem.

Acreditava-se e assim o affirma a historia, que o bufalo fôra importado na Italia em tempo dos Imperadores romanos; e sem embargo, o achado d'esta especie de bois em estado fossil na formação diluvial, muito anterior á formação de Roma, mostra claramente que tinham vivido na Europa muitos seculos antes.

Outro tanto acontece na America com respeito ao cavallo cujos restos fosseis, encontrados na famosa formação *del legamo de las pampas*—dão a esta especie uma antiguidade tal, que indubitavelmente foi contemporaneo, senão foi anterior ao homem primitivo d'aquelle continente, e que tanto impressionou, como sabeis, a vista dos primeiros conquistadores montados, a quem consideravam como seres phantasticos, formados d'uma só peça cavallo e cavalleiro, erro para elles fatal, que só se desvaneceu quando uma flecha derrubou o primeiro soldado de cavallaria.»

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA PERTENCENTE A ESTE BOLETIM

Não é sómente o famoso Templo de Diana em Evora que Portugal possue de antigas construcções romanas; ha ainda outros vestigios architectonicos no districto da provincia do Alemtejo, deixados pelos vencedores de Viriato e Sertorio; posto que sejam da mais modesta fabrica, todavia as suas ruinas conservam o caracter peculiar da architectura d'aquelle povo que engrandeceu com edificios notaveis esta antiga capital da Lusitania, *Liberalitas Julia*, tão celebre por ser municipio do antigo *direito latino*.

A egreja da freguezia de Sant'anna do Campo na comarca de Montemór-o-Novo, concelho de Arraiollos, fica situada a 16 kilometros de Evora na antiga estrada que ligava Evora a *Scalabis*, estando isolada esta igreja em campina e cercada de charnecas que lhe dão aspecto singular; havendo-se aproveitado, para a sua fundação, parte das antigas construcções romanas formadas por grandes silhares. bem faceados com filetes nas suas arestas para formarem fundo ás faces da cantaria. Comprehende o edificio a egreja e a sacristia; e em separado, a habitação para o sacristão, como se vê na estampa e nas vistas; desenhos do socio o sr. Gabriel Pereira.

Pela invasão dos germanos, entre as cidades destruidas, foi tambem *Calantica*, da qual se tem descoberto vestigios á distancia de cinco kilometros d'estas ruinas, que se suppõe terem pertencido a um templo romano cujos paredões foram aproveitados para fundar a egreja d'esta freguezia. Em alguns dos silhares ha inscripções, como:

AFCA—NANII—TERMELAVS
CARNEO—CALATICE

e muitas outras.

Pelos vestigios das paredes, mostra-se que este Templo era formado por duas naves que se encruzavam ao meio d'ellas para lhes dar a configuração de quatro braços eguaes na direcção dos quatro pontos cardeaes. É de suppor que a Divindade estaria collocada no quadrado da parte central do templo; o qual era decorado por pilastras em entablamento, mas pouco existe da fachada, e mesmo das paredes ha sómente parte de tres dos seus lados, estando o do lado norte destruido.

Para a primitiva egreja aproveitaram o braço do lado sul, havendo-lhe ajustado no topo uma parte curvilinea afim de collocarem o altar.

Quando em 1730 acrescentaram esta egreja, como se vê indicado na planta pela tinta mais clara, encontraram-se sepulturas com vasos lacrimatorios.

E' de singular effeito a vista d'este modesto edi-

ficio religioso encravado nas construcções colossaes romanas; produz um estranho contraste com o acanhado campanario que indica n'esta solidão a casa de Deus! todavia é assás pittoresca a reunião de estas duas fabricas de epocas differentes e de consagração tão diversa, que nos conservam para a arte e para a archeologia exemplos de curioso estudo e não menos para cogitações historicas: portanto são estas ruinas de grande interesse, devendo cuidar-se na sua conservação.

Na habitação para o sacristão mais saliente se torna o contraste com a obra moderna, dando muito mais importancia ás grandes ruinas pertencentes a esses conquistadores do mundo antigo, as quaes têem resistido ha dezenove seculos e produzem ainda geral admiração

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Um novo descobrimento de dez machados prehistoricos de bronze se fez na Covilhã. Por occasião de uma grande trovoada, um castanheiro de extraordinaria grossura foi derrubado pela violencia do vento, mostrando-se ter por debaixo das raizes esses instrumentos de bronze.

O ter apparecido em outra provincia de Portugal um deposito de machados de bronze iguaes ao typo de outros achados, vem corroborar a opinião do sr. Possidonio da Silva, de ser uma industria indigena do antigo solo da Lusitania; conforme o mesmo cavalheiro havia expendido no congresso d'anthropologia e archeologia que se reuniu em Lisboa no mez de setembro do anno de 1880; pois machados de bronze com duas azas, tendo a parte opposta ao gume macissa e com grandes dimensões, não se tem descoberto nos outros paizes em tão grande numero: portanto, talvez tenha fundamento a opinião do nosso consocio. Os exemplares estão expostos no museu do Carmo.

Duas prensas de bronze, para cunhar moeda, pertencentes aos seculos XVIII e XIX vieram augmentar as collecções de archeologia do museu do Carmo, que possue agora tres prensas, pois já tinha outra do seculo XVII.

NOTICIARIO

O segundo Congresso Internacional das Sciencias Ethnographicas terá logar em Genebra a 10 de abril de 1882; o qual se comporá de sete secções: 1.ª Ethnographia, origem e emigração dos povos; 2.ª Ethnologia, desenvolvimento das nações, clima e alimentação; 3.ª Ethnographia descriptiva; classificação dos povos; 4.ª Ethnographia theorica; 5.ª Ethica, usos e costumes das nações; 6.ª Ethnographia politica; sobre que bases se fixa a existencia das nações; 7.ª Ethnodicea, Direito nacional.

Delegação em Portugal.

J. Possidonio da Silva.

Acaba de ser feita uma descoberta muito importante em Athenas, em uma pequena aldeia situada no territorio da comarca de *Aegion*, em *Marmussia*: é a de um amphitheatro no estado de perfeita conservação, o qual fazia parte da antiga Kermynéa.

Surprehendente descoberta archeologica teve logar em Thebas, a Luqxor, de um grande numero de sarcophagos de reis, rainhas, principes e princezas pertencentes ás dynastias XVII, XVIII, XIX e XXV. Este thesouro foi encontrado na montanha de Deir-el-Bahari, que limita o valle de Thebas. Calcula-se em mais de cinco mil os objectos antigos achados na necropole real. Entre estas maravilhas, citam-se os papyros pela extrema perfeição da escripta hieroglyphica, brilhantismo das suas cores, bom gosto e esmero da execução.

Transcrevemos do *Diario de Noticias* de 26 de setembro:

«ARCHEOLOGIA—Regressou da cidade de Elvas o sr. Possidonio da Silva, onde fôra fazer escavações em quatro dolmens, a 14 kilometros d'aquella cidade. Tinham sido alli descobertos ultimamente esses monumentos megalithicos e dos quaes a real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes recebera os desenhos, com que o sr. Antonio Thomaz Pires havia brindado a dita associação; e por este motivo o seu digno presidente foi explorar as antiguidades prehistoricas, e achou instrumentos em silex, carvão e cinza, e objectos de ceramica, na profundidade de quasi um metro. Já se vê, portanto, que se achavam por explorar, posto que não tenham todas as pedras que deveriam compôr a camara. As escavações começaram nas galerias, lado do sul, como o sr. Silva havia determinado que se fizesse, e onde appareceram os indicados objectos. Estes dolmens teem a orientação de nascente ao poente e vieram augmentar o numero d'estas construcções primitivas que existem no nosso paiz.»

A totalidade dos expositores da exposição de electricidade de Pariz é de 1:789, divididos do seguinte modo: França 943; Belgica 212; Allemanha 150; Inglaterra 121; Italia 88; Estados Unidos 72; Suecia e Noruega 44; Russia 40; Austria 40; Hespanha 23; Suissa 21; Paizes Baixos 18; Hungria 10; Dinamarca 5; Japão 2. Como ha expositores que apresentam de quatro a seis apparelhos diversos, póde calcular-se em uns 5:000 o numero de apparelhos que a exposição encerra.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A OURIVESARIA PORTUGUEZA

NOS

SECULOS XV E XVI

ENSAIO HISTORICO [1]

I

Sobre as condições do Commercio do ouro e prata nos seculos XV e XVI

As disposições das côrtes relativas ao commercio do ouro e prata são summamente interessantes, porque denunciam uma serie de phenomenos de primeira ordem; por ellas se conhece claramente o augmento da circulação, o progresso rapido do fabrico de metaes preciosos, seja ou em moeda, ou em obras d'arte — o movimento do commercio interno e externo, em summa, a prosperidade do paiz.

Nas côrtes que El-Rei D. Fernando convocou em Lisboa e Porto em 1409, E. de C., e cujos artigos foram respondidos a 8 de Agosto, ainda El-Rei foi instado pelos povos para se reservar, a si, o privilegio da venda ou compra do ouro no reino [2]. Poucos annos depois, nas côrtes de Braga, em 1425 (E. de C., respondido a 8 de Dezembro), pediam os povos a D. João I que fosse dada licença aos ourivezes para poderem lavrar a prata, que lhes fosse dada para esse fim, mas que não a podessem lavrar nem comprar, com o fim de a venderem [1]. Este pedido, repetido em 1433, E. de C., denuncia [2] o movimento crescente das officinas dos ourivezes e intenta prevenir um abuso, que deu depois origem a graves queixas dos povos. Ainda não haviam passado cinco annos, desde o ultimo pedido, e já os povos diziam nos *Capitulos geraes*, offerecidos nas côrtes de Coimbra em 1438, E. de C. (respondidos em 1 de Julho), «que passado o tempo do arrendamento [3] das moedas cada um podesse lavrar, comprar e vender prata» [4], de sorte que, em pouco menos de trinta annos (1400-1438) se passava a instancia dos povos, do privilegio, do exclusivo, á ideia da completa liberdade, no trato dos metaes precio-

[1] Fragmento de um trabalho de maior vulto, que está no prélo.

[2] Santarem, vol. II, p. 11. Este capitulo falta em Aragão, vol. I, p. 347-348.

[1] Santarem, vol. II, p. 17.

[2] Idem, vol. II, p. 12.

[3] Este uso data do começo da monarchia; em 1495 (côrtes de Evora) reclamavam os povos a D. Affonso V contra o arrendamento da moeda, porque os rendeiros não a fabricavam conforme a Ordenança. El-Rei prometteu fazel-a cumprir. (Aragão, vol. I, p. 58; o arrendamento ainda subsista no começo do sec. XVIII (1719 — Aragão, p. 64.)

[4] Santarem, vol. II, p. 24. Aragão cita (pag. 372 — 373) uma ordem de D. Affonso V, datada de 30 de Agosto de 1448 sobre se poder comprar e vender prata; seu avô restringia em 1452 (1414) a venda do ouro e prata aos *caibos* de Lisboa e Porto. (Aragão, vol. I, p. 359.)

sos. Em 1465, porém, já o abuso que se fazia na venda da prata obrigava os povos a pedir novas restrições: que se não vendesse nas feiras [1]. Os autores d'estas vendas, os ourivezes, fundiam depois a moeda para uso do officio, o que devia ser prohibido, porque levantavam o preço do metal; d'ahi a carestia de todos os generos. [2] Além d'isso queixavam-se os povos da exportação do ouro e da prata pelos estrangeiros que negociavam no reino [3], contra as antigas disposições da *Ordenação* [4]. Outra grande quantidade ia para Roma, onde os prelados e desembargadores do reino gastavam suas rendas, além do metal que se passava pelas capellas, vacaturas, mudanças de prelazias, beneficios, etc. (1473). Os povos pediam a volta dos prelados e que cessassem os peditorios á curia: [5] «que a maior parte da moeda que em côrte de roma e per ytallia corre asi he cruzados e moeda de vosos regnos.»

A liberdade do commercio do ouro e prata, isto é: a compra e venda no reino, outorgada no anno de 1448 por D. Affonso v parece que foi mal aproveitada, por quanto em 1472 apparecia uma ordenação [6] do mesmo monarcha em que, considerando a raridade dos metaes preciosos («das quaes cousas nossos reinos são ora bem fallecidos»), estabelece para o trato do ouro e da prata as seguintes condições bem curiosas:

1.º Mandar lavrar moeda de prata sem liga de cobre (o ouro já a não tinha) para acabar com a desconfiança dos povos contra a moeda ligada, e evitar o alçamento dos preços.

2.º Promover a importação do ouro e prata estrangeira; para isso levantavam-se as dizimas e todos os outros tributos que oneravam o metal importado. O importador era obrigado a mandar cunhar dous terços na casa da moeda (ficando o ultimo terço á sua livre disposição), no praso de seis mezes depois do manifesto.

3.º Dar licença para todos poderem mandar cunhar livremente a prata que tivessem, só pelo custo do lavramento.

As disposições sobre a cunhagem são uma prova do movimento do commercio pelo augmento da circulação, como as reclamações repetidas dos povos contra a lavra, de conta propria, pelos ourivezes, contra a fundição da moeda, contra o abuso dos *feitios* prova o rapido desenvolvimento da ourivesaria. Mesmo na casa da moeda era excessivo o preço do feitio [1] que ali se levava, apezar do Regimento [2] (Cap. de 1498). Mais tarde, em 1581, o cáos chegou a ponto de hover um preço official na casa da moeda para o ouro e prata, e fóra da casa outro; os povos pediam então que todo o ouro e prata que entrasse no reino e dominios da Hespanha podesse ser lavrado em moeda com o cunho de Portugal. A prata e o ouro não paravam na peninsula.

Entre os outros metaes figura principalmente o cobre, que occupa o primeiro logar, logo depois da prata; em seguida o estanho, o chumbo e o ferro. Um documento [3] de cerca de 1440 marca os seguintes preços para os metaes, e determina a relação ao marco de prata, segundo a autoridade de João Affonso, vedor, e Johanne Annes, armeiro:

O Marco de ouro fino 8:350, tirando o dizimo 7:430 reaes [4].

O Marco de prata britada da lei de 11 dinheiros. 770 reaes [5].

O Quintal de estanho, em pasta, novo, 1:700 r. (o velho 960 r.) [6].

O Quintal de cobre da Berberia 1:410 r.

O Quintal de chumbo em pasta 360 r. (em folha 480 r.)

O Quintal de aço 450 r.

O Quintal de ferro 160 r.

Se considerarmos a relação ao marco de prata, a ordem supra fica alterada:

O Quintal de cobre — 1 marco de prata a 770 r.

O Quintal de estanho — idem.

O Quintal de chumbo — 1/2 marco.

O Quintal de aço — tres dobras (a dobra a 130 ou 140 r.)

---

[1] Capitulos de côrtes na Guarda, a 25 de Agosto. Santarem, vol. II, p. 31.

[2] Documento n.º 1. No fim d'este trabalho.

[3] Capit. mixtos. Santarem, vol. II, p. 40. Anno de 1473.

[4] Um documento de 1385 (1347), assignado por D. Affonso IV, já a prohibe. Aragão, vol. I, p. 346. Outra disposição correlativa é a que prohibe a compra de mercadorias a ouro e prata (ordem de D. Duarte de 1436). Aragão, vol. I, p. 371. A compra e venda devia fazer-se segundo o systema dos *alealldamentos*. (V. o respectivo capitulo das côrtes d'Evora (1481-1482) em Santarem, vol. II., e Doc. p. 217, 261, etc.)

[5] Resposta d'El-Rei com evasivas, nas côrtes d'Evora 1481-1482. Santarem, Doc., vol. II, p. 237-239.

[6] *Livro vermelho*. Ined. da Acad., vol. III, p. 444. Transcripto integralmente no documento n.º 2. Outra ordem semelhante de D. Duarte em J. P. Ribeiro, *Dissert.*, vol. V, p. 398.

[1] Resposta d'El-Rei, mandando guardar o Regimento e diminuir o preço do lavramento. Santarem, Doc., vol. II, p. 323. Côrtes de Evora, 1481-1482.

[2] O da casa do Porto foi dado por D. João II em 1429; o de Lisboa em 1506 por D. Manoel.

[3] Carta de Bertolameu Gomes a El-Rei s. d.; era provedor da moeda d'ElRei D. Duarte a 24 de Março de 1434; foi confirmado por D. Affonso V a 11 de Abril de 1439. Aragão, vol. I, p. 367-369.

[4] Valendo 10 M. da lei de 12 dinheiros; ou 11 M. da lei de 11 dinheiros; não sendo o ouro em bulhão.

[5] O documento indica as fluctuações anteriores, de mui pouco tempo (annos passados), 760, 770 e 750. As côrtes de Santarem (1435) ainda haviam fixado o preço de 700 r. O marco de prata dourada, nova, lavrada de bastiaes, isto é, artisticamente, custava então 1:000 r. brancos, o que accusa bem o valor da mão de obra, *Dissert.*, vol. V, p. 392.

[6] Fluctuações anteriores do estanho: 950, 1:000, 1:100, maximo; do cobre: 800, 850, e 900 r.; do chumbo: 360 e 400 r.; do aço: 450 e 500 r.; do ferro: 130 e 140, 150, 160, 180 e 200 r., muitas vezes.

O Quintal de ferro — uma dobra.

Os metaes compostos (estanho, aço, etc,) são, relativamente, os mais caros, como é natural.

O preço dos metaes preciosos foi depois crescendo extraordinariamente, porque as minas do paiz, poucas e mal tratadas, não cobriam senão uma pequenissima parte do consumo. Apesar da alta protecção que os reis sempre dispensaram á industria mineira, nunca ella nos libertou da importação, nem mesmo antes das conquistas, quando o consumo dos metaes foi menor. Os nossos antigos escriptores D. Nunes de Leão, Fr. Francisco Brandão, Severim de Faria, Baptista de Castro [1] fallam da grande riqueza do paiz em mineraes, e o grande augmento da industria mineira em nossos dias confirma as suas declarações. É porém certo que a exploração se limitava então a um pequenissimo numero de jazigos, e que os processos technicos eram elementares. Os documentos de concessões são raros e não vão além do fim do seculo XIII. De 1279-1325 notamos alguma animação [2]. A D. Diniz se attribue a organisação dos *Adiceiros*, nome dado primeiramente aos mineiros da *Adiça*, mina de ouro entre Almada e Cezimbra. Escriptores dignos de fé fazem remontar os trabalhos da Adiça até D. Sancho I (1185-1211). D. Duarte (1433-1338) reformou [3] a companhia dos Adiceiros e confirmou-lhe os privilegios, e egual mercê lhe fizeram D. Affonso V e D. João II. De então até D. João III (1521-1556) faltam-nos documentos sobre a producção do metal, o que é para sentir, porque o nome de Adiceiro se generalisou logo e envolveu os trabalhadores das outras minas [4]. A lavra da mina da Adiça continuou com mais ou menos actividade até D. Manoel [5] e podemos talvez dizer até D. João III [6], mas com o ouro da Adiça não se fornecia um mercado immenso, como era o de Lisboa. Onde ficavam os outros metaes? O successor de D. Diniz recorreu logo ao *arrendamento* [7] das minas, o que prova o pouco interesse pela industria, que seu pae organisára, e, com certeza, o pouco lucro da corôa. Algumas concessões de D. João II [1] e as providencias legislativas de D. Affonso V [2] e D. Manoel dão prova da attenção que a industria mineira continuou merecendo á corôa, mas o cuidado com que D. João II tratava ao mesmo tempo da exploração da conquista de S. Jorge da Mina, as enormes importações de todo o genero de metaes por D. Manoel [3] e a tenacidade com que D. João III mandava armadas sobre armadas em busca da fabulosa ilha do ouro [4], são claros indicios da falta de producção das minas do reino — por impericia ou abandono do trabalho.

Não nos illudamos pois [5] com as medidas de D. Manoel em 1516, isentando da siza e decima a extracção dos metaes; com a nomeação de Ayres do Quental [6] para Feitor-Mór do ouro, prata, estanho e outros metaes do reino (com a exclusão da Beira). nem com as feitorias de Gil Homem e Gonçalo Privado, que tinham a vigilancia das minas de ouro e estanho da Beira. O grande favor da isenção da siza, e decima (correspondente a 20 p. c.), prova apenas, indirectamente, a falta de actividade nacional, porque um principe que tudo tributava pesadamente, [7] apesar das riquezas das conquistas, não cederia de

[1] *Mappa de P.*, vol. I, p. 169. Cap. XI. *Dos Mineraes*, com a indicação das antigas fontes.

[2] Faculdade regia a Sancho Perez e seus socios para sacar e fazer ferro e aço, pagando certos direitos, 20 de Dezembro, éra 1320. *Dissert.*, vol. V, p. 353. Outras concessões a Gil Soariz, Gonçallo Viegas, Miguel Garcia, etc., etc. *Op. cit.*, vol. V, p. 375, 376, etc. Antes porém, em 1259, ha o documento em favor dos monges de Alcobaça (foral de Rio de Moinhos), que se reservavam o direito de explorarem as minas de ferro, que existiam nos seus coutos. Era uma prevenção que indica o principio da industria.

[3] Affirmação de Rebello da Silva (vol. IV, p. 475), repetida em O. Guedes (*Apontamentos*, p. 140). Schaffer, *Gesch. v. P.*, que tratou do assumpto, vol. I, p. 312, nada diz com relação a D. Duarte, vol. II, p. 327 e seg.

[4] *Elucid.* vol. I, p. 35. Por ser esta mina a principal do reino. O. Guedes calcula que havia geralmente (sem precisar data) 44 adiceiros em trabalho.

[5] *Elucid.*, vol. I, p. 35.

[6] V. a nota sobre Ayres do Quental, abaixo.

[7] Foram empreiteiros o mercador Affonso Peres do Porto e um italiano Bernardo Fucara. *Mon. lusit.* Parte V, livro XVI. Ahi mesmo as condicções do contracto.

[1] Cede a Fernão Lopes da Insua as minas de ouro de Almendra, termo e dez leguas em roda, e dispensa-o ainda do tributo por cinco annos.

[2] *Orden. Affons.*, vol. II, p. 215. *Orden. Man.*, vol. V, p. 294. *Leis extravag.*, p. 680.

[3] O *Corpo chronol*, do Archivo Nacional está cheio de documentos ineditos sobre encommendas de metal aos feitores de Flandres. Citaremos para amostra:

Carta do feitor Thomé Lopes a El-Rei sobre a mercadoria do cobre e azougue, de Anvers, a 8 de Maio de 1501. (Marca 1-4-13.)

Carta do mesmo sobre varios carregamentos de cobre, a 26 de Fevereiro de 1513. (1-12-77.)

Carta do mesmo sobre o contracto de cobre em Augsburg, a 18 de Maio de 1515. (1-17-126.)

Carta do feitor Silvestre Nunes sobre a compra de cobre (4000 quintaes!) (Gav. 20-2-9.)

O contracto de que reza a penultima carta foi feito com a celebre casa dos Fugger para a entrega de 50:000 arrobas de cobre em cinco annos, pagaveis em ouro, devendo a casa entregar 10:000 por anno. V. *Arch. art.*, fasc. VI, p. 17; e Goes, *Chronica*. J. P. Ribeiro, *Dissert.*, e o Cardeal Saraiva, *Obras*, vol. IV, trazem indicação d'outros documentos do Arch. Nac. sobre o mesmo assumpto.

[4] V. as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto. Na regencia de D. Catharina continuaram as loucas tentativas em busca do «Eldorado», e ainda em 1569, reinando D. Sebastião, se fez a expedição ás minas de Manomotapa.

[5] Como Rebello da Silva, *Hist. de Port.* vol, IV, p. 477.

[6] Foi elle que descobriu, segundo Francisco de Hollanda, a mina que deu a barra de ouro para o sceptro de D. João III, cujo desenho foi feito por Antonio de Hollanda (*Da Fabrica*, fol. 40 v.). André de Rezende alludo provavelmente a este, quando diz ter visto um sceptro dos reis feito de ouro do Tejo (*De Antiquit. Lusit.*, ed. 1790, vol. I. p. 106). D. Nunes de Leão ainda o viu muitas vezes no seculo XVII. Servia nas Côrtes o na acclamação dos reis (*Descrip. de Portugal*, ed. 1785, p. 78).

[7] Goes, *Chron.*, Parte I, p. 173; p. III, 265, p. IV, p. 438, 652, etc.

bom grado um favor tão importante. O principio do arrendamento, applicado ás minas, inaugurado por D. Affonso IV, como dissemos, continúa no tempo de D. Manoel, [1] outro symptoma pouco favoravel. A lei de 17 de Dezembro de 1557 [2] não conseguiu animar a industria nacional, apesar de novas isenções, liberdades e privilegios, que Filippe II (1581-1598) confirmou, sem obter melhor resultado.

Na Ordenação de 1472 de D. Affonso V ha ainda uma clausula que muito de proposito deixamos para o fim. É a quarta e ultima que resolve *impor restricções ao commercio dos ourivezes*. O documento affirma que os ourivezes eram a causa do levantamento do preço da prata e do ouro e da falta da moeda; dão mais por ella do que ella vale, porque esperam ganhar a differença com usura, no feitio das obras; não lavram a prata lisa «*branca, e chãa*, como se faz em outros Reinnos mais ricos de prata que os nosos; mas domam a prata, e a lavram de bastiaes, e de cardos, e d'outros lavores taes, que de *feitio, e douramento* levam muitas vezes tanto como da prata, a qual cousa he grande despeza, e perda de noso povo, sem necesidade nem proveito alguũ. .»

O documento, sem attender ao valor artistico da mão d'obra, lastima apenas a perda que resulta á nação, porque ninguem quer dar depois a obra para ser desfeita em moeda. Ha aqui razão só em parte, porque a declaração não é absolutamente franca. D. Affonso V, apertado em contínuos apuros de dinheiro, que todo se fundia nas suas guerras com os Reis catholicos, nas correrias d'Africa e nas doações á alta nobreza, lançou mais de uma vez mão do dinheiro dos orphãos e da prata das egrejas e conventos. [3] É claro que da conversão d'ella em moeda resultava um enorme prejuizo, porque se perdia todo o feitio, que devia ser precioso para o artista, mas inutil para o fundidor e principalmente para o devedor. Feito este desconto, não se pode negar que o monarcha tivesse razão, e que as suas medidas fossem rasoaveis. Dizia elle: tenha a prata só alguma pouca obra, sem algum douramento e, para que não haja pretexto para illudir a ordenança, que os ourivezes não possam vender prata alguma lavrada por maior preço do que 1:820 reaes o marco, tirando de feitio e falhas apenas 120 reaes no marco «que he mais do que em outra algũa parte de taes obras se leva.» Alem d'isso obriga os ditos ourivezes a vender a prata que tiverem pelo dito preço, sem escusarem nunca a venda. O monarcha faz apenas duas concessões: a primeira determina que os ourivezes possam vender a prata dourada e lavrada de maior preço, que tiverem, até fim do anno corrente (1472); desde o 1.º de Janeiro do anno seguinte vigorarão os novos preços, podendo os ourivezes continuar o negocio nas *feiras*, que lhes fôra prohibido. A segunda concessão é feita á arte, tanto como ao interesse commercial do ourives, em condições mui liberaes, permittindo ao artista lavrar e dourar para *particulares* em qualquer forma e preço que convenha ás duas partes, recebendo a prata para a encommenda perante o Escrivão da camara do logar, [1] e pondo-lhe, depois de concluida a obra, as armas, marca, moto ou nome do proprietario. O ourives que fizer o contrario, que gastar em obra d'esta ordem prata sua, ou fingir encommenda para illudir a lei, perderá todo o valor do objecto e mais vinte cruzados, sendo um terço para o accusador e o restante para a camara regia.

É evidente o alcance da ultima disposição para a historia da ourivesaria portugueza, que ficava sem esses brazões, essas divisas e marcas, privada do melhor guia. O trabalho, por encommenda particular, criava, dado o fausto oriental da côrte de D. Manoel e o alto valor da mão d'obra — «mais do que em outra algũa parte» — os admiraveis trabalhos que hore possuimos, e que são apenas reliquias.

As clausulas restrictivas da *Ordenação* de D. Affonso V não deviam durar muito. Os capitulos das Côrtes de Evora (1481-1482) provam que os ourivezes se haviam tornado tão audaciosos como nunca; que haviam levantado a prata quebrada a tão alto preço que cedo valeria o marco 3:000 reaes! Isto dizia-se em 1481 e 1482, quando apenas dez annos antes D. Affonso V julgava ter feito uma equidade, estabelecendo o preço de 1:820 reaes para o mesmo marco de prata! Mas ainda não é tudo. Nas Côrtes de Lisboa, a 11 de Fevereiro de 1498, D. Manoel levantou, officialmente, a defeza da *Ordenação* contra os dourados da prata, etc. [2] Entramos pois na edade aurea da ourivesaria portugueza, tres annos apenas depois da morte de D. João II.

[1] Em 1516 Ruy Mendes, mercador do Fundão e administrador das feitorias de Goes e Celaviza, figura como rendeiro do estanho, metal mais indispensavel para nós do que o ouro. Em 1510 encarregava El-Rei a João Dalva o descobrimento das minas de vermelhão e mercurio do reino.

[2] *Synopse*, vol. II, p. 25.

[3] Os chronistas dizem que fôra a prata *não sagrada*; a distinção pouco aproveitava á arte. Esta divida, que D. João II pagou em parte, foi só extincta no fim do reinado de D. Manoel! Os Reis catholicos imitaram o exemplo do seu antagonista.

[1] Este tinha de fazer sempre uma escripturação regular d'estas encommendas da classe rica aos artistas. Que preciosa mina de informações não teremos n'esses livros, que nem todos pereceram na loja do merceeiro, ou no meio das nossas discordias civis!

[2] Capitulo 47. Item sem embargo de nossa Ordenação e defeza sobre esta feita, porq̃ nesto façamos mercè a nossos naturaes, avemos por bem, e nos praz soltar, e alarguar o dourar da prata, e q̃ cada hum o possa mandar fazer sem embargo da dicta defeza. Santarem, *Doc.*, p. 314.

II

Sobre as condições technicas

A ourivesaria portugueza não nasceu decerto no seculo XV ou XVI [1], mas é incontestavel que attingiu no tempo de D. Manoel e D. João III o seu maior explendor. O fausto da côrte, e da sociedade portugueza em geral, os explendores do culto religioso e principalmente o habito de ver e comparar productos estranhos de grande valia nas continuas viagens de prelados, embaixadores, feitores, artistas e grandes mercadores, favoreceram extraordinariamente esta arte. As conquistas forneceram a materia prima em grande abundancia, desde a tomada da Mina (1481); o contacto com povos asiaticos, que, em geral, tinham attingido um elevado grau de civilisação (indios, persas, arabes, etc.), a importação de innumeros objectos preciosos revelaram aos artistas nacionaes um mundo novo. As tres condições fundamentaes no objecto d'arte : *material, forma* e *ornamentação,* só então foram comprehendidas nas suas reciprocas relações. O primeiro caminho que abriu um novo mundo á importação já o indicámos ; a transferencia de artistas nacionaes para as conquistas do Oriente, para os fócos de industrias admiraveis que enchiam o paiz de productos novos, deu origem á abertura de novas vias, de novas relações de commercio. A importação pagára-se até alli em moeda ; depois saldou-se tambem com os productos de algumas industrias nacionaes, e estas relações entre os artistas portuguezes do Occidente e Oriente exerceram uma grande influencia sobre as artes industriaes em Portugal, como veremos. Não era só o material, a forma, a ornamentação do objecto, que se revelam n'um aspecto completamente novo ; uma infinidade de processos technicos, como liga dos metaes, esmaltes, douramentos, a tauxiagem com as suas variantes, etc., foram aprendidos de novo ou resuscitados. O artista oriental, a quem a sua religião prohibira a applicação da figura humana na arte, tinha inventado o arabesco, fundado n'uma combinação inexgotavel de aliás poucas formas geometricas. Os nossos aprenderam o segredo, e, combinando as invenções do Oriente com as creações mais perfeitas do Renascimento crearam as variadissimas formas do *grutesco*, applicado á ourivesaria, com uma liberdade, que degenerou frequentes vezes, em abuso O *naturalismo,* que se nota em muitos dos productos da ourivesaria nacional e que é o da architectura [1], cujas formas foram para alli transplantadas, sem criterio muitas vezes, foi o resultado d'esse abuso. O artista, não podendo refrear a imaginação, profundamente impressionada pelos mil e um objectos que as náos traziam das conquistas para o Tejo, esqueceu as leis que devem presidir a toda a obra d'arte : a concordancia da forma com o destino do objecto ; da forma com o material, da ornamentação com a forma. O artista entregou se absolutamente á sua inspiração, ao capricho do momento ; o seu unico proposito foi : deslumbrar. É claro que só um grande talento podia resistir aos perigos de uma absoluta liberdade artistica. Contribuiu tambem para a rapida decadencia da ourivesaria a falta de um guia seguro, de um compendio da arte. As obras de Juan de Arfe y Villafañe [2], o Cellini hespanhol, foram impressas só em 1572 e 1585, e nenhuma chegou a ser traduzida [3]. É possivel, e mesmo provavel, que os nossos artistas as conhecessem e lêssem no idioma hespanhol, mas esse estudo é muito posterior á epoca de florescencia da ourivesaria nacional. Nos reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III o ourives portuguez pôde utilisar apenas os elementos que lhe fornecia a importação européa, as relações com os artistas nacionaes do Oriente e, finalmente, o estudo de alguma estampa, gravura ou desenho, de algum *Ornamentstich*, vindo da Italia e sobretudo da Allemanha. É difficil demonstrar até que ponto os modelos europeus influiram no trabalho da ourivesaria nacional, por dois motivos : primeiro, por não se ter feito ainda uma

[1] Entre as obras d'arte, de data anterior, bastará citar a magnifica cruz chamada de D. Sancho I, da collecção d'El-Rei D. Luiz, com a data M.CC.XIII. V. *Occidente*, vol. IV, p. 43, e Aragão, *Description*, pag: 124. É de ouro, ornada de pedras preciosas, com ornatos de filigrana e outros gravados a buril. Tem 61 cent. de altura por 35 de largura. Photographia de Laurent. N.º 209. Foi do convento de Santa Cruz de Coimbra. Citaremos ainda um calice de prata dourada, dado pela Rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I ao mosteiro de Alcobaça. Laurent n.º 221.

[1] Áquelles que não se contentarem com os exemplos de Belem, citaremos as construcções de D. Manoel no convento de Thomar ; o ultimo gigante da nave, do lado do claustro dos Filippes está preso com uma cinta de couro e a competente fivella ! No portal da egreja matriz de Azurara ha uma ideia similhante (uma mão dando um nó de corda na volta do arco, no sitio em que ella prende com o capitel). A porta da sacristia do convento de Alcobaça é formada por dois troncos d'arvores florescentes, cujas raizes, perfeitamente caracterisadas, nascem sobre o lagedo da entrada !!

[2] Escreveu : *Quilatador de la plata, oro y piedras*, etc. Valladolid, 1572. 4.º Em varias edições. *Escultor de Oro y Plata*. De varia commensuracion para la Esculptura y Architectura. Sevilha, 1585, fol. Tem sido reimpresso até nossos dias em oito edições (1806). V. *Archeol. artist.*, fasc. IV, p. 64. Os estudos de Cellini : *Due Tratatti* só foram impressos em Florença em 1568 ; os de W. Jamitzer : *Insigne ac plane novum opus*... só em 1551 em Nürnberg (nova ed., facsimile de R. Bergau, Berlin, 1869).

[3] Convem não confundir o Arfe hespanhol com Affonso Villafanhe Guiral e Pacheco, que publicou : *Flor de Arithmetica* necessaria ao uso dos Cambios, e Quilatador do ouro, e prata, etc, Lisboa, por Giraldo da Vinha, 1624, 8.º *Bibl. Lusit.*, vol. I, p. 54. Autor omittido por Teixeira de Aragão. Ha um exemplar d'este raro livro na Bibliotheca do Porto, R-7-19.

publicação completa [1] dos melhores productos nacionaes, ou realisado uma exposição collectiva da ourivesaria portugueza, profana e religiosa em face dos especimens da arte estrangeira, sobretudo da hespanhola, o que seria facil por meio de reproducções; [2] segundo, porque numerosas peças da ourivesaria nacional e entre ellas, algumas das mais notaveis, soffreram modificações, reparos e até mutilações, que desfiguram sensivelmente a idéa primordial do artista. N'esse processo de transformação trabalhou-se ao acaso, e não se recuou mesmo perante as idéas mais absurdas, enxertando-se n'um objecto peças completamente discordantes de outras obras. Não é difficil reconhecer esses productos bastardos, mas é muito mais difficil advinhar, no meio d'esses remendos, a concepção original do artista, e reconstruir o objecto em toda a sua pureza primitiva.

(Continua) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

SESSÃO SOLEMNE
DA
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
EM
22 de novembro de 1881

Tendo Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, presidente perpetuo e protector d'esta Associação, designado o dia 22 para serem laureados os dignos socios que haviam prestado relevantes serviços á sciencia da archeologia, bem como á architectura civil, desde a sessão solemne de 2 de maio de 1879, realisou-se effectivamente a dita ceremonia com toda a solemnidade.

O senhor D. Fernando chegou ao museu archeologico, fundado no antigo edificio do Largo do Carmo, onde é a séde da Associação, ás duas horas da tarde, e foi recebido pelos srs.: presidente em exercicio, Possidonio da Silva; vice-presidente, visconde de S. Januario; secretarios, visconde Sanches de Baena e Ernesto da Silva, e mais socios que concorreram a este acto. A' sua chegada foi arvorado o estandarte real no cimo do monumento erguido pelo illustre heroe D. Nuno Alvares Pereira. Sua Magestade teve a bondade de declarar ao presidente, que, não obstante terem chegado a Lisboa, n'aquelle dia, os principes imperiaes, não quiz faltar ao que havia promettido, mas que não se podia demorar, pois tinha de estar com os augustos viajantes.

El-rei, trazendo ao peito a insignia de nosso consocio, occupou o logar da presidencia e declarou estar aberta a sessão. O sr. visconde Sanches de Baena procedeu á leitura da acta da ultima sessão solemne, na qual se relatava a distribuição que Sua Magestade se dignára fazer, entregando as medalhas de prata aos socios doutor Francisco Antonio Pereira da Costa, Joaquim de Vasconcellos e Gabriel Pereira, pelos seus trabalhos sobre a archeologia; e ao architecto civil o sr. Lucas José dos Santos Pereira, pela direcção da restauração do convento da Batalha.

O sr. presidente Possidonio da Silva leu o relatorio, que em seguida publicâmos juntamente com o elogio historico lido tambem pelo socio o sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa.

Sua Magestade dignou-se depois entregar os diplomas e as medalhas aos laureados, que recebiam das mãos d'el-rei os diplomas e medalhas apresentadas pelo presidente; declarando-se quaes os importantes serviços que haviam prestado á sciencia e á arte, bem como para o incremento da Associação, a que pertencem. El-rei teceu-lhes elogios pelos seus assignalados serviços, declarando estimar muito ser Elle que lhes entregasse esses merecidos premios. Dignou-se tambem dirigir a palavra ao fundador da Associação, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, louvando-lhe os seus perseverantes esforços em dar maior lustre á Associação dos architectos e archeologos portuguezes pelos seus trabalhos e publicações archeologicas e artisticas.

Encerrou a sessão eram 3 e meia horas da tarde.

O senhor D. Fernando foi depois examinar os novos objectos adquiridos para o Museu, dando a sua esclarecida opinião ácerca d'elles, e mostrando-se satisfeito por achar mais augmentadas as collecções e com exemplares raros de diversas procedencias.

Retirou-se, sendo acompanhado por todos os socios presentes até ao seu estado, que esperava el-rei no portal do edificio.

Relatorio apresentado na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 22 de novembro de 1881, pelo presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

SENHOR,

Senhoras e senhores: — Tenho a satisfação de communicar, n'esta sessão solemne, dois factos de summa importancia tanto para o progresso dos estudos archeologicos em Portugal, como para a conservação dos edificios historicos e artisticos nacio-

[1] No fim d'este estudo damos uma lista de todas as reproducções que conhecemos, em photographia e gravura, tanto de officinas nacionaes como estrangeiras.

[2] Isto foi escripto em fins de 1879; na primavera de 1881 realisava o *Centro artistico portuense* esta ideia, annunciada n'um programma que foi largamente distribuido em Novembro de 1881. Vide o respectivo catalogo.

naes; factos que no anno findo marcaram nos annaes de nossos trabalhos uma assignalada epoca de engrandecimento scientifico e de fama para esta Real Associação.

O primeiro e mais importante d'esses acontecimentos foi a reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia prehistoricas, que se realisou em Lisboa no mez de setembro de 1880, por occasião do qual esta Associação recebeu dos distinctos archeologos estrangeiros a mais subida prova de consideração, pois todos os membros d'esse congresso e as illustres damas que os acompanharam na scientifica excursão, visitaram, em primeiro logar, o Museu Archeologico, fundado n'este recinto, e examinaram detidamente as nossas collecções, havendo significado a sua satisfação por terem achado n'este museu já um subsidio de bastante interesse para os estudos da sciencia archeologica, e tecendo-nos elogios pelos nossos esforços. Portanto este sincero testemunho expressado por sabios estrangeiros, sómente preoccupados com as suas perseverantes investigações para ampliarem os conhecimentos adquiridos em fecundo estudo, e dissiparem as trevas que envolvem ainda a origem da civilisação da humanidade, não o podemos considerar como calculada lisonja, nem estudada adulação, mas sim como mercê do nobre caracter d'esses distinctos estrangeiros que se não moldam a mesquinhas rivalidades, as quaes deslustrariam o sabio, e tornariam ridicula a pessoa que as praticasse.

O segundo facto, egualmente de grande importancia artistica, foi a louvavel deliberação do governo incumbindo a esta Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes o classificar os edificios que deverão ser considerados monumentos nacionaes. Foi preciso attingir quasi o final do seculo XIX para que determinação tão util e necessaria fosse tomada em seria consideração, para não permanecer por mais tempo e com grave desdouro para a nossa civilisação o vergonhoso desleixo em que teem estado os edificios historicos e artisticos do paiz; muitos dos quaes mostram apenas as suas venerandas ruinas, porque o correr do tempo e o vandalismo que provém da ignorancia e da negligencia, os tem reduzido ao mais triste aspecto, alterando-lhes a belleza da sua architectura, pois não nos serviu de louvavel exemplo o procedimento das gerações que os mandaram construir, e que sabiam avaliar e respeitar esses testemunhos da nossa historia, do nosso culto e lustre nacionaes.

Parece, pois, que não tem sido infructifero o nosso trabalho de nos occuparmos no desenvolvimento dos estudos archeologicos, e de assignalar o merecimento artistico e a importancia dos edificios do nosso paiz E devo aqui registar com ufania, que estes serviços nos têem alcançado dentro e fóra do paiz elogios e distincções, que deverão incitar-nos a progredir, de harmonia com os fins d'este Instituto, em bem merecer da patria.

Sem duvida o numero dos nossos exemplares prehistoricos tem tido um incremento notavel, pois, desde a ultima sessão solemne, os objectos d'estas collecções pertencentes ás diversas estações da Europa e da America, e outras antiguidades, foram accrescentados com 1:048 exemplares. Não póde, portanto, ser mais lisongeira a situação do nosso Museu, sobretudo se nos lembrarmos que estamos ainda ha dezesete annos orphãos de qualquer auxilio nacional, e que unicamente por constantes e excessivos desvelos o temos podido enriquecer com exemplares de outras regiões, muitos dos quaes são preciosos e raros specimens.

Devo tambem, senhores, deixar aqui mencionado um importantissimo descobrimento feito no solo do nosso paiz, que dará fama a Portugal no mundo scientifico, e é ter-se achado em quatro de suas provincias depositos da edade do bronze, em numero superior a trinta machados, apresentando a particularidade de duas azas, no extremo opposto ao gume macisso, e não ôco, para ser encavado, como se vê nos specimens de outras regiões. Este inesperado descobrimento, com tal typo, faz-nos suppôr que uma industria especial nascêra no antigo solo da Lusitania, e que o fabrico d'esses instrumentos teve origem no territorio que actualmente pertence a Portugal. Se a nossa patria outr'ora alcançou nome pelas suas ousadas expedições maritimas, cabe-lhe tambem esta celebridade scientifica de possuir no reino exemplares raros de machados de bronze prehistoricos.

Além dos factos que tenho a honra de relatar, e que nos indicam os progressos archeologicos obtidos recentemente, cumpre-nos tambem registar o engrandecimento da nossa Associação, pois o vem confirmar os novos e illustres cavalheiros que se teem filiado no nosso gremio. Distinctos sabios estrangeiros, dos paizes mais cultos, continuam a honrar-nos inscrevendo-se nossos consocios.

Não são unicamente as nações mais antigas na sua civilisação aquellas em que as damas concorrem com os seus dotes intellectuaes para abrilhantarem os estudos scientificos. Portugal ufana-se em dar esse admiravel exemplo, pois já haviam em 1875 figurado os nomes de oito damas portuguezas no 1.º Congresso dos Orientalistas, reunido em Paris, como egualmente nos fizeram depois a honra de aceitar o convite de se associarem aos nossos estudos archeologicos, cabendo a esta Real Associação a ventura de obter essa lisongeira distincção. É pois para nós um agradavel dever testemunhar a tão illustres damas o nosso respeitoso acatamento e dar-lhes n'esta solemne reunião um voto de louvor por

tão briosa e patriotica coadjuvação, patenteando por este modo o seu apreço a esta sciencia.

Finalmente, senhores, outro motivo de regosijo para mim, e para vós, é o de ter a Assembléa geral da nossa Associação galardoado alguns insignes consocios pelos seus assignalados serviços nos progressos archeologicos e artisticos, votando-lhes premios não só para dar condigna recompensa ao verdadeiro merito, mas para demonstrar que a Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes se esmera de patentear em actos publicos aos seus benemeritos consocios quão alto avalia os relevantes serviços com que procuram sempre dar impulso e lustre aos nossos trabalhos, dotando tambem as nossas collecções de preciosidades, com o que podemos continuar a engrandecer, em Lisboa, o nosso museu, e a desenvolver este genero de estudos.

Os socios, pois, que vão ser laureados com medalhas de prata e bronze são os srs. :

Ignacio de Vilhena Barbosa ; Visconde de S. Januario ; dr. Francisco Martins Sarmento ; e Cesario Augusto Pinto.

Vão ss. ex.^{as} ter a honra de receber esse premio, aliás justissimo, das mãos do nosso Augusto Presidente Perpetuo e Protector, El-Rei o Senhor D. Fernando, que se dignou de vir presidir a esta sessão para a tornar mais solemne, e nos demonstrar mais uma vez quanto são apreciaveis para sua Magestade estas festas, e quanto lhe é grato animar com a sua approvação todos os actos que possam realçar o nome portuguez.

Queira, portanto, Vossa Magestade aceitar d'esta Associação, e da presente Assembléa geral, as mais respeitosas e sinceras homenagens pela honra que nos concedeu ; assim como os protestos do nosso profundo reconhecimento pela benevola protecção com que se tem dignado distinguir a Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes.

Concluindo, peço a Vossa Magestade haja de ter a bondade de relevar a ousadia de erguer a minha debil voz em tão notavel sessão, faltando-me os essenciaes recursos para solemnisar devidamente este acto tão honroso, festivo e memoravel. — Disse.

ELOGIO HISTORICO

DOS

Tres Architectos Portuguezes, edificadores do Convento do Carmo

AFFONSO ANNES, GONÇALO ANNES E RODRIGO ANNES

POR

Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Souza

Senhores ! — Tem sido um reino bastante glorioso o de Portugal.

As paginas da sua historia estão enriquecidas de factos, que lhe dão um logar honrosissimo e invejavel entre as nações do mundo. Epocas fastigiosas contam-se tantas, que se dirá, com sobrada razão, que este pequenino paiz fôra fadado pela Providencia para ser o primeiro dos primeiros, por sua prosperidade, por seus feitos gloriosos e por seu poderío crescente.

Uma d'essas epocas é, incontestavelmente, a que pertence ao reinado do sr. D. João I de Boa Memoria. Notavel com effeito a todos os respeitos, e para tudo lhe ser favoravel, segundo a phrase de um illustre consocio d'esta Real Associação, até as Bellas-Artes a engrandeceram, fazendo construir os dois mais bellos monumentos da architectura ogival, tão notaveis no nosso paiz — a Batalha e o Carmo — e que são outras tantas perduraveis memorias do mais arrojado esforço d'uma nação justamente cioza da sua independencia e autonomia.

Mas porque se ergueram dois edificios religiosos, e não outros quaesquer ? É facil a resposta. O espirito religioso d'aquelle tempo, em que a cruz andava estreitamente unida á espada, devia naturalmente encaminhar, como encaminhou, seus illustres fundadores para edificarem um monumento sagrado que mais se ligava com as ideias dominantes.

D. João I fizera um voto solemne pelo bom exito da batalha que ía ferir-se em Aljubarrota ; D. Nuno Alvares Pereira movido por outro voto identico, em quanto o monarcha fazia construir o maravilhoso mosteiro de N. S. da Victoria, no sitio da Batalha, elle, condestavel do reino, e um dos mais poderosos fidalgos d'então, mandava erigir, em Lisboa, uma outra maravilha, o convento de N. S. do Vencimeton, mais modesta, mas não menos preciosa fabrica.

Sim, senhores ! O companheiro d'armas do rei cavalleiro, o esteio d'uma nacionalidade prestes a ser devorada pelo formidavel Leão de Castella, o firme apoio do throno portuguez, não quiz ser inferior na devoção e no patriotismo ao seu soberano ; e (o que não é menos importante) ambos foram dignamente secundados em seus designios, o primeiro pelos insignes architectos Affonso Domingues e Martim Vasques, portuguezes ; D. Nuno, pelos não menos sabedores irmãos Affonso Annes, Gonçalo Annes e Rodrigo Annes, tambem portuguezes. São estes tres artistas que servem de thema obrigado d'este obscuro trabalho.

Affonso, Gonçalo, e Rodrigo Annes. Tres homens distinctos, tres artistas benemeritos ! Tres nomes honrosamente associados aos venerandos restos da sua monumantal obra ; tres illustres confrades, em fim, da não menos illustre Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a quem se deve, se não a sua completa restauração,

ao menos o cuidado na conservação de suas preciosas reliquias.

Folheemos as chronicas, consultemos as tradicções, estudemos os monumentos, e vêr se-ha que a nação portugueza, assaz gloriosa por sua origem, não o tem sido menos pelo merito de seus filhos; mas modesta, como todas as entidades, que têem a consciencia de quanto valem, para ahi se tem deixado ficar, digamos assim, como adormecida por tão radiante gloria.

Citámos tres nomes; porém só tres nomes, nada mais!... Embora! Porque recordam honrosamente tres vultos na historia da nossa architectura, que tambem é honrada na historia patria.

Quem são elles?

Quem!? Mysterio! Investigar a sua progenitura fôra inutil. Ninguem o diz; nada falla d'isso. Irmãos, naturaes de Lisboa, eis quanto d'elles se sabe por mais certo e averiguado. Que importa! Nem só os pergaminhos heraldicos nobilitam; nobilitam tambem os grandes talentos, os brilhantes feitos.

E dos tres architectos já é bastante saber-se que são portuguezes, e que honraram a sua patria, dotando-a com uma edificação tal como a de N. S. do Vencimento, templo que se não é magnifico por seu primor architectonico, como é o da Batalha, o de Belem, o de Santa Cruz de Coimbra; se não tem a gigantesca e sombria magestade da basilica de Mafra, tem, comtudo, arrojo de concepção e bellezas artisticas, e foi todo construido por architectos e operarios nacionaes; o que se comprova pelas respectivas marcas gravadas na sua cantaria.

A lenda, que intervem sempre em tudo quanto é maravilhoso, em tudo quanto é grande; não podia deixar de vir associar-se á edificação de um monumento consocio de um dos mais importantes e admiraveis feitos dos portuguezes em prol da sua liberdade ameaçada; monumento do qual disse admirado D. Filippe II de Castella — isto sim, é que é um templo, — e Fr. José de Sant'Anna escreveu com fundado orgulho, que — a admiravel machina da igreja bem podia triumphar, na materia e artificio, dos mais celebrados templos, sendo que cada um dos dez arcos, que a sustentam, é de tanta excellencia, que cada um d'elles bastava para o mais celebrado triumpho; e Lobo, emfim, cantou com elegancia alludindo á

«...capella d'obra extranha e rara»

A lenda refere que, em razão do terreno escolhido para a construcção ser bastante falso, se perderam as duas primeiras edificações da mesma capella, (parte a mais elegante de todo o edificio); e se a lenda não quiz encarecer o merecimento artistico dos tres irmãos, e exaltar assim as difficuldades do trabalho, com grande constancia vencidas; não sabemos que melhor poderá fazel-o se não as veneraveis reliquias que ahi existem ainda, apezar dos estragos do tempo e do vandalismo dos homens, que chegaram a fazer d'ellas um immundo deposito de cavallariças e vasadouro do lixo da cidade!

Pois bem! Corramos um véo sobre esse ignobil passado, que por certo não voltará, e glorifiquemos a benemerita associação, que, animada dos mais louvaveis esforços, o obteve, e destinou ao civilisador fim de fundar, como fundou ha 17 annos, em seu recinto, um muzeu archeologico, altamente apreciado hoje por sabios nacionaes, e ainda pelos estrangeiros, que o tem visitado e elogiado, com muita razão; glorifiquemos, senhores, pois que as ruinas do convento do Carmo, pintorescas ruinas — como lhe chama D. Amador de los Rios, são os restos preciosos de um grande e nobilissimo monumento, quer este se considere artistica quer historicamente: artistica, por serem vestigios de uma obra, a mais perfeita entre nós, da architectura gothica; historica, por memorarem o vulto homerico, legendario, do seu fundador o illustre D. Nuno Alvares Pereira, cujo tumulo ahi está guardado como preciosidade grande que é; por consequencia são dignos dos cuidados e attenções do archeologo, e das cogitações philosophicas do historiador.

Não são elles só os destroços da arte d'outros tempos; são igualmente a memoria viva das glorias d'um paiz; são o testemunho da sua civilisação.

Emfim, infelizmente são ainda ruinas! Do edificio o sonho dourado do fundador, e de trinta e tres annos de fadigas e vigilias dos seus tres architectos; do templo onde D. Nuno depôz a espada salvadora da monarchia e falleceu frade, vivendo os ultimos annos da sua vida despido das vaidades do mundo e das gallas da grandeza: apenas existem as arcarias entre derrocadas paredes! Ainda assim são um protesto solemne da sciencia de seus edificadores. E aquelle tumulo; em redor do qual todos os annos, na primeira oitava da Paschoa, as mulheres dos cidadãos da capital, acompanhando-se de pandeiros e adufas, dançavam e cantavam, mui devotamente:

> Nó melo, digales, nome
> Que santo é o conde
> O gram condestabre
> Nunalves Pereira.
> Defendeu Portugal
> Com sua bandeira
> E com seu pendone.

aquelle tumulo nem já encerra as cinzas do nobre finado. É verdade que o marmoreo sarcophago ahi jaz como memoria de haver guardado o vulto venerando d'este heroe!

Até a procissão instituida por D. João IV em acção de graças por sua feliz aclamação em 1640, e que ía da Sé ao Carmo em signal de veneração á memoria de D. Nuno, deixou de fazer-se; como se os espectaculos commemorativos dos grandes homens fossem cousa para pôr-se de parte qual objecto inutil na existencia politica dos povos!

Muito embora! As ruinas tambem fallam — diz com razão Benjamin Constant; e estas fallam bem alto. E já agora ninguem olhará mais com indifferença para essas famosas reliquias, que recordam um facto historico de summa importancia para Portugal; e, como edificio, torna-se de todo o ponto notavel por sua fabrica, delineada com grandioso aspecto, singular unidade de formas, e magestoso caracter religioso, em cujo traçado andaram com fino tacto os tres irmãos Annes.

O typo ogival é precisamente o que melhor se identifica com os ritos do christianismo. Aquellas delgadas e altas columnas, aquellas ponteagudas frestas e portaes, aquellas elevadas abobadas, que parecem lançadas no espaço, são como o pensamento do crente que se dirige até aos pés do Creador.

Descrever pois o templo de N. S. do Vencimento equivale a engrandecer o merito dos seus architectos. Vamos fazel-o, cedendo a penna ao já citado consocio, que elegantemente o fez em tempo, n'um opusculo á cerca do muzeu archeologico.

Diz elle: «a parte mais elegante do edificio tem a frontaria para o lado do oriente, como era de razão, porque além de descobrir por esse lado e ser descoberto por grande parte da cidade, era visto e tinha a vista do Tejo.»

«É tambem a parte da igreja que melhor se conserva e para a qual ninguem poderá olhar com indifferença, por ignorante que seja da historia, e alheio aos sentimentos da arte e da poesia».

«Como a descreve Jorge Cardozo, representa exteriormente uma inexpugnavel fortaleza. Está levantada em cinco corpos semi-circulares por entre reforçados pilares de pedra lavrada, que assenta sobre escarpas guarnecidas de ameias em torno pela parte superior. Toda esta machina, (diz-nos o chronista dos carmelitas) tem os seus alicerces no Rocio, porque pela terceira vez, (perdido o trabalho das duas primeiras) ahi fôram lançados um bom salto atraz do valle, (era o chamado Valle Verde,) inviasados com seus degraus, para que não só tivessem a terra que não corresse, mas que, quando as paredes fossem erguidas, não podesse a terra fazer alguma rapasia. Do Rocio subia-se para a egreja por degraus espaçosos até uma escada de pedra lavrada que dava na porta-travessa da igreja, (parte sul.) A porta principal era ao occidente como estava em pratica, n'aquelles tempos. Descia-se para a igreja por treze degraos de marmore.»

Que melhores titulos, senhores, que melhores pergaminhos poderão attestar a genealogia artistica dos irmãos Annes?

Evidentemente as ruinas do Carmo mereciam ter um glorioso fim, e tiveram-n'o, com effeito, graças aos esforços corajosos da benemerita e patriotica Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. «Não podia dar-lhe esta melhor nem mais util destino — diremos ainda, repetindo o judicioso conceito emittido por S. M. I. o Senhor D. Pedro II do Brazil, quando por duas vezes honrou a mesma associação com a sua presença em Portugal. Louvo o pensamento da fundação n'este edificio para a sua installação.»

Salvou por tanto esta associação o monumento de D. Nuno. Salvou-o, conservando-lhe as reliquias, evitando-lhe por mais tempo a vergonha do paiz, pois o tirou d'um esquecimento ingrato e vexatorio, essa memoria da gloriosa batalha d'Aljubarrota; e da heroicidade d'aquelle distincto varão; e fizeram tambem reviver os nomes de seus distinctos constructores.

A conservação e restauração dos mouumentos nacionaes são, com rasão, deveres d'um paiz civilisado, ao qual servem de brazões honorificos. São valiosos titulos de nobreza, tanto para as familias como para os povos, a antiguidade da sua origem; são ainda memorias perduraveis dos feitos gloriosos dos nossos maiores, são elementos onde se estuda a historia das artes de um paiz, seguindo-lhe as evoluções do seu progressivo desenvolvimento; e é por isso que todas as nações cultas os apreciam e conservam.

Pois em quanto se não realisar a sua necessaria restauração, de um modo satisfatorio e honroso para o paiz, congratulemo-nos com o que ainda existe de tão memoravel padrão. Dezesete annos são decorridos e o Carmo era apenas um objecto que provocava o escarneo e o nôjo do transeunte; d'então para cá, servindo de nucleo ao primeiro muzeu archeologico entre nós, e de estimulo a outros que o hão imitado, tem-se tornado um objecto de consideração e respeito das pessoas cultas e patriotas.

É á digna associação que, por seus dedicados esforços se deve o milagre; milagre, com effeito, se attendermos aos pequenos recursos de que dispõe; mas, boa vontade, essa não lhe falta! E assim é que, se não possuimos um edificio completo da piedade do illustre guerreiro, seu fundador, onde se abrigem suas cinzas, como outr'ora; se de seus preclaros constructores nem se quer existe uma lapide commemorativa; ao menos a obra de D. Nuno, a construcção de Affonso, Gonçalo, e Rodrigo An-

nes, não está de todo perdida e extincta. Algumas pedras erguidas ahi protestam solemnemente contra o olvido de um e de outros; e os manes illustres d'estes varões distinctos, por certo, terão mais de uma vez estremecido de grato jubilo, vendo da celestial mansão como são honrados por seus confrades, unidos em um unico amplexo de nobre dedicação.

Consequentemente as imagens sympathicas do condestavel e dos seus architectos surgem a cada momento, quaes visões graciosas, evocadas ao passado pela perseverança dos benemeritos membros de uma corporação que, a cada momento, está honrando a patria que lhes deu o berço; e foi n'aquelle generoso intuito, e porque, infelizmente, não se poderam descobrir as efigies dos tres illustres architectos portuguezes, a fim de serem seus retratos inaugurados n'esta sessão, como cumpria, que a mesma benemerita corporação determinou fossem agora seus nomes gravados na fachada principal do edificio, por elles com tanta discrição, talento e saber construido.

É dar realmente, assim, grande testemunho de preito ao reconhecido merito d'aquelles seus benemeritos confrades; é registar nos annaes da illustrada associação o saber, o talento d'estes dignos artistas, fazendo-os lembrar aos vindouros, e prestando a devida celebridade á sua memoria.

Ainda bem! Se o fundador do templo de N. S. do Vencimento é digno, por seus altos feitos, do monumento que fez construir, não o são menos os artistas que o coadjuvaram n'esse empenho com tão superior mestria.

Não morrem por tanto para a historia das artes os tres architectos portuguezes, quasi esquecidos, Affonso Annes, Gonçalo Annes e Rodrigo Annes, pois ficará perpetuada no bronze e na patria a sua merecida memoria. — Disse.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO CARMO

No n.º 47 da 5.ª serie, tomo IX do *Boletim Monumental da Sociedade Franceza de Archeologia*, que se publicou em outubro de 1881, foi inserido um relatorio de mr. Jules De Laurière, secretario geral d'esta Sociedade e distincto archeologo, tendo por titulo — SOUVENIR ARCHÉOLOGIQUE DU PORTUGAL, 1880 — ; do qual extraimos (capitulo 4.º pag. 633), a seguinte noticia ácerca do Museu de archeologia d'esta Real Associação.

. . . .

«Mais revenons à Lisbonne, et joignons-nous à la visite que le Congrès va faire au musée archéologique, établi dans l'ancienne église du Carmo.

Les lecteurs du *Bulletin monumental* connaissent depuis longtemps le dévouement de Mr. Le chevalier da Silva pour tous les intérêts de l'art, pour la conservation des monuments historiques et la propagation des études archéologiques en Portugal. Le musée du Carmo, dont il est le conservateur et on peut dire l'intelligente personnification, témoigne éloquemment de ses efforts couronnés de succès pour atteindre le but que se proposait cette fondation. Une visite au Carmo ne pouvait manquer de faire partie du programme du Congrès. Elle a été pour plusieurs des membres qui y prenaient part une occasion de revoir le musée; d'autres y ont pris assurément le désir d'y revenir les jours suivants, et tous ont conservé le meilleur souvenir de la réception courtoise et brillante que leur avait préparée Mr. da Silva.

Le Musée de l'Association royale des architectes civils et des archéologues portugais (tel est son titre), fondé en 1866, a donné asile à un grand nombre de monuments d'art et d'archéologie de toutes les époques, qui appartiennent à l'histoire du Portugal, sans compter ceux qui sont venus s'y joindre par des liens de parentés fort naturels, de diffèrents pays.

Le local lui-même est un intéressant débris d'architecture du moyen âge. C'est d'abord la triple nef d'une église, reconstruite et inachevée à la suite du tremblement de terre de 1755. Les piliers de cette reconstruction, seuls, ont été relevés, avec leurs arcades et les murs latéraux. Le chœur de la fin du XIVe siècle a résisté au désastre avec ses voûtes, ainsi que la porte de la façade ouest, élégant spécimen de cette dernière époque. Au point de vue pittoresque, l'ensemble charme le regard et nous ramène, par le souvenir, en France, aux ruines de l'église de Saint-Martin d'Angers qui ont reçu une destination analogue.

Des monuments de l'époque romaine, des cippes, des monuments épigraphiques, des pièces d'architecture et de sculpture de la Renaissance, des fragments de l'art arabe sont déposés dans la nef. Dans cette première série il faut surtout signaler un sarcophage romain, en marbre, fort remarquable par l'originalité de ses bas-reliefs.

Déjà le *Bulletin monumental* de 1873 a publié une note par laquelle Mr. da Silva voulait bien signaler à la Société française d'Archéologie l'existence de ce sarcophage qu'il venait de faire transporter au Carmo.

Ce sarcophage fut découvert en 1790, aux environs d'Alcobaça, et depuis cette époque jusqu'en 1873 il est resté dans une ferme, où il servait d'auge à l'usage des animaux de basse cour.

. . . .

Dans l'ancien choeur de l'église se trouve le musée proprement dit, à l'abri des intempéries des saisons, du reste peu rigoureuses sous ce beau climat.

Des spécimens d'archéologie préhistorique et de paléontologie, venus des différents points de l'Europe, y sont réunis auprès de ceux du Portugal. Les cavernes des Pyrénées françaises, les cimitières de Marzabotto ont envoyé là un apport considérable. Nous y retrouvons aussi un grand nombre offerts par Mr. le Comte Lair.

L'époque romaine se manifeste encore par la présence de plusieurs monuments épigraphiques. Sur une borne milliaire, nous relevons l'inscription suivante, qui ne figure pas au catalogue du musée à la date de 1876.

IMP. CAE. . .
MARC. AVR. . .
VALERIVS
MAXSIMIANVS
INVICT. AVG
PONTIF. MAX
TRIB. POT. V. . .
CONS IIII PAT
PATR. . . PRO
CON. . .
M. P. . .

Imp *(erator)* Caes *(ar)* Mar *(us)* Aur *(elius)* Maximianus Invict *(us)* Aug *(ustus)* Pontif *(ex)* Max *(imus)* Trib *(unitia)* Pot *(estate)* V Cons *(ul)* IIII Pat *(er)* Patr *(iae)*. . . Procon *(sul)* M. P.

Le texte a cela de remarquable, qu'il donne un exemple de l'abréviation MARC au lieu de M par Marcus. Cette abréviation est tellement rare, si elle n'est pas unique, que Mr. Leon Renver, en publiant cette inscription sur une copie transmise par Mr. da Silva, contestait comme impossible cette manière d'abréger le mot MARCUS.

Parmi les objets du moyen âge, d'anciens tombeaux de personnages historiques attirent l'attention et donnent d'excellents types de ces sortes de monuments, en usage en Portugal et en Espagne aux XIV et XV siècles. Les coffres rectangulaires, en pierre ou en marbre, comme celui du roi don Fernando 1er, avec couvercle en forme de pyramide basse et tronquée, tirent un puissant effet décoratif de la présence, sur leurs faces, d'écussons héraldiques enfermés dans des cadres multilobés. D'autres plus simples, ornés d'écussons, montrent sur leurs couvercles plats, dans l'immobilité de la mort, les graves physionomies des défunts, comme le sarcophage de D. Gonçalez de Sousa, grand commandeur de l'ordre du Christ. Parmi les tombeaux portant les effigies des personnages, il en est un, celui de D. Fernando Sanches, dont la statue est couchée sur le flanc, exemple très rare d'une exception à l'usage consacré avant le XVI siècle de représenter le défunt étendu, le visage tourné vers le ciel. La chevelure partagée sur le front et tombant en ondes souples sur leurs épaules, la barbe raide qui descend en pointe effilée sur la poitrine, ajoutent encore à cette effigie un caractère de curieuse originalité.

Dans une salle voisine, l'art du moyen âge, en orfèvrerie religieuse, en céramique, eu sculpture, offre de précieux modèles à l'art moderne, et maints débris d'architecture y ont trouvé un asile protecteur. Là, grâce aux soins de Mr. da Silva, qui a le culte des anciennes et illustres amitiés, les visiteurs peuvent saluer l'image d'Arcisse de Caumont, placée auprès de celles d'autres éminents archéologues, tant nationaux qu'étrangers.

Les indications des provenances, les noms des donateurs suffisent á constater l'empressement avec lequel les amis de l'histoire nationale ont répondu à l'appel qui leur a été fait pour la formation de ce musée. Parmi ces donateurs, nous retrouvons le nom de Mr. le Comte de Marsy, auquel le musée est redevable du don généreux d'une nombreuse série de moulages de sceaux, tous relatifs á l'histoire du Portugal et dont les originaux sont en France. Mentionnons aussi, une magnifique collection de céramique, offerte par Mr. le Comte Ch. Lair, et composée des types les plus caractéristiques des anciennes fabriques de France et de l'étranger.»

DOLMENS RECENTEMENTE DESCOBERTOS EM PORTUGAL

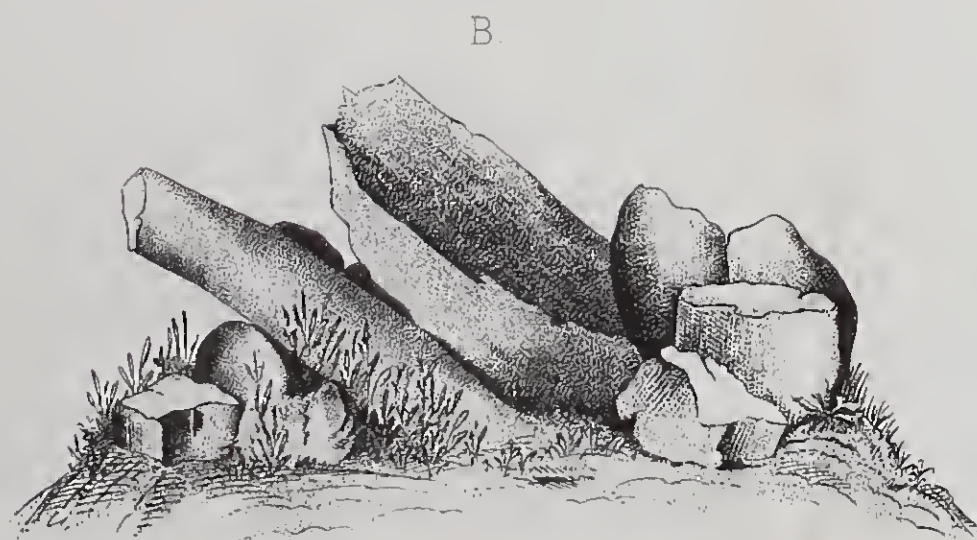
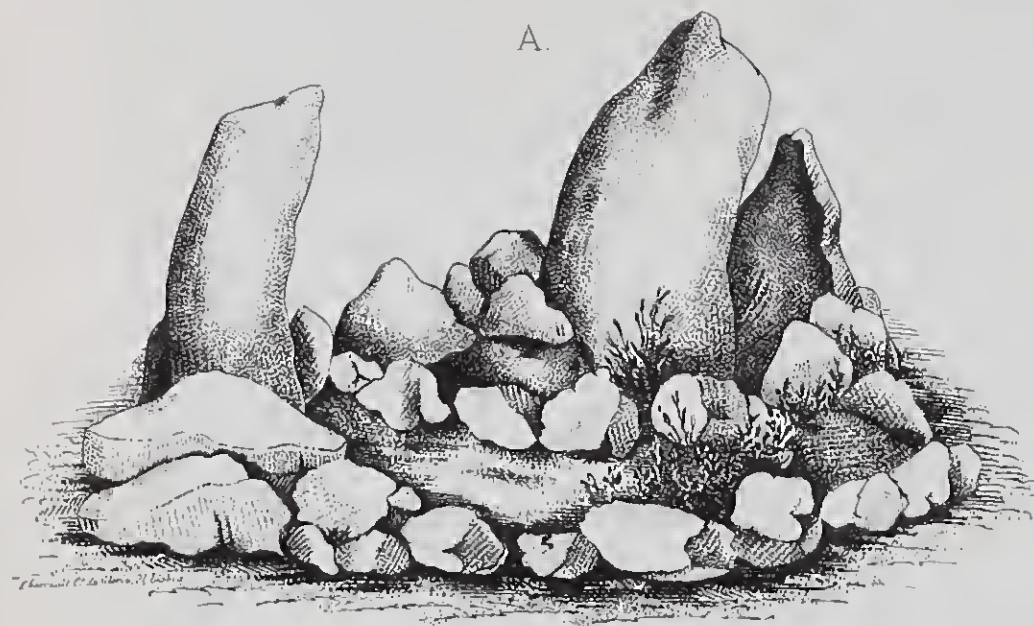
DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA N.º 44 40

Constava haver sómente no nosso paiz, em 1734, 315 Antas; mas, tendo sido a maior parte demolidas, ficou reduzido o seu numero a 138, as quaes veem designadas na carta dos monumentos megalithicos de Portugal publicada por nós em 1879.

Depois do descobrimento, na Serra d'Ossa, de tres Dolmens pelo nosso consocio o sr Gabriel Pereira, no numero dos quaes ha um com a singular particularidade de ter a pedra da camara um furo, sendo o primeiro que no nosso paiz apresenta essa abertura; ultimamente no districto d'Elvas se fez o descobrimento de mais quatro Dolmens, havendo

A.

B.

C.

Dolmens A. B. do Districto d'Elvas; e C. Dolmen do Districto d'Evora.

Estampa 40.

um com galeria, tendo sido os desenhos d'elles offerecidos á nossa Associação pelo consocio o sr. Antonio Thomaz Pires. Este inesperado achado nos dispoz a ir pessoalmente fazer-lhes escavações, afim de augmentar os estudos d'essas construcções prehistoricas.

N'este numero apresentamos a estampa dos dois Dolmens mais importantes, situados a 14 kilometros da cidade d'Elvas, e designados pelos nomes — *Marco das 7 Fontes* e *Pedra d'Anta* — das herdades de S. Rafael e Torre das Arcas: todavia n'este ultimo foi onde se encontrou maior numero de instrumentos de silex, pontas de flexa de perfeito acabamento do typo e tige central, e de extrema pequenez; ossos humanos, outros de animaes, abertos ao comprido; carvão e cinza; e fragmentos de ceramica que tinha servido ao fogo. As dimensões da camara eram, de largura 2 metros, e de fundo $3^{m},8$.

A pedra da meza tinha $3^{m},45$ de comprido, e $1^{m},85$ de largura. A orientação é do Nascente ao Poente.

No principio das escavações, depois de se tirar a terra vegetal que cobria o solo, encontrou-se outra camada com fragmentos de barro romano; e sómente na profundidade de $0^{m},92$ se encontraram os objectos citados, mas todos postos ao lado sul da camara. Achei tambem n'este Dolmen um objecto de bronze, uma pequena ponta de seta com serrilha; o que faz suppor ter pertencido o Dolmen á epocha de transição da pedra polida ao bronze.

No outro Dolmen, apenas se encontrou um machado de schisto amphibolico.

O terceiro Dolmen d'esta estampa pertence ao districto d'Evora e é conhecido pela Anta de Freixo de Cima, a qual tem galeria, como mostra a planta na estampa; mas este Dolmen já tinha sido explorado.

J. da Silva.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em cumprimento da resolução do conselho facultativo se publicam os seguintes officios:

«Ex.^{mo} Sr. — A Meza da Irmandade de S. Pedro da cidade de Guimarães, resolvendo concluir a obra do seu templo ha um seculo interrompida, mas sendo-lhe impossivel executar o risco primitivo por causa do desenvolvimento que desde então até hoje tem tido a cidade, incumbiu ao mui digno engenheiro Joaquim Pereira da Cruz de modifical-o em harmonia com a obra já feita e condições actuaes da localidade.

Desejando, entretanto, proceder com a circumspecção e escrupulo, que a grandeza e importancia da obra e a responsabilidade da sua gerencia exige, deliberou remetter á illustrada Associação dos Architectos, da qual v. ex.^{a} é digno presidente, a modificação do risco, acompanhada de um relatorio feito pelo engenheiro, e pede instante e respeitosamente se digne julgar como entender e confirmar com a sua veneranda auctoridade o projecto de modificação. — Deus guarde a v. ex.^{a} Guimarães, 25 de fevereiro de 1881. — Ex.^{mo} sr. Presidente da Associação dos Architectos. — O juiz, padre *Francisco Xavier de Sousa Carneiro.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de remetter junto a copia do parecer da Secção de Architectura e a approvação da Assembléa Geral d'esta Real Associação ácerca da consulta que essa benemerita Irmandade solicitou d'esta Associação em 25 de fevereiro do presente anno, sobre o projecto, que acompanhava o seu officio, para a construcção da egreja de S. Pedro d'essa cidade. Depois de se ter examinado attentamente o referido projecto, se concordou nas alterações necessarias, tanto para dar melhor serventia, assim como a precisa solidez; ainda que se poderia dar á fachada uma forma mais caracteristica para um edificio religioso, todavia cingiu-se a Secção á disposição adaptada, fazendo-lhe unicamente as alterações convenientes para harmonizar entre si os corpos de que se compõe, e dar-lhes a estabilidade que uma boa construcção exigia.

Muito folgará esta Real Associação de ter podido satisfazer ao pedido que v. ex.^{a} lhe dirigiu; assim como lhe agradece de a ter consultado em um assumpto que tanto interessa a nossa Arte, e principalmente sendo para um edificio dos mais importantes da sua especialidade. — Deus guarde a V. Ex.^{a} Sala das Sessões em 21 de junho de 1881. — O Presidente, *Joaquim Possidonio Narciso da Silva.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em nome da Irmandade de S. Pedro d'esta cidade, a que tenho a honra de presidir, agradeço a v. ex.^{a} e á Real Associação dos Architectos Portuguezes, da qual v. ex.^{a} é dignissimo Presidente e fundador, os relevantes serviços, que a esta corporação acabam de prestar.

Pelo parecer da secção de architectura, que acompanhava a apreciavel carta de v. ex.^{a}, reconhecemos, que a nossa consulta mereceu a essa Real Associação as mais serias attenções. As alterações indicadas parecem-nos do maior interesse; todavia temos grande difficuldade em as realisar, porque o architecto, que tirou a planta, infelizmente já não existe, e hoje não é facil encontrar aqui pessoa competente para dirigir este trabalho. Julgavamos pois de grande vantagem incumbir a Real Associação dos architectos de tirar uma nova planta, observando as alterações indicadas; porém como os recursos da irmandade são limitadissimos, receamos que nos faltem meios para remunerar convenientemente tão importante trabalho. Ainda assim, se a v. ex.^{a} não for muito penoso participar-me, com a possivel brevidade, por quanto poderá ficar uma planta nas condições requeridas, n'isso muito me obsequiará, e a irmandade de S. Pedro de Guimarães terá mais um titulo para confessar sua profunda e sincera gratidão aos relevantes serviços, que v. ex.^{a} e a Real Associação dos Architectos Portuguezes generosamente se dignam dispensar-lhe. — Deus guarde a v. ex.^{a} — Guimarães e sala das sessões 26 de junho de 1881. — Ill^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Fundador e Presidente da As-

sociação dos Architectos. — O Juiz da Irmandade de S. Pedro, padre *Francisco Xavier de Souza Carneiro.*

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Recebi a presada carta de v. ex.ª, assim como os desenhos com as alterações, que a Real Associação dos Architectos Portuguezes se dignou fazer no projecto apresentado, para se levar a effeito a edificação da egreja de S. Pedro d'esta cidade.

Sinceramente penhorado, em nome da Meza da Irmandade de S. Pedro, á qual tenho a honra de presidir, agradeço a v. ex.ª e a essa Real Associação seus relevantes serviços, e ao mesmo tempo participo a v. ex.ª, que esta corporação, não obstante suas circumstancias financeiras serem as mais criticas, tendo em consideração os desejos da Real Associação dos Architectos, houve por bem offerecer á viuva do engenheiro Cruz, a titulo de retribuição pelas alterações feitas, a quantia de quarenta e cinco mil réis, como consta do recibo incluso.

A Meza da Irmandade de S. Pedro sentindo não poder ser mais generosa, apresenta a v. ex.ª e a essa Real Associação os protestos do seu cordial reconhecimento. — Deus guarde a v. ex.ª Guimarães e salla das sessões 14 de setembro de 1881. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Portuguezes. — O Juiz da Irmandade de S. Pedro, *Francisco Xavier de Souza Carneiro.*

Documento a que se refere o officio supra:

«Recebi do Juiz e Mezarios da Irmandade de S. Pedro da cidade de Guimarães a quantia de quarenta e cinco mil réis que me entregam por ordem da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, como retribuição pelas alterações e novos desenhos do risco da egreja d'aquella Irmandade, feitos pela mesma Real Associação.

Passei outro de egual theor e data; e só um valerá. Braga, 27 de agosto de 1881.

Emilia Adelaide Bastos Cruz.

No *Diario de Noticias* de 6 de outubro lêmos o seguinte:

ARCHEOLOGIA

«O sr. dr. Hubner, illustre epigraphista e professor da universidade de Berlim, já esteve em Lisboa por 1860 ou 1861, no tempo de el-rei D. Pedro V, de saudosissima memoria. Tinha então descoberto o sr. Possidonio da Silva, em suas interessantes investigações archeologicas pelo paiz, um alto relevo romano, que offerecera a sua magestado. O sr. Hubner conseguiu de el-rei D. Pedro V que lhe mandasse dar uma copia de tal preciosidade esculptural, e taes diligencias depois empregou o illustre professor allemão, declarando que nunca vira outro specimen assim nem em Hespanha nem em Portugal, que aquelle mallogrado soberano lhe deu por fim o alto relevo, que passou a figurar no rico museu da arte antiga em Berlim.

Quando o sr. Hubner veiu agora novamente a Lisboa, depois da sua digressão artistica e scientifica pelas provincias do norte, procurou o sr. Possidonio da Silva, que em tempo lhe fôra apresentado pelo visconde da Carreira, e quiz vêr e examinar detidamente os objectos mais curiosos existentes no museu archeologico do Carmo, e ahi tirou copia das inscripções de dois cippos e de dois marcos miliarios.

O sr. Hubner disse que, na Allemanha, não se conhecia senão o *Boletim de architectura e archeologia* da associação dos architectos portuguezes, a qual publicação era no seu genero muito apreciavel e unica em Portugal. D'ella existiam collecções em duas bibliothecas publicas da Allemanha, sendo uma a do instituto de archeologia de Berlim.»

NECROLOGIA

FRANCISCO JOSÉ D'ALMEIDA

Mais um ente deixou d'existir!... É a sorte commum da Humanidade!...

Registar o obito de Francisco José d'Almeida, um dos mais antigos e dignos socios da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, não é sómente lamentar a perda de um dos nossos distinctos consocios, nem tam pouco chorar a morte de um dos nossos similhantes; é sobretudo tributar á sua memoria uma merecida homenagem pelo seu nobre caracter, pela cultura de sua intelligencia, pelos relevantes serviços prestados á sua patria como liberal convicto, pelas suas qualidades como homem probo e philanthropico, como amigo sincero, leal, e dedicado.

Depois de ter completado com distincção o curso da aula do commercio, exerceu um logar na contadoria do Real Erario em 1827, sempre pontual nas suas obrigações, servindo com maximo zelo, merecendo justamente repetidos elogios dos seus chefes, pelo exemplar desempenho dos seus deveres como empregado.

Deveu aos seus sentimentos liberaes o ser encarcerado em prisão — segredo — em 1830, podendo conseguir a liberdade depois de quatro mezes de reclusão, onde soffreu as maiores privações.

Com grande risco de perder a vida coadjuvou a sahida dos voluntarios liberaes de Lisboa, para se reunirem aos briosos defensores da cidade do Porto.

Tomou uma parte muito activa como militar na lucta em prol do systema constitucional em 1833, e pelo seu denodo e dedicação, foi nomeado official do 4.º batalhão movel.

Havendo sido mandado encorporar-se ás forças liberaes do Sul do Tejo, ficou prisioneiro depois do ataque em Alcacer do Sal, sendo o unico official que escapou a ser fuzilado pelo partido contrario, como aconteceu aos seus 26 camaradas, barbaramente assassinados em massa até perecer o ultimo!!!... Arrostando grandes perigos, poude salvar-se apezar de gravemente ferido, e chegou a Lisboa descalço, quasi nu, morto de fome e fadiga! Apenas restabelecido, foi servir com a sua companhia nas linhas da capital, defendendo com grande arrojo e acerto um posto importante em Campolide, merecendo, pelos seus repetidos actos de coragem, ser elogiado em Ordem do dia do exercito, e ser condecorado com o habito da Torre Espada, do valôr, lealdade e merito.

Perdeu o logar que exercia como zelozo empregado publico, porque um dos muitos *expertos* d'aquelle tempo aproveitou-se da ausencia d'este brioso patriota, para colher para si a recompensa, só devida a quem a tinha conquistado com os seus gloriosos feitos, e penosos sacrificios.—Condemnavel procedimento da Nação em renumerar as mais das vezes os valiosos serviços prestados ao paiz unicamente com ingratidão e esquecimento!

O seu genio emprehendedor e laborioso decidiu-o a tomar o encargo da direcção de um estabelecimento de productos chimicos, patenteando distinctamente n'este exercicio os seus conhecimentos scientificos.

Pela consideração que merecia a sua familia, e pelas suas qualidades pessoaes, frequentava a sociedade escolhida da capital, tomando parte em muitas das suas digressões campestres; nas representações em theatros particulares, nos bailes das Assembléas, e mui principalmente nas magnificas funcções com que o opulento conde de Farrobo costumava obsequiar os seus escolhidos convidados; onde o seu apurado bom gosto, e superiores dotes artisticos faziam ostentar o mais esmerado conjuncto do bello, do elegante, do precioso; alli tambem o sr. Almeida que privava com o illustrado conde, tomava parte nas disposições d'estas festas grandiosas.

Este nosso chorado consocio era sollicitado pelos seus amigos para fundações de Sociedades recreativas, tendo sido fundador da Assembléa lisbonense no palacio da Horta Secca, do theatro de armadores no palacio dos dois mirantes, na rua do Prior, etc., pois o seu genio folgazão e maneiras delicadas e distinctas captivavam as pessoas, e grangeavam-lhe a merecida estima de quem o conhecia.

Foi um dos primeiros socios da nossa Associação, á qual prestou os mais obsequiosos e uteis serviços.

Fez prelecções sobre chimica, ás quaes concorreram álem de professores d'esta sciencia, muitas damas e cavalheiros, recebendo merecidos e geraes applausos dos ouvintes.

Trabalhador infatigavel, nunca se poupou a coadjuvar com afan a nossa Associação em tudo que tendesse para o seu engrandecimento, já concorrendo ás reuniões do Conselho Facultativo e da Assembléa geral, já fazendo parte de diversas commissões das quaes muitas vezes foi relator, auxiliando o trabalho da collocação dos objectos para exposição, classificando as amostras dos materiaes de construcção do paiz, finalmente tomando parte na redacção do boletim da nossa Sociedade.

O seu bondoso coração e a sua exemplar philanthropia dispunham-n'o sempre a concorrer para beneficiar os necessitados, e proteger o ensino da infancia desvalida; foi portanto director do Albergue dos invalidos do trabalho, sendo um dos mais sollicitos em beneficial-os, não só no desempenho do seu cargo, como em sollicitar elle mesmo, ás portas dos Templos o óbolo caritativo que deveria augmentar os recursos para dar amparo a maior numero d'operarios invalidos; acto de extrema caridade que ennobrece quem tem a virtude de o praticar. Sabia avaliar quanto é salutifera a instrucção e que sem ella a civilisação não poderá progredir, nem os povos poderão obter os melhoramentos do seu bem estar; e por isso emprehendeu melhorar as condições da escóla asylo de S. Pedro em Alcantara, d'onde foi um dos principaes directores, promovendo o desenvolvimento do estudo, e seguindo na disposição interna da casa os preceitos hygienicos aconselhados na edificação das aulas modernas, merecendo do governo elogios por obra tam civilisadora. Portanto o sr. Almeida não se empregava unicamente em satisfazer os frivolos passatempos da vida; a sua alma bem formada vizava ás mais elevadas e uteis acções, desvelando-se em melhorar as privações da velhice infeliz, concorrendo para instruir a infancia desvalida. Bastaria só um d'estes importantes serviços para merecer os emboras dos philanthropicos, e o reconhecimento de todos que prezam a virtude. Homens que durante a sua existencia curam de tam valiosos interesses sociaes não poderão vir a ser olvidados dos vindouros, nem deverão ser esquecidos dos seus contemporaneos. Possuindo estes exemplares sentimentos, não poderia esquecer-se de contribuir com as suas faculdades intellectuaes para derramar nas classes menos cultas os meios faceis de se instruirem na historia da sua nação, no conhecimento das bellezas das artes, no itinerario proveitoso de viajarem no seu paiz; publicou diversos opusculos illustrados, descrevendo os monumentos, noticiando os factos historicos mais interessantes de Por-

tugal: e ainda que este trabalho não revele uma elevada erudição, nem por isso deixa de ser de muito proveito para instrucção do vulgo, robustecendo-lhe o seu patriotismo, e alargando-lhe os seus conhecimentos. Não tem menos valor uma outra publicação que tem por titulo *Apontamentos da vida de um homem obscuro, escriptos por elle mesmo* (Primeira parte), onde, sem pretenção d'estylo, elle relata factos, não só da sua vida, como dos mais importantes movimentos politicos da nação; expondo-os com a maxima imparcialidade e criterio; onde apparecem tambem os vultos politicos mais salientes com as suas boas qualidades e defeitos, que figuraram nos negocios publicos desde 1833 a 1839. È mui curiosa e attrahente a leitura d'esta obra, de que não é excluido o seu conto humoristico, que mais faz realçar o interessante da narração: pena será que a segunda parte, que o finado deixou em manuscripto, não venha a ser publicada.

Um outro trabalho scientifico e historico, que mesmo causa surpreza ter Francisco José d'Almeida ousado compôr, por pertencer a um ramo de sciencia muito alheio aos estudos e occupações a que se applicava, é uma volumosa obra inedita sobre heraldica.

Este importante trabalho, um dos mais completos no seu genero em Portugal, fructo de tenaz applicação, e de serios estudos, em que empregava todos os momentos que lhe sobejavam dos seus muitos affazeres, em que dispendeu annos desenhando e colorindo os brazões, e fazendo as descripções genealogicas dos nobres de Portugal; mereceu um honroso documento de louvor passado pela mordomia da Casa Real que apreciou devidamente o merecimento e utilidade d'esta obra a ponto de a considerar digna de ser mandada publicar a expensas do Governo: não foi feliz comtudo o nosso chorado consocio, apesar da informação favoravel da repartição competente, porque se julgou mais acertado repellir que proteger.— Allegaram ser cousa presentemente dispensavel — como se a moda devesse influir na apreciação de qualquer trabalho scientifico para ser rejeitado como inutil, quando aliás deveria ser sollicitado como indispensavel. Encontrou porém digna acceitação junto do illustrado e distincto auctor do Archivo-Heraldico-Genealogico, o nobre visconde de Sanches de Baena, que propoz ao sr. Almeida completar esta sua obra, cedendo-lhe todos os proventos das assignaturas que já possuia: infelizmente não poude o sr. Almeida utilizar-se de tam bizarra generosidade.

Lamentar-se-hia decerto o nosso finado amigo por só ter merecido desprezo pela parte do Governo! e consideraria quão precario é no nosso paiz dedicar-se alguem a obras de tal magnitude, se por infelicidade não houver um influente que queira ostentar de Mecenas, recommendando a obra ao Ministro; imperfeita que fosse seria deferida a pretenção — o que prova não ser ao merecimento que se concede as mais das vezes protecção, mas sim ao vulto poderoso cuja vontade póde mais que a justiça!

A sua vida attribulada e a sua constante tarefa, para poder satisfazer aos inherentes encargos de chefe de familia, debilitaram as suas forças e aggravaram os seus padecimentos; anemico, cheio de soffrimentos, e desgostos succumbiu pelas 3 horas da tarde de 8 de outubro de 1881, contando 71 annos d'idade.

O seu sahimento não foi concorrido, como é costume acontecer aos felizes do mundo! não obstante pertencer á Sociedade do 1.º de Dezembro, á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes; á antiga direcção do Albergue dos Invalidos do Trabalho; á Sociedade de Geographia, ao Gr.·. Or.·. Lusitano, ter sido presidente e um dos fundadores da Associação dos Veteranos da Liberdade! Se dez albergados não comparecessem no cemiterio, não haveria quem conduzisse o feretro ao jazigo!!! Pobre Almeida! Desventurado amigo! De que te serviu a tua laboriosa vida? Para que te desvelaste em amparar o infortunio, e dares luz ao entendimento da infancia desvalida? Que fructo tiraste das tuas incessantes lucubrações litterarias e scientificas? Que te valeu pugnar pela liberdade do teu paiz, expondo a vida e soffrendo tormentosos trabalhos? De nada!!! porque o indifferentismo d'este seculo, em que só domina o egoismo, desprezou os teus patrioticos esforços; porque a elevação da tua alma generosa era superior ás demonstrações hypocritas de vãs adulações; porque o teu espirito superior desprezava as fingidas lisonjas com que te festejavam, quando precisavam do teu prestimo, da tua coragem, do teu patriotismo. Vergonhoso esquecimento! Condemnavel ingratidão!

Tiveste comtudo um tributo honroso de veneração, quando os teus despojos mortaes foram sepultados, vendo-se innocentes creancinhas com a sinceridade d'um coração puro cercarem com tristeza o teu feretro... bem como os invalidos do trabalho, ignorantes dos artificios no trato, darem-te o testemunho espontaneo dos seus sentimentos agradecidos, pois não obstante a sua avançada idade, e ser grande a distancia que separava a capella do jazigo, não consentiram em ser substituidos no transito, querendo tributar até ao ultimo momento a um dos seus mais fervorosos bemfeitores quanto era profundo e sincero o seu reconhecimento. Não foi, portanto, estrondoso nem luzido o teu funeral, chorado Almeida, mas os que a elle concorreram eram teus verdadeiros e saudosos amigos.

J. P. N. da Silva.

1881, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A OURIVESARIA PORTUGUEZA

NOS

SECULOS XIV A XVI

ENSAIO HISTORICO

II

(Continuação) [1]

O que em seguida vamos dizer sobre a influencia dos modelos estrangeiros tem, portanto, apenas o caracter de um primeiro reconhecimento. Desenvolveremos o assumpto mais adiante, em um capitulo especial.

Tem-se fallado da *originalidade* da ourivesaria portugueza, com o mesmo entono patriotico, as mesmas pretenções, as mesmas phrases vagas que caracterisam os escriptos patrioticos dos defensores do estylo *manuelino*, considerado como estylo nacional e *exclusivo* d'este paiz, e o mesmo termo *manuelino* tem sido applicado tambem á ourivesaria. Não discutimos o termo, posto que a manifestação artistica que esse estylo representa não se possa circumscrever rigorosamente á época de D. Manuel (1495-1521). Não se póde negar uma feição original á ourivesaria peninsular da segunda metade do seculo XV e principio do seculo XVI, mas a palavra *peninsular* está indicando quaes os limites em que a questão tem de ser tratada, segundo o nosso parecer. Os caracteres da ourivesaria portugueza, na época indicada, são perfeitamente identicos aos da ourivesaria hespanhola, como provaremos; e reconhecido isto, não faremos questão do termo *manuelino*, applicado ás obras d'essa época. N'este capitulo, como em muitos outros da historia da arte (para não dizer em todos) não ha fronteiras entre Portugal e Hespanha. A ourivesaria da epoca manuelina distingue-se principalmente pela sua ornamentação; a sua feição peculiar revela-se, como na architectura manuelina (e ainda mais do que n'esta pela natureza do material), mais no systema de ornamentação, do que na creação de fórmas novas. As leis constructivas d'estas formas são violadas frequentes vezes, mas a fecunda imaginação do artista resgata estes defeitos com uma infinidade de motivos de ornamentação, uma especie de vegetação tropical, que encobre as linhas architectonicas do objecto. É o *naturalismo*, que triumpha de todas as tradições; é uma phantasia exuberante que rompe todos os diques, depois de vencidas as difficuldades technicas; é uma paixão pelos detalhes, pelos incidentes caprichosos, que se abandona ao acaso.

Em toda a obra d'arte, a ornamentação tem apenas um valor secundario; deve subordinar-se á forma do objecto; em logar de a occultar, deve, pelo contrario, pôr bem em relevo as linhas caracteristicas da construcção. A ourivesaria manuelina

[1] Veja-se n'este *Boletim* pag. 118. «O presente artigo é a conclusão do Cap. II *Sobre as condições technicas*. Saltamos o Cap. III e IV e passaremos ao Cap. VI. *A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa*, pag. 103-136 da PARTE PRIMEIRA do nosso estudo especial. Do Cap. IV appareceu um importante fragmento na revista *A Arte portugueza*, Porto, 1882. Numero de Fevereiro, pag. 14-18.

esquece frequentes vezes esta condição essencial, inseparavel das outras duas citadas. Ás nossas custodias e os nossos calices offerecem exemplos frizantes do que dizemos; a haste, o nó e o pé d'esses objectos são cobertos de alto a baixo de lavores tão delicados, que não ha por onde lhe pegar; ou os lavoures se despedaçam na mão do sacerdote, ou o objecto fica reduzido a uma peça puramente de apparato, sem poder servir para o fim a que foi destinado; — em ambos os casos fica inutilisado. É impossivel sustentar a custodia de Belem um segundo, sem que se entranhem na mão, ferindo-a em mil partes, os lavores que cercam a haste por todos os lados. O mesmo se póde dizer do calice da Collegiada de Guimarães, do calice da Sé de Braga, do da Misericordia do Porto, etc. A custodia grande da Sé de Evora, soffreu, por esse motivo, restaurações que alteraram profundamente o caracter da obra: a haste é um remendo do fim do seculo XVI, destinado a substituir a antiga, gothica, que provavelmente se estragou rapidamente, por ser impropria. A custodia do mosteiro de Santa Iria (Thomar) padece do mesmo defeito, dando-se n'esta obra ainda o caso absurdo de pertencer a haste e o pé a um outro objecto, evidentemente a um antigo calice gothico, sendo tudo o mais do principio do seculo XVII. Quando fizeram a interpollação lembraram-se de dar ao objecto um destino duplo, como custodia-calice (metade inferior), separando-os em caso necessario, mas nem por isso o resultado foi menos absurdo.

Na mesma collecção da Academia de Lisboa existe uma custodia no meado do seculo XV (Laurent n.º 230, v adiante), cujo admiravel perfil gothico está barbaramente desfigurado com enxertos do seculo XVIII; as volutas que ladeiam o quadro da hostia, são d'essa epoca.

Não podemos, por isso, recommendar esses objectos pela pureza do estylo, pela *forma*, nem julgamos que seja possivel resuscitar um estylo e um processo de composição que nasceu em condições sociaes que não podem repetir-se. O que nos resta de aproveitavel na ourivesaria manuelina são uma serie de motivos de ornamentação, que, depois de bem estudados, e habilmente combinados, pódem servir de base á restauração da arte peninsular, e, principalmente, uma serie de processos technicos que foram, em tempos, brilhantemente executados, e que já tem sido resuscitados, modernamente, com grande exito em paizes estrangeiros. [1]

A forma dos objectos era imitada, no seculo XV, sobre as formas architectonicas do estylo gothico, dissolvido no principio do seculo XVI pela influencia dos modelos da Renascença; isto é evidente nos numerosos especimens que ainda temos; esses modelos reconhecem-se nas salvas, pratos, gumís, picheis das collecções de SS. MM El Rei D. Luiz e El-Rei D. Fernando, nas custodias, calices, relicarios, cruzes grandes e pequenas do *Museu de arte ornamental* da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, e em numerosos objectos das egrejas do reino.

O systema de ornamentação não é facil de classificar; os nossos autores do seculo XVI são mui pobres na caracterisação dos objectos artisticos; para elles tudo se reduz á formula *lavrado de bastiaes;* a significação que os philologos [1] dão do termo não adianta coisa alguma; a formula envolve, a nosso vêr, genericamente, uma serie de lavores, como veremos; o mesmo se póde dizer das outras: *lavor de grutesco* e *lavor de brutesco*, que talvez não designasse o mesmo ornato, ao principio, mas que foram depois confundidas. A terminologia artistica dos documentos é, no emtanto, bastante rica, mas não é clara ao leigo, nem mesmo ao philologo, quando este não conheça a arte e a sua historia. Na ornamentação dos objectos encontram-se esses dois caminhos, essas duas influencias, que já apontámos: o Occidente com elementos novos a (Renascença), e o Oriente com as antigas tradições do seu systema de ornamentação, derivado de uma antiquissima industria textil. Entre outros termos, achamos: lavores de bastiaes e *romano*, de *jarrinhas romanas*, de *lettras mouriscas.* O lavor romano, é o lavor de arabescos, á italiana, a combinação da figura animal com o elemento vegetal, como Giovanni da Udine o vulgarisou; as jarrinhas romanas são as urnas e vasos d'esse arabesco, uma parte integrante e não um motivo novo.

Não, admira, pois, que os escriptores não achassem sempre o termo adequado para caracterisar um objecto novo, com uma ornamentação até alli desconhecida, e que admittia innumeras combinações. Os ourivezes tinham de certo uma terminologia rigorosa, mas nem sempre assistiam á redação de um testamento, de um contracto dotal, de compra ou de venda. Felizmente, restam-nos alguns documentos que foram redigidos, sem duvida, com

[1] A escóla superior de arte industrial de Vienna (*Oesterreichisches Museum f. Kunst und Industrie)* publicou para esse fim a seguinte obra: *Gefässe der deutschen Renaissance* —Punzenarbeiten Wien, 1866, fol. gr.; e com o mesmo titulo publicou em 1878 a Escóla superior de arte industrial de Nurnberg (Baviera) uma outra collecção do mesmo genero *Punzenarbeiten*—trabalhos abolhados.

[1] Viterbo, repetindo Bluteau, refere uma tradição, segundo a qual o nome viria de tres irmãos do appellido *Bastiao*, ourivezes muito afamados. Viterbo cita um documento de Pendorada de 1359, em que já se encontra a palavra *bastiaaens*, ahi provavelmente no sentido de besta, animal (*bestias cœlare)* e não no de *bastiao*, torre ou fortaleza. Depois houve confusão dos dous termos, talvez porque os lavores, que elles representam, fossem applicados promiscuamente.

assistencia de peritos. Por elles vemos que a ornamentação se compunha de formas vegetaes e animaes, raras vezes sujeitas ás leis da estylisação e de elementos architectonicos, além das figuras heraldicas. Os elementos architectonicos nem sempre são transportados com muito criterio para o metal; os motivos da ornamentação vegetal, muitas vezes sem desenvolvimento logico, os quadros symbolicos e allegoricos de uma mesma peça frequentes vezes sem relação entre si, e succede até encontrarmos um ou outro quadro, cujas figuras não concordam, não contribuem para a acção, destruindo a harmonia da composição. É innegavel, porém, que o effeito total é sempre o de uma grande riqueza, ás vezes um deslumbramento. Os lavores são infinitos: de bastiaes e folhagens; de bastiaes e espheras; de bastiaes e romano; de amágos (caroços), de bulhões, de verdugos, de flores de liz, de troços de arvores, de vergas, de meias canas, de canas direitas, redondas e raiadas, de canas de navio. Ás flores e fructos são imitados em lavor de rosas, de maravilhas, de bolotas, de medronhos, de pinhões, de alcachofras. As pedras preciosas emprestam as suas formas lapidadas (lavor de diamante), etc. [1], mas estas formas são menos vulgares que as vegetaes; mais rara ainda é a applicação da figura humana, como elemento ornamental (lavor de rostos de homem); é frequente porém encontral-a independentemente, na composição de quadros historicos, de scenas da mythologia, e sobretudo do Velho testamento. A historia de Alexandre, as luctas de Tróia, a historia de Samsão, de Joseph e seus irmãos, de Pyramo e Thisbe, o juizo de Páris e de Salomão, a vida de Moysés, a creação do mundo, o sacrificio de Abrahão, a allegoria dos sete peccados mortaes e das sete virtudes. [2] Com estes assumptos alternam as scenas das nossas luctas no Oriente, os assaltos ás fortalezas dos turcos e arabes e as batalhas navaes; n'estes casos desapparecem os outros elementos da composição ornamental, a composição rompe todas as linhas, inunda o objecto, como se todo o espaço fosse ainda pouco para tamanhas emprezas.

A explicação dos processos technicos não offerece tanta difficuldade, quando se tenha sempre em vista a historia da ourivesaria nos outros paizes da Europa; ella floreceu em alguns d'elles muito antes do que em Portugal [3], e já então applicava processos technicos eguaes ou similhantes. O *lavor de martello* para as grandes figuras em alto relevo, mormente para o lavor de bastiaes e batalhas, o *lavor de cinzel*, que variava em cinzel alto e baixo, o *lavor da macenaria* (esculptura aberta, arrendada), o *lavor de lima*, o *lavor de buril;* a *obra de chaparia* (batida a martello sobre formas de pequeno relevo); a *obra de verga*, de *filigrana*, de *fio tirado, redondo* (fio graphilado), de *rede de ouro*, etc., indicam uma variedade de processos technicos, que só podiam nascer n'um periodo de notavel florescencia artistica.

Estes processos alliavam-se muitas vezes. O martello, o buril, a lima e o cinzel eram applicados ora junta, ora separadamente, e, finalmente, as pedras mais preciosas vinham dar côr e matiz á composição, realçando as suas linhas com os fulgores dos celebres rubis, jacintos e topasios, das safiras e ametistas, das jagonças, esmeraldas e espinellas, das crisolites, dos olhos de gato, alternando com as celebres perolas do Oriente, tão afamadas pela variedade das suas formas e cambiantes de luz. Ás pedras preciosas juntavam os esmaltes mais variados o preto, o branco, o verde, o pardo, o roxécre e o azul; as combinações mais usadas eram as do esmalte branco e preto, branco e roxécre, preto e azul. Sob este ponto de vista basta citar os admiraveis esmaltes das figuras dos apostolos da custodia de Belem, tão brilhantes como se fossem fabricados hontem; este unico exemplo é sufficiente para formarmos a mais alta opinião da pericia dos nossos ourivezes n'este difficil ramo da sua arte. Nos anjos alados, nos corpos de animaes, nas conchas, nos bugios, nas flores, nos fructos, nas plantas semeadas com profusão por toda a custodia, e todas de pequenissimas dimensões, provaram os nossos artistas, que sabiam applicar o esmalte em todas as condições de difficuldade. Tudo isto harmonisava admiravelmente com os preciosos estofos da Italia, ardendo em côres deslumbrantes, que a moda favorecia, com os pannos de Flandres, que pendiam das paredes, ensinando altos exemplos de virtude na variedade das suas historias, com as alcatifas do Oriente, que abafavam todo o ruido indiscreto e em que a vista se perdia, por entre os arabescos, procurando decifrar monogrammas mysteriosos. A vida foi então uma festa ininterrupta, de breve duração, é verdade, mas ainda assim de

[1] O diamante era, ou chão, ou de ponta, de naife de ponta, de tavoleta, barroco, japulado.

[2] Todas estas scenas se acham representadas em objectos, pertencentes ás collecções de SS. MM. El-Rei D. Luiz e D. Fernando (v. lista no fim), menos as scenas de Troia, que pertencem a objectos citados por Sousa. *Provas*, vol. II, p. 447 448 e 449.

[3] Bastará citar os trabalhos dos ourivezes francezes no seculo XIV, a que eram applicados os celebres esmaltes de Limoges. v. E. Renan, *Discours sur l'état des Beaux-Arts en France au quatorzième siècle*, Paris, 1865, 2.ª ed., p. 278 e seg. P. Lacroix et F. Seré, *Histoire de l'orfévrerie-joaillerie et des anciennes communautés et confréries d'orfévres-joailliers de la France et de la Belgique*. Paris, 1850. V. a grande Lista de artistas do sec. XIV, a pag. 156; são 383 nomes só do 1337-1400, Vide ainda os artistas hespanhoes do seculo XIII e XIV em Davillier. *Recherches sur l'orfévrerie en Espagne* p. 161 e J. F. Riaño. *The industrial arts in Spain* p. 41.

caracter bastante elevado para nos poder deixar mais do que uma ephemera lembrança, isto é, obras de superior valia, que até certo ponto são o espelho em que essa vida se retrata.

A OURIVESARIA HESPANHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

VI

A ourivesaria hespanhola desenvolveu-se em condições superiores. Teve sobre a portugueza a vantagem de começar muito mais cedo a sua historia, e com relações de commercio por assim dizer universaes; mesmo para o estudo technico e theorico teve fontes de estudo proprias, muito antigas [1]. A intima ligação com a França (onde vimos esta arte tão florescente no seculo XIV [2] pela Navarra e Catalunha até á Provença [3], fóco de cultura litteraria e artistica para onde os papas haviam transportado a sua côrte, desde 1305 (em Avignon até 1378), a posição e influencia excepcional de Barcelona em todo o Mediterraneo no seculo XIII, as intimas relações d'este emporio mercantil com o imperio grego de Byzancio [4], as suas colonias na Syria e no Egypto [5] — tudo isto produziu bem cedo admiraveis resultados; todas estas relações abriram á metade oriental da peninsula horizontes vastissimos para o seu commercio e a sua industria. Em cincoenta annos (1229-1282) arranca o rei de Aragão e Conde de Barcelona aos mouros as ilhas de Maiorca e Minorca, os reinos de Valencia e Murcia, e expulsa os francezes da Sicilia; em 1324 toma ainda a Sardenha. Emquanto na parte occidental luctavam os reis de Castella, ora com os inimigos do sul, os mouros, ora com os rivaes do litoral, os portuguezes, continuava a casa de Aragão a sua carreira gloriosa fóra da peninsula, fundando ao mesmo tempo, por um governo sabio e liberal, a prosperidade interna da monarchia. A serie de conquistas, que apontámos, preparou a ultima e mais grandiosa empreza, a conquista do reino de Napoles em 1442. A 25 de Fevereiro do anno seguinte fez o Rei D. Affonso a sua entrada triumphal na cidade em um carro de ouro, como um antigo Cezar, a corôa de Napoles sobre a cabeça, e adiante de si, sobre uma almofada de brocado, mais seis: as de Aragão, de Valencia, de Mallorca, da Corsega, de Sardenha, e da Sicilia.

O que este grande monarcha fez em favor das sciencias e das artes não sabe a historia como encarecel-o [1]. A vida dos mais eminentes sabios, como Georgius de Trebizonda, Chrysolora, Lorenzo Valla, Bart. Facio, Panormita, o póde dizer.

A arte deve-lhe, para citar só um facto, o incomparavel arco triumphal do Castello-Nuovo [2]; e este arco symbolisava o predominio hespanhol na Italia, que se havia de estender a toda a Europa com o advento de Carlos V (1516). A tomada de Granada e a descoberta de Columbo, no mesmo anno, foram o remate do novo edificio politico.

Quão differente foi a nossa sorte! Emquanto os hespanhoes avançavam pela Europa dentro, tomando posse dos centros da civilisação antiga e da cultura da Edade media (Italia — sul da Allemanha e Paizes Baixos, linhas do Rheno e do Danubio), partiamos nós para o Oriente, pelo mar tenebroso, abandonavamos quasi a Europa, e teriamos perdido o fio ás relações occidentaes, se não fôra a continua emigração de gente europea, que vinha esperar nas margens do Tejo a solução dos novos problemas economicos. Este movimento inverso explica, de uma maneira sufficiente, a differença entre o desenvolvimento artistico dos dois paizes da peninsula, e esta differença não é a nosso favor em nenhuma das quatro artes, e ainda menos nas artes industriaes. Não alludimos a uma ou outra obra excepcional; não é isso o que se trata de confrontar; compare-se o movimento, a marcha geral, phase por phase, desde o nascimento de uma arte ou de uma industria até sua extincção. A emigração artistica para Portugal, a introducção de elementos estrangeiros não podia desviar as consequencias necessarias, fataes, do movimento a que obedecemos; podia apenas actuar isoladamente sobre

[1] Basta citar São Isidoro (Bispo de Sevilha, fallecido em 636) na sua Encyclopedia ou livro de *Etymologias*, em que trata de numerosissimas questões technicas; os livr. XVI, pedras e metaes, pesos e medidas; XVIII, arte da guerra, armas, musica, etc,; XIX, construcções navaes, architectura domestica, vestuario e sua ornamentação, joias, etc., são os que nos interessam especialmente; acham-se edições, com facilidade, nas nossas bibliothecas.

Sobre a immensa influencia d'esta obra v, Ebert, *Gesch. der christl. latein. Literatur*, vol. I, pag. 555 e seg.

[2] V. retro, pag. 23, nota; ás obras que citámos, como contendo listas de ouriveses francezes, deve juntar-se a de Texier pag. 787-804, que é a mesma de Lacroix e Seré; esta ultima obra está porém exhausta, e falta nas nossas bibliothechas.

[3] O dominio de Aragão, alcançava até Montpellier, então uma grande cidade commercial, adquirida em 1204 Para a historia especial das relações politicas e sociaes de ambos os lados dos Pyreneus v. Cénac-Moncaut *Histoire des peuples et des états pyrénéens*. Paris, 1860, 5 vol.; obra importante mesmo para o estudo das questões artisticas e archeologicas d'esses paizes.

[4] Em 1290 encontramos Dalmacio Suñer, feitor catalão em Byzancio. Em 1302 tinha o imperador grego Andraniko um corpo de mercenarios catalães ás suas ordens. Heyd. *op. cit.* vol. I, pag. 523.

[5] Já em 1187 concedia Conrado de Montferrat o palacio verde de Tyro á *Companhia provençal*, que se compunha de colonos de S. Gilles, Montpellier e Barcelona. O governo da colonia pertencia a um consulado composto de seis individous; os colonos tinham foro commum, proprio. Heyd, *Levantehandel*, vol. I, pag. 368. Em Alexandria, no Egypto, já Benjamin de Tudela encontrou mercadores aragonezes em 1137. Em 1266 havia consules ou feitores catalães em Alexandria, e em 1290 concluia-se um importante tratado commercial e politico entre o Rei de Aragão e o Sultão Kilawun do Egypto. Heyd *op. cit.* vol. I, pag, 466.

[1] Burckhardt, *Die Cultur der Renaissance*, pag. 219.

[2] Idem, *Geschichte der Renaissance*, pag. 180.

certas organisações privilegiadas, e isto no curtissimo espaço de 30 annos [1]. D'ahi uma decadencia rapida, quasi repentina, como a de uma planta exotica que muda de clima. Qualquer movimento artistico, qualquer arte é o resultado de uma progressão historica sensivel, mas lenta, durante seculos; não se importa, repetimol-o [2]. A historia da ourivesaria e joialheria hespanhola é mais uma prova d'isso, como vamos ver. O foco d'essa industria é o Aragão e a Catalunha [3], o dominio d'esse grande principe que em 1443 abria as portas da Italia aos hespanhoes. A progressão abrange dois seculos.

N'esse mesmo anno triumphal estavamos nós de luto; expirava então o Infante Santo nas enxovias de Tanger, e pouco depois começavamos nós as terriveis questões internas que cobriram de precioso sangue os campos de Alfarrobeira (1449) e só terminaram no cadafalso de Evora (1483). Emquanto aragonezes, catalães e valencianos se tinham fortificado durante dois seculos sob a influencia das antigas civilisações, que haviam nascido em torno do Mediterraneo; emquanto Castelhanos e Leonezes desciam á Andaluzia a admirar em paz as ultimas maravilhas do genio arabe no Alcazar de Sevilha (1360, a Alhambra é de 1258), Portugal procurava reatar antiquissimas relações atravez do immenso oceano; sustentava a Europa, cansada, esgotada, e acordava o Oriente do seu torpôr [4]. Eis a differença de situação entre Portugal e Hespanha.

Todo o reino de Aragão tirou grande proveito das conquistas que enumerámos; a sua capital, Barcelona, tornou-se a rival de Genova, principalmente durante o reinado do grande D. Jayme I, o *Conquistador* [5]. Da parte do principe liberdades locaes e communaes concedidas com a maior franqueza, protecção racional, dispensada largamente ao commercio e á industria; da parte do povo iniciativa corajosa, actividade commercial, genio inventivo para as emprezas industriaes, — e tudo isto ajudado, idealisado por notaveis faculdades artisticas — eis os elementos que concorreram para a singular fortuna da casa de Aragão, uma das maiores da Europa nos seculos XIV e XV. A politica centralisadora e niveladora de Carlos V acabou com os foros e privilegios de D. Jayme e seus successores. O Aragão fundiu-se na immensa casa de Habsburgo e Borgonha. A sorte que tiveram os foros aragonezes no tempo do imperador [1], quiz Filippe II preparal-a aos flamengos, mas o temperamento germanico resistiu e venceu a final. Entre a historia dos Paizes de Flandres e do Aragão-Catalunha, entre Bruges e Barcelona ha, com effeito, mais de um ponto de contacto; o mesmo espirito municipal que ensina o respeito da lei, a mesma força nas corporações que cria industrias florescentes e a riqueza da classe media, a mesma burguezia valente e audaz nos mares e nos combates, que abre a essas industrias um mercado universal.

Com relação á ourivesaria e joialheria (a que nos temos de restringir) isto já era assim no seculo XIV. Davillier fornece noticias valiosas sobre a corporação dos ourivezes de Barcelona, que se referem ao seculo XIV e XV (pag. 97 e seg.), e que podem ser completadas pelo estudo de Ebert. A organisação do ensino era solida, a disciplina dispunha de penas severas, as relações entre os varios membros da officina eram rigorosamente fiscalisadas para prevenir toda e qualquer injustiça do mais forte, ou desobediencia do subordinado [2].

Convem ainda notar a influencia poderosa da tradição sobre o estudo das condições technicas do officio. No principio d'este capitulo alludimos a São Isidoro de Sevilha, cuja obra capital foi uma fonte inexgotavel de estudo para todos os officios, uma encyclopedia de receitas de influencia incalculavel. Os arabes, conquistando no seculo VIII a Hespanha, encontraram o terreno preparado, aptidões technicas, desenvolvidas nas officinas dos artistas visigodos [3], que se haviam inspirado na obra do santo

[1] É a duração do reinado de D. Manoel (1495-1521); o movimento começou porém já nos ultimos annos do reinado de D. João II.

[2] *A pintura portugueza nos seculos XV e XVI*. Porto, 1881, pag. 9.

[3] Capmanny, *Memorias*, prova que Barcelona já tinha um commercio activo de pedras preciosas com o Oriente no seculo XIV; v. tambem Heyd, cap *Edelsteine*, vol. II, pag. 581. Barcelona e Montpellier (ligada a Aragão) tinha corporações de ourivezes organisadas com estatutos já no seculo anterior. V. Texier, pag. 1200.

[4] A Europa estava com effeito exhausta. Em 1492 não tinha ella nos seus cofres mais do que um milhar de milhões de francos, segundo Kiesselbach. *Der Gang des Welthandels*, pag. 301 e seg. V. as provas e a indicação das causas no cap. *Sobre o Commercio oriental das especiarias* em *Arch. art.*, fasc. IV, pag. 136 e seg. Posteriormente ao nosso trabalho de 1877 appareceu a lucida exposição de Heyd em 1879: *Erschopfung der Handelsnationen am Mittelmeer*, que occupa a maior parte do vol. II da sua obra. V. o nosso cap. VII, *Sobre a influencia da arte estrangeira*. O Oriente e Occidente.

[5] Basta recordar que o primeiro codigo de commercio, a primeira compilação de leis maritimas, o *Consolat del mar*, foi impresso em Barcelona em 1458 em lingua limosina, espalhando-se depois por toda a Europa. Sobre as varias edições e traducções v. Salvá vol II, pag. 692. A melhor fonte de estudo é a traducção franceza commentada de Boucher. Paris, 1808, em 2 vol. 8.º

[1] V. a historia da liga dos mesteres contra Carlos V, em Ebert, *Geschichte der allgemeinen Brüderschaft* (Germania) *der Handwerke Valencia's*, pag. 47 e seg. Valencia tinha sido colonisada por Barcelonezes. Na mesma obra os estudos sobre as corporações de Barcelona, corrigindo Capmanny em muitos pontos, sobre manuscriptos hespanhoes, originaes, das Bibliothecas de Berlim e Goettingen. As noticias mais antigas de Capmanny sobre as corporações de Barcelona referem-se a 1208.

[2] Vid. cap. VIII, *Sobre a organisação da officina*, etc.

[3] V. o trabalho especial de Amador de los Rios, *El arte latino bizantino*, etc. Madrid, 1861, com gravuras do thesouro de Guarrazar. Segundo os mais recentes estudos, as

bispo. O arabe ensinou ao hespanhol a sua admiravel *ornamentação das superficies planas*, o segredo do artista oriental, que produziu depois o *estylo mudejar*. Nas provincias que resistiram á invasão continuaram os artistas godos produzindo obras notaveis, como a *cruz de los Angeles*, dada por D. Affonso II á cathedral de Oviedo, e a *cruz de la Victoria* ou do Pelayo da mesma egreja; ambas tem inscripção e data, a primeira 808 A. D. a segunda 828 A. D. A notavel cruz de D. Affonso III, do thesouro da cathedral de Santiago, vae mais além, com a data de 912, isto é, 874 [1].

No seculo XII já o celebre tratado de Theophilus Presbyter, monge allemão e ourives, revela a influencia e o conhecimento dos processos de trabalho usados em Hespanha. [2] Assim chegamos ao seculo XIII e XIV: n'esta epoca já a arte hespanhola concorre no mercado europeu. Já atraz fallamos dos esmaltes aragonezes, exportados para França [3] no seculo XIV, nem admira este luxo, se já em 1234 publicava D. Jayme de Aragão uma severa lei sumptuaria, que provocou a de Sevilha de 1256, repetida logo em 1258 por Affonso X. [4] As obras que nos restam da epoca a que nos referimos (seculo XI-XIV) são maravilhosas. Citaremos: o calice de ouro da abbadia de São Domingos de Silos do seculo XI; um calice de agata, coberto de ouro e pedras preciosas, da mesma epoca, dado a S. Isidro de Leão pela Infanta D. Urraca; o calice de prata dourada do abbade Pelagius (seculo XII); o calice da Academia Real de Historia de Madrid (seculo XIV); o relicario polyptico de Nossa Senhora del Cabello do convento de Quejana (Alava), instituido em 1375 por Hernan Lopes de Ayala; o explendido altar de prata da cathedral de Gerona (1348); a *silla* do Rei D. Martin de Aragão (1395-1412), existente na cathedral de Barcelona; as *Tablas affonsinas* da cathedral de Sevilha (sec. XIII) e outros objectos [1] que dão uma alta idéa da antiga arte hespanhola. No seculo XV já alguns ourivezes barcelonezes eram chamados a Roma para a execução de peças importantes, como eram as rosas e estoques *de offerta*, que os papas costumavam enviar aos principes da christandade. [2]

Os centros das outras monarchias hespanholas só apparecem em scena muito depois de Barcelona, de Valencia e mesmo de Gerona; [3] primeiro Burgos no principio do seculo XV, depois Toledo, em seguida Sevilha; Leão no começo do seculo XVI, Valladolid um pouco mais tarde, Cuenca, etc. [4] Foi na passagem do fim do seculo XV para o seculo XVI, depois do impulso dado ao genio nacional pelos triumphos de Granada, que se produziu um movimento de rivalidade entre as cidades hespanholas na dotação dos seus templos com as obras da ourivesaria religiosa. A centralisação ainda não havia conseguido amortecer o espirito provincial. Só em 1479 é que o Aragão, que vimos unido á Catalunha e Valencia em 1309, se fundiu com Castella pelo casamento dos Reis Catholicos. Cidades de segunda ordem, protegidas por uma nobreza opulenta, que ainda não tinha abandonado os seus explendidos solares [5] rivalisavam

peças pertenciam ao thesouro da egreja de Santa Maria em Sorbaces, celebre pelas suas romarias. Os objectos foram publicados e descriptos em numerosos trabalhos, Hubner, Labarte, Bock, etc., citaremos alguns que se acham mais facilmente entre nós, *Museu espanol*, vol. III e VI; Lasteysie *Merv.*, pag. 72 e seg. (e a monographia do mesmo autor); Davillier, *op cit.*, Lafuente *Hist.*, vol. I, com bellas chromolith., etc. Sobre a ourivesaria hispano-arabe, v. *Museo espanol*, vol. I e VI, joias; vol. I armas de luxo; vol. VI, instrumentos scientificos, etc. Davillier, em *Recherches* e *Les arts*.

[1] Estão ambos excellentemente reproduzidos nos *Mon. arch. de Espana A cruz de los Angeles* tambem se póde ver n'um bello chromo. da *Hist. de Esp.* de Lafuente, vol. I, pag 186 e no opusculo de Davillier*Les Arts. décor. en Esp.*, pag. 19.

[2] Cap. XLVII, *De auro arabico*, pag. 219; cap. XLVIII, *De auro hispanico*, pag. 221. cap. XLIII. *De viridi hispanico*, pg. 89. O *aurichalcum hispanicum*, citado pelo mesmo auctor, era uma mistura de ouro e latão, que dava uma côr avermelhada ao metal, caracteristica do ouro hespanhol. Sobre a saida em grande escala de ouro hespanhol para França e Allemanha no tempo de Carlos Magno, v. H. Meyer, *Die Strassburger Goldschmiedezunft*, pag. 152.

[3] Pag. 95 V. ainda Texier com documentos de Laborde, pag. 694, cfr. Davillier, pag. 62-67.

[4] Weiss. *Kostumkünde*, vol. IV, pag. 334, aponta a lei mais antiga que é de 1212; a exposição de Davillier é deficiente.

[1] Podiamos apontar outros tambem notaveis, mas n'este caso, como em todos os mais, tivemos sempre em vista citar os que foram reproduzidos em obras que se acham nas nossas bibliothecas. O calix de Pelagius vê-se em Davillier, e no *Museo*, vol. VII com estudo de D. Rodr. A. de los Rios, o de Sillos em Davillier, reproduzido de Lasteyrie, *Merv.*, pag. 134; o relicario de Ayala no *Museo*, vol. VIII. com estudo de D. Florencio Janer; as *Tablas affonsinas* na mesma obra, vol. II, com estudo de D. José Amador de los Rios, em Riaño, pag. 17, e Laurent n.º 318 e 319. O calice de D. Urraca em Borrell (vol. II, pag. 138), nos *Monum. archit.* e em Laurent n.º 185; o da Academia da Historia em Borrell, pag. 552; o altar de Gerona, em Borrell, vol. II. pag. 253, e Street, *Goth archit.*, pag. 327, com minuciosa descripção.

[2] Foram Pedro Diez e Antonio Peres de las Cellas, Davillier pag. 46. Sobre outros artistas hespanhoes residentes em Roma, v. pag. 167, 168, 198 e 204.

[3] V. Ebert, *op. cit.* Em 1457 já Juan de Castelnou restaurava trabalhos importantissimos na cathedral de Valencia, e em 1430 principiava Francisco de Artau a notabilissima custodia gothica da cathedral de Gerona, concluida, só em 1458; tem um metro e 85 centimetros de altura e peza apenas 30 kilogrammas; foi este artista que, ajudado por outros de Gerona, fez a opulenta baixella offerecida aos reis de Aragão pela cidade.

[4] Burgos, ha noticias do seu estatuto em 1428, mas é mais antigo; Toledo, Estatuto de 1423; Sevilha, Estatuto de 1470, etc. V. Davillier, cap. VII, *gremios* e *cofradias*.

[5] No tempo de Carlos V, proclamado rei de Hespanha em 1516, ainda a nobreza se conservou na provincia. A predilecção d'este principe pelos seus patricios flamengos afastou a nobreza hespanhola da côrte; as suas continuas viagens foram outro obstaculo. Foi no reinado de Filippe II (1556-1598) que a nobreza affluiu á côrte. V. Ranke, *op cit.* Os solares e palacios das provincias de Hespanha são ainda de um explendor principesco, apesar do abandono de quatro seculos. Sob este ponto de vista, a vida da nossa nobreza na provincia foi modestissima, com rarissimas excepções. Citaremos em Hespanha o dos condes de Luna, em Leão; o dos Mendoza, em Guadalajara; os dos Ayala e Mesa, em Toledo; o dos Riberas, em Sevilha; o palacio Quintanar, em Segovia (*casa de los picos*) e muitos outros solares não menos notaveis. V. coll. de Laurent.

em generosidade com os grandes centros; cada uma quiz ter a sua peça celebre. É então que os ourivezes começam as suas correrias por toda a Hespanha; que Henrique e Antonio de Arphe, de Leão — Juan Alvarez, de Salamanca, — Juan Ruiz, de Cordoba, — os Becerriles, de Cuenca, — Voz-mediano, de Sevilha, executam as suas admiraveis obras de ourivesaria religiosa.

(Continua)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MONUMENTOS NACIONAES

E

Padrões Historicos e Commemorativos de Varões Illustres

E

QUE SÃO ELEMENTOS APRECIAVEIS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DAS ARTES EM PORTUGAL

(Concluido do numero 7, pag. 103)

Localidade	Monumento	Observações
OBYDOS	— Egreja do S. Jesus da Pedra	É um templo grandioso, de traça original, fundado na primeira metade do seculo XVIII.
ODIVELLAS	— Mosteiro de S. Diniz	Encerra o tumulo d'el-rei D. Diniz, seu fundador.
PALMELLA	Egreja de S. Thiago, cabeça da Ordem militar de S. Thiago — dentro do Castello	E' um templo pequeno e de fabrica singela, não pouco arruinado; mas é historico e encerra o mausoleu do mestre da ordem D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho legitimado d'el-rei D. João II.
PENAFIEL	*(no concelho)* Egreja do Salvador — de Paço de Sousa	De benedictinos. Fundado em 1088. Encerra os tumulos de Dom Egas Moniz e de seus filhos.
POMBEIRO	— Egreja do mosteiro de	Era um dos antigos mosteiros da ordem benedictina. A egreja é toda reconstrucção dos seculos XVII e XVIII. Mas a sua galilé, apezar de ter perdido por essa occasião a sua antiga estructura de tres naves, ainda é uma necropole historica pelos tumulos, que encerra, de muitos varões illustres dos primeiros tempos da monarchia.
PORTO	Egreja de S. Martinho de Cedofeita	E' fundação geralmente attribuida a Theodomiro, rei dos suevos, no anno 559. Porém ainda que se negue ao templo actual uma tão grande antiguidade, é fóra de duvida que é anterior á monarchia.
	Egreja de S. Francisco	Fundada no fim do seculo XV por D. João I. E' muito apreciavel pela obra de talha doirada com que foi ornamentada no seculo XVII.
	Egreja e convento da serra do Pilar	E' monumento da nossa historia moderna.
	Torre dos Clerigos	Posto que não se recommende pela belleza da architectura, é construcção grandiosa, e é a torre mais alta do reino.
	Palacio da Bolsa	A vastidão e nobreza do edificio, e os primores d'esculptura do salão principal, dão-lhe direito a figurar aqui.
	Paço episcopal	A sua grandeza e excellente construcção e a magnificencia e belleza da sua escada assignalam-lhe aqui um logar.
	Hospital de Santo Antonio	Apezar de incompleto, a sumptuosidade da sua fabrica dá-lhe jus ao epitheto de monumento.
RATES	— Egreja de S. Pedro de Rates	A 1 legua de Barcellos — E' fundação do Conde D. Henrique de Borgonha, no seculo XI. Está bem conservada.

Localidade	Monumento	Observações
Runa	Hospital dos Invalidos	Fundado pela princeza viuva D. Maria Benedicta e inaugurado em 1826. Edificio vastissimo, com uma sumptuosa egreja.
Santarem	Egreja profanada de S. João d'Alporão	Embora muito desfigurada da traça primitiva, ainda conserva vestigios da construcção romana, quando era séde do convento juridico.
	Egreja de Santo Agostinho, que pertenceu ao convento dos agostinhos calçados	E' um bello templo do estylo gothico puro, fundado em 1380, e conservado sem alteração alguma. Entre muitos sepulchros de varões illustres, que encerra, vêem-se o de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, e o de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e 1.º capitão de Ceuta. Este mausoleu é um dos mais ricos do nosso paiz.
Setubal	Egreja do convento de Jesus, de religiosas franciscanas	Fundada em 1489. Magnifico templo, todo construido de *grés vermelho antigo*, mais conhecido pelo nome de marmore da serra d'Arrabida. Teve por architecto Boutaca, o mesmo que delineou o mosteiro de Santa Maria de Belem.
	Egreja de S. Julião (parochia)	Fundação muito antiga, e reconstrucção completa nos fins do seculo XV. D'esta só conservou a porta principal, porque o terremoto de 1755 destruiu o resto, reedificado depois. Mas o portal é formosissimo, muito ornamentado e tem originalidade.
Tarouca	Egreja do mosteiro de S. João Baptista	Fundação do seculo XII, reedificado. Contém, entre outros tumulos, o de D. Pedro, conde de Barcellos, auctor do Nobiliario, filho natural d'el-rei D. Diniz.
S. Thiago de Cacem	Egreja parochial de S. Thiago	E' um bom templo do seculo XIII, com o frontispicio edificado em 1822. Porém interiormente conserva a fabrica primitiva, apreciavel por existirem no paiz poucas egrejas d'esta epoca em toda a pureza do seu estylo architectonico.
Santo Thyrso	Claustro do mosteiro benedictino de Santo Thyrso	Este mosteiro fundado em 718—reedificado em 965—e 1094, conserva d'esta ultima reconstrucção o claustro com as suas galerias sustentadas sobre columnas duplas. E', creio, o unico claustro grandioso do seculo XI, que ha no reino. A egreja é reedificação do seculo XVII.
Thomar	Egreja de S. João Baptista, matriz da cidade	E' um templo edificado por el-rei D. Manoel. Formoso specimen do estylo gothico-florido, transição do estylo gothico para o da renascença, e ao qual damos o nome de *manoelino*.
Vianna do Castello	Palacio dos Viscondes da Carreira	Foi construido nos principios do seculo XVI. E' muito regular, e está decorado com toda a riqueza da ornamentação, propria do estylo então dominante. Depois da destruição que tem havido modernamente nos bellos edificios particulares do mesmo estylo architectonico, sobre tudo em Evora, este de Vianna é de muito apreço.
Villa Viçosa	O paço do condestavel D. Nuno Alvares Pereira	Está dentro do Castello de Villa Viçosa.
Tumulos:		
Chaves	Tumulo de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, na egreja do convento de S. Francisco	Este tumulo não tem belleza nem riqueza. E' de granito grosseiramente lavrado; e todo pintado a vivas côres. Todavia é o sepulchro do chefe da dynastia de Bragança. Foi mandado fazer pela duqueza de Bragança, D. Catharina, no seculo XVII.
S. Domingos de Bemfica	Tumulo de João das Regras na egreja do convento de S. Domingos	E' de marmore e tem na tampa a estatua do eloquente chanceller d'el-rei D. João I.
Lisboa	Tumulo da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya	Na egreja das Francezinhas, na calçada da Estrella.
	Tumulo da princeza D. Isabel, filha de D. Pedro II	Na mesma egreja, junto do tumulo da rainha sua mãe.
	Tumulo da rainha D. Maria Anna Victoria	Na egreja do convento de S. Francisco de Paula, na rua do mesmo nome.
	Tumulo de Mendo de Foyos, secretario d'Estado d'el-rei D. Pedro II	Na sachristia da egreja de Nossa Senhora da Graça. E' de marmore de côres, e ricamente ornado de mosaicos, e de esculpturas em marmore e em bronze. E' obra de merecimento artistico.
	Tumulo do marquez de Pombal	Na ermida de N. Senhora das Mercês junto á rua Formosa.
N. Senhora da Luz	Tumulo da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel	Na egreja de Nossa Senhora da Luz, fundação sua. Está na capella-mór, que é o que resta do templo, destruido pelo terremoto de 1755.

PANOIAS (Penafiel) — Sepulchros romanos....

SANTAREM — Santa Maria d'Alcaçova. ...... Cippos romanos.

Aqueductos:

COIMBRA.................................. Obra d'el-rei D. Sebastião.

ELVAS — Aqueducto da Amoreira.......... Construido no reinado de D. Sebastião, lançando-se para esse fim, pela primeira vez, o imposto do real d'agua. Construcção de genero especial.

EVORA — Aqueducto da Prata.............. Foi mandado fazer por el rei D. João III sobre os alicerces do aqueducto de Sertorio, descoberto por diligencias de André de Resende.

THOMAR — Aqueducto do convento de Christo. E' obra de D. Filippe II de Castella e teve por architecto a Filippe Tercio, italiano. O arco principal, a um kilometro do convento, é grandioso, e verdadeiramente monumental.

VILLA DO CONDE — Aqueducto do convento de Santa Clara........... E' fundação do mesmo tempo do antecedente, e do mesmo architecto.

TERCEIRA CLASSE

Monumentos da arte militar antiga. Castellos e torres.

ALCACER DO SAL — Castello arruinado.
ALMOUROL — Castello arruinado no meio do Tejo.
ALTER DO CHÃO.
ANCIÃES.
BRAGA.
BRAGANÇA.
BEJA.
CASTELLO BOM.
CASTELLO DE VIDE.
CASTELLO RODRIGO.
CASTRO MARIM.
CELORICO.
EXTREMOZ.
FEIRA.
FREIXO D'ESPADA Á CINTA.
LAPELA.
LAMEGO.
LEIRIA.
LINDOSO.
LANGROIVA.
MONCORVO.
MONSARÁS.
MONSANTO.
MONTALEGRE.
NEIVA.
OBIDOS.
POMBAL.
PORTO DE MÓS.
SABUGAL.
SEGURA.
SILVES.
SOURE.
S. THIAGO DE CACEM.
THOMAR.
TORRES NOVAS.
VILLA VIÇOSA.

E além d'estes muitos outros, em melhor ou peior estado, mas devendo todos ser conservados como padrões da historia e da arte militar dos tempos antigos.

QUARTA CLASSE

Monumentos levantados em logares publicos pela gratidão nacional em honra de homens, que bem mereceram da patria.

BRAGA — Monumento de D. Pedro V.
CASCAES — Monumento da sr.ª D. Maria II.
CASTELLO DE VIDE — Monumento de D. Pedro V.
S. JULIÃO DA BARRA — Monumento de Gomes Freire.
LISBOA — Estatua equestre d'El-rei D. José I.
» Monumento de D. Pedro IV.
» Monumento de Luiz de Camões.
» Monumento do Duque da Terceira.
» Estatua de José Estevão C. de M.
» Arco Triumphal da Praça do Commercio com as estatuas de Viriato, D. Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama, e marquez de Pombal.
MATTOSINHOS — Estatua de Manoel da Silva Passos.
PORTO — Estatua equestre de D. Pedro IV.
» Monumento de D. Pedro V, na Praça da Batalha.
SAGRES — Padrão do Infante D. Henrique.
SETUBAL — Monumento de Bocage.

QUINTA CLASSE

Padrões de mui differentes generos importantes para a historia e para as artes

Padrões commemorativos de feitos gloriosos, ou de acontecimentos notaveis: algumas casas, que serviram de residencia a grandes vultos historicos ou litterarios: alguns mausoleus, de valia historica ou artistica, e que se abrigam em templos, que não vão incluidos nas classes antecedentes: certos pelourinhos e cruzeiros de merecimento artistico: cippos, columnas miliarias, e outras memorias epigraphicas.

Padrões:

Logar	Padrão	Observações
Alhandra	Padrão das linhas de Torres Vedras.	
Ameixial	Padrão da batalha do Ameixial..	Em 8 de junho de 1663.
Arenosa de Pampelido	Padrão do Pampelido	Logar do desembarque do exercito libertador em 8 de julho de 1832.
Bussaco	Padrão da batalha do Bussaco....	Em 27 de Setembro de 1810.
Campo Pequeno	Padrão	Padrão das pazes entre el-rei D. Diniz e seu filho, o infante D. Affonso, por intervenção da rainha Santa Izabel.
Castro Verde	Padrão	Idem, da batalha de Campo d'Ourique em Julho de 1139.
Castello Rodrigo	Padrão chamado Cruz de Pedro Jacques	
Elvas	Padrão da batalha das Linhas d'Elvas	Em 14 de Janeiro de 1659.
Lisboa	Padrões da conjuração de 1640....	Erguem-se sobre o palacio do Conde d'Almada, por cima da sala onde se reuniam os conjurados, para o lado da calçada do Garcia.
Montes Claros	Padrão da batalha de Montes Claros	Em 17 de junho de 1665.

Arcos commemorativos e funereos:

Logar	Arco	Observações
Albardos	(Serra d') padrão da conquista de Santarem por el-rei D. Affonso Henriques	E' um arco encimado pela estatua do nosso 1.º rei. Embora seja contestado o voto, que, dizem, el-rei fizera ali a S. Bernardo, é certo que descançou com a sua hoste n'aquelle logar, quando ia sobre Santarem, e que o arco é um padrão d'aquelle glorioso feito.
Ermida *(Concelho de Penafiel)*	O marmoiral da Ermida, como lhe chama o vulgo....	Levanta-se este arco junto do logar da Ermida, nas visinhanças de Penafiel. Segundo uns, é um padrão commemorativo do transito funebre do corpo da rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I, de Rio Tinto, onde falleceu, para o mosteiro de Arouca, onde jaz. Conforme outros, é o tumulo de D. Sousino Alvares.
Lordelo	Arco de Lordelo	E' um arco ogival de granito, proximo do Porto, um pouco parecido com os indicados abaixo.
Odivellas	Arco vulgarmente denominado monumento d'el-rei D. Diniz....	Ergue-se em um oiteiro sobranceiro ao valle e mosteiro de Odivellas. E' questão archeologica se diz respeito a el-rei D. Diniz, se a el-rei D. João I.
Pendurada	N'esta freguezia, do concelho de Bemviver, está outro arco, parecido com o da Ermida.....	Este arco, e o que se segue, parece que são commemorativos do enterro da rainha D. Mafalda.
Rebordães	(Concelho de Refoios de Riba d'Ave)	Acha-se este arco proximo da estrada que segue de Villa Boa para o Douro. Todos estes arcos são construidos de cantaria, no estylo gothico.

Logares memoraveis:

Logar	Logar memoravel	Observações
Lisboa	Casa de João das Regras no largo do Poço do Borratem	D'esta casa, em que habitou o celebrado jurisconsulto antes do seu casamento, resta apenas um grande arco ogival, de tres que outr'ora teve, no pavimento terreo.
	Casa de D. Vasco da Gama, na calçada do Duque, proximo do Largo de S. Roque	D'este seu palacio, que o terremoto de 1755 destruiu em parte, e que as reedificações em parte desfiguraram muito modernamente, sómente restam umas cinco janellas de sacada no pavimento nobre,
	Casa de Luiz de Camões na calçada de Sant'Anna	E' a casa em que ha pouco se collocou uma lapida commemorativa, na supposição de que o grande epico alli morava ao tempo do seu fallecimento.
	Casa do visconde d'Almeida Garrett, na rua de Santa Isabel	E' a casa em que residiu nos seus ultimos tempos, e onde morreu o illustre poeta.
	Palacio do Conde d'Almada, no largo de S. Domingos	E' a casa de D. Antão d'Almada, um dos quarenta fidalgos, que acclamaram D. João IV. Era n'este palacio que se reuniam os conspiradores.
	Casa de Braz d'Albuquerque, filho do grande Affonso d'Albuquerque, que tomou o primeiro nome do pae por ordem d'el-rei D. Manoel	Casa vulgarmente chamada *Casa dos Bicos.* O terremoto de 1755 derrocou-lhe os andares superiores. Do que foi poupado pelo cataclysmo alteraram-lhe algumas partes as reconstrucções.

Pelourinhos:

ALTER DO CHÃO.
ALVERCA.
ARRUDA.
BATALHA.
CINTRA.

LISBOA..................................	Como obra d'arte, por ser a columna de uma pedra inteiriça, formada de tres hastes torcidas e separadas, mas unidas na base e junto ao capitel.
SETUBAL................................	E' uma formosa columna corynthia de marmore preto e branco, encontrada nas ruinas de Cetobriga, em escavações feitas no reinado de D. Maria I.

Cruzeiros:

LEÇA DO BALIO...........................	Cruzeiro da egreja de Santa Maria.
LISBOA — Arroyos........................	E' o cruzeiro, que estava no centro do largo d'Arroyos, e que foi mudado para a egreja de S. Jorge.
PORTO DE MÓS.	

Cippos, columnas miliarias e outras memorias epigraphicas

São numerosissimos os monumentos epigraphicos que ainda existem no reino, apezar da grande destruição que se tem exercido n'elles desde tempos antigos, e de muitos anniquilados pelo terremoto de 1755. Os que ainda se conservam formariam um extenso catalogo. A Estremadura, o Alemtejo e o Algarve são as provincias em que mais abundam, não fallando nos que n'ellas se acham colleccionados. Encontram-se tambem em muitas terras do Minho e de Traz-os-Montes. Das columnas miliarias das vias militares romanas possue Braga boa copia. Tambem se vêem na villa de Chaves, e outras localidades. São de differente origem, isto é, dizem respeito a mui differentes povos os monumentos epigraphicos, que possuimos, anteriores á monarchia. E alguns ha de caracteres ainda hoje desconhecidos, e por conseguinte ainda não decifrados. Porém o maior numero é de origem romana.

Encontram-se em quasi todas as provincias de Portugal restos mais ou menos importantes, de povoações antigas, representantes de differentes civilisações. Em algumas, infelizmente poucas, tem-se feito explorações, dirigidas por pessoas competentes, zelosos cultores de archeologia. Aquellas são, em tempos anteriores, porém modernos, Cetobriga, e na actualidade as Citania, no Minho, Ossonoba e outras no Algarve. Mas a maior parte jazem desconhecidas ou desprezadas.
Seria conveniente relacional-as, para fazer conhecida a sua existencia; para se obstar a que os povos as destruam totalmente, indo ali buscar materiaes de construcção, como até aqui tem succedido; e a fim de que algum dia sejam exploradas e estudadas.

SEXTA CLASSE

MONUMENTOS PREHISTORICOS

Dolmens ou antas, men-hirs, mamunhas, etc.

Dolmens, conhecidos em o nosso paiz pelo nome d'antas:

ADRENUNES................................	Na serra de Cintra.
AGUALVA..................................	Nas visinhanças da Agualva.
ARRAYOLLOS...............................	» » da Villa d'Arrayolos.
BARROCAL.................................	» » da freguezia d'Ourega.
BORDA DA COUTADA DO PORTO DOS PINHEIROS.	Na coutada d'Alcogulo.
CANDIEIRA................................	Na serra d'Ossa, Alemtejo; notavel pelo furo que tem a pedra da camara.
CASA DOS GALHARDOS.......................	Concelho de Castello de Vide.
COUTADA D'ALCOGULO.......................	A 7 kilometros de Castello de Vide.
CRATO....................................	Proximo da estação do Caminho de Ferro do Crato.
ESTRIA...................................	Proximo da villa de Bellas.
FONTE DE MOURATÃO........................	A 6 kilometros de Castello de Vide.
GONTINHÃES...............................	Ancora, Vianna do Castello.
GUILHAFONSO..............................	Nas visinhanças da cidade da Guarda.
HERDADE DA MURTEIRA......................	» » d'Evora.

Herdade da Tisnada	Nas visinhanças d'Evora
Melides	» » da povoação do mesmo nome.
Melriço	A 3 kilometros de Castello de Vide.
Milhar do Cabeço	Na coutada d'Alcogulo.
Monte Branco	Alemtejo.
Monte Abraham	Proximo da Villa de Bellas.
Monte Esguerra	» » » » Barbacena.
Monte do Outeiro	Nas visinhanças d'Evora.
Monte de Polvoreira	» » das Caldas dc Vizella.
Monte da Pedreira	» » dc Pombeiro.
Panasqueira	
Pedra dos Mouros	» » da villa de Bellas.
Pombaes	A 1 kilometro de Castello de Vide.
Nave do Grou	Concelho de Castello de Vide.
Niza	Concelho da Villa de Niza.
Ruivoz	Nas cercanias de Ruivoz ha 5 Dolmens.
Tapada de Pedro Alvares	» » de Castello de Vide.
Tapada dos Olheiros	» » » » » »
Varzea dos Mourões	» » » » » »

Men-hirs:

Fratel	Concelho de Villa Velha do Rodão.
Monte Fidalgo	» » » » » »
Ribeira d'Acafalla	» » » » » »

Mamunhas:

Carrazedo	Nas cercanias de Villa Pouca d'Aguiar.
Mamaltar	» » das minas do Braçal.

Lisboa, Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

José Silvestre Ribeiro, presidente. — *Antonio Pedro de Azevedo*, secretario. — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, *Augusto Carlos Teixeira de Aragão*, *Valentim José Correia*, vogaes. — *Ignacio de Vilhena Barbosa*, relator.

Approvado em Assembléa geral de 30 de dezembro de 1880. — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, presidente da mesa. — *Valentim José Correia*, secretario.

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 3 do Tom. III, pag. 37.)

Principiaremos hoje a occupar-nos da arte monumental da India. Mas este nome quantas idéas nos faz despertar na nossa imaginação, como artistas e como portuguezes? Não foi só ali o berço da luz, foi d'ella que tambem saiu tudo o que ha de mais magestoso e brilhante para o mundo, e glorioso para nós. Foi d'esse ceu fulgente que nos vieram todos os raios que nos illuminaram a alma, o espirito e a vista: as religiões e a luz!

Esse Oriente prestigioso, aonde se desmoronaram tantos imperios, se extinguiram tantos povos, onde a solidão hoje occupa seus desertos de areia, n'esse mesmo logar onde imperaram tantos povos conquistadores, os quaes tiveram dominio sobre tantas cidades poderosas; esse Oriente devastado, é ainda para nós a mesma India, o paiz dos grandes phenomenos, o paiz dos mysterios, das monstruosidades e das maravilhas: é ainda hoje a mesma India, que nos mostra as suas colossaes ruinas, as pompas do seu culto esculpidas nos seus mysteriosos monumentos! Admira-se n'aquellas ruinas a Augusta Indra *Prastha* com os seus gigantescos templos e monumentaes palacios que assombram, maravilham e confundem a nossa razão, despertando ao mesmo tempo uma justa veneração para com esses primitivos dominadores da terra, e causando esse nome em nós, pelas recordações da gloria adquirida pelos portuguezes, um merecido reconhecimento tributado aos nossos antepassados, que foram os primeiros, pertencentes a uma nação moderna, que descobriram essas extraordinarias ruinas, algu-

mas das quaes conservam ainda nomes patrios. Tiveram esses illustres varões a ventura de arvorarem o pendão com as quinas nacionaes sobre esse paiz tão rico de monumentos construidos com um estylo artistico tão singular e estupendo.

Quando os indios se separaram do seu tronco primitivo, em uma época que se perde na escuridão dos tempos, emigrando para as planicies do Sul da Asia, elles conservaram todavia o mesmo culto symbolico, que haviam creado no berço da sua existencia social, culto que se encontra em todas as nações primitivas, como sendo a origem de todas as religiões antigas do mundo.

Esse povo que habitou durante uma longa serie de seculos um paiz onde se ostenta e brilha a natureza encantadora, possuindo elle uma imaginação a mais fertil, rica e variada, combinada com uma penetração fecunda e douta, formou a mais antiga religião da India, consistindo em um systema de emanação, conforme o qual se estabelece a união do mundo visivel e invisivel nascido do Ente Supremo: sendo o nucleo d'esta crença a doutrina da *metempsycose;* a qual induz a acreditar que a alma humana não está ligada ao corpo material, senão pela punição que incorreu durante uma existencia antecedente; se porventura o homem progride no mal, a sua alma depois de deixar o seu corpo, passará para um ente inferior (isto é para o corpo de um animal), ficando condemnado a principiar uma nova peregrinação. Emquanto á alma do virtuoso, do heroe e do penitente, essa sobe logo para o ceu, e atravessando os corpos resplandecentes vae unir-se novamente com a alma universal e primitiva, de onde elle tinha emanado.

Este Ser Divino, esta alma universal e primitiva, é designada pelo nome de *Brahma:* estando a religião dos indios fundada n'este principio, precisavamos dar esta explicação para comprehendermos mais facilmente a fórma e o caracter da sua arte monumental.

Duas grandes épocas formam a historia do Indostão. A primeira, principia nos tempos primitivos e se estende até ao fim do anno 1:000 da era vulgar. No segundo periodo, conquistadores estrangeiros a invadem e se apoderam inteiramente do paiz.

A tradição sagrada dos indios dá-lhes por berço da sua origem, a região situada sobre as duas margens do Ganges, esse rio sagrado, cujas aguas têem a virtude de purificar os seus adoradores: mesmo elles desejam morrer afogados n'esse rio, pois teem por fé alcançar a existencia celeste se tiverem a ventura de perecer nas suas aguas!

Geralmente é designado o norte do Industão, como sendo a séde primitiva do culto de Brahamanes; posto que n'esta religião se reconheça um Ente Supremo, o qual fica eternamente immovel, e operando unicamente pela acção intermediaria da Trindade Divina, composta de Brahma, que é o creador, a materia, elle representa o passado, tendo por emblema o Sol, a segunda Divindade, *Vìschnu* é a sabedoria, o conservador, o espaço, e significa o estado presente, a agua é o seu emblema; finalmente *Siva* ou o fogo, o destruidor, fórma a Trindade, e representa egualmente o futuro, sendo ao mesmo tempo o Deus da Justiça.

O grandioso e profundo genio architectural que apparece na arte monumental do Indostão mostra evidentemente que aquelles povos não executavam, como se fossem necessarias, as obras que lhes determinavam, mas sim eram levados pela convicção que lhe inspirava a sua religião, sendo portanto essa fé invariavel que unicamente os movia a levantarem successivamente esses monumentos extraordinarios e surprehendentes que se poderão contemplar nas vistas da nossa collecção no museu do Carmo.

É tambem para notar que os templos na India sejam todos consagrados á mesma religião, e que as suas esculpturas representem todas assumptos de um unico e mesmo culto; não obstante um tão grande territorio de 1:600 leguas, occupado unicamente por esta nação, essa crença constante nos patentea quanto era poderosa esta religião que enthusiasmava tantos principes independentes e exaltava um tão excessivo numero de habitantes d'este paiz, patenteando em tantos seculos a prova da maior abnegação, privando-se dos prazeres da vida, e decididos a arrostarem com os mais cruentos sacrificios, com o fim unico de conservarem a pureza do seu antigo culto!

Igualmente a arte monumental do Indostão, não só confirma ser ella obra de um povo muito antigo da terra, que teve uma existencia politica, mas tambem ser a mais remota do mundo; visto que pelo adiantamento necessario na arte de edificar, desde a gruta subterranea até saber construir um templo ou um magnifico *pagode*, mostra ter sido preciso um grande numero de gerações successivas, sempre com o exercicio continuo na arte de edificar, assim como ter tido uma applicação infatigavel de sua intelligencia para alcançar o maior grau de perfeição, como se admira nos seus monumentos.

Os mais celebres e maravilhosos são os templos subterraneos de *Ellora,* situados no centro da peninsula da India. Tudo aquillo que a intelligencia e o espirito póde imaginar de grande e bello, nobre e elevado na concepção, bem como elegante no desenho, e de esmerada perfeição na execução, se encontra reunidos n'estes grupos de santuarios existentes n'esta cidade santa, habitada pelos brahamanes.

Os monumentos de Ellora não foram levantados sobre o solo, mas sim abertos debaixo do chão em um recinto de montanhas de granito vermelho, e na extensão de 5 kilometros, tendo a configuração de uma ferradura.

Elles são todos compostos de diversos andares, formados por grutas, por templos com habitações de differentes tamanhos, mais ou menos collossaes, sendo todas abertas no interior da rocha com uma excessiva paciencia e muito difficil trabalho, que se não póde descrever. Além d'isto estão todos ornados com uma profusão de esculpturas de todas as especies, e sem haver outro exemplo igual no mundo. A historia não fixa a época, nem designa o povo, nem quem foi o fundador d'essas extraordinarias construcções, nem tão pouco a casta sacerdotal que creou estas obras gigantescas, pois a tradição é tão muda como a solidão agreste na qual se contemplam hoje estes templos maravilhosos.

Passaremos a examinar o que a arte monumental do Indostão deixou para admiração da posteridade. Principiaremos a descrever o mais formidavel templo que existe d'essa antiguidade. É o grandioso templo de granito vermelho de Kelâça, representado no modelo em relevo, e na vista transparente em perspectiva exposta no referido museu do Carmo, mostrando qual é a sua extraordinaria e maravilhosa construcção.

Kelâça (templo de Siva) a Ellora

Entre as escavações curiosas de Ellora, em parte subterranea e em parte isolada da rocha, distingue-se principalmente *Kêlâça*, monumento dedicado a *Siva*, a terceira Pessoa da Trindade indiana, o Deus que mata para crear depois. Quizeram representar n'este monumento a habitação celeste d'aquelle Deus. Sem duvida o seu aspecto produzirá na imaginação uma extraordinaria surpreza, e nos dispõe a nos deixar illudir, tomando o trabalho feito pelos homens como se fôsse obra executada pela propria Divindade! Todos os viajantes ficam estupefactos de admiração, vendo estas ruinas de uma tão veneranda antiguidade, e não estranham que os naturaes attribuam a sua origem á arte maravilhosa dos *espiritos occultos*. Pois, pela ousadia da empreza, bom exito da execução, e belleza do plano como pela riqueza da sua decoração, e variedade dos seus ornatos, se poderá explicar o assombro ingenuo d'esse povo, que julga ser mais natural acreditar que a existencia d'estas obras seja devida á intervenção poderosa de um Ser Supremo!

Este monumento não foi executado, como são os outros cavados no subterraneo, mas sim, *cortado inteiro na rocha viva*, e completamente separado depois do resto d'essa montanha, ficando elle com todas as suas fórmas architectonicas inteiriças, e posto que todas as partes de que se compõe pertençam a uma unica e mesma rocha, todavia dá a apparencia de ser uma construcção edificada pedra por pedra, e por este motivo tem elle, na cathegoria da arte monumental, o primeiro logar entre as mais importantes construcções dos povos da antiguidade.

Tres partes muito notaveis compõem, principalmente, este monumento, havendo no meio um pavilhão de entrada, ornado de pilastras, entre as quaes estão collocadas gigantescas figuras. O pavilhão de entrada é composto de cinco casas, havendo por cima um andar com vista para o largo exterior, tendo 44^m de comprido por 29^m de largo; ha uma varanda geral para o serviço dos musicos nas occasiões solemnes. As tres casas do centro são ornadas de esculpturas n'um comprimento de 14^m, servindo de passagem para um pateo interno. Pelas duas escadas que ficam dos lados, sobe-se ao andar superior que dá serventia a uma ponte de pedra com 7^m de comprido.

Depois, por uma outra escada de nove degraus, sobe-se á capella de Nandi, companheiro do Deus Siva. Esta capella fórma um quadrado de 5^m, recebendo luz por duas janellas cobertas de esculpturas. Sae se d'esta capella por uma porta fronteira á outra por onde se entrou, encontrando-se em seguida uma nova ponte de pedra de 7^m, e d'este logar avista-se o templo principal, cuja elevação é de 30^m.

A vista fica maravilhada, primeiramente pelo aspecto do portico sustentado por dois pilares. Sobe-se por tres degraus e penetra-se no peristylo, guarnecido de uma balaustrada de cantaria, passando-se igualmente para o pateo interior por duas escadas com 36 degraus. D'este peristylo, sobe-se ainda 4 degraus, e por uma porta que parece estar guardada por estatuas gigantescas, entra-se então no templo, o qual tem de comprimento 23^m,11 e de largura 18^m. O tecto com a altura de 5^m,42 está sustentado sobre dois renques de pilares no numero de 16, porém no centro os pilares estão mais separados mostrando a configuração de um cruz grega. Os dois braços d'esta cruz conduzem a duas portas eguaes á da entrada, as quaes communicam com os dois alpendres; o alpendre meridional estava reunido por uma ponte, que hoje está arruinada, ligando com o outro lado da montanha, no qual se suppõe haver existido os aposentos dos sacerdotes. Do templo passa-se ao sanctuario subindo-se por 5 degraus, no qual se vê o symbolo venerado d'aquelles povos, a representação colossal do orgão que serve para o reproducção dos seres! Entre as pilastras vêem-se magnificas esculpturas, e o tecto todo cheio de ornatos em estuque, conservando ainda vestigios de pinturas.

No fundo d'este templo e aos lados do sanctuario ha duas pequenas portas que communicam com um terraço, o qual gira em roda do mesmo sanctuario, estando guarnecido com cinco capellas de differentes dimensões. Um sem numero de esculpturas mythologicas ornam as tres capellas do fundo. É rematada a sumidade do templo por uma especie de cupula de fórma pyramidal, onde a imaginação dos artistas indios produziu um extraordinario numero de ornatos diversos.

Na altura da ponte que liga o pavilhão de entrada á capella de Nandi se encontram de cada lado dois elephantes gigantescos, que parecem estar ali collocados como as cabeças dos outros elephantes esculpidas na base do templo e que servindo lhe de apoio, da mesma maneira como na mythologia indiana, são os elephantes divinos que sustentam o mundo.

Aos dois lados da capella de Nandi e ao centro d'ella, levantaram, em cada lado, um obelisco de fórma especial, que se julga teria por remate um leão. A altura d'estes obeliscos é de 12^{m},8.

Ainda não descrevi todas as maravilhas que encerra Kêlâça e já o nosso espirito está incredulo que um tal monumento possa existir. Além d'isto, o pateo está cercado por extensas galerias, algumas das quaes teem differentes andares. Ha muitas grutas do lado septentrional, sendo a mais notavel d'estas escavações aquella que está situada no segundo andar, em frente do grande templo. Sobe-se por 27 degraus. Este pequeno templo é egualmente consagrado ao deus Siva, tendo de extensão 2^{m},33. O sanctuario está muito bem conservado, sustentado por grossos pilares, o tecto ornado de magnificas esculpturas, e as suas pinturas são ainda visiveis, não obstante estarem enegrecidas pelo fumo. Em roda ha um vasto claustro com 39 pilares; os intervallos d'estes pilares estão cheios de assumptos tirados da mythologia indiana, e causam a admiração dos devotos, servindo-lhes como uma especie de pantheon indio.

No angulo meridional, observa-se a falta de tres pilares, que foram mandados quebrar por ordem de um dos mais famigerados imperadores dos mogolos, Aureng-Zeb, que reinou em 1659, julgando-se que esta construcção podesse abater; e então convenceria a falta do poder que tinham os deuses que eram adorados no Indostão; porém este desejo ficou frustrado, e os indios disseram depois que o seu Deus havia triumphado do furor barbaro do tyrano estrangeiro.

Procuremos agora compenetrar-nos d'este sentimento de admiração que se apodera do espectador olhando para as obras d'este maravilhoso monumento. O que será pois que fere assim o espirito, o arrebata e o deixa em extasis? Não é decerto a altura do monumento, nem as suas fórmas pesadas, nem sua configuração achatada; não é tão pouco a regularidade das linhas, pois que a desigualdade do terreno violentou a arte a desviar-se dos seus preceitos; muito menos será ainda a variedade do desenho, affectando todos uma fórma quadrada; assim como não poderá ser a ostentação dos ornatos, visto que elles foram multiplicados com grande profusão. É motivado esse assombro, pelo testemunho que nos dá este formidavel monumento de uma vasta reunião de trabalhos, que attesta o poder de homem intelligente, pelos esforços praticados, quasi sobrehumanos; é isso que nos causa um justo sentimento de orgulho e de admiração. Applaudimos o talento do artista que ordenou que uma pedreira se transformasse em capellas quadrangulares, e em pilares! que essa pedreira se modificasse em esculpturas, dividisse, alargasse em salas immensas, e em porticos regulares! A pedra cedeu em todas as partes, sobresaindo por esta fórma a intelligencia superior do architecto, a qual brilha em todos estes gigantescos trabalhos. E posto que haja alguma imperfeição em relação á pureza que se requer no sublime da arte, de outro lado avaliamos quanto impera a architectura sobre nossos sentidos, quando ella representa em tão elevado grau a arte monumental de uma nação, ou por outra, quando ella personifica a crença no seu maior auge de explendor, tanto para dominar os homens pela ostentação do seu culto, como amedrontal-os, subjugando-os pelo temor de castigos imaginarios, representados nas esculpturas d'esses monumentos. Eis aqui por que a uniformidade das linhas na architectura dispõe sempre a alma a gozar paz de espirito e a entregar se á meditação; assim como a variedade e a superfluidade a distrae e agita. Se esses tectos pouco elevados não deixam subir a alma para o seio da Divindade é parece que, pesando sobre ella, elles lhe fazem sentir melhor estar esse Deus muito mais proximo de si, este monumento faz vêr que foi calculado para produzir essa forte impressão.

Representar um Ser unico, com fórmas multiplices é principalmente em que se funda o grande mysterio da religião dos povos do Indostão, e este mysterio se acha por esta fórma perfeitamente representado n'este monumento, que reune a este systema de unidade uma tão grande multiplicidade de detalhes, pois que tanto o pensamento do artista, a temeridade da empreza, coma a escolha da disposição do templo e a bizarria da sua execução, tudo manifesta no grau mais subido essa significação, que a arte monumental soube tão bem representar nas construcções religiosas d'aquelle povo.

Mas se esta obra extraordinaria nos causa tanto assombro, devemos procurar qual foi a auctoridade que fez produzir um monumento tão estupendo, e

para darmos uma cabal explicação, precisamos expôr em que se baseava a theoria da architectura do Indostão.

(Continua)

J. P. N. da Silva.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.° 45

A photographia que apparece com este nosso numero do *Boletim*, representa um especimen raro de architectura portugueza, pois é a vista da *unica janella conventual* do monumento historico e artistico do antigo convento dos Jeronymos, em Belem. Foi a que ficou mais completa, das tres que se haviam construido no corredor dos claustros, com a frente para a cerca do mesmo convento.

É composta esta grandiosa janella de sessenta peças lavradas de cantaria, ornada de diversas esculpturas que foram executadas com bastante vigor e mestria, a fim de lhe conservar o seu caracter monumental, e designar o motivo grandioso porque fizeram construir a historica egreja de Santa Maria de Belem.

Quem examinar a fachada do lado do sul d'esta egreja, unicamente á simples vista e mui proximo d'ella, estranhará a maneira exagerada de sua execução, parecendo-lhe haver falta de aptidão nos executores d'esta obra; porém, se o mesmo individuo recorrer á sua intelligencia reflectida, e comparar o primor das esculpturas internas d'este templo, admirando os lavores esbeltos que cobrem as faces dos pilares que sustentam as abobadas das naves, certamente a sua sensata reflexão o convencerá de que houve um *pensado proposito* no architecto em fazer executar por aquelles *dois modos* differentes, no mesmo edificio, a sua sublime e original composição!

A fachada da egreja dos Jeronymos voltada para o Tejo, não foi delineada para se gosar do seu conjuncto monumental, estando-se proximo do edificio. Devemos lembrar o que era o sitio de Belem na era de 1500. Servia de principal ancoradouro das armadas de Portugal; era d'aquella paragem, sobre o vasto Tejo, que os arrojados nauticos deveriam contemplar o monumento erigido para perpetuar a gloria de seus descobrimentos maritimos, e tambem a fama do nome portuguez: portanto, era d'ali que se devia gosar aquella grandiosa construcção, para produzir melhor effeito o seu admiravel aspecto e soberba composição. Devemos lembrar que a margem do Tejo ficava então por menos de metade do que a separa hoje do edificio; assim a distancia do ancoradouro era a mais conveniente para se desfrutar toda a belleza architectonica e o magestoso frontespicio de tão completa fabrica.

Foi, sem duvida, este pensamento que levou o habil architecto a determinar por aquella forma a sua externa execução; pois não se poderá conciliar a apreciação do trabalho da sua fachada com a esmerada obra que se observa dentro do templo, em que se apresenta um contraste tão visivel nos trabalhos dirigidos pelo mesmo artista e na mesma edificação!

Quem concorria aos officios religiosos contemplava na proximidade a ornamentação da esculptura dos pilares e pulpitos, gosando do primor do seu delicado trabalho e admirando egualmente o merito superior do architecto, que havia decorado com tão apurado gosto e talento aquelle recinto sagrado.

Compare-se a ostentosa edificação da obra moderna que se enxertou n'aquelle venerando edificio, para servir de casa de educação a orphãos; confessem com sinceridade, se essa obra de cantaria (não obstante o seu bem acabado trabalho), por ventura produz na alma a mesma sensação que o soberbo aspecto do antigo lavor da egreja, muito embora os ignorantes censurem o tosco da execução! Pódem as mesquinhas janellas da fachada nova fazer experimentar esse effeito arrebatador, que produz em nós a decoração primitiva do monumento fundado pelo rei afortunado?...

Foi, portanto, de caso pensado, que o architecto mandou executar essas esculpturas, fazendo simplificar as pregas dos vestuarios das estatuas que estão no frontespicio, nas quaes se notam attitudes de muita naturalidade; e de certo esculptores mediocres não saberiam pôr em pratica esses preceitos de esthetica.

Felizmente que se conserva intacta essa bella obra de arte antiga dos abalisados artistas, que, tanto pelo seu superior merecimento, como pela gloriosa recordação que disperta na alma, inspira nobres sentimentos de patriotismo. É, pois, do mais subido apreço este raro modelo de typo nacional de architectura, que a Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes tem patente no museu do Carmo, em logar distincto, havendo salvo do camartello destruidor este modelo architectonico, um dos mais importantes monumentos nacionaes.

Seria inutil desenvolver a descripção de tão estupenda obra de arte, pois a excellente photographia pelo habil photographo sr. Neves mostra aprimoradamente as excellentes fórmas d'esta janella, as galas de suas esculpturas e o seu caracter monumental.

J. P. N. da Silva.

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

2.ª SERIE

BOLETIM

3.º VOL.

Da Real Associação dos Architectos
e Archeologos Portuguezes

JANELLA DO ANTIGO EDIFICIO MONUMENTAL
DO
CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM

SERIE 2.ª ANNO DE 1881 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MOSAICO ROMANO

Quando em outubro de 1877 a Camara Municipal de Guimarães justou a reconstrucção de uma rua com aqueducto no centro, no sitio da Lameira, nas Caldas de Vizella, descobriu o empreiteiro, ao abrir o cavouco para o aqueducto, uma porção de mosaico pertencente a uma piscina das antigas thermas romanas. Varias descobertas teem sido feitas n'este genero em diversas escavações praticadas por particulares e operarios do Municipio, porém, que me conste, nenhuma tão interessante como esta.

Os differentes specimens de mosaico que alli teem apparecido, são apenas de duas côres, branca e preta, em quanto que este ultimo apresenta, além de um desenho mais apurado e variado, tres côres que em nenhum dos outros se encontra, que são: o roxo terra, o amarello, e um azul muito esvaído.

Dá-se na construcção d'este mosaico uma singularidade digna de reparo. Á primeira vista a ideia que occorre a quem o vê, é que elle é formado de basalto, calcareo, sanguinha e ocre; quanto ao azul esvaído fica-se em duvida, porque essa côr só apparece estando a superficie molhada, de contrario apenas se descobre um tom de carne tão claro que mal se distingue.

Examinando porém cada uma das fôrmas de que se compõe o mosaico, depois de bem humedecidas, descobre se que o branco é uma composição que tem por base o gêsso, o preto é feito com terra preta e a mesma composição de gêsso, e o roxo terra é tijolo moido misturado com a composição que lhe dá a consistencia, e o amarello é a ocre no seu estado natural.

Qualquer d'estas composições deixa-se raspar por um canivete com a maior facilidade — estando bem humida, — o que por certo não aconteceria ao basalto, nem mesmo ao calcareo, ainda que a acção da agua sulfurea lhes alterasse a textura, o que se limitaria a uma tênue camada de sulfureto, que geralmente se forma em todos os revestimentos das piscinas antigas; pelo contrario d'isso todos os quadrados de que se compõe o mosaico estão mais gastos que o cimento que lhes rodeia as juntas, dando-se ainda a particularidade de que a ocre, que me pareceu estar no estado simples, e por tanto mais soluvel, é justamente a que menos tem sido atacada pela acção corrosiva da agua, e que ainda conserva o maior relevo.

As côres que o desenho representa, são aquellas que appareceram no mosaico depois de lavado, e se conservaram em quanto humido; depois de secco tornou-se de côr cinzenta tão opaca, que se confun-

dia quasi com os espaços deteriorados, que copiei fielmente.

O mosaico é assente sobre uma camada de cimento grosseiramente manipulado composto de tijolo mal moido, cal e arêia, com proximamente dois centimetros de espessura, e esta assente sobre outra camada de argamassa, mais tosca ainda, fabricada com cal e detritus de granito, com tres centimetros de altura.

O aspecto geral do mosaico é muito agradavel, mas, examinando-se detalhadamente, depressa se distinguem immensas irregularidades, devidas sem a menor duvida á falta de uniformidade das pedras que o compõem, que varia entre oito e quatorze millimetros em quadro.

Os desenhos de igual padrão diversificam entre si de modo a não haver dois perfeitamente iguaes, e entre as inexactidões que se podem notar no desenho que acompanha esta breve descripção, não é de certo a menor a regularidade dos traços que representam as juntas, que no original são todas sinuosas.

Copiar cada figura em separado, seria um trabalho insano, que mal se apreciaria, nem a pressa que o empreiteiro tinha de assentar o aqueducto me permittia executar esse trabalho, que me pareceu desnecessario, attendendo á pequenez da escala.

A piscina parecia estender-se para o noroeste, que é o lado superior do desenho, e não faltou quem desejasse continuar a descobril-a : mas como a mui curta distancia da escavação — que tinha para cima de dois metros de profundidade, — existem predios mal construidos, e quasi sem alicerces, o receio de um desabamento fez com que desistissem do intento. Quer durante a escavação, quer em quanto se assentou o aqueducto, houve-se o empreiteiro sempre com o maior cuidado, e pode-se dizer afoutamente que o mosaico não soffreu deterioração alguma.

Sei de boa fonte que alguns predios da Lameira estão edificados sobre preciosidades iguaes a esta. Tudo leva a acreditar que na epoca dos romanos estas thermas occupavam uma grande superficie, e fôram por ventura as mais apreciadas da Peninsula ; os claros vestigios de uma povoação importante, que se encontram perto da igreja de S. Miguel das Caldas, e o esmero com que eram revestidas as piscinas, são provas evidentes do apreço em que já n'aquelle tempo eram tidas as nascentes thermaes de Vizella.

Ao abandono em que por largos annos parece ter ficado entregue aquella obra, e não menos á mão destruidora dos homens, devemos attribuir os estragos que se notam em todas as construcções antigas até agora descobertas n'aquelle local.

Caldas de Vizella 27 de abril de 1882.

Cesario Augusto Pinto.
Socio effectivo.

A OURIVESARIA HESPANHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

ENSAIO HISTORICO

VI

(Continuado do numero antecedente)

Graças á exploração dos archivos para o estudo das questões economicas, industriaes e artisticas, já principiado em Hespanha no seculo XVIII por Capmanny, feita em maior escala por Cean Bermudez no fim d'esse seculo, e muito desenvolvida em nossos dias por um corpo de archivistas bem organisado, é possivel seguir a historia da ourivesaria e joialheria hespanhola sem solução de continuidade em todas as suas phases.

Já fallamos rapidamente dos trabalhos visigothicos anteriores ao seculo VIII, da arte arabe, que a seguiu immediatamente ; acima alludimos á ourivesaria romanica dos seculos XII a XIV e ao apparecimento do estylo gothico no fim do seculo XIV. O desenvolvimento d'este estylo pertence porém ao seculo immediato ; a obra de *mazoneria* ou *cresteria*, tambem chamada *obra moderna*, *barbara* [1], em opposição ás formas classicas : *obra antiga* ou *romana*, attinge o seu ponto culminante nas mãos do celebre Henrique de Arphe, chefe da famosa familia de artistas d'este nome. Este ourives, Francisco de Artau, os dois Castelnou e Juan de Segovia (para citar só os mais notaveis de cada epoca) representam o *gothico puro*, na força do seu desenvolvimento ; Diego Vazquez, Diego de Vozmediano e Juan de Orna o *gothico florido*. Segue o grupo dos representantes do *estylo plateresco*, de transição para o Renascimento, Alonso Becerril, Duarte Rodriguez, e Jaume Serra ; e depois, engrossando sempre, os adeptos do estylo da Renascença em dois grupos, o dos partidarios da Renascença italiana, exhuberante, cheia de vida, phantasia e liberdade e o dos puristas, dos partidarios do classicismo puro. Á frente do primeiro, caminha Juan Ruiz, o chefe da escola da Andaluzia, André Ordoñez, Ramirez de Toledo e Antonio de Arphe ; pertencem ao segundo Francisco Merino, os dois Hernandez (Gonçalo e Marcos) e Ballesteros. Um Arphe, o celebre Juan, auctor da custodia de Sevilha, e sem duvida o mais saliente do segundo grupo, fecha o cortejo triumphal que outro Arphe, seu avô, abrira. [2]

Apezar das innumeras refundições [3], dos vanda-

[1] Como era chamada toda a obra gothica, na peninsula, desde o sec. XIII a XVI. Mariátegui, *Glosario de arquitech.*, pag. 48, sub. *cresteria.*

[2] Dizemos fecha, porque tendo nascido em 1535 ainda assistiu á epoca de decadencia, pois era vivo em 1602.

[3] Foram dictadas mais pela mania da moda, a predilecção pelo novo estylo, pela *obra romana*, do que pela necessidade, porque as peças *sagradas* eram respeitadas, ainda no meio das maiores crises publicas.

lismos, dos remendos, chamados restaurações, das vendas em leilão, e dos roubos feitos em grande escala pelos francezes, na guerra da independencia, e pelos nacionaes durante as luctas civis, o que resta á Hespanha de trabalhos dos seus ourivezes representa ainda um thesouro consideravel.

Recordaremos apenas algumas das peças mais importantes da ourivesaria religiosa, porque aqui, como nos dois capitulos antecedentes, trata-se de analysar a historia nos seus typos mais salientes, mais caracteristicos, e não de fazer um inventario completo. [1]

Temos em primeiro logar uma serie de Cruzes de grande merecimento; uma bella cruz processional, de prata dourada (em chapa sobre haste de madeira, trabalho abolhado) do principio do seculo XV, pertencente ao Museu de Kensington, ornada de placas de esmalte translucido, quatro de cada lado, e tendo na frente o vulto do Christo crucificado, entre duas figuras da Virgem e São João, assentes sobre dois braços, que partem da haste principal; no verso vê-se o Padre eterno, e nas quatro flores de liz, ainda pouco pronunciadas, que rematam os quatro braços, os symbolos dos evangelistas. Nas flores de liz da frente dois anjos em adoração, em baixo Adão resuscitado, em cima um *cabochon*, engastado em filigrana. É um exemplar interessante, que revela a primeira manifestação, um pouco timida, do estylo gothico na ourivesaria religiosa. [2]

Com um caracter gothico muito mais acentuado, apresenta-se uma cruz de altar da cathedral de Gerona sec. XV, (Borrell, vol. II, pag. 255), ladeada por duas estatuas sobre ramificações da haste principal; os galhos desligaram-se porém do braço transversal da cruz e nascem mais abaixo, em o nó da haste. Citaremos em seguida a cruz de altar da cathedral de Sevilha, feita com o primeiro ouro, vindo da America [3], de um estylo gothico severo, quasi núa de ornatos, com as hastes imitando lenho, recortadas em lobulos e ornadas de *cabochon* e camapheus; sobre um taboleiro de forma hexagonal que separa a haste do pé vê-se a Virgem com o Christo morto, S. João, a Magdalena e outra figura, uma scena pathetica, de intensa expressão, que faz esquecer a dureza do desenho gothico e a modelação deficiente das figuras. O pé tem a forma de uma grande rosacea gothica, de seis lobulos, com figuras esmaltadas.

Depois as cruzes processionaes das cathedraes de Toledo e de Leão (Laurent, N.° 247 e 186), ambas de estylo gothico, mas a segunda mais florida e um pouco posterior, segundo nos parece. São dois exemplares de bellissima obra de *mazoneria* e *cresteria*. A segunda, de ouro, é attribuida a Henrique de Arphe; todavia a outra, de prata dourada, obra de Gregorio de Verona, ourives de Toledo, leva-lhe a palma pela pureza do desenho, excellente adaptação dos elementos architectonicos e estilisação perfeita do ornato vegetal. A cruz de Leão recorda immediatamente os trabalhos da epoca manuelina, como a de Toledo recorda as formas do fim do reinado de D. João II [1], e outra cruz de altar, chamada de D. Affonso o Sabio (Laur. N.° 325), pertencente á cathedral de Sevilha, as formas do calice manuelino da Misericordia do Porto [2]; as hastes d'esta ultima parecem-nos interpolladas e datarem do fim do seculo XVI ou mesmo principio do seculo XVII.

Devemos citar ainda como um exemplar de trabalho delicadissimo em filigrana de ouro (Laurent, N.° 185) uma cruz pequena de altar da cathedral de Leão, sem vulto (todas as anteriores o tem), de estylo gothico florido, e uma grande cruz patriarchal, de procissão, tambem sem vulto, da cathedral de Sevilha (Laurent N.° 327), de estylo plateresco, com admiraveis figuras e baixos relevos em o nó da haste principal.

Uma cruz da mesma egreja, chamada do imperador Constantino, [3] (Laurent N.° 326) accusa as formas do ultimo periodo do seculo XVI, já em transição para o estylo baroque do seculo seguinte.

Os calices hespanhoes não são de menor valia. Já enumeramos alguns dos mais antigos (seculo XI-XIV) puramente romanicos e outros que marcam a transição das formas esphericas para as formas pyramidaes da architectura gothica (exemplar da Academia de Madrid. v. retro pag. 115). Os exemplares dos seculos XV e XVI causam a nossa admiração pelo trabalho technico, mas nem sempre, sobretudo nos do seculo XVI, se allia ao merecimento da mão d'obra o valor da concepção geral artistica, a pureza do estylo; no meio da profusão dos ornatos perde-se a ideia da obra, o caracter; esquece-se mesmo o fim a que ella se destina, perde-se o sentimento

[1] Davillier traz mui poucas gravuras de peças de ourivesaria religiosa; completamos a exposição com as reproducções da nossa collecção, e de outras obras hespanholas. Muitos dos objectos, que citamos, foram vistos nas proprias localidades em tres differentes viagens que fizemos pelas provincias de Hespanha em 1871, 1875 e 1881.

[2] Riaño, *The ind. arts.*, pag. 21, descreve os esmaltes c. grav.

[3] A obra seria pois do fim do sec. XV, quando menos de 1492-1500. Parece-nos muito anterior, do fim dó sec. XIV ou principio do sec. XV. Laurent. N.° 322.

[1] Compare-se com a cruz grande processional, que foi de Alcobaça, na Academia de Lisboa. Pardal N.° 12 ou Laurent N.° 224.

[2] Esta cruz não pode ter sido dadiva de Affonso o Sabio (sec. XIII); é de estylo gothico florido, do fim do sec. XV; julgamos até que primitivamente foi um calice, a que cortaram a copa, pondo-lhe em seu logar a cruz, que hoje tem.

[3] O nome vem-lhe de uma reliquia da *veracruz*. É ornada de pedras preciosas e tem pendentes da maçã oito campainhas.

das proporções, perde-se o *estylo*, em summa, e temos em seu logar a *man ira*, a expressão absoluta de um capricho individual. Já dissemos isto a proposito da ourivesaria religiosa da epoca manuelina (v. retro, pag. 17), e sob este ponto de vista a arte hespanhola peccou como a arte portugueza. O artista não procurava a expressão mais elevada da arte; satisfazia o seu capricho, ou obedecia ao capricho alheio, á aspiração do momento que era: deslumbrar pelas apparencias. A prova de que era possivel crear obras de bellissimo effeito e de excellente estylo com os elementos do gothico florido estava dada, e marcado o limite extremo, a que se podia avançar, em obras estrangeiras anteriores ás nossas [1]. Sobrecarregando os objectos, multiplicavamos apenas os motivos conhecidos, sem introduzir elementos novos, porque não fôramos nós que haviamos inventado o systema.

Os artistas hespanhoes souberam, comtudo, corrigir em muitos casos o impulso indisciplinado do genio peninsular. O contacto com a Italia, que foi intimo durante seculos, constante e ininterrupto, preveniu os maiores desvarios da imaginação; o estudo theorico e pratico dos modelos da antiguidade fez-se, *in loco*, mui cedo; recebeu-se a nova doutrina a tempo, completa, e não em segunda mão, fragmentada, como nós; deu-se ensino completo em boas escolas nacionaes, que tinham os melhores compendios [2], os melhores modelos, e podiam renovar constantemente o seu material, porque as viagens á Italia eram continuas e demoradas, e não dependiam de um acaso. [3] Em Roma houve mesmo uma colonia notavel de artistas hespanhoes durante todo o seculo XV e XVI.

Borrell (vol. II, pag. 256) apresenta-nos um bello typo de calice do seculo XV, que pertenceu ao extincto mosteiro de Santa Maria de Junqueras, e que representa o estylo de transição do fim do seculo com uma sobriedade de ornatos e uma sciencia de combinação dos elementos constructivos, que merece o maior elogio. No pé tem gravado o escudo dos reis catholicos.

A collecção de M.r Odiot (França) tem um calice do principio do seculo XVI, de estylo gothico florido, de prata dourada, mas ainda correcto no desenho e de boas proporções. A ornamentação é pouco vulgar; são flamulas ou raios que sobem da garganta do calice para a copa até dois terços da sua altura, deixando a borda lisa; o outro feixe de raios parte, em movimento descendente, de uma laçaria de vimes formada um pouco abaixo do nó, cobrindo a maior parte do pé com flamulas rectas e ondeadas, alternadamente, como as da copa. O nó, primorosamente cinzelado, compõe-se de oito arcadas de estylo ogival florido, em cujos nichos se destacam outras tantas figuras de apostolos sobre fundo de esmalte translucido, ora verde, ora azul. A ornamentação é abundante, como se vê, mas foi habilmente distribuida e calculada. [1]

O museu de South-Kensington possue outro calice do meado do seculo XVI, de prata dourada, lavrado de buril, que é um typo hespanhol caracteristico, excellente composição sob qualquer ponto de vista: proporções, ornamentação, engaste da pedraria. A haste tem a forma de balaustre, a copa é de elegante desenho, o pé oitavado, os motivos ornamentaes estão em perfeita harmonia entre si e cingem-se de uma maneira adequada á construcção da peça. [2]

O mesmo museu possue outro calice do principio do seculo XVII tambem de prata dourada, mas menos correcto e menos caracteristico; comtudo serve-nos para demonstrar que uma tradição bem enraizada, derivada de um bom ensino, resiste ainda por muito tempo á influencia dissolvente da moda e dos seus ephemeros caprichos. É um typo do seculo XVII, mas que ainda se pode ver ao lado das composições francezas e allemãs d'essa epoca. O lavor technico é de dois generos, de buril na copa e abolhado no pé; o nó de dez faces, contém em cada secção uma figura de apostolo, applicada sobre um fundo de esmalte azul translucido. [3]

As custodias ainda excedem as cruzes e calices

[1] V. o bellissimo calice de Admont do fim do sec. XV em Lutzow *Kunst und Kunstgw*, pag. 504; um calice allemão de estylo gothico florido de 1450 no museu de Kensington (N.º 631), que podia passar perfeitamente como manuelino.

[2] Em 1526 e, seguindo outros, em 1520 estava publicado o primeiro tratado hespanhol, segundo os novos principios artisticos; Sagredo, *Medidas del Romano*, que teve varias edições até 1564. No decurso da segunda metade do sec. XVI foram-se publicando os tratados de Serlio, e Alberti, traduzidos por Villalpando e Lozano, além da traducção de Vitruvio por Miguel de Urrea, em 1582, Alcala; não contamos aqui as traducções de Paladio, por Juan de Ribera, e de outro auctores, que corriam em copias. Nenhum d'estes auctores foi traduzido em portuguez! Apenas André de Rezende fez a traducção do tratado de Alberti por ordem de D. João III, que conhecia a necessidade de um compendio vitruviano. Ficou porém em ms.; d'este modo a doutrina de Vitruvio não chegou a ser exposta em portuguez, senão no seculo XVIII, pelo Padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, 1733, que a reduziu de Vignola, indirectamente.

[3] V. *As viagens de Francisco de Hollanda* na revista *Á Volta do Mundo*, vol. I, pag. 271. Este auctor foi o unico artista portuguez que coordenou methodicamente as suas impressões, e accentuou a importancia da questão theorica e scientifica; ainda assim o seu primeiro tratado é de 1548-1549. Os outros que foram á Italia antes, por ordem de D. Manoel, nada deixaram; receberam impressões ephemeras. Hollanda foi o unico que se demorou, (9 annos) porque insistiu em ficar, reconhecendo, como todos os grandes artistas italianos, a necessidade de fazer profundos estudos theoricos; e nem por isso teve quem lhe publicasse uma linha, depois do regresso a Portugal.

[1] Davillier, pag. 53, grav. do calice com uma bellissima patena.

[2] Riaño, pag. 30. Tem a marca S I. de Salinas, e a patena a data 1549. Na copa a inscripção: † *Sangvis mevs vere est potvs.*

[3] Riaño. pag. 31, com grav. em ponto grande. Brazão com as iniciaes L. B. P.

em concepção genial, valor artistico e valor intrinseco. É ahi que a ourivesaria hespanhola realisa os maiores problemas. Lembraremos os seguintes exemplares:

Uma Custodia de prata do genero plateresco (Laurent N.° 289), de delicada execução e sobretudo curiosa pela singular mistura de estylos. A base forma uma rosacea de oito lobulos, coberta de lavor abolhado de folhagens, no estylo gothico florido, em lavor de mazoneria; o tabernaculo figura um templo de forma hexagonal, cujos elementos constructivos (botareos com pinaculos, arcos botantes, etc.) pertencem tambem ao estylo gothico; porém as laçarias lobuladas que deviam preencher os vãos das janellas (arcos de volta redonda) formados entre os botareos, desappareceram; em logar d'essas laçarias lobuladas, caracteristicas do estylo ogival, temos uma renda de folhas e flôres de puro estylo da Renascença, como as que cobrem o pé da custodia; uma ornamentação perfeitamente identica cobre ainda a pyramide de seis lados, *percée à jour*, que forma a coberta do templo; sobre a flôr crucial, que envolve uma esphera, uma cruz moderna.

É de estylo plateresco, e representa-o de uma maneira brilhantissima, a custodia de prata da cathedral de Zaragossa. É uma *custodia de asiento*, uma construcção monumental, composta de cinco corpos, além da base e do remate. Uma descripção minuciosa d'esta peça extraordinaria, que peza 200 kilogrammas, levar-nos hia muito espaço e seria quasi impossivel fazel-a de modo a dar uma ideia exacta da obra ao leitor; é uma egreja de prata em ponto pequeno, que serve de templo á custodia; [1] o schema tradicional d'estas peças, pé, haste, nó, tabernaculo e remate, perdeu se no meio d'esse labyrintho de columnas, nichos, baldachinos, estatuas, varandas, etc. Queremos convidar apenas o leitor a examinal-a miudamente (Laurent n.° 723), se não tiver a fortuna de a vêr em Zaragossa mesmo. O effeito, á vista, é deslumbrante; a execução technica rivalisa com a dos melhores trabalhos que conhecemos, inclusive na modelação da figura humana. O plano geral é um tanto pezado, em virtude das proporções um pouco diminutas das peças lateraes do corpo central, que deviam subir até ao terceiro, em nosso parecer. Não se conhece, infelizmente, o nome do autor d'esta peça prodigiosa, que foi executada em 1537. [2]

Completa, perfeita em todo o sentido, é a custodia de Juan de Arphe, da cathedral de Sevilha (Laurent n.° 320). Proporções perfeitamente calculadas, desenho puro, execução harmonica, sempre egual, ainda nos menores detalhes, uma arte admiravel de modelar o relevo em todas as escalas imaginaveis, uma fecundidade inexgotavel de motivos, tudo concorreu para crear a esta obra a sua reputação excepcional. É com effeito a obra de um artista completo, cuja educação chegou á altura do seu genio natural. É impossivel, ainda n'este caso, dar uma ideia exacta d'esta custodia em poucas linhas; outros gastaram n'isso cadernos de papel, [1] e não conseguiram retratar fielmente o original; de resto, a custodia póde vêr-se com facilidade em Sevilha, nas celebres festas da Semana Santa; um exame não bastará; vê-se segunda e terceira vez, descobrindo-se n'ella sempre novas bellezas. A sciencia de Juan de Arphe revela-se na maneira admiravel como aproveitou as fórmas do puro classicismo, que já então[2] se movia com difficuldade em moldes pezados e monotonos, já quasi immobilisados, sahindo raras vezes de um typo convencional, [3] ou cahindo nos desvarios do estylo baroque, quando pretendia innovar. Compare-se, por exemplo, a custodia de cobre dourado do Kensington Museum,[4] que data de 1537, com a de Arphe, concluida em 1587; é uma differença de cincoenta annos, e, entretanto, dir-se-hia que as datas dos objectos deveriam ser trocadas. Aqui, a creação original, a obra do genio; ali, a imitação, a complicação do motivo, o typo convencional, embora de merecimento, de um artista de segunda ordem.

Além d'estas tres especies principaes de *piezas de iglesia*, cruz, calice e custodia, restam-nos outras de muito merecimento, que deveriam ser descriptas n'uma historia da ourivesaria hespanhola; aqui trata-se de condensar essa historia n'um capitulo, que tem de servir de complemento á exposição sobre a ourivesaria portugueza. Entretanto passaremos ainda alguns typos caracteristicos d'outras especies em rapida revista, antes de entrarmos na ourivesaria profana e joialheria.

Temos em primeiro lugar os *relicarios*, que se ligam naturalmente ás custodias.[5] Já mencionamos um muito notavel de Nossa Senhora del Cabello, po-

[1] E com effeito são duas custodias, uma dentro da outra; n'este caso chama-se a maior: *custodia de asiento*, e a menor: *custodia de mano*, ou portatil; a mais pequena está dentro do segundo corpo.

[2] Nenhum dos auctores que consultámos, Ford. pag. 959, Lavigne pag. 226, Davillier, o apontam.

[1] Laurent n.° 320. A custodia tem 3 metros e 25 centimetros de altura e carrega 24 homens. Foi descripta de um modo incompleto por D. Antonio Ponz, *Viage*, vol. IX; por Cean Bermudez, no seu *Dicc.*, vol. I, pag. 60. segundo um opusculo descriptivo da obra, publicado em 1587, já rarissimo no seculo passado. O sr. Zarco del Valle publicou-o por extenso na revista *El arte en Espana*, vol. III, pag. 174; occupa ahi 18 pag. em 4.° gr. No *Museo espanol*, vol. VIII, pode lêr-se um interessante estudo de Rosell y Torres, sobre a custodia, com grav.

[2] A custodia levou sete annos a fazer, 1580-1587.

[3] É o typo da nossa custodia de Mertola, de S. Martinho de Feijões, de Santa Iria, etc

[4] Riaño, pag 77.

[5] Veja-se o relicario-custodia da egreja de Sainte Waudru (Mons) *Demmin*, vol. I, pag. 170.

lyptico, de estylo gothico, da segunda metade do seculo XIV. No thesouro da cathedral de Santiago conserva-se outro da *Santa Espina*, tambem d'estylo gothico, mas do seculo XV; tem uma fórma que se aproxima do desenho da custodia gothica; o tubo cylindrico, que contém a reliquia, está ladeado por duas figuras de santos, assentes sobre dois braços, que partem do ultimo terço da haste.[1] Na cathedral de Gerona existe um notavel relicario gothico, tambem do seculo XV, com a mesma disposição das figuras lateraes, sobre ramificações da haste principal (Borrel, vol. II, pag. 254). O thesouro da egreja de S. Isidoro, em Leon, possue alguns relicarios muito notaveis, já em puro estylo do Renascimento (meado do seculo XVI); um d'elles, o maior e mais precioso, construido pelo typo das grandes custodias, em quatro corpos, além da haste e do pé, contém uma maxilla de S. João Baptista.[1]

(Continua.)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

[1] *Museo esp.*, vol. V. No Museu de Kensington existe uma cruz allemã de cerca de 1400, com uma disposição identica, n.º 7:939, Collecção, vol. I, 60.

[1] Laurent n.º 197, representando tres exemplares differentes; os outros dois teem uma mão de S. Martinho, um dedo de São Isidoro e cabellos da Virgem.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

SOCIÉTÉ ACADÉMIQUE INDO-CHINOISE

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Dans la dernière séance de la Société Académique Indo-Chinoise, Mr. le marquis de Croizier, président, en annonçant le retour de Mr. le lieutenant de vaisseau Delaporte, membre de la Société, chef de la mission archéologique du Cambodge, qui vient de débarquer à Toulon, sur le transport de l'Etat *le Tonquin*, a fait connaître les principaux résultats acquis par la mission.

«Mr. Delaporte, accompagné d'une partie de son personnel, quittait Marseille le 3 octobre 1881; dès son arrivée à Saïgon, il a rencontré l'accueil le plus bienveillant de la part de Mr. Le Myre de Vilers, gouverneur de la Cochinchine, qui mit de suite à sa disposition un bâtiment à vapeur, et lui fit allouer par le Conseil colonial une subvention de 8,000 francs pour les premiers frais de son voyage; la grande Compagnie de navigation Roque lui offrit ses chaloupes à vapeur, en lui proposant de transporter gratuitement son personnel et son matériel pendant toute la durée des opérations, et Mr. Fourès, représentant par intérim du Protectorat français au Cambodge, en la absence de Mr. Aymonier, s'employa utilement pour faciliter aux explorateurs leurs derniers préparatifs. De Phnom Penh, capitale du Cambodge, Mr. Delaporte se rendit directement aux ruines d'Angkor, et il a pu résoudre enfin le difficile problème de la destination des édifices religieux de cette ancienne métropole de la civilisation indo-chinoise; ses découvertes l'ont amené à ce résultat, aussi intéressant qu'inattendu, que ces anciens temples Khmers étaient voués au brahmanisme; en explorant Angkor-Vat, il a fait dégager dans les parties élevées les chefs-d'œuvre de la sculpture cambodgienne, des bas-reliefs, jadis brillamment dorés, frontons et encadrements, dont tous les sujets, jusqu'à ceux qui décoraient le sanctuaire le plus intime, sont consacrés aux exploits de Rama et à la gloire de Vichnou; c'est donc à ce dieu qu'était dédié Angkor-Vat. A Angkor-Tom, il a visité de nouveaux monuments dans la plupart desquels il a retrouvé encore dans les principaux frontons les exploits de Rama et de Vichnou; il y a constaté la présence du linga emblême de Siva (*phallus* des anciens); il a fait déblayer et fouiller l'ancien palais des rois Khmers, œuvre de sculpture grandiose et merveilleuse, dont les terrasses superposées sont ornées de superbes compositions en bas-reliefs: l'éléphant tricéphale, au corps énorme, Iravâlti, y trône à toutes les places d'honneur, comme aux angles de toutes les portes de la ville où il est monté par le dieu Indra, accompagné de deux Apsaras ou danseuses célestes de son paradis.

«Mr. Delaporte avait déjà recueilli 300 photographies, 40 moulages et un petit nombre de pièces originales de grande valeur, lorsque, à la date du 1er janvier, il a été obligé, ainsi que son second, Mr. Faraut, ingénieur, et l'un de ses dessinateurs, Mr. Tille, de céder à la maladie et de regagner Saïgon pour y entrer à l'hôpital; puis, il a dû s'embarquer sur le premier transport en partance pour la France; bien que très faible, il a supporté le voyage et il est aujourd'hui en voie de convalescence.

«La mission, malgré le départ de son chef, n'en continue pas moins ses travaux: Mr. Delaporte en a

remis le commandement, avec ses instructions, á Mr. le docteur Ernault, médicin de la marine, qu'assistent Mr. Ghilardi, chargé des moulages, et Mr. Laédhric, dessinateur et photographe; à la date du 16 janvier, les recherches entreprises par les explorateurs se poursuivaient activement; le personnel réduit à trois européens, accompagnés de deux interprètes, de douze miliciens indigènes et de quelques mandarins Cambodgiens et Siamois venait de se mettre en route pour Batta-Bong, d'où il devait repartir bientôt à bord de la canonnière mise à sa disposition par Mr. Le Myre de Vilers, pour gagner es ruines N. E. et pour visiter ensuite les monuments situés sur les rives du Më-Kong. Les opérations pourront être continuées jusqu'au milieu de mars, époque à laquelle la chaleur deviendra trop orageux pour qu'il soit possible à des Européens de résister aux intempéries du climat; la mission rentrera probablement en France à la fin d'avril ou au commencement de mai.

« L'état de la santé de Mr. Delaporte permet d'espérer qu'il pourra prochainement exposer lui-même à la Société les résultats de sa Mission.»

« Dans la même séance, la Société a entendu une très intéressante conférence de Mr. Léon Dru, ingénieur, sur le *Percement de l'Isthme de Krau de la presqu'île de Malaka.*»

«La Société Académique Indo-Chinoise, désireuse de s'assurer l'assistance nécessaire aux explorations qu'elle se propose de faire entreprendre aux Philippines, aux Carolines et aux Mariannes, ainsi qu'aux recherches qu'elle fait exécuter dans les archives et les bibliothèques de l'Espagne, a demandé à S. M. le roi Alphonse XII, son patronage, en le priant de s'intéresser à ses travaux et d'accepter le titre de Haut protecteur. L'un des membres du Conseil, Mr. le comte Alphonse Dilhan, s'est rendu spécialement à Madrid pour présenter au Roi la collection des publications et le diplôme de membre de la Société. Sa Majesté a bien voulu l'accueillir avec la plus grande bienveillance, et, en acceptant le titre qui lui était offert, le Roi a promis d'accorder aux membres de la Société l'appui le plus complet pour leurs explorations dans la Malaise espagnole et pour leurs recherches dans les archives et les bibliothèques du royaume.»

Diz o *Elvense* de 16 de abril:

« Por communicação que nos fez o illustre presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, sabemos que na ultima sessão da Sociedade Academica Indo China, o presidente, sr. marquez de Croizier, annunciando o regresso do sr. Delaporte, chefe da missão archeologica do Cambodge, desembarcado ha pouco em Toulon, deu conta dos resultados obtidos pela missão.

« O sr. Delaporte, acompanhado de parte do pessoal, partiu de Marselha a 3 d'outubro do anno passado. Chegando a Saigon, encontrou o mais lisongeiro acolhimento da parte do governador da Cochinchina, sr. Le Myre de Vilers, que poz á sua disposição um barco a vapor, e lhe alcançou do conselho colonial uma subvenção de 8 mil francos para as primeiras despezas da viagem; a companhia de navegação Roque offereceu-lhe chalupas a vapor, propondo-lhe transportar gratuitamente o pessoal e material em quanto durassem as operações, e o sr. Fourès, representante interino do protectorado francez no Cambodge, esmerou-se em facilitar aos exploradores os ultimos preparativos.

« De Phnom-Penh, capital do Cambodge, o sr. Delaporte partiu directamente para as ruinas de Angkor, e resolveu finalmente o intrincado problema ácerca do destino dos edificios religiosos da velha metropole da civilisação indo-china; as suas descobertas lhe deram o resultado tão interessante, quanto inesperado, de que os antigos templos khmers eram dedicados ao brahmanismo; explorando Angkor-Vat, tornou bem salientes as obras primas de esculptura cambodgiana, baixos relevos outr'ora dourados, frontões e molduras, cujos objectos, comprehendendo os que decoravam o santuario mais intimo, são consagrados ás emprezas de Rama e á gloria de Vichnu. É pois a esta divindade que era dedicada Angkor-Vat.

« Em Angkor-Tom visitou novos monumentos, em cuja maior parte tornou a encontrar nos principaes frontões as emprezas de Rama e de Vichnu; verificou a presença do *linga*, emblema de Sivá (*phallus* dos antigos); fez excavar o antigo palacio dos reis khmers, obra d'esculptura grandiosa e maravilhosa, cujos terraços são ornados de soberbas composições em baixo relevo: o elephante tricéphalo (Iravalti), de corpo enorme, ahi se distingue em todos os logares de honra e nos angulos de todas as portas da cidade, onde se vê montado pela divindade Indra, acompanhado de duas Apsaras, ou dançarinas celestes do seu paraizo.

«O sr. Delaporte havia já reunido trezentas photographias, quarenta moldes e um pequeno numero de peças originaes de grande valor, quando no 1.º de janeiro, elle, o seu immediato, sr. Faraut, e um dos desenhadores, sr. Tille, se viram obrigados a ceder á doença, e tornar a Saigon para entrar no hospital. Depois embarcou-se no primeiro navio que se destinava á França, e apezar de muito fraco, supportou a viagem e ao presente está em via de convalescença.

« A missão, apezar da partida do seu chefe, não deixa de continuar os seus trabalhos, dirigida pelo dr. Ernault, medico da marinha, ao qual acompanham os srs. Ghilardi, encarregado dos moldes, e Laédheric, desenhador e photographo.

« Em data de 16 de janeiro as pesquizas emprehendidas pelos exploradores proseguiam activamente; o pessoal, limitado a tres europeus, acompanhados de dois interpretes, de doze soldados indigenas, e d'alguns mandarins cambodgianos e siamezes, tinham-se posto a caminho de Batta-Bong, d'onde deviam partir logo a bordo da canhoneira posta á sua disposição pelo sr. Le Myre de Vilers, para chegar ás ruinas do nordeste e visitar em seguida os monumentos situados nas margens do Me-Kong.

« As operações devem ter terminado em meados de março, época em que o calor se torna muito intenso, e o tempo borrascoso.

« A missão é esperada em França nos fins d'este mez ou em principios de maio.»

Descobrimento da Cidade Romana «Nabancia» em Portugal

Estando, por motivo de serviço publico, em Thomar no mez de fevereiro d'este anno de 1882, constou-me que se pretendera abrir uma cova para plantar uma arvore n'uma propriedade dos arredores d'aquella cidade, em terreno opposto á margem do rio em que ella fôra edificada, e não se podéra profundar essa cova, porque se havia encontrado grande resistencia: appareceram ahi n'essa occasião misturadas com a terra pequenas pedras de côres; havendo-as examinado, reconheci serem fragmentos de mosaico! Procurei logo o proprietario d'este terreno, que está situado no logar chamado *Marmelaio*, distante da cidade dois kilometros, e a um kilometro da margem esquerda do rio *Nabão*. Obtive permissão para se poderem fazer escavações, pois felizmente o referido proprietario é um polido cavalheiro, que com a maior franqueza e urbanidade me facultou ampla licença. Tenho pois muita satisfação de mencionar o nome do sr. Augusto Cesar da Motta, pela maneira bizarra como se houve para commigo; procedimento muito para louvar, porque é rarissimo que os proprietarios ruraes em Portugal consintam nas investigações archeologicas, mesmo satisfazendo-lhes a importancia do prejuizo que se lhes cause!

Principiei no dia 19 do citado mez essas escavações com cinco trabalhadores, e descobri na profundidade 1,^{m}28 um grande mosaico de forma semicircular, composto de cercaduras, tendo no centro divisões quadradas com desenhos entrelaçados e feito de quatro côres, porém estando já em algumas partes damnificado. Eram, pois, ruinas romanas que estavam ali soterradas. Pelas dimensões e feitio do mosaico, sem duvida elle faria parte de um importante edificio da cidade romana de Nabancia, porque differentes auctores, desde André de Resende na sua obra de *Antiquitatibus Lusitaniæ,* o Diccionario Geographico e Estatistico de Hespanha e Portugal, de Minaño, assim como o Diccionario de Bluteau, e mais outros escriptores, dão noticia d'esta antiguidade da Lusitania, situada por detraz da egreja de N. S. da Oliveira, que corresponde ao logar em que se principiaram as investigações. Tratava se portanto de uma importantissima descoberta feita em Portugal no ultimo quartel do XIX seculo.

Os citados auctores mencionam que no anno 110 de J. C. fôra fundada na Lusitania esta cidade romana, sendo imperador Trajano, tendo sido muito populosa e prospera, e ainda florescente sob o dominio dos godos: porém não constava cousa alguma d'ella até o anno 632 da era de J. C. em que fôra occupada pelos godos. A essa época se refere o martyrio de Santa Eyria.

Suppõe-se que os habitantes de Nabancia resistiram tenazmente aos mouros em 715, porque estes invasores a arrasaram completamente, não ficando *pedra sobre pedra*, e assim esteve deserta e abandonada por espaço de 443 annos, até que em 1159 el-rei D. Affonso Henriques fez d'ella doação aos Templarios, que a vieram povoar.

O Governador romano de Nabancia em 653 era o Conde Castinaldo, cujo filho causou o martyrio de S.^{ta} Irena. Os paços d'este governador constava da tradição terem sido grandes e sumptuosos, e d'elles tinham ficado ainda alguns vestigios depois da destruição feita pelos arabes.

Os Templarios aproveitaram muitas das materias d'esta cidade para construirem o seu castello em Thomar. Sobre a torre d'este castello vê-se uma lapida em que ha uma inscripção romana com estas siglas:

PIETATI
AVG. SACR.
VAL. MAX. INMEMR
SVAMETEILIARVM
SVARVM
HÆC SIGNA P.

O que significa: *Padrão á piedade do Imperador Augusto consagrado Valerio Maximo em memoria sua e de seus filhos estes signaes fiz.*

Se a habitação do Governador era magnifica, é de suppôr que esta cidade romana seria de grande importancia, e posto que ficasse destruida pelos mouros e se tivessem utilisado dos seus materiaes para construcções posteriores, todavia deveriam ficar

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Estampa 42.

Mosaico dos Banhos Romanos em Vizella, na Provincia do Minho.

E. Barrault, Cª da Gloria 21, Lisboa

ainda bastantes vestigios de sua primitiva edificação.

Da primeira vez que fui a Thomar, quando andava em 1857, por curiosidade propria, percorrendo as provincias para salvar do vandalismo os objectos artisticos e archeologicos, encontrei, sobre os lados do caminho que conduz da estrada real á remota egreja de S.^{ta} Maria do Olival, *grandiosas* peças de cantaria com molduras, abandonadas no chão, e que mostravam ter pertencido a um colossal entablamento. Informaram-me que tinham sido achadas nas ruinas romanas: cheguei mesmo a adquiril-as por intervenção do meu finado amigo o archeologo Pedro de Roule; mas como eram de extraordinario volume, e o caminho de ferro não estava concluido, não as fiz transportar para Lisboa. Tudo nos indicava, que o descobrimento do grande mosaico pertencia á opulenta cidade de Nabancia.

Assim a nação, no fim de 16 seculos, veiu a possuir esses importantes vestigios, os quaes nos mostram a maneira como o povo rei costumava construir as suas cidades e as casas para os seus habitantes; e ao mesmo tempo incitam os archeologos e *touristes* estrangeiros a virem a Portugal contemplar a disposição d'essa celebre cidade antiga da Lusitania.

Este mosaico semicircular tem de diametro 5^{m},42^{c}, e está circumdado por uma parede actualmente rasa com o nivel da superficie do dito mosaico, da grossura de 62 centimetros. Pela linha recta do diametro que separa o mosaico da construcção, fica o chão mais baixo de 36 centimetros, o que faz suppôr que haveria degraos n'aquelle logar.

Continuando as escavações, appareceu uma rua calçada, com a largura de 2^{m},40^{c}, na direcção de Norte-Sul, e formando o edificio, a que pertencia o mosaico, a sua frente principal para ella.

Do lado opposto ao mosaico junto á calçada, ha uma delgada cortina que a separa do recinto, que ella limita d'este lado. Ao meio d'esse recinto e na direcção central do mosaico, acha-se a soleira de uma porta com o comprimento de 1^{m},80^{c}.

Seguindo-se a rua, encontram-se nos dois extremos do recinto murado, duas outras ruas que se ligam com a primeira, em angulo recto, tendo egual largura, e estando egualmente calçadas.

Tem o recinto 13^{m},10^{c}, de comprimento e de largura 9^{m},30^{c}; sendo a sua superficie de 177^{m},40^{c}. As paredes dos seus dois lados teem a mesma grossura da cortina que faz frente para o espaço em que está o granda mosaico; e do outro lado maior que fecha o recinto tem a parede de grossura 0^{m},42^{c}. No lado opposto do recinto existe outra rua parallela á primeira, tambem calçada; parece ser uma rua das principaes d'esta cidade pelo seu comprimento e direcção. Nota-se na construcção das paredes d'este recinto haver, nos angulos externos d'ellas, marcos cylindricos.

Este grande espaço quadrangular era o *Forum*, e existe perto do angulo do poente o pedestal da tribuna em que os oradores faziam as suas manifestações populares.

Sobre os lados das ruas transversaes apparecem as divisões de casas, estando ainda no logar das suas portas as soleiras que lhes davam a communicação com a rua. Estas casas teem pequenas dimensões, como era o costume construirem-n'as os romanos. Apparecem dentro d'ellas vestigios de mosaicos de diversas composição e côres; o que nos convence, que teriam sido habitadas pelas pessoas distinctas, porque, nas occupadas pela classe mais inferior, o mosaico era formado sómente de pedrinhas brancas, ou com bocadinhos de tijolo, imitando o feitio dos mosaicos. Duas d'estas casas mostravam ter servido de cosinhas.

A calçada é formada de seixos, porém foram quebrados pelo meio a fim de aproveitarem a face mais plana para ficar mais firme a calçada.

Por detraz da parede do semicirculo, afastado d'ella 1^{m},80^{c} e na direcção da linha central do grande mosaico, se descobriu um pedestal quadrangular, tendo por lado 0^{m},46^{c}, e de altura 0^{m},80^{c}.

As grossuras das paredes das casas regulam entre 0^{m},40^{c} e 0^{m},45^{c}; o que indica serem as casas de um só andar, como era o uso entre os romanos.

Descobriu-se tambem o cano geral para as aguas da chuva, o qual faz ver pela sua direcção ir desaguar no rio Nabão.

Pelo levantamento da planta d'estas ruinas vim no conhecimento de que o grande mosaico fazia parte do edificio do *Basilica*, isto é, o Tribunal de Justiça dos romanos, sendo o logar reservado para os juizes a parte circular. Ficava este edificio publico em frente do *Forum*, e occupava o logar central da rua. A porta é mais larga do que as outras pertencentes ás habitações, o que mais confirma a importancia d'esta edificação.

O *Forum* ficava isolado, pois está rodeado por quatro ruas. A extensão total das ruas que estão descobertas é de 93^{m},80^{c}.

Os differentes objectos encontrados n'estas escavações, por em quanto, são os seguintes; a saber:

Duas columnas de marmore branco, tres capiteis de grandeza differente e da mesma qualidade;

Uma base;

Quatro moinhos de mão; um completo, porém partido em cinco partes;

A mão direita de uma estatua de bronze, que mostra, pela posição dos dedos, deveria ter seguro algum attributo;

Tres freios de ferro, muito oxydados;

Uma bonita fivella de cobre;

Um fragmento de vidro com a grossura de 4 millimetros;

Pregos de ferro de diversos tamanhos;

Uma grade de ferro em feitio de xadrez, tendo nos quatro angulos dos encruzamentos das folhas de ferro, bicos para impedir a passagem de animaes;

Telhões e adobos de barro encarnado, de grandes grossuras e dimensões;

Os tijollos mais delgados e de barro bastante escuro, para servirem de ladrilho, teem uma marca do oleiro, como tambem era costume pôrem-lhe os fabricantes de Roma; mas esta do oleiro de Nabancia é de um feitio singular e muito simples, pois que o operario assignalava os seus tres dedos medios da mão esquerda em um dos angulos do tijollo! Encontrei o forno de que se servia o oleiro, afastado das ruinas uns 800 metros, e na proximidade ha um regato.

Encontrei mais o seguinte:

Restos do material, de diversas côres, de que se fazem os cubos para formarem os mosaicos;

Um delicadissimo instrumento de cirurgia em perfeito estado de conservação;

Algumas medalhas de differentes modelos. As mais bem conservadas são de *Flavio Julio Crispo*, filho de Constantino I, anno 300 de J. C.; outra de *Flavio Galerio Constantino*, filho de Constantino Chloro, anno 274 de J. C. etc. etc.

Tendo informado o Governo ácerca d'este importante descobrimento archeologico, fui auctorisado a continuar as escavações sob a minha direcção, estando já descoberta a superficie de 1:132 metros quadrados. Espero, na continuação d'estes trabalhos, achar os Templos, o Theatro, as Thermas, o Amphitheatro, etc.

J. Possidonio N. da Silva

ANTHROPOLOGIA

(Conclusão)[1]

Já o dissémos n'uma anterior revista: o estado do homem antes da historia constitue actualmente uma verdadeira sciencia nova; sciencia que se vae rapidamente engrandecendo, e que em breve terá lançado viva luz sobre as origens primitivas da humanidade, quebrando de vez os laços estreitos em que a historia e a tradição involviam a razão e a sciencia sempre que queriam ir além dos limites que ellas lhes haviam fixado, taes são os factos principaes, os descobrimentos mais importantes em que se baseia a sciencia nova. Com que trabalhos tem a sciencia portugueza contribuido para esclarecer o interessante assumpto de que essa sciencia se occupa?

A *edade do bronze* por um lado prende-se á verdadeira historia, como já vimos, e pelo outro engranza-se com as epocas pre-historicas. O uso dos metaes, do bronze principalmente, na fabricação das armas, utensilios e ornamentos, co-existiu por muito tempo com o uso da pedra. Provam-n'o factos numerosos. Ha pois um verdadeiro periodo de transição da *edade da pedra* para a do *bronze*. D'esse periodo encontram-se numerosos vestigios.

Encontram-se não só em grande parte da Europa mas no norte da Africa, na Asia menor, e em muitos logares da India, monumentos rudes, formados de uma ou muitas pedras toscas, ou de montes de terra, geralmente de grandes dimensões.

Foram esses monumentos, de extrema singeleza, considerados por muito tempo como monumentos celtas; hoje uma tal opinião não póde admittir-se. De alguns d'elles póde, até certo ponto determinar-se a data e a origem; do maior numero, porém, nada de certo se sabe, senão que pertencem aos tempos pre-historicos, e que são, uns da *edade da pedra*, e outros, em grande numero, da *edade do bronze*. Levantar um monticulo, ou erguer uma ou mais pedras, foi de uso, ainda nas mais remotas eras de que a historia conserva lembrança, para honrar os mortos. Era tambem muito geral o costume de pôr junto dos despojos mortaes d'aquelles a quem se levantavam esses grosseiros tumulos, armas, utensilios, ornamentos e por isso tem sido para os antiquarios origem de importantes descobrimentos a exploração d'esses antigos monumentos funerarios.

Os grupos de pedras, as pedras isoladas ou formando largos circulos, ou dispostas em renques, constituem os mais notaveis monumentos d'aquellas remotissimas edades; e revelam-nos a existencia de um ou mais povos, occupando vastas extensões no mundo antigo, e dispondo de poderosos meios mechanicos para arrancar, transportar e fixar enormes monolithos; embora não soubessem affeiçoal-os nem imprimir-lhes o cunho da arte. São os monumentos *megalithicos* de varias fórmas. Uns singelissimos, os *men-hirs*, são formados de uma unica pedra elevada em agulha; obelisco tosco, mas de um caracter muitas vezes severo e grandioso. Outros mais complicados, são compostos de pedras toscas, em numero variavel, sustentadas horisontalmente por esteios tambem de pedra: são estes os que entre nós se chamam *antas*. Outros, os mais complexos de todos, apresentam-se como grandes circulos ou ellipses, formados de pedras isoladas, ou em grupos, fechando extensos espaços; são estes os denominados *cromlechs*.

Foram estes monumentos megalithicos levantados por um mesmo povo, que successivamente occupou diversos territorios? Qual foi este povo primitivo? A que ponto haviam chegado os seus conhecimentos em mechanica, para elle poder erguer tão grandiosos monolithos? Para que podiam servir aquelles monumentos? — Póde dizer-se em poucas palavras quanto a sciencia sabe sobre tal assumpto, guiando nos pelo que a este respeito se disse no *Congresso de anthropologia e archeologia pre-historica* celebrado em Paris em 1867.

As *antas* (dolmins) são tumulos. Na Allemanha, Dinamarca, Inglaterra, Irlanda e França acham-se esses monumentos distribuidos por fórma, que mostram haverem as populações que os elevaram habitado junto ao mar ou nas margens dos grandes rios, na epocha que corresponde ao ultimo periodo da denominada edade da pedra. Em muitas outras partes da Europa, na Asia menor e na Afri-

[1] Vid. n.º 5, tom. III, pg. 76

ca existem monumentos d'esta natureza, mas grande parte parece dever considerar-se como pertencente á edade do bronze.

O sr. dr. Pereira da Costa publicou um interessante trabalho a respeito de alguns *dolmins* ou *antas* de Portugal. O numero dos que descreve é consideravel, e mostra a importancia que taes monumentos devem ter para os nossos archeologos.

Já em 1734 o padre Guerreiro enviou á academia de historia portugueza uma relação ácerca de 315 *antas* existentes em Portugal. Anteriormente, em 1733, havia publicado a mesma academia um trabalho de Mendonça de Pina sobre o mesmo objecto, escripto com sagacidade e erudição. Cita o sr. dr. Costa na sua memoria dois trechos do escripto de Pina, que merecem conhecer-se. «As *antas*, disse este antiquario, mostram claramente a rudeza do seculo em que se erigiram e serem d'aquellas edades *aureas*, em que o *ferro*, escondido nas entranhas da terra, não tinha ainda ou lavrado ou despedaçado as producções informes da natureza, pois pondo-se todo o primor de arte sempre nos edificios *sacros*, não terem estes lavor algum architectonico, mostra a rudeza que teriam os edificios vulgares, e que o cuidado e grandeza de seus auctores só se empenhou em buscar, conduzir e levantar penhascos grandes e informes, em que casualmente se achava figura mais proporcionada ao seu uso.» Assim, na opinião de Pina, as *antas* eram monumentos *sacros*, anteriores ao conhecimento do *ferro;* e para mais clareza indica elle que, taes monumentos, taes penhascos grandes e informes, devem ainda considerar-se sacros no caso de se reconhecer que são sepulturas. «Se fossem sepulturas ainda teriam logar as nossas conjecturas de serem *aras*, pois estas e os templos da idolatria tiveram principio nos monumentos funebres.

As *antas* são indubitavelmente monumentos funerarios. Provam-n'o, do mesmo modo que nos *tumulos* formados de pedra e de terra, a existencia de esqueletos, de cinzas humanas, de armas e outros objectos que a piedade depunha na mansão dos mortos.

Variavam, os povos que levantavam esses monumentos, o modo de enterramento. Havia n'uns inhumação do cadaver, n'outros guardavam-se apenas as cinzas dos mortos. Existe geralmente relação entre o modo de enterramento e a edade a que o monumento pertence. Durante o periodo *neolithico*, o periodo menos remoto da edade da pedra, era o cadaver, ou talvez antes esqueleto já despido das carnes, posto na sepultura n'uma posição um tanto curva e como se estivesse assentado: na *edade do bronze*, pode dizer-se que, em geral, se queimavam os corpos dos mortos. Além de restos humanos encontram-se, nas *antas* e n'outros monumentos megalithicos, ossos de diversos animaes, mais ou menos modificados pela mão do homem; machados, facas e outras armas e objectos de pedra polida; vasos e contas de barro cosido: differentes e variados objectos de bronze, e alguns ornamentos de oiro. É claro que a presença d'estes objectos e armas caracterisa perfeitamente a epoca dos monumentos, e por essa forma se lhes pode determinar a edade.

Na sua memoria descreve o sr. dr. Costa algumas *antas* de Portugal. São estas, pela maior parte, formadas de esteios, mais ou menos numerosos, de pedra tosca, sobre os quaes apoia uma larga pedra ou mesa, que forma um como tecto d'aquella singela e rude construcção. Além das *antas* propriamente ditas, descreve o illustre professor outros monumentos, especie de *antas* soterradas, a que se dá vulgarmente o nome de *mamunhas*. São as *mamunhas* semelhantes aos tumulos que em diversas partes da Europa se encontram, e nos quaes ha uma sala ou pelo menos um grande caixão de lage onde se depositava o cadaver. Fez o sr. dr. Costa algumas escavações junto das *antas* que explorou. Não foi abundante nem rica a colheita que obteve de objectos, que possam representar o estado de civilisação e o desenvolvimento da industria dos povos, que levantaram aquelles monumentos: comtudo, alguns machados de pedra, de formas proximamente semelhantes ás dos instrumentos da mesma natureza encontrados em outros logares da Europa, provam que as *antas* foram levantadas durante a edade da pedra, e, provavelmente, no periodo em que a fabricação das armas polidas não havia attingido ainda a sua perfeição relativa.

Vestigios notabilissimos das edades pre-historicas são decerto os das habitações lacustres da Suissa. Foi no inverno de 1853 que se descobriram, no fundo de alguns lagos, consideraveis e importantes restos de industria humana, e as estacarias sobre que se levantavam as habitações de uma consideravel população. Uma passagem de Herodoto, em que se descreve o modo de viver dos Peonios, povos que construiram as suas habitações sobre longas estacas enterradas no fundo dos lagos; as ilhas artificiaes da Irlanda, que serviam de habitação e fortaleza a antigas populações, em tempos historicos; o modo de viver actual de algumas populações quasi selvagens, dos pescadores do lago de Prosias por exemplo; tudo explica quanto nos lagos da Suissa encontraram os antiquarios. D'essas aldeias, construidas sobre as aguas pertencem umas á edade do bronze, outras ao periodo menos remoto da edade da pedra. Havendo occupado o paiz n'esta ultima edade, em toda a sua extensão; na edade do bronze as aldeias lacustres só parecem terem persistido nos lagos da Suissa occidental.

A sua construcção não variou essencialmente em esta longa serie de seculos; comtudo, a julgar pelo que se conhece hoje, as aldeias da edade do bronze eram estabelecidas com maior solidez, e em logares onde a agua tinha maior profundidade, do que as pertencentes á edade da pedra. O numero de animaes, cujos despojos se acham nas habitações lacustres, é consideravel. O professor Rutimeyer reconheceu 70 especies, sendo dez de peixes, tres de reptis, vinte de passaros, e o resto de quadrupedes: d'estas podem considerar-se como vivendo em domesticidade seis, a saber: o cão, o porco, o cavallo, a cabra, o carneiro e, pelo menos, duas variedades de bois.

Exceptuando os animaes marinhos, cuja existencia em estações tão affastadas do mar não seria possivel, todos os outros animaes, que formam a fauna especial das aldeias lacustres da Suissa apresentam a maior analogia com os que se encontram, representados pelos seus despojos, em estações da edade da pedra, que existem junto do mar, no norte da Europa; singulares pela sua apparencia de pequenos montes e pela sua composição, que é a de uma consideravel massa de conchas pertencentes a pequeno numero de especies comestiveis. A fau-

na das aldeias lacustres, e dos montes de conchas, *kjokkenmoddings*, é identica, e mais mederna do que a do primeiro periodo da edade da pedra. Em vez do elephante e do rhinoceronte, que co-existiram na Europa com o homem, no principio da edade da pedra, encontramos n'este segundo periodo veados e javalis de extraordinaria grandeza, bois (*Bos primigenius*) cuja grandeza egualava a dos elephantes, segundo escreveu Cesar, em cujo tempo ainda existiam *Hi sunt magnitudine pondo infra elephantes, specie et colore et figura tauri.*

São as especies das habitações lacustres as que caracterisam a epoca das ultimas transformações dos typos animaes e vegetaes na Europa. E' facto digno de notar-se que algumas das maiores d'entre essas especies já desappareceram, outras se vão tornando de anno para anno mais raras, e, emfim, outras só se conservam em rasão de habitarem regiões cujo clima é inteiramente inhospito para o homem.—Teve a edade da pedra,—é opportuno dizel-o aqui—uma longa, uma immensa duração; toda a fauna d'essa edade corresponde ao que podemos chamar a mesma epoca zoologica; e, comtudo, muitas das especies, que foram comtemporaneas do homem no principio d'aquella edade, desappareceram ha muito, outras tomáram o logar das especies extinctas, e se modificaram nos seus caracteres e se adaptaram ás conveniencias do homem, até que por fim se constituiu a fauna que actualmente acompanha as sociedades humanas; a qual decerto é destinada a transformar-se, debaixo da acção incessante d'essas forças que vão modificando, de edade em edade, os seres organisados.

Como dissemos ha pouco, são da mesma epoca —já se vê que é esta uma expressão um tanto vaga quando se refere a factos que para nós não podem ter data — são da mesma epoca, repetimos, as habitações lacustres, e os *kjokkenmoddings* da Dinamarca. Quer esta palavra dizer «restos de cosinha» e applica-se a consideraveis montes de conchas, principalmente de especies comestiveis, que se acham proximo ao mar, e nos quaes se encontram grosseiros instrumentos e armas de pedreneira, ossos de varios animaes em que se notam golpes de faca, lareiras formadas de uma ou mais pedras, em que se conservam vestigios de fogo, e pedaços de madeira mais ou menos carbonisada.

Tem o estudo d'estes interessantes depositos de conchas e de ossos provado, que alli existiram antigas habitações de homeus; os quaes, principalmente, se nutriam com os productos da pesca sobre tudo de mariscos, e os productos da caça de animaes selvagens. Os ossos e conchas foram-se accumulando gradualmente proximo dos logares habitados, e assim se formaram os *kjokkenmoddings*. Nota-se que os ossos que tinham tutano foram todos fendidos, com o fim de lh'o extrairem; prova de que essa substancia era tida em grande apreço pelos homens d'aquellas eras. Muitos dos ossos e parte de ossos do esqueleto dos animaes, cujos despojos existem n'esses depositos, não se encontram nunca. Do boi, por exemplo, nunca se acham as extremidades dos ossos longos, nem a espinha dorsal, nem os ossos do craneo, á excepção da maxilla inferior da parte orbitaria.

Demos esta breve noticia dos depositos de conchas comestiveis da Dinamarca, não só pela importancia que tem em relação á nova sciencia das edades pre-historicas, senão porque existe analogia evidente entre esses depositos e uma notavel estação humana, descoberta pela commissão zoologica junto da ribeira de Muge. Conta o sr. Carlos Ribeiro, em uma *Nota* publicada no *Boletim da Sociedade Geologica de França*, o modo por que foi explorado o interessante Cabeço da Arruda. — Foi em 1863 que o distincto geologo conseguiu descobrir os primeiros vestigios do homem antigo e da sua industria, em uma exploração que fez no valle do Tejo. Junto de Benavente encontrou alguns pequenos machados de pedra; proximo de Salvaterra, no valle onde corre a ribeira de Magos, deu com um deposito de conchas marinhas misturadas com ossos, onde havia tambem alguns ossos humanos. No Cabeço da Arruda, em Muge, foi onde appareceram, em notavel quantidade, as provas da existencia do homem no valle do Tejo em epoca remotissima Fez-se em 1864 a exploração do Cabeço da Arruda, e no anno seguinte publicou o sr. dr. Costa uma interessante descripção d'essa estação humana, e um estudo sobre os numerosos esqueletos que n'ella se encontraram.

O deposito do Cabeço da Arruda é formado pela accumulação de detrictos de mariscos comestiveis e de ossos de animaes, carbonisados alguns e misturados com fragmentos de madeira carbonisada. Apparecem os ossos quebrados; os ossos longos quebrados, proximo das extremidades, e fendidos como se lhes houvessem extrahido o tutano; os craneos de bois e outros mammiferos encontram se, em parte, carbonisados e partidos em pedaços. Parece haver sido aquelle Cabeço logar de sepultura, pois ali se encontraram restos humanos, pertencendo a mais de quarenta individuos: mantinham-se os ossos de alguns d'aquelles esqueletos na sua posição relativa, ainda que deformados e fracturados talvez pela pressão a que estiveram sujeitos. Poucos utensilios se encontram n'aquelle deposito, mas esses bastam para provar que elle corresponde á edade da pedra, e talvez ao periodo em que a fabricação era ainda grosseira.

Quanto aos ossos humanos encontrados no Cabeço da Arruda, a respeito dos quaes o dr. Costa fez uma importante dissertação, diremos apenas que, no congresso anthropologico de Paris, o sr. Pruner Bey os classificou nas duas formas distinctas, que se tem reconhecido nos craneos pre-historicos da Europa occidental; concluindo a sua exposição pela seguinte curiosa observação: Ha caracteres nas mandibulas (de um dos typos) que nos fazem lembrar, ainda que involuntariamente, de um modo muito vivo o que se vê nos ossos pertencentes ao craneo berbére da Africa.»

Serviram por muito tempo as cavernas de abrigo aos homens, não só nos tempos pre-historicos, mas ainda nos tempos historicos. Homero falla de grutas que serviram de refugio a homens. Não é pois para admirar que nos depositos accumulados nas cavernas se hajam encontrado consideraveis e variados vestigios da existencia do homem, objectos de industria, armas, ossos humanos, de involta com os restos de animaes de especies ha muito extinctas. — Tem-se buscado fazer uma classificação chronologica dos depositos encontrados nas cavernas, tomando por fundamento os despojos de animaes que n'elles se observam. Segundo o sr. Lartet, ha, sob este ponto de vista, tres especies de cavernas: a primeira onde se encontra a fauna di-

luviana, o elephante, o urso das cavernas, o grande gato, etc.; a segunda onde parte d'esta fauna desapparece, e a *renna*, esse habitante dos paizes frios, abunda; a terceira onde se não acham as especies extinctas, mas sim ossos de animaes domesticos, coisa de que se não encontram vestigios nos depositos de data anterior.

Considera o sr. de Mortillet pouco conveniente aquella base de classificação, e por isso propõe outra, fundada nos productos de industria que se acham, em mais ou menos abundancia. nos depositos das cavernas. Foram as modificações nos productos de industrias profundas, repetidas e geraes. A primeira distincção que se nota é a preponderancia dos instrumentos de pedra (de pedreneira) nas estações mais antigas, abundancia dos instrumentos de osso nas estações mais recentes. Estas duas grandes divisões devem, na opinião do sr. de Mortillet, subdividir-se em duas cada uma, constituindo assim quatro epocas. Caracterisam a primeira epoca os machados de pedra toscos e em forma de amendoa; a segunda, as pontas de pedreneira bem aguçadas, as massas angulosas, e os primeiros vestigios de instrumentos de osso; a terceira, os instrumentos de osso em consideravel numero, fendidos na base de modo que n'elles podesse entrar o cabo: a quarta epoca, emfim, é pelas pontas de setta ou lança de ponta de *renna*, com a extremidade inferior em bico destinado a entrar no cabo, pelos productos mais ou menos artisticos representando gravuras e esculpturas de animaes, que deve caracterisar-se.

Estudou o distincto membro da extincta commissão geologica, o sr. Delgado, as interessantes grutas da Cesareda, situadas n'um contraforte da serra de Monte-Junto. D'essas cavernas, a mais importante é a denominada *Casa da Moura*. Encontramse n'ella dois depositos perfeitamente distinctos, e que decerto representam duas epocas diversas e affastadas uma da outra. O deposito superior é escuro, por conter muita materia organica, e incoherente: n'elle abundam ossos humanos, e com estes machados de pedra polida, facas, flechas e outros instrumentos de silex, de osso e de ponta de veado, fragmentos de loiça negra e grosseira, lascas de silex, ossos e dentes de animaes, e pedaços de carvão. O deposito inferior é avermelhado e coherente; n'elle encontram-se, como provas da existencia do homem, alguns silex lascados e instrumentos de aspecto rude e, evidentemente, antigo: abundam ali ossos de animaes, principalmente de coelhos e de pequenas aves; e tambem se encontram fragmentos de carvão. — Os animaes, cujos ossos formam, em grande parte, o deposito inferior, são de differentes especies, mas entre elles e os encontrados nos antigos depositos de conchas da Dinamarca, de que acima fallámos, existe grande analogia. O lobo, o gato selvagem, o ouriço, o rato de agua,- o cão, encontram-se tanto na parte inferior dos depositos da Casa da Moura como nos *kjokkenmoddings*; faltando porém n'estes os despojos do genero *Lepus* (do coelho bravo?) que muito abundam na gruta de Cesareda. — Já tivemos occasião de dizer que, nos depositos de conchas, os ossos dos animaes se encontravam fendidos, como se lhes houvessem cuidadosamente extrahido o tutano; não succede o mesmo na caverna que o sr. Delgado descreveu, porque ali os ossos estão, pela maior parte, inteiros.

Attribue o laborioso geologo, de cujo interessante trabalho estamos dando noticia, o deposito inferior da caverna á acção do homem, em vista da sua natureza, da existencia dos silex trabalhados, do carvão e dos ossos dos animaes. Era a gruta um logar de abrigo e ponto de reunião, onde, com intervallos maiores ou menores, se reuniam homens e faziam suas refeições. A natureza do deposito superior, a abundancia de ossos humanos que ali se encontra, suggere a idéa de ser aquella gruta, como outras já conhecidas, um logar de sepultura, em tempos relativamente muito mais modernos do que os da formação do deposito inferior.

Uma circumstancia fixa a attenção, quando se observam os ossos humanos encontrados na gruta de Cesareda; é a ausencia de algumas peças do esqueleto, e, sobretudo, o estado dos ossos longos, aos quaes faltam as extremidades articulares, apresentando ao mesmo tempo fracturas que indicam haver-se-lhes extrahido a medulla. Estes factos podem, com boa rasão, explicar-se, suppondo que a gruta foi habitada por hordas de cannibaes, que sacrificavam victimas humanas, e devoravam em barbaros festins as carnes de suas victimas.

A grave questão da immensa antiguidade do homem sobre a terra — apesar mesmo do estudo dos monumentos megalithicos, dos depositos de conchas da Dinamarca e de outros logares da Europa, das habitações lacustres da Suissa, e das cavernas, — não podia. para muitos sabios, considerar-se resolvida antes de se encontrarem manifestas provas da existencia do homem, em terrenos cuja posição na serie zoologica fosse bem determinada. Reconhecido: que os denominados instrumentos de pedra são evidentes productos da industria humana; que não são todos da mesma epoca, mas sim de epocas successivas e muito affastadas: e, emfim, que os terrenos em que esses instrumentos se encontram teem uma alta antiguidade; segue-se que o homem appareceu sobre a terra n'uma epoca affastada da actual por muitos milhares de seculos.

E' a gloria de um grande archeologo, do sr. Boucher de Perthes, o haver buscado nas camadas do terreno quaternario, — terreno formado n'esta, por assim dizer, recente edade geologica — os vestigios da existencia do homem. Em 1838 encontrou o celebre sabio os primeiros machados de pedra *antediluvianos*. Cresce o numero dos objectos de pedra encontrados nos terrenos quaternarios, multiplicamse as provas da existencia do homem n'aquellas epocas remotissimas, até que em 1863 o sr. Boucher de Perthes descobre uma maxilla humana nos terrenos por elle explorados. — Produziu esta maxilla de um obscuro selvagem, enterrada ha muitos milhares de annos, uma verdadeira revolução entre os sabios da Europa. Levantaram-se duvidas, escreveu-se, accumularam-se os documentos, multiplicaram-se as memorias, mas por fim venceu o sr. Boucher de Perthes, e o queixo do selvagem de Moulin Quignon ficou sendo um dos objectos mais preciosos da nossa epoca.

Vae ainda mais longe a antiguidade do homem do que a epoca a que corresponde a formação dos terrenos *quaternarios*. O sr. Desnoyer e o abbade Bourgeois teem encontrado em terrenos *terciarios*, cuja antiguidade se não póde medir nem avaliar, silex trabalhado pelas mãos do homem e ossos de animaes, onde se reconhecem incisões, indubitavel-

mente feitas tambem pelo homem. Os instrumentos de pedra são de trabalho grosseiro, mas na escolha da pedra houve manifesto cuidado, para que elles podessem satisfazer ao fim para que se destinavam.

Qual foi a origem do homem? A que epoca geologica corresponde o seu apparecimento sobre a terra? — A sciencia ainda não respondeu; mas cada um dos seus descobrimentos affasta mais e mais, da epoca actual o momento, em que o homem começou a sua longa e dolorosa lucta contra as forças que ameaçavam a sua existencia; contra as asperezas do frio ou do calor excessivos: contra as feras, que lhe disputavam, palmo a palmo, a terra que elle tinha a conquistar pela força e pelo trabalho para poder existir.

João de Andrade Corvo.

PEDIDO AO GOVERNO

Insistente no provado empenho de honrar esta associação, favorecendo os seus progressos, apresentou o nosso benemerito consocio, o digno par sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, na sessão de 1 de maio preterito, algumas considerações que por sua importancia especial não deviam deixar de ser registadas n'este logar.

Em seguida transcrevemos do *Diario da Camara dos Dignos Pares*, sessão n.° 51, pag. 534, a parte, a que nos referimos, de um discurso de s. ex.ª e egualmente a resposta do sr. ministro das obras publicas:

«Aproveito o ensejo para me referir a um assumpto, que julgo da maxima transcendencia; e vem a ser a conservação dos monumentos historicos do nosso paiz.

O illustrado ministro, que foi, das obras publicas, o sr. Saraiva de Carvalho, dando a este assumpto a attenção que merece, dirigiu-se á real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes e pediu-lhe que indicasse quaes os edificios e construcções que devem ser considerados como monumentos nacionaes. A associação nomeou no seu proprio seio uma commissão encarregada de fazer uma resenha de todos os monumentos do nosso paiz, a qual publicou depois um relatorio, onde fôram classificados de um modo luminoso os padrões da historia e da arte em Portugal.

D'essa classificação permitta a camara que eu apresente o transumpto.

«1.ª classe. Monumentos historicos e artisticos, edificios recommendaveis pela grandeza da sua construcção, ou pela sua magnificencia, ou por encerrarem primores de arte.

«2.ª classe. Edificios importantes para o estudo das artes em Portugal, ou sómente historicos, ou recommendaveis por qualquer excellencia de arte.

«3.ª classe. Monumentos da arte militar antiga. Castellos e torres.

«4.ª classe. Monumentos levantados em logares publicos pela gratidão nacional em honra de homens que bem mereceram da patria.

«5.ª classe. Padrões commemorativos de feitos gloriosos, ou de acontecimentos notaveis; casas em que residiram grandes vultos historicos ou litterarios; pelourinhos, etc.

«6.ª classe. Monumentos prehistoricos. Dolmens ou antas.»

A maior parte d'estes monumentos, como o das linhas de Torres Vedras, o do Bussaco, etc., necessitam apenas do cuidado da conservação, e só demandam providencias e vigilancia contra os ignorantes e contra o vandalismo.

Na primeira classe, que apontei, figura a egreja arruinada de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. Essas ruinas são venerandas, porque se trata da fundação que fez o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, um vulto verdadeiramente epico da idade media.

N'essas ruinas tem a sua séde a real associação dos architectos e archeologos portuguezes. Ahi formou ella um museu archeologico, que já hoje contém preciosos fragmentos de architectura e esculptura, e muitos objectos e productos variados, dignos de serem admirados, pelo seu muito valor artistico ou historico.

A associação não possue grandes meios; no emtanto tem conseguido realisar algum melhoramento no que resta d'esse edificio medieval, podendo-se já agora apreciar a sua belleza architectonica.

Houve tempo em que o recinto do mesmo edificio serviu para receptaculo de todo o entulho das differentes obras da cidade; e tão bellas columnas jaziam como que soterradas no meio de um montão de muitos metros de espessura.

Sr. presidente, a associação dos architectos e archeologos está em correspondencia com as mais distinctas corporações scientificas e artisticas dos paizes estrangeiros; foi visitada pelos sabios que vieram a Lisboa assistir aos congressos anthropologico e litterario; e eu vi com satisfação que os illustres congressistas examinaram attentamente, tomaram notas e apreciaram muito as importantes collecções do museu do Carmo.

Para que a associação possa ter mais espaço onde colloque outros objectos dignos de serem expostos, ouso eu esperar que, pela respectiva verba orçamental, haja de conceder-se-lhe um subsidio a fim de, que, ao menos, seja posta uma cobertura sobre as magestosas arcarias da egreja a que me refiro.

Concluindo, peço ainda uma vez ao sr. ministro das obras publicas preste a sua attenção aos differentes monumentos nacionaes, que são reliquias de outras edades, e particularmente á egreja do Carmo, que é de certo veneranda, porque nos recorda o nome immortal do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.»

O sr. ministro das obras publicas (Hintze Ribeiro) respondeu que tinha muito a peito a conservação dos monumentos nacionaes, e tanto que ultimamente encarregára um architecto muito distincto, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, de levantar a planta d'esses monumentos, o qual, indo recentemente á cidade de Thomar, fez ali descobertas de importancia, encontrando tambem vestigios muito interessantes com relação á antiga Nabancia.

CHRONICA

A nossa Real Associação quiz dar um testemunho publico de quanto é merecedor o distinctissimo escriptor o ex.^{mo} sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, pelas suas eruditas publicações e pelos prestantes e illustrados serviços com que tem contribuido para o engrandecimento da nossa Associação. Votou, portanto unanimemente a Assembléa Geral uma medalha de prata a este benemerito socio, como recompensa de tão valiosos e uteis serviços.

O digno socio, o ex.mo sr. visconde da Torre da Murta, offereceu para o nosso museu um machado de bronze do typo da Abrigada, isto é, com duas azas, para ser encavado; e egualmente outro de pedra, notando-se n'este a particularidade, que a parte opposta ao gume ficou aspera, de proposito para não escorregar da mão quando se fizesse uso d'este instrumento.

São dadivas de bastante apreço, que veem juntar-se a outras com que este generoso archeologo tem dotado as nossas collecções.

Uma muito original esculptura em granito, obra portugueza do final do XII seculo, acaba de ser alcançada pelo nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, a qual representa a imagem do Santo Christo collocada sobre o pescoço do Cordeiro. É de certo uma antiguidade de grande importancia que possue a nossa Associação, que já tem duas esculpturas da mesma época.

O digno socio, ex.mo sr. visconde de Alemquer, apresentou no conselho uns fragmentos de materiaes pertencentes a construcções romanas, que foram descobertos na sua propriedade de Alemquer; e ultimamente alguns bocados de ceramica feita ao torno, da mesma origem.

Nas investigações que realisou o socio o sr. Possidonio da Silva, este anno, no districto de Evora, onde fez exploração em onze dolmens, achou vestigios importantes, como carvão, ossos e ceramica de diversas fórmas e quantidade de barro. Notou em algumas d'estas Antas que a pedra da mesa, em logar de ter a fórma quadrangular, como é o mais commum, era circular, sem trabalho artificial, o que, junto ao esmerado na escolha dos esteios e sua quasi regular collocação, lhe faz suppôr que esses monumentos megalithicos teriam sido destinados para individuos distinctos do povo que os mandassem construir. Estes fragmentos estão expostos no nosso museu.

Do *Primeiro de Janeiro*:

«O fundador do Museu archeologico do Carmo, em Lisboa, acaba de enviar para aquelle estabelecimento uma curiosissima esculptura do fim do seculo XII, executada em granito e que estava encravada na parede de uma casa de Caminha.»

«Tendo o notavel archeologo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva ido a Caminha vêr a igreja matriz, e indagando se ali havia algum calix antigo, foi-lhe apresentado um de grande merecimento artistico, rico de ornamentação, e de preciosa materia; tem oito campainhas, algumas pedras de valor na base, e é sem duvida um dos melhores que existem no reino.

O sr. Possidonio da Silva mandou tirar a photographia d'este calix.»

NOTICIARIO

Publicou-se ultimamente na Allemanha uma obra de mr. Springer ácerca das associações dos architectos que ha n'aquella nação, estando estabelecidas por esta fórma: a principal é a *União dos Architectos e engenheiros* em Berlim, que se compõe de 26 associações com 6:513 socios.

A de Aix-la-Chapelle é composta de 69 socios, sendo 28 architectos.

A sociedade dos architectos de Berlim tem 1:714 socios, pertencendo 745 á capital e 969 ás provincias.

A sociedade para o desenvolvimento dos estudos de architectura, fundada em Berlim em 1879, tem 54 socios.

A sociedade dos architectos e engenheiros de Brunswick, 114.

A de Brême, 88, sendo 29 architectos.

A de Breslau, 130, dos quaes 28 architectos.

A de Cassel, 76 socios.

A de Cologne, 220, sendo 100 architectos.

A de Dantzig, 185.

A de Darmstadt, 200, sendo 56 architectos.

A de Dresde, 490, dos quaes 105 architectos.

A de Hamburgo, 310 socios.

A de Hanovre, 886.

A União technica de Bade e Carlsrhue, 285, dos quaes 100 architectos.

A União technica de Leipzig, 33.

A União technica de Saxe-Anhalt-Runing, 120, sendo 50 architectos.

A sociedade dos architectos e engenheiros de Munich, 769.

A sociedade dos engenheiros e architectos de Alsace-Lorraine, 100, sendo 45 architectos.

A União dos architectos e engenheiros em Stuttgard, 240, dos quaes 115 architectos.

Contam-se pois na Allemanha 2:424 architectos civis!

As duas mais antigas d'estas associações principiaram no anno de 1869, e as quatro ultimas em 1877; as outras 49 foram instituidas durante os 8 annos que medeiam nas duas datas de 1869 a 1877.

No concurso que se abriu na Italia para o monumento d'el rei Victor Manuel, entre os architectos nacionaes e estrangeiros, obteve o 1.º premio de 8:000$000 réis um architecto francez; os outros dois premios, de 6:000$000 e de 4:000$000, foram conferidos a architectos italianos. Na patria das Bellas Artes sabe-se avaliar o talento dos architectos, o que demonstram esses avultados premios; por isso tambem ali se formam artistas distinctissimos.

Vae-se construir na Inglaterra uma ponte de vidro; sae mais economica que as de ferro, é mais solida e não se damnifica nem pelos insectos, como acontece ás pontes de madeira, nem se oxyda como as que são construidas de metal.

Actualmente a Academia franceza é composta dos srs: Mignet, Victor Hugo, duque de Noailles, Nisard, Legouvé, de Falloux, E'mile Augier, de Laprade, Jules Sandeau, duque de Broglie, Octave Feuillet, Camille Doucet, Cuvillier-Fleury, conde d'Haussonville, E'mile Ollivier, Xavier Marmier, duque d'Aumale, Camille Rousset, barão de Viel-Castel, Méziéres, Alexandre Dumas, Caro, John Lemoinne, J. B. Dnmas, Jules Simon, Gaston Boissier, Victorien Sardou, Henri Martin, Renan, Taine, duque de Audiffret Pasquier, Labiche, Maxime du Camp, Rousse, Pasteur, Sully-Prudhomme, Cherbuliez, e monsenhor Perraud.

Os dois logares vagos pelo fallecimento de Charles Blanc e de Champagny, crê-se que serão preenchidos pelos srs. Pailleron e de Mazade.

Transcrevemos do *Elvense*:

«O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, esteve alguns dias em Evora, em cujo districto andou vendo onze dólmens, em tres dos quaes mandou proceder a excavações, encontrando n'elles os vestigios correspondentes a estas constrncções megalithicas.

O sr. Possidonio da Silva é um incansavel investigador d'antiguidades, que a bem da sciencia não se poupa aos incommodos que sempre trazem comsigo estas explorações e viagens, principalmente para uma pessoa d'edade avançada, como elle é, ainda que robusta e promettedora.

Honra lhe seja.

Vae agora continuar as excavações perto de Thomar, nas ruinas da antiga Nabancia.

Em carta sua, que temos presente, nos dá noticia de que n'estas excavações se tem achado já quatro ruas calçadas, e as ruinas de 16 cazas, com as couceiras das portas de marmore, columnas com base e capitel, medalhas, vidros, fivelas de cobre, freios de ferro, mosaicos, etc.»

Sobre a exposição de arte ornamental tem realisado o nosso illustre consocio sr. Joaquim de Vasconcellos algumas conferencias na sala da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. Estas conferencias, inauguradas em 11 de maio findo, foram divididas em duas series; tratando-se, na primeira, o assumpto de uma maneira geral; na segunda, de uma maneira especial.

PRIMEIRA SERIE

1.ª conferencia. — *Classificação geral da exposição.* — As relações internacionaes da peninsula nos seculos XIV a XVIII. A historia da emigração artistica para a peninsula, por documentos ineditos. O elemento peninsular (hispano-portuguez) e estrangeiro.

2.ª conferencia — *Determinação dos caracteres da arte peninsular hispano-portugueza,* nos typos da exposição e em outros ineditos; a questão da originalidade; a relação de dependencia; as fontes da inspiração e da erudição artistica na peninsula.

3.ª conferencia. — *Sobre a influencia provavel da exposição.* Como deverá aproveital-a o archeologo; como deverá aproveital-a o artista e o artifice; sobre a antiga organisação da officina na peninsula, por documentos ineditos; a nova organisação da aprendizagem. Posição antiga e moderna do artista, do artifice e do erudito.

4.ª conferencia. — *A arte popular tradicional*; as suas raizes em Portugal na cidade e na provincia; o seu valor ideal e economico; o seu futuro. A arte academica e erudita e a arte espontanea; as suas relações reciprocas e seu valor respectivo.

5.ª conferencia. — *Recapitulaçao geral* da primeira serie das conferencias.

SEGUNDA SERIE

6.ª conferencia. — O que é arte industrial; systema de classificação. *A industria textil*; O vestuario e mobiliario na exposição e exemplares ineditos.

7.ª conferencia. — *A industria ceramica* (olaria) *e do vidro*. Esmaltes na exposição.

8.ª conferencia. — *A industria dos metaes* preciosos e não preciosos. A ourivesaria e joialheria, a serralheria, etc.

9.ª conferencia. — *A arte do livro.* A illuminura e sua relação com a imprensa. A gravura. A encadernação. Litteratura da arte na peninsula, antiga e moderna; os seus serviços e seus desvarios.

10.ª conferencia. — Recapitulação geral da segunda serie das conferencias. Lacunas da exposição. Prospecto para uma nova tentativa.

O conferente apresenta um abundante material illustrativo da sua collecção, sobretudo uma série de ineditos, desenhos, gravuras, photographias etc. de objectos, uns destruidos, outros subtrahidos das antigas collecções do paiz, e que desappareceram completamente; outros emfim que existem nas collecções europeas e nunca foram expostos nem reproduzidos em Portugal. Algumas d'estas reproducções são exemplares unicos.

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1882 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A OURIVESARIA PORTUGUEZA

NOS SECULOS XIV A XVI

ENSAIO HISTORICO

VI

A OURIVESARIA HESPANHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

(Continuado do numero antecedente pag. 150)

Pertencem ainda ao grupo dos relicarios certos cofres, *arquetas*, doadas ás egrejas pelos principes hespanhoes; comtudo nem todos foram feitos para o serviço sagrado. O *Museo espanol* publicou uma collecção bastante numerosa d'elles, desde a epoca arabe até ao fim do seculo XVI, feitos pelos processos mais variados. Chamamos a attenção do leitor para um admiravel especimen da cathedral de Gerona, de estylo hispano-arabe (seculo X) e, para a peça que os Reis Catholicos legaram á *capilla de los reyes* da cathedral de Granada. [1]

Citaremos ainda a caixa (tabernaculo) do Santissimo da cathedral de Sevilha; é uma peça de grandes dimensões, toda de prata, que pertence á primeira metade do seculo XVII; apesar da ornamentação decahir em alguns pontos para o genero baroque, ainda a parte constructiva revela a mão de um mestre educado na escola de Juan de Arphe; as proporções architectonicas, que são as de um templo circular de ordem composita, merecem louvor; a modelação das figuras é excellente, em geral (Laurent n.º 329).

Uma outra especialidade em que os artistas peninsulares se distinguiram tem o nome commum de *portapaz* ou osculatorio. Já fallamos das peças portuguezas. O Museu de Kensington guarda um exemplar hespanhol, de prata dourada, de muito merecimento. Figura uma portada em estylo da Renascença; na parte central, em pleno relevo, a Virgem, ajudada por um anjo, veste a casula a Santo Ildefonso; no tympano do frontão o Padre eterno, lançando a benção; na base da peça o *agnus dei;* corôa o frontão uma estatua do santo. A data da factura regula de 1540-1550 (Riano, pag. 33).

A OURIVESARIA PROFANA

A ourivesaria hespanhola profana foi destruida na maior parte. Não houve escrupulos em refundil-a; eram peças enormes, massiças, de grande valor intrinseco, que não deixavam grande prejuizo, depois de mettidas no forno. Quando em maio de 1881 visitámos a *Exposição retrospectiva da nobreza*, em Madrid, ficamos admirados da sua extraordinaria pobreza sob este ponto de vista. Vimos ali uma duzia e meia de peças de prata to-

[1] O de Gerona está gravado em Dav., pag. 18; tem a assignatura de Juden, filho de Bozla, artista arabe de Cordoba; o de Granada na mesma obra, pag. 56, e em Lafuente vol. II, pag 432, bella chromolithographia, que dá melhor ideia do original.

das de mediocre valor, a maior parte salvas do seculo XVII, lavradas de flores e folhagens, trabalho abolhado, perfeitamente semelhantes ás nossas da mesma epoca, a ponto de se confundirem com ellas. [1] Aquellas dezoito peças, não mais, eram as reliquias das casas dos Duques de Huescar, de Bailen e de Tamames, dos Marquezes de Heredia, de Alcañices, etc., dos maiores titulos de Hespanha. [2] Quem leu as descripções perfeitamente authenticas de Madame d'Aulnoy, a relação das fabulosas riquezas de certos fidalgos do seculo XVI, que conservavam ainda a maior parte das suas pratas na segunda metade do seculo XVII ficará como nós ficámos, estupefactos diante de semelhante pobreza. Que contraste com os grandiosos thesouros das egrejas! Que é d'aquelles cestos monumentaes de prata, que carregavam quatro criados da princeza de Monteleon; das mezas de prata, dos espelhos collossaes do mesmo metal, das lampadas grandes (*belons*) que faziam dizer a Madame d'Aulnoy: *tout est d'une pesanteur surprenante* (vol. I, pag. 173). «Quando o duque d'Albuquerque morreu, levaram os herdeiros seis semanas a fazer o inventario da baixella de ouro e prata d'este fidalgo e a pezal-a, gastando duas horas por dia; acharam 1:400 duzias de pratos pequenos, 500 travessas grandes e mais 700 das pequenas, e tudo o mais em proporção; ainda encontraram 40 escadas de prata que serviam para trepar ao aparador disposto em degraus, como se fosse um altar, collocado n'uma grande sala. Quando me contaram estas riquezas de um particular julguei que zombavam de mim; pedi a D. Antonio de Toledo, filho do duque de Alba, que estava presente, que me desenganasse. Respondeu-me ser tudo verdade, e que seu pae, que não se tinha na conta de muito rico em baixella de prata, possuia 600 duzias de pratos e 800 travessas». (*Op. cit*, vol. I, pag. 173.) A autora accrescenta que toda esta prata vinha das Indias (isto é, America), e que, como não pagava direitos, se importava facilmente. «Il est vrai qu'elle n'est guère mieux faite que les pièces de quatre pistolles que l'on frappe dans les galions en revenant de ce pais-là.» [3]

Embora o valor artistico d'estes objectos fosse muito secundario, o que não soffre duvida é que os objectos feitos na peninsula para uso profano pelos grandes ourivezes do seculo XV e XVI deviam corresponder, em merecimento, á reputação geral dos artistas hespanhoes dentro e fóra da peninsula, mormente quando a materia prima enchia o mercado. Já alludimos ás preciosas armas hespanholas, adiante fallaremos das riquissimas joias; já passamos em revista as explendidas peças religiosas; é natural pois suppor que as do uso profano, não deviam ser de inferior valia, para corresponderem aos sumptuosos estofos, ás riquissimas joias, ás preciosas obras de ceramica, aos cristaes deslumbrantes, porque tudo isso tinha a Hespanha em abundancia, e o que é mais, de fabrico nacional. [1]

Davillier publicou uma serie de gomis e picheis da collecção de desenhos de *maîtrise* da confraria de Barcellona que attrahem a nossa attenção. O desenho d'estes objectos não é sempre puro; alguns peccam pelas proporções; concedemos mesmo que ha, em geral, pouca originalidade na invenção das formas, mas ninguem pode negar o grande merecimento de algumas d'essas peças; é mister conceder que todas ellas estão muito acima da mediania. Madame d'Aulnoy referia-se sem duvida só á baixella lisa de serviço de meza, que não poderia decerto existir em tanta quantidade, se fosse fabricada com esmero.

Os exemplares que conhecemos pelos desenhos de Barcelona provam o que acabamos de dizer; abrangem as datas 1510-1618, mas mesmo no seculo XV já as peças do serviço profano tinham um cunho artistico notavel. Lembraremos só o bellissimo jarro e bandeja de serviço de ante-meza, (*agoa ás mãos* v. Borrell vol. II, pag. 257). Os trabalhos de Barcelona são dignos de um exame minucioso. Merece ser citada, em primeiro lugar uma *caneca*, feita já em 1510, em puro estylo do Renascimento, apenas no pé ha uma vaga reminiscencia da epoca anterior. É obra de um notavel

[1] V. o exemplar gravado em Riaño, pag. 36.

[2] Não se publicou, infelizmente, catalogo algum d'esta exposição; tiramos porém d'ella numerosos apontamentos, depois de repetidas visitas. Algumas familias hespanholas poderiam ter hoje museus admiraveis, organisados só com as doações regias que disfructavam como privilegio, em memoria de certos feitos. A do Marquez de Moya recebia no dia 13 de dezembro de cada anno (desde 1500, privilegio dos Reis catholicos) um vaso d'ouro da pessoa reinante; os Duques de Hijar recebiam desde 1441 (privilegio de D. João II de Castella) até 1868 o vestido que o rei e a rainha de Hespanha vestiam no dia da Epiphania. Tudo isto se perdeu completamente (Riaño).

[3] Das Indias recebia a Hespanha, segundo a mesma autora, por anno 50 milhões de *livres*, vol. III, pag. 103; um governador trazia, apoz cinco annos de exercicio, dois milhões *d'écus*, liquidos, vol. III, pag. 64; o processo da extracção é explicado mais adiante: vol. III pag. 87, assim como a educação da fidalguia hespanhola, ou antes peninsular. cfr. Ranke, adiante Cap. VII.

[1] Os tecidos hespanhoes ainda não foram devidamente estudados; apenas madame Bury Palliser, *Hist. de la dentelle*, pag. 82, escreveu algumas linhas sobre as rendas; os estudos de Francisque Michel *Recherches sur le commerce, la fabrication et l'usage des étofes*, etc. (seda prata e ouro). Parie, 1852–1854, 2 vol., são importantes, mas referem-se apenas á Edade Media. Sobre os crystaes deu Davillier importantes noticias em 1879, *Les arts décoratifs en Espagne*, com grav. No mesmo anno publicou Riaño os seus interessantes resumos historicos: ourivesaria, ferraria, bronzes, armas, mobiliario, marfins, ceramica, vidros, tecidos e rendas. *The ind. arts in Spain*. v. ainda Borrell vol. II e III. A ceramica foi a arte industrial hespanhola que despertou mais cedo a attenção dos estrangeiros.

artista catalão, Juan Balaguer. [1] A composição geral, correcta, bem estudada; o delicado lavor dos ornatos, abundantes, mas perfeitamente adequados e subordinados ás linhas constructivas da peça, constituem um conjuncto de qualidades, que só podiam ter sido desenvolvidas n'uma escola antiga e bem organisada, como era a de Barcelona.

São menos originaes e menos correctos no desenho dois picheis dos artistas Miguel Garriga e Antonio Beltram, ambos de Barcelona, que podiam passar perfeitamente por allemães, tal é a sua semelhança de estylo com os desenhos de ourivesaria de Hans Brosamer [2]; no primeiro o lavor é de gomos ou verdugos e folhagens na superior; na parte inferior, bojo e pé, de escamas e folhas; a ornamentação do outro é identica e mais bem distribuida; ambos teem as azas e canos feitos de bichas; as datas regulam por 1520 e 1523. Outro pichel, a pag. 190, pecca pela deficiencia das proporções; as bichas da aza e do cano são pezadas, de desenho incorrecto, grandes em demasia, e não estão bem ligadas á peça principal; o exemplar é um pouco mais moderno, cerca de 1530.

Segue-se outro exemplar de 1549, de Jaume Prats, de formas relativamente correctas, mas com uma ornamentação de *rotulos y colgantes*, menos bem equilibrada (Dav. Pl. x); parece copiado de uma estampa de Virgil Solis, tal é a semelhança com os desenhos d'este artista allemão (v. Flugblätter n.° 31). O pichel de Felipe Ros, de 1597, marca o termo do seculo; é o mesmo lavor de *rotulos y colgantes*, convencional desde o meado do seculo XVI, variado com pouca differença das estampas ornamentaes flamengas e allemãs do estylo dos Vries, Vlindt e De Bry; as proporções do exemplar são deficientes. [3]

Davillier ainda reproduz os seguintes objectos de uso profano: um vaso sem tampa de Juan Barina, talvez de flores (*albarrada*), com duas azas formadas por golphinhos; no bojo uma inscripção arabe fingida; [4] a ornamentação mixta accusa o fim do seculo XV; uma copa com sobrecopa de Joan Alies de 1543 muito notavel: quatro golphinhos sustentam a parte superior; a parte inferior, o bojo, está dividido em gomos, lavrados de folhagens. As proporções, a ornamentação, os perfis são irreprehensiveis. (Dav. Pl. IX); uma outra copa e sobrecopa de Jayme Martou, de 1581, de formas puras, com ornamentação sobria de mascaras e grinaldas de fructos (*pendurados*), a que acima alludimos, mas sem originalidade, poderia passar muito bem como obra flamenga da mesma epoca.

As salvas hespanholas que temos visto não merecem especial menção; já alludimos aos exemplares da *Exposição da nobreza;* outros de identico caracter estão no museu de South-Kensington. Davillier offerece-nos o desenho de uma salva de 1618, feito por Andreu Texidor, de boa composição, mas que em nada differe dos exemplares flamengos e allemães da mesma epoca. Do meado do seculo XVI em diante a originalidade do desenho, o genio inventivo vae diminuindo, mesmo n'um dos melhores centros de estudo, como era Barcelona; os artistas lançam mão dos padrões estrangeiros; os mais engenhosos imitam-n'os com mais ou menos felicidade, os menos bem dotadcs combinam eclecticamente os motivos das estampas ornamentaes do Norte, espalhadas por toda a Europa. No meado do seculo XVII a decadencia é evidente; a pobreza de ideias denuncia-se pelas numerosas copias de um mesmo typo; os exemplares hespanhoes e portuguezes confundem-se n'uma mesma mediania.

A Joialheria

A joialheria hespanhola foi cultivada com o maior exito, e ainda hoje temos felizmente exemplares magnificos, e em bastante numero, que provocam a nossa admiração. As doações ás cathedraes, onde o culto da Virgem era veneradissimo, faziam-se tanto por meio de joias, como por meio de objectos para uso do culto; a veneração por Nossa Senhora e pelos numerosos santos, padroeiros de conventos e egrejas, traduzia-se nas offertas mais custosas. Os thesouros accumulavam-se nas celebres romarias da Hespanha, á Virgem em Zaragossa (*del Pilar*) e ás imagens não menos celebres de Montserrate (*Negra*), de Guadalupe, de Toledo (*del Sagrario*), de Madrid (*Atocha)*, de Sevilha (*la Antigua*), etc. [1] Ainda ha poucos annos, em julho de 1869, no leilão, a que já alludimos por vezes, de joias da *Virgem del Pilar* se viu o que uma só imagem possuia de riquezas. Eram, na maior parte, joias de alto valor: *523 alhajas* [2] um

[1] Davillier, Pl. II, classifica-a de *aiguière*, mas é evidente que ella differe das peças a que elle dá o mesmo nome. Pl. X e XVII e pag. 181, 185 e 190. Pareee-nos ser antes uma caneca.

[2] Davillier, pag. 181 185; compare-se com *Kunstgewerb. Fulgblatter* n.os 21, 22, 23 e 25.

[3] Dav. Pl. XVII. O nome do autor parece-nos flamengo (Roos? v. pintores d'este nome).

[4] As inscripções arabes fingidas apparecem com frequencia na ourivesaria hespanhola; v. Dav. pag. 35, 59, 175, e tambem em documentos portuguezes do seculo XVI, «atanor com letras mouriscas» Doc. V.

[1] A viagem a uma d'estas romarias, pelo menos, era obrigação de consciencia. Francisco de Hollanda, fallando da de Santiago, diz: «que se essa soo me falecia das mayores de Spanha e quasi de toda a Europa». Cita depois mais oito, que fizera. *Do tirar pelo natural*, fol. 184

[2] Cifra apontada por Borrell, vol. III, pag. 218. Sobre as riquezas extraordinarias de Guadalupe falla Navagero na sua *Viagem*, pag. 262, dizendo que era muito visitada por gente de Portugal. Veja-se a *Hist. de Guadal.* do Padre Talavera, onde se acha um inventario das peças do thesouro, com offertas portuguezas. Pag. 579, ed. Fabié.

verdadeiro museu! E note-se que não eram objectos importados; os joialheiros catalães deixaram-nos documentos da sua rara habilidade, tão authenticos e tão numerosos, [1] que não ha remedio senão marcar-lhes um lugar de honra na historia d'esta arte industrial no seculo XVI e XVII.

Mesmo antes de Davillier, já Borrell havia reproduzido em 1875 uma serie de joias importantes dos dois seculos citados, inclusive a explendida corôa da *Virgem del Sagrario* (1574), obra do celebre joialheiro Alejo de Montoya, [2] roubada em 1869. Hoje é facil fazer uma idcia da joialheria hespanhola, visitando o Museu de South-Kensington; foi este estabelecimento que adquiriu os objectos mais importantes do leilão de Zaragossa, e é o unico museu estrangeiro que tem desde então continuado a acompanhar as vendas de objectos antigos que posteriormente se teem feito em Hespanha. Os objectos da antiga industria peninsular voltaram a ser moda, como no seculo XVI, em que os principes allemães sustentavam na peninsula agentes particulares para a compra dos celebrados *brincos hispanicos*. [3]

A joialheria hespanhola adoptou nos seculos XV e XVI as mesmas formas de ornamentação, o mesmo estylo nos padrões do esqueleto metalico, o mesmo processo de engaste, que encontramos na joialheria italiana e allemã da mesma epoca. São os typos de Jean Collaert de Antuerpia, de P. Birckenhultz, de Daniel Mignot de Augsburgo, etc. [4] No seculo XVII transforma-se e adquire um caracter mais particular. Á variedade na escolha das pedras succede uma certa monotonia e, como consequencia natural (v. pag. 93), o esmalte desapparece. A pedra, escolhida de uma só especie e uma só côr, diamante, ou esmeralda, ou rubim é engastada em ouro *percé à jour*. O lavor d'estas peças é talvez mais subtil, mas o effeito não pode comparar-se ao das antigas do seculo XVI, que irradiavam em mil côres.

Um autor que viajou em Hespanha na segunda metade do seculo XVII, Madame d'Aulnoy, que havemos citado mais de uma vez, dá-nos ácerca da joialheria hespanhola uma serie de noticias que parecem estar em contradição com o que acabamos de referir. É preciso advertir, porém, que Madrid não era a Hespanha, nem então, nem ainda hoje mesmo. As damas podiam cobrir-se de joias, como quem expõe um manequim de *bric-à-brac*; podiam mesmo preferir as falsas lentejoulas do *Temple* á magnifica pedraria de suas avós — isso era questão da moda que, exercendo a sua influencia n'uma alta sociedade ociosa, como era a hespanhola, provocava as invenções mais disparatadas; mas nem o mau gosto na applicação das peças antigas ao vestuario, nem a preferencia pela *verrerie*, pelas pedras imitadas, influiu sobre a joialheria hespanhola, que se sustentou n'um elevado grau de merecimento durante a maior parte do seculo XVII. A egreja conservou a boa tradição. As offertas ás Virgens dos differentes sanctuarios de Hespanha deram lugar a numerosas encommendas, que foram executadas n'um estylo elegante e solido, cuja ligação com o anterior é evidente. Madame d'Aulnoy concorda, de resto, na belleza das joias antigas de familia, que viu em Madrid, e nota a grande abundancia d'ellas:

«As senhoras hespanholas tem as joias (*pierreries*) mais formosas que é possivel ver; não é um adereço, como o tem a maior parte das nossas damas em França; são oito e mesmo dez; uns de diamantes, outros de rubins, outros de esmeraldas, de perolas, de turquezas, emfim de mil modos, mas montam-nos muito mal, [1] cobrem quasi todas as pedras, ficando muito poucas á vista. Perguntei por que razão o faziam assim? Responderam-me, que o ouro lhes parecia tão bello como as mesmas pedras. Cuido, porém, que a culpa é dos joialheiros, que não sabem engastar melhor as joias.»

É mui curiosa a descripção que a mesma autora faz de uma dama hespanhola, enfeitada segundo todas as regras da moda; não a traduzimos porque, se o fizessemos, é possivel que nos accusassem de interprete menos fiel, tão singular é o retrato:

«Les Dames portent de grandes Enseignes de Pierreries au haut de leurs corps, d'où il tombe une chaîne de Perle, ou dix ou douze nœuds de Diamans, qui se rattachent sur un des côtez du corps. Elles ne mettent jamais de Colier; mais elles portent des Bracelets, des Bagues, & des Pendants d'Oreilles, qui sont bien plus longs que la main, & si pesans, que je ne comprens point comment elles peuvent les porter, sans s'arracher le bout de l'Oreille. Elles y attachent tout ce qui leur semble de joli. J'en ai vû qui y mettoient des Mon-

[1] Os seguintes autores offerecem interessantes gravuras de joialheria hespanhola hespanhola desde o seculo XV a XVIII: *Museo espan.* vol. I e VI. Davillier *Les arts* e em *Recherches*, no texto e nas Pl.; Riaño, *The ind arts* pag. 35-38, Borrell, vol. III, pag. 218, 470 471, e Lam. LXII.

[2] O perito D. José Miró, avaliou a corôa em 60:000 duros, em 1865. V. Borrell, vol. II, pag. 217, que dá d'ella uma excellente lithogr. L.ª LXII. O pezo da prata, que reveste o vulto da *Virgen del Sagrario*, que é de madeira, representa mais de 500 kilogr.; o vestuario da festa tem, além das pedras preciosas, mais de 80:000 perolas, e assim por diante.

[3] V. *Arch art.*, fasc. IV, e adiante o cap. VII, *Sobre a influencia da arte estrangeira.*

[4] Comparem-se com os typos das *Flugblatter*, fol. 34 a 37.

[1] «Leurs lapidaires ne les sçavent pas mieux mettre en œuvre.» Traduzimos *joialheiro*, porque os lapidarios não montavam, nem engastavam as obras. Mad. d'Aulnoy accrescenta: «J'en excepte Verbec, qui le feroit fort bien, s'il vouloit s'en donner la peine.»

tres asses grandes; d'autres des Cadenats de Pierres précieuses, & jusqu'á des Clefs d'Angleterre fort bien travaillées, ou des Sonnettes. Elles mettent des Agnus & des petites Images sur leurs manches, sur leurs épaules, & partout. Elles ont la tête toute chargée de Poinçons; les uns faits en petites Mouches de Diamans, & les autres en Papillons, dont les Pierreries marquent les couleurs» (Vol. II, pag. 130-131.)

Os quadros e gravuras da epoca confirmam em parte estas palavras; o bom gosto da moda hespanhola acaba com Filippe II, perdendo o ultimo resto de originalidade com a entrada dos Bourbons (1701). Na epoca em que Madame d'Aulnoy escrevia (1678 a 1680) já as lentejoulas de importação franceza tinham entrado na côrte: «mais tout les contente, des éguilles, épingles, quelques rubans, & surtout des pierreries du Temple les ravissent: elles qui en ont tant de fines & qui sont si belles, ne laissent pas d'en porter d'éffroyables: se sont proprement des morceaux de verre que l'on a mis en œuvre, tout semblables á ceux que les Ramoneurs vendent à nos Provinciales qui n'ont jamais vû que leur Curé & leurs brebis. Les plus grandes Dames sont chargées de ces verrines qu'elles achetent fort cher, & lors que je leur ai demandé pourquoi elles aiment tant les diamans faux, elles m'ont dit, que c'est à cause que l'on en trouve d'aussi gros que l'on en veut. En effet, elles en portent á leurs pendans d'oreilles de la grosseur d'un œuf, & tout cela leur vient de France ou d'Italie; car comme je vous ai dit, on ne fait guére de choses à Madrid, l'on y est trop paresseux» (Vol. III, pag. 120).

As peças de joialheria hespanhola não se distinguem das portuguezas. [1] No citado museu de South-Kensington podem ver-se as provas do que affirmamos com relação ao seculo XVII. As nossas peças do seculo anterior estão no mesmo caso; apenas são muito mais raras, mas quem tiver o cuidado de percorrer os nossos conventos e egrejas, e examinar com attenção as joias que ornam ainda algumas das nossas imagens de devoção mais celebres em dia de festa, e as peças bastante numerosas que se veem nos quadros portuguezes do seculo XVI. (Acad. de Lisboa, Evora, Vizeu etc.) encontrará ainda material de estudo sufficiente. A Academia de Bellas Artes de Lisboa adquiriu nos ultimos dois annos algumas joias, procedentes de conventos secularisados, que merecem ser vistas, sobresahindo entre ellas uma corôa de ouro esmaltada e guarnecida de perolas e pedras preciosas, que pertencia ao convento de Nossa Senhora da Luz de Lisboa. A tradição diz ser uma dadiva da celebre infanta D. Maria, a dos *Serões*, filha de D. Manuel.

(Continúa)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

[1] V. retro o Capitulo especial que lhes consagrámos (pag. 87 a 101.

Eis o indice do estudo especial sobre a *Historia da ourivesaria e joialheria portugueza*, que o nosso consocio, o sr. Joaquim de Vasconcellos, vae publicar, e de que temos dado extensos extractos:

Ensaio historico sobre a ourivesaria e joialheria portugueza. Sec. XIV-XVI. Um vol. em 4.º de cerca de 500 pag., com importantes documentos.

PARTE PRIMEIRA

Introducção:		A ourivesaria peninsular anterior ao sec. XIV. Bibliographia. Fontes de estudo.
Capitulo	I	Sobre as condições do commercio de ouro e prata nos sec. XV e XVI.
»	II	Sobre as condições technicas.
»	III	A ourivesaria religiosa.
»	IV	A ourivesaria profana.
»	V	A joialheria.
»	VI	A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa. A joialheria.
»	VII	Sobre a influencia da arte estrangeira. O Occidente e Oriente.
»	VIII	Sobre a organisação do ensino artistico. A officina e a aprendizagem. A posição social do ourives no sec. XV e XVI.

PARTE SEGUNDA

Catalogo geral da ourivesaria portugueza até fins do sec. XVIII.

Glossario historico e technologico.

PARTE TERCEIRA

Documentos comprovativos (sec. XIV-XVIII).

PARTE QUARTA

Diccionario dos ourives e joialheiros portuguezes (sec. XII-XVIII).

Alguns fragmentos da *Parte Primeira* já foram publicados nas seguintes revistas:

Capitulos I, II e VI n'este *Boletim*.

Do capitulo IV saíu um importante fragmento na *Arte portugueza*, Porto, fevereiro de 1882.

Do mesmo capitulo IV, deu o sr. Ch. Yriarte uma traducção livre na *Revue des deux Mondes*, de 15 de maio.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

A BASILICA DE MAFRA

Arte ornamental

..., dès que le sentiment du beau consiste plus dans la finesse du tact que dans la profondeur du savoir, il faut singulièrement observer le principe de Néoptotème: «raisonne, mais en peu de mots».

WINCKELMANN.

Ao vermos a reunião de tantos objectos de arte, maravilhas — por assim dizer — produzidas pela mão do homem, na exposição que tão dignamente se realisou na capital do nosso paiz, e onde figuraram algumas peças pertencentes á basilica de Mafra, e tendo nós em outros numeros do nosso *Boletim* tratado de diversas partes do famoso monumento, suggeriu-nos o desejo de fallar das preciosidades artisticas que existem n'este vasto edificio, na verdade, tão abundante de obras de arte em todos os generos que pode ser considerado, talvez, o maior e mais importante museu de Portugal.

Ao erguer a grandiosa massa, ao despender enormes sommas na construcção do edificio, D. João v, cujo genio faustoso se accommodava perfeitamente ao espirito da epoca em que vivia, não descurava em cousa alguma o que podesse embellesar e enriquecer a sua obra, e mormente quando se tratava de alfaias e objectos que serviriam para esplendor do culto. Ao passo que as paredes do edificio subiam com incrivel presteza, artistas notaveis, no estrangeiro, produziam esses objectos luxuosos e ricos que viriam opportunamente occupar diversas casas, e brilhar na occasião em que, cessando o ruido do martello, os monges entoassem os canticos que a Egreja prescreve nos actos solemnes da sagração de um templo. E assim foi.

Quando no dia 22 de outubro de 1730 se começou o cerimonial da sagração da basilica, as alfaias appareceram, e a maior parte d'esses objectos de arte ornamental, que hoje ali se admiram, estavam nos seus respectivos logares e augmentavam a pompa que presidia aos sumptuosos festejos. Dissemos — a maior parte dos objectos — porque, posteriormente se addicionaram outros de não menor valia, taes como — na Egreja, os retabulos dos altares, esses sublimes baixos relevos de calcareo portuguez; as estatuas de marmore de Carrara, e varias peças de metal.

É, porém, na casa denominada da *Fazenda* que se acham agrupados todos os moveis especiaes e que mais tocam o espirito do observador, o qual, desanimado pela sombria perspectiva do edificio, sente desde o entrar no templo nova e agradavel impressão, em presença da riqueza de ornamentação que resalta de todos os lados. Dos baixos relevos, das estatuas, dos candelabros, dos cancellos, dos orgãos já tratámos em outros capitulos — occupar-nos-emos n'este numero da *Casa da fazenda*, asseverando que no edificio de Mafra existe um museu permanente de objectos de arte ornamental, que merece ser visto e cuidadosamente estudado. E não se julgue que por acaso se encontra um ou outro exemplar em qualquer genero, ha collecções completas e repetidas; e diremos, com orgulho, que os nossos artistas augmentaram os grupos, imitando e produzindo melhor, talvez, do que artistas estrangeiros.

Diz-se que D. João v na occasião dos festejos, com respeito ás alfaias, exclamára perante a côrte: «Estes objectos custaram mais dinheiro do que toda a grande massa que nos cerca.» Serve a expressão, pelo menos, para dar ideia da riqueza. Não se dispenderia hoje por tal forma; mas é certo que, se o luxo e o fausto fossem completamente banidos, as bellas artes desappareceriam; sem elles não podem ellas medrar. O architecto, o pintor, o esculptor, o ourives seriam entidades que ficariam existindo nos velhos diccionarios, e o lexicographo futuro teria de desenvolver bem a palavra, para que as gerações vindouras formassem ideia do serviço que a elles competia.

Tratemos da *Casa da fazenda*.

A casa da fazenda, junta à sachristia, e na face do sul do edificio, tem cinco divisões. A primeira, que tem 16,^{m}3 por 6,^{m}2, está lateralmente guarnecida de armarios envidraçados, onde se guardam castiçaes de metal, em numero de 130 — cada um d'elles tem 1,^{m}3 de altura; a base é triangular e o fuste redondo e perfeitamente acabado; não teem outro ornato além de filetes, meias cannas e redondos — servem estas peças nas occasiões de festas solemnes para guarnecer o throno, e para preencher os altares. Guardam-se tambem n'esta casa duas famosas banquetas de metal e competentes caryatides, de muito bom trabalho, que pertencem aos altares da sacra Familia e do Sacramento. Acham-se ali egualmente as peças que servem na cerimonia do lava-pedes — taes como: bacias, jarras, bilhas, etc., tudo de estanho.

Na segunda casa, de 11,^{m}5 por 8,^{m}20 — á direita da de entrada — veem-se, em armarios envidraçados, muitos relicarios de metal de lindo trabalho e muito elegantes; mede cada uma d'estas peças 1,^{m}22 de altura, e compoem-se de base exagonal, tendo relevadas em tres faces as letras R. B. M. e do corpo que se ergue até ao receptaculo da reliquia rematado por uma estrella. Este corpo é de

mimoso lavôr, e todo cinselado; e dos lados do receptaculo pendem delicadas grinaldas de flores. Ha ainda outros relicarios de menos trabalho, mas bellos. A banqueta da capella-mór é uma primorosa peça de metal, de 3,m5 de comprimento apresentando em relevo, em toda a sua extensão, uma delicada folhagem com cachos de uva e espigas de trigo, distribuidos e entrelaçados com muita arte; no centro da mesma peça ha uma lamina, onde se vê, em relevo, a passagem da vida de Santo Antonio na occasião em que pretende livrar o pae da forca. São muito apreciaveis as figuras que constituem o quadro: a serenidade que revela o rosto do santo, mandando levantar o cadaver: o espanto que se nota no rosto dos ministros, e no dos soldados que formam a guarda, e o espirito de curiosidade e de commoção que se percebe tão precisamente no povo ao fundo do quadro, tudo é bello e de subido merecimento. Para sustentar esta banqueta ha duas caryatides, tambem de metal, de 1,m3 de altura, coroadas com uma grande voluta e circumdadas, desde a cabeça de anjo até á base de folhagem relevada donde saem espigas de trigo e cachos de uvas; estas peças, como as duas identicas de que já fallamos, foram feitas no nosso arsenal por João José de Aguiar.

Servem exclusivamente com a referida banqueta uma cruz especial e oito castiçaes de metal de um trabalho esmerado, cada uma d'estas peças mede 1,m1 de altura, as bases são triangulares e ornadas de cabeças de anjos; os fustes são oitavados, muito esveltos, e adornados de filetes e redondos, em que estão cinselados bonitos arabescos. A cruz, na base e face da frente, tem cinzelada a passagem da *Cêa*, o que se pode considerar um mimo de execução; a boa proporção das figuras, a expressão e attitudes de todas ellas revelam muito saber da parte do executante. É deslumbrante o effeito que produz o conjuncto de todas estas peças metallicas, quando collocadas no altar e circumdadas de outras diversas alfaias em perfeita harmonia com ellas.

O tocheiro do cirio paschal é outro objecto importante, posto que destituido de ornamentação—é notavel sobretudo pela sua grandeza: tem a forma de uma columna com a base quadrada, fuste redondo e cimalha onde está o bocal que recebe o cirio—o diametro do bocal mede 0,m16; todo o corpo tem 2,m86 de altura, e pesa 235 kilogram. Pertencem-lhe dois apagadores que estão com elle em perfeita analogia; são de tal grandeza que o sr. visconde de Castilho, visitando o edificio, exclamou ao apalpal-os: *Oh! são os apagadores do sol.*

O candieiro das trevas, tambem de metal, é outro objecto enorme—compõe-se de base, fuste cannellado, e do corpo de forma triangular que recebe s velas; este triangulo tem de base 1,m12, e a altura total do candieiro é de 2,m8; todas as peças componentes são maciças, e pesam 295 kilogrammas.

Ha dois thuribulos e duas navêtas, de trabalho primoroso; as navêtas são cinzeladas; e entre folhas e flores, delicadamente trabalhadas, teem gravado o escudo das armas de Portugal; os thuribulos teem muitos rendilhados, e lavores analogos aos das navêtas; quando fechados simelham uma urna de forma engraçada. No mesmo genero ha egualmente lanternas para servirem nas procissões.

Existem mais n'esta casa; duas custodias de prata dourada, de muito bom trabalho, e de estylo egual ao de todas as outras peças: calices de prata cinzelados: uma grande corôa de metal que se collocava sobre a eça na occasião dos officios funebres por alma de D. João V: lampadas, cornucopias para tres lumes, e uma infinidade de pequenos objectos metallicos com diversas applicações: as pesadas e enormes estantes do côro, e muita obra de talha de madeira do Brazil de inexcedivel perfeição, e cujo destino se ignora. Ha duvida se todos estes objectos existiam quando teve logar a sagração; suppõe-se, com bom fundamento, que se fizeram depois, e que são obra portugueza do fim do seculo passado e do principio do actual. Do seculo passado ha ali uma valiosa peça de ebano e prata. E' um relicario de 0,m65 de altura, a base rectangular é sustentada por quatro leões rompantes; seis anjos de prata apresentam os instrumentos da paixão do Salvador; o interior do relicario contem cinco estatuetas, tambem de prata, representando a scena da flagellação—o todo é encimado por uma cruz.

Parece que em tempo houve uma custodia e um calix de ouro de 21 quilates. Estes objectos, segundo ouvimos dizer ao sr. Eusebio Gomes, antigo empregado n'este edificio, foram para o Brazil quando a familia real para ali retirou em 1807. O calix, diz o *monumento sacro,* pesava com a patena e a luneta 6 onças, 7 oitavas e 3 grãos. Mais alguns objectos sairam d'aqui por vezes, como foram em 1792 por ordem da rainha, datada de 5 de setembro, sete lampadas de metal para o mosteiro de S. Vicente de Fora; e em 1808, por ordem do intruso governo francez, differentes peças foram para a patriarchal.

Na primeira casa, á esquerda da casa de entrada medindo 16,m3 por 7,m2, guardam-se em grandes caixões os frontaes e outros muitos estofos bordados. A profusão e a riqueza do bordado são admiraveis. Os frontaes são de damasco bordado a retroz em grande relevo, e franjados no terço superior com requife e canotilho—ha frontaes para todos os altares, e das cinco cores do rito: branca, encarnada, verde, roxa e preta. A escolha da côr do retroz para o estofo foi muito bem calculada; em

quanto que sobre o encarnado o retroz é de um amarello vivo, esmorece um pouco sobre o branco; e sobre o verde, roxo e preto é de côr de palha — produzem bello effeito. N'esta mesma casa e em outra contigua estão os paramentos, e outras muitas e diversas alfaias. Ha collecções completas das cinco côres para servirem nas funcções religiosas, observando-se da mesma fórma a bem combinada distribuição das côres de retroz nos bordados sobre os estofos. Encontram-se dalmaticas, capas, casulas, porteiras, pallios, sanefas, pannos do sacrario, e tudo deslumbrante pela opulencia do trabalho e pelo effeito. Os desenhos não apresentam figuras caprichosas que a phantesia ou a licença introduziram em objectos analogos e que se adaptavam ao estylo das velhas cathedraes; todos os desenhos são geometricos, a longos traços, que o artista soube animar, bordando com admiravel pericia.

As alfaias foram feitas em Genova, Napoles e Milão — algumas ha feitas em França, que se distinguem pelos bordados em flores de liz, e porque a côr do retroz tem esmorecido, o que não acontece ao retroz da Italia que conserva o seu brilho primitivo.

D'entre os numerosos grupos existentes devemos especialisar o rico paramento de gorgorão branco, todo bordado em grande relevo, e destinado a servir na festa de *Corpus Christi*: Consta elle de 25 casulas, 12 capas e 8 dalmaticas, alem das tunicellas, quadratos, manipulos, estolas, véo de calix, véo de hombros, panno de faldistorio e panno de pulpito.

Ha mais: outro paramento branco, bordado para dias solemnes; paramento de côr carmesim, todo bordado, feito em Genova; paramentos completos de setim verde e roxo, bordados em Milão; paramentos de setim roxo e preto, proprios para servirem nos officios da semana santa; tres riquissimos doceis grandes, bordados em alto relevo pelos dois lados, com franja de retroz e requife de 0,^{m}29, pesando cada peça 105 kilogm; porteiras de gorgorão e espaldares brancos e carmesim, todos bordados; pallio branco bordado dos dois lados em grande relevo; os primorosos pavilhões de sacrario, feitos de gorgorão e das côres branca, encarnada e roxa, com mimoso bordado, e de um effeito surprehendente.

Existindo mais outros exemplares e collecções, citamos aquelles como principaes e de execução mais aprimorada. Ha tambem um frontal, que se diz ter sido bordado por um frade do convento. Esta peça era dedicada a Santa Barbara, em cuja festa exclusivamente servia — é de damasco encarnado, bordado a retroz amarello, tendo em alto relevo no centro o castello e as palmas do martyrio, emblemas da mesma santa; e é franjado em toda a extensão com requife e canotilho.

Bordados a ouro só ha duas mitras, e o espaldar destinado a ornar o fundo da maquineta que se colloca sobre o throno, quando se faz a exposição do Sacramento — o bordado é em alto relevo, executado magistralmente, a fio e palheta de ouro.

Existem ainda outras muitas peças de bastante valôr artistico em paramentos meio bordados e em roupas brancas, como são: alvas e sobrepellizes com rendas finissimas de 0,^{m}30; almofadas bordadas para descançarem os missaes sobre os altares; pannos de velludo agaloados de ouro, que servem para cobrir a eça; lampadas de metal, lanternas e crucifixos; quadros a oleo e uma infinidade de pequenas cousas, interessantes para estudo.

Ha tambem um throno grande, de madeira dourada, que admitte 200 lumes: tem 3,^{m}6 de altura, egual base, e dez degraus — serve para exposição do Sacramento.

Como recordação guarda-se ali a cruz que serviu na inauguração do edificio; é de prancha de madeira do Brazil, e mede 5^{m} de altura.

Em todo o edificio acham-se muitas e varias peças de arte, de metal especialmente; restringimo-nos á *Casa da Fazenda*, por ser ali onde estão reunidos os objectos mais importantes, e de maior valor artistico nos sumptuosos exemplares em que a execução rivalisa com a materia prima. Todos os objectos são recommendaveis, e quer em bordados, quer em ourivesaria ha elementos de proveitoso estudo. Nada, porém, é anterior ao seculo passado, e com respeito á ourivesaria, as obras que existem são, pela maior parte, de origem nacional, e o seu estylo é da renascença.

Seria muito para desejar que as preciosidades artisticas de que acabamos de tratar despertassem o devido interesse aos que amam a arte, e a todos os que sabem apreciar os objectos que possuimos, ou sejam executados pela nossa mão, ou adquiridos com o nosso ouro. Todavia—pena é dizel-o—do monumento de Mafra o precioso museu é o ponto menos analysado. Cessem por uma vez o desconceito e a prevenção pouco justa contra o edificio, e seja conscienciosamente observado, porque elle constitue uma inexgotavel mina para estudo.

Pela nossa parte se fazemos uma descripção rapida dos objectos de subido valor que se encontram no museu de Mafra, é por que não julgamos facil o fazer a critica consciensiosa da arte, nem mesmo historial-a nas condições em que se acha. E' indispensavel estudal-a e conhecer-lhe os segredos, para se conseguir o fructo que só n'essas circumstancias se pode adquirir; e o bom senso recommenda-nos a abstenção de miudas apreciações.

Temos no paiz varios grupos e algumas collecções de bons exemplares de obras de arte, ignorados alguns, pouco conhecidos outros, e d'ahi, e muitas vezes, a perda total de muitos.

ESTAMPA 43

Sarcophago do Principe D. Affonso Sanches

A iniciativa individual tem conseguido salvar valiosas peças; e no museu do Carmo, em Lisboa, se encontra uma variada collecção, e assaz rica, que, em grande parte, se deve ao seu benemerito fundador, e actual presidente da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, ex.^{mo} sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. O instituto archeologico de Coimbra deve-se tambem a cavalheiros de elevada illustração, e ahi existe hoje um nucleo de alta valia que se vae augmentando, graças ao zelo dos seus dignos directores.

Se não podemos ter um museu central, devemos conservar e tornar bem conhecidos os que ha e que constituem um grande livro, em cujas paginas o artista pode adquirir proveitosa lição, alcançando ao mesmo tempo conhecimento exacto sobre estylos, boas proporções, harmonia de ornamentação e decoração que devem existir entre a fórma e a applicação do objecto.

A exposição de arte ornamental, que acaba de se effectuar, provou até á evidencia a riqueza e abundancia dos objectos famosos que ainda possuimos, demonstrando mais, que, sendo elles em grande parte producção dos artistas portuguezes, revelam a fecundidade do genio e o gosto da execução.

E ainda com respeito ao museu de Mafra, de que nos temos occupado, diremos que se acha em boas condições, que a situação da casa é favoravel, e os objectos estão bem resguardados — convem respeital-o e conserval-o religiosamente, e que d'ali se não retire mais uma só peça; não só porque se interrompem as collecções, como tambem porque os exemplares, porventura desviados, alem de ficarem em desaccordo com outras alfaias de epochas ou estylos diversos, iriam augmentar o numero de muitas que se encontram em sachristias escuras e humidas, expostas a tantas barbaridades, entre as quaes os restauros que são verdadeira profanação, e um vilipendio a que se deveriam poupar estas e outras obras de reconhecido merecimento, que serão sempre bellas, ainda mesmo em suas ruinas.

O socio

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

PHOTOGRAPHIA DO PRESENTE NUMERO

ESTAMPA 43

O sarcophago que representa esta photographia é tambem um dos mais raros exemplares que possue o museu de archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e que está exposto no edificio do museu do Carmo em Lisboa, havendo mais outro, que representa o finado deitado sobre a ilharga, existente no jazigo real da S. Diniz em França, porque geralmente o cadaver, era sempre posto de costas, não só para occupar o espaço todo que cobria o seu jazigo, como poder mostrar o rosto fitando o Céo, parecendo esperar que n'aquella habitação celeste sua alma seria recolhida entre os bemaventurados.

Foi desde o XII seculo que se principiou a collocar sobre a campa dos sarcophagos o vulto da pessoa n'elle encerrado; não se escondia no seio da terra o corpo do defuncto, como se fosse um objecto de terror e de afflicção, pois que, representando-se sobre a campa o seu corpo, vendo se a sua attitude tranquilla e conservando as mãos postas em oração, exprimia o descanço de sua alma, a resignação e a esperança de alcançar o premio de suas virtudes.

A presente estampa não só é curiosa por esta singular circumstancia, como egualmente pelo merecimento de sua esculptura, e tambem pelo facto que deu logar a ter-se entaipado este sarcophago dentro de uma parede, afim de fazer desapparecer a memoria do passamento do illustre varão a quem elle pertencia!

El-rei D. Diniz prezava mais o seu filho natural D. Affonso Sanches do que o filho legitimo D. Affonso, que herdou depois a corôa; havia, pois, ciumes d'este, pela affeição mais pronunciada do soberano para com o primeiro.

D. Sanches indo um dia caçar a Almeirim, estando a côrte em Santarem, foi mordido por um javali, cuja ferida causou a sua morte, vindo a fallecer n'aquella villa, sendo sepultado no convento de S. Domingos. El-rei D. Diniz mandou-lhe fazer o sarcophago como se vê n'esta photographia, estando representado na face principal o fatal acontecimento da caçada, onde se observa o principe a cavallo accommettendo o animal, e os creados temerosos refugiando-se sobre as arvores; e posto que esta esculptura em alto relevo esteja mutilada em dois logares, por um encaixe que lhe abriram (e nós explicaremos depois o motivo d'este vandalismo), todavia, deixa vêr o facto que causou a morte prematura do principe, que o artista representou com vigorosa execução.

Ainda que não conste a razão por que a effigie do principe esteja na posição que não era uso ado-

ptar-se, ousamos, na nossa humilde opinião, suppôr que o motivo de ficar por este modo deitado, seria que a mordedura do feroz animal fosse feita sobre a perna esquerda, impossibilitando o ferido de se poder deitar sobre o outro lado, e ter fallecido n'aquella posição.

O distincto secretario da associação franceza de archeologia, que veiu a Lisboa, em 1880, ao congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas, o qual visitou na companhia dos outros membros o Museu de Archeologia do Carmo, exprime-se ácerca do merecimento artistico d'esta esculptura, pelo modo seguinte:

«[1] Parmi les objets du moyen âge, d'anciens tombeaux de personnages historiques attirent l'attention et donnent d'excellents types de ces sortes de monuments, en usage en Portugal et en Espagne aux XIV^e^ et XV^e^ siècles. Les coffres rectangulaires, en pierre ou en marbre, comme celui du roi Don Fernando 1^er^, avec couvercle en forme de pyramide basse et tranquée, tirent un puissant effet décoratif de la présence, sur leurs faces, d'écussons héraldiques enfermés dans des cadres multilobés. D'autres plus simples, ornés d'écussons, montrent sur leurs couvercles plats, dans l'immobilité de la mort, les graves physionomies des défunts, comme le sarcophage de D. Gonçalves de Sousa, grand commandeur de l'ordre du Christ. *Parmi les tombeaux portant les effigies des personnages, il en est un, celui de Don Affonso Sanches, dont la statue est couchée sur le flanc, exemple très-rare d'une exception à l'usage consacré avant le XVI^e^ siècle* de représenter le défunt étendu, le visage tourné vers le ciel. *La chevelure partagée sur le front et tombant en ondes souples sur les épaules, la barbe raide, ajoutent encore à cette effigie un caractère de curieuse originalité.*»

Quando em 1866 fomos a Santarem evitar que as obras d'arte que se achavam abandonadas, mutiladas e desprezadas nas egrejas profanadas d'aquella cidade, podessem ser conservadas para servir á historia das Bellas-Artes do nosso paiz; notámos que na remota capella do Rosario de Nossa Senhora de Oliveira, da fundação de 1222, e junto da qual se edificou depois o convento de S. Domingos em 1225, havia, defronte do retabulo, pertencente ao tumulo de Ruy de Menezes, uma grande pedra lavrada a picão, encravada na parede e a sua tosca face no destorcimento da parede de alvenaria! Causou-nos admiração vêr a pedra collocada por aquella fórma, e a fim de verificar o motivo de similhante construcção, mandámos esburacar a parede sobre os dois lados da dita pedra (munidos de precisa auctorisação), e veiu a descobrir-se que estava entaipado o sarcophago, do qual publicamos a vista. Ficámos surprehendidos por tão inesperado achado! Procuramos explicar qual seria o poderoso motivo que tivesse determinado aos frades occultar aquelle tumulo e mutilal-o! Não obstante não haver nada escripto a este respeito, [1] podemos conjecturar, com plausivel probabilidade, que depois do passamento d'el-rei D. Diniz, e de ter subido ao throno seu filho legitimo D. Affonso IV, os frades sabendo a rivalidade que havia existido entre os dois irmãos, com o fim de lisonjear o novo soberano, esconderam dentro da parede as esculpturas e o rosto do infeliz principe D. Sanches; e no mesmo logar onde tinha sido posto o sarcophago, apparecia então uma grande pedra tosca, que por modo algum fazia recordar ter pertencido ao tumulo do filho natural do rei finado! Ora como a grossura da parede não permittisse esconder totalmente todo o tumulo, porque havia duas hombreiras e uma porta fingida sobre a face opposta, que fazia fundo ao tumulo, tiveram de mutilar as esculpturas da face principal do sarcophago em dois logares, afim de fazer a necessaria caixa para entrar todo o alto relevo no tardoz das ditas hombreiras, e ficar só a pedra das costas do mencionado tumulo apparente na parede da capella.

O architecto
J. P. N. da Silva.

[1] *Souvenirs archéologiques du Portugal*, 1880, *Musée du Carmo, par Mr. J. M. Laurière, Bulletin monumental d'Archéologie, vol.* VI, *pag.* 617, 1881.

[1] A *Historia de Santarem edificada*, obra publicada pelo conego Ignacio da Piedade e Vasconcellos, em 1740, posto que descrevesse todos os tumulos que havia na egreja d'este convento, não menciona este sarcophago; talvez por ignorar, quando deu á luz a sua obra, que elle estava entaipado havia 415 annos.

SETUBAL

Inscripções que se encontram em alguns monumentos

MONUMENTO DE BOCAGE

Na face do pedestal, do lado do sul, para onde olha a estatua, lê se:

A M. M. BARBOSA DU BOCAGE
ADMIRADORES SEUS
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS
MDCCCLXXI

DE ELMANO EIS SOBRE O MARMORE SAGRADO
A LYRA EM QUE CHORAVA OU RIA AMORES...
SER D'ELLES, SER DAS MUSAS FOI SEU FADO!
HONRAI-LHE A LYRA VATES E AMADORES!

Do lado do nascente:

DOOU-ME PHEBO AOS SECULOS VINDOUROS;
DEPONHO A FLOR DA VIDA E GUARDO O FRUCTO;
PAGANDO Á VIL MATERIA O VIL TRIBUTO
RETENHO A POSSE D'IMMORTAES THESOUROS.

Do lado do norte:

ESTE COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA,
AH! SE ENCANTOU COM SONOROSAS CORES...
JÁ BOCAGE NÃO É! NÃO SOIS, AMORES!...
CHORAI-LHE A MORTE, CELEBRAI-LHE A VIDA!

Do lado do poente:

UM NUME SÓ TERRIVEL AOS TYRANNOS,
NÃO Á TRISTE MORTAL FRAGILIDADE,
EIS O DEUS QUE CONSOLA A HUMANIDADE,
EIS O DEUS DA RASÃO, O DEUS D'ELMANO.

CASA ONDE NASCEU BOCAGE

Na sua frontaria está a seguinte inscripção:

N'ESTA CASA NASCEU
O INSIGNE POETA
MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
A 15 DE SETEMBRO DE 1765
ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA
NO ANNO DE 1864

PELOURINHO

Na praça de S. Pedro, situada no bairro de Troino:

Do lado do sul:

ESTE PELOURINHO
SE MUDOU DA PRAÇA
... RIBEIRA PARA ESTA
REAL
NO ANNO DE 1774

Do lado do poente:

TUDO EXECUTADO POR
DESPEZA DA CAMARA
DESTA VILLA SENDO JUIZ
DE FÓRA LEANDRO DE
SOUSA DA SYLVA
ALCAFORADO

Do lado do norte:

E POR DECRETO DE S. M. F.
NOMEADO INSPECTOR DAS
OBRAS PUBLICAS D'ESTA VILLA
JOSÉ BRUNO DE CABEDO COR^el^
DO REGIM^to^ E GOV^or^ DA PRAÇA
DIRECTOR D'ESTAS JOÃO VASCO M^el^
DE BRAUN SARG^to^-MOR DA MESMA
ENGENH^o^ E COMMAND^e^ D'ARTHELHARIA

Do lado do nascente:

POR ORDEM DO ILL.^mo^
E
EX.^mo^ SR. MARQUEZ
DO
POMBAL
DO CONC.^o^ DE ESTADO

CASTELLO DE PALMELLA

Sobre a porta principal se lê a seguinte inscripção:

REINANDO ELREI DOM PEDRO SEGUNDO
MANDOU FAZER ESTA FORTIFICAÇÃO
O DUQUE DE CADAVAL MESTRE DE
CAMPO GENERAL JUNTO DE SUA
MAGESTADE COMMANDANDO
AS ARMAS DA PRASSA DE SETUVAL
E CASCAES SENDO CAPITÃO GENERAL
DE CAVALLERIA DA CORTE E PROVINCIA
DA EXTREMADURA E DOS CONSELHOS
DE ESTADO E GUERRA DE SUA MAGESTADE
DO DESPACHO DAS MEZAS E ESPEDIENTE
PRESIDENTE DO TRIBUNAL DO TABACO
MORDOMO MOR DA RAINHA
D. MARIA SOFIA... DE 1689.

O SR. J. P. N. DA SILVA

Não nos soffre o animo guardar silencio ácerca do acolhimento verdadeiramente honroso que vemos ter na imprensa e nas corporações scientificas estrangeiras o nosso distincto compatriota, o sr. Possidonio da Silva. Mais do que uma simples felicitação, mais do que um respeitoso comprimento, entendemos que era devido e nos cumpria registar n'este *Boletim* o nosso reconhecimento, como portuguez, aos serviços que o benemerito presidente da associação dos architectos e archeologos tem prestado e está prestando, quanto póde, á nacionalidade, que nos deu o berço.

N'este proposito e, para que não sejamos suspeitos de louvaminheiros, reproduzimos textualmente

o que encontramos em diversos jornaes. Assim evidenciaremos o motivo da nossa gratidão.

O *Diario Popular* de 19 de setembro publicava esta noticia:

Congresso da associação franceza para o adiantamento das sciencias
Distincções feitas a um portuguez

Nos ultimos dias do mez de agosto, reuniu-se em La Rochelle o congresso da «Associação franceza para o adiantamento das sciencias», para o qual fora convidado e no qual tomou assento, como já o fizera na inauguração dos congressos da mesma associação em Bordeus no anno de 1872, o erudito architecto e archeologo portuguez, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Este nosso illustre compatriota foi recebido e hospedado, com a maior amabilidade e distincção, n'aquella cidade, pelo respectivo *maire;* e na sessão da abertura do congresso recebeu a honra de ser convidado, no meio da numerosa concorrencia, pelo secretario geral da associação, a ir sentar-se n'uma das cadeiras collocadas sobre o estrado, onde só tinham assento os membros da meza e as auctoridades da cidade.

N'aquella sessão — que foi celebrada n'uma antiga egreja gothica profanada — estavam presentes, além dos muitos sabios de differentes nacionalidades, que tomavam parte nos trabalhos do congresso, numerosos espectadores, perfazendo ao todo um auditorio de cerca de mil pessoas.

O congresso dividiu-se em 16 secções na fórma dos estatutos da associação, tomando aquelle nosso patricio parte em duas d'ellas, a de archeologia e a de engenheria civil. Quando se constituia a primeira, o sr. Quatrefages, o distinctissimo professor e membro do Instituto, a primeira coisa que fez foi propor que o sr. Narciso da Silva fosse proclamado presidente honorario, o que a secção unanimemente approvou. A secção de engenheria civil, ao inaugurar-se, conferiu ao mesmo senhor igual distincção. Estes dois factos são honrosissimos para o nosso illustre compatriota e para o nosso paiz por serem a manifestação de apreço em que o sabio archeologo portuguez é tido pelos distinctissimos homens de sciencia que compunham o congresso.

Na sessão de 28 de agosto, o sr. Narciso da Silva fez uma communicação importante ao congresso, sobre o descobrimento da cidade romana de Nabancia, apresentando os objectos que n'ella encontrou, e que foram examinados com particular interesse, especialmente um instrumento cirurgico, um anzol com lastro de chumbo, uma mascara de satyro, etc. Tambem apresentou varios instrumentos de silex, por elle achados nos dolmens de Elvas, os quaes pela sua delicadeza e perfeição, os sabios do congresso qualificaram como — «joias celticas.»

O n.º 248 do *Journel officiel de la République Française* transcreve a acta da sessão de 4 de setembro corrente da *Société d'Ethnographie,* sob a presidencia de M. Castaing, vice-presidente. Ahi se encontra o seguinte extracto:

«*M. le chevalier da Silva,* qui avait pris séance, samedi dernier, à l'Académie des beaux-arts dont il est membre correspondant, soumet à la Société quelques-uns des objets recueillis par lui sur l'emplacement de l'ancienne ville romaine de Nabancia, qu'il a récemment retrouvée et dont la découverte a été signalée par tous les journaux: une fibule et une pince en bronze, un hameçon, des morceaux de verre, un fragment de poterie portant une figure humaine, etc. Il entretient ses collégues, — entre autres points importants pour l'étude des divers groupes ethniques qui se sont succédé en Portugal, —des cercueils de plomb mis à jour à Setubal, cercueils auxquels il attribue une origine phénicienne.

Puis, revenant sur les fouilles qu'il dirige à Nabancia, l'orateur rappelle les différentes populations qui ont successivement habité la localité et les environs, depuis l'époque récente des Templiers jusqu'aux époques Ibérique et Celtique. Comme vestiges de l'époque Celtique, il présente une hache et des pointes de flèches en silex d'une rare finesse d'exécution, trouvées dans des dolmens près de la Guadiana, mêlées à des objets de métal.»

A revista *Arte e Storia,* de Florença, dizia em 5 de agosto:

«*Scoperta archeologica in Portogallo.*—Il cav. J. da Silva, fondatore del Museo Archeologico di Lisbona e architetto di S. M. il Re, è pervenuto, dopo lunghe ricerche a scoprire gli avanzi d'ell'antica città romana di Nabancia, nella Estremadura Portoghese presso la città di Thomar. L'egregio archeologo ha avuto la fortuna di ritrovare il Foro, la basilica, varie strade selciate, delle stanze con impiantiti a mosaico di vari colori, colonne con basi e capitelli, degli oggetti di ferro, dei mulini a mano, pendenti, vetri, monete e più gli avanzi di un grandioso portico con sedici colonne.

La scoperta è importantissima di per se stessa e più per essere la prima di tanto interesse fatta nella intera penisola Iberica, e l'egregio erudito potrà raccogliere materiali per il Museo di Lisbona e notizie per le sue interessanti pubblicazioni.»

Outros periodicos, taes como *The American Architect and Building News*, do instituto americano de architectos; *L'E'vénement*, de Pariz; o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro; a *Revista das Obras Publicas* de França; e ainda outros de Berlim e da Hollanda teem noticiado a descoberta feita pelo sr. Possidonio da Silva.

Honra á classe dos architectos, a que s. ex.ª pertence; honra á associação, que o elegeu para seu presidente; honra á patria que tanto amor lhe deve.

DIAS.

Carta de mr. Louis Richemond ao sr. presidente da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes

TRÈS-HONORÉ MONSIEUR.

Permettez-moi de résumer en quelques mots les relations du Portugal avec La Rochelle que j'ai eu l'honneur de vous rappeller au moment de la visite que vous avez faite á M. de Quatrefages et qui ont fait le 28 aôut l'objet de ma communication à la section de géographie de l'association française pour l'avancement des sciences.

Dès 1184, Thérèse, fille de Sa Majesté très fidèle, Alphonse Ier Roi de Portugal et des Algarves &c, fiancée à Philippe d'Alsace, relâche à La Rochelle.

Pendant la période épique du commencement de l'histoire moderne, lorsque la Lusitanie eut l'impérissable honneur de fonder son immense empire colonial par cette suite de découvertes qui ont étendu la civilisation européenne sur tout le monde, il y eut des sympathies naturelles entre ses hardis navigateurs et les intrépides marins de la petite et fière commune qui scellait d'un sceau figurant un navire ses chartes solennelles.

Le pavillon portugais flotta fréquemment dans le port de La Rochelle et dans son quartier maritime, la paroisse Saint Jean du Perrot.

Ce fut sous le pavillon portugais que Jean Allefonse de Saintonge fit ses premières campagnes, visita les deux Indes et parcourut le Brésil. J'ai été heureux d'inscrire le nom de ce pilote intrépide dans ma galerie des «Marins Rochelais» et dans ma «Biographie de la Charente inférieure» qui m'a valu la Médaille d'honneur de la Société Nationale d'Encouragement au bien de Paris. J'ai rappelé que Mellen de Saint Gelais a publié à Poitiers chez J. de Marnef en 1559 les «Voyaiges adventùreux du capitaine Alfonse Sainctongeois» qui parait avoir servi de type à Rabelais, pour son Xenomanes, pilote de Pantagruel.

Durant les troubles, un corsaire normand, Jacques de Sore, sieur de Flocques, étendit ses croisières jusqu'aux iles Canaries et le tribunal rochelais de l'amirauté de Guyenne fit plus d'une fois rendre justice aux capitaines portugais.

Dans les premiers jours de janvier 1572 mourut à la Rochelle un érudit rouennais Nicolas de Grouchy, appelé par la reine de Navarre à la chaire de philosophie du collége de cette ville. J'ai dit dans l'Encyclopédie dirigée par M. F. Lichtenberger la vie de ce gentilhomme, d'abord en relations avec la colonie portugaise de Sainte Barbe, puis professeur distingué de l'Université de Coïmbre, qui traduisit l'histoire de l'Inde de Fernand Lopez de Castanheda et se plaça par ses travaux d'érudition au premier rang des humanistes de son siècle. Je saisis avec bonheur cette occasion pour rappeler qu'à la suite de la publication de cette notice, l'un des représentants de cette noble famille, M. le vicomte Emmanuel de Grouchy a bien voulu me communiquer uue précieuse description pittoresque inédite du Portugal, enrichie de dessins d'une merveilleuse exactitude, qui permettent de placer les grandes personnalités de la Lusitanie au milieu des beaux sites qu'ils ont habités.

Le 17 décembre 1581 fut célébré à La Rochelle le mariage de Gaspard Barbosa Cabeça, fils d'Antonio Gonzalves Cabeça et de Genebra Barbosa avec Alienor Riboulard. La maintenue de noblesse faite par les soins de l'intendant Begon constate que le père et la mère du futur étaient issus du véritable tronc des Barbosas et Cabeças du royaume de Portugal. Un arrêt rendu par le Roi de Portugal le 7 aôut 1673 établit que Jean Barbose Cabece, père d'autre Jean, maintenu dans sa noblesse par Begon, le 5 juillet 1699 était fils de Gaspard Cabece et de Marie Girard, lequel Gaspard était fils d'autre Gaspard Barbose Cabece et d'Eléonore Boulard, ce dernier fils d'Antonio Gonzales Cabeça et de Genebra Barbosa. L'armorial de la Rochelle (1696-1701) d'après les manuscrits de la Bibliothèque nationale donne le blason suivant.

174 — Jean Barbose Caboch, gentilhomme d'extraction portugaise. D'or à la tête d'homme de front de carnation (aliàs de gueules) (109).

Gaspard Barbosa Cabeça fut á La Rochelle le sujet fidèle et dévoué du Roi Antonio chassé de ses États par Philippe II d'Espagne. Catherine de Medicis arma une flotte pour rétablir dans son royaume le prince portugais. Strozzi devait le conduire aux Açores qui s'étaient déclarées en sa faveur. Le 17 juin 1582 dix vaisseaux anglais mouillèrent dans les rades de La Rochelle, à chef de Bois pour rallier la flotte française à Belle-Ile. L'annaliste roche-

lois Baudoin nous apprend que le feu prit aux poudres du navire monté par le comte Don Diego de Bouteille, plus de cent personnes périrent dans la catastrophe. Au milieu de la confusion, la résistance désespérée des alliés fut inutile et le malheureux Antonio revint à La Rochelle avec deux de ses fils, puis demandérent asile en Angleterre en 1585. L'un des fils de Gaspard seigneur du clou Doré, se montra également serviteur dévoué de la monarchie portugaise.

En 1641, ce fut à La Róchelle que débarquèrent les ambassadeurs du Roi de Portugal ainsi qu'Antonio Dacousta et le marquis de Nisse députés en 1644 et 1647.

La Rochelle reçut un plus grand honneur en 1666. Nous lisons en effet dans les registres paroissiaux de Saint Barthélemy.

JUIN 1666

Dom François de Merle Desforest, marquis de Sande, de Portugal et dame Marie Françoise Elisabeth de Savoie, duchesse d'Aumale et de Nemours.

Le vingt et septième jour de juin 1666, très-sérénissime et très puissant prince Alphonse sixième, Roi de Portugal, comparant par son procureur très excellent seigneur Dom François de Merle Deforest, marquis de Sande et très sérénissime princesse Marie Françoyse Elisabeth de Savoie duchesse d'Aumale et de Nemours, comparant par son procureur très sérénissime prince Louis de Vendosme, pair de France et de Mercœur (sic) ont été épousés à sept heures du soir ou environ, en la maison nommée maison de Henri quatre, dans une chapelle ou plutôt une chambre préparée et ornée pour la célébration du mariage, rue Gargouillaud, paroisse de Saint Barthelemy, où ont assisté nos seigneurs ill. et rév. év. de Xaintes et de Lusson, M. Brunet, official et g[d] Vicaire du diocèse de la Rochelle, Chopin, prêtre del'Oratoire et curé de la dite paroisse, en présence de plusieurs personnes illustres et de condition et a été faite la cérémonie et célébration du mariage par Mgr. l'ill. et rév. Ev. de Langres (sic) duc et pair de France, avec permission de Mgr. l'ill. rév. de La Rochelle. Ensuite les compliments de nosd. Seig. les dits év. accompagnés de M. le g[d] vicaire et le curé de la paroisse et plusieurs autres ecclésiastiques, ont été faits á ladite sérén. princesse comme reyne de Portugal et les harangues du marquis de Sende (sic) de mm. du Présidial et du Corps de Ville, les advocats du Royet du Corps de la milice, et ont signé au registre les personnes nécessaires.

Signé J. Chopin, curé de S. Barth.

L'évêque de Langres en 1666 était Louis Barbier de la Rivière duc et pair de France; ceux de La Rochelle, de Saintes et de Luçon étaient Henri de Laval de Bois dauphin, Louis de Bassompierre et Nicolas Colbert.

La maison dite de Henri IV, dans la rue Gargoulleau, doit être l'ancien logis de Mlle Le Goux, la Bibliothèque actuelle.

On sait les évènements de 1668.

Le 18 juillet 1700 mourut à la Rochelle en odeur de Sainteté, une noble portugaise, Marie de Cardozo, née à Lisbonne en 1651, mariée à un négociant rochelais, Pierre Meusnier. A la mort de son mari en butte à la jalousie et aux persécutions d'une famille qui ne l'avait jamais adoptée, Marie puisa dans sa profonde piété une admirable résignation pour supporter toutes les épreuves qui l'accablèrent. Entrée dans le Tiers Ordre de Saint Augustin, elle devint supérieure, sous le nom de Sieur Marie de la Conception. Le religieux qui nous a laissé la relation aujourd'hui fort rare de sa vie donne de nombreux détails sur cette physionomie si originale, sur cette personnalité qui se présente à l'historien avec l'auréole hiératique. «Le passé et l'avenir ne pouvoient se dérober a sa lumière, elle voyoit ce qui se passoit au loin, comme ce qui se passoit auprès, elle avoit le don du discernement des esprits et démêloit les plus secrètes pensées des cœurs, les choses les plus obscures de l'autre monde ne lui étoient pas inconnues...» Le biographe énumère des preuves nombreuses de son inépuisable charité. «Vingt quatre heures après son décès, son visage parut aussi vermeil qu'il l'étoit dans le temps de sa meilleure santé, ses mains, ses bras et tous ses membres avoient conservé toute leur souplesse...»

Veuillez agréer, Monsieur, l'hommage de mon profond respect.

Louis Marie Meschinet de Richemond, président de la section de géographie du congrés de l'association française pour l'avancement des sciences, réuni à la Rochelle, officier de l'Instruction publique, correspondant du ministère pour les travaux historiques, archiviste de la Charente inférieure, secrètaire général de l'académie de la Rochelle, etc.

NOTICIARIO

Em continuação da utilissima *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo nosso venerando consocio o sr. conselheiro e digno par do reino, José Silvestre Ribeiro, publicou-se ha poucos dias o 10.º volume, comprehendendo preciosas informações relativas ao periodo de 1854-1861.

No prologo diz o illustrado socio da academia das sciencias:

«O final do reinado de D. Pedro V é o termo que temos fixado para a *Historia dos estabelecimentos*, deixando — ou para mais tarde, se Deus nos der vida, — ou para mais habeis operarios, o que é relativo ao reinado actual, que oxalá se prolongue por dilatados annos!

Fallar dos que vivem ainda, é melindroso encargo. Corre-se o risco de parecer panegyrista, em vez de historiador, excitam-se reparos mais ou menos apaixonados, a que é inopportuno ou penoso dar resposta, e finalmente, mal podem ser ainda apreciados os factos no encadeamento das suas relações, influencia ou resultados.

Relativamente ao periodo de 1854-1861, reunimos n'este tomo uma consideravel somma de noticias; mas só no volume immediato podemos concluir o muito que ainda nos falta relatar.

Por quanto adoptámos o plano de seguir a ordem alphabetica na enumeração dos estabelecimentos ou providencias, succede que n'este decimo tomo não podémos passar, na letra *C*, além do capitulo — *Catalogo geral dos livros em relação ao ensino*. E comtudo, affoitamente podemos dizer que diligenciámos restringir-nos, o mais que nos foi possivel, ao que nos pareceu essencial em cada um dos assumptos diversos; bem como houve todo o cuidado em não desperdiçar o menor espaço na impressão do original.

Dissemos que muito nos falta ainda para chegarmos á conclusão do periodo de 1854-1861.

E com effeito, na indicada letra *C* ficaram ainda por mencionar, em grande numero, entidades importantes, ás quaes temos que accrescentar as pertencentes ás letras *D* até *U* (Universidade de Coimbra).

Para que aos leitores seja facil avaliar desde já a quantidade e variedade de assumptos, que á sua consideração havemos de offerecer no tomo XI, vamos apresentar-lhes uma rapida enumeração dos principaes grupos:

Centro. Collegios. Commissões. Cursos, etc.
Diplomas. Direcções. Dispensatorios, etc.
Engenheiros. Ensino. Escola. Estatistica. Estudos. Exames.
Gabinetes. Gremios, etc.
Institutos. Instrucção, etc.
Jornalismo. Juntas.
Linguas. Livros. Lyceus, etc.
Methodos. Missões. Museus.
Observatorios.
Seminarios. Sociedades.
Trabalhos geodesicos, etc.
Universidade de Coimbra.

Note-se que, por brevidade, apontamos aqui apenas os grupos mais salientes, omittindo por consequencia os menos genericos, e até algumas individualidades, aliás de muito util curiosidade.»

Publicações d'esta ordem não têem só como recompensa elogios ephemeros que a imprensa lhes confere. Aos vindouros sobrará ensejo de bemdizerem o incansavel trabalhador, o dedicado mineiro que nas suas pesquizas lhes reuniu numerosos materiaes para o estudo do passado historico de Portugal. Pena é que o reconhecimento effectivo de tal serviço venha tardío; mas ha de vir, inteiro, justo, desassombrado, confirmar a opinião dos que proclamam hoje o sr. José Silvestre Ribeiro como uma das altas capacidades do mundo litterario.

O director do museu de Bulaq, M. Maspéro, volta ao Cairo para continuar as escavações emprehendidas no valle do Nilo.

Durante a sua estada em Paris, M. Maspéro deu conta á academia das inscripções e bellas letras das suas pesquizas nas pyramides de Réga, de Kafr-Litch e de Méidoun, assim como da descoberta que elle fez do tumulo da rainha Nitocrès, pertencente á XXVI dynastia.

O sarcophago vae ser transportado para Bulaq.

Herbert Spencer, o celebre philosopho inglêz, chegou a New-York em 21 de agosto ultimo, tencionando, se a sua deteriorada saude lh'o permittir, visitar as principaes cidades dos Estados Unidos e o Canadá. M. Spencer conta hoje 63 annos. Nasceu em Derby (Inglaterra). Aos 17 annos entrou como engenheiro na *London and Birmingham Railway Company*, mas ao cabo de dois annos deixou esse emprego para se dedicar inteiramente ao estudo.

A elle se devem notaveis aperfeiçoamentos na fabricação dos relogios, uma nova fórma de prensa typographica, uma machina de fabricar os caractéres de composição e a gravura glyptographica.

A *Revue Scientifique*, de 30 de setembro, publica a conferencia feita no congresso anthropologico de Francfort, por M. R. Virchow.

O assumpto d'essa conferencia foi *Darwin e a anthropologia*.

ASSIGNATURAS REGIAS

O signal publico dos reis de Portugal, anteriores a D. Diniz, limitava-se a uma cruz, que, por ser diversa nos differentes documentos, não se póde suppor do proprio punho, mas antes feita pelo funccionario que lavrava o diploma. Este signal foi substituido dentro em pouco pelo rodado ou roda, feito tambem pelo notario, e onde elle escrevia o nome do monarcha e de sua mulher e filhos.

D. Diniz foi o primeiro rei que assignou, pela sua mão, diplomas. A fórma ordinaria da sua assignatura é nos documentos latinos *Rex vidit*, e nos documentos em vulgar *El-Rei a viu*. Apparecem comtudo outros em que se lê: *Ego rex Dionysius manu mea subscripsi — E eu El-Rei D. Diniz subscrevi aqui com minha mão.*

Os seus successores usavam da assignatura *Rei* ou *El-Rei*, conforme a natureza do diploma, havendo a notar as excepções seguintes:

A rainha D. Leonor, na sua regencia por morte de D. Duarte, assignou *A treiste Rainha*.

D. Affonso V depois das suas pretensões ao throno de Castella: *Yo El-Rei*.

D. João II, regente do reino na ausencia de seu pae: *Principe*.

D. Manuel, depois de jurado principe de Castella: *El-Rei* e *Principe*.

D. Pedro I foi o primeiro rei que revestiu a sua assignatura com uma especie de colchete, talvez origem da *guarda* que em tempos mais proximos acompanha a assignatura e precede os cinco pontos.

Desde D. Affonso V é que a assignatura real principia a ser seguida de cinco pontos em cruz, dando provavelmente origem a este uso a lenda da appari-

ção de Campo d'Ourique, que começou a divulgar-se n'este reinado.

A assignatura das leis e mais diplomas que começam pelo nome do soberano é *El-Rei*, a *Rainha* ou *O Principe*, com guarda e cinco pontos. A dos alvarás e cartas regias: *Rei, Rainha, Principe*. E a dos decretos e resoluções de consultas apenas a cetra, guarda ou rubrica.

Para mais amplos esclarecimentos, vejam-se as *Dissertações chronologicas* de João Pedro Ribeiro, tom. III, part. II, pag. 10 e seguintes.

TITULOS OU DITADOS DOS SOBERANOS DE PORTUGAL

O conde D. Henrique intitulou-se *consul* ou *comes*; D. Thereza, em vida do marido e do pae, *infans, infantessa, cometissa* e mais vezes *Filia regis Alphonsi*.

Desde a era 1123, *regina*, conservando em alguns documentos o titulo de *infante*, ou unindo-o ao de *rainha*.

D. Affonso Henriques, até á era 1178, *infans* ou *princeps*, e d'ahi em diante *rex Portugaliæ*.

D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II, *rex Portugaliæ*.

D. Affonso III, até á morte de seu irmão (era 1285) *comes boloniensis, procurator regni Portugaliæ per summum pontificem et defensor*; ou *visitator regni per Dominum Papam, procurator fratris sui et comes boloniensis*.

Depois do fallecimento de D. Sancho II, *rex Portugaliæ*, e da era 1306 em diante, *rex Portugaliæ et Algarbii*.

D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, *rex Portugaliæ et Algarbii*.

A rainha D. Leonor, depois da morte de D. Fernando, *governador e regedor do reino de Portugal e do Algarve*.

D. João I, desde 16 de dezembro da era 1421 até 6 de dezembro de 1423, *D. João, filho do mui nobre rei D. Pedro, mestre da cavallaria da ordem de Aviz, e pela graça de Deus defensor e regedor do reino de Portugal e do Algarve*.

Depois da sua acclamação, *rei de Portugal e do Algarve*.

De 21 de agosto da era 1423 em diante, *rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Septa*.

D. Duarte, *rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Septa*.

D. Affonso V até ao anno 1458, usou do mesmo ditado, accrescentando, depois da sua primeira viagem á Africa, *e de Alcacer em Africa*.

Depois da tomada de Arzilla e de Tanger (1471), mudou o titulo d'este modo: *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa*.

Tendo desposado sua sobrinha a princeza D. Joanna em 1475, intitulou-se: *rei de Castella, de Leão, de Portugal, de Toledo, de Cordova, de Sevilha, de Galliza, de Murcia, de Jahem, dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, de Aljazira, de Gibraltar, senhor de Biscaya e de Molina*, até setembro do anno 1479, em que, fazendo pazes com o rei de Castella, voltou ao antigo ditado, *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa*.

D. João II usou do mesmo ditado até 1485, accrescentando então *e senhor de Guiné*.

D. Manuel continuou com este titulo até março de 1498, em que, succedendo sua mulher por direito immediato á corôa de Castella, se intitulou *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, principe de Castella, de Leão, de Aragão, de Sicilia, de Granada e senhor de Guiné*.

Por morte da rainha D. Leonor (24 de agosto de 1498), voltou ao antigo titulo, *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa e senhor de Guiné*, accrescentando em 1499 *e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*, etc., que ficaram usando os seus successores.

D. Pedro II, desde janeiro de 1668 até á morte de seu irmão, e D. João VI, desde 15 de julho de 1799 até á morte de sua mãe D. Maria I, usaram do titulo: *principe regente de Portugal*, etc.

D. João VI, por lei de 16 de dezembro de 1815, mudou o ditado dizendo-se *principe regente do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, d'aquem e d'alem mar*, etc.

Pela independencia do Brazil voltaram ás cousas ao antigo estado.

PAPEL SELLADO

Sabe-se que no reinado de D. Filippe III se tratou de introduzir em Portugal o uso do *papel de timbre* ou *sellado*, frustrando os acontecimentos politicos de 1640 a execução d'esta medida.

No reinado de D. João IV renovou-se a tentativa, chegando a lavrar-se no conselho da Fazenda o competente regimento, cuja execução deixou de realisar-se em attenção ás instancias do procurador da corôa, Thomé Pinheiro da Veiga e a uma consulta do Desembargo do Paço.

Depois, na menoridade de D. Affonso VI, publicou-se o regimento de 24 de dezembro de 1660, declarando-se por decreto de 28 de janeiro de 1661, que o uso do papel sellado começaria no 1.º de fevereiro seguinte. D'esta vez foi ávante a medida, e com effeito apparecem documentos n'este papel até 1668, anno em que parece ter sido abolida, posto que não possamos dizer como nem por que.

Decorrido mais de um seculo, isto é, em 1797, restabeleceu-se o emprego do papel sellado, e é facil seguir de então para cá as diversas vicissitudes por que tem passado este imposto e a differença dos sellos, marcas de agua, etc.

Para se avaliar o grau de adiantamento que tem attingido ultimamente o ensino em Hespanha e o modo por que d'elle se interessam as classes populares, basta dizer que no primeiro dia em que esteve aberta a matricula na escola de artes e officios se matricularam 1:846 alumnos.

Um allemão recommenda que as *vitrines* das lojas de fazendas sejam de vidro amarello polido, para que os artigos não desbotem com a luz. E' sabido que o vidro amarello detém os raios da luz que mais desmaia as côres.

Constituiu-se em Amsterdam uma associação para a propagação do ensino dos trabalhos manuaes pelos rapazes. Vae publicar uma revista periodica relativa a este ramo de ensino, preparando a sua introducção nas escolas.

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1882 TOMO III

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O QUE SIGNIFICA A ARCHITECTURA OGIVAL?

Ainda ha pouco se julgava que a forma da ogiva tinha vindo do Oriente, como uma das conquistas adquiridas pelos cavalleiros das Cruzadas; porém recentes descobertas feitas nos monumentos mais antigos da Grecia, e mesmo do Egypto, vieram destruir tal opinião. Não foi essa forma caracteristica aquella que deu origem á architectura chamada gothica, pois que não depende unicamente de se combinar uma forma geometrica a creação de um systema d'architectura; porque, d'esta maneira, haveria tantas architecturas diversas quantas as figuras pertencentes a um compendio de geometria descriptiva.

É uma idéa mal fundada suppôr que a ogiva seja essencialmente originaria de um logar especial, e que não possa existir senão em uma latitude unica; mas, sim, deve-se acreditar que foi produzida espontaneamente em toda a parte aonde a mão do homem procurou traçar com um compasso arcos dentro de um angulo; e por esta razão não é para admirar que em qualquer região do globo habitado por um povo um pouco civilisado se encontre um exemplo da applicação d'esta figura, uma das mais simples da segunda secção da trigonometria.

O que constitue um systema d'architectura não é pois um fragmento, nem uma forma isolada, nem tão pouco um acaso; mas sem duvida é devido a uma serie de idéas e de regras concordantes, ou habilmente deduzidas. Querer acreditar que o typo gothico dependeu do capricho de um architecto Arabe ou Chinez, por se haver alguns seculos antes lembrado de delinear uma porta ou janella quebrando o arco da verga em segmentos desiguaes, isso seria o mesmo que julgar o germen da cupula do Pantheon ou de Santa Sophia como sendo uma imitação das chôças circulares feitas de terra, que serviram de abrigo aos Céltas!

Procurando-se definir a origem d'esta arte, vemos que não se limita sómente a applicar um *arco de ponto subido sobre uma parede;* mas tem por objecto combinar todas as propriedades d'esta forma a sua applicação á statica, á economia da construcção; dando-lhe a prespectiva e a decoração. Descobriu egualmente o segredo de dar aos edificios mais leveza e solidez ao mesmo tempo, mais extensão apparente sobre uma menor superficie real, aos membros architectonicos maiores desenvolvimentos e proporções até então desconhecidas, empregando-se materias de menor custo, por não necessitar que tivessem grandes dimensões differentes d'aquel-

les que eram essenciaes para servirem nas construcções antigas. Considerando-se a questão por esta forma, apresenta-se ao espirito cheia de interesse, e é digna de graves meditações. Sem duvida a origem de uma arte nova é o signal evidente de uma revolução effectuada na intelligencia humana; e portanto merece ser analysada com toda a reflexão.

A architectura foi a primogenita de todas as artes; é um axioma que ninguem nega. Quando teve o homem o pensamento de erguer os primeiros sanctuarios, elles foram construidos similhantes ás cabanas que havia formado para si, tendo unicamente por adorno as primicias das colheitas, ou da caça e dos rebanhos. Mais tarde, comprehendeu que a morada de Deus devia exigir mais alguma distincção do que exigia um simples abrigo ao caçador e ao pastor.

Esses templos rusticos no principio ornavam-se apenas de flores e grinaldas; depois mão de operario intelligente, ou de gosto mais delicado, poliu as superficies e quebrou-lhes as arestas. A forma cylindrica dos troncos das arvores, que sustentavam o tecto d'esses templos primitivos, veiu a ser mais tarde o rudimento da columna; e a architectura acabava de ser inventada, tendo-se achado o rhythmo para a divisão da ordem architectural. A esculptura decorativa não se demorou a auxilial-a, rustica ainda nas suas primeiras formas, como fôra sua irmã, porém aperfeiçoando-se simultaneamente: portanto tudo nos indica que a divindade deu a origem das primeiras obras d'arte. Já os deuses possuiam um sanctuario, em quanto os homens tinham apenas cabanas para sua habitação; é pois nos templos que se deve procurar, tanto o symbolo dominante da crença de um povo, como o typo de sua architectura.

O caracter particular de cada povo, as circumstancias que occorreram para se formar em corpo social, teriam necessariamente contribuido muito a causarem as differenças que se notam nas diversas theologias, que a historia do mundo nos tem transmittido até ao presente; porém a influencia do clima haverá talvez cooperado mais poderosamente ainda que nenhuma outra cousa. Porquanto é sabido que as idéas e as necessidades dos homens nascidos sobre as areias da Africa, ou nas planicies da America não podem ser as mesmas que as dos habitantes dos medonhos bosques da antiga Germania. Os deuses da India não se podem assimilhar ao Deus do Atlantico. A arte apresentará pois um duplo caracter, que revelará a dualidade de sua origem.

Admittindo mesmo a existencia e o poder do principio organico, independente das causas accidentaes das localidades, não ha duvida que os bosques teem successivamente desapparecido da maior parte do solo, assim como a athmosphera se tem purificado; estradas e canaes vieram substituir o movimento á inercia; as letras e as artes floreceram pelo seu turno, aonde a ignorancia fôra systematicamente invencivel. O Christianismo deveria ter tido os seus bosques sagrados, como tivera o druidismo, ao qual veiu substituir, e elle os imitou nas suas egrejas gothicas. Um culto cheio de mysterios, que tinha por limite o infinito, por dogma o peccado, a redempção e o julgamento final; um culto creador de uma poesia sem haver outra analoga, onde a ingenuidade toca o sublime, onde as allegorias são esperanças ou causam temor; fazendo elevar o pensamento além do enthusiasmo, ou confundindo-o surprehendido pela vertigem; este culto deveria necessariamente produzir uma das mais maravilhosas concepções intellectuaes do mundo, encerrando os typos da sua dupla origem. A architectura religiosa foi a unica e verdadeira poesia d'aquella epoca, foi a voz que annunciou ao mundo material a alliança mystica que se acabava de realisar.

Ella fez surgir o artista poeta que a comprehendeu perfeitamente, que, se podesse reproduzir essas idéas sublimes, evitando todavia de imitar a arte grega nas suas allegorias de convenção, as quaes unicamente pela sua belleza deixam algumas vezes de parecer glaciaes e mesquinhas; seria superior ás producções da arte antiga, se podesse, repito, crear uma hierologia nova, imitativa e harmonica, penetravel sobre tudo mais pelo pensamento do que pelos sentidos; mais attractiva pela alma do que pelo entendimento; que pela vastidão, apresentaria o mysterio, da união do mundo com Deus pela oração! Foram estes os elementos do problema da architectura religiosa: problema que não podia ser concebido e resolvido, senão por um genio poderoso, inspirado pela luz de uma fé viva. Foi o que aconteceu com a origem da architectura ogival; tendo o engenho do artista representado dignamente as inspirações da Fé, sem cujo auxilio teria produzido obras extravagantes o seu talento; porém, guiado por esse luminoso facho, a sua inspiração foi sublime.

Para se comprehender o valor d'este grandioso pensamento, é preciso analysar o aspecto da fachada de uma egreja gothica. Logo á primeira vista, mostra não se assemelhar em cousa alguma ao frontespicio de um templo antigo. Debalde se procurará descobrir a disposição do seu madeiramento, porque não sujeita a altura do edificio ás distribuições da parte interna d'elle. Essas combinações impostas ao operario antigo, que o talento do architecto grego se limitou a cobrir com ornatos, e a representar com elegancia, a architectura ogival despreza-as, pois não é a intelligencia, mas unica-

mente a alma que ella affecta. O seu fim é menos marcar a entrada do templo, que o formar a barreira de separação e do esquecimento entre a vida real, da qual nos separamos momentaneamente, e da existencia toda espiritual para que nos vamos preparar: apparece obscuro e impenetravel á vista e ao entendimento, como é denso o véo que nos occulta a vida futura!

Se decompomos este vasto e magestoso prefacio, notaremos no seu frontespicio como vão progressivamente diminuindo essa escuridão e o peso dos seus ornatos á medida que se afasta do solo, servindo-se para isso de galerias, espelhos encaixilhados, nichos, cordões em festões, rendilhados delicados, que cobrem e se multiplicam sempre até ao ponto onde o seu corpo massiço, dividindo-se por recortes, deixa sobresair essas torres, essas frechas, e esses pinaculos de todas as alturas e de differentes dimensões, parecendo empregar esforços para chegarem ao Ceo, e levarem até aos pés do throno do Ente-Supremo os perfumes do incenso e as supplicas dos fieis.

Essas gigantescas fachadas se confundem por este modo, pela base com a terra d'onde saem, e com as nuvens, pelas suas extremidades superiores, leves como a região nas quaes se elevam. Sublime allegoria da oração! Symbolica representação d'essa cadeia infrangivel que une a terra ao Céo, a creatura ao Creador!

Transpomos depois o portal impressionados pela agitação mysteriosa que nos domina. O maravilha! Que repentina mudança! Em lugar d'esse aspecto solemne e melancholico esculpido nas venerandas fachadas das egrejas gothicas; vê-se um admiravel espectaculo resplandecente de gloria que nos rodeia! Quanto são bellas, e magnificas essas abobadas ousadas, sustentadas por columnas aerias, das quaes mal se pode calcular o numero, nem a maneira como são executadas! pois são innumeraveis na formação dos pilares, e de tão esbelta e delicada configuração, que não se acredita serem feitas de marmore. Debalde a vista percorre atravez d'essas naves abertas em toda a altura para sondar a extensão. Esse templo não tem limites visiveis, porque o architecto soube encobril-os com um tecido transparente, em que as illusões da optica se distanceam sem fim. A contemplar esse caracter grandioso lavrado na obra architectonica da edade-media, acredita-se sem hesitar, que o seu auctor estava penetrado do sublime creado por Deus, a quem esta fabrica era erigida. Não se pode, examinando esse sem numero de fustes de todas as alturas, de diametros differentes, pittorescamente dispostos, deixar de contemplar essas arcadas esguias que sustentam as penetrações das abobodas, das quaes as ramificações encruzando-se de todos os modos lembram muito naturalmente os ramos das gigantescas florestas! É pois impossivel duvidar das duas origens onde o architecto foi buscar as suas inspirações, e o caracter mui especial da sua intelligencia superior que soube produzir no marmore tão surprehendentes construcções.

As proporções prescriptas pela architectura antiga e suas divisões restrictas, não lhe consentiam poder dar aos seus edificios esse caracter aerio, essa apparencia immensuravel que fórma o typo particular da architectura ogival.

Vejamos o effeito que se nota nos edificios religiosos de outro typo de architectura, tomemos por exemplo a grandiosa igreja de Mafra, em cuja obra se assentaram as regras de architectura antiga; á primeira vista parece ser uma egreja de grandeza vulgar; é preciso que a experiencia possa comparar as distancias, para fazer reconhecer as suas dimensões gigantescas.

Pelo contrario, ao primeiro aspecto da bella igreja gothica da Batalha, mesmo a do Carmo no seu estado de ruina, nos apresenta logo á vista como sendo infinitamente maior, posto que não seja realmente assim; pois a primeira tem de comprimento o duplo da segunda, e esta é uma terça parte mais pequena que a de Mafra. Mas esse agradavel erro, produzido pela illusão, provém da admiravel differença que tem a architectura ogival: pois que a architectura pagã, estando estabelecida sobre as proporções do *corpo humano,* não se presta de nenhum modo a tudo aquillo que as excede; ficando impossibilitada absolutamente de poder representar as ideias abstractas, e mui principalmente a immensidade.

Nunca poderão duas ou tres ordens de columnas sobrepostas, sejam jonicas ou corinthias, collocadas para sustentar um tecto, ou uma abobada circular, alcançar o aspecto grandioso d'essas admiraveis naves da egreja de Alcobaça, da qual a abobada ogival, descançando sobre os fustes delicados de um modulo arbitrario, se eleva atrevidamente de um unico lance desde o pavimento da nave até á abobada! Nunca a archivolta com o seu arco abobadado, e menos a severa architrava serão apropriadas ao effeito da perspectiva; em quanto o arco agudo interrompendo-se diagonalmente pela continuação de outros arcos similhantes se presta admiravelmente a produzir esse effeito de optica. Nunca os pilares das arcadas romanas, mesmo estando sobre todas as suas faces ornadas com pilastras, ou de columnas enriquecidas de estrias, pódem igualar a belleza d'esses pilares enfeixados subdivididos por columnas, os quaes alinhando-se todos pelo angulo dão essa maravilhosa grandeza ás naves. É pois pelo alongamento das fórmas, proveniente do uso da ogiva, assim como pela suppressão das grandes superficies parallelas e dos entablamentos em

cada andar sobreposto conforme se distinguem as ordens, que a architectura ogival obtem as illusões da sua agradavel perspectiva, a qual dá a suas mysteriosas egrejas uma apparencia ainda de maior amplitude, e causa em nós esse recolhimento profundo que nos commove e subjuga.

Foi tambem recortando todas as fórmas architecturaes de que ellas se compõem, com o fim de reter em todas as partes do edificio algumas parcellas de uma luz vacilante, sem lhe deixar formar escuridão em nenhum ponto, que o architecto conseguiu dar á sua obra uma leveza quasi aerea, que a faz parecer mysteriosa e emblematica, enchendo o espaço das naves d'uma atmosphera scintillante e phantastica; e tendo o poder de desorientar a comprehensão, mesmo d'aquelles que tiverem a vista mais exercitada para examinarem os prodigios executados pela architectura civil.

Por esta fórma surprehendente é que o architecto christão satisfez ao programma que se havia proposto resolver, havendo reunido admiravelmente na sua obra o mysterio e a immensidade.

Todavia, não obstante os admiraveis e maravilhosos effeitos que pôde produzir esta architectura, o estylo gothico não teria merecido o nome de arte especial se não tivesse sabido subordinar suas fórmas pittorescas ás exigencias athmosphericas e geologicas. Não era sufficiente aos architectos da edade média meditarem sobre as fórmas novas a produzir, era muito essencial que ellas fossem apropriadas materialmente ao clima, para se poderem construir esses edificios com os materiaes que o solo lhes offerecesse.

Além d'isso o diminuto esforço que exerce o arco ogival em comparação do arco de volta perfeita, tornava-o infinitamente preferivel para ser empregado n'esses vastos edificios, onde os pontos de apoio construidos com materiaes de pequeno volume, e por conseguinte de pouca travação, não ficavam consistentes pelas archivoltas.

Este desprendimento obrigou o emprego dos arcos salientes collocados diagonalmente aos arcos parallelos, e esta necessidade de assim se construir apresentou uma nova prova da imitação *silvestre*, que ao mesmo tempo facilitou substituir as pedras cortadas de grande apparelho por outras de todos os tamanhos e de menor custo; economia esta muito attendivel, e mesmo indispensavel para certas localidades.

Todas as condições que fazem uma architectura apropriada ao clima, foram observadas na nova construcção, pelo que se faz mui particularmente notar a architectura ogival.

Aquelles que deram o nome de architectura sarracena a este estylo, inverteram a sua origem pela apparencia aonde ella parecia dominar; tendo isto acontecido em uma época em que a arte antiga era a unica estudada; em quanto a historia da edade-média estava reputada ser um enfadonho romance; pois não haviam ainda pensado no estudo da archeologia e em rectificar pela classificação dos monumentos o seu valor artistico, por isso reputavam a sua imitação como se fosse o verdadeiro typo! Muito longe de suppôrem que os cavalleiros cruzados haviam trazido a architectura ogival dos Logares Santos, pelo contrario elles a tinham ali introduzido, como se fosse um tropheu plantado pela sua passagem n'aquelle paiz. E para desvanecer qualquer duvida a este respeito, bastaria considerar que a Alhambra, essa admiravel obra prima da arte oriental, pertence ao meado do XIII seculo.

Persuadido de ter demonstrado sob quaes fôram as influencias moraes com que se constituiu a architectura chamada gothica, póde-se julgar qual será a rasão por que nos *tempos modernos se não tem produzido* nenhum estylo novo em architectura; visto que só uma verdadeira Fé póde despertar e fecundar a imaginação para crear obras assombrosas e de subido merecimento.

Quando o sensualismo, ou o materialismo (termos estes synonymos) reduziu tudo á mesma bitola da pequenez do homem, substituindo o espiritualismo, ouzando arrojar-se na immensidade Divina, como aconteceu no XVI seculo, patenteou desde logo qual era sua esterilidade, pois, em lugar de fazer vêr o engenho que domina e se inspira, não mostrou nas suas obras mais do que o talento practico, como uma enfraquecida faculdade, só propria para saber copiar, obedecendo-lhe unicamente para imitar o que outros haviam inventado e executado.

Então ficou a phantasia, d'ora ávante, substituida á crença, e por este motivo se edificam templos para Jupiter, em lugar de egrejas para Christo!

A ogiva, essa fórma ouzada, tão perfeitamente christã ficou abandonada, conjunctamente com as antigas lendas.

Entre as diversas causas que favoreceram na edade média (posto que dilacerada por guerras, não podendo dispôr d'uma industria adiantada, e tendo pouco desenvolvida a sua prosperidade), haver-se edificado um tão extraordinario numero de egrejas monumentaes, e tão surprehendentes pela riqueza architectural da maior parte; nota-se a influencia poderosa que exerciam as antigas ordens religiosas: d'onde é tambem proveniente a similhança constante n'essas numerosas construcções ogivaes.

Portanto julgo ter demonstrado que a architectura ogival não só foi inventada para significar da maneira a mais sublime o culto christão, mas unicamente que a poesia d'essa religião fraternal, é que poderia inspirar aos architectos o delineamento d'esses grandiosos edificios gothicos. Essas con-

strucções fôram as unicas emprehendidas pela vontade e pelo trabalho d'uma sincera devoção; as vozes dos obreiros entoando os canticos divinos, indicavam egualmente a bella harmonia que dominava os animos d'esses trabalhadores religiosos, como se observa nas obras d'arte por elles executadas. Em tudo se confirma a sua origem, e determina a significação positiva para que o estylo ogival foi creado. Esta architectura é a unica que tem a faculdade de causar em nossa alma esse effeito admiravel da grandeza de Deus, infundindo em nós o sentimento da immensidade, que se experimenta dentro de tão soberbos edificios religiosos; portanto não se póde desconhecer que esta architectura é a mais propria para representar com veneração a religião christã e dar magestade ao culto do Ente Supremo; causando o enthusiasmo pela Fé, que exaltou a imaginação do artista para produzir essa poesia divina manifestada no marmore e nas portentosas construcções religiosas da edade-média.

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 9 pag. 144)

Temos relatado quaes foram os monumentos mais antigos do Industão, e o modo especial da sua construcção, assim como o caracter pertencente á sua arte monumental; parecendo serem os seus templos fundidos ou fabricados de um só jacto tanto pela configuração que deram á rocha como pela maneira de serem talhados, ficando os templos inteiriços.

Expozemos que a architectura d'este paiz estava explicada nos seus quatro livros sagrados, designando-lhe as regras, as formas, as proporções e dimensões que deviam seguir-se rigorosamente; notámos egualmente quanto era poderoso o culto que o indigena professava aos seus idolos, e a convicção que o dominava, prestando-se sem constrangimento a trabalhar n'essas escavações destinadas para a morada de suas divindades. Não só cumpria este trabalho como um preceito religioso, mas tinha ainda a fé de alcançar *a vida celeste*, empregando-se n'estas obras, conformando se todavia com as regras prescriptas nos seus codigos sagrados. Só por esta maneira a nossa razão poderá conceber como os indios tivessem tão excessiva paciencia e extraordinaria perseverança e a surprehendente temeridade de executarem esses assombrosos monumentos.

Para apresentar mais uma prova d'estes prodigiosos trabalhos, que ainda hoje os actuaes habitantes d'esta celebre região reputam terem sido os deuses sómente capazes de haver executado, descreverei as maravilhosas cavernas de *Adjunta*.

Pertence Adjunta a uma muito antiga cidade, situada a 25 kilometros NO. de Aurungabad na provincia d'este mesmo nome, no Industão. O paiz onde foi edificada é muito montanhoso, e por esta razão occupa uma posição muito forte: presentemente está quasi toda em ruinas. Entra-se n'esta cidade por um caminho em declive, atravez de montanhas, passando-se por uma unica porta, ultimos vestigios das fortificações d'essa praça de guerra, a mais importante do paiz de Decan.

A 6 kilometros SO. da cidade, encontram-se as curiosas grutas de Adjunta, em um valle estreito e profundo, tendo a configuração de uma ferradura; forma escolhida de proposito para estas escavações religiosas. As grutas foram abertas nos flancos quasi verticaes das montanhas, e ao centro da parte concava, ficando a entrada voltada para o Sul. Vê-se n'este lugar um grande numero de escavações consagradas ás differentes divindades do culto professado pelos habitantes da India.

Estes templos, posto que estejam abandonados desde muito tempo, ainda hoje são visitados por muitos peregrinos.

A sua construcção é da mais remota antiguidade; e não se pôde ainda fixar a epoca. Muitas d'estas singulares escavações constam de pequenos santuarios; algumas outras teem as dimensões de um grande templo; entre ellas existem algumas ornadas de esculpturas, que fazem ver qual era o grau de perfeição que a arte monumental tinha adquirido na India, n'essas epocas que se perdem na escuridão dos seculos.

Nota-se em todas, no seu interior, um elevado sóco de pedra tendo em cima uma especie de *ovo* gigantesco, representando o emblema da Divindade creadora; o qual foi configurado na propria pedra da rocha. Os lados que formam as paredes d'estes templos, conservam vestigios de pinturas, e em um grande numero de fragmentos estão ellas ainda intactas. Infelizmente o rebôco sobre que applicaram as côres tem-se despegado em muitas partes da rocha: porém o que ainda existe é bastante para se formar idéa de qual seria o grau da arte da pintura na India na epoca em que estas grutas se executavam. O seu estylo differe completamente das pinturas egypcias, e dá um caracter especial a estes monumentos. Sob o ponto de vista do merecimento artistico, estas grutas são muito mais interessantes que outras de que já nos occupamos, as de Ellora; posto que estas ultimas tenham mais fama: é verdade que occupam muito maiores espaços, mas tambem o trabalho artistico é muito mais imperfeito e rustico.

O que em Ellora mais surprehende é ser um templo inteiriço, tendo sido preciso escavar dentro a rocha de granito no volume de 12:000 metros cubicos; além de ficar o templo de Kelaça *sepa-*

rado inteiramente da rocha por uma passagem de 6 metros de largura; mostrando ter sido este trabalho um prodigio de paciencia. Emquanto ás grutas de Adjunta, posto que sejam mais simples nos seus ornatos e de menores dimensões, é todavia o seu trabalho mais esmerado, os ornamentos de melhor gosto, teem as figuras desenho mais correcto e são modeladas com mais perfeição. A solidão e o silencio que quasi sempre ali reina, contribuem muito para augmentar ainda mais o interesse d'estes templos e admirar o seu curioso aspecto; fazem meditar quaes seriam os acontecimentos e os mysterios que teriam presenciado estes monumentos de uma outra edade!

*
* *

Tambem ha na ilha de Ceylão grutas abertas nos rochedos bastantemente curiosas; e Pagodes d'uma construcção singular, muito analogos a outros que existem no antigo Mexico; dos quaes me occuparei na continuação d'estes estudos.

A principal d'estas escavações tem para mais de 99 metros acima da planicie, e é composta de quatro grutas contiguas; todas ellas encerram estatuas pintadas com cores as mais vivas, representando Bouddha: n'este numero ha um idolo que está deitado, e occupa uma almofada de 15^{m},84 de comprido. Contam-se dentro d'estas 4 grutas 112 estatuas de perfeita execução, além de outras esculpturas que cobrem os muros, sendo todas allegoricas ao mesmo culto. Suppõe-se ter sido executada esta obra um seculo antes da vinda de Christo.

Os monumentos mais consideraveis da India, compostos de materiaes sobrepostos, são em primeiro lugar as fortalezas: estas praças de guerra, serviam ao mesmo tempo de habitação dos reis, de templo para os deuses e de lugar de defeza; como usavam tambem os Medas, os Persas e os Egypcios.

O palacio de Madoureh tem uma milha de circuito, a qual comprehende bosques, lagos, jardins, galerias, salas e muitas casas; assim como o seu competente e magnifico pagode, o qual representa uma pyramide com quatro andares, sendo a base construida de cantaria, e a parte superior foi acabada com tijolos vidrados.

Emquanto ao seu estylo, apresenta uma mistura de diversas formas e proporções, que não se pode designar a qual d'elles pertence. Ha pilares muito curiosos junto dos quaes tem encostadas figuras de monstros as mais extravagantes, que se podem imaginar.

O Fehoultry, ou hospicio, é de um aspecto magestoso, e lembra inteiramente as grutas cortadas nos penedos. O Pagode de Paujaour foi tambem edificado dentro de uma fortaleza, tendo de altura 66 metros, e é exteriormente composto de 12 andares com janellas fingidas.

O Pagode que hoje existe mais completo, é o de Syriagam na ilha de Madras: consta de 7 recintos separados com muros de tijolo; cada um d'elles contem piscinas para purificações; hospedarias para os peregrinos; pequenos templos para devoções particulares, e é rodeado de bosques, sendo as arvores de tamarindos.

O primeiro recinto proximo da parte externa tem em cada um dos seus lados uma grandissima porta de forma pyramidal, a qual se pode comparar aos *pylonos* Egypcios. O recinto principal é reservado para o idolo do Pagode, e por isso lhe chamam o *paraizo*.

O templo mais superior tem 3 portas; uma nave; um santuario, e no meio d'este um cubiculo para o idolo, o qual se representa sempre deitado. Ha á roda do santuario cinco renques de columnas de pedra, lavradas com esmero; assim como uma bandeira de extraordinaria grandeza, que se agita no cimo d'estes edificios. Muitas vezes as paredes, tanto internas como externas dos Pagodes, são revestidas de pinturas.

Mas de todos estes edificios que representa a arte monumental d'este genero, o typo mais completo da architectura religiosa das Indias é o Pagode Chalembron, situado no reino de Pangour, sobre a costa de Coromandel. O templo apresenta um recinto quadrilatero, tendo cada uma das faces exactamente voltada para os quatro pontos cardeaes; esta maravilha é feita de tijolo, revestida de duas ordens de lagedo; e quatro portas bastante largas lhe facilitam a communicação. D'este recinto passa-se para um segundo, á roda do qual circula uma galeria com dois andares divididos em cellas, a qual é sustentada por columnas ricamente adornadas. Este segundo recinto é de forma irregular, feito assim de proposito para indicar que não ha perfeição nas obras dos homens.

Cada uma das quatro grandes portas tem em cima uma pyramide de 48^{m},40 d'alto, dividida em cinco andares, separados por uma virola de cobre: todas as faces d'esta construcção acham-se cobertas de baixos relevos e ornamentos.

Um terceiro recinto está circumdado de porticos, semelhantes aos claustros dos conventos; no qual ha tres capellas, n'uma guarda-se a pedra adorada — tendo o nome de — *Essuara* — a divindade dos animaes domesticos; a segunda é a maior de todas, tem a estatua da divindade — Nichinon deitada sobre uma serpente com sete cabeças, a segunda pessoa da Trindade Indiana, e representa a conservação: toma de tempos a tempos uma forma visivel para beneficio do mundo; tendo-se já incarnado nove vezes, faltando ainda uma outra

vez, que será então na forma de cavallo o *extermi-nador Kalki*, o qual com um unico couce reduzirá o globo terrestre em pó. As quatro primeiras en-carnações tiveram logar na primeira edade do mundo; as seguintes na segunda e terceira edade, a ultima acabará o periodo actual ou a edade *negra*. Nas quatro primeiras appareceram successivamente com forma de peixe, tartaruga, javali, leão, depois to-mou a forma humana ; primeiramente foi do *Brahma anão*, Vamana ; em seguida o Brahma *guerreiro*, armado com um machado, e finalmente no formoso principe Rama, cujas aventuras são o assumpto do poema epico de Ramayana ; livro que ultimamente foi trazido para França em 1865 ; e o acreditado Mr. Michelet deu uma curiosa analyse no seu li-vro intitulado a *Biblia da Humanidade* que produ-ziu grande sensação. A ultima transformação repre-sentou Bouddha o Santo, a sabedoria por excellen-cia. Quando é representado como o primeiro Ente que saiu do mar primodial, d'esta divindade brota do embigo um *lotus*, que traz unido a si as duas outras pessoas da Trindade do Industão, Brahma e Siva. Tem quatro braços e quatro mãos, com uma d'ellas pega em uma cachamorra ; com a outra em um disco ; com a terceira em um busio, com a quarta n'um lotus, tendo a cabeça ornada de uma magnifica corôa de tres ordens, como uma especie de tiára. Ha fanaticos que o adoram na India a ponto de se fazerem esmagar debaixo das rodas do pesadissimo carro que conduz a sua estatua em dias de procis-são ! Tal é a cegueira do espirito humano, quando a instrucção não mostra o facho que illumina a ra-zão, e faz adquirir ao homem o primeiro logar entre os seres mais intelligentes do mundo.

A terceira capella não tem cousa alguma no in-terior, e é chamada — a pequena sala. — Cinco pi-lares de sandalo occupam a entrada, e significam os cinco elementos ; os outros dezoito pilares da mesma madeira, collocados diante da grade da prin-cipal capella, representam o numero dos livros sa-grados especiaes do culto das Indias. Á entrada d'esta mesma capella estão duas estatuas de porphy-ro, na attitude de defenderem esta passagem. Todo o edificio é coberto com folhas de cobre, e tem no remate nove esferas douradas, que indicam as nove aberturas do corpo humano : a tal ponto chegava nos Indios a mania de symbolisar tudo !

A pouca distancia do muro, que separa as tres capellas, ha uma grandissima piscina, para as pu-rificações ; e uma galeria superior gira em roda d'ella : ao Oeste d'este tanque vê-se o Oratorio Sa-cro, rodeado de porticos : e no fundo ha um estrado para servir de pedestal ao boi Nandi.

Ao Nascente e ao Meio dia d'este Oratorio, no-tam-se duas salas, servindo a maior, chamada sala das cem columnas, para abrigo dos devotos. A ca-pella denominada do prazer, era destinada para a deusa em dias festivos, a qual tem á sua entrada quatro renques de columnas de 9^m,90 de alto, sem base nem capitel, ornadas com uma delicadeza ad-miravel ; e que servem de porticos á grandiosa sala de 118^m,80 por 79^m,20, estando dividida esta sala por mil columnas monolithas de granito de 9^m,90 cada uma : o entre-columnio do centro é mais largo, e conduz a um pequeno templo, dividido por uma parede. N'esta segunda divisão está collocado um altar, que antigamente era todo coberto de cha-pas de ouro, e servia para se depositarem as offer-tas que deviam ser consumidas pelo fogo sagrado.

O Pagode de Chalembron com os seus porticos, pyramides, capellas, salas, numerosas columnas, e grande numero de esculpturas, pode rivalisar com os mais prodigiosos monumentos da antiguidade.

Os pagodes, que, significam a casa do idolo, são no maior numero construidos de tijolos ou pedra, muitas vezes revestidos de marmore, de jaspe, de por-celana, e até com chapas de ouro : os mais simples são de madeira pintados ; e estes tem sómente um pavilhão servindo de santuario, e dois alpendres um opposto ao outro para o povo fazer as suas de-voções. Estes templos os mais importantes tinham varios andares recolhidos uns dentro dos outros, cada um d'elles com janellas, e por cima das ver-gas remates imitando meias cupulas ; e muitas ve-zes as suas paredes estavam cobertas de esculptu-ras. A parte superior acabava por um zimborio de curvas excentricas ; ficando sempre a configuração e proporções d'estes templos determinadas por in-variaveis regras.

É para admirar quanto era fertil a imaginação dos artistas d'este povo, pela variedade das com-posições dos seus diversos monumentos, pela riqueza dos seus ornatos, e difficuldade de sua execução. Quanta differença notamos entre esta arte monu-mental e a que pertence ao Egypto : posto que a forma pyramidal seja seguida nos monumentos d'estes dois povos, não se pode colligir d'isto que possa haver analogia entre a sua architectura ; por-que essa forma era muito natural que fosse ado-ptada em todas essas construcções para dar a pre-cisa estabilidade aos edificios de excessiva altura : e esta mesma applicação de forma, vemos em outros povos da terra seguida nos seus monumentos ; pois não o foi unicamente pelos Egypcios, e pelos Indios, mas tambem pelos Persas, pelos Chinezes, pelos Me-xicanos, e pelos Etruscos, como teremos occasião de comparar. Portanto a configuração pyramidal d'es-tes diversos monumentos de povos tão differentes não pode unicamente estabelecer a relação imme-diata entre a arte monumental d'essas differentes raças, como muitos auctores pretendem, fundando a sua opinião pela simples comparação da egual

forma n'essas distinctas architecturas, sem terem procurado a razão mais judiciosa, a de se obter a maxima solidez em monumentos de tão extraordinaria elevação.

(Continuar-se-ha.) J. P. N. da Silva.

CASA DOS VINTE E QUATRO

D. João I fundou esta instituição mechanica no Senado de Lisboa, composta de dois operarios de cada officio, não só para o bom governo da cidade, como para serem os *Juizes Examinadores* dos differentes officios mechanicos.

Entre as disposições geraes do regimento dos ditos officios as mais principaes eram as seguintes:

* * *

«O que se quizer examinar de alvenaria deve saber conhecer a terra, e o logar onde começar a obra, segundo o que o terramento for, e o logar em que houver de fundar, e saberá abrir os alicerces convenientes á obra, que ha de fazer; deve saber lavrar huma fiada de cabeças bem estrocida, e igualada, rebada, e farta de cal, e sendo no verão auguada; assim como fizer cada fiada, deve saber dar seus terços á cal mais forte, ou menos forte; ha de saber fazer muito bem huma chaminé, e dar-lhe a sua conta, com a sua regoa, e prumo, segundo a sua largura, e altura; ha de saber fazer hum portal de tijolo, huma janella, hum armario, e huma cantareira, e fechar tudo como a cada obra pertence, e metter cimalhas em caiamentos, fechar abobadas, assentar pedrarias de toda a sorte, e tudo mais que então se usar; saberá bem telhar, fazer huma beira e sobrebeira, e sua ponta, como deve saber qualquer bom official. E sendo caso, que o que se quizer examinar de alvenaria, souber lavrar hum peitoril de pedra, humas sedas, humas couceiras, huns botões e hum cunhal, por serem peças que pertencem á alvenaria, poderão ser examinados das ditas peças com a dita alvenaria.»

* * *

«Todo o official que se quizer examinar do officio de pedreiro de pedraria, fará huma escada com o seu mainel traçado, e contrafeita assentada, e fará hum portal em sua conta com seu sobrearco capialçado, e traçará e contrafará huma columna dorica com sua base e capitel, e toda a obra acima dita, e será contrafeita em barro; e os examinadores o verão obrar de mãos para lhe contar da sua sufficiencia, e o mais que no tempo se usar.»

* * *

«Quando alguem se quizer examinar do officio de carpinteiro de casas, os juizes examinadores d'este officio com o escrivão geral da Bandeira; onde não sendo o pertendente conhecido por *official do officio*, ou *pelo ter aprendido*, será este *obrigado a apresentar certidão do mestre com quem aprendeu* o mesmo officio, em termos que se lhe haja de dar credito.»

«Depois que os Examinadores do mesmo Officio, perante o seu Escrivão geral, perguntarem ao examinando pelas cousas principaes do seu Officio, como por exemplo as regras de hum madeiramento, para se haver de cobrir hum edificio, as formas de frechaes, e de barrotes, que se devem observar; armando-lhe por idéa uma casa esconça, para a idéa de hum madeiramento, como tambem pelo mais que possa accrescer.

«Assim mais lhe terão papel prompto em branco com regua, e compasso, e penna de lapis, para no mesmo papel mostrar o Examinando as figuras, que lhe houverem de pedir; e caso que não saiba o dito Examinando responder ás perguntas, que se lhe fizerem, será escusada maior diligencia; e os ditos Juizes Examinadores assignarão ao dito Examinando tres mezes, para nelles aprender, e se exercitar no que houver de responder, e delinear.

«Porém se ainda assim os não satisfazer, findo o dito termo, por nenhum modo o approvarão em quanto não constar de seu adiantamento: porém aquelle que satisfizer com promptidão ao que se lhe perguntar, e ao que se lhe mandar delinear, será logo approvado, e se lhe dará sua certidão de approvação para usar como Mestre de seu Officio.

Por estas disposições regulamentares se conhece a utilidade que resultaria para o publico de ter Mestres a quem confiar as obras dos seus predios, não estando sujeito, como presentemente acontece, a entregal-as nas mãos de leigos. A maior parte das casas são edificadas sem a precisa solidez, e sem esmero: sacrificam os proprietarios os seus cabedaes e expõem-se a soffrer algum desastre.

Convenho que a Casa dos vinte e quatro não estava hoje á altura dos progressos alcançados no correr dos tempos, mas não era isso uma razão para a abolir, antes para a reformar convenientemente.

Que aptidão podem adquirir os actuaes operarios sendo ensinados por mestres ignorantes das regras principaes dos seus respectivos officios? Demais, por parte dos aprendizes, existe o abuso de não completarem o tempo necessario de pratica com os mestres, (embora pouco habeis) pois que, passado um anno, ou mesmo ainda menos, abandonam a officina e arvoram-se em officiaes sem a capacidade requerida para exercerem o seu officio! Tomem-se, portanto, indispensaveis providencias para se evitar o prejuiso que poderá soffrer o publico, servindo-se d'esses operarios que não podem garantir a boa execução das obras, pois não apresentam qualquer titulo que abone o que sabem fazer.

Não se pretenda desculpar este grave abuso, pugnando pela liberdade individual de qualquer se applicar ao officio que mais lhe agradar; ha grande differença entre essa liberdade que a Lei concede ao cidadão e aquella que pode causar graves prejuizos do publico. È pois do dever do Governo evitar que isso aconteça deixando a cada um todavia exercer a livre escolha do officio; mas com a rigorosa obrigação, imposta ao operario, de adquirir primeiro as habilitações necessarias para que tal exercicio se faça, dando-lhe bom nome, sem comprometter a segurança e as posses das pessoas que lhe confiarem as suas obras.

Damos em seguida o curioso mappa dos officios que estavam embandeirados nos annos de 1620, 1803, 1824 e 1834, nos quaes se nota a alternativa que nos differentes officios se manifestava, ou pela decadencia d'elles, ou pela mudança de usos: mas principalmente pela incuria de se observarem as disposições providentes para darem a precisa garantia ao publico servindo-se d'elles.

Parece que o uso de se barbear era maior no anno de 1824, porquanto em 1620 havia sómente metade do numero de officiaes embandeirados, talvez por se usar as barbas compridas.

O numero dos espadeiros em 1620 era maior do que em 1824, ficando reduzidos á vigesima parte, devido a não se usar de espadim.

Os ferreiros ficaram reduzidos á quarta parte nos annos acima citados.

Os sapateiros em 1803 eram mais uma quinta parte do que em 1620. Andaria grande parte do povo descalça?

Em 1620 havia 2:500 pedreiros, e em 1824 estavam reduzidos á quadragesima parte.

Os carpinteiros eram 1:000 em 1620, e em 1834 estavam já reduzidos a um undecimo d'esse numero.

Havia, em 1620, 54 confeiteiros, e em 1834 tinham augmentado o triplo.

Em 1620 a quantidade dos algibebes era superior quatro vezes mais do que no anno de 1834. Haveria menos reparo no córte do fato?

Os alfaiates tinham mais um terço em 1834, do que em 1620.

Em 1620 a quantidade de ourives do ouro era menos tres partes do que em 1834, porque os adresses femininos ostentavam-se com joias.

Os lapidarios eram cinco vezes mais em 1620, do que no anno de 1834.

Em 1803 os carpinteiros de carruagens eram nove vezes mais d'aquelles que estavam embandeirados em 1834.

E' para se notar que figurando os carapuceiros em 1620, já em 1824 se não fazia menção d'elles.

J. da Silva.

Architecto.

Mappa demonstrativo dos officios mechanicos embandeirados e não embandeirados, com o numero de mestres e officiaes de ca um dos differentes officios no anno de 1620, e egualmente dos mestres examinados nos annos de 1803, 1824 e 1834, d'on se deduz o estado progressivo, estacionario e declinatorio, ou a extincção dos mesmos officios

	Officios	1620	1803	1824	1834	Observações
EMBANDEIRADOS	**S. JORGE**					
	Barbeiro de barbear	152	358	370	223	Já em 1539 era cabeça d'esta bandeira.
	Barbeiro de guarnecer espadas	143	8	7	9	
	Fundidor de cobre	4	32	42	30	
	Ferreiro	129	43	34	50	
	Serralheiro	44	84	110	106	Existia nos primeiros tempos da monarchia. A arte de ferrar foi inventada por Hercules Thebano, romano.
	Ferrador	38	48	52	31	
	Dourador	25	30	6	–	
	Batefolha	22	16	9	3	
	Espingardeiro	9	8	13	10	D. Affonso III e seu successor, assignaram as cartas de 33 mestres; ficando separado do officio de serralheiros em 1603.
	Cutileiro	15	17	14	11	
	S. MIGUEL					
	Livreiro	33	55	61	44	Na bibliotheca publica de Lisboa existem as optimas encadernações da edição Bodoni. Compromisso em 1466.
	Conteiro	40	10	10	–	
	Cirigueiro d'agulha	84	39	31	10	Em 1602 já Cabedo refere a resolução tomada a respeito da disputa entre este officio e o de sombreireiro; prova da existencia dos dois.
	Cirigueiro de chapeus	–	18	18	21	
	Pentieiro	–	26	42	50	Foi incorporado n'esta bandeira em 1768.
	Luveiro	9	22	12	6	
	Albardeiro	17	42	43	45	Em 1620 comprehendia a denominação de latoeiro de fundição, o de folha branca e amarella. O 1.º regimento data da era de 1612. A reforma do seu regimento fez-se em 1636.
	Latoeiro de fundição	24	39	48	36	
	S. CRISPIM					
	Sapateiro	864	1:062	998	998	
	Odreiro	9	6	4	4	O seu regimento tem a data de 1551.
	Curtidor	80	7	6	–	Com os provimentos da junta do commercio passaram a ser fabricas de cortumes.
	N. S.ª DA CONCEIÇÃO					
	Surrador	56	28	60	30	
	Corrieiro	71	106	97	48	
	Selleiro	16	35	21	11	
	Freieiro	4	9	8	8	
	N. S.ª DAS MERCES					
	Pasteleiro	40	36	21	12	
	Torneiro	40	72	86	87	
	Latoeiro de folha branca (funileiro)	–	56	82	67	
	Latoeiro de folha amarella	–	33	42	25	
	SANTA JUSTA E RUFINA					
	Oleiro	13	11	12	15	Existia no tempo d'el-rei D. Affonso Henriques. Regimento antiquissimo, incluindo quatro ramos: o de oleiro de branco, de amarello, de vermelho e da maia.
	Sombreireiro	89	30	66	30	
	Chocolateiro	–	58	44	34	
	S. JOSÉ					
	Pedreiro	2:500	130	109	58	O regimento d'estes dois officios é de 1501.
	Carpinteiro de casas	1:000	176	182	108	
	Canteiro	–	–	–	–	Foi incluido no de pedreiro.
	Violeiro	18	17	7	4	
	Ladrilhador	12	9	5	2	
	S. GONÇALO					
	Tozador	34	6	–	–	Caducou em 1818.
	Vidraceiro	–	–	30	34	Entrou na bandeira em logar d'este officio extincto no dito anno.
	Tintureiro	26	8	3	4	
	Esteireiro	28	18	13	14	O 1.º regimento era antiquissimo, o 2.º foi approvado em 24 de janeiro de 1640.
	Tecelão	12	39	12	15	
	N. S.ª DA OLIVEIRA					
	Confeiteiro	54	113	145	257	Teve principio em 1563, data do seu compromisso.
	Carpinteiro de carruagens	–	67	8	7	Fr. Nicolau d'Oliveira não os menciona no seu livro — *Grandezas de Lisboa*, impresso em 1620.
	Carpinteiro de jogos de carruagens	–	–	53	20	
	Picheleiro	14	26	14	13	
	N. S.ª DAS CANDEIAS					
	Alfaiate	250	357	210	356	Antiquissimo e confirmado o seu regimento em 1572.
	Bainheiro	6	14	10	3	
	Carapuceiro	12	2	–	–	Caducou em 1808.
	Algibebe	119	32	43	28	Era corporação antes de 1533. Teve novo regimento em 1575.
	N. S.ª DA ENCARNAÇÃO					
	Carpinteiro de moveis e semblazes	50	234	237	114	Officio muito antigo com o titulo de — Carpinteiros da Rua das Arcas
	Entalhador	9	53	20	9	
	Coronheiro	6	2	–	1	
NÃO EMBANDEIRADOS	Tanoeiro	54	64	54	28	Existia em corporação em 1400. O juiz do povo e escrivão eram d'este officio, e concorreram muito para a acclamação d'el-rei D. João IV, que por isso lhe concedeu muitos privilegios.
	Cerieiro	47	47	56	30	
	Ourives da prata	62	167	104	85	A baixella offerecida a lord Wellington mereceu em Londres o louvor d'obra primorosa.
	Lavrante	–	–	–	–	Incluido no numero dos ourives da prata.
	Ourives do ouro	70	155	243	186	Começaram em corporação logo que appareceu no reino o primeiro ouro, depois do descobrimento da India.
	Lapidario	70	68	34	13	Em 1790 havia já 137 mestres.
	Cordoeiro de esparto	–	18	10	6	Por provisão regia, estabeleceu-se uma fabrica de cordoaria de esparto piassaba, couro e cairo.
	Esparteiro	40	23	30	22	
	Cordoeiro de linho	9	44	37	25	Fr. Nicolau d'Oliveira o denomina — Cordoeiro de calabres.

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Estampa 44.

Vista das Naves da antiga Egreja do Carmo em Lisboa, na qual está estabelecido o Museu de Archeologia d'esta Associação.

9.º Qual é o combustivel usado?

RELAÇÕES ECONOMICAS

1. Condições de venda da olaria portugueza. Preços originaes e preços de commercio. Exportação, importação. Direitos da pauta aduaneira.

---

1. Qual a sorte do oleiro portuguez na velhice? Ha soccorros? Ha sociedades cooperativas?

Ha pensões, ha premios nas fabricas? Ha regulamento normal nas horas de trabalho?

Ha garantias no trabalho das mulheres e menores?

---

1. Fundação de um museu de louça portugueza.
2. Fundação de uma galeria de modelos (estampas) de estylo.
3. Fundação de um pequeno laboratorio.
4. Fundação d'uma aula de desenho e modelação.

Como suppõem os membros da classe que se possam crear estes elementos (1-4), gradualmente, e com a maior economia?

Na sala da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes começou, em 12 de dezembro corrente, o sr. Consiglieri Pedroso, distincto professor do curso superior de lettras, a segunda serie das suas conferencias sobre historia universal, cujo programma foi assim redigido:

1.ª O mundo antigo e o mundo moderno—Roma e a edade media; 2.ª As invasões (os barbaros); 3.ª Carlos Magno, ou a unidade no mundo barbaro; 4.ª O feudalismo ou organisação da edade media; 5.ª A egreja—Gregorio VII—O papado; 6.ª Os arabes—O Kalifado de Cordova; 7.ª As Cruzadas; 8.ª As communas; 9.ª A realeza—Começo da era moderna; 10.ª A reforma; 11.ª A renascença; 12.ª Os descobrimentos; 13.ª A revolução ingleza; 14.ª A revolução nos espiritos do seculo XVIII; 15.ª A revolução franceza; 16.ª Tendencias do seculo XIX.

A entrada é publica e a abertura ás 8 horas da noite.

Concurso de archeologia

Foi aberto em Barcelona o concurso para a adjudicação do premio de 20:000 pesetas ao auctor da melhor memoria original sobre *archeologia hespanhola*, podendo os concorrentes escrevel-a em castelhano, francez, portuguez, latim, catalão ou italiano. As memorias serão abertas no dia 23 de outubro de 1886, e o premio será adjudicado no dia 23 de abril de 1887, festa de S. Jorge, padroeiro da Catalunha. O premio é cumprimento do legado instituido por D. Francisco Martorell y Pêna. O auctor da obra a que seja adjudicado o dito premio deve publical-a dentro do praso de dois annos, e se não o fizer, a municipalidade de Barcelona a cargo da qual ficou este concurso, fará essa publicação, perdendo o auctor o direito de propriedade que no caso contrario lhe é assegurado.

Chegou a Berlim um transporte de madeira proveniente da ponte de Castella Mayence, construida 53 annos antes da era christã. Parte d'essa madeira é destinada ao museu de Berlim. Aquelles pedaços de carvalho têem uma antiguidade superior a 1935 annos.

A cidade de Bogota, capital dos Estados Unidos de Colombia, na America do Sul, inaugurou em 31 de maio ultimo, um observatorio astronomico, ao qual chamaram «Observatorio Flammarion» em honra do celebre astronomo francez.

O sabio allemão Schliemanse descobriu nas ruinas de Troya o celebre templo de Pháris, de que falla Homero no livro VI da *Illiada*.

O numero de periodicos que actualmente se publicam em todos os paizes, é de 34:000, fazendo uma tiragem de um billião e cem milhões de exemplares diariamente.

Um capitalista hespanhol está construindo na setima avenida de New-York oito grandes edificios de 10 andares, que se chamarão: Madrid, Lisboa, Cordova, Barcelona, Granada, Salamanca, Valencia e Coimbra.

O periodico mais antigo do mundo, o *King-Pau*, de Pekin, mudou de formato em 4 de junho ultimo, em virtude de um decreto do imperador Quang Soo.

O primeiro numero d'esta veneravel publicação data do anno 911 da nossa era; então apparecia ao publico de uma maneira intermittente; mas desde o anno de 1351 publicou-se o *King-Pau* regularmente uma vez por semana.

Em 1804 soffreu este periodico outra transformação, tornando-se diario, e custava dois *tehs* ou dez reis; actualmente publica pelo mesmo preço tres edições diarias. A da manhã, impressa em papel amarello, é destinada ao commercio e tiram-se d'ella 8000 exemplares; a do meio dia contem a parte official e as noticias diversas; e a da noite, imprensa em papel encarnado, contém os artigos de fundo e o extracto das outras duas edições.

Este jornal é redigido por dois academicos da academia das sciencias, pagos pelo estado.

A tiragem das tres edições não excede a 14:000 exemplares, o que não é muito para um periodico de Pekin e que conta dez seculos de existencia.

A Italia vae erigir um monumento a Raphael.

O monumento consistirá n'uma estatua levantada sobre um grande pedestal, em volta do qual o artista poderá collocar figuras secundarias e baixos relevos.

As estatuas serão de marmore de Carrara; os baixos relevos de bronze.

Será na praça principal de Urbino, patria de Raphael, que se fará a inauguração do monumento.

Abriu-se já o concurso, mas é natural que os artistas italianos sejam os unicos admittidos a concorrer.

INDICE DO TERCEIRO TOMO

DA

SEGUNDA SERIE DO JORNAL

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

Annos	N.º do Boletim	N.º das paginas	Designação das materias	Secção	Por quem foram redigidos os artigos	Designação das est	
1881	N.º 5	65	Saneamento dos esgotos das grandes construcções	Construcção	Francisco José de Almeida.		
	»	69	Archeologia pre-historica (continuação)	Archeologia	J. P. N. da Silva.		
	»	75	Explicação da estampa d'este Boletim	»	J. da Silva.	Esculptura em alabastro	Photo
	»	75	Anthropologia (continuação)	»	J. de Andrade Corvo.		
	»	76	Monsieur Victor Martin Lefuel	Necrologia	J. Possidonio N. da Silva.		
	»	77	Chronica da Associação		Redacção.		
	»	79	Noticiario		Idem.		
	N.º 6	81	Um viajante francez no seculo XVII	Historia	Conselheiro José Silvestre Ribeiro.		
	»	83	Relatorio da classificação dos monumentos	Architectura	Commissão eleita.		
	»	87	Architectura religiosa em Portugal	»	J. P. N. da Silva.	Parallelo de egrejas em Portugal	Estam
	»	89	Mestre Affonso Domingues (Drama)	»	A. E. de Freitas Cavalleiro.		
	»	92	O livro do sr. Joaquim Possidonio da Silva, Noções elementares de archeologia, avaliado lá fóra	Archeologia	Conselheiro José Silvestre Ribeiro.		
	»	92	Chronica da Associação		Redacção.		
	»	93	Noticiario		Idem.		
	»	96	Agradecimento ao sr. C. Sipière		Conselheiro José Silvestre Ribeiro.		
	N.º 7	97	O Monumento de Mafra	Architectura	Joaquim Conceição Gomes.		
	»	100	Monumentos Nacionaes (continuação)	»	Commissão eleita.		
	»	103	Archeologia pre-historica	Archeologia	J. P. N. da Silva.		
	»	108	Agricultura pre-historica	»	Francisco José de Almeida.	Planta e prospecto da egreja de Sant'Anna do Campo em Evora	Uma g
	»	111	Explicação da estampa		J. da Silva.		
	»	112	Chronica da Associação		Redacção.		
	»	112	Noticiario		Idem.		
	N.º 8	113	A ourivesaria portugueza nos seculos XV e XVI		Joaquim de Vasconcellos.		
	»	118	Sessão solemne; Relatorio; e Elogio historico dos architectos do convento do Carmo em Lisboa		Presidente da Associação, e A. Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa.		
	»	123	Museu de Archeologia do Carmo	»	Mr. Jules De Laurière.	Tres dolmens	Uma e
	»	124	Dolmens descobertos em Portugal	»	J. da Silva.		
	»	125	Chronica da Associação		Redacção.		
	»	126	Necrologia de Francisco José de Almeida		J. P. N. da Silva.		
1882	N.º 9	129	A ourivesaria portugueza (continuação)		Joaquim de Vasconcellos.		
	»	135	Monumentos nacionaes (conclusão)	Architectura	Commissão eleita.		
	»	140	Architectura dos povos da antiguidade (continuação)	»	J. P. N. da Silva.	Vista	U
	»	144	Janella conventual do monumento de Belem	»	Idem.	da janella.	photo
	N.º 10	145	Mosaico romano	»	Cesario Augusto Pinto.	Mosaico romano	U est
	»	146	A ourivesaria hespanhola (continuação)		Joaquim de Vasconcellos.		
	»	150	Société Académique Indo-Chinoise	Archeologia	Monsieur le Marquis de Croizier.		
	»	152	Descobrimento da cidade romana Nabancia em Portugal	»	J. P. N. da Silva.		
	»	154	Anthropologia (conclusão)	»	João de Andrade Corvo.		
	»	158	Pedido ao governo na camara dos dignos pares		Conselheiro José Silvestre Ribeiro.		
	»	159	Chronica		Redacção.		
	»	159	Noticiario		Idem.		
	N.º 11	161	A ourivesaria portugueza (continuação)		Joaquim de Vasconcellos.		
	»	166	A Basilica de Mafra	Architectura	Joaquim Conceição Gomes.		
	»	170	Inscripções que se encontram em Setubal	Archeologia			
	»	169	Sarcophago de D. Affonso Sanches	»	J. P. N. da Silva.	Sarcophago do principe	U photo
	»	171	O sr. J. P. N. da Silva		Eduardo Dias.		
	»	173	Carta dirigida ao presidente da Associação dos architectos e archeologos portuguezes		Louis De Richemond.		
	»	174	Noticiario		Redacção.		
	N.º 12	177	O que significa a architectura ogival?	Architectura	J. P. N. da Silva.		
	»	181	Architectura dos povos da antiguidade	»	Idem.		
	»	184	Casa dos vinte e quatro	»	Idem.		
	»	187	Explicação da estampa	Archeologia		Vista das ruinas do convento do Carmo	U photo
	»	188	Chronica da Associação		Redacção.		
	»	189	Noticiario		Idem.		
	»	191	Indice		Idem.		

1882, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.